# BREVE APOSTOLICO

PELO QUAL

# SUA SANTIDADE LEÃO XIII

CONCEDE A

## BENÇÃO APOSTOLICA

A

## LÉO TAXIL

SUAS OBRAS, COLLABORADORES E LEITORES

Perillustris Domine,

Observantiæ et venerationis officium quod Leoni xiii, Pontifici Maximo, anno quinquagesimo exeunte sacerdotalis consecrationis Ejus, tum litteris ad Eum datis, tum numere oblato exhibuisti, Sanctitas Sua paterna benignitate excepit. Potissimum autem ei placuit optimæ tuæ voluntatis testificatio tuis consignata litteris, et nobile propositum, tua nempe consilia studia vires ad Sanctæ Sedis et Catholicæ Ecclesiæ defensionem et honorem constanter fideliterque conferendi.

Cum Tibi divina benignitas dederit, ut Ecclesiæ hostium castris relictis, tuam dignitatem libertatemque recuperaveris, stimulos Tibi addit Pater Sanctissimus, ut ea magnitudine et firmitate animi quam in tuis litteris prodis, divino beneficio respondeas alacriter, qua ex re eos præclaros fructus referes, ut salutari multorum exemplo veræ tui nominis gloriæ solidæque tuæ felicitati prospicias.

Interea Tibi Sanctitas Sua ob munus oblatum grati animi officium meo ministerio persolvit, uberam propitiamque vim divini præsidii paterno animo implorat, cujus auspicem esse cupit Apostolicam Benedictionem, quam Tibi Tuisque et ceteris pro quibus flagitasti, peramanter in Domino impertit.

Dum hæc Tibi nomine Pontificis Maximi significare gaudeo, libenter oblata occasione utor, ut meam sinceram existimationem Tibi profitear, qua sum ex animo

Tui, Perillustris Domine,

Devotus Famulus

† *Carolus Nocella,*

Sanctissimi Domini ab epistolis ad Viros Principes.

Romæ die v Aprilis
Anno MDCCCLXXXVIII.

Illustrissimo Senhor ;

Sua Sanctidade, o Soberano Pontifice Leão xiii, recebeu com paternal benevolencia a homenagem de respeito e veneração, que lhe haveis prestado, em vossa carta e presente, por occasião do quinquagesimo anniversario de Sua consagração sacerdotal. O que, porém, mais viva e gratamente o impressionou, foi a prova, dada em vossa carta, das excellentes resoluções e nobre determinação, que tomastes, de consagrar para o futuro, com abnegação e constancia, vossas faculdades, trabalhos e forças á defeza e em honra da Sancta Sé e da Egreja Catholica.

Quiz a bondade divina que, abandonando o campo dos inimigos da Egreja, recuperasseis a dignidade e a liberdade; por isso o Sanctissimo Padre vos cobre de louvores e incitamentos, em ordem a que, pela magnanimidade e firmeza, que vossa carta testemunha, possais com ardor corresponder á graça de Deus, colhendo os mais preciosos fructos para, com deixar um salutar exemplo a notavel numero, assegurardes a vosso nome a verdadeira gloria e a vós mesmo a felicidade eterna.

Entretanto vos envia Sua Sanctidade, por meu intermedio, a expressão do Seu reconhecimento pelo presente, que Lhe offerecestes; com um affecto verdadeiramente paternal pede Elle para vós em suas orações abundantes e fecundas graças, acompanhadas do poderoso auxilio de Deus; e deseja que o auspicio de tal divina protecção seja a Benção Apostolica, que Elle affectuosissimamente concede no Senhor a vós, aos vossos, e a todos para os quaes Lh'a haveis implorado [a].

Praz-me muitissimo notificar-vos isto em nome do Soberano Pontifice, e gostosamente aproveito esta occasião para vos testimunhar a sincera estima, que me mereceis e com a qual sou, Illustrissimo Senhor,

vosso dedicado servo

† *Carlos Nocella.*
Secretario Pontificio dos Breves dos Principes.

Roma 5 d'abril de 1888.

(*a*) Taxil a pedia «para sua obra de reparação, seus escriptos, collaboradores e leitores, e, finalmente, para si proprio».

---

Esta obra acha-se ainda enriquecida com notaveis approvações de muitos prelados, como os de Paris, Rennes, Montpellier, Coutances, Séez, Gran, Turim, Soissons, Colocza, Auch, Napoles, Rodez, Bayeux, Chambéry, Vannes, Marseille e Aix.

# OS MYSTERIOS

DA

# FRANC-MAÇONARIA

REVELADOS

POR

## LÉO TAXIL

VERSÃO

DO

PADRE FRANCISCO CORRÊA DE PORTOCARREIRO

DEDICADA PELO AUCTOR A SUA MAGESTADE

A

Rainha D. Maria Amelia

---

COM AUCTORISAÇÃO

DO EM.mo SNR.

CARDEAL D. AMERICO

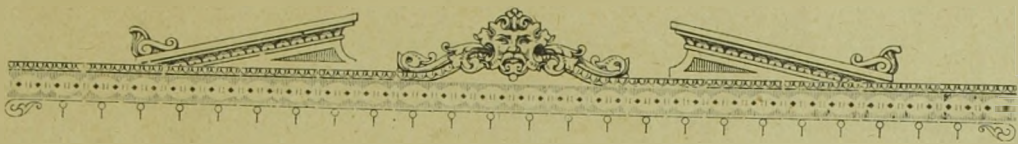
BISPO DO PORTO

---

DESENHOS DE MÉJANEL — GRAVURAS DE PANNEMAKER



PORTO
ANTONIO DOURADO — EDITOR
*Rua dos Martyres da Liberdade, 113*

1892

A SUA MAGESTADE

# A SENHORA D. MARIA AMELIA

## RAINHA DE PORTUGAL

*Grande jubilo foi no coração de todos os Francezes affectos á Monarchia, quando, ha cinco annos, a christã e gentil Filha do Serenissimo Conde de Paris desposou o digno herdeiro da Casa Real Portugueza. A descendente de S. Luiz tornava-se o laço d'união entre duas nobres nações catholicas.*

*Hoje, Maria Amelia cinge um diadema, e na sua nova patria, os subditos fieis votaram-lhe plena affeição. Quanto á França, essa orgulha-se da sua princeza, elevada ao solio real.*

*Mas, ao passo que, em um e outro paiz, os homens amantes da ordem mantêm o esplendor da religião, ha uma seita internacional, que conspira contra a sociedade moderna e medita as mais infames subversões.*

*Esta seita impia e anarchista é a Franc-Maçonaria.*

*Na França, tem ella em vista dominar o suffragio universal, illudindo-o e corrompendo-o. Em Portugal trabalha sob a mascara da hypocrisia, escondendo os seus sinistros projectos nos exaggerados encomios d'um falso liberalismo, planeando e machinando a ruina do throno e do altar.*

*Um Francez, que por longo tempo fora ludibrio do erro e que a graça divina esclareceu, denuncia a perfida seita aos catholicos Portuguezes e brada ao seu Soberano: Ahi tendes a vossa inimiga, Senhor!*

*Dignae-vos, graciosa Rainha, de apresentar este livro a vosso Real Esposo. E' um livro de verdade. Na França, os adversarios da*

*Egreja não ousaram desmentil-o : não poderam objectar ao auctor mais do que as suas iras rancorosas. E o que é verdade com relação á França, é-o com relação a Portugal ; a seita tem um só fim no seio das varias nações, que mina na sombra ; a seita não tem patria ; a seita quizera estabelecer no mundo a Revolução Universal.*

*Um exemplo recente vem perfeitamente de molde, para abrir os olhos aos mais cegos : o Senhor D. Pedro, imperador do Brazil, tio de S. M. el-rei D. Carlos, desthronado, em seguida a um magnifico reinado de cincoenta e oito annos, por uma conspiração maçonica tenebrosamente urdida.*

*Para conhecer a verdade sobre a catastrophe politica do Brazil, não ha mais, que percorrer as publicações da seita. Todos os homens, que lá eram chefes das Lojas e das Ante-Lojas em 1888 e 1889, são hoje os possuidores intrusos do poder.*

*No fim do mez de março de 1889, sem que de tal sentissem necessidade os não iniciados nos manejos revolucionarios da Maçonaria Brazileira, o orgão official d'esta, intitulado «Boletim do Grande Oriente do Brazil», que não apparecera desde 1884, voltou subitamente á publicidade. Tractava-se de levar officialmente ao conhecimento dos maçães e dos revolucionarios quaes eram os chefes secretamente designados para tomarem o commando dos conspiradores.*

*No numero de maio de 1889, a paginas 43, lê-se : « O Irmão coronel João Francisco da Costa Ferreira, iniciado no supremo grau maçonico (o 33.°) prestou ultimamente o seu juramento, como membro effectivo do Supremo Conselho do Brazil na data do 1.° de maio de 1889. Que juramento era esse ? O jornal da seita não o imprime. Mas foi este mesmo Irmão, este mesmo coronel Costa Ferreira, actualmente general de divisão, que, por occasião do movimento revolucionario, se dirigiu a Petropolis, para aprisionar a familia imperial, da qual foi carcereiro-mór, até ser embarcada no «Alagoas.»*

*No fasciculo do fim d'outubro de 1889, publicava o «Boletim do Grande Oriente do Brazil», na testada das suas columnas, a seguinte declaração :*

*«A força das Lojas não reside tanto no numero, como na qualidade do seu pessoal. Ocioso é encher os quadros das Lojas com grande quantidade de nomes, se esses nomes não correspondem a elementos proprios para a consecução do fim, que procura a Instituição Maçonica.*

*Em associações, como a nossa, destinadas a viver em continua lucta pelo triumpho d'uma idea, todos os membros associados devem ser homens d'acção, convencidos da bondade da sua causa, e animados da coragem e perseverança necessarias para fazer frente em todo tempo e logar ao inimigo, que nos vigia de perto, para se aproveitar da menor das nossas hesitações.*

*«Não temos a fazer, não queremos homens tibios, atados, sem energia, sem audacia para avançarem a linha de combate, para intre-*

*pidamente fazerem fluctuar ao vento a nossa bandeira, quando soar a hora das grandes resoluções.*

*«A mais prudente severidade se impõe portanto ás Lojas na escolha d'aquelles, que, d'entre os seus membros, devem ser chamados a encher as vagas produzidas pela expurgação dos nossos registos... Acabem as contemporisações! O momento aproxima-se. Desempenhem as commissões secretas conscienciosamente os seus deveres, e tenham a coragem de se não inspirarem senão na justiça e nos interesses da Instituição Maçonica!*

*Tres semanas depois, estalava a revolução, e o «Boletim do Grande Oriente do Brazil» publicava, no seu numero de novembro de 1889, estas significativas linhas:*

«AO GOVERNO PROVISORIO DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRAZIL

SAUDE E FRATERNIDADE

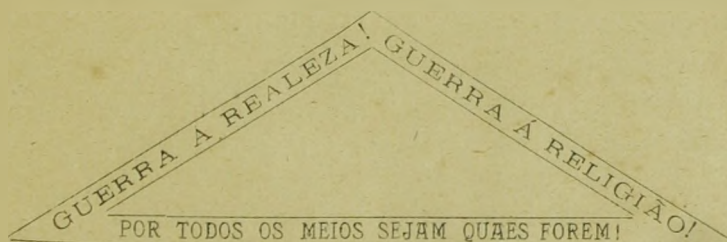
*«O Grande Oriente do Brazil, em seu nome, e como representante da Ordem Maçonica, envia as suas respeitosas saudações ao Governo provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, ao qual declara, que adhere e obedece, dando assim uma segura garantia de ordem publica e de reorganisação do paiz.*

*Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1889.»*

*A confissão, como se vê, é pois clara e expressa. A revolução brasileira foi parto da Maçonaria. E se o imperador D. Pedro tivesse reprimido a tempo a conspiração das Lojas, ainda hoje estaria no throno.*

*E não deverá a experiencia de uns aproveitar aos outros? O que se passou no Brasil não é porventura o quadro do que se trama em Portugal?*

*Ah! proclamamol-o bem alto: é a mão da Maçonaria, que nós vemos nas sedições, que perturbaram o Reino; foram os mações que engendraram a infernal campanha de calumnias contra as communidades religiosas.*

*Porque a divisa da seita é esta:*

*Tal é a explicação, que do mysterioso triangulo dão os chefes occultos, isto é, os membros dos graus superiores da Maçonaria.*

*Na nossa querida França, a sociedade secreta dos mações é omnipotente, Vossa Magestade não o ignora. Depois de expulsarem os nossos Principes do solo nacional, os sectarios repelliram Jesus Christo das escholas, pretendendo suffocar a idea de Deus nas novas gerações. A guerra á Monarchia é inseparavel da guerra á Religião.*

*Ora Deus confia aos Reis a responsabilidade pela fé dos povos.*

*O amor dos vossos vassallos fez-vos triumphar até ao presente das conspirações maçonicas : não deixeis pois crear em volta do vosso throno novos perigos, não deixeis os focos d'impiedade satanica nutrir nas sombras o maldito fogo, que se dispõe para devorar o altar.*

*Sob a vossa alta protecção, graciosa Rainha, venho eu pois collocar este livro. Oxalá que elle esclareça os homens ordeiros, que constituem a honra e gloria da leal nação portugueza.*

*E peço a Vossa Magestade, que se digne de acceitar, com a homenagem do profundo respeito do auctor catholico e francez, os votos que elle faz pela prosperidade do vosso reinado e pela vossa victoria contra o inimigo domestico, mil vezes mais perigoso, que todos os inimigos de fóra.*

Paris, 6 de novembro de 1891.

Léo Taxil.

OS

# MYSTERIOS DA FRANC-MAÇONARIA

REVELADOS

## PROLOGO

### A MAÇONARIA CIOSA DE SEUS SEGREDOS

NÃO ha hoje, no nosso paiz, pessoa alguma, que não tenha ouvido fallar dos franc-mações.

Ninguem ignora, que existe uma especie d'associação internacional, denominada Franc-Maçonaria, com ramificações secretas por quasi todas as regiões do mundo, que apenas deixa conhecer ao publico um numero muito reduzido de seus membros, e celebra reuniões mysteriosas, em logares quasi sempre occultos, das quaes affasta cuidadosamente todas as pessoas 'nella não filiadas.

Muitas vezes, quem não está a par dos signaes particulares, pelos quaes mutuamente se reconhecem os seus adeptos, fica embaraçado perante certos indicios exquisitos, taes como trez pontos em triangulo postos em seguida a um nome, já 'numa assignatura, já na taboleta d'uma loja. Quem ha, que não sentisse despertar-lhe a curiosidade, ao ver dois homens, na rua, ou 'num logar publico, esboçar rapidamente um gesto incomprehensivel, ou ouvil-os, no meio d'uma conversa, servir-se inopinadamente d'uma palavra extranha, d'uma expressão manifestamente desviada da sua significação usual?

Esses personagens, que, em certas circumstancias, bruscamente se bandeam, isolando-se dos seus similhantes, que têm signaes secretos, para se reunirem, e uma linguagem especial enigmatica, que, 'numa palavra, empregam pela maior parte todos os esforços, para dissimularem a sua qualidade de membros d'uma associação particular, são os mações.

Graças ás suas precauções, aliaz muito habeis, a grande maioria do publico não sabe precisamente a que se atenha sobre o fim, que procuram na sombra esses individuos de porte mysterioso.

Os partidarios d'esta sociedade secreta prodigalisam-lhe mil louvores; a dar-lhes credito, não seria ella mais do que uma associação philantropica, que soccorre occultamente os pobres, pondo de parte a politica e suas intrigas, e não se occupando de religião, senão para, de tempos a tempos, invocar d'um modo generico a divindade, sob o titulo de Grande Architecto do Universo.»

Os adversarios da Maçonaria affirmam, pelo contrario, que esta sociedade é uma seita das mais perigosas, que não se importa muito, nem pouco, dos pobres, que até odeia os operarios, aos quaes engana e explora, que é mestra na arte de urdir intrigas politicas de seu exclusivo interesse, e que, na maior parte de suas reuniões secretas, se entrega a praticas vergonhosas, sob pretexto de celebrar o culto da Natureza.

Eis, em summa, o que se diz d'uma e outra parte. Mas quem terá razão? os defensores, ou os adversarios da Maçonaria?

A meu ver, só ha um meio de resolver o problema: e parece-me, que o meu alvitre será apoiado por todos os amigos da logica e da razão, por todas as pessoas de bom senso.

Esse meio é bem simples. Eil-o: derramar torrentes de luz sobre tudo o que se passa entre os mações.

Se a Maçonaria não fosse como o macaco da fabula, se accendesse a sua lanterna, o bom do publico depressa formaria a sua opinião, toda a gente saberia exactamente o que devia pensar.

Mas, vejam, essa sociedade, que uns declaram excellente, que outros tacham de abominavel, persiste, com uma obstinação inaudita, em cercar-se de mysterio, em permanecer 'numa profunda obscuridade.

A Maçonaria tem jornaes secretos. Isto parece impossivel; todavia nada mais verdadeiro. Os chefes da sociedade mandam imprimir jornaes especiaes — como a *Chaîne d'Union,* em Paris, a *Bauhutte,* em Leipzig, o *Freemason,* em Londres, o *Zirkel,* em Vienna, o *Gran Oriente de España,* em Madrid, a *Rivista della Ma-*

*soneria italiana*, em Roma, o *Dominion Odd-Fellow*, no Canadá, a *Voice of Masonry*, em Chicago, a *Acacia*, em Buenos-Ayres, o *Boletin Masonico*, no Mexico, o *Masonic World*, de Boston e New-York, etc. [a] — e estes jornaes, em vez de procurarem, como os outros, propagar-se, destinam-se a uma limitada clientela. Tentae assignar uma d'essas folhas; se não provardes, que sois maçães, o director do orgão recusará terminantemente o vosso dinheiro.

A Maçonaria tem livros para si, nos quaes se expõe as suas praticas e douctrinas; mas esses livros egualmente não se vendem senão nas lojas de certos livreiros. [1]

Para obter os mais ordinarios, é tambem indispensavel que o pretendente certifique o vendedor de que é membro da associação; quanto a certos volumes, que são exactamente os mais interessantes, é impossivel obtel-os, mesmo a peso d'oiro, sem apresentar uma auctorisação assignada pelos chefes da confraria.

Francamente, dirá o leitor, isso é levar bem longe o amor do incognito.

Ora, visto que eu fui mação, visto que aproveitei a minha passagem pela sociedade secreta, não só para ver e comprehender, mas sobretudo para haver todos os documentos authenticos, mesmo aquelles, que se conservam mais occultos, julguei e julgo ainda fazer uma obra util, divulgando de fio a pavio os mysterios da Maçonaria.

Não ignoro, que os meus antigos collegas, quando lhes divulgam a mais insignificante das suas sessões, logo clamam — traição!

Traição! eis um termo bem campanudo.

E' porventura atraiçoar expor lealmente os factos, e reproduzir peças d'uma rigorosa authenticidade?

Se a obra da Maçonaria é boa, tornal-a conhecida é prestar um serviço á associação. Se é má, é prestal-o á humanidade.

Em qualquer dos casos, não pode 'nisso haver traição.

A consciencia não me censura pois, nem jamais me censurara por similhante divulgação. Por sua vez, depois de ter lido esta obra, o publico ha de approvar-me.

Diz-se, que os mações são tam ciosos de seus segredos, que, cedo ou tarde, assassinam os que os revelam. Isto é afinar um pouco de mais a susceptibilidade.

---

(1) A mais importante d'essas livrarias, na França, é em Paris, rua Jean-Jacques Rousseau, 37. Quem quizer pode verificar, e assim reconhecerá a plena exactidão do que affirmo.

(a) Em Portugal publica a Maçonaria o *Boletim do Grande Oriente Lusitano Unido*, que sae periodicamente em Lisboa.

E' certo que os propugnadores da associação calam esses assassinios. Quando se descobre um homicidio d'esta especie, os jornaes amigos da Maçonaria não deixam escapar uma palavra. Mas então cobrir com o silencio esses crimes, é reconhecer, que não ha meio de os apresentar ao vulgo, como actos de justiça — admittido que um crime possa alguma vez ser justo.

Eu desafio a quem quer que seja, para que me cite um só jornal, favoravel á sociedade, de que me occupo, que publicasse uma linha relativa ao assassinio d'William Morgan, perpetrado a 13 de setembro de 1826 nos Estados-Unidos, ou ao de dois membros d'uma loja de Marselha, que d'ella se despediram, commettido em Rodez, a 31 de maio de 1834, para não citar senão estes dois factos

E entretanto homicidios são estes, que ninguem pode contestar. Pode por-se-lhes em cima a lapide do silencio, mas negal-os é impossivel.

William Morgan era um jornalista de New-York. Pertencia á loja *Ramo d'Oliveira,* estabelecida em Batavia, condado de Genesee. Um dia, retirando-se da associação, publicou, mesmo em New-York, debaixo do titulo

FREEMASONRY EXPOSED AND EXPLAINED

um livro, em que patenteava os segredos da mysteriosa instituição e reproduzia todos os rituaes maçonicos, como eu faço presentemente.

Não havia 'nisso grande mal, dirá o leitor.

Talvez; mas a Maçonaria não o entendia assim.

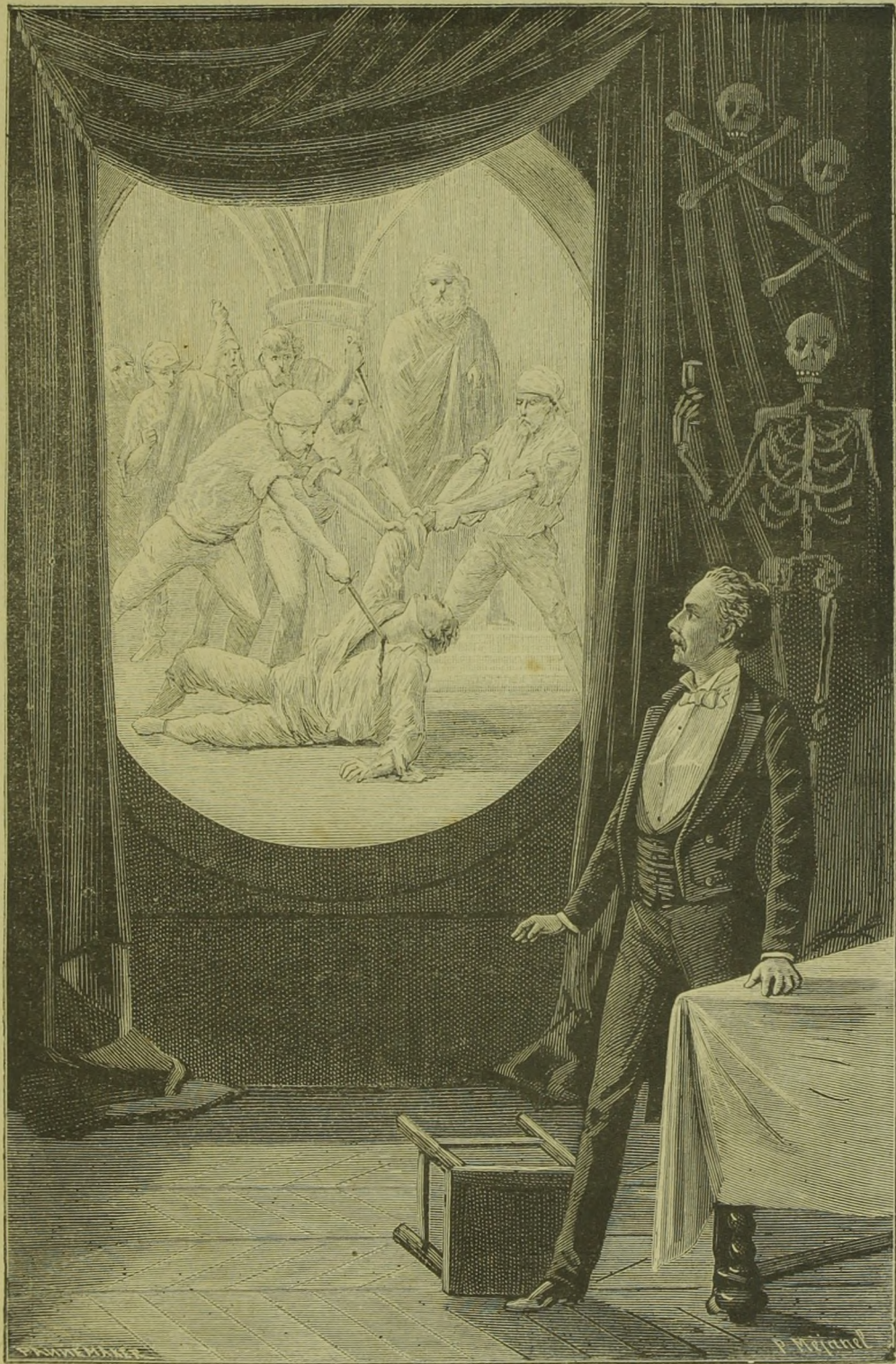
Reuniram-se os chefes da Maçonaria americana e decretaram a morte de William Morgan.

Somente tinham de haver-se com um homem, que sabia guardar-se; tractava-se de o colher destramente e de o fazer desapparecer sem escandalo. Eis como se deu o golpe.

O proprietario d'uma hospedaria, chamado Kinsley, accusa inesperadamente a Morgan de lhe ter furtado roupa branca e joias: Morgan é preso em Canandaigua. A accusação era estupida, absurda; nenhuma prova se pôde adduzir contra o jornalista, pelo que em breve foi posto em liberdade.

Mas elle, durante a sua reclusão, tinha dicto:

— Os meus antigos collegas empenham-se em me fazer encarcerar, e, quando eu estiver na prisão, não me sendo permittido escolher os alimentos, passar-me-hão subtilmente algum bocado envenenado.

Entretanto o livro do ex-mação fazia grande ruido nos

Iniciação d'um aprendiz. — Camara das reflexões

Estados-Unidos. Muitas pessoas o felicitaram pelo seu procedimento. O arrojado publicista teve admiradores e até enthusiastas. Adquiriu assim numerosas relações, especialmente com um certo Loton Lawson, que se tornou seu amigo. Era um homem de boas maneiras, que parecia gosar d'alguma fortuna, e se mostrava, na conversa, muito adverso á Maçonaria.

Comtudo Morgan mantinha-se em reserva para com os novos conhecidos, esperando occasião de provar os seus verdadeiros amigos.

Um bello dia, apresentou um individuo aos magistrados do condado de Genesee diversos titulos de credito (falsos, sem duvida, comprados, se acaso eram verdadeiros) e requereu a encarceração de Morgan, como seu devedor. 'Nessa epocha existia ainda a prisão por dividas.

Morgan foi portanto prezo de novo.

— Vamos! dizia elle aos amigos, que conseguiam licença para o visitar; decididamente é no carcere que as lojas liquidarão contas commigo!»

Como não era rico, o pobre rapaz desesperava-se. Desconfiava de todos os alimentos, que lhe apresentavam. Estava convencido de que lhe importava sair d'alli o mais depressa possivel, sem declinar a discussão, uma vez livre, da legalidade da medida tomada contra elle. Mas quem seria assaz dedicado, para lhe servir de fiador?

Loton Lawson offereceu-se, e Morgan acceitou, com a alegria, que bem se deixa ver. Lawson era o seu salvador!

No dia immediato ao d'este generoso offerecimento, voltava Loton Lawson, com um carro e alguns companheiros, á casa de detenção, pagava a somma, pela qual Morgan estava preso, e este, lançando-se ao pescoço do excellente homem, consentia em que elle o levasse para uma das suas casas de campo, para ficar d'alli em deante ao abrigo de seus perseguidores.

O carro partiu em direcção a Rochester, e depois ninguem mais viu William Morgan, nem Loton Lawson.

Este rapto produziu profunda sensação em toda a extensão dos Estados-Unidos. Muitas pessoas se convenceram de que a celebre associação o julgava demasiado á vontade; pois foi a ella que a voz publica attribuiu o desapparecimento de Morgan. Chegou mesmo a constituir-se certa Liga Anti-Maçonica para coadjuvar os magistrados nas suas pesquizas. Essa Liga alguma razão tinha em querer involver-se nas investigações. Com effeito, mais tarde, se demonstrou, que os funccionarios do logar não desinvolviam grande zelo na instrucção da causa. Elles tinham aliaz um excellente fundamento, para pensar que Morgan fora justa-

mente punido pela sua indiscrição: Clinton, governador do estado de New-York, e todos os magistrados do condado de Genesee eram mações.

Bom ou mau grado, portanto as auctoridades não poderam abster-se de declarar, que estava aberto um inquerito.

Apresentou-se uma testimunha, Eduardo Giddins, guarda dos armazens do Forte-Niagara, a qual tinha visto, na noite de 13 de setembro de 1826, um grupo d'individuos, que conduziam um homem estreitamente ligado com cordas e a bocca amordaçada por um lenço fortemente atado. Os signaes d'este homem correspondiam perfeitamente aos de Morgan; os que conduziam o infeliz, accusavam-no de traição, insultavam-no e maltratavam-no. Giddins ouviu-os fallar d'um julgamento, que devia ser solemnemente executado. Por fim os desconhecidos encerraram a sua preza 'numa casa isolada, perto do lago Ontario, a curta distancia do Forte-Niagara.

O depoimento de Giddins foi corroborado pelo d'uma negra; esta mulher tendo ido buscar agua muito perto da casa isolada, ouvira gritos inarticulados, soltados por uma voz humana, que saía precisamente da casa, onde Giddins tinha visto encerrar Morgan.

Nem um, nem outro haviam tido a coragem de prevenir as auctoridades. Giddins confessou, que pensara tratar-se d'uma quadrilha de salteadores, que castigavam um dos seus, e que achara perigoso intervir.

Estes testimunhos eram bem cathegoricos. Não obstante os magistrados não fizeram d'elles o menor caso. E todavia o assumpto merecia bem as suas attenções; porquanto em seguida se provou, que as testimunhas tinham dicto exactamente a verdade, e que o desditoso Morgan havia sido torturado durante dois dias e trez noites.

Um mação da loja de Rochester, por nome Henrique Brown, que, 'num momento d'embriaguez, deixara escapar algumas palavras compromettedoras, foi considerado pelo publico como um dos principaes assassinos; todavia os juizes nem sequer o fizeram comparecer na sua presença a titulo de informação.

Então os habitantes do paiz indignaram-se. Clamaram contra as auctoridades, arguindo-as de recusarem justiça.

O crime era indiscutivel; porque motivo se encerravam ellas 'numa escandalosa abstenção? Em todos os pontos dos Estados-Unidos se organisaram comicios; foi um movimento geral. Por toda a parte se dizia, que os mações deviam ser excluidos de todas as funcções civis e politicas: mães houve, que juraram publicamente, que jamais consentiriam em verem suas filhas desposar

franc-mações, e filhas, que por seu turno juraram, que jámais acceitariam franc-mações por maridos. E a indignação popular fremia sempre, estendendo-se de provincia em provincia.

Dois annos depois do homicidio de William Morgan, a 4 de julho de 1828, reuniu-se em Leroy uma solemne assemblea d'anti-mações, na qual cento e trez irmãos, (1) cedendo a um impulso muito digno de apreço, se separaram da instituição maçonica, declarando, ao estrondear dos applausos d'uma multidão immensa, que o desventurado Morgan, nas revelações, que lhe haviam grangeado a morte, nada tinha denunciado, que não fosse escrupulosamente verdadeiro.

Claro está, que nenhum d'estes incidentes era de molde para agradar aos mações. Uma sociedade, que espalha por toda a parte, que, se se occulta, é para melhor exercer a beneficencia, bem depressa perde toda a consideração, demonstrado que é zelosa da sua modestia a ponto de assassinar os que d'ella fallam. Forçoso foi pois aos chefes da associação tentar algumas diligencias, para parecerem extranhos ao desapparecimento de William Morgan.

Como haviam de desculpar-se? como se safariam d'esta situação incommoda?

Não bastava dizer, que tinham sido calumniados. Era mister pelo menos exhibir qualquer prova d'innocencia.

Com o intuito de readquirir a estima publica, as lojas mandaram primeiro publicar, nos jornaes dirigidos pelos da sua facção, uma noticia, referindo que Morgan era um estroina, propenso á embriaguez, e conjecturando que, se elle tinha ido para o lado do lago Ontario, sem duvida se tinha affogado alli, tomado da crapula, em alguma extravagancia. Mas os amigos de Morgan protestavam. O jornalista desapparecido era pelo contrario um homem muito sobrio.

Os mações apresentaram então um cadaver achado no lago Ontario, e as condições da descoberta podiam deixar crer na verdade do que asseveravam.

Somente foram um tanto desastrados. O cadaver foi reconhecido; a sua identidade estabelecida. Não era de todo em todo Willian Morgan, mas um certo Monroë.

Como tinham os mações de New-York arranjado este cadaver? E' o que tambem nunca se soube.

O incidente não era adequado para acalmar os animos. A Liga Anti-Maçonica funccionou por muitos annos; as lojas, perante a explosão da indignação publica, viram-se obrigadas a suspender

---

(1) E' o nome por que se tractam os filiados na sociedade.

as suas reuniões, em toda a superficie dos Estados-Unidos, no Canada, e nas outras colonias inglezas da America.

Tudo porem tem seu termo: pouco a pouco a colera popular amainou. Para concluir, em 1832, os jornaes affectos á Maçonaria insinuaram, que Morgan não estava morto, que todo o barulho feito em volta do seu nome não passava d'um ardil interesseiro dos inimigos da sociedade, e que alguns viajantes o tinham encontrado em Smyrna, onde vivia bem tranquillamente, alistado entre os discipulos de Mahomet. Como Smyrna, situada na Asia, na extremidade do Mediterraneo, fica a muitos milhares de leguas de New-York, que se ergue nas praias do Atlantico, a verificação da narração maçonica era difficil de fazer. De resto, a opinião publica estava cansada. De sorte que tudo parou 'nisto. E jamais a sepultura de William Morgan se teria descoberto, se, em agosto de 1875, um orgão independente, o *New-York-Herald,* o mais importante jornal dos Estados-Unidos, famoso pelas suas expedições d'interesse publico (procura de Levingstone, viagem ao polo Norte, etc.) se não tivesse lembrado de resuscitar a questão.

O *New-York-Herald* reuniu pois todos os documentos do antigo inquerito, todos os depoimentos feitos na instrucção tam mal dirigida, e provocou novas investigações, que foram emfim coroadas de feliz exito. Em julho de 1881, descobriu-se em Pembrocke, na provincia d'Ontario, Alto-Canada, a sepultura do infeliz Morgan. O crime foi officialmente reconhecido. Tinham sido os membros da loja de Rochester, que haviam assassinado o indiscreto jornalista. Na cova, onde fora enterrado Morgan, encontraram-se alguns bocados de papel, com o nome do mação Henrique Brown, o mesmo, que, em 1826, era considerado pela opinião publica como um dos assassinos.

Como se vê, a voz do povo não tinha accusado sem razão.

Hoje, 'numa das praças publicas de Batavia, no estado de New-York, eleva-se a estatua de William Morgan, inaugurada solemnemente em 1882. Não é mister dizer, que todos os jornaes europeus, que applaudem a Maçonaria, tiveram bem cuidado de não soltar uma palavra sobre essa inauguração.

É por isso que eu reparo este esquecimento. E ajunto que repto os meus «queridos irmãos» da imprensa maçonica, para que provem, que se não passou tudo exactamente, como tive a honra de referir. Se me desviei, o minimo que fosse, da verdade, bem facil é confundir-me: hoje em dia, graças á electricidade, já não ha distancias; em alguns segundos, um telegramma sollicitado do *New-York Herald,* folha americana tam conhecida, como aqui o *Petit Journal,* poderá dizer, se eu contei ao publico uma historieta de velhas, ou um facto veridico.

Vejamos agora a segunda aventura, a que acima alludi, para demonstrar, que a Maçonaria, por extremo modesta, defende á punhalada o mysterio da sua philantropia.

Tracta-se precisamente d'um duplo homicidio commettido, a 31 de maio de 1834, em Rodez, ao sul da França. As victimas tinham sido condemnadas por julgamento secreto, feito em Marselha, no local da loja *Perfeita União*. Ainda hoje existe esta loja maçonica, fundada, a 18 de abril de 1828, pelo Grande Oriente de França. Os seus membros reunem-se regularmente, todas as segundas-feiras, ás 8 horas da noite. O local é em Marselha, rua Piscatoris, n.º 24.

O leitor ha de reconhecer, que sou preciso.

Ninguem ignora, que, na Provença e Languedoc vivem muitos emigrados italianos. Principalmente nas Boccas-do-Rhodano, muitos mações estrangeiros frequentam as lojas francezas, e acabam por filiar-se 'nellas, quando estão decididos a fixar a sua residencia no paiz.

Tal era, em 1833, o caso de quatro italianos, os Snrs. Emiliani, Scuriatti, Lazzoneschi, e Adriani.

Estes quatro cidadãos eram mações, e tinham o grau de mestre; porque a sociedade tem graus, que depois explicarei. Os mestres são iniciados, que já passaram por provas consideraveis. Segundo o seu temperamento e aptidões, os chefes secretos guiam-nos por tal, ou tal caminho, pois que a Maçonaria é multipla.

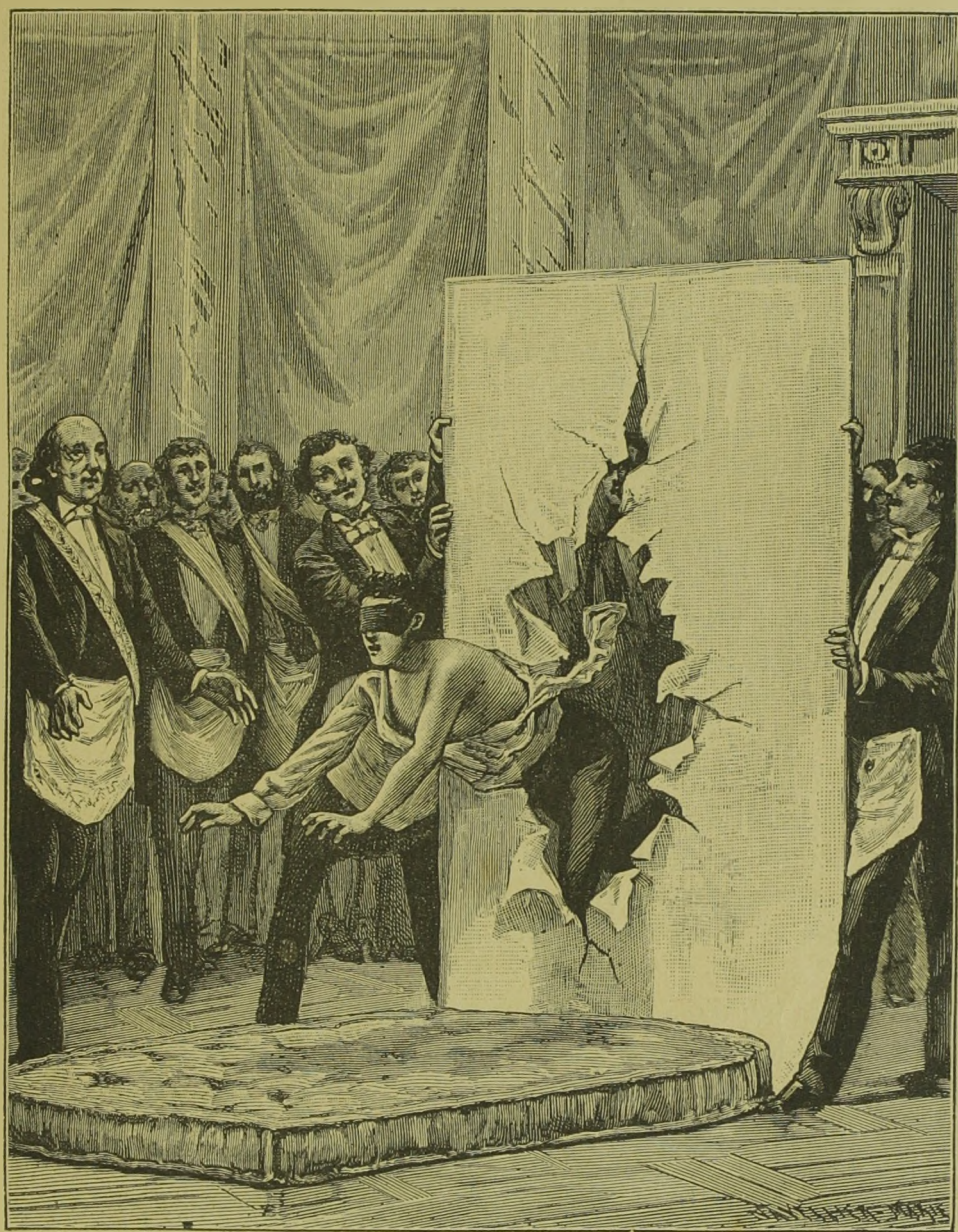
Um dos ramos mais militantes da associação é o que se denomina Maçonaria Florestal, cujas funcções patentearei, depois de expor o mecanismo das lojas ordinarias.

Emiliani, Scuriatti, Lazzoneschi, e Adriani, que tinham sido reputados capazes, como muitos outros, de prestar certos serviços, que em tempo e logar proprio serão manifestados, foram enfileirados 'nesta Maçonaria Florestal. 'Numa palavra, das lojas, fizeram-nos passar ás ante-lojas.

O que alli viram ficou muito longe de lhes agradar. Tinham-se enganado com elles: demittiram-se.

Por desdita sua, eram atilados de mais.

Emilian e Scuriatti sobretudo, ao retirar-se, explicaram a sua despedida d'um modo significativo.

Grande agitação na loja florestal — chamada Venda de Marselha — que lhes tinha revelado os seus segredos. Estes irmãos, esclarecidos antes de tempo, pareceram perigosos. Escreveu-se a Mazzini, que então estava em Genebra, e dirigia a acção das ante-lojas e das vendas.

Introduzi o Profano na caverna!

Mazzini entendeu, que o negocio valia a pena d'um incommodo. Foi a Marselha, reuniu, no local da loja Perfeita União, os irmãos de graduação mais elevada, e constituiu-os em tribunal secreto.

'Num capitulo especial, revelarei o estranho cerimonial d'estes julgamentos mysteriosos. Entretanto contentar-me-hei com dizer, que Mazzini presidiu á sessão, tendo por secretario o irmão La Cecilia, pae do revolucionario, que foi mais tarde general da Communa de Paris.

O inquerito particular dos fanaticos da sociedade descobriu, que os quatro italianos demittidos tinham ido para Rodez. Decidiu-se, que dois d'elles deviam ser assassinados, por terem manifestado muito vivamente a sua desillusão; quanto aos outros dois, desembaraçar-se-hiam tambem d'elles, mas por meios menos expeditos.

Segundo o costume, Mazzini, muito prodigo da sua assignatura, mandou escrever esta inqualificavel sentença, e assignou-a, com o titulo de T.·. P.·. P.·. (Très Parfait Président — Muito Perfeito Presidente) e La Cecilia, com o titulo de C.·. G.·. S.·. (Chanceller Grande Secretario).

Este decreto de condemnação terminava assim: «O Presidente da Venda de Rodez escolhera os executores da presente sentença, que ficarão encarregados do seu cumprimento no prazo stricto de vinte dias; o que se recusasse, incorreria em pena de morte *ipso facto.*»

Para fazer suppor uma vingança particular, os dois condemnados pela Maçonaria deviam ser feridos por italianos; era necessario prevenir o caso de os assassinos não conseguirem evadir-se.

Pouco depois, Emiliani, passando pelas ruas de Rodez, é assaltado por seis dos seus compatriotas, que se travam com elle em seria desordem, e recebe no tumulto grande numero de facadas. Os assassinos poderam pôr-se em salvo; mas pouco depois foram descobertos e presos. Quanto a Emiliani conseguiu escapar á morte.

Tractou-se d'esclarecer o caso. A justiça, enganada por certas apparencias habilmente preparadas, não viu o fundo das coisas. Procedeu-se ao julgamento, e os assassinos, considerados como simples desordeiros muito promptos em jogar a facada, livraram-se com cinco annos de reclusão.

Emiliani, muito adoentado ainda, tinha presenceado o julgamento, assistido de sua mulher, que o cercava dos cuidados, que o seu estado reclamava. Saindo cansado da audiencia, entrou pelo braço d'ella 'num café. Acompanhava-os o seu amigo Lazzoneschi. Mal se tinham sentado, apparece um desconhecido, cae sobre Emiliani, e, sem proferir palavra, embebe-lhe o punhal no peito; com outro golpe, estende por terra a Lazzoneschi; depois, como a esposa de Emiliani se arrojava em soccorro do marido, prostra-a por seu turno com duas punhaladas. Então o assassino põe-se em fuga, e a custo é preso por alguns jovens, aos quaes oppõe uma resistencia desesperada.

D'esta vez o tribunal comprehende, que não tem na sua presença um assassino vulgar. Procede a cuidadosas investigações, e

acaba por pôr a mão sobre o celebre julgamento do tribunal secreto de Marselha. Este documento existia ainda, ha poucos annos, nos archivos do tribunal de segunda instancia de Montpellier, em cuja circumscripção judiciaria fica comprehendida a cidade de Rodez.

Emiliani e sua mulher, bem como Lazzoneschi, succumbiram, victimas d'este espantoso attentado. As suas exequias celebraram-se com certa pompa; comtudo tam grande era o terror na cidade, que as pessoas que assistiram aos funeraes, para protestarem contra o crime, pediram em seguida á auctoridade licença de porte d'armas, para poderem defender-se em caso de precisão.

O assassino, chamado Gaviol, foi executado. Era mação de longa data. Em Marselha, tinha recebido o 30.° grau hierarchico da sociedade. Este grau, que confere o titulo de cavalleiro kadosch, é reservado aos filiados, que os chefes acham mais aptos, para lhes servirem d'instrumentos na execução das vinganças maçonicas. Para soffrer, sem hesitar, as provas, que acompanham a iniciação no grau 30.º, é preciso estar fanatizado até á medulla dos ossos. Eu direi, em occasião opportuna, em que consistem essas provas. Por agora, limito-me a indicar, que a Maçonaria não recua perante o assassinio, quando se tracta de garantir o segredo de seus mysterios, ou quando julga util, como no caso de William Morgan, vingar indiscrições commettidas.

Para dizer a verdade, não é só 'nestas circumstancias, que a tenebrosa associação arma o braço dos seus adeptos mais exaltados.

Quando chegar ao capitulo das execuções maçonicas, terei que pôr em evidencia um bom numero de crimes, que a maioria do publico ignora, e dos quaes ouviu fallar apenas vagamente, sem suspeitar, que fossem obra da Maçonaria.

Citemos rapidamente alguns exemplos.

Entre o povo, ignora-se a verdade sobre o assassinio de Rossi. Em 1820, Rossi era o chefe do partido anti-clerical, em Genebra. Tendo-se naturalisado francez sob o ministerio de Guizot, foi nomeado embaixador a Roma pelo governo de Luiz Philippe, depois de ter occupado brilhantemente em Paris as cadeiras do Collegio de França e da Academia das Sciencias Moraes e Politicas. Isto é sabido, e egualmente o é, que, a 15 de novembro de 1848, quando ia para a camara dos deputados, em Roma, foi mortalmente ferido por uma punhalada, nos degraus do palacio legislativo. Mas o que se ignora, é que o eminente economista e homem d'Estado pertencia desde a juventude á Maçonaria, que o seu assassino, Jergo, era tambem mação, e que o crime foi commettido, algum tempo depois de Rossi se retirar da sociedade.

Ha poucos annos, em 1875, toda a gente podia ler nos jornaes, que o presidente da Republica do Equador, Garcia Moreno, poucos dias depois de ter sido reeleito pela terceira vez para exercer as supremas funcções do governo, por voto unanime da nação, fora assassinado em Quito, em frente ao ministerio da fazenda. Mas as folhas devotadas á Maçonaria abstiveram-se d'informar os seus leitores das circunstancias particulares d'este crime, que deu tanto que fallar. Ora pelo processo ficou estabelecido, que os assassinos eram todos mações. O principal d'elles, Rajo, aquelle que feriu Garcia Moreno com um punhal, verificou-se que trazia comsigo um diploma maçonico passado em seu nome; trazia egualmente cheques sobre o Banco do Peru, cujos administradores pertencem todos á mysteriosa associação. Os mações do Equador diziam então, que Garcia Moreno fora iniciado em 1860 na loja *Philantropia*, de Guayaquil, e accusavam-n'o de traição, por ter, durante a sua segunda presidencia, abolido as sociedades secretas. Se Moreno realmente foi mação, é que conhecia de que eram capazes os antigos collegas; não lhes permittindo continuar as suas reuniões, senão debaixo da condição de as franquearem ao publico, bem sabia o que fazia. Como quer que seja, Garcia Moreno, homem muito justo, muito liberal, era estremecido por todo o povo do Eqnador; era um bom republicano, um democrata honesto; um dos seus assassinos foi feito em postas pela multidão. Por isso hei de expor todas as minuciosidades d'este crime, a sua preparação nas ante-lojas, e o processo dos assassinos.

Outro personagem politico, cuja dedicação á causa republicana não poderia por-se em duvida, foi assassinado mesmo em França, 'numa epocha ainda mais recente. Quero fallar de Gambetta, que succumbiu ás consequencias da ferida produzida por um tiro de pistola, que lhe foi dado no seu proprio domicilio, por fins de 1882. Seguramente, foram necessarias influencias bem poderosas, para impedir que se produzisse qualquer instrucção judicial, em virtude d'esta morte tragica. E' mister, que este crime, realisado com tanta audacia, occulte coisas bem terriveis, para que os compartidarios politicos do morto e os seus proprios amigos se vissem obrigados a calar-se. Direi quanto sei sobre este assassinio.

E' preciso que o publico, a quem calam systematicamente tudo, que viria de molde para edifical-o ácerca de certas instituições, saiba que o tiro de pistola das Jardies foi disparado no momento, em que Gambetta rompia com a Maçonaria, e que a pessoa indicada por alguns jornaes independentes, como protogonista d'esse drama, em que se não viu, ou pretendeu não ver mais, que um accidente, pertencia e pertence ainda á sociedade, cujas ordens a victima recusava executar.

Sim, importa diffundir uma luz deslumbrante sobre as sombras mysteriosas da Maçonaria! Sim, é razoavel e justo rasgar todos os seus veus!

Revelar e provar, eis o dever de quem quer que sabe.

Eu não faltarei a esse dever, seja qual for a sorte, que, por meu turno, me espere.

Faço na Europa o que William Morgan fez na America. A perspectiva d'um fim similhante ao do jornalista de New-York não me aterra.

Se morrer d'uma punhalada, ou d'uma bala de pistola, saber-se-ha de que antros sairam os meus assassinos. Se succumbir a qualquer molestia inesperada, conhecer-se-hão antes da minha morte as suas causas criminosas; porque, 'nesta mesma obra, revelarei o veneno das ante-lojas, a maneira, como os chefes occultos da Maçonaria d'elle se servem, e o logar, onde se fabrica.

PRIMEIRA PARTE

# AS LOJAS OU A MAÇONARIA AZUL

## CAPITULO PRIMEIRO

## A LOJA DOS APRENDIZES

### I

### O ALISTAMENTO

OMO se faz um mação? Tal é a primeira questão, que o publico se propõe. Não é realmente commodo entrar 'numa sociedade, cujos membros pela maior parte permanecem ignorados, cujo poncto de reunião mesmo muitas vezes se conserva occulto. Não é pois o que entra, que procura a Maçonaria: é a propria Maçonaria, que vae recrutar os seus adeptos. Os membros da associação examinam, entre as pessoas das suas relações, quaes poderão ser filiadas, com proveito para a ordem, e, sondando-as destramente, encarecendo-lhes certas vantagens, propõe-lhes «que tentem a iniciação.»

—Isso não lhe acarreta compromissos nenhuns, vos dirão: V. ficará sempre com a liberdade de retirar-se, se a sociedade lhe não convier.

Estas propostas dirigem-se principalmente ás pessoas, que gozam, senão de fortuna, pelo menos de certo bem estar, e aos homens, que possuem alguma notoriedade, quer na politica, sem distincção de partidos, quer no mundo das lettras. Por outra, procura-se primeiro que tudo alistar pessoas, que tenham, ou influencia no publico, ou uma bolsa convenientemente recheiada.

Pelo que respeita a este segundo poncto, a Maçonaria é mesmo assaz difficil. Os Estatutos e Regulamentos geraes da Maçonaria Franceza são muito expressos ácerca d'isto. Ahi se prescreve: «Artigo 258.— As Lojas devem abster-se rigorosamente de ini-

ciar Profanos, que não possam supportar os encargos da Ordem.» Esta prescripção não é peculiar á França; o mesmo succede por toda a parte. A regra é geral. Por *Profano*, designa-se todo, que não pertence á associação. Portanto, para deixar de ser *Profano*, é primeiramente indispensavel ser de condição folgada. É certo que a Maçonaria não desdenha o lojista de pequeno tracto, nem o artista independente, que ganha algumas demasias; ella chega a recrutar o contra-mestre d'officina, e, em caso de necessidade, o operario de cathegoria superior, que trabalha sobre si, e percebe um salario elevado; mas para o obreiro ordinario, que constitue a multidão, para o trabalhador de preço medio, para o empregado de baixa esphera, para todos os proletarios das fabricas, do campo e dos escriptorios as portas das lojas estão e permanecem fechadas.

Com a opinião politica não se importa nada. A Maçonaria acceita todos os regimens. Para só fallar da França e apenas d'este seculo, ella incensou consecutivamente o primeiro imperio, a restauração, a monarchia constitucional, a republica de 1848, o segundo imperio (com vivas felicitações a proposito da trama politica, que elevou Napoleão ao poder) e a republica actual. A todos os governos, quaesquer que sejam, não pede senão uma coisa: que não ponham obstaculos ás suas caras e mysteriosas reuniões.

Relativamente aos bons costumes dos seus adherentes, esta sociedade é tambem bastante facil. Verdade é que se compraz em fallar da moral, o que sempre produz excellente effeito. Sómente 'nisso se inspira na cynica proposição de Talleyrand: «A palavra foi concedida ao homem, para o habilitar a encobrir os seus pensamentos.»

Bem sei, que ha nas lojas paes de familia muito regulares, ou que pelo menos não dão, que fallar; mas 'nellas se encontram tambem particulares, que não são rigorosamente modelos de virtude. Assim, no tempo em que eu era mação, havia nomeadamente em Paris um veneravel (é o titulo do presidente d'uma loja) que tinha proximo ao *boulevard* [(a)] de S. Miguel, uma cervejaria servida por meretrizes. Ainda no anno passado, o orador do Grande Collegio dos Ritos [(b)], isto é, um dos mais altos personagens da Maçonaria, era proprietario d'uma casa de devassidão do 9.º concelho, no bairro da Calçada d'Antin. Não citarei mais, que estes dous exemplos. As pessoas honestas, que se extraviaram para a associação, á fé que têm o maximo desprazer em haverem de

---

(a) Rua larga, orlada de arvores, atravez d'uma cidade.

(b) Na traducção dos termos technicos mais importantes, sigo a lettra, e, na falta d'esta, a indole do Manual do Franc-Mação do rito francez, ou moderno, por um Cav.·. Roz.·. Cruz.·. (Cavalleiro Rosa Cruz, mação do 18.º grau, 'neste rito.) Terceira edição — Lisboa, na Typographia Maçonica Portugueza — 5871 (1871, deduzidos os 4000 annos, que, segundo uma opinião commum, recebida pela Maçonaria, tinha o mundo, ao tempo do nascimento de J. Christo.) Essa traducção é muitas vezes defeituosa; mas é official, e por isso os termos proprios, que 'nella se encontram, são os que provavelmente estão em uso na Maçonaria portugueza.

embarrar por similhantes cavalheiros; mas, em nome da solidariedade maçonica, são obrigadas a guardar para si o seu enfado.

Quanto á questão das crenças religiosas, não tem ella importancia alguma, pelo menos emquanto se tracta da primeira iniciação. Seja o pretendente atheu, mahometano, ou catholico; não é a sua fe, ou incredulidade, que lhe tolhera a admissão, se for apresentado a uma loja, nas condições acima indicadas. Cumpre todavia observar, que os postulantes pertencentes ao judaismo são acolhidos, não com indifferença, mas com sensivel favor. O decurso d'esta obra fara comprehender porque.

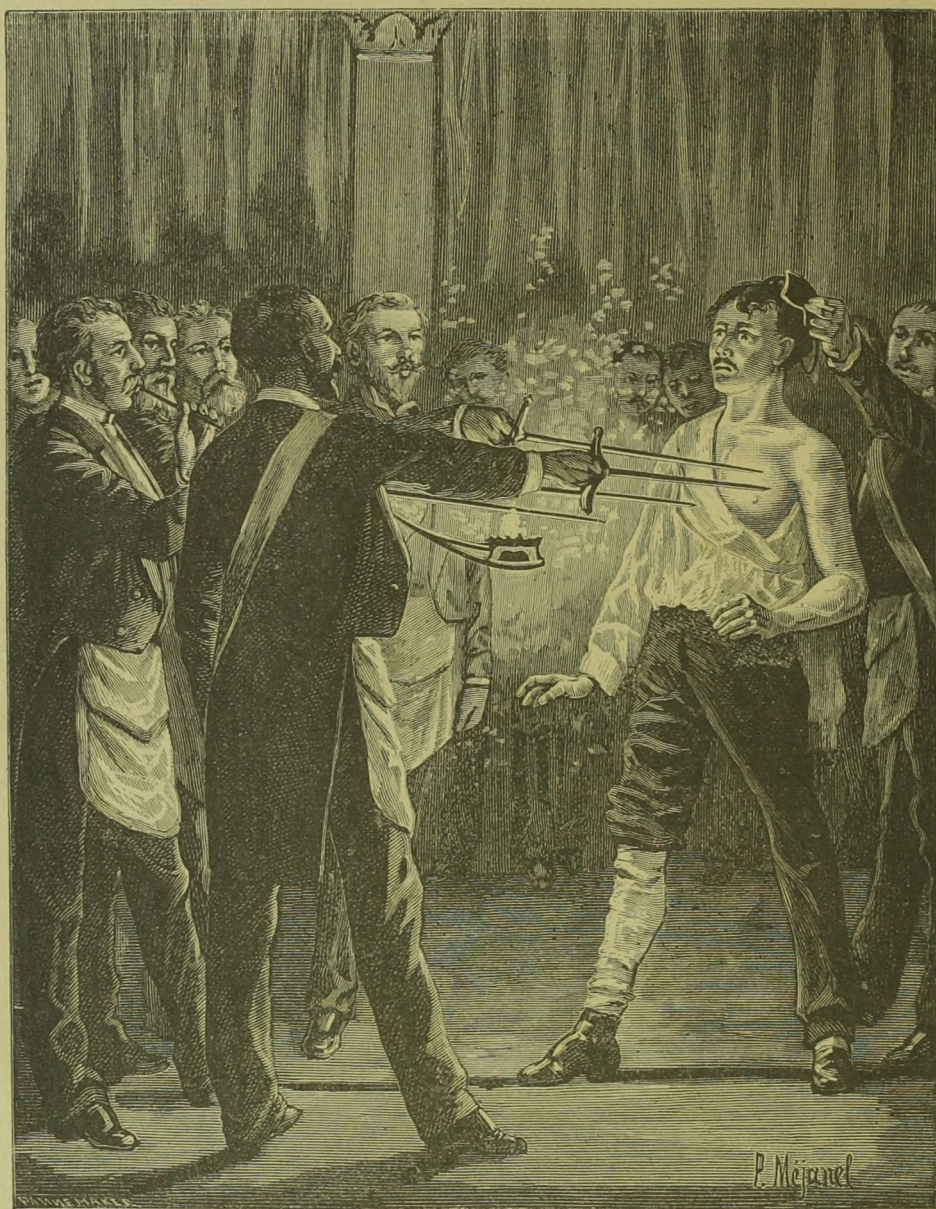
'Numa palavra, para alistar as pessoas, cuja bolsa, ou influencia pode ser collectada, a Maçonaria não attende á qualidade, mas á quantidade.

Entre os livros, que os livreiros da sociedade vendem exclusivamente aos iniciados, ha um, que contem, acerca dos alistamentos maçonicos, muitas indicações preciosas. Este livro, escripto em beneficio da associação, intitula-se: Historia Pitoresca da Maçonaria, pelo Irmão F. I. B. Clavel. Desde o principio até ao fim do seu volume, o Irmão Clavel não se cança de elogiar a ordem, a que pertence, e é sem duvida na convicção de que aproveita aos seus collegas, que lhes offerece este mimo.

Vou citar textualmente este auctor mação:

«A Maçonaria, soe dizer-se, áquelles a quem pretendemos alistar, é uma instituição philantropica progressiva, cujos membros vivem como irmãos, nivelados por uma doce egualdade. 'Nella não se conhecem as frivolas distincções do nascimento e da fortuna, nem aquell'outras, ainda mais absurdas, das opiniões e das crenças... O Mação é cidadão do universo; não ha logar algum, onde elle não encontre Irmãos empenhados em fazer-lhe bom agasalho, sem haver mister d'outra recommendação, que não seja a do seu titulo, d'outro conhecimento, além do que se realisa pelos signaes e palavras mysteriosas, adoptados pela grande familia dos iniciados... Para resolver os curiosos, accrescenta-se, que a sociedade guarda religiosamente um segredo, que não é, nem pode ser conhecido senão pelos Mações. Para determinar os sensuaes, encarecem-se-lhes os frequentes banquetes, em que os bons manjares e os vinhos generosos excitam a alegria, e estreitam os laços d'uma fraternal intimidade. Quanto aos artistas e negociantes, diz-se-lhes, que a Maçonaria lhes será proveitosa, alargando o circulo das suas relações e do seu trafico. D'est'arte, temos nós argumentos para todas as indoles, para todas as vocações, para todas as intelligencias e para todas as classes.» Taes são os processos do recrutamento.

Uma vez decidido a «tentar a iniciação» o que para ella foi convidado, é proposto a uma loja. O irmão, que o propõe, assigna um bilhete; faz-se uma averiguação summaria; apresenta-se um

INICIAÇÃO NO GRAU D'APRENDIZ

— Faça-se a luz!

relatorio sobre os meritos do candidato, ponderam-se principalmente as vantagens, que a sociedade poderá tirar do novo recruta; emfim a loja vota a admissão ás provas, o postulante é convidado e mandam se circulares a todos os membros do grupo, a que elle tem de pertencer, assim como a todas as lojas do districto.

Em seguida traslado, como specimen authentico, a circular, que foi distribuida a todas as de Paris e do departamento do Sena, por occasião da minha filiação na Maçonaria. Supprimo sómente o nome d'um official da minha loja, que tinha o titulo de 1.º vigilante, o qual me affirmou, que se retirara da associação.

Á G.·. DO S.·. A.·. DO U.·. *(a)*

*Em nome e sob os Auspicios do Grande Oriente da França*

# TEMPLO DOS AMIGOS DA HONRA FRANCEZA

*A verdadeira honra*

*é*

*ser util aos homens!*

*Direcção da Loja*

em casa

do Ir. LEMAIRE, Ven.·.

60, avenida de Breteuil,

PARIS

Or.·. de Paris, 8 de fevereiro de 1881.

## Sessão mensal: segunda-feira, 21 de fevereiro de 1881

CARO IRMÃO:

A nossa Sessão tera logar na segunda-feira, 21 de fevereiro de 1881, *ás 8 horas da tarde em ponto*, no Templo Vermelho, rua Cadet, 16, Palacio Maçonico do Grande Oriente da França.

Pedimos-vos, C.·. Ir.·., que venhaes tomar parte nos nossos trabalhos, e esclarecer-nos com as vossas luzes. A vossa presença entre nos estreitara mais intimamente ainda os laços de fraternidade, que nos unem.

ORDEM DO DIA:

1. Abertura dos Trab.·., ás 8 horas da tarde, em ponto.
2. Leitura da acta da ultima Sessão.
3. Leitura da Correspondencia.
4. Installação dos Fiadores d'Amisade de nossas Irmãs, as LL.·. filiadas, de que recebemos notificação. *(b)*
5. Leitura dos relatorios sobre os Profanos: Gabriel Jogand-Pagès, cognominado Leo Taxil, director do *Anti-Clerical*; Toussaint Ordioni, alferes da Guarda Republicana; Constantino Velitchkoff, deputado á Assemblea provincial da Romelia Oriental; Emilio Boisse, capitão do 117.º de linha. Iniciação, se houver de ter logar. — Iniciação do profano Rollet, submettido ao escrutinio na ultima sessão. — Filiação do Ir.·. Petit, tenente do 74.º de linha, e do Ir.·. Lantin, tenente da Guarda Republicana.
6. Allocução aos novos iniciados, pelo Ir.·. Rat.
7. Palestra: algumas palavras sobre a associação geral da Alsacia-Lorena e a sua festa annual da arvore do Natal, por um Ir.·. da Loja *Alsacia-Lorena*.
8. Parecer da Commissão da nossa Festa da Ordem, a celebrar com as nossas II.·., as LL.·. *Isis-Monthyon* e *Trinosophos*, de Bercy: dia fixado — domingo, 13 de março de 1881.
9. Vario.
10. Circulação do Sacco das Propostas *(c)* e do Sacco de Beneficencia. *(d)*.
11. Encerramento.

Recebei, Caro Irmão, as nossas saudações fraternaes.

*O Ven.·. Honorario* ad vitam:
HUBERT, 33.º.·.
Redactor da *Cadea d'União*, de Paris,
9, rua da Vieille-Estrapade.

*O Primeiro Vigilante:*
X.·.

*O Segundo Vigilante:*
LE LEURCHE.·.,
Capitão do 74.º de linha.

*O Orador:*
LEMONON, 30.º.·.
2 bis, rua Vivienne.

*O Secretario:*
Douctor CASTANEDA, M.·.
25, arrabalde do Templo.

*O Ven.·. Titular:*
LEMAIRE, 30.º.·.
60, avenida de Breteuil.

*O Ven.·. Honorario* ad vitam:
PORTALIER, 33.º.·.

*O Thesoureiro:*
PELAQUIÉ, M.·.,
46, rua da Allemanha.

*O Thesoureiro-Adjuncto:*
TALON.·.,
13, rua Monsigny.

AVISO. — O Veneravel tem o favor *(e)* d'informar os membros da Loja de que, por decisão da mesma na sua Sessão de Commissão, de 2 de fevereiro de 1881, a contribuição da Loja foi elevada á somma de trinta e dois francos, *(f)* e de que, em todas as Sessões, sera entregue a cada Ir.·. uma senha de presença do valor de um franco, em desconto das suas quotas. *(g)*

AVISO muito importante e segunda advertencia aos Irmãos, que estão em debito das suas contribuições. Em virtude da nova tarifa imposta ás Lojas pela Assemblea Geral de 1879, os II.·., que têm quotas atrazadas, são instantemente rogados pelo Ven.·., para se porem em dia com o Thesoureiro, antes do 1.º de março proximo, sob pena d'incorrerem em exclusão do quadro da Loja.

Imprensa typ. do Ir.·. Mario Dezembro, 326, rua de Vaugirard, Paris.

---

(a) A' Gloria do Supremo Architecto do Universo, segundo o [illegible] Man. de Francmaçon. No original esta: A.·. L.·. G.·. D.·. G.·. A.·. D.·. L'UN.·. — A la Gloire du Grand Architecte de l'Univers — [illegible] — Para Gloria do Grande Architecto do Universo.

(b) Segundo o Man. — Deputados de Loja a Loja. Adeante explica o auctor o que sejam.

(c) No Man. — Sacco das Proposições.

(d) No original — Tronc de la Veuve — [illegible], ou [illegible]heiro da Viuva. Tem ambos os nomes, mas o que vae no texto e o que lhe dá o Man.

(e) E' locução maçonica, por — tem a honra. (Garnier Dict. des Dict., palavra — faveur).

(f) O franco vale approximadamente 180 reis, e divide-se em decimos (decima parte do franco, ou 18 reis) e centimos (centesima parte do franco, ou 1,8 reis).

(g) [illegible]

Entre os profanos, que deviam ser iniciados commigo, notaria o leitor o nome do Snr. Constantino Velitchkoff, deputado á Assembleia Provincial da Romelia Oriental. Este cidadão romeliota viera filiar-se a Paris, e fazia tenção d'introduzir a Maçonaria na sua patria. E' um activissimo agitador politico, e um dos auctores da revolução de Sofia (agosto de 1886) que derribou, prendendo-o de noite e mandando-o para a fronteira debaixo de boa escolta, o principe reinante, Alexandre da Bulgaria.

Constantino Velitchkoff foi, por alguns dias, ministro da instrucção publica do governo bulgaro, em seguida a este ousado commettimento.

Mas voltemos á exposição das minusculas formalidades, que precedem a iniciação.

Ha sobretudo uma, que nunca se omitte.

Ao convidar o profano, recommendam-lhe, que não esqueça a bolsa e tambem, que a leve bem repleta. O presidente da loja é sempre um homem, que não descura os cobres e jamais esquece os interesses da confraria; tem até o cuidado de apresentar antecipadamente ao postulante uma pequena conta, para que este tome bem as suas medidas, e não possa, no momento critico, pretextar uma penuria accidental.

A amavel carta, que me convidava para as honras da recepção e ao mesmo tempo para entrar na caixa (repartição dos pagamentos) foi-me enviada cinco dias antes da sessão, e era concebida 'nestes termos:

Or.·. de Paris, 16 de fevereiro de 1881.

Snr.

Em resposta ao pedido, que nos foi apresentado, propondo-nos a vossa iniciação na nossa Ordem, tenho a honra de rogar-vos, que queiraes estar segunda feira proxima, sem falta, ás oito horas da noite em ponto, no Palacio do Grande Oriente da França, 16 rua Cadet, onde, a não obstarem causas inteiramente imprevistas, podera ter logar a vossa recepção.

Julgo um dever meu informar-vos de que pela mesma tereis de pagar ao nosso Thesoureiro:

| | | |
|---|---|---|
| Direitos de recepção . . . . . . . . . . . . . | 55 fr. | » |
| Despezas diversas . . . . . . . . . . . . . | 5 | » |
| Caixa Hospitalar . . . . . . . . . . . . . | 10 | » |
| Caixa de reserva . . . . . . . . . . . . . | 5 | » |
| Quotas d'um trimestre . . . . . . . . . . . . | 8 | 10 |
| Total: | 83 fr. | 10 |

Dignae-vos de receber os meus mais affectuosos cumprimentos.

*O Veneravel:*
LEMAIRE.

Longe de lamentar-me, devo confessar, que a minha recepção era das menos salgadas, e eu não regateei. O *Templo dos Amigos da Honra Franceza* é uma loja antiga, relativamente das mais numerosas, e senhora d'um cofre muito prospero: por isso os adherentes e os membros já em exercicio não são 'nella excessivamente sugados.

Na immensa maioria das officinas [1], tanto da provincia, como de Paris, a mercadoria fica por um preço muito mais elevado: tal ha, em que, por uma iniciação, se não satisfaz com menos de 250 a 300 francos. O apresentante previne o candidato d'uma despeza de 160 a 175 francos a fazer; mas. quando se tracta de determinar a addição, a conta, d'uma elasticidade para causar inveja á borracha mais pura, tem-se estirado em proporções phantasticas. São mil insignificancias, mil bicos d'obra, de que se não haviam lembrado de o avisar.

Cada um de per si nada vale, mas a somma é que custa a digerir! E não ha respingar, meu caro amigo; é forçoso dobrar a quantia, com que contavas. Pois então! estás recebido, louvaram a tua coragem em affrontar as provas, queimaram em tua honra incenso e lycopodio, os irmãos fizeram tilintar as suas espadas em estrepitoso ruido triumphal, o veneravel pregou-te no rosto trez beijos, cuja humidade era argumento de convicção e zelo : a gloria paga-se, meu caro; passa para a caixa!

Faça-se pois justiça aos meus antigos collegas da loja *Amigos da Honra Franceza.* A gloria no seu templo não se taxa em preços exorbitantes; alli é qualquer feito mação de tam boa cor, como o illustre Julio Ferry, e isso apenas por 83 francos e 10 centimos. Isto é de graça.

## II

### INICIAÇÃO DO APRENDIZ

Com o lastro d'uma bolsa bem guarnecida, na algibeira, segundo as prescripções do meu futuro veneravel, cheguei eu á hora aprazada ao Palacio do Grande Oriente. De resto um irmão obsequioso tivera o cuidado de vir buscar-me a casa, para que a solemnidade não ficasse frustrada, pois que não ha lebrada possivel sem lebre, e naturalmente sem candidato não ha recepção.

---

(1) Officina é o termo geral, por que se designa qualquer aggremiação regular de mações.

No local maçonico [a] fui recebido por um irmão servente (creado ou porteiro da loja) que me conduziu á bibliotheca do Palacio, e me pediu, que esperasse alguns minutos, em silencio e recolhimento.

Ja la estavam dois cavalheiros, meus co-profanos, a quem egualmente tinham recommendado, que não fallassem e se recolhessem. Um d'elles era um homem de trinta annos, nervoso, um tanto magro, barba e cabellos d'azeviche, physionomia suave; mostrava ligeira agitação; ia e vinha pela sala, retorcendo o bigode com a mão convulsa. «E' um pacha turco» me segredou ao ouvido o irmão servente. Era Constantino Velitchkoff; para o irmão servente, deputado romeliota e pacha turco eram personalidades equivalentes.

Pelas 8 horas e meia, vieram buscar-nos, e entaiparam-nos separadamente 'num estreito recinto, denominado *camara das reflexões*. E' um aposento extremamente acanhado, com as paredes pintadas de negro. Sobre o fundo preto realçam esqueletos completos, caveiras sobrepostas a duas tibias, tudo condimentado com inscripções lugubres. Janella nem uma. Um simples bico de gaz, com supporte na parede, derrama 'nesta estancia uma luz insufficiente. Por unica mobilia, uma mesa e um escabello; sobre a mesa, repousam uma caveira e alguns ossos. [1]

Na parede, a que encosta a mesa, representa a pintura um gallo e uma ampulheta; por cima lêem-se estas duas palavras: Vigilancia, Perseverança.

As outras inscripções que amenisam o logar, são estas:

Se aqui te conduziu uma vã curiosidade, vae-te embora!

Se temes, que te mostrem teus defeitos, estaras mal entre nós!

Se es capaz de dissimulação, treme! porque nos te penetraremos, e leremos no fundo do teu coração!

Se tens apego ás distincções humanas, sae, não se conhecem aqui!

Se a tua alma se sentiu aterrada, não vas mais longe!

Se perseveras, seras purificado pelos elementos, sairas do abysmo das trevas, veras a luz!

Poderemos exigir-te os maiores sacrificios, mesmo o da vida; estas disposto a fazel-os?

Cobre a mesa um panno branco; 'nella encontra o candidato tinteiro, penna, e papel, em que estão impressas estas trez questões:

---

(1) Se o candidato tem crenças religiosas, colloca-se tambem na mesa uma Biblia aberta no primeiro capitulo do Evangelho de S. João.

(a) Local, ou logar maçonico é, na linguagem da seita, a casa, onde ella celebra as suas sessões.

Quaes são os deveres do homem para com a sua patria?

Quaes são os deveres do homem para comsigo mesmo?

Quaes são os deveres do homem para com os seus similhantes? (1)

Por baixo d'estas questões, fica um grande espaço em branco, reservado para escrever as respostas: depois um largo traço preto, sobreposto a esta palavra, em lettras garrafaes: TESTAMENTO; e ainda um grande espaço em branco.

Ao introduzir na instancia o candidato, o irmão servente diz-lhe com voz cavernosa:

— Brevemente ides passar a uma vida nova. Sentae-vos. Respondei por escripto a essas questões e fazei testamento.

A porta fecha-se de novo, e eil-o a sós, na agradavel companhia dos esqueletos e caveiras.

Nem todas as camaras das reflexões são tam simples, como a que ahi fica descripta. Algumas ha providas de machinas, e com almofadas, que se abrem de repente e deixam ver apparições d'um gosto problematico. A ante-camara, em que se realisam estas exhibições, chama-se logar d'horror.

Eis o modo como as coisas se passam então.

No momento, em que o candidato vae a reflectir nos meios, que possuem os seus futuros irmãos, para lhe lerem no fundo do coração, a chamma do bico de gaz desce bruscamente, uma grande almofada corre por encaxes dissimulados na parede, abre-se uma cortina, e o profano avista uma cavidade alumiada por lampadas sepulchraes: la, pousada sobre pannos ensanguentados, divisa uma cabeça humana recentemente cortada; e emquanto recua d'horror a este espectaculo, uma voz, que parece sair da parede, a que elle se arrima, lhe brada:

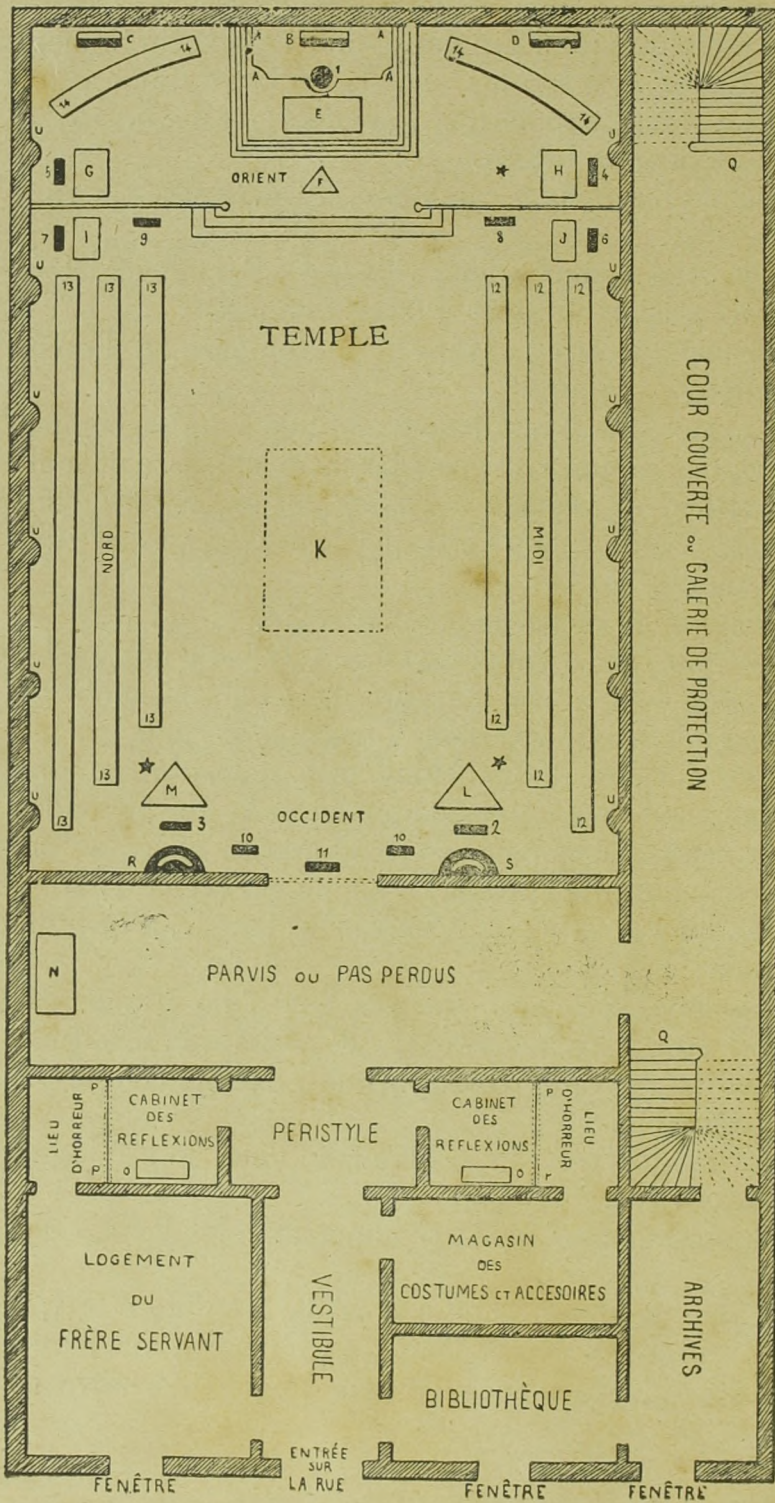
— Treme, Profano! a cabeça, que vês, é a d'um Irmão perjuro, que divulgou os nossos segredos!... É assim que nos castigamos os traidores!... Sirva-te d'escarmento o exemplo d'este!... Treme, Profano, treme!...

Depois, a cortina torna a cair, a almofada volta ao seu logar, e o bico de gaz reaviva-se.

Os artificios empregados 'nesta repugnante comedia são dos mais simples.

O cepo, em que assenta a cabeça cortada, é amplo e oco; o interior occulta o corpo do espertalhão, que, immovel, mantem a cabeça no meio dos pannos manchados de sangue; conserva os

(1) Antigamente a primeira questão era a seguinte: «Quaes são os deveres do homem para com Deus?»

# PLANTA D'UM LOCAL MAÇONICO ORDINARIO

AAAA, docel, que cobre o *delta sagrado* e o *throno do veneravel*. — B, transparente luminoso triangular, denominado *delta sagrado*.—C, transparente luminoso, que representa a lua.— D, transparente luminoso, que representa o sol. — E, altar do veneravel. —F, altar dos juramentos. —G, mesa do secretario. — H, tribuna do orador. — I, mesa do hospitaleiro. — J, mesa do thesoureiro.— K, quadro da loja.— L, altar do 1.º vigilante.— M, altar do 2.º vigilante.—N, mesa, onde esta o registro de presença, no qual se inscrevem os assistentes, antes d'entrarem no templo.—OO, mesas, em que os candidatos escrevem o seu testamento, antes de serem admittidos ás provas. — PP, PP, pannos de muro moveis, cujo deslocamento põe á vista dos candidatos as exhibições do logar de horror. — QQ, escadas.—R, columna B.·. (luminosa).— S, columna J.·. (luminosa). — TT, porta do templo. — UUUU etc., columnas d'ornato (não luminosas). — 1, throno, ou assento do veneravel —2, assento do 1.º vigilante.—3, assento do 2.º vigilante.—4, assento do orador. - 5, assento do secretario.—6, assento do thesoureiro. — 7, assento do hospitaleiro. —8, assento do mestre de cerimonias. — 9, assento do irmão terrivel, ou grande experto.—10, 10, assentos dos expertos.—11, logar do irmão cobridor, ou guarda do templo. — 12-12, 12-12, 12-12, bancos, em que se assentam os mestres, e cujo conjuncto se chama columna do meio-dia. — 13-13, 13-13, 13-13, bancos, em que se assentam os aprendizes e companheiros, e cujo conjuncto se chama columna do norte. — 14-14, 14-14, assentos semicirculares do oriente, em que ficam os irmãos d'altos graus, os deputados de loja a loja, os visitadores de distincção, e em geral todos os irmãos, a quem a officina presta honras. — * * * tochas regulamentares.

olhos cerrados, a bocca entreaberta, durante os dois, ou trez minutos da exhibição. As lampadas sepulchraes estão munidas d'estopas embebidas em alcool camphorado, que arde com sal grosso de cosinha. Esta mistura, a mesma que os prestidigitadores de feira chamam «salada infernal» tem a propriedade de, quando se inflamma, produzir uma luz esverdeada, que da á cabeça do pseudo-decapitado uma cor cadaverica. Quanto á voz, que sae da parede, é a d'um segundo marau, que, postado fora da estancia, desandou uma chave fixa ao tubo conductor do bico de gaz, e atravez d'uma trombeta acustica profere as palavras supra reproduzidas. (1)

Outras vezes, as pinturas d'uma das almofadas são em tela preta, por traz da qual ha um grande vidro despolido.

No momento, em que a chamma do bico de gaz quasi se apaga e deixa o recinto na obscuridade, uma lanterna magica, collocada no aposento annexo, faz apparecer, no vidro esbranquiçado, sombras chinezas representando scenas, com pretenções a aterradoras: são espectros, que se agitam e ameaçam o candidato, ou monstros que, em consequencia d'um avultamento progressivo, parecem avançar para devorar tudo, ou então homens mascarados, de tamanho natural, que cercam um individuo garrotado e o crivam de punhaladas.

Estas sinistras bestialidades praticam-se para aterrar os pretendentes, que o inquerito designou, como impressionaveis. Pelo contrario, aos profanos reconhecidos como criticos e scepticos não se exhibem estas ridiculas phantasmagorias. A Maçonaria tem muito boa vantade de se divertir, á custa dos que passam pela sua iniciação; mas não tem o menor empenho em que elles o percebam. É este o unico motivo, porque as recepções variam, quanto ás provas: apimentam-se mais, ou menos, segundo as disposições d'espirito e o temperamento do subjeito.

Vejamos porem o que se passa na loja, emquanto o candidato mação se arripia no gabinete dos esqueletos.

E, desde já, uma simples observação. A Maçonaria comprehende muitos ritos. Dá-se o nome de *rito* a um systema maçonico, a um conjuncto de cerimonias reguladas pelas auctoridades centraes da ordem, e adoptadas por certo numero d'officinas. Esta obra, que tem principalmente em vista a clareza, não a lograria, se

(1) O snr. Andrieux, nas suas Memorias, referiu muito jocosamente a historia d'um candidato, a quem deram o espectaculo do traidor degolado. Reconhecendo elle em cima do cepo a cabeça d'um limonadeiro da cidade, não pode conter-se, que não exclamasse : «Espera, mas este é o tio Cassard !» Ao que o morto, esquecendo o seu papel, replicou : «Calae-vos, Profano !» o que desmanchou todo o offeito, que 'nelle tinham esperado produzir

eu, nas minhas divulgações, explicasse simultaneamente mais de um rito.

Pelo que, na revelação dos mysterios da Maçonaria, só me occuparei em primeiro logar do systema chamado *Rito Escocez*, que é o que se observa na maior parte dos paizes (França, Italia, Inglaterra, Escocia, Irlanda, Belgica, Prussia, Hamburgo, Baviera, Saxe, Hesse, Luxemburgo, Hungria, Grecia, Espanha, Portugal, Suissa, Liberia, Estados Unidos da America, Canada, Mexico, Cuba, S. Domingos, Haiti, Brazil, Chili, Colombia, Peru, Republica Argentina, Uruguay, Venezuela). Em outra parte da obra, indicarei summariamente as particularidades, que distinguem os outros ritos. Além d'isto, ao passo que fôr tractando do Rito Escocez, irei desde já indicando, em notas, ao fundo das paginas, as poucas differenças, que se dão entre este e outro chamado Francez, tambem practicado no nosso paiz.

Para bem orientar o leitor, começarei por descrever a sala das sessões.

E' uma estancia espaçosa, em fórma de parallelogrammo, ou quadrilongo, com armações vermelhas. (1) E' a esta sala, que se dá o nome de *templo*.

Os quatro lados têm os nomes dos quatro ponctos cardeaes. O da porta d'entrada chama-se occidente. Aos dois lados da porta elevam-se duas columnas ocas, de bronze, da ordem corinthia, cada uma das quaes tem no capitel, por ornato, trez romãs entreabertas. A significação secreta d'essas romãs é uma obscenidade. A columna, que fica á direita de quem entra, tem no fuste a lettra J, e a outra a lettra B. (2) Estas columnas encerram luzes, que illuminam as lettras J e B. Em todas as sessões, a que assistem apprendizes, só a columna da esquerda é illuminada. Chama-se grau de « aprendiz » o primeiro da iniciação maçonica. Defronte da columna direita, um pequeno bofete triangular serve de mesa ao irmão 1.º vigilante; defronte da esquerda fica a do 2.º vigilante. Os vigilantes são os primeiros officiaes da loja, depois do veneravel. Cada um d'estes magnates tem na mão um malhete.

No meio da sala, proximo a um espaço ladrilhado de mosaico, vê-se estendido em terra um painel denominado — *quadro da loja*. Este quadro representa: os degraus d'um estrado; as duas columnas J e B; entre as columnas, á altura dos capiteis, e sobre a reproducção da porta d'entrada, um compasso aberto, com as duas pontas para cima, tocando um esquadro invertido; á esquerda da columna B, uma pedra bruta; á direita da columna J um cubo,

---

(1) A armação é azul, nas lojas do Rito Francez.

(2) Nas lojas do Rito Francez, a columna J fica á esquerda, e a columna B á direita.

rematado por uma pyramide. Por cima do capitel da columna J, está um nivel, e por cima do da columna B, um perpendiculo, ou fio de prumo; por baixo da pedra bruta, um cinzel e um maço, em cruz; por baixo do cubo agudo, uma janella, com grade d'arame. Ao meio da parte superior d'este quadro, fica uma segunda janella, com egual grade, tendo á direita um sol radiante, que involve um rosto, e á esquerda algumas nuvens, no meio das quaes se divisa a lua. Aqui e além scintillam estrellas; por cima da pedra bruta vê-se uma regua, e por cima do cubo de ponta uma terceira janella, com grade d'arame. Emfim tudo isto é cercado por um grande cordão, com sete nós de laço e duas borlas.

Estas figuras representam os symbolos do grau, em que «trabalha» a officina.

Dá-se indistinctamente o nome de «trabalhos» a todos os actos dos mações 'numa sessão ou banquete maçonico.

Este painel é objecto de grande veneração; cumpre evitar com o maximo cuidado passar por cima d'elle, sob pena de mulcta.

O que elle representa, é, ao que parece, extraordinariamente sagrado. Effectivamente o Ritual aconselha ás lojas a suppressão da tela, e a sua substituição por um traçado do quadro mysterioso feito a giz, sobre o pavimento de mosaico.

«Em cada sessão, diz o Ritual, desenhar-se-ha a giz o quadro mysterioso da Loja, e, depois dos trabalhos, apagar-se-ha com uma esponja humedecida em agua; é o meio d'evitar o abuso d'um quadro pintado em tela, que pode cair nas mãos dos profanos.»

Mas a maior parte das lojas não fazem caso algum d'esta recommendação, e preferem estender em cada sessão a sua tela sobre o soalho.

Fronteiro á porta d'entrada, ao fundo da sala, ergue-se sobre trez degraus um estrado cercado d'uma balaustrada. E' alli o *oriente*, o logar privilegiado, onde tem assento o veneravel.

A mesa d'este, levantada quatro degraus acima do estrado, denomina-se *altar*: a cadeira *throno*. Sobre a cabeça expande-se-lhe um *docel* de veludo, ou seda vermelha, com franja d'oiro, semeado d'estrellas de prata. Ao fundo do docel, e na parte superior, avulta um transparente triangular, o *delta sagrado*, no centro do qual se distinguem caracteres hebraicos. A' esquerda do docel, pende outro transparente, que representa o disco do sol, e, á direita, um terceiro, que figura o crescente da lua. Este collecção de transparentes brilha com tal ou qual esplendor, graças ás velas que ardem dentro; não obstante, offerece um aspecto dos mais grotescos, se bem que honram esses pequenos apparelhos com o pomposo nome de *glorias*.

Ainda não é tudo: cobre o altar do veneravel um panno ver-

melho franjado d'oiro, sobre o qual pousam um esquadro, um malhete, um compasso, um sabre de ferro batido, retorcido em zigs-zags (não se ria, estimavel leitor, é a *espada flammejante*, que symbolisa o poder conferido ao veneravel pelo Grande Architecto do Universo) o livro dos Estatutos Geraes e o Ritual do grau. [1]

E' tambem no oriente, que se arvora o estandarte da loja, preso geralmente ao lado direito da balaustrada.

Um tanto á frente, no meio do estrado, e juncto ao altar do veneravel, fica uma pequena mesa triangular, chamada *altar dos juramentos*.

Ainda no estrado do oriente, mas no primeiro plano, perto do balaustre, e abaixo do veneravel, são, á direita, a mesa do orador, e a do secretario, á esquerda. Abaixo do orador, fora da balaustrada, senta-se o thesoureiro, e abaixo do secretario, o hospitaleiro.

Trez grandes castiçaes, cada um com sua tocha de lata, no cimo da qual arde uma vela, estão dispersos pela sala; um ao pe de cada vigilante, e o terceiro sobre o estrado, juncto do orador.

Da-se a estes castiçaes o nome d'*estrellas* da loja.

Como não seriam bastantes para alumiar a sala, ao longo das paredes, ha tambem bicos de gaz, ou candeeiros.

Alem das duas columnas da entrada, tem o templo á volta por enfeite muitas outras, cujo numero é arbitrario; depende da grandeza da sala. Geralmente o numero d'essas columnas d'ornamento é de 12, contando, ou sem contar as columnas regulamentares J e B.

No friso, ou architrave, que repousa sobre as columas d'ornamento, estende-se um cordão, que forma 12 nós, dos que denominam «abraços». [a] Cada uma das extremidades termina por uma grande borla, e vem fechar a volta juncto ás columnas J e B. Chama-se este cordão *orla dentada*.

O tecto abobadado representa o ceu semeado d'estrellas. Da parte do fundo situada acima do docel, emergem trez raios, que representam o nascer do sol.

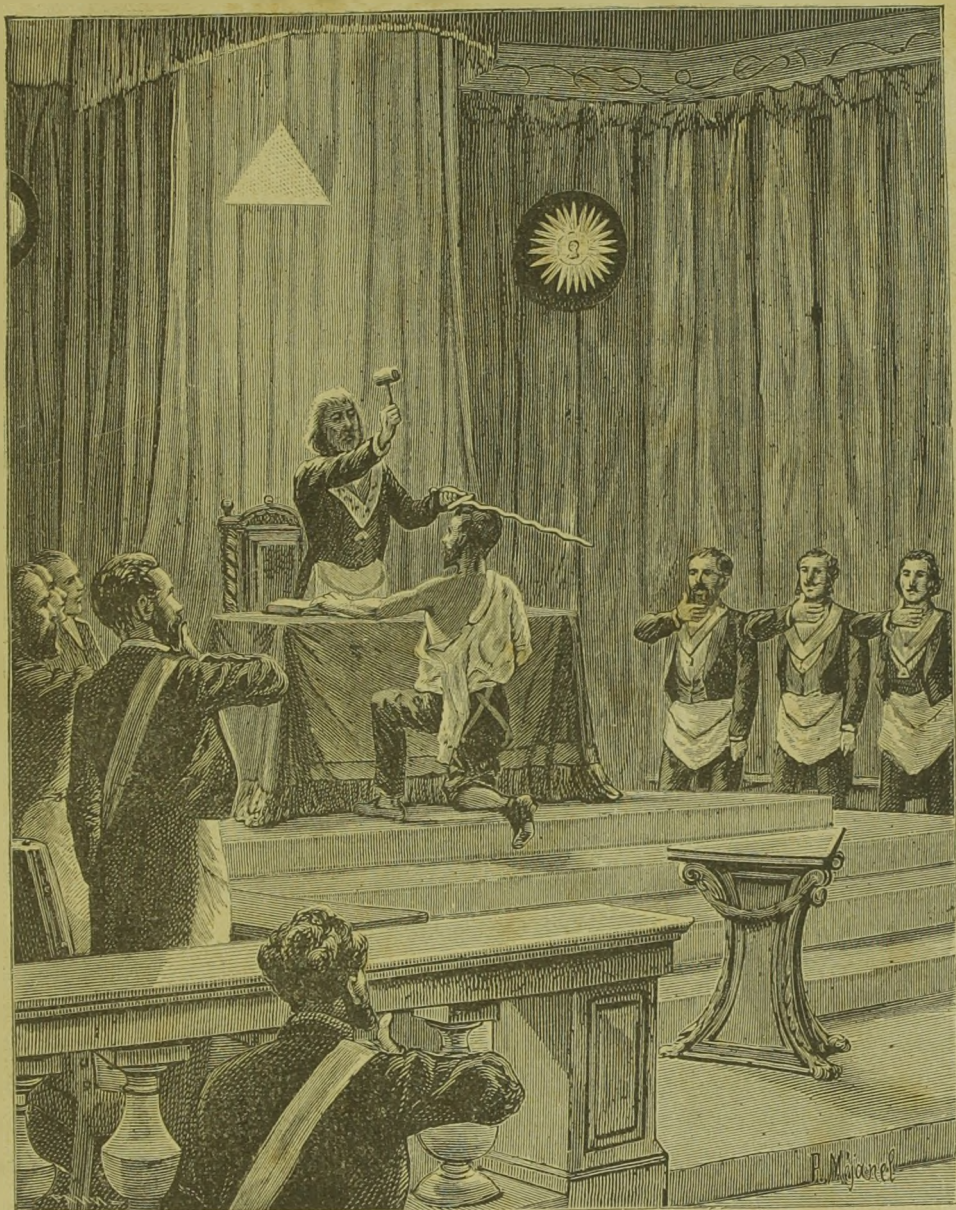
Ao longo da sala, d'um e outro lado, veem-se muitas ordens de bancos estofados. O conjuncto dos que ficam do lado do 1.º vigilante, isto é, á direita de quem entra no templo, chama-se *columna do sul;* o dos da esquerda *columna do norte*. Os aprendizes, ou maçãos do 1.º grau, e os companheiros, ou maçãos do 2.º grau, sentam-se no norte, e os mestres, ou maçãos do 3.º grau, no sul. [2]

---

(1) Nas lojas do Rito Francez, as tapeçarias e o panno do altar são azues.

(2) Nas lojas do Rito Francez, os aprendizes sentam-se no norte, os companheiros no sul, e os mestres indifferentemente em uma, ou outra columna.

(a) São eguaes aos nos de laço, de que ja se fallou.

Iniciação no grau d'aprendiz

Para gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, eu vos crio, recebo e constituo Aprendiz-Maçāo (*a*) e membro d'esta Respeitavel Loja!

No oriente ha dois assentos d'estofo circulares, onde tomam logar os irmãos d'alta graduação, os fiadores d'amisade das lojas

*a)* Nos diriamos aprendiz de maçāo ou de pedreiro : mas não é esta a linguagem da seita.

filiadas e os visitadores de distincção. [a] Da-se o nome de lojas filiadas ás que se frequentam mutuamente. Os fiadores d'amisade são os seus habituaes representantes. São eleitos annualmente.

O grande experto, [b] ou irmão terrivel (é este o director das provas) e o mestre de cerimonias sentam-se em cadeiras de thesoura, ao fundo dos degraus do estrado, o primeiro defronte do hospitaleiro, o segundo defronte do thesoureiro. No occidente, perto dos vigilantes, ficam outros dois expertos. Finalmente juncto da porta está postado um ultimo funccionario, que guarda a entrada, da parte de dentro. Tem na mão uma espada, que não larga. E' elle, que vela pela segurança dos trabalhos, é o irmão cobridor. [c]

A ante-camara do templo chama-se *atrio,* ou *passos perdidos.* Passea 'nella um irmão servente. Sobre uma mesa vê-se um registro, em que os maçães vão inscrever-se antes d'entrar, os membros da loja na folha da esquerda, e os irmãos visitadores na da direita: é o *livro de presença.*

Acima apresentei (pag. 36) a planta d'um local maçonico ordinario. Por ella poderá o leitor formar um juizo exacto da disposição d'um templo e suas dependencias.

Notar-se-ha, ao correr e á direita da sala das sessões, uma longa e espaçosa galeria, rematada em cada extremo por uma escada. E' a *galeria de protecção.* Em geral existe, quando o edificio maçonico está cercado de casas profanas, e 'neste caso garante os irmãos contra a indiscrição dos visinhos, servindo ao mesmo tempo para arejar a sala das sessões.

As janellas, que renovam o ar do templo, são obrigatoriamente do lado chamado *meio dia.* Somente se abrem antes, ou depois das sessões. Se o edificio só tem um andar acima do terreo (o que ordinariamente succede nos locaes maçonicos das cidades pequenas) a galeria lateral é um simples pateo coberto de vidraça; as duas escadas seguem então a mesma direcção, e são ligadas por um mero passadiço á altura do 1.º andar. Vamos ver immediatamente com que fim se faz esta profusão d'escadas.

O templo, que é a parte principal da casa, deve ter o tecto elevado. D'ordinario, nas cidades grandes, tem a altura do andar

---

(a) Aos fiadores d'amisade da o Man. o titulo de Deputados de Loja a Loja. O mesmo lhes darei d'aqui em diante.

Aos visitadores, que melhor se chamariam visitas, ou irmãos visitantes, pois que visitador é nome d'officio, dá o nome, que fica no texto.

(b) *Expert* significa perito. Mas o auctor do Man. preferiu aportuguezar a palavra a traduzil-a.

(c) O Man. da-lhe o nome de Guarda Interior, por opposição a Guarda Exterior, que é o irmão servente, de quem, pouco abaixo, se faz menção.

terreo e sobre-loja. 'Nesse caso esta não é dividida em peças habitaveis, senão na parte situada sobre o resto do andar terreo.

O irmão servente pode ter um quarto 'neste andar; abre-lhe communicação com a sua loja uma pequena escada de serviço. Os outros aposentos da sobre-loja são, em geral, salas de mediana grandeza, para reunião de commissões.

Um local bem disposto deve ter pelo menos duas camaras de reflexões, com o machinismo necessario para as exhibições do logar d'horror. Estes cubiculos têm commumente a porta d'entrada para um ante-vestibulo, denominado *peristylo,* ornado de pilastras, que não pode ser visto da rua. D'esta não se vê mais, que o vestibulo da entrada, e o aposento do irmão servente.

Os maçães, durante a sessão, trazem insignias diversas, segundo o seu grau.

Os aprendizes um minusculo avental de pelle branca, a que têm o cuidado de levantar o babadouro [a]; os companheiros o mesmo avental, mas com o babadouro descido. Os mestres têm um avental de setim branco, forrado de preto, e debruado de vermelho, [1] com as lettras M. ˙. B. ˙. bordadas, ou pintadas ao centro; têm demais um listão azul, lançado a tiracollo da direita para a esquerda, no fundo do qual pende d'uma roseta vermelha uma exigua peça d'oiro, chamada *joia,* que representa um esquadro cruzado com um compasso.

Os officiaes da loja não trazem o listão a tiracollo, mas em aspa, isto é, em forma de collar, com a ponta descendo para o peito. A este listão, que ordinariamente tem bordados ramos d'acacia e outros emblemas maçonicos, anda suspensa a joia, cuja natureza varia segundo as funcções do official, que com ella se enfeita. A do veneravel é um esquadro; a do 1.º vigilante um nivel; a do 2.º vigilante um fio de prumo, ou perpendiculo; a do orador um livro aberto; a do secretario duas pennas cruzadas em aspa; a do thesoureiro duas chaves; a do grande experto uma regua e uma espada; a dos expertos uma foice e uma ampulheta; a do chanceller [b] um rolo de papeis e um sinete; a do mestre de ceremonias um bastão cruzado com uma espada; a do hospitaleiro uma mão sustentando uma bolsa; a do mestre dos banquetes uma cornucopia; a do architecto duas reguas em aspa; a do cobridor uma maça.

---

(1) Os Mestres do Rito Francez usam de avental debruado de azul.

(a) O avental maçonico tem uma parte menor sobreposta á maior. O Man. do Franc-Mação denomina-a babadouro.

(b) Denominado no Man. Chanceller Guarda Sellos, ou Chanceller Archivista. O mesmo Man. attribue-lhe por insignia um cofre fechado e um sinete.

Os irmãos d'alta graduação têm insignias especiaes, que descreverei, quando chegar aos capitulos respectivos.

Chegada a hora fixada para a abertura da sessão, todos os membros da loja, que se acham presentes, tomam, a convite do veneravel, os seus logares d'ordem, depois de se terem revestido das insignias do seu grau. O veneravel sobe os degraus do oriente, senta-se no throno, e desfere no altar uma vigorosa pancada de malhete, que repetem os dois vigilantes. Estas trez pancadas fazem reinar immediatamente no templo profundo silencio. O irmão cobridor fecha a porta; todos se conservam em pe e nos seus logares. Sobre os assentos estão espadas d'aquellas, com que se armam os comparsas nos theatros.

Veneravel. — Irmão 1.º Vigilante, qual é o primeiro dever d'um Vigilante na Loja?

1.º vigilante. — E' ver se a Loja esta bem coberta, Veneravel, e se todos os Irmãos, que occupam as columnas, são Maçóes.

Veneravel. — Assegurae-vos d'isso, meu Irmão.

1.º vigilante ao grande experto. — Irmão Grande Experto, vede se a Loja esta bem coberta, e fazei o vosso dever.

A este convite, o grande experto, armado da sua espada, sae do templo, visita os passos perdidos, recommenda ao irmão servente, que vele pela guarda exterior do portico, e ao irmão cobridor, que não deixe entrar todo, que não responder convenientemente ás perguntas d'ordem para ser admittido. Entretanto os vigilantes percorrem rapidamente as suas respectivas columnas (se não basta a inspecção visual feita do seu logar) para se assegurarem de que todos os irmãos presentes são realmente membros da loja.

Quando o grande experto entra de novo no templo, dirige-se ao 2.º vigilante e diz-lhe em voz baixa: — A Loja está exteriormente coberta.

2.º vigilante, para o 1.º — Irmão 1.º Vigilante, o Irmão Grande Experto fez o seu dever. A Loja esta exteriormente coberta; e quanto á columna do norte, todos os Irmãos, que a occupam são Maçóes.

1.º vigilante ao veneravel. — Veneravel, o templo esta coberto, tanto no exterior como no interior; todos os Irmãos das duas columnas são Maçóes.

O veneravel, depois de dar uma pancada de malhete — Irmão 1.º Vigilante, qual é o segundo dever dos Vigilantes na Loja?

O 1.º vigilante — E' verificar se todos os Irmãos estão á ordem.

Veneravel — Verificae-o pois, Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, cada um na sua columna, e dae-me conta do que notardes. (Uma pancada de malhete.) A' ordem, meus Irmãos, rosto ao oriente.

Todos os assistentes das duas columnas dão então meia volta e um quarto para o estrado, e tomam uma postura particular, que se chama « a ordem d'aprendiz. » Tal é esta postura, que ninguem pode tomal-a, se não fôr iniciado; porque cada um, collocando-se 'nella e voltando-se assim, só é visto pelos vigilantes, que percorrem as columnas, e de modo algum o pode ser pelos seus visinhos. Se um falso irmão se tivesse insinuado no templo, não poderia portanto pôr-se na attitude requerida, pois que, não vendo a do visinho, ficaria na maior atrapalhação para o imitar. Terminado o exame, voltam os vigilantes aos seus logares respectivos.

O 2.º vigilante. — Irmão 1.º Vigilante, todos os Irmãos da columna do norte estão á ordem.

1.º vigilante. — Veneravel Mestre, todos os Irmãos d'uma e outra columna estão á ordem.

Veneravel. — Irmão 1.º Vigilante, a que hora costumam os Mações abrir os seus trabalhos?

1.º vigilante. — Ao meio dia, Veneravel.

Veneravel. — Que horas são, Irmão 2.º Vigilante?

2.º vigilante. — Meio dia, Veneravel.

Veneravel. — Visto ser a hora, a que devemos abrir os nossos trabalhos, Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, convidae os Irmãos das vossas columnas a unirem-se a mim, para abrir os trabalhos da Respeitavel Loja *(o nome da Loja)* Oriente de *(o nome da cidade)* no grau de Aprendiz, rito *(o nome do rito)*.

1.º vigilante. — Irmão 2.º Vigilante, Irmãos, que decoraes a columna do sul, o Veneravel nos convida a nos unirmos a elle, para abrir os trabalhos da Respeitavel Loja, etc.

2.º vigilante. — Irmãos, que decoraes a columna do norte, o Veneravel nos convida a nos unirmos a elle, etc.

Depois do que, o 2.º vigilante prosegue, dirigindo-se ao 1.º: — Irmão 1.º Vigilante, annunciado na minha columna.

1.º vigilante. — Annunciado nas columnas do norte e do sul, Veneravel.

O veneravel, descobrindo-se, e dadas no altar, de modo especial, trez pancadas de malhete. — A mim meus Irmãos (todos os assistentes têm os olhos 'nelle) pelo signal (cada um executa o signal secreto do grau de aprendiz) pela bateria (cada um da trez palmadas d'uma maneira peculiar) e pela acclamação mysteriosa.

Todos os assistentes: Huzê! huzê! huzê! [a]

Veneravel. — Meus Irmãos, para gloria do Grande Architecto

---

(a) No original — Houzé! houzé! houzé! palavras que se pronunciam, como as que no texto se leem. No Man. do Franc-Maçâo — Houzá! houzá! houzá!

do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho da França, [1] a Loja d'Aprendizes Mações, do rito (*o nome do rito*) sob o titulo distinctivo de (*o nome da loja*) Oriente de (*o nome da cidade*) esta aberta; tomae os vossos logares.

Todos se assentam.

Então o veneravel manda ler pelo secretario a acta da sessão precedente: na giria maçonica, a prancha da ultima sessão.

Se um irmão quer propor alguma rectificação, levanta-se, da uma palmada, estende automaticamente o braço direito para o vigilante da sua columna (é assim, que se pede licença para fallar, porque nas reuniões da loja ninguem pode abrir a bocca sem ter pedido e alcançado licença) e logo o vigilante avisa o veneravel de que um irmão da sua columna pede a palavra. Tendo o veneravel concedido a licença, o vigilante avisa o irmão, que, só então, pode fallar. Deve dirigir-se sempre ao veneravel, ou á loja, em geral, e nunca a um irmão, em particular. De resto nunca se permitte fallar, senão sobre a acta e a sua redacção.

Ouvidas todas as observações, e feitas as rectificações, que se reconheceram fundadas, ou então não fazendo ninguem observações, o 1.º vigilante da uma pancada de malhete e diz: — Veneravel, reina silencio em uma e outra columna.

Veneravel. — Convido o Irmão Orador a apresentar as suas conclusões.

Orador. — Eu concluo pela adopção da prancha dos nossos ultimos trabalhos.

A isto se limita com effeito todo o discurso do orador; elle conclue sempre, sem adduzir motivos.

Veneravel. — Meus Irmãos, attendendo ao silencio da Loja, e ouvidas as conclusões do nosso caro Irmão Orador, a prancha é adoptada. Sanccionemol-a pela nossa approvação.

Cada um, imitando o veneravel, estende o braço direito, e deixa cair estrondosamente a mão sobre a coxa. D'esta vez ficam as coisas por aqui; a acta é difinitivamente approvada.

Tudo o que precede, constitue o que se chama trabalhos de familia, nos quaes só os membros da loja podem tomar parte. Quando algum irmão extranho á loja quer assistir á sessão, fica até este momento nos passos perdidos, em companhia do irmão servente, guarda exterior do templo.

O veneravel, depois da adopção definitiva da acta. — Irmão Mestre de Cerimonias, tende a bondade d'ir ao atrio do templo e saber se ha Irmãos Visitadores.

(1) Se a loja segue o Rito Francez, o veneravel diz: «em nome e sob os auspicios do Grande Oriente da França.»

O mestre de cerimonias obedece, e vae passar uma vista d'olhos pelos passos perdidos. Se lá não está nenhum irmão visitador, depressa se conclue a diligencia. Se ao inverso ha irmãos visitadores, que pedem para entrar no templo, o mestre de cerimonias torna a entrar, colloca-se entre os dois vigilantes e diz: — Veneravel, alguns irmãos Visitadores, extranhos a esta Respeitavel Officina, em numero de... pedem licença para participar dos nossos trabalhos.

O veneravel encarrega então o grande experto de ir examinar os visitadores, isto é reconhecer se realmente elles são mações. Se os visitadores são numerosos, manda mais d'um experto. A formalidade do exame consiste 'num interrogatorio regulamentar, perguntas d'ordem, signaes, toques, palavras de passe, palavras sagradas [1] etc. Segundo os estatutos, o grande experto deveria não só examinar os visitadores, mas tambem exigir-lhes os seus titulos maçonicos, taes como diplomas, breves, patentes; mas na pratica, quando um visitador responde satisfactoriamente ao exame, não se lhe pedem os papeis. Muitas vezes até se supprimem as numerosas perguntas d'ordem do ritual, e o exame reduz-se a exigir o toque, a palavra de passe, a palavra sagrada, e a do semestre.

Durante o exame, permanece nos passos perdidos, entre os visitadores, um mestre de cerimonias adjuncto.

Tendo regressado, os expertos dão conta da sua missão, e eis o que se passa, se os visitadores satisfizeram plenamente ás formalidades sacramentaes:

Veneravel. — Irmão 2.º Vigilante, dae parte ao Irmão Mestre de Cerimonias Adjuncto de que pode introduzir os Irmãos Visitadores reconhecidos, com as honras devidas á sua graduação e dignidades. (Relativamente a estas honras, vejam-se os Regulamentos Geraes.)

Feita uma breve allocução para dar as boas-vindas aos visitadores, o veneravel manda applaudir maçonicamente a sua presença (pela bateria do grau de aprendiz) e os convida a sentarem-se nos logares, que lhes competem.

Ao entrar, cada visitador não se esqueceu de fazer o signal mysterioso do grau de aprendiz, e de caminhar de certo modo.

Quando um irmão visitador chega tarde, bate á porta, da maneira convencionada. O irmão cobridor entreabre, examina-o rapidamente, e torna a fechar.

---

(1) No fim de cada parte d'esta obra, verá o leitor um capitulo totalmente consagrado a todos estes segredos especiaes, palavras e signaes de convenção dos diversos graus.

Então o 1.º vigilante da uma pancada de malhete, e diz: — Veneravel, bateram agora maçonicamente á porta do templo.

Veneravel. —Irmão 2.º Vigilante, mandae ver quem é o Irmão, que bate d'esse modo.

2.º vigilante — E' um Irmão Visitador, Veneravel, que pede para entrar 'nesta Respeitavel Officina.

Introduzem o tardio visitador, que esboça o signal mysterioso, e executa os passos convencionados.

Veneravel.— Meu Irmão, d'onde vindes?

Visitador.— Da Loja de S. João, Veneravel.

Veneravel. — Que trazeis de la?

Visitador. — Submissão a vos, Veneravel; alegria, saude e prosperidade a todos os Irmãos.

Veneravel. — Não trazeis mais nada?

Visitador. — O Mestre da minha Loja vos sauda por 3 vezes 3.

Veneravel. — Que se faz na Loja de S. João?

Visitador. — Elevam-se templos á virtude, e cavam-se masmorras ao vicio.

Veneravel. — Que vindes fazer aqui?

Visitador. — Vencer as minhas paixões, submetter os meus appetites, e realisar novos progressos na Maçonaria.

Veneravel. — Desempenhaes algum cargo na vossa Officina?

Visitador. — Desempenho (ou não) Veneravel.

Veneravel. — Que pretendeis vos, meu Irmão?

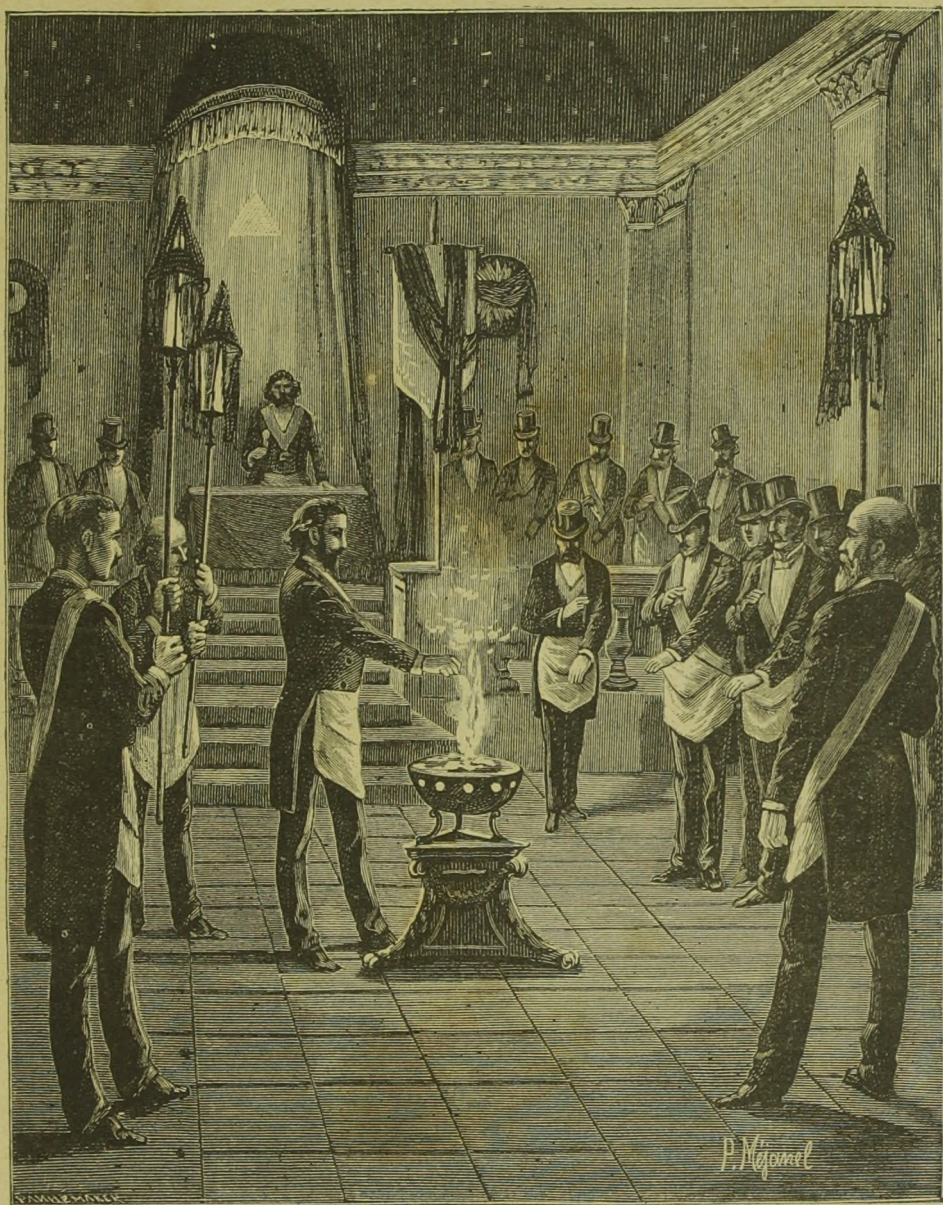
Visitador. — Um logar entre vos.

Veneravel. — Está á vossa disposição; ide pois occupar o que vos é destinado.

Se o visitador é simples mestre, vae sentar-se 'num dos bancos lateraes; se está revestido d'um grau elevado, sobe ao oriente, e senta-se 'num dos bancos circulares. Algumas vezes, a titulo de prova, o veneravel fal-o parar, por um gesto, a meio caminho, e aponta-lhe as columnas; mas o visitador d'alta graduação não deve fazer caso d'esta advertencia, que não passa d'um ardil, e toma assento no estrado.

Como o leitor vê, não é pouco o tempo, que se perde, no meio de todo este pretencioso ceremonial. Tanto peior para o candidato, que se arrepella na camara dos esqueletos!

Emfim, depois da leitura da correspondencia, feita pelo secretario, o veneravel informa a assemblea do fim da convocação (que ella aliaz conhece pelas circulares) — iniciação d'um profano admittido por dois escrutinios consecutivos, realisados em sessões precedentes. Podem ser simultaneamente iniciados mais d'um candidato. A loja da então consentimento definitivo para admis-

EXPULSÃO D'UM IRMÃO MAU PAGADOR

Declaramos expulso este Irmão, reu de lesa-honra, por não pagar as suas fintas.
Gemamos, meus Irmãos! gemamos! gen amos!

são ás provas, estendendo todos os presentes a mão direita, e deixando-a cair em seguida ruidosamente sobre a coxa.

O veneravel ao grande experto.—Irmão Terrivel, ide ter com o Profano, pedi-lhe a resposta ás questões, que lhe foram propostas e o testamento exigido; em seguida tral-o-heis á porta do templo, onde annunciareis a sua presença.

O irmão terrivel obedece. Dirige-se á camara das reflexões, pega do testamento e das respostas ás trez questões, espeta este papel na ponta d'uma espada, e o mestre de cerimonias o leva assim em triumpho á loja. O mesmo colloca tambem no altar a bolsa, o relogio, o annel do profano, e em geral todos os objectos de valor, que este trazia comsigo.

O veneravel lê o testamento á assemblea, bem como as trez respostas. Este documento fica em seguida no archivo.

Depois d'isto, o irmão terrivel vae de novo ter com o profano, e o prepara para a recepção. Eis em que consiste esta preparação:

Tira-se ao candidato o chapeu, o casaco, e a bota do pe esquerdo, que é substituida por uma chinela; arregaça-se-lhe a perna direita das calças, ate acima do joelho; despe-se-lhe do lado esquerdo o collete e a camisa, de sorte que lhe fique o braço e o seio a descoberto; sendo a estação fria, lança-se-lhe um manto pelos hombros; finalmente vendam-se-lhe os olhos com uma especie de mascara, exactamente egual á que, em linguagem de baile os francezes chamam *loup* [a] menos nos orificios para os olhos, que a mascara maçonica não tem.

Nas Lojas, que timbram em se conformar escrupulosamente com as tradições antigas, o candidato fica inteiramente nu, e é levado por uma soga, atada ao pescoço. [b]

Em estando prestes, fazem dar ao candidato um bom par de piroetas sobre si mesmo; depois, tendo-lhe feito subir e descer todas as escadas, conduzem-no á sala dos passos perdidos. Ahi, empurram-no violentamente contra a porta, de sorte que 'nella o façam bater duas a trez vezes.

A comedia da recepção principia por um dialogo do interior para o exterior do templo.

No interior:

O 2.° vigilante, dando uma pancada de malhete. — Irmão 1.° Vigilante, ouvistes? Bateram agora á profana á porta do templo.

O 1.° vigilante, dando tambem uma pancada de malhete. — Veneravel, um Profano bateu agora á porta!

Veneravel. — Vede quem é o temerario, que assim ousa perturbar os nossos trabalhos!

O irmão cobridor entreabre a porta sem ruido, põe ao peito

---

(a) Mascara de seda, ou outro estofo, que cobre o rosto, ate quasi á extremidade do nariz.

(b) Esta segunda disposição é de preceito no Man. Justo é que quem vae reduzir-se á condição das bestas, pela abdicação plenissima do livre arbitrio, e pela desenfreada licença nos costumes, seja levado como besta.

nu do neophyto a ponta embotada da sua espada, e diz com voz forte:

— Quem é esse atrevido, que tenta forçar a entrada do templo?

Irmão terrivel. — Socegae, meu Irmão. Ninguem tem intenção de penetrar contra vossa vontade 'neste sagrado recinto. O homem, que agora bateu, é um Profano, que deseja ardentemente receber a luz e humildemente a supplica á nossa Respeitavel Loja.

A porta fecha-se de novo sem rumor.

No interior:

O 2.º vigilante, alterado. — Irmão 1.º Vigilante, o Irmão Terrivel pede para introduzir um Profano no templo.

O 1.º vigilante, com uma alteração ainda maior. — Veneravel, o Irmão Terrivel apresenta um Profano, que pede para ser admittido entre nos, se for julgado digno.

Veneravel, em voz retumbante. — Meus Irmãos, tomae as vossas espadas! está á porta do templo um Profano... Que pretende elle? que procura elle?

1.º vigilante — Elle esta ancioso de receber a luz; não pretende nada, supplica.

Veneravel. — Não importa! Realmente é preciso, que seja bem confiado, para ter concebido a esperança de alcançar tal favor!

O irmão terrivel, sempre fora da porta, e tendo o neophyto pelo braço. — Meus Irmãos, este Profano é um homem livre e de bons costumes.

Os dois vigilantes repetem no interior este annuncio, dirigindo-se o 2.º ao 1.º vigilante, e este ao veneravel.

Veneravel. — Visto que o Irmão Terrivel assim o affirma, mandae perguntar a esse Profano o seu nome e appellidos, edade, naturalidade, profissão e residencia actual.

O irmão cobridor faz a pergunta ao irmão terrivel atravez da porta. Este responde pelo neophyto; o 2.º vigilante transmitte ao 1.º as respostas, e o 1.º repete-as ao veneravel.

Veneravel. — Perguntae a esse temerario se a sua intenção é realmente ser admittido na Maçonaria.

Nova transmissão da pergunta e da resposta affirmativa, pelos mesmos internuncios.

Veneravel. — Mandae-o entrar.

1.º vigilante. — Mandae-o entrar.

O 2.º vigilante ao cobridor. — Mandae entrar o Profano.

O irmão cobridor abre a porta, emquanto um dos expertos, pelo ranger d'um instrumento provido de grandes molas, imita o correr d'enormes ferrolhos.

O irmão terrivel, sempre com o neophyto pelo braço. — Estendei bem a perna; ha ahi um pequeno fosso para saltar.

Entram. Tudo guarda o mais profundo silencio.

O 2.° e 1.° vigilante, successivamente. — O Profano está entre columnas.

Fecha-se a porta sem ruido, por traz do neophyto. O grande experto mette-lhe de novo ao peito nu a sua espada.

Veneravel. — Profano! Que sentis sobre o peito? que tendes em cima dos olhos?

A resposta é soprada ao profano pelo irmão terrivel.

Neophyto. — Uma espessa venda me cobre os olhos, e sinto sobre o seio a ponta d'uma arma.

Veneravel. — Senhor, esse ferro, sempre erguido para punir o perjurio, é o symbolo do remorso, que vos dilaceraria o coração, se, por desgraça vossa, viesseis a ser traidor á sociedade, em que pretendeis entrar; e a venda, que vos cobre os olhos, é o symbolo da cegueira, em que jaz o homem dominado pelas paixões, e mergulhado na ignorancia e superstição.

Pausa.

Veneravel. — Senhor, as qualidades, que nós exigimos, para admittir alguem, são a maxima sinceridade, uma docilidade absoluta, uma constancia a toda a prova. As vossas respostas ás perguntas, que vos vou dirigir, nos farão julgar, que devemos pensar de vos.

Começa então o primeiro interrogatorio. D'esta vez o irmão terrivel não torna a assoprar as respostas.

Perguntas regulamentares feitas pelo veneravel ao neophyto:

— Que designio tendes em vos apresentardes aqui, e quem vos suggeriu tal passo? Não tem porventura 'nelle o maior quinhão a curiosidade? Que opinião formastes da Maçonaria? Respondei com franqueza, e primeiro que tudo sede verdadeiro. — Estaes prompto a soffrer as provas, por que deveis passar? — Sabeis que obrigações se contrahem entre nos? — Quem vos apresenta a esta Loja? — Conhecieil-o ha muito? — Não vos preveniu elle do que fazem os Mações? — Que reflexões produziram no vosso espirito os objectos que se vos offereceram á vista no logar onde estivestes encerrado? — Que pensaes ácerca do estado, em que vos achaes? — Que juizo fazeis d'uma sociedade em que se exige, que o candidato seja introduzido 'num estado, que vos deve parecer estranho? — A vossa confiança, e procedimento não são na verdade um pouco inconsiderados? — Não deveis por ventura receiar que abusemos do estado de fraqueza, a que vos deixastes reduzir? Sem armas, sem defeza, e quasi nu, entregaes-vos á discrição de pessoas, que não

conheceis. — O exame moral a que sois submettido, inspira-vos algum temor?

A cada pergunta, o veneravel espera a resposta do neophyto, e lhe faz as objecções, de que é capaz a sua intelligencia e caracter.

Insiste sobretudo na opinião, que elle tem da Maçonaria; e, dada a resposta, diz solemnemente: — Senhor, a Maçonaria é uma instituição, que so procede de si mesma. Assume na razão o seu principio, e por isso é universal. Tem uma origem propria, que não deve confundir-se com a das religiões, e, deixando a cada um a liberdade de crença, emancipa-se de toda a dominação religiosa. [a] Posto que estavel no seu dogma fundamental, a Maçonaria é antes de tudo progressiva, e não impõe limite algum á investigação da verdade.

Se o julga opportuno, o veneravel faz em seguida algumas perguntas particulares ao profano, tendo em vista as informações, que se colheram, sobre o seu procedimento. Depois prosegue a recepção.

Veneravel. — Senhor, toda a reflexão sobre o passo que daes seria pouca. Ides soffrer, mais uma vez vol-o digo, provas terriveis. Sentis coragem, para arrostar todos os perigos, a que vades ser exposto?

Resposta affirmativa do neophyto. [1]

Veneravel. — 'Nesse caso, não respondo mais por vos.

Pausa.

Veneravel. — Irmão Terrivel, arrastae este profano para fora do templo, e conduzi-o por toda a parte, por onde deve passar o mortal, que aspira a conhecer nossos segredos.

Agarram do neophyto, e sacudindo-o um pouco, levam-no para a sala dos passos perdidos. Ahi, para o desnortearem, fazem-no remoinhar em piroetas, como á saida da camara das reflexões. Em seguida tornam-no a levar á entrada do templo, cuja porta se abriu de par em par.

---

(1) Ocioso é dizer, que, se por acaso a resposta é negativa, a iniciação não continua.

(a) O leitor notara, no decurso d'esta obra, que a Maçonaria procura levar pouco a pouco e dissimuladamente os seus adeptos ao ponto d'impiedade e corrupção indispensavel, para acceitarem franca e resolutamente o execrando fim da sociedade, e cooperarem efficazmente para elle. Se é mister, na camara das reflexões, mostra-se christã: aqui revela-se indifferentista. Primeiro propina o erro, a coberto de algumas verdades, de que o acompanha: vae-lhe depois gradualmente cerceando a capa, até o apresentar nu nos graus superiores.

E' muito para observar, com que astucia, durante a iniciação nos primeiros graus, se vão minando os fundamentos da fe.

Abalada esta, a Maçonaria ataca os costumes, declarando ao iniciado no 2.º grau, que pode visitar as lojas de adopção (serralhos maçonicos) o que admiravelmente serve para acabar de lhe derruir as crenças, e dar-lhe ao coração, no fogo e lama do vicio, a tempera conveniente aos intentos da seita.

Não muito longe d'esta, collocou-se um grande quadro, vedado por numerosas camadas de papel forte, e supportado por alguns irmãos, d'uma e outra parte. Não seria possivel comparar melhor este apparelho, que aos arcos, que as cavalleiras dos circos atravessam.

Irmão terrivel. — Que se deve fazer do Profano?

Veneravel. — Introduzi-o na caverna!

A esta ordem, dois irmãos vigorosos empolgam o neophyto, e o atiram com toda a força contra o quadro, cujos papeis se rompem e lhe abrem passagem. Outros irmãos o recebem 'num colchão estendido do lado opposto. Tornam-se a fechar com grande estrondo as duas meias portas. Uma argola de ferro, corrida repetidas vezes por uma barra dentada do mesmo metal, simula o ruido d'uma enorme fechadura, que se fechasse a muitas voltas. Todos guardam o mais stricto silencio. O neophyto persevera estirado ao comprido no colchão, que foi pousado em terra.

Passados alguns momentos, o veneravel da no altar uma grande pancada de malhete.

Veneravel. — Tornae a levantar o Profano, levae-o ao pe do 2.º Vigilante, e fazei-o pôr de joelhos.

Esta ordem é immediatamente executada.

Veneravel. — Profano, associae-vos á supplica, que por vós vamos dirigir á causa motriz de todas as coisas... Meus Irmãos, humilhemo-nos perante o Grande Architecto do Universo; reconheçamos o seu poder e a nossa fraqueza. Contenhamos os nossos espiritos e corações nos limites da equidade, e esforcemo-nos, por nossas obras, para nos elevarmos até elle. Elle é uno e infinito, existe per si mesmo, revela-se em tudo e por toda a parte, e é tudo. Digna-te, o Grande Architecto do Universo, de proteger os obreiros de paz reunidos no teu templo; anima o seu zelo, fortifica a sua alma na lucta contra as paixões; inflamma o seu coração no amor da virtude, e da-lhes a eloquencia e perseverança necessarias, para fazerem amar o teu nome, e observar as tuas leis, e lhes dilatarem mais amplo imperio. Concede a este Profano a tua assistencia, e sustenta-o com teu braço tutelar no meio das provas, que vae soffrer. Assim seja, *amen!*

Todos os assistentes, a uma voz. — *Amen!*

Veneravel. — Profano, persistís ainda?

Resposta affirmativa do neophyto, a quem mandam, que se levante.

Veneravel. — 'Nesse caso confiae-vos á mão desconhecida, que vos vae dirigir os passos.

O irmão terrivel dá a mão ao neophyto, e o conduz para bastante perto do estrado, entre as columnas, que de novo guardam silencio.

Veneravel. — Profano, eu sou aqui o representante da Sociedade, em que quereis entrar. Antes d'esta Sociedade consentir em admittir-vos definitivamente ás provas, cumpre que eu vos sonde o coração relativamente aos primeiros principios da moral... Respondei pois ainda francamente ás novas perguntas, que vos vão ser dirigidas...

E, primeiramente, se vos ameaçasse um perigo terrivel, em quem porieis a vossa confiança?

Resposta do neophyto.

O veneravel replica, segundo a resposta; depois accrescenta;
— Vamos começar o exame moral. Sentae-vos, Senhor.

Por traz do neophyto foi collocado um escabello eriçado de pregos (com as pontas mettidas na madeira) e supportado por pes deseguaes.

E' 'nestas ridiculas condições, que tem logar o exame moral.

O veneravel propõe questões, o neophyto responde, e o veneravel replica.

As questões são as seguintes:

1.º — Que vem a ser ignorancia? e porque é que os ignorantes são obstinados, irasciveis e perigosos? 2.º — Dizei-nos que opinião tendes sobre o fanatismo e a superstição. 3.º — Que é erro? 4.º — Que é prejuizo? 5.º — Que é mentira? 6.º — Que são paixões? Serão ellas uteis ao homem? 7.º — Que são costumes? 8.º — Que é moral? 9.º — Que é moralidade? 10.º — Que é lei? e que é lei natural? 11.º — Que é virtude? 12.º — Que é honra? 13.º — Que é barbarie? 14.º — Que é vicio?

Das replicas, que o veneravel faz ás respostas do neophyto, não sera mau reproduzir a que se considera como definição do fanatismo e da superstição.

Fanatismo, diz o veneravel, é um culto insensato, um erro sagrado; é uma exaltação religiosa, que, pervertida a razão, leva o homem a acções condemnaveis, com o intuito de agradar a Deus; diz-se: «os furores do fanatismo.» E' um descaminho moral, uma enfermidade mental, infelizmente, contagiosa. O fanatismo, uma vez arraigado 'num paiz, adquire 'nelle o caracter e auctoridade d'um principio, em nome do qual os seus rabidos partidarios fizeram morrer, nos seus execraveis *autos-de-fe*, milhares d'innocentes.

Por analogia, da-se este nome ao desejo ardente do triumpho da opinião propria, da execução dos proprios projectos, etc.; na maior parte dos fanatismos não ha outro perigo, senão o do seu abuso, porque sem elles o homem nada faz de grande. Mas evitemos e combatamos o cego fanatismo religioso!... Superstição (do latim *super*, sobre, *stare*, estar de pe: coisa sobrenatural) é um culto falso, um culto mal comprehendido, cheio de vãos terrores, con-

trario á razão, e ás sãs ideas que devemos ter de Deus. [1] A superstição é a religião dos ignorantes, das almas timoratas e ate dos sabios, que, por falta de critica, não se atrevem a sacudir o jugo do habito. A mor parte das religiões não passam de superstições concebidas pelo temor, que podem levar ao fanatismo; este ultimo pode elevar a alma, a superstição somente a envilece. Um e outro são os maiores inimigos da felicidade dos povos.

A definição maçonica da mentira contem uma curiosa subtileza, que tambem convem relevar. — « Dizer mentiras, declara o veneravel, é referil-as; isso não é mentir.»

Concluido o exame moral, da-se principio á serie das provas; porque « a introducção da caverna », ao que parece, não entra na conta.

Veneravel. — Senhor, respondestes, como convinha. Pela vossa parte, tende a bondade de me declarar com toda a lhaneza, se o que eu vos disse vos satisfez plenamente.

Resposta do neophyto.

O veneravel, depois d'uma pausa. — Senhor, é para pôr um freio salutar ás nossas vis propensões, aos impetos da ambição, é para nos elevarmos acima dos ignobeis interesses, que atormentam a multidão dos profanos, é para nos ensinarmos a acalmar o ardor das nossas paixões antisociaes, que nos reunimos em nossos templos.

Nós trabalhamos sem descanço no nosso aperfeiçoamento, habituamos o coração a não se entregar senão a affectos grandiosos, o espirito a não conceber senão pensamentos de gloria e de virtude. So regulando assim as inclinações e costumes é que o homem pode conseguir dar á sua alma esse justo equilibrio, que constitue a sabedoria, isto é, a sciencia da vida. Mas este trabalho é arduo, e requer muitos sacrificios, a que será forçoso resolverdes-vos, se fordes admittido entre nos. Ser-vos-ha mister assentar no firme proposito de trabalhar sem treguas no vosso aperfeiçoamento moral, se persistis no desejo de vos fazer Mação.

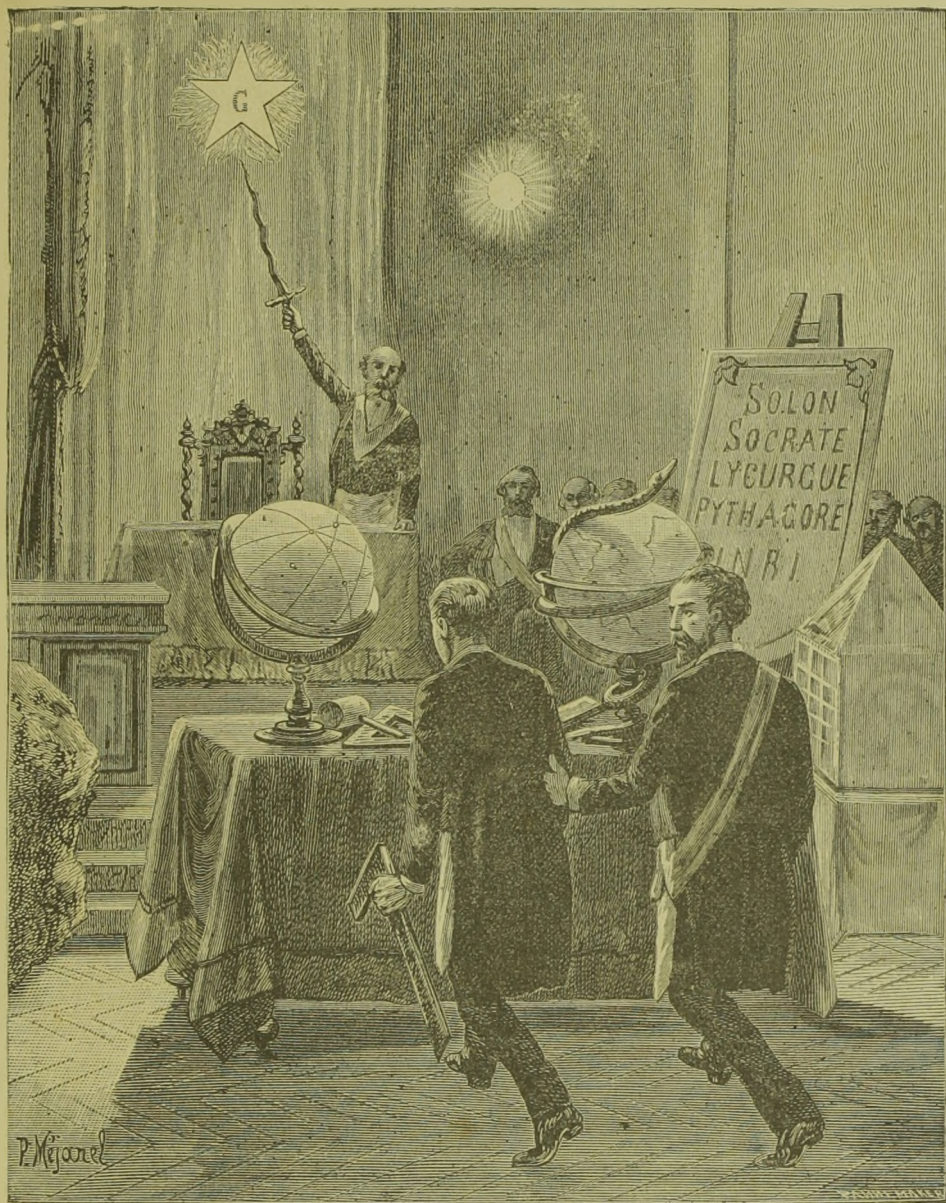
Continuaes 'neste intento, Senhor?

Resposta affirmativa do neophyto.

Veneravel. — Então vou fazer-vos conhecer as condições, com que sereis iniciado nos nossos mysterios, se sairdes victorioso das provas, por que vos resta passar... Senhor, toda associação tem leis, e todos os seus membros deveres reciprocos a cumprir; como seria imprudente impor-se alguem obrigações, cuja extensão igno-

---

(1) As nove ultimas palavras não as pronuncia o veneravel, se o neophyto é atheu ou sceptico.

INICIAÇÃO NO GRAU DE COMPANHEIRO

O neophyto e o irmão experto genuflectem diante da mysteriosa lettra G da estrella radiante.

rasse, proprio é da sabedoria d'esta respeitavel Sociedade advertir-vos das que vos incumbirão, se ella vos admittir no seu seio. A primeira é um silencio absoluto sobre tudo, quanto succeda ouvirdes ou descobrirdes entre nos. A segunda é praticar as virtudes mais suaves e mais beneficas, soccorrer vossos irmãos, prevenir suas necessidades, consolar seu infortunio, assistir-lhes com vossos conselhos, com vossas luzes, com vosso credito; estas virtudes, que, no mundo profano, são consideradas como qualidades ra-

ras, não são mais entre os Mações, que o habitual cumprimento d'um dever. A terceira das vossas obrigações sera conformar-vos com os Estatutos geraes da Maçonaria, obedecer ás leis particulares d'esta Loja e ás do rito, que 'nella se pratica, e executar tudo que vos for prescripto em nome da maioria d'esta respeitavel assemblea. Agora, Senhor, que vos indiquei os principaes deveres d'um Mação, persististis ainda? e estaes na firme resolução de continuar estas provas?

Resposta affirmativa do neophyto.

Veneravel. — Antes de ir mais longe, devo exigir-vos um juramento d'honra; mas este juramento deve ser feito sobre uma taça sagrada. Se sois sincero, podereis beber com confiança; mas se escondeis a falsidade no fundo do coração, não jureis, affastae quanto antes essa taça, temei o prompto e terrivel effeito da beberagem, que ella contem!... Consentis em jurar?

Resposta affirmativa do neophyto.

O veneravel ao irmão terrivel. — Fazei approximar esse Profano do altar.

O irmão terrivel conduz o neophyto ao fundo dos degraus do altar.

Veneravel. — Irmão Sacrificador, apresentae ao Profano a taça dos juramentos, tam fatal aos perjuros!

O irmão terrivel mette nas mãos do neophyto uma taça, com duas copas, que gyram em torno d'um eixo: d'um lado está agua, do outro um liquido, o mais amargo possivel.

Veneravel. — Profano, haveis de repetir o que vou dizer e pronunciar assim o juramento exigido... «Obrigo-me pela minha honra ao silencio mais absoluto sobre toda a especie de provas, que porventura me façam soffrer...»

O neophyto repete esta primeira phrase. Logo o irmão terrivel, fazendo-lhe pôr a mão direita sobre o coração, junctamente lhe da a beber uma pouca da agua pura contida na taça.

O veneravel continuando — «... E, se algum dia eu violar o meu juramento...» Repeti, Senhor...

'Neste ponto, emquanto o neophyto, sempre com a taça na mão esquerda, pronuncia este membro do periodo, o irmão terrivel, sem que elle possa perceber mais que uma leve pressão, faz gyrar a parte superior da taça, até que o compartimento da mistura amarga lhe fique diante dos labios.

Esta pelotica opera-se, 'num abrir e fechar d'olhos.

O veneravel, proseguindo — «... Consinto em que a doçura d'esta poção se converta em amargura (o neophyto repete) e em que o seu effeito salutar se troque para mim no d'um subtil veneno.»

Mal o neophyto, repetidas estas palavras, molha os labios no liquido substituido no logar do primeiro por aquella sorte de prestidigitação, o veneravel descarrega uma violenta pancada de malhete.

Veneravel, com voz forte. — Que vejo, Senhor? Que significa a subita alteração, que agora mesmo se vos manifestou nas feições? Desmentiria acaso a consciencia os protestos da bocca, e a suavidade d'esta bebida ter-se-hia ja convertido em amargura? . . . Retirae o Profano!

Levam, outra vez, brutalmente o neophyto para entre columnas.

Veneravel. — Se fazeis conta de nos enganar, Senhor, não espereis conseguil-o: a serie das provas nol-o manifestaria claramente. Mais vos valeria, crede-me, retirardes-vos immediatamente, emquanto tendes a faculdade de o fazer; porque um instante mais, e sera muito tarde. A certeza, que adquiririamos da vossa perfidia, ser-vos-hia fatal; terieis de renunciar para sempre a tornar a ver a luz do dia. Meditae pois seriamente sobre o que vos cumpre fazer.

Aqui uma nova pancada de malhete muito violenta.

Veneravel. — Irmão Terrivel, agarrae esse Profano, e atirae-m'o para o banco das reflexões!

O irmão terrivel impelle o neophyto muito rudemente para um assento, de pes como os d'uma cadeira de baloiço, o que produz uma oscillação assaz desagradavel para o que assim é, tam bruscamente, arremessado. Emquanto a cadeira vae e vem (e os expertos não se cançam de provocar sacudiduras, a que o profano, com os olhos vendados, não pode descobrir a causa) o veneravel prosegue: — Retiremo-nos, meus Irmãos. Deixemos este homem entregue á sua consciencia, e á obscuridade, que lhe vela os olhos, ajuncte-se o horror d'uma absoluta solidão!

Quatro, ou cinco irmãos arremedam com os pes o tropel de gente, que se vae. Observa-se durante dois minutos o mais completo silencio.

O veneravel, subitamente. — Eia pois, Senhor, pensastes bem na determinação, que vos cumpre tomar? Retirar-vos-heis, ou persistireis, pelo contrario, em affrontar as provas?

Resposta do neophyto, que declara persistir.

Veneravel. — Irmão Terrivel, tomae conta do Profano, e levae-o a fazer a sua primeira viagem; confio-o á vossa prudencia, reconduzi-nol-o são e salvo.

O irmão terrivel pega no neophyto por ambas as mãos, dizendo-lhe: «Erguei-vos» — e este deixa a cadeira de baloiço.

Então fazem-no dar uma volta á loja, partindo do occidente para o oriente pelo sul, e regressando ao occidente pelo norte.

Esta primeira viagem é particularmente molesta para o neophyto: não passa d'uma interminavel serie de farças de mau gosto. A principio fazem-no andar lentamente, a passo curto; depois, sem transição, arrastam-no com grande ligeireza. Estacam de subito, e dizem-lhe: «Abaixae-vos: ha ahi um arco.» Fallam-lhe d'uma barreira a traspassar, e tem de saltar ao acaso. «Levantae o pe direito» lhe dizem em certo ponto, como se se tractasse de subir uma escada: não ha alli escada alguma, e o profano da um passo em falso. Caminha sobre tabolados moveis, assentes em rodinhas, e ouriçados d'asperezas, que lhe fogem debaixo dos pes.

Passa sobre outros tabolados inclinados, de balanço, que de repente cedem sob elle, e parecem arrastal-o para um abysmo.

A prova mais estupida é a da *escada sem fim.*[a] Imagine o leitor uma escada de moleiro montada entre duas ranhuras verticaes, pelas quaes escorrega. Divide-se o apparelho em duas partes, o que permitte sobrepor constantemente a devoluta á outra, que vae descendo. O profano levado á escada, sobe, sobe, sem suspeitar que o seu movimento ascencional é absolutamente aniquilado pelo de descida do apparelho. D'este modo por mais que suba interminaveis degraus, está sempre no mesmo sitio, como um esquilo que voltea na sua roda. O irmão terrivel, tranquillamente recostado ao pé da machina, e tendo o profano pela mão, fica desembaraçado para em todo o tempo mover o braço de modo a seguir a pseudo-ascensão da sua victima e acabar assim de a illudir. Conservam o neophyto na escada sem fim o mais, que é possivel: algumas vezes tem-se prolongado esta estulta brincadeira até meia hora. O desgraçado arqueja, não pode mais, esta litteralmente extenuado.

Quando parece, que ja não pode dar um passo, param a machina e adaptam á parte superior uma pequena plataforma. «Coragem, diz o irmão terrivel; mais seis degraus, e alto; estaremos no cimo da torre.» O neophyto concentra as ultimas forças e chega á plataforma. Rodeam-no logo uns vinte assistentes, que se põe a assoprar-lhe com uma valentia de deitar os bofes pela boca, ou a agitar grandes ventarolas.

Irmão terrivel.— Estamos a uma altura de 500 metros sobre o nivel do mar. Atirae-vos aos ares.

E, por pouco que o infeliz burlado hesite, empucham-no, e

---

(a) Nos *Admiradores da Lua*, cap. VI (a pag. 151 e 155 da edição portugueza) descreve o auctor, e representa em gravura esta machina. D'esse logar se vê, que ella é similhante á uma roda d'agua vertical. A sua peça maior é formada por dois discos de madeira parallelos, unidos por pranchas, que servem de degraus, e move-se por meio d'uma manivella.

Mas esta descripção parece divergir da que acima se vê, talvez porque haja escadas sem fim de duas construcções.

cae, da altura de dois metros, sobre o mesmo colchão, que primeiro servira para a introducção na caverna.

Durante toda esta primeira viagem, não faltou aos assistentes, que fazer.

O templo foi munido de numerosos instrumentos d'illusão, dispostos para produzir uma matinada inexprimivel. Cylindros de lata, cheios d'areia, girando em torno d'um eixo por meio d'uma manivella, fingem o crepitar da saraiva; outros, friccionando na sua rotação um tecido de seda fortemente distendido, imitam o sibilar d'um vento rijo; immensas folhas de lata, suspensas á abobada por uma extremidade, e sacudidas á mão, simulam o ribombar do trovão e o estralar do raio. (1) Ainda para mais, os assistentes augmentam este espantoso fracasso, dando gritos de dor, vagidos de creança, urros de bestas selvagens. Que bella instituição não é inquestionavelmente a Maçonaria?

Emfim o profano, moido, desfeito, é arrastado até ao occidente, e lá, para lhe restituir as forças, dá-se-lhe uma boa descarga electrica, com uma garrafa de Leyde.

A este formidavel abalo, elle solta forçosamente um grito. O 2.º vigilante corre immediatamente e lhe apoia com vigor o malhete sobre o peito.

2.º vigilante. — Quem vem lá?

Irmão terrivel. — E' um profano, que pede para ser admittido por Mação.

2.º vigilante. — Como se atreveu elle a fazer tal pedido?

Irmão terrivel. — E' que elle é livre e de bons costumes.

Tornam a levar o neophyto para entre columnas.

2.º vigilante. — Visto ser assim, que passe.

1.º vigilante, dada uma pancada de malhete na sua mesa. — Veneravel, terminou a primeira viagem.

O veneravel ao profano. — Então, Snr., podeis explicar esta viagem, e dizer-me as impressões, que vos causou?

---

(1) Está ainda na memoria de todos, que, no domingo, 11 d'outubro de 1885, os representantes das commissões e jornaes republicanos se reuniram em Paris, para deliberarem sobre os meios de remediarem a sua derrota eleitoral do domingo precedente. As eleições legislativas tinham dado, no primeiro escrutinio, uma consideravel maioria aos conservadores, dos quaes, d'uma só vez, haviam saido eleitos 189. De sorte que, perante esta alluvião, moderados, opportunistas, radicaes e revolucionarios decidiram dar-se as mãos. Foi no Palacio do Grande Oriente da França, que se reuniu a assemblea. O *Temps*, no numero de terça feira, 13 d'outubro, deu noticia d'esta reunião. Aqui offerecemos ao leitor um divertido incidente maçonico referido 'nesse jornal.

«Tendo-se reconhecido que a sala, que primeiro se escolhera, era pequena de mais, relata o *Temps*, foi necessario mudar e subir para o andar superior. Ahi, nova surpreza: havia apenas 5 minutos, que estavam no Templo Vermelho, quando se ouviu o retroar do trovão. Parece que é o Snr. Tony Révillon, que se entretem a desandar a roda dos Mações, destinada a imitar as detonações do raio, durante as provas da iniciação. Tractam de o averiguar, rindo ás gargalhadas, emquanto um creado do Grande Oriente, indignado por esta profanação, vem tomar conta do seu faz-trovões e o leva nos braços.»

Resposta do neophyto.

Replica do veneravel. — Senhor, a viagem, que agora concluistes, é um emblema da vida humana; o tumulto das paixões, o choque dos diversos interesses, as difficuldades das emprezas, o embaraço dos negocios, os obstaculos que vos fazem pullular debaixo dos pés competidores empenhados em prejudicar-vos e sempre dispostos a repellir-vos, os odios, as traições, as desgraças, que ferem o homem virtuoso, tudo isso é figurado pelo ruido e fracasso que vos aturdiram os ouvidos e pelos accidentes e difficuldades do caminho, que percorrestes. Talvez já tenhaes experimentado uma parte d'esses males, que perturbam a vida profana! Coragem, Senhor! a Maçonaria ensina a supportal-os, e proporciona consolações salutares e compensações.

Em seguida a esta explicação, o veneravel faz algumas perguntas ao neophyto a proposito do seu testamento e das respostas, que elle deu por escripto, no papel do cubiculo dos esqueletos.

Se 'nessas respostas o profano fez qualquer profissão de atheismo, ou incredulidade, não se lhe falla em Deus, para lhe não dar motivo de explicações, que poderiam offender uma parte da assemblea (principalmente os irmãos recentemente admittidos).

Tudo corre inteiramente ao avesso, se elle manifestou crenças religiosas. 'Neste caso exalta-se-lhe o deismo voltaireano.

Veneravel. — E agora, Irmão Terrivel, fazei proceder á segunda viagem.

'Nesta viagem, que, como a primeira, se faz do occidente para o oriente, mas partindo pelo norte e voltando pelo sul, o neophyto ja não é submettido áquellas constantes semsaborias. Nenhum estorvo lhe embarga o passo. O unico ruido, que escuta, é um tilintar d'espadas, produzido pelos assistentes, que roçam umas pelas outras as suas durindanas de ferro batido.

Tendo regressado ao occidente, é levado pelo irmão terrivel ao 1.° vigilante, sobre o hombro do qual, por ordem d'aquelle, da trez leves pancadas.

1.° vigilante. — Quem vem la?

Irmão terrivel. — E' um Profano, que pede para ser admittido por Mação.

1.° vigilante. — Como se atreveu elle a fazer similhante pedido?

Irmão terrivel. — E' que elle é livre e de bons costumes.

1.° vigilante. — Visto ser assim, que passe, e seja purificado pela agua!

A esta ordem, mergulham trez vezes a mão esquerda do neophyto 'num vaso cheio d'agua, e, tendo-lh'a enxugado, tornam a leval-o para entre columnas.

1.º vigilante, dada uma pancada de malhete. — Veneravel, está concluida a segunda viagem.

Veneravel ao profano. — Que reflexões vos suggeriu esta segunda viagem, Senhor?

Resposta do neophyto.

Replica do veneravel. — 'Nesta viagem, Senhor, devieis encontrar menos difficuldades e embaraço, que na primeira. Quizemos representar sensivelmente ao vosso espirito o effeito da constancia em seguir o caminho da virtude, que se torna cada vez mais agradavel, ao passo que 'nelle se procede. Esta perseverança no bem chega por fim a reduzir ao silencio esses clamores da inveja, dos quaes ouvistes apenas um debil murmurio.

O tinir das armas figura os combates, que o homem virtuoso é incessantemente constrangido a sustentar, para moderar suas paixões, e triumphar dos ataques do vicio. Recebestes uma triplice ablução para vos purificar o corpo, como a virtude vos deve purificar a alma. Esta purificação pela agua data da origem dos tempos. Este uso fundava-se na seguinte opinião, ensinada outrora nos proprios mysterios pelos sacerdotes egypcios: que nós nascemos já culpados, que esta vida é destinada a expiar faltas commettidas 'numa vida anterior, e que não podemos aspirar a uma sorte venturosa, emquanto ella estiver manchada por uma nodoa original. A razão e a philosophia reprovaram esta opinião, que foi um dos erros da metempsychose dos povos asiaticos.

Depois d'esta explicação, o veneravel insta de novo sobre as respostas escriptas, dadas pelo neophyto ás tres questões impressas da camara das reflexões. Pede-lhe ainda algumas declarações. Depois enceta investigações d'outro genero.

Veneravel. — Senhor, nas perguntas, que vos dirigimos, não nos guia um sentimento de vã curiosidade, ou de orgulho: não somos inquisidores de vossos pensamentos, que procuremos surprehender-vos na consciencia fraquezas, ou defeitos; mas primeiro que tudo desejamos conhecer-vos, e, como havieis de notar, escutamos as vossas respostas sem as combater, nem discutir. Procuramos em vos principalmente o que possuis de grande e elevado, para vos animar e elevar ainda mais. Fallae pois sem constrangimento, não receeis mostrar-nos os vossos lados bellos; se for necessario, ajudar-vos-hemos no exame sobre este assumpto. Vejamos, por exemplo, tendes dado no curso da vossa existencia profana alguma prova de dignidade? de grandeza d'alma? ou de desinteresse? Tendes praticado a justiça? a beneficencia? a prudencia? Ponde de parte toda a falsa modestia. Teremos o maximo prazer em escutar-vos e conhecer o vosso verdadeiro valor moral.

Resposta do neophyto.

Veneravel. — Irmão Terrivel, fazei proceder á terceira viagem.

Esta terceira viagem effectua-se em profundo silencio. O terreno esta completamente desimpedido. Caminham a largos passos. O neophyto é conduzido do occidente ao oriente, pelo sul. Tendo chegado ao oriente, cujos degraus lhe fizeram subir, o irmão terrivel toma-o pela mão, e d'esta vez é ao veneravel, que o neophyto dá trez leves pancadas sobre o hombro.

Veneravel. — Quem vem la?

Irmão terrivel. — E' um Profano, que pede para ser admittido por Mação.

Veneravel. — Como pôde elle conceber a esperança de receber um favor tal?

Irmão terrivel. — E' que elle é livre e de bons costumes.

Veneravel. — Se assim é, muito bem! que passe pelas chammas purgatorias, para que lhe não fique nada de profano!

No momento, em que o neophyto desce os degraus do estrado, para ir para entre columnas, por trez vezes o irmão terrivel o involve em chammas.

O instrumento de que para isto se serve chama-se lampada de «lycopodio.» [a] Consiste, 'num longo tubo de metal, terminado por uma lampada d'alcool, cercada d'um crivo, em forma de coroa. Os orificios d'este crivo deixam passar um pó muito inflammavel, denominado «lycopodio», que esta no interior, e é projectado sobre a chamma da lampada pelo sopro de quem emboca o instrumento. Este pó provem das capsulas do lycopodio, planta crypto gama da familia dos musgos.

1.º vigilante. — Veneravel, esta terminada a terceira viagem.

Veneravel. — Senhor, sois chegado ao termo das vossas viagens. Poderieis notar, que a ultima foi ainda menos custosa, que a precedente: é a recompensa da vossa perseverança em attingir o fim, que desejais alcançar.

Pausa.

Veneravel. — Senhor, todos os encomios seriam poucos, para louvar a vossa coragem. Não vos abandone ella comtudo, porque vos faltam ainda provas, a soffrer. A Sociedade, em que pedis para ser admittido, podera um dia exigir a vossa cooperação, para castigar um traidor; pode mesmo succeder, que, pela defeza da nossa Ordem, ella vos peça o derramamento do vosso sangue, ate á ultima gota. Estareis por isso?

Resposta affirmativa do neophyto.

---

a) O Man. do Franc-Mação chama-lhe fogacho.

A HISTORIA FALSEADA PELA MAÇONARIA

Em 1747, referem aos companheiros, o pretendente Carlos-Eduardo Stuart estabelece em Arras um capitulo de rosas-cruzes.

Veneravel. — Nos precisamos de nos convencer de que isso não é uma affirmação vulgar. Estaes resignado a que vos abram immediatamente uma vea?

O neophyto, tendo observado, que nenhuma das provas precedentes lhe causou grande damno, responde em regra affirmativamente.

Se porem hesita, o veneravel finge pensar, que as suas hesitações procedem de ter jantado ha pouco, e receiar por isso que d'uma sangria lhe resultem consequencias perigosas. «Irmão Cirurgião, diz então, aproximae-vos do Profano e tomae-lhe o pulso.» Um experto executa esta formalidade, e assevera, que se pode fazer a sangria sem inconveniente.

Portanto, quer o neophyto hesite, quer não, representa-se nova comedia.

Veneravel. — Irmão Cirurgião, cumpri o vosso dever.

Um experto toma o braço do neophyto, e o pica com bastante força, com a ponta d'um palito. Outro irmão munido d'um vaso de gargalo muito estreito, que tiveram a precaução d'encher d'agua tepida, inclina-o, faz cair um fio d'agua extremamente delgado no braço do neophyto, e d'ahi 'numa bacia; derrama o resto com estrondo, de modo que o paciente cuide que é o seu sangue a correr.

A operação conclue-se da maneira costumada, e, terminada ella obrigam o neophyto a trazer o braço ao peito.

Mas não imagine o leitor, que está encerrada a serie das troças.

Resta ainda a prova do ferro em braza.

Veneravel. — Senhor, todo Profano, que entra na Maçonaria, cessa de pertencer a si mesmo; ja não é senhor seu, mas pertence a uma Ordem secreta, espalhada por toda a face da terra. E, para que a diversidade das linguas não impeça um Mação de ser reconhecido por tal, existe em todas as lojas do universo um sinete coberto de caracteres hieroglyphicos, que so os verdadeiros Mações conhecem. Este sinete applica-se em braza ao corpo de todo Irmão novamente recebido, no qual imprime um signal indelevel. Consentis em receber, na parte que indicardes, este caracter glorioso, para que possaes dizer, mostrando-o aos vossos Irmãos: «Tambem eu sou Mação!»

Resposta affirmativa do neophyto.

A operação do «sinete maçonico» faz-se de muitos modos. O Ritual diz, que um dos expertos deve esfregar com um panno sêcco a parte indicada, e chegar-lhe muito rapidamente um bocado de gelo. Mas os processos mais usados nas lojas são os seguintes. Applica-se no sitio indicado pelo profano, ou a extremidade quente

d'uma vela, apagada 'naquelle momento, ou o pe d'um calix, ligeiramente aquecido, com papel, que 'nelle se queimou.

Passa-se por fim a outro exercicio.

Mas d'esta vez, se o motivo allegado para a prova é uma descarada mentira, pelo contrario, como se tracta de fazer largar dinheiro ao neophyto, a comedela é uma pura realidade.

Veneravel. — Senhor, é chegado o momento de pordes em pratica o segundo dever do Mação. Tendo vindo á noticia da viuva d'um Irmão nosso a vossa recepção de hoje, reclama ella desde esta propria manhã a vossa assistencia para si, e para os seus orphãos, mergulhados na mais horrorosa miseria. Vou enviar-vos o membro da Loja encarregado da distribuição dos soccorros, e dir-lhe-heis em voz baixa o que destinaes para allivio d'esta desditosa familia. Digo «em voz baixa», Senhor, porque os actos de beneficencia d'um Mação nunca devem ser actos de ostentação ou vaidade; estes actos devem ser para elle o cumprimento d'um dever, e ficar sepultados no segredo. Consultae as vossas posses, ao mesmo tempo que consultaes o coração, para não excederdes o que vossos recursos vos permittem offerecer a esta desgraçada viuva e a seus filhos, que se vos recommendam. Não pedimos aqui mais, que o justo tributo da vossa caridade fraternal para com vossos similhantes.

Se o neophyto, adverte o Ritual, hesita em tomar uma resolução franca e determinada, o Veneravel deve insistir, pelas seguintes industriosas considerações:

Veneravel. — Esta caridade, que se vos pede, Senhor, deixaria de ser uma virtude, se a exercesseis em prejuizo d'outros deveres mais sagrados e mais urgentes: compromissos civis a satisfazer, familia a sustentar, filhos a educar, paes pouco favorecidos da fortuna a soccorrer. São estes os primeiros deveres, que a natureza e a consciencia nos impõe: são estes os credores de todo homem que pauta o seu procedimento pelas regras da equidade.

Que pensarieis d'aquelle, que pretendesse parecer caritativo antes de lhes ter satisfeito?... Quiz esclarecer-vos acerca das obrigações communs a todos os homens; volto á minha primeira proposta: podeis vos, sem lesar nenhum d'estes deveres, sacrificar em prol dos desventurados, de que se tracta, todo, ou parte do dinheiro e producto das joias, que vos pertencem, e me foram entregues?

Tomadas estas precauções, o veneravel da as suas ordens.

Veneravel. — Irmão Hospitaleiro, acercae-vos do neophyto, e ouvi o que elle destina á obra, que lhe indiquei.

O irmão hospitaleiro vae ao pe do neophyto, que lhe confia

em voz baixa as suas tenções, das quaes aquelle informa, na mesma voz, o veneravel.

Veneravel. — Senhor, a Respeitavel Loja acceita jubilosamente a vossa offerta, que é recebida e acolhida com vivo reconhecimento. Contae com a gratidão da infeliz viuva, e com as innocentes e enternecedoras benções de seus filhos (*textual*).

Permitta-me a Maçonaria, que lhe diga: esta esmola forçada, que ella chupa ao neophyto, é meramente o que em linguagem completamente profana se chama um «calote».

Com effeito, por um lado, o profano, pela propria carta de convocação, foi já obrigado ao pagamento de dez francos destinados ao supposto cofre hospitalar: por outro, no dia da recepção, a existencia da viuva e dos orphãos é tam real nas palhas, como no serralho do Grão-Turco; e a prova é que o discurso, que serve de isca e pretexto para esta pequena gatunice, anda impresso com todas as lettras nos rituaes, e o veneravel o pronuncia invariavelmente em cada iniciação.

Concluem-se as provas do neophyto [1], dando a palavra aos assistentes, que pretendam interrogal-o. Todas as perguntas, mesmo

---

(1) Quando ha muitos candidatos para iniciar na mesma sessão, supprimem-se as provas, que requerem apparelhos mais complicados, ou gastam muito tempo. Assim é que, pertencendo eu a uma fornada de pretendentes, tive a fortuna de escapar á introducção na caverna, ao sinete maçonico, á sangria, e á escada sem fim. Tambem me não tinham feito saborear, antes d'entrar no templo, o espectaculo do traidor descabeçado. Pelo contrario tenho fundamento para crer, que nada tinham omittido para impressionar um dos meus companheiros, Constantino Velitchkoff; porque, desde antes da primeira viagem, parecia muito agitado, e mesmo no curso das provas achou-se mal por duas vezes.

Quando o candidato é unico a iniciar, a menos que não seja um personagem realmente notavel, está certo de haver de passar por todas as grosseiras farças, que tenho descripto. Ha lojas ate, que não se contentam com as provas regulamentares, e acham que ajunctar ao Ritual. Pretextando que a primeira viagem representa os obstaculos, as luctas e decepções da vida, obrigam o profano a dar com a cabeça contra um barrote, deitam-lhe pelas costas abaixo um fio d'agua gelada, ao mesmo tempo que lhe escaldam o joelho direito desnudado etc. Ou então, para symbolisar, como pretendem, a discrição imposta pela Maçonaria aos seus adeptos, pregam-lhe a seguinte peça: «Para ficarmos seguros de que não dareis á lingua, dizem-lhe, vamos cortar-vol-a. Acceitaes?» O profano, certo de conservar a lingua, como todos os mações do seu conhecimento, responde que sim, sem hesitar. Mandam-no deitar a lingua de fora; elle deita-a de palmo: não lh'a cortam, mas trilham-lh'a com um d'estes instrumentos compostos de dois bocados de madeira apertados um contra o outro por uma mola muito forte, dos quaes se servem as lavadeiras, em vez de alfinetes, quando estendem a roupa, para a segurar nas cordas. Esta prova é muito dolorosa. O profano fica por um quarto d'hora sem poder fallar.

Emfim, para mostrar ao publico ate que poncto os sectarios do Grande Architecto levam a mania da burla symbolica, aqui apresento uma repugnante prova extra-regulamentar, que se pratica em numerosas lojas da provincia. Tem ella o pretenso fim de representar ao neophyto as illusões da existencia. Dão-lhe o nome de prova da *cabra de Salomão*. O veneravel diz gravemente ao neophyto, a quem ate alli tiveram cuidado de não pregar nenhuma partida: «Senhor, nos temos em nosso poder a cabra, que serviu de ama de leite ao rei Salomão. Esta cabra, por uma mercê tam miraculosa, como providencial, vive ainda, e os Mações inebriam-se deliciosamente no seu leite. E em verdade elle lhes traz á memoria um grande monarcha, cuja historia se entretece com a da fundação da Maçonaria. Vos ides ajoelhar-vos bem inclinado, e tereis a honra de sugar uma das sagradas tetas da cabra de Salomão.» O profano toma, sem desconfiar, a posição exigida; e, no momento, em que abre a boca, pensando que vão apresentar-lhe uma teta de cabra, chegam-lhe os labios ao empastado trazeiro d'um bode.

as mais indiscretas e despropositadas, ou destituidas de toda a sombra de senso commum se podem fazer. Eis aqui algumas amostras, colhidas em diversas lojas, ás quaes o veneravel não oppoz objecção alguma:

«Senhor F., que farieis se vos achareis na jangada da *Medusa?*» [a] — «Senhor F., acreditaes, que a lua é habitada? e, se a julgaes habitada, que religião vos parece, que se seguirá 'nella?» — «Senhor F., uma bigodeadela conjugal, sobre o jantar, parece-vos hygienica, para um homem de temperamento propenso á apoplexia?» — «Senhor F., uma salchicheira d'esta cidade deu hontem á luz dois gemeos do sexo masculino, um loiro, o outro escuro, estreitamente unidos por um forte ligamento, como os irmãos siamezes, de quem de certo ouvistes fallar; o loiro tem dois corações, e não tem figado, o escuro tem dois figados e não tem coração. Em qual dos dois gemeos reside a alma do irmão?»

Cumpre todavia advertir, que as perguntas mais ou menos disparatadas, como estas, que citei, somente se fazem aos postulantes vulgares, de quem zombam, e a cuja custa se divertem, mettendo-os em embaraços.

Mas quando o que está no banco é um personagem politico, um homem de sciencia, ou um escriptor, a assemblea procura sobretudo descortinar-lhe os pensamentos. Então as questões são serias.

Assim, na sessão da minha iniciação, um doutor de Belleville, o irmão G***, interrogou-me 'nestes termos:

— Senhor, vos sois o principal redactor do *Anti-Clerical*. Ha pouco tempo, escrevestes 'neste orgão um artigo muito encomiastico para Gambetta. (Sussurro na sala.) Ora ha trez annos que, na provincia, em Montpellier, vos pertencieis á imprensa anti-opportunista. Continuaes a proclamar-vos radical; explicae-nos como, 'nestas condições, podeis sustentar actualmente o principal chefe do opportunismo.

Eu respondi:

— Quando eu residia em Montpellier, Gambetta ainda não tinha levantado em Romans o seu famoso grito de guerra contra o clericalismo. Não via 'nelle portanto senão o homem politico, e a sua attitude parlamentar irritava-me. Julgava eu effectivamente, e julgo ainda, que a Republica patinha sempre no mesmo sitio, e que não caminhamos ligeiros para o fim, isto é para o integral

---

(a) Navio naufragado no banco de Arguin, a 40 leguas da costa, a 2 de julho de 1816. 149 infelizes lançaram-se ao mar 'numa jangada. Fluctuando por longos dias á mercê das ondas, foram succumbindo á fome, e os seus cadaveres eram devorados pelos sobreviventes. So 15 foram salvos pelo brigue Argos, quasi moribundos.

cumprimento do programma da Revolução. Por outra parte, se eu sou radical em politica, tenho sobretudo a peito o triumpho do livre-pensamento pelo exterminio do catholicismo. (Vivo movimento de approvação.) Ora desde o momento, em que Gambetta reconheceu, que os clericaes são os primeiros inimigos a combater, nunca mais me considerei obrigado a fazer-lhe opposição. Reservo a minha apreciação no que respeita á sua tactica parlamentar; mas, como anti-clerical, sustento-o.

— Então consideraes o chefe dos opportunistas, como um sincero anti-clerical?

— Exactamente. Para combater a religião e seus ministros, não é mister ser intransigente. Voltaire era, em politica, mil vezes mais moderado, que o mais moderado dos nossos opportunistas, e, se alguem foi adversario encarniçado da Egreja, foi sem duvida Voltaire.

— A vossa comparação não é feliz, replicou o doutor G***. Voltaire era um bom mação, ainda antes d'iniciado, o que com certeza se não da em Gambetta. O homem, que declaraes sustentar, esta muito longe de ser anti-clerical, como deveria sel-o; é um auctoritario, e traidor á Maçonaria.

Estas palavras foram acolhidas com unanime applauso. Toda a loja gritava:

— Sim! sim! Gambetta é um traidor!

Eu não percebia absolutamente nada d'esta scena, ouvindo apenas os clamores dos meus futuros collegas, e não vendo coisa alguma, pois que tinha os olhos vendados.

Por fim o tumulto acalmou, e eu disse:

— Não sei, como Gambetta se porta com a Maçonaria: por isso não posso emittir nenhuma opinião a este respeito. Pelo que me toca, detesto a religião e os padres, desde os quatorze annos; é esta a razão, porque todo o adversario do clero, em qualquer grau que o seja, tera sempre o meu apoio nos seus actos anti-clericaes.

Um irmão pediu para me propor ainda uma questão. O veneravel concedeu-lhe a palavra.

— Senhor, perguntou este irmão, se um padre, agarrado á beira d'um precipicio, vos pedisse soccorro, dar-lh'o-hieis? ministrar-lhe-hieis os meios de salvar a vida?

Não por certo! respondi. Empurral-o-hia com o pe, para que rolasse mais depressa no abysmo.

A loja inteira desatou em enthusiasticos bravos. Esta resposta reparara o mau effeito produzido pelas poucas palavras, que eu tinha pronunciado a favor de Gambetta.

Mas vejo, que me alonguei bastante, a proposito das pergun-

tas, que me foram pessoalmente dirigidas. Voltemos á descripção das iniciações habituaes.

Quando as columnas, esgotadas as perguntas ordinarias, e extraordinarias, emmudecem, o veneravel conclue.

Veneravel.—Nos estamos dispostos, Senhor, a recompensar a confiança, que em nos tivestes, e a constancia, com que supportastes as provas. Devemos todavia consultar ainda aquelles, a quem vamos associar-vos, e saber se elles não tem reparo algum, que oppor á vossa admissão.

Mandam sair o profano para a camara dos passos perdidos.

É então, diz o Ritual, que os Irmãos, que tiverem a fazer alguma censura ao neophyto, levantam a mão, para obterem licença de a apresentar. Procede se comtudo de maneira que a discussão se não prolongue muito, e não possa melindrar a delicadeza do neophyto, porque não se pode suppor, que haja censuras d'importancia a fazer-lhe, depois das informações, que se colheram antes de o submetter ás provas, devendo o escrutinio de admissão apreciar qualquer accusação *(sic)*.

Manda-se em seguida entrar o profano.

Veneravel.—Irmão Terrivel, entregae o neophyto ao Irmão 1.º Vigilante, para elle lhe ensinar a dar os primeiros passos no angulo d'um quadrilongo; e, depois d'isso, tral-o-heis ao Oriente, para aqui prestar o seu juramento.

O irmão terrivel obedece a esta ordem. O 1.º vigilante levanta-se, e sae do seu logar; toma o neophyto pela mão, explica-lhe como se dão os trez passos mysteriosos do grau de aprendiz, e lh'os faz executar. O irmão terrivel conduz em seguida o neophyto ao Oriente, cujos degraus sobem ambos.

O mestre de cerimonias mette na mão do neophyto um compasso aberto (com uma das pontas levemente pousada sobre o coração d'este); colloca-lhe a mão direita sobre os Estatutos Geraes da ordem, cobertos por um esquadro e uma espada, que estão no altar. N'esta posição, espera o candidato, que o veneravel lhe dicte o juramento, que elle deve prestar.

Veneravel.—Meus Irmãos, de pé, e á ordem, espada na mão! o neophyto vae prestar juramento. (Dirigindo-se ao neophyto:) Senhor, o compromisso, que ides contrahir, não contem coisa alguma, que possa offender o respeito devido ás religiões e aos bons costumes, nem a obediencia devida ás leis. Este juramento é grave; é preciso, que o presteis com plena liberdade; estaes prompto a fazel-o?

Resposta affirmativa do neophyto.

Veneravel.—Vou ler-vos a formula do juramento; em seguida direis: «Juro-o.»

Juramento d'Iniciação

« Eu (nome e apellidos do neophyto) por minha propria e livre vontade, na presença do Grande Architecto do Universo e d'esta Respeitavel assemblea de Mações, juro e prometto solemne e sinceramente nunca revelar nenhum dos mysterios da Maçonaria, que me vão ser confiados, a não ser a um bom e legitimo Mação, ou 'numa Loja regularmente constituida. Prometto e juro amar meus Irmãos, soccorrel-os e ajudal-os em todas as suas necessidades. Consinto em que me cortem o pescoço, se alguma vez faltar ao meu juramento! [1]

Prestado este juramento pelo neophyto, o veneravel manda-o tornar a levar para entre columnas.

Veneravel. — Senhor, o juramento que fizestes não vos causa nenhuma inquietação?

Resposta do neophyto.

Veneravel. — Sentis coragem para o observar?

Resposta do neophyto.

Veneravel. — Consentis em reiteral-o, quando tiverdes recebido a luz?

Resposta do neophyto.

Veneravel. — Vamos, meus Irmãos, fazei todos o vosso dever!

Todos os assistentes cercam o neophyto e lhe põe ao peito as espadas, sem todavia o tocarem. O 2.° vigilante colloca-se por traz d'elle, prompto a desatar-lhe a venda, que lhe cobre os olhos, esperando para o fazer o signal do veneravel. Ao mesmo tempo o

---

(1) Na minha obra *Os Irmãos dos Trez-Ponctos*, 1.° vol., cap. 1.°, expuz extensamente como e porque tenho o direito de me julgar completamente desligado d'este juramento.

Nas lojas, que seguem o Rito Francez, o juramento d'iniciação é o seguinte:

Juro e prometto perante o Grande Architecto do Universo, e sobre esta espada, symbolo da honra, guardar inviolavelmente todos os segredos, que me forem confiados por est Respeitavel Loja, assim como tudo quanto 'nella tiver visto fazer, e ouvido dizer, nunca escrever coisa alguma d'estas, sem previa e expressa licença, e do modo, que porventura me for indicado. Prometto e juro amar meus Irmãos, e soccorrel-os, segundo as minhas posses. Prometto e juro, alem d'isto, conformar-me com os Estatutos geraes da Maçonaria e com os regulamentos particulares d'esta Respeitavel Loja. Consinto em que me cortem o pescoço, se alguma vez me tornar reu de traição, revelando os segredos da Ordem!»

No Rito de Misraim, seguido por algumas lojas da França (de Paris, Marselha, Tours, Ciotat, e Martigues) presta-se o juramento 'nestes termos:

Juro, em nome do Omnipotente e Supremo Architecto dos Mundos, nunca revelar os segredos, os signaes, os toques, as palavras, as doutrinas e os usos dos Mações, e guardar acerca d'isto um silencio eterno. Prometto e juro ao Omnipotente não manifestar jamais coisa alguma d'estas, nem pela penna, nem por signaes, nem por palavras, nem por gestos; nunca escrever, ou mandar escrever, lithographar, ou imprimir nada d'isto; nunca divulgar, por qualquer modo que seja, nada do que me foi confiado ate este momento, nem do que o for ainda para o futuro. Subjeito-me e comprometto-me a, no caso de vir a violar o meu juramento, soffrer a pena seguinte: que me queimem os labios com um ferro em brasa, que me decepem a mão! que me arranquem a lingua! que me cortem o pescoço! seja o meu cadaver suspenso 'numa Loja, durante os trabalhos de admissão d'um novo Irmão, para ser o horror d'aquelles, que, como eu, se virem tentados a commetter um perjurio! queimem em seguida os meus execrandos restos, e atirem com as cinzas ao vento, para que não fique lembrança, nem vestigio algum da minha traição!»

INICIAÇÃO NO GRAU DE MESTRE

Ao proferir estas palavras, o muito respeitavel dá vivamente com o malhete na fronte do neophyto. Ao mesmo tempo, os dois expertos impellem-no, e o fazem cair de costas no esquife.

irmão terrivel empunha o fogacho, a um metro de distancia diante do neophyto.

Veneravel. — Irmão 1.º Vigilante, vos, que sois uma das primeiras columnas d'este templo, agora que a paciencia e constancia do neophyto o fizeram sair victorioso d'esta lucta entre o Profano e o Mação, julgael-o digno de ser admittido entre nós?

1.º vigilante. — Julgo, Veneravel.

Veneravel. — Que pedis para elle?

1.º vigilante. — A luz.

Veneravel. — Faça-se a luz!

Bate lentamente trez pancadas. Á terceira, o 2.º vigilante arranca a venda ao neophyto, e, no mesmo instante, o irmão terrivel, que tem o fogacho embocado, soprando com força, projecta uma grande chamma muito luminosa.

Veneravel. — Neophyto, as espadas que vedes voltadas contra vós, vos annunciam, que todos os Mações voarão a soccorrer-vos, nas situações criticas, em que vos achardes, se respeitardes e observardes esmeradamente as nossas leis secretas. E junctamente vos mostram, que não encontrareis entre nós senão vindices da Maçonaria e da virtude, e que estaremos sempre a poncto para punir o perjurio, se d'elle vos tornardes criminoso: nenhum recanto da terra vos dara então asylo contra as nossas armas.

Toque de malhete do veneravel; todos os assistentes pousam as espadas nos assentos.

Veneravel. — Irmão Mestre de Cerimonias, trazei ao Oriente o novo iniciado, para aqui renovar a sua obrigação.

Fazem executar ao iniciado os tres passos de aprendiz; conduzem-no em seguida, no andar ordinario, ao altar, e o mandam tomar a mesma posição, isto é, pousar a mão direita estendida sobre o livro dos Regulamentos Geraes da ordem, coberto por um esquadro e uma espada, tendo na mão esquerda um compasso aberto, com uma das pontas levemente apoiada sobre o seio nu; demais fazem-no, d'esta vez, por em terra o joelho direito.

Todos os assistentes estão de pe e á ordem, que é a postura consagrada.

Veneravel. — Neophyto, adheris inteiramente e sem reserva á primeira obrigação? estaes disposto a confirmar sinceramente e sem restricção alguma o juramento, que prestastes, antes de terdes recebido a luz?

Iniciado — Sim, Senhor.

Veneravel—Então é chegado o momento de o reiterardes. Vou tornal-o a lêr, e vos o repetireis commigo, palavra por palavra.

O veneravel lê assim, de novo, o juramento, e o iniciado repete e jura.

Veneravel. — Jurae tambem agora obedecer fielmente aos chefes da nossa Ordem, em tudo, que vos mandarem conforme e não contrario ás nossas secretas leis. Dizei: « Juro-o ».

Iniciado — « Juro-o ». —

O Veneravel, dando trez leves pancadas na articulação do

compasso. — Aprendei, pela justeza do compasso, a dirigir todos os vossos movimentos para o bem.

Tomando com a mão esquerda a sua espada retorcida, chamada « espada flammejante », pousa a lamina sobre a cabeça do neophyto ajoelhado, ao passo que com a mão direita pega no malhete prestes a bater sobre a espada.

O veneravel em tom solemne. — Para gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, em virtude dos poderes, que me foram conferidos, eu, Veneravel d'esta Respeitavel Loja, vos crio *(um pequeno toque de malhete na lamina da espada)* recebo *(outro egual toque)* e constituo *(terceiro toque como os primeiros)* Aprendiz-Mação, primeiro grau do rito *(nome do rito)* e membro da Respeitavel Loja constituida sob o titulo distinctivo de *(nome da Loja)* no Oriente de *(nome da cidade)*... Levantae-vos... Meu Irmão, pois que d'oravante não vos daremos outra qualificação, aproximae-vos e recebei de mim, em nome de todos os meus Irmãos, o triplice beijo fraternal.

Dizendo e fazendo, abraça trez vezes o iniciado, primeiro sobre a face direita, depois sobre a esquerda, e finalmente sobre a bocca. Quando o veneravel se baba, ou tem o halito empestado, deve confessar-se, que o triplice beijo fraternal é horrivelmente repugnante. E, bom ou mau grado, não ha remedio, senão passar por esta. Safa!

Em seguida, o veneravel cinge ao iniciado um pequenissimo avental de pelle branca, tendo o cuidado de lh'o collocar na parte inferior do abdomen; e atado este ridiculo avental (poder-se-lhe-hia ate dar outro qualificativo, em vista da sua posição) o veneravel o compõe, o ageita, e lhe levanta o babadouro. Por preceito do Ritual, é necessario, que o aprendiz traga o babadouro levantado.

O veneravel, concluidas as suas manipulações. — Recebei, meu Irmão, este avental, que todos nos trazemos, e que os maiores homens se tem honrado de trazer. É o emblema do trabalho; elle vos lembrara, que o Mação deve ter uma vida sempre activa e laboriosa. Este avental, que é a nossa farda maçonica, confere-vos o direito de vos assentardes entre nos, e nunca devereis apresentar-vos 'neste templo, sem d'elle virdes revestido, trazendo-o com o babadouro levantado.

Em seguida da ao iniciado um par de luvas para homem, dizendo: — Recebei estas luvas, que vos offerecem vossos Irmãos. Não maculeis jamais a sua alvura: as mãos d'um Mação devem permanecer sempre puras.

Entrega-lhe um par de luvas para senhora, dizendo: — Nos

não admittimos mulheres nas nossas Lojas [1]; rendendo porem preito ás suas graças e virtudes, comprazemo-nos em recordal-as. Dareis estas luvas á mulher, a quem tendes em maior estima.

O iniciado calça as suas luvas.

Veneravel. — Meu Irmão, os Mações têm, para se reconhecerem mutuamente, signaes secretos, palavras de convenção, e toques mysteriosos. Signaes ha dois: o de ordem e o de reconhecimento. Estar á ordem, na Loja, é estar de pe e levar a mão direita estendida horisontalmente abaixo da garganta, inclinando-a ligeiramente para a carotida esquerda, com os quatro dedos unidos, e o pollegar aberto em esquadria, deixando pender o braço esquerdo. Este signal tem por fim recordar-vos constantemente, que vos cortarão o pescoço, se violardes os vossos juramentos maçonicos. O signal de reconhecimento faz-se do seguinte modo: tendo-vos posto á ordem, retiraes horisontalmente a mão direita por sobre o hombro direito, por um movimento, que simula, invisivelmente para os Profanos, o acto de cortar o pescoço, e logo deixaes cair a mão ao longo do corpo, estendendo o braço: d'est'arte tereis descripto, por este signal, um esquadro sobre vos mesmo . . . O toque da-se tomando a mão direita d'aquelle por quem quereis fazer-vos reconhecer; pousando o vosso pollegar sobre a primeira phalange do seu index, e dando-lhe, por um movimento imperceptivel, trez leves pancadas na cavidade da mão. Este toque, quando vos é dado por um Irmão, é ao mesmo tempo o pedido da palavra sagrada... A palavra, que denominamos sagrada, ou «a palavra» é a mais ineffavel das nossas expressões mysteriosas; nunca deve pronunciar-se e ainda menos escrever-se; nos não a imprimimos, nem sequer nos Rituaes; os Mações para a communicarem reciprocamente soletram-na, lettra por lettra, um ao outro ao ouvido, dizendo o primeiro uma lettra, o segundo a seguinte, proferindo o primeiro a terceira, e assim por diante. Essa palavra significa força. A sua primeira lettra vedel-a 'nesta columna, que é a do Norte. Quando vos perguntarem a palavra sagrada da Maçonaria, respondereis: «Não devo lel-a, nem escrevel-a; apenas posso soletral-a; dizei-me a primeira lettra, dir-vos-hei a segunda.» Escutae attentamente, meu Irmão; vou communicar-vos a palavra sagrada, lettra por lettra. . . B. O. H. A. Z. . . . [2] Repitamol-a. — O veneravel e o iniciado

---

(1) Pede-se ao leitor, que tenha bem presente esta affirmação do veneravel ao neo-iniciado. Mais tarde veremos o que ella vale.

(2) Bohaz é a palavra sagrada do aprendiz em todos os ritos, excepto no Francez; 'neste a palavra sagrada é Jakin. Demais, nas lojas da França pertencentes ao Rito Escocez, não se pronuncia Bohaz, mas Booz, por corrupção. Estas palavras são tomadas do hebraico.

No Rito Francez, alem da palavra sagrada, as lojas de aprendiz têm uma palavra de passe, que é: Tubalcain. «E' este, diz o veneravel, o nome de um dos filhos de Lamech, a quem

repetem a palavra sagrada, lettra a lettra, alternadamente. — Temos finalmente a palavra de semestre, que o Supremo Conselho renova, de seis em seis meses. Esta palavra é dupla: a primeira diz-se a um ouvido do Irmão, que vos interroga, e a segunda ao outro. E' a seguinte: (O veneravel communica a palavra de semestre ao iniciado.) Devereis dal-a todas as vezes, que fordes visitar uma Loja regular. Meu Irmão, a pratica que adquirireis entre nos, tornar-vos-ha tudo isto familiar. Ella vos mostrara, que nos fazemos tudo em esquadria, e que o numero 3 é para nos um numero mysterioso. Assim, quando um Irmão vos perguntar pela edade, respondereis, que tendes 3 annos...

Tendes entendido?... Respondei, dando-me d'oravante o titulo de Veneravel, que é o do presidente d'uma Loja.

Iniciado. — Sim, Veneravel.

Veneravel. — Esta bem. Reconheço-vos como Aprendiz-Mação. Ide, meu Irmão, dar-vos a reconhecer por tal aos Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, mediante as palavras, signaes e toque, que agora vos ensinei; elles porão o apice á vossa instrucção 'neste grau .. Irmão Mestre de Cerimonias, conduzi o nosso novo Irmão aos Irmãos 1.º e 2.º Vigilante.

O mestre de cerimonias conduz o novo mação ao pe do 1.º vigilante, ao qual elle faz o signal, ajudado pelo seu Mentor. Da o toque, diz a palavra de passe, e soletra a palavra sagrada, como ha momentos lhe fora ensinado. O 1.º vigilante entrega então o malhete ao iniciado, e lhe manda dar trez pancadas no altar. D'alli o manda ao 2.º vigilante, sempre acompanhado pelo mestre de cerimonias. Chegando ao pé do 2.º vigilante, o iniciado repete os signaes, palavras e toques, e da trez pancadas no seu altar, com o malhete, que para esse fim o mesmo lhe entrega.

E' então que o 2.º vigilante lhe diz, que a bateria se executa d'esta maneira, com trez pancadas; por outra, que é preciso bater assim, para poder entrar 'num templo maçonico, e que, para applaudir, se dão trez palmadas com as mãos da mesma sorte, tendo cuidado de levantar á terceira a ponta do pé esquerdo, para a deixar cair ruidosamente ao mesmo tempo.

Depois do que, se faz executar ao iniciado a «marcha mysteriosa».

Em seguida mandam-lhe dar trez martelladas 'numa grande

---

se attribue a arte de trabalhar em metaes. Em breve conhecereis a sua verdadeira significação. Effectivamente esta palavra, Tubalcain, explica-se no grau de mestre. E' o nome d'um personagem da extranha lenda maçonica d'Hiram. O Rito Francez não faz bem em manifestar esta palavra no grau de aprendiz, pois mais tarde se vera, que a sua significação não pode realmente revelar-se senão a um mação seriamente experimentado.

pedra bruta, previamente collocada entre columnas, e o iniciado bate ainda estas trez pancadas.

O 1.º vigilante, dado um toque de malhete. -- Veneravel, as palavras, signaes e toques são ajustados e perfeitos; o neophyto fez a marcha maçonica e trabalhou na pedra bruta.

Restituem ao iniciado os vestidos, joias e bolsa, esta alliviada da somma, em que foi taxada a recepção do dono, e da que elle consentiu em dar á pretensa viuva, e aos seus orphãos não menos problematicos.

1.º vigilante — Veneravel, o neophito esta entre columnas.

Rija pancada de malhete do veneravel.

Veneravel. — De pe e á ordem, meus Irmãos!... Em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, em virtude dos poderes, que me foram conferidos, proclamo o Irmão *(nome do iniciado)* que vedes presente entre columnas, Aprendiz-Mação, e, como tal, membro activo da Respeitavel Loja constituida sob o titulo de *(nome da Loja)* no Oriente de *(nome da cidade)*. Convido-vos a o reconhecerdes d'aqui em diante como Irmão, a lhe prestardes soccorro e assistencia em todas as conjuncturas, supposto, bem entendido, que da sua parte elle se não esquecera jamais de cumprir as obrigações, que ha pouco contrahiu para comnosco... Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, preveni os Irmãos, que estão nas vossas columnas, como eu previno os que estão no Oriente, de que vamos celebrar por uma triplice bateria a feliz acquisição, que hoje fizeram a Maçonaria, e em particular esta Respeitavel Loja, e de que lhes peço, que, para esse effeito, se unam a vos e a mim.

1.º vigilante. — Irmão 2.º Vigilante, Irmãos, que decoraes a columna do Sul, o Veneravel vos convida a vos reunirdes a elle, para celebrar a feliz acquisição, que hoje fizeram a Maçonaria, e em particular esta Respeitavel Loja.

2.º vigilante. — Irmãos, que decoraes a columna do Norte, o Veneravel vos convida a vos reunirdes a elle, para celebrar a feliz acquisição, que hoje fizeram a Maçonaria, e em particular esta Respeitavel Loja, na pessoa do Irmão *(nome do iniciado)*.

Veneravel. — A mim, meus Irmãos, pelo signal *(elle o faz, e, com elle, a loja toda)* pela bateria *(cada um a executa)* e pela acclamação mysteriosa.

Todos, a uma voz: — Huzê! huzê! huzê!

O mestre de cerimonias pede a palavra para o novo irmão, e, tendo-a obtido, convida-o a agradecer. O iniciado agradece concisamente á loja a honra, que lhe fez, em o admittir no seu gremio.

O mestre de cerimonias, ao iniciado. — Agora, meu Irmão, vamos fazer ambos o signal, dar a bateria, e pronunciar a acclamação mysteriosa. Attenção, segui exactamente os meus movimentos.

Fazem junctos o signal, dão a bateria, e pronunciam o triplice — Huzê.

Veneravel. — Cobramos a bateria, meus Irmãos.

Os assistentes repetem a bateria e o terno de — huzês.

Veneravel. — Irmão Mestre de Cerimonias, levae o nosso novo Irmão ao topo da columna do Norte.

O mestre de cerimonias cumpre esta ordem, e deixa definitivamente o iniciado.

Veneravel ao iniciado. — Meu Irmão, é 'nessa columna, que haveis de collocar-vos d'aqui por diante. Merecei, pela assiduidade em nossos trabalhos, e pela pratica das virtudes maçonicas, penetrar mais avante nos nossos mysterios e ser admittido aos favores, que a Maçonaria jamais recusa aos Irmãos, que d'elles sabem tornar-se dignos... Sentae-vos, meus Irmãos.

Todos se assentam.

Emquanto o iniciado tornava a vestir a camisa e o collete, descia a perna direita das calças, enfiava a casaca e calçava a bota direita, collocara um experto defronte do irmão hospitaleiro um escudete, com as seguintes palavras escriptas: *a Terra, o Ar, a Agua, o Fogo.*

O veneravel ao iniciado, depois de estarem todos sentados. — Meu Irmão, antes de dar a palavra ao carissimo Irmão Orador, encarregado de vol-a dirigir, devo recordar summariamente as diversas phases da vossa iniciação e explicar-vos o sentido das allegorias, que poderiam impressionar-vos. Alli as vedes presentemente indicadas no escudo, que tendes diante dos olhos: «A Terra, o Ar, a Agua, o Fogo» isto é, os quatro elementos dos antigos. Em outros tempos o candidato á iniciação soffria as terriveis provas d'estes quatros elementos, a Terra, a Agua, o Ar e o Fogo. Este systema da iniciação antiga, impugnado nas suas particularidades pela sciencia moderna, apenas é acceito por nos como uma tradição symbolica, que exhibe o neophyto em lucta com as forças da Natureza... *A Terra:* a Camara das Reflexões, impenetravel á luz do dia, ornada d'emblemas funebres, representa a Terra, no seio da qual se suppõe estar o candidato, e lhe recorda que ella sera para sempre a sua ultima morada. A mythologia pagã fazia da Terra uma deusa, filha do Chaos, esposa d'Urano, e mãe do Oceano. Este globo, sobre cuja face vivemos, meu Irmão, é o terceiro planeta na ordem da distancia d'estes ao sol; a sua forma é redonda, ligeiramente achatada nos polos; gyra sobre si mesmo, em volta d'um eixo imaginario, completando cada dia uma revolução... A primeira viagem symbolica fez-vos atravessar o *Ar,* vencendo certos obstaculos. O Ar não é ja um elemento, como criam os antigos; é um composto d'elementos, formado de vinte e

uma partes de oxygenio, perto de setenta e nove partes de azote, mais uma minima parte de acido carbonico; 'nelle se encontra tambem vapor d'agua, mas não no estado de combinação. Galileu foi o primeiro, que descobriu o peso do Ar, e Torricelli demonstrou esta propriedade. O Ar é indispensavel para a existencia de todo ser creado... Na segunda viagem fostes purificado pela *Agua*. Os antigos incluiam esta substancia no numero dos quatro elementos. Sem ella não ha ser organico possivel. Apresenta-se-nos sob trez diversos estados: como liquido, que é o seu estado mais commum; como vapor, quando, por combinação com o calorico, se evapora e converte em gaz; como solido pelo abaixamento da temperatura, que a solidifica, e pela sua combinação com certos saes. A Agua foi escolhida para unidade de peso, quando se adoptou o systema metrico, equivalendo o gramma ao peso d'um centimetro cubico d'agua pura... A terceira viagem fez-vos passar atravez das chammas. *O Fogo* era adorado pelos Magos, como potestade universal e intelligente, fonte de toda a creação. A philosophia da edade-media continuou a considerar o Fogo como um elemento; so na segunda metade do seculo XVIII é que a theoria da combustão, estabelecida por Lavoisier, e pelos sabios contemporaneos, eclipsa o poder elementar do Fogo. Portanto não é elle hoje um elemento, um corpo, uma substancia, mas um effeito complexo de combinações e movimentos, effeitos luminosos, provenientes da combinação do oxygenio com uma base. Esta palavra exprime tambem e assaz frequentemente o principio da luz e do calor. Disse.

Como se vê, a Maçonaria, para deslumbrar os ignorantes (dotados de fortuna, ou pelo menos de abastança) que alistou, da-se d'est'arte ares d'instituição scientifica, declamando ao iniciado, pela bocca do veneravel, estas quatro palavras, respigadas aqui e alem nos cursos de physica e d'astronomia.

O veneravel, que diz coisas tam lindas, não conhece, oitenta vezes por cento, a primeira palavra d'estas sciencias. Este pretencioso discurso está impresso, em enormes caracteres, 'num caderno que elle, collocado muito acima dos outros irmãos, tem dissimuladamente diante de si. [1] Dado que repete este exercicio em cada iniciação, e vista a grandeza dos caracteres, por pouco destro que seja, não parece estar a ler a sua licção: e se tem de haver-se com iniciado sem instrucção, este, arregalando os olhos, e fitando a orelha, julga haver topado com um sabio de primeira ordem. Não é

---

(1) De resto o mesmo succede exactamente com tudo o que dizem o veneravel e os dois vigilantes; tudo isso está impresso, em grandes caracteres, em cadernos especiaes; so o irmão terrivel precisa de aprender de cor o seu papel.

A LENDA D'HIRAM

Esta vinha, disse Balkis a Salomão, tinha sido plantada por Noe, pae da tua raça. Um descendente de Noe não podia sem impiedade mandar arrancar esta veneravel cepa. E por isso é que o ultimo principe da tua raça será pregado como um criminoso a este madeiro, que, para ti, devia ser sagrado.

preciso mais para dispor um pacovio a engulir todas as antilogias, que estão prevenidas para o decurso da sua instrucção maçonica; tudo está em intrujar o pobre lorpa desde o principio,

Succede algumas vezes, como na minha loja — o *Templo dos Amigos da Honra Franceza* — que o veneravel, incomparavel astronomo, e physico distincto, se descuidou de aprender a syntaxe:

nada então tam divertido, como ouvir esse erudito d'occasião fazer estendal da sua sciencia postiça, esmaltando-a de disparates de pronuncia e de linguagem.

Mas não é só o veneravel, que, 'nesta circumstancia solemne, tem de pronunciar um discurso. Tendo elle acabado com a terra, o ar, a agua e o fogo, concede a palavra ao irmão orador, «para a communicação da sua peça de architectura».

Não reproduzirei essa allocução, chamada maçonicamente «Peça de Architectura». A razão é porque não existe texto official. O discurso do irmão orador deve ser composto por elle, e não ser sempre o mesmo, posto que recaia sempre quasi sobre os mesmos pontos.

Observarão por ventura os oradores das lojas estas prescripções? Não sei. Na minha iniciação, fez-me a allocução um rapaz, que por certo não carecia d'intelligencia, e se não saiu muito mal. Mas estou bem convencido de que a maxima parte d'estes artistas de eloquencia maçonica se inspiram muito em certas collecções especiaes. Effectivamente vi na Bibliotheca do Grande Oriente alguns formularios de discursos para iniciações, banquetes maçonicos, adopção de lowtons, etc. Estas recopilações pareceram-me ter proximo parentesco com os *Manuaes do Perfeito Secretario,* em que se encontram modelos de cartas para todas as necessidades e usos da vida.

Deixemos pois o discurso do irmão orador, que nada de novo diria ao publico profano, e passemos á invocação, que fecha a recepção do iniciado e acaba de o aturdir.

Tendo o orador terminado a eloquente communicação da sua « peça de architectura », o veneravel descarrega tres valentes pancadas de malhete no altar, levanta-se com todos os irmãos, e separando as mãos exactamente como o sacerdote na missa ao — *Dominus vobiscum* — recita com emphase a seguinte truanesca parlapatice:

— « Grande Architecto do Universo, os obreiros d'este templo te rendem acções de graças e te attribuem tudo o que têm feito de bom, de util e glorioso 'neste solemne dia, em que viram augmentar o numero de seus Irmãos. Continua a proteger seus trabalhos, e dirige-os constantemente para a perfeição. Sejam a harmonia, a união e a concordia o perpetuo cimento de suas obras! E vos, prudente discrição, modesta amenidade, sede o apanagio dos membros d'esta Officina, de sorte que, tendo regressado ao mundo, reconheçam sempre os homens na sabedoria de seus discursos, na conveniencia de seu porte e na madureza de suas acções, que são elles os verdadeiros filhos da luz. Assim seja! »

Todos repetem: «Assim seja», e procede-se emfim ao encerramento dos trabalhos. Assentam-se de novo.

O veneravel, dado um toque de malhete.—Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, perguntae aos Irmãos das vossas columnas, se têm alguma coisa a propor para interesse da Ordem em geral e d'esta Officina em particular.

Os dois vigilantes repetem esta pergunta, e procede-se em harmonia com o resultado. Se ninguem pede a palavra (o que ordinariamente succede, pelo adiantamento da hora) o veneravel continua:

Veneravel. — Vou fazer correr o Sacco das Propostas juntamente com o de Beneficencia (chamado tambem da Viuva). Irmão Mestre de Cerimonias, Irmão Hospitaleiro, desempenhae vossos officios.

O mestre de cerimonias pega no sacco das propostas, o hospitaleiro no de beneficencia, e os apresentam a cada um dos assistentes, começando pelo veneravel. Tendo acabado, vão collocar-se a par entre columnas. O 2.º vigilante avisa da sua presença o 1.º, que a participa ao veneravel.

O veneravel, dada uma pancada de malhete. — Ha algum de vos, meus Irmãos, que deseje ainda o Sacco das Propostas, ou o de Beneficencia?

Como ninguem foi esquecido, e todos começam a estar cheios de sessão até ás orelhas, nenhum reclama.

1.º vigilante. — Reina silencio em ambas as columnas, veneravel.

Veneravel. — Visto isso, tende a bondade de subir os degraus do Oriente, Irmão Mestre de Cerimonias e Irmão Hospitaleiro.

Os irmãos orador e secretario junctam-se ao hospitaleiro e ao mestre de cerimonias, e todos quatro, com o veneravel, debruçados sobre o altar, abrem o sacco das propostas e o chamado de beneficencia. Se, ao despejal-os, os cinco officiaes da loja encontram propostas, que lhe digam respeito, o veneravel informa d'isso muito summariamente a assemblea, e ajuncta que se fará o que convier. Quanto ao producto do sacco de beneficencia, é rapidamente embolsado, e a sua totalidade inscreve-se no « esboço da prancha dos trabalhos do dia » (borrão da acta).

Veneravel. — Irmão 1.º Vigilante, os operarios estão contentes e satisfeitos?

1.º vigilante. — Estão, Veneravel.

Veneravel. — Irmão 2.º Vigilante, que edade tendes?

2.º vigilante. — Trez annos.

Veneravel. — Que tempo trabalham os Maçőes?

2.º vigilante. — Do meio dia á meia noite.

Veneravel. — Irmão 1.º Vigilante, que horas são?

1.º vigilante. — Meia noite em ponto, Veneravel.

Veneravel. — Visto que é meia noite, e é esta a hora, a que os mações costumam acabar seus trabalhos, Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, convidae os Irmãos das vossas columnas a se unirem a vos e a mim, para nos ajudarem a encerrar os trabalhos d'Aprendiz d'esta Respeitavel Loja pelos mysterios costumados.

Os vigilantes repetem este annuncio, e o 1.º vigilante avisa o veneravel de que « está annunciado ».

O veneravel levantando-se. — De pe e á ordem, meus Irmãos!

Bate trez pancadas de malhete, que os dois vigilantes repetem, cada um por sua vez.

Veneravel. — A mim, meus Irmãos, pelo signal (todos o executam a um tempo) pela bateria (cada um bate com as mãos as trez pancadas do aprendiz) e pela acclamação mysteriosa! Todos a uma. — Huzê! huzê! huzê!

Veneravel. — Em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, a Respeitavel Loja (*nome da loja*) oriente de (*nome da cidade*) esta fechada. Juremos guardar silencio sobre os nossos trabalhos d'este dia, e saiamos em paz.

Estendem todos a mão em signal de assentimento, sem dizer palavra, e saem. E eis, em toda a sua estupidez, o modo como termina a sessão.

## III

### CATECHISMO DO APRENDIZ

No momento, em que o iniciado se prepara para sair da loja em companhia de seus novos irmãos, o secretario, ou o mestre de cerimonias mette-lhe na mão um folheto, dizendo: « E' o vosso catechismo. » Assim chamam effectivamente uma especie de livro de notas, com pretenções a instructivo, por perguntas e respostas, de que todo aprendiz deve penetrar-se bem, para satisfazer ao exame, por que ha de passar, quando quizer subir de grau.

Segue-se o catechismo.

### CATECHISMO DO 1.º GRAU

P. Que ha de commum entre nos ambos? — R. Uma verdade.

P. Que verdade é essa? — R. A existencia d'um Grande Architecto, auctor do Universo, a saber, de tudo que foi, é e ha de ser.

P. Como sabeis d'isso? — R. Porque, alem dos orgãos, que constituem o nosso ser corporeo, deu-nos o Ente Supremo a intelligencia, por meio da qual posso distinguir o bem do mal.

P. Essa faculdade, que chamaes intelligencia, sera independente da nossa organisação physica? — R. Não sei; mas creio, que, como os sentidos, tem seu progresso e desinvolvimento, sua infancia, adolescencia, e virilidade; despercebida a principio nas creanças, manifesta-se nos adultos, aperfeiçoa-se e eleva-se em seguida ao mais alto grau de concepção.

P. Sera sufficiente a intelligencia para discernir o falso do verdadeiro, o bem do mal? — R. Sim, quando dirigida por uma sã moral.

P. Onde se ensina esta moral? — R. E' a Maçonaria quem ensina a moral mais pura e mais propria para formar o homem para a sociedade e para si mesmo.

P. Sois Mação? — R. Os meus Irmãos me reconhecem por tal.

P. Qual é a base da moral ensinada na Maçonaria? — R. O amor dos nossos similhantes.

P. Não deve qualquer moral ser fundada sobre esta base? — R. Sim, sem duvida; mas a Maçonaria é o modo pratico mais perfeito para o seu ensino.

P. Em que consiste esse modo? — R. Em mysterios e allegorias.

P. Que mysterios e allegorias são essas? — R. Não é licito dizel-o: mas interrogae-me, se quereis, e talvez chegueis a adivinhal-os e comprehendel-os.

P. Que vos exigiram para vos fazerem Mação? — R. Que eu fosse livre e de bons costumes.

P. Como livre? Sereis vos capaz de reconhecer, que o homem pode estar em escravidão legitima? — R. Não, todo homem é livre; mas pode ser ligado por vinculos sociaes, que o privem momentaneamente de parte da sua liberdade, e por outro lado, com muita frequencia cae na escravidão das paixões, ou dos prejuizos da infancia e da educação, e é sobretudo d'este jugo, que todo neophyto deve estar livre. Entretanto aquelle, que a si mesmo se privou da liberdade, deve ser excluido dos nossos mysterios; porque, quem não pode dispor legalmente de si, não pode contrair nenhuma obrigação valida.

P. Como fostes recebido por Mação? — R. Despojaram-me de parte dos meus vestidos e de todos os metaes, e privaram-me do uso da vista.

P. Que significa isso? — R. Muitas coisas ao mesmo tempo: a privação dos metaes representava-me o homem antes da civilisação, e no estado da Natureza; finalmente a obscuridade, em que eu jazia immerso, figurava o homem na ignorancia de tudo.

P. Que consequencias moraes derivam d'esta allegoria? — R. A necessidade da instrucção.

P. Que fizeram para vos instruir? — R. Fizeram-me viajar do Occidente ao Oriente e do Oriente ao Occidente, primeiro por uma vereda accidentada, semeada de tropeços, interrompida por barreiras, no meio d'um fracasso e um estrepito de atordoar. Em seguida viajei por uma via menos escabrosa, que a primeira, na qual ouvia um grande entrechocar d'armas. E emfim, em terceiro logar, caminhei por uma estrada facil e agradavel.

P. Que significam esse caminho accidentado, esses tropeços, esses obstaculos e o ruido, que assignalaram a vossa primeira viagem? — R. Physicamente significam o chaos, que, segundo se crê, precedeu e acompanhou a organisação dos mundos; moralmente os primeiros annos do homem, ou os primitivos tempos da sociedade, durante os quaes, as paixões, não sendo ainda reguladas pela razão, nem pelas leis, conduziam um e outro a uma multidão d'embaraços inextricaveis.

P. Que significa o ruido d'armas, que ouvistes na segunda viagem? — R. Figura a edade da ambição; representa os combates, que a sociedade tem de sustentar antes de attingir um estado normal, ou então os obstaculos, que o homem precisa de sobrepujar e vencer, para chegar a tomar uma posição conveniente entre os seus similhantes.

P. Que quer dizer a facilidade, que achastes na terceira viagem? — R. Indica o estado de paz e tranquillidade, que resulta da ordem na sociedade, e da moderação das paixões no homem, que entra na edade madura.

P. Como terminou cada uma d'estas viagens? — R. Cada uma me levou a uma porta, a que bati.

P. Como estavam situadas essas portas? — R. A primeira no Occidente, a segunda no Sul, e a terceira no Oriente.

P. Que vos disseram, quando batestes? — R. Na primeira, que passasse; na segunda, que me purificasse pela agua; na terceira, que me purificasse pelo fogo.

P. Que significam essas purificações? — R. Que, para alguem estar em condições de gozar da luz e da verdade, é preciso abandonar todos os prejuizos da infancia e da educação e entregar-se com ardor ao estudo da sabedoria.

P. Que significam as trez portas, a que batestes? — R. As trez disposições necessarias na investigação da verdade: sinceridade, coragem e perseverança.

P. Que vos succedeu depois? — R. Fizeram-me dar o primeiro passo 'num quadrilongo.

P. Que queria isso dizer? — R. Tinha por fim fazer-me

comprehender, que o primeiro fructo do estudo é a experiencia, a qual torna o homem prudente.

P. Que vos succedeu em seguida? — R. Deram-me a luz.

P. Que vistes então? — R. Brilhantes raios me incidiram nos olhos, e vi todos os Irmãos armados d'espadas, com as pontas voltadas para mim.

P. Que queria dizer isso? — R. Depois comprehendi, que estas espadas figuravam os raios da luz da verdade, que, ao primeiro intuito, offendem a vista intellectual de quem não foi preparado por uma solida instrucção para recebel-os.

P. Como vos ligaram á Maçonaria? — R. Por um juramento e uma consagração.

P. Que jurastes? — R. Guardar fielmente os segredos, que me iam ser confiados, amar meus Irmãos, e soccorrel-os na necessidade.

P. Arrependestes-vos de ter contrahido esta obrigação? — R. Nunca! e estou prompto a renoval-a na presença de qualquer Respeitavel Officina!

P. Porque indicios se pode ainda reconhecer um Mação? — R. Por um signal, uma palavra e um toque.

P. Qual é o signal? — R. E' este *(Faz o signal)*.

P. Qual é a palavra? — R. Não devo lel-a, nem escrevel-a, so posso soletral-a; dizei-me a primeira lettra, que eu vos direi a segunda. *(Soletram a palavra sagrada)*.

P. Que significa este uso? — R. Caracterisa o primeiro grau da iniciação, que é o emblema do homem, ou da sociedade nos annos da ignorancia, emquanto o estudo e as artes lhe não desinvolveram ainda as faculdades intellectuaes.

P. Dae-me o toque. — R. (*Da-o*).

P. Dissestes-me, que vos tinham deixado quasi nu. Vestiram-vos na Loja? — R. Sim, vestiram-me um avental.

P. Que significa elle? — R. Indica-me que o homem nasceu para o trabalho, e que o Mação deve applicar-se constantemente a elle para descobrir a verdade.

P. Onde trabalhaes? — R. 'Numa Loja.

P. Qual é a construcção da vossa Loja? — R. E' um quadrilongo, que se estende do Oriente ao Occidente, cuja largura é do Norte ao Sul, altura da terra aos ceus, e profundidade da superficie ao centro do globo.

P. Como está coberta a vossa Loja? — R. Com uma abobada azul, semeada d'estrellas sem numero, onde giram o sol, a lua e infinitas espheras, que se sustentam pelo equilibrio de suas mutuas attracções.

P. Quaes são os sustentaculos d'essa abobada? — R. Doze bellas columnas.

P. Não tem a Loja outros supportes? — R. Está tambem fundada sobre trez fortes pilares.

P. Quaes são elles? — R. Sabedoria, Força, Belleza.

P. Como se representam na Loja esses trez predicados? — R. Por trez grandes luzes.

P. Como estão collocadas essas trez grandes luzes? — R. Uma ao Oriente, outra ao Occidente, e a terceira ao Sul.

P. Que se nota ainda na vossa Loja? — R. Diversas figuras allegoricas, cujo sentido me foi explicado pelo Mestre.

P. Quaes são essas figuras? — R. 1.º Um portico ladeado por duas columnas de bronze, sobre cujo capitel pousam trez romãs entreabertas, com as sementes a rubrear; 2.º uma pedra bruta; 3.º uma pedra lavrada, chamada pedra cubica aguda; 4.º um esquadro, um compasso, um nivel e um perpendiculo, ou fio de prumo; 5.º um maço e um cinzel; 6.º uma tabua aplainada, que chamam prancha dos desenhos; 7.º trez janellas rasgadas na Loja; 8.º no Oriente, o sol e a lua; 9.º a Loja é cercada por um ornato, que se chama orla dentada, o qual enfeita o friso interior da abobada.

P. Que significa o portico? — R. E' figura da iniciação nos mysterios da Maçonaria.

P. Que significam as duas columnas de bronze? — R. Assignalam os dois pontos solsticiaes.

P. Que significam as romãs entreabertas sobre os capiteis das columnas? — R. Recordam-nos todos os bens produzidos pelo influxo das estações; representam-nos tambem todas as Lojas, e o infinito numero de Mações espalhados pela face da terra.

P. Que quer dizer a pedra bruta? — R. Representa o homem destituido d'instrucção, e no estado da natureza.

P. Que significa a pedra cubica aguda? — R. Figura o Mação, ou homem civilisado; é tambem emblema dos conhecimentos humanos.

P. Que significam o esquadro, o compasso, o nivel e o perpendiculo? — R. Como estes instrumentos são indispensaveis, para fazer construcções solidas e duradouras, trazem-me á memoria as regras, que devo seguir no meu procedimento: o esquadro as da rectidão; o compasso as da prudencia; e o nivel e perpendiculo as da justiça para com os nossos similhantes.

P. Que querem dizer o maço e o cinzel? — R. Representam a intelligencia e a razão que foram dadas ao homem, para o tornarem capaz de discernir o bem do mal, o justo do injusto, com o fim de obrar um e evitar o outro.

P. Que representa a prancha dos desenhos? — R. E' em-

blema da memoria, d'essa preciosa faculdade, que se nos concede para formarmos os juizos, conservando os traços de todas as percepções.

P. Que representam as trez janellas? — Indicam, pela sua situação no Oriente, Sul e Occidente, as principaes horas do dia: o nascer, o meio dia, e o por do sol.

P. Porque estão o sol e a lua representados na vossa Loja? — R. Sendo a Loja uma imagem do Universo, facil é de comprehender o motivo, porque 'nella se representam os magnificos esplendores da abobada celeste, que não podiam deixar de excitar a imaginação do homem.

P. Que quer finalmente dizer a orla dentada? — R. Representa-nos incessantemente a união e amor fraternos, que ha entre os Maçães, e deve haver entre todos os homens, de qualquer nação, ou cor, que sejam.

P. Que se faz na vossa Loja? — R. Tecem-se coroas para a virtude, e forjam-se grilhões para o vicio.

P. A que horas começam e acabam os trabalhos dos Maçães? — R. Começam ao meio dia, e acabam á meia noite.

P. Que vindes fazer á Loja? — R. Vencer as minhas paixões, sujeitar a vontade, e fazer novos progressos na Maçonaria.

P. Que trazeis para ella? — R. Amor e benevolencia para todos os meus Irmãos.

P. Que edade tendes? — R. Trez annos.

*Conclusão.* — Ora como o futuro depende do trabalho durante a juventude, trabalhae para que a edade da madureza vos corra de ventura, e a vossa passagem 'neste mundo não seja esteril, quando voltardes ao seio da natureza, de que saistes.

Tal é, no primeiro grau, o catechismo do rito, que se pratica na maior parte dos paizes.

O iniciado, a quem o entregam á saida da sessão de recepção, pode lel-o e relel-o á vontade, que não chegara a comprehender o verdadeiro alcance dos pontos essenciaes d'este resumo symbolico. Tudo effectivamente 'neste manual tem duplo sentido.

Assim (para não citar mais d'um exemplo) quando o catechismo diz, que o avental maçonico significa, que o homem nasceu para o trabalho, é impossivel ao recem-iniciado perceber de que trabalho se tracta. E realmente nem por sombras isto se refere ao trabalho do homem para ganhar a vida, visto que a Maçonaria admitte sem difficuldade, e procura ate os ricos ociosos. O trabalho de que falla o catechismo, são os exercicios de loja, os que devem levar o iniciado á descoberta d'aquillo, a que o veneravel da o nome de verdade. Mas em que consiste essa verdade? Aqui bate o

ponto. Ora como a pretendida verdade maçonica so se revela pouco a pouco, a par e passo com a ascensão do adepto na escala dos graus, o aprendiz não pode suspeital-a. So no grau 30.º é que o mação chega a ser plenamente elucidado; mas então esta completamente ganho: foi preparado com uma habilidade inaudita para a manifestação do mysterio supremo da Maçonaria.

Portanto não nos occupemos por agora senão do aprendiz, que acaba de receber a primeira iniciação, e não desconfia absolutamente nada do papel, que vae ser chamado a representar, se perseverar no caminho, em que se empenhou.

Ao sair da sessão, em que foi recebido, o iniciado vae um pouco atarantado. Não comprehende senão uma coisa: que foi admittido 'nessa associação, cujos usos secretos lhe tinham provocado a curiosidade. E se não se enfastiou extremamente das sacudidelas, que lhe prodigalisaram durante mais d'uma hora, promette de si para si voltar á loja, e assistir ás proximas sessões, quando mais não seja, para apanhar a chave de tudo o que na sua recepção lhe parece enigmatico.

'Numa palavra, está mais enredado que nunca. Nem de longe toma a serio as ameaças, que lhe fizeram, de lhe cortarem a cabeça, e se consente em nada divulgar das palavras, signaes, etc., que pagou por 150 a 200 francos, é so e unicamente, porque no fim de contas tem a estulta vaidade de se ver membro d'uma associação inaccessivel ao publico vulgar. Imagina, ao reentrar á noite em casa, que se tornou repentinamente alguem.

## IV

### AS SESSÕES ORDINARIAS

A loja d'aprendizes reune-se pelo menos uma vez por mez: a media é d'uma vez por quinzena. A mais importante d'estas duas sessões mensaes é a chamada «sessão ordinaria»: é esta a reunião regulamentar, a reunião semi-obrigatoria, aquella a que concorrem quasi todos os membros, a dos trabalhos que interessam particularmente o novo recruta. A outra sessão chama-se «sessão de commissão»; é a reunião, em que se trata das questões administrativas da officina; poucos membros la vão afora os officiaes da loja.

Os principaes elementos dos trabalhos na loja d'aprendizes são as iniciações e conferencias.

Visto está em que consistem as iniciações. Comprehendem ellas provas, que muitos acham estupidas: mas estas provas, qualquer que seja o ponto de vista, em que nos colloquemos, para as

A LENDA D'HIRAM

Caim punha ao serviço dos filhos do lodo essa alma superior, que recebera do Anjo da Luz, Eblis. Ensinava-lhes a arrotear e cultivar a terra.

apreciar, têm uma vantagem, que os thesoureiros da associação declaram inestimavel: são o melhor incentivo do zelo dos adeptos; nutrem a actividade dos irmãos mais, que as proprias conferencias; alem do que favorecem o recrutamento d'um modo caracteristico.

A' primeira vista pode isto parecer extranho; mas consideremos por um momento as fraquezas do homem, e comprehenderemos, que o iniciado é um dos melhores engajadores da Maçonaria.

Ponha-se cada um mentalmente no logar d'aquelle, que acaba de passar, com os olhos tapados, por todas as pesadas brincadeiras, que acima referi: supponha, que é esse homem enleiado, de quem eu ainda agora fallava. Em que consistem realmente essas mysteriosas provas, que soffreu? Ignora-o: e por isso, ao sair da loja, depois de receber a iniciação, percorre com o pensamento o circulo dos seus amigos e conhecidos do mundo profano, e busca alguem, que apresente, para ver experimentar em outros a taça dos juramentos, a interminavel escada, de cujo topo foi precipitado 'num colchão, o sello maçonico, a sangria, e todos os outros artificios, de que não esta bem certo. Tem a curiosidade abrazada em sede, e precisa sacial-a. Faz com que seja recebido o amigo, para ver representar o espectaculo da sua propria iniciação. Se a Maçonaria supprimisse as provas physicas do 1.º grau, perderia recrutas na razão de 90 por cento.

Mas nem todas as sessões podem ser d'iniciação. Recorre-se pois ás conferencias, para satisfazer ao programma das sessões sem recepção.

Estas conferencias são feitas por um nucleo de maçőes militantes, quasi todos pertencentes aos altos graus, os quaes andam pregando de loja em loja. O assumpto d'essas predicas á porta fechada varia pouco: versam sempre sobre politica ou religião, ou sobre o symbolismo maçonico.

No campo politico examinam-se as questões da actualidade, para saber como a associação deve orientar-se, em ordem a tirar proveito da situação presente.

Em materia de religião, insinua-se aos adeptos, que devem desenvencilhar-se dos prejuizos da infancia, ou, por outra, que não devem fazer caso algum das crenças, que lhes inculcaram nos primeiros annos. Importa seguir, dizem, não as inspirações da fe, mas as da razão.

Emfim os conferentes ordinarios das lojas desfazem-se em louvores á instituição maçonica. E' tam antiga, como o mundo, affirmam elles: a sua origem perde-se na noite dos tempos. A proposito entremettem duas palavras discretamente allusivas a certo Hiram, que pretendem ter sido o heroe da Maçonaria na antiguidade. Não insistem; aos aprendizes diz-se precisamente o que é mister, para lhes sobreexcitar a curiosidade, sempre mantida alerta.

Tendo-se tratado 'numa conferencia de qualquer assumpto, um collega do orador, como elle membro activo dos graus superiores, responde-lhe na sessão seguinte. Aquillo é um systema perfeitamente organisado. Em tudo não vêem os aprendizes, mais que os morcegos ao meio dia. Não reflectem nada; não percebem que o auctor da resposta não assistira á conferencia, a que respon-

de; não distinguem pouco nem muito o naipe das cartas, não sabem as mysteriosas tricas dos bastidores. O naipe das cartas, o segredo dos bastidores é, que tudo foi previamente determinado. Senhoream-se do espirito dos neophytos; preparam-nos insensivelmente, sem elles o presumirem para a revelação do que não devem aprender senão no decurso d'um longo praso, do que têm de advivinhar por si mesmos.

Esses conferentes de officio fazem uma verdadeira excursão concionatoria. Vão de loja em loja, percorrendo successivamente as varias officinas do seu districto.

As lojas têm tambem sessões para adopções de *lowtons* [a], que são os baptismos maçonicos, para os reconhecimentos conjugaes, que são os casamentos maçonicos, e para as pompas funebres, que são cerimonias commemorativas, em honra dos irmãos defunctos. Admittem-se 'nellas excepcionalmente, não obstante não pertencerem á Maçonaria, os parentes dos irmãos, cuja paternidade, casamento, ou morte se celebra. Entretanto 'nestas reuniões, chamadas «sessões brancas», estão tomadas as necessarias providencias, para que os profanos admittidos no seio da associação não possam suspeitar os seus segredos essenciaes. Em capitulos especiaes darei a conhecer estas cerimonias.

Alem d'isto celebra a Maçonaria frequentes banquetes em loja d'aprendizes. 'Nestes festins, que mais longe descreverei, somente se admittem os iniciados da Maçonaria masculina. Mas afora estes banquetes reservados, dão-se de vez em quando outros, a que os irmãos levam os seus parentes e amigos da sociedade profana: estes não têm relação alguma com os primeiros. Chamam-lhes «festas de adopção». Foram elles imaginados com o intuito de afastar a desconfiança, que as esposas dos mações poderiam conceber acerca de seus maridos, e de destruir o mau effeito das reuniões clandestinas da associação. E na verdade tudo nas festas de adopção corre honesta e correctamente.

Cumpre não confundir estas festas de adopção com outros convivios chamados «banquetes de adopção», ou «banquetes androgynos», dos quaes são excluidos os profanos, e ate os simples aprendizes. Estes serão revelados na 6.ª parte d'esta obra. A sua existencia não se manifesta nem ás mulheres dos mações, nem mesmo aos irmãos, que so receberam o 1.º grau d'iniciação. São simples orgias intimas, pois que, a partir do 2.º grau, todos os mações, alem da esposa profana, isto é, da mulher legal, podem ter uma, ou mais esposas maçonicas, escolhidas na Maçonaria das Se-

---

(a) Assim o Man. No original lê-se: «Louveteaux» — cachorros de lobo. São os filhos de mação.

nhoras. Estas favoritas secretas são, na giria das lojas, designadas pelo nome de «mopsas». [a]

Por occasião de todos estes baptismos, casamentos, commemorações funebres e festins se preconisa o culto da Natureza.

Ha tambem eleições annuaes dos officiaes da loja, que não dão pouco que fazer. Mas é preciso estar iniciado no grau de mestre para tomar parte na escolha dos candidatos; os aprendizes e companheiros somente votam em segundo logar nos candidatos, que lhes são apresentados pela loja dos mestres.

Emfim, para estimular a actividade das officinas do 1.º grau, ha 'nellas denuncias fraternaes, que, no fim das sessões, chovem no famoso sacco das propostas: ha admoestações não menos fraternaes do veneravel, comprehendendo advertencia e correcção, que se realisam em condições affrontosas para os recalcitrantes, ou culpados d'independencia; ha processos de accusação, e julgamentos, de que hei de fallar no capitulo das *execuções maçonicas*.

Quando se aproximam os periodos eleitoraes da vida profana, emprehendem-se outros trabalhos. Mas não antecipemos; pois não trato aqui senão de delinear assumptos, que reclamarão desinvolvimento, quando chegarmos a estudar o papel politico e social da Maçonaria.

As lojas não se contentam com trabalhar isoladamente; filiam-se umas ás outras, e têm trabalhos communs, principalmente no que respeita á politica. Para alimentar estas relações fraternaes, tem cada loja uma especie de plenipotenciarios acreditados juncto das outras; são aquelles deputados de loja a loja, que vimos receber com grandes attenções, e que têm o privilegio de se assentar no oriente.

Na provincia, um dos maiores attractivos das sessões é a visita d'um irmão de distincção. Quando um mação d'elevado grau se digna de assistir á reunião d'uma loja provinciana, esta considera essa graça como um acontecimento verdadeiramente memoravel. A officina não se poupa a despezas de recepção: os mações arruinam-se em incenso queimado á gloria do Grande Architecto: cada um ostenta as suas fitas mais rutilantes, constelladas d'estrellas, e reveste o peito das medalhas mais luzentes.

Concluirei esta rapida revista das sessões ordinarias das lojas d'aprendizes, descrevendo o exquisito cerimonial usado na expul-

---

(a) Segundo o convertido ex-mação, e distinctissimo escriptor catholico, de saudosa memoria, Souza Monteiro, *mopsa* significa cadella. Não podia a palavra ser mais bem escolhida : mas, para ser coherente, devera a Maçonaria chamar cães aos seus adeptos (cachorros, ja vimos, que chama a alguns d'elles — lowtons) e, segundo esta justificadissima nomenclatura, poderiamos definil-a : Sociedade, que tem por fim transformar os homens em cães. A Maçonaria porem, como veremos, vae muito mais longe nas suas metamorphoses.

são d'um irmão, por mau pagador. Effectivamente é preciso não perder de vista, que a exactidão no pagamento das fintas é uma das primeiras virtudes maçonicas. Deixar-se ficar em atrazo 'nestas contas é dar prova de vicio; faltar inteiramente ao pagamento, a despeito das reclamações do thesoureiro e veneravel, é atraiçoar a honra.

No *Templo dos Amigos da Honra Franceza* (como de resto tambem nas outras lojas) não se brinca. O antigo veneravel da minha officina, o irmão Hubert, que é uma das maiores luzes da Maçonaria Franceza, goza especialmente de celebridade, como exactor maçonico implacavel. Foi elle, quem inventou o cerimonial hoje em moda para expulsar os maus pagadores.

A descripção d'este cerimonial, completamente burlesco, poderia parecer engenhada a capricho, porque as momices excogitadas pelo irmão Hubert são tam pueris, que raiam no inverosimil. Cumpre-me portanto citar o proprio irmão Hubert. O seu jornal, La Chaine d'Union — A Cadeia d'União — *orgão da Maçonaria Universal*, publica-se em Paris sob a forma de revista mensal. Póde ver-se na Bibliotheca Nacional. O irmão Hubert, no numero de julho de 1867, deu-se ao trabalho de publicar o ritual seguido na expulsão dos mações maus pagadores. Alem d'isto o ex-veneravel dos *Amigos da Honra Franceza* passa bem de saude, e o seu jornal continua a ver a luz da publicidade. Elle ha de guardar-se cuidadosamente de negar este cerimonial, que reputa admiravel, pois que é o seu auctor, e que as lojas observam com respeito, como emanado d'um dos mais altos funccionarios do Grande Oriente da França. Em todo caso pode, quem quizer, consultar na Bibliotheca Nacional o numero do jornal maçonico official, que acima indiquei.

No dia em que ha de ter logar uma expulsão d'estas, o templo é esclarecido apenas por uma luz funerea. Sobre o pendão da loja fluctua uma facha negra; uma espessa gaze vela os transparentes do sol e da lua; as tochas regulamentares são substituidas por trez lanternas fixas a longas hastes e cobertas de crepes funerarios, sustentadas pelo irmão terrivel e os dois expertos; todos os bicos de gaz da sala têm menos trez quartos da costumada luz, e a sua chamma somente exhala um clarear bruxuleante. Ao meio da sala, defronte do oriente e perto d'elle, repousa um brazeiro sobre uma trempe triangular. Juncto está de pe o mestre de cerimonias, com uma folha de papel na mão, na qual se lê o nome do irmão, cujas contribuições estão em atrazo. Supponhamos que este se chama «Gregorio Durand». Eis o modo como, 'nesta hypothese, se realisam os «trabalhos de expulsão».

Estando todos nos seus logares, dá o veneravel um toque de malhete.

Veneravel. — Irmão Mestre de Cerimonias, fazei o favor d'ir com o Irmão Terrivel ao limiar do templo, e la, tendo mandado abrir a porta do nosso sanctuario, chamareis trez vezes pelo Irmão Gregorio Durand, cuja ausencia está aqui comprovada.

O mestre de cerimonias, acompanhado do irmão terrivel, com a sua lanterna coberta de crepe, vae ao occidente. O irmão cobridor abre a porta, e o mestre de cerimonias clama trez vezes voltado para a camara dos passos perdidos:

— Irmão Gregorio Durand, a Loja chama por ti!

Volta-se depois para os assistentes, e o irmão cobridor torna a fechar a porta.

1.° vigilante. — Veneravel, o Irmão Gregorio Durand não respondeu ás trez chamadas nominaes.

Veneravel. — Voltae aos vossos logares, Irmão Terrivel, e vos Irmão Mestre de Cerimonias.

Estes dois empregados vão collocar-se no meio do templo, um ao pe do brazeiro, outro a alguma distancia dos dois expertos, que têm tambem cada um sua lanterna velada.

O veneravel, dada uma pancada de malhete. — Irmão 1.° Vigilante, qual é o dever de todo homem honrado?

1° vigilante. — E' desempenhar os compromissos tomados voluntariamente.

Veneravel. — Não é o Mação obrigado por duplo titulo a cumprir suas promessas?

1.° vigilante. — E' obrigado como homem d'honra, e além d'isso como Mação; porque quem diz Mação diz homem primeiro que tudo, verdadeiro, probo, e honesto.

Veneravel. — O Mação que não satisfaz as suas fintas, divida d'honra, por elle contrahida sem caução, não mente á verdade? não falta á honra, á probidade, á honestidade?

1.° vigilante. — Sem duvida, Veneravel.

Veneravel. — Que merece o homem, que não temeu rebaixar-se tanto no seu proprio conceito?

1.° vigilante. — Ser desprezado por seus Irmãos, e riscado e expulso da Ordem.

Veneravel. — De pé e á ordem, meus Irmãos!

Erguem-se todos.

Veneravel. — Mações, meus Irmãos, infelizmente achou-se entre nós um homem, que se poz no caso, que acabamos de vos expor. E' o Irmão Gregorio Durand. Tendo-o solicitado por todos os meios mais fraternaes, para o mover a cumprir as obrigações contrahidas e não havendo os nossos perseverantes esforços conse-

guido o effeito desejado, com grande magua, temos de declarar, que por este criminoso esquecimento no desempenho d'uma obrigação sagrada, o Mação Gregorio Durand perdeu a nossa estima, e justamente merece ser expulso da Ordem... Por conseguinte, Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, annunciae nas vossas columnas, como eu faço no Oriente, que vamos dar uma bateria de tristeza, para manifestarmos o nosso sentimento, por se ter, por um instante, introduzido traiçoeiramente entre nos um homem tam pouco digno da Maçonaria.

1.º vigilante. — Irmão 2.º Vigilante, Irmãos que decoraes a columna do Meiodia, o veneravel nos previne de que vamos dar uma bateria de tristeza, para manifestar etc.

2.º vigilante. — Irmãos que decoraes a columna do Norte, o Veneravel nos previne etc.

1.º vigilante — Annunciado nas duas columnas, Veneravel.

O veneravel da uma pancada de malhete. A este signal, todos os assistentes, pondo o chapeu, com a aba derrubada para a testa, inclinam a cabeça tristemente.

Segunda pancada de malhete do veneravel. A este segundo signal, o mestre de cerimonias lança ás brazas a folha de papel, em que está escripto o nome do irmão, que recusa pagar.

Veneravel — Declaramos expulso o Irmão Gregorio Durand, incurso no crime de ter faltado á honra, não pagando as suas fintas. Gemamos, meus Irmãos, sim gemamos pelo homem que degradamos do titulo de Mação. Que opprobrio para quem tivesse o respeito de si mesmo!

Terceira pancada de malhete. A este signal, todos os presentes batem lentamente por trez vezes, com a mão direita aberta, no antebraço esquerdo, o que produz um ruido surdo. É a bateria de tristeza. A cada pancada diz cada um em tom lugubre:

— Gemamos!

Terminam modulando com uniformidade um debil gemido.

Veneravel. — Attenção meus Irmãos! vamos dar uma segunda bateria de tristeza... Gemamos, meus Irmãos, pela pungente necessidade, em que nos vimos, de proceder com rigor e desconsideração, quando jamais quereriamos senão tractar com honra e louvor!

Todos os assistentes batendo ao mesmo tempo no antebraço:

— Gemamos!... gemamos!... gemamos!... Hui! hui! hui!...

O veneravel da com o malhete trez pancadas precipitadas.

Todos immediatamente se descobrem; 'num momento os officiaes da loja tiram os crepes, que velam as lanternas, os transparentes e o estandarte; avivam-se tambem rapidamente todos os bicos de gaz.

Veneravel. — A terceira bateria, que vamos dar, meus Irmãos, será a bateria d'esperança... Concebamos, meus Irmãos, a animadora e suave esperança de que d'oravante nenhum de nos se expora a similhante infamia e de que a nossa cara Loja, depurada assim para sempre de tam triste refugo, attingirá a melhor e mais solida das prosperidades!

Todos os presentes dão trez pancadas, mas d'esta vez com as mãos, exclamando certos: — Huzê! huzê! huzê!

## CAPITULO SEGUNDO

## A LOJA DOS COMPANHEIROS

### I

### INICIAÇÃO DO COMPANHEIRO

— Viste a estrella radiante?

— Que estrella radiante?!... de que astro queres tu fallar? Explica-te, e responderei.

— Não, é escusado explicar-me mais; o que me dizes, prova que não viste a estrella radiante.

Tu não viste nada meu amigo; não passas d'um aprendiz!

Tal é o dialogo, que pode travar-se entre dois irmãos dos trez pontos, um modesto aprendiz, o outro todo inchado por ter sido promovido a companheiro.

Asseguro-vos que tem razão para o estar. Effectivamente é quando um aprendiz mação tem a distincta honra de passar a companheiro, que lhe mostram a estrella radiante. Pagam-se geralmente trinta centimos nas feiras, para admirar uma mulher gigante, a *Venus da Auvernia*, ou a *Semiramis dos Alpes*, do peso medio de 160 a 180 kilos.

Na Maçonaria, a somma, a pagar para poder contemplar a estrella radiante, varia entre quarenta e sessenta francos, segundo as lojas. Como o leitor vê, a differença de preço entre as exhibições de feira e as exhibições maçonicas é sensivel; mas tambem a contemplação da estrella radiante tem outra sublimidade, que não a *Venus Auverneza*, ou a *Simiramis dos Alpes*.

É por isso que, emquanto nos barracões de feira se não paga senão á saida, e no caso de estar satisfeito, nas lojas da Maçonaria, paga-se antes d'entrar, tam seguro é e tam certo, que o iniciado não ha de chorar o seu dinheiro.

A Lenda d'Hiram

A este mysterioso signal, feito no ar por Hiram, vêem-se correr de todos os pontos do horisonte esses operarios diversos em nação, em lingua, em origem: são mais de trezentos mil, e vem enfileirar-se ordenadamente per si mesmos, como um exercito formado em batalha.

Ora pois eu lhe conto, caro leitor, como um irmão dos trez pontos adquire o direito de poder dizer com orgulho:

— Eu vi a estrella radiante!

Sabemos, que, desde que foi recebido por aprendiz, o novo adepto foi admittido ás sessões ordinarias da sua loja; mas, bem entendido, as reuniões, a que assistiu, são exclusivamente aquellas, que, do principio ao fim, tiveram logar «em sessão d'aprendiz».

Mais d'uma vez, quando a si mesmo se promettera passar uma bella noite maçonica, o iniciado do primeiro grau soffre uma decepção humilhante. Chegado a certo ponto, o veneravel dá um toque de malhete e diz: «Meus Irmãos a nossa Respeitavel Loja vae agora abrir os seus trabalhos no segundo grau; por conseguinte pede-se a todos os Irmãos, que só têm o de Aprendiz, o favor de «*cobrirem o templo*». Estas breves palavras significam: «Como nós vamos agora occupar-nos de negocios interessantes, e em que os aprendizes não têm que metter o nariz, os iniciados do primeiro grau vão dar-nos o prazer de tornarem a passar a porta, e depressa!»

Pensem os aprendizes o que quizerem, mas não ha meio de recalcitrar; têm d'obedecer ao convite do veneravel. Saem portanto, deixando os seus collegas dos graus mais elevados tractar dos negocios interessantes e mysteriosos.

A' terceira ou quarta reedição d'esta amavel e polida despedida, o bisonho mação diz comsigo:

— Ora esta! então que interessantes negocios são esses, que os meus irmãos mais graduados tratam na minha ausencia?... Como é triste ser eu sómente aprendiz!» E o meu homem, picado da curiosidade, aspira desde então a chegar a companheiro. Um bello dia lê no fundo da sua *prancha de convocação* este laconico aviso:

«Devendo ter logar muito proximamente uma sessão de Companheiros e Mestres, o Veneravel convida os Irmãos Aprendizes da Officina, que desejem augmento de salario, a o pedirem immediatamente.»

Para saborear, como convem, esta noticia, importa saber primeiro o que, em estylo maçonico, se entende por «augmento de salario». O leitor pôde já verificar, e ha de verificar ainda, que, oitenta vezes por cento, para comprehender a giria dos irmãos dos trez pontos, é necessario interpretar as palavras e as phrazes inteiramente ás avessas. Assim a liberdade maçonica consiste 'numa submissão absoluta ás ordens dos chefes; a egualdade é uma gerarchia, que não abrange menos de trinta e trez a noventa graus, segundo os ritos; quanto á fraternidade, havemos de a ver em exercicio, quando chegarmos ao capitulo das *execuções maçonicas*. Da mesma maneira «augmentar o salario» d'um irmão, é fazer-lhe pagar uma pesada somma, alem d'aquella, que elle precedentemente consentiu em lhe extorquirem. O aviso do veneravel significa pois, que, mediante um novo pagamento á caixa da loja (em media de cincoenta francos) o aprendiz podera ser admittido á recepção de companheiro.

Ainda não é tudo. Em virtude dos estatutos, para passar do

primeiro ao segundo grau, é preciso ter sido iniciado pelo menos ha cinco mezes, e ter assistido regularmente ás sessões da officina durante todo esse tempo.

O aprendiz, que satisfaz a estas condições e pode dispôr de cincoenta francos, escreve o seu pedido, assigna-o, e lança-o no sacco das propostas, no fim d'uma sessão. O veneravel annuncia, que um irmão do primeiro grau pede augmento de salario, e fixa para a sessão seguinte o exame do candidato, para ter logar em loja d'aprendiz.

No dia indicado, abre-se a sessão como de ordinario; depois, adoptada a acta da sessão precedente, e introduzidos os irmãos visitadores, o veneravel informa a assemblea do motivo da reunião; em seguida ordena ao candidato, que se colloque entre columnas, onde o faz passar por um severo exame sobre a instrucção e os symbolos do primeiro grau; depois manda-lhe cobrir o templo, em companhia d'um dos expertos, designado para preparador.

Veneravel. — Irmão 1.º e 2.º Vigilante, convidae os Irmãos, que decoram as vossas columnas, para apresentarem as suas observações sobre o exame, que acaba de fazer o Irmão N., em virtude do seu pedido de admissão ao grau de Companheiro.

Os vigilantes repetem este annuncio. Ouvidas as observações, se as ha, o veneravel manda ao hospitaleiro, que percorra com o sacco de beneficencia os aprendizes presentes á sessão. Depois de os aprendizes terem enchido sufficientemente o sacco, o veneravel convida-os a retirarem-se.

Veneravel. — Estando os trabalhos a ponto de se abrirem no segundo grau, pede-se aos Irmãos Aprendizes d'esta Respeitavel Loja o favor de cobrirem o templo.

Saida dos aprendizes.

Não ficando a loja desde então composta senão d'irmãos investidos no grau de companheiro, e superiores, o veneravel submette á apreciação da assemblea as observações, que porventura se tiverem feito.

Resolve-se em seguida, se deve ter logar o escrutinio, e, ouvidas as conclusões do orador, o mestre de cerimonias distribue, por ordem do veneravel, as espheras brancas e pretas; os vigilantes annunciam, que vae correr a urna; lançam-se os votos; um experto leva a urna ao veneravel; outro sobe ao oriente, para assistir ao apuramento. Para que haja admissão, requere-se maioria absoluta de votos (espheras brancas).

O veneravel participa o resultado do escrutinio, e, sendo favoravel, manda applaudir.

Quando a admissão é regeitada, vae um experto á sala dos

passos perdidos participar ao candidato, de que, tendo sido addiada a satisfacção do seu pedido, havera por bem retirar-se, e aguardar circumstancias mais favoraveis.

Veneravel. — Meus Irmãos, tendo sido acceito o Irmão N., para ser admittido ao segundo grau symbolico, vamos constituirnos em sessão de Companheiro para proceder á sua recepção . . . Declaro portanto suspensos os trabalhos d'Aprendiz . . . (pancada de malhete). Irmão 1.º Vigilante, que edade tendes?

1.º vigilante. — Trez annos.

Veneravel. — Ides mais alem?

1.º vigilante — Interrogae-me?

Veneravel. — Sois Companheiro?

1.º vigilante. — Vi a Estrella Radiante.

Veneravel, — Irmão 2.º Vigilante, qual é o dever dos Vigilantes na Loja dos Companheiros?

2.º vigilante. — E' assegurarem-se de que todos os Mações são Companheiros.

O veneravel, depois de um toque de malhete. — De pé e á ordem de Companheiro, meus Irmãos, rosto ao Oriente! (todos se levantam).

Irmãos, 1.º e 2.º Vigilante, cumpri o vosso dever.

Os vigilantes percorrem as suas respectivas columnas e verificam, que todo assistente é legitimo companheiro.

Para isto cada um tem o cuidado de se collocar na postura consagrada, que é especial no 2.º grau.

O leitor dispensar-me-ha de entrar nas minuciosidades da recepção no grau de companheiro, que é uma simples transição entre a aprendizagem e a mestria. Esta recepção tem até tam pouco interesse, que em geral se faz quanto é possivel, para iniciar muitos candidatos ao mesmo tempo, e assim diminuir o numero d'essas cerimonias.

O quadro da loja dos companheiros differe pouco do da loja dos aprendizes.

O aspecto da sala tambem quasi não soffre modificação.

Um pouco adiante dos degraus do estrado, vê-se uma mesa coberta d'instrumentos maçonicos, taes como regua, compasso, malhete, cinzel, esquadro, etc. Nas extremidades estão duas espheras, uma celeste, a outra terrestre, sendo esta completada por uma serpente de gomma elastica, ou de papelão pintado, que, cingindo-a nas suas roscas, ergue sobre ella a cabeça triumphante. Esta mesa chama-se «altar do trabalho». A' esquerda jaz uma rocha informe, ou pedra bruta; á direita a pedra cubica aguda, recamada de geroglyphicos.

Os expertos trouxeram quatro escudos postos em cavalletes.

O primeiro tem as seguintes palavras:

«Vista, Ouvido, Tacto, Olfacto, Gosto». O segundo: «Ordem Toscana, Ordem Dorica, Ordem Jonica, Ordem Corinthia». O terceiro: «Grammatica, Rhetorica, Logica, Arithmetica, Geometria, Astronomia, Musica». O quarto: «Solon, Socrates, Lycurgo, Pythagoras, I N R I».

Por cima da cabeça do veneravel, foi suspenso um transparente, em forma d'estrella, com cinco pontas. A' guisa de raios, tem esta estrella entre as pontas cartões, que semelham chammas mal pintadas, ou moutas de pello.

Este ridiculo transparente, no meio do qual se divisa a lettra G, é illuminado por velas, collocadas no interior. E' esta a famosa estrella radiante, cuja vista fica por cincoenta francos.

As columnas da porta d'entrada são ornadas por duas espheras, em vez de romãs.

Introduzem-se os postulantes, que 'nesta iniciação já não trazem os olhos vendados, levam-se em passeio pela sala, á volta da tela pintada, estendida no pavimento, fazendo-os carregar com os instrumentos symbolicos da Maçonaria, explicam-se-lhes os escudetes dos cinco sentidos, das quatro ordens d'architectura, das sete sciencias, e finalmente o dos philosophos.

Tudo isto é de fazer dormir em pé, e, em todo o curso d'esta interminavel e fastidiosa iniciação, trazem os candidatos o seu grutesco avental, com o babadouro levantado.

Este ultimo ponto é essencial; se por desgraça um d'elles descia o babadouro, tudo estava perdido; porque só os companheiros têm o direito de o descer.

As viagens são cinco. Na terceira mostra o veneravel aos candidatos a estrella radiante. « E' a representação geometrica da Humanidade, a figura do systema da organisação do homem. E por isso a lettra G, que se vê no seu centro, e que para os Companheiros significa apenas Geometria, tem outro sentido mysterioso, cuja explicação não pode dar-se, senão aos dignos Maçães que estudam e perseveram».

'Neste ponto, o irmão experto, que acompanha os candidatos, levanta-se do seu assento, e faz uma genuflexão diante da lettra G da estrella radiante. Os aspirantes a companheiro dobram por sua vez o joelho; depois assentam-se de novo.

No fim do quinto passeio ao redor da tela pintada, o veneravel dirige aos candidatos um discurso assim concebido:

— Meus Irmãos, vos fizestes esta derradeira viagem com as mãos desoccupadas, mas conservando sempre o vosso avental, emblema do trabalho. Não esqueçaes nunca, que nós somos antes de tudo trabalhadores, e 'neste dilatado campo do pensamento,

onde trabalhamos á medida de nossos meios e de nossas forças, o agricultor não colhe muitas vezes senão motejos e perseguições... Para nós, Mações, o trabalho é um esforço constante dos nossos braços e do nosso espirito, que produz um resultado util. O trabalho é material, ou intellectual. O material exerce-se pelos braços e pelas mãos do homem. Consiste na cultura da terra, na construcção dos edificios, no fabrico dos utensilios e objectos necessarios á vida physica. O trabalho intellectual, que começa pela instrucção obrigatoria, e se remonta até ás mais altas concepções do espirito humano nas artes e nas sciencias, desinvolve todas as nossas faculdades, e revela-nos os segredos da natureza, e com a ajuda e concurso do trabalho material, erige os mais grandiosos monumentos, legando d'esta sorte aos seculos futuros todas as riquezas conquistadas pela associação das suas duas forças reunidas. Assim é que, pelo veu allegorico da architectura, a Maçonaria honra a alliança do trabalho da intelligencia ao trabalho manual... O trabalho é o guarda da virtude, disse Hesiodo, poeta grego da antiguidade; e este poeta pagão tem razão, mesmo contra a Biblia. Sim, meus Irmãos, a Biblia erra, quando indica o trabalho como um castigo, não sendo elle mais que uma feliz necessidade, uma exigencia salutar da organisação do homem, fundada na natureza, a divina natureza, que produz sem cessar, e jamais descança. Se Deus descançasse, todo o movimento cessaria. Dar-se-hia então o fim do universo...

«É tambem para honrar o trabalho, que nós chamamos «trabalhos» ao tempo de fraternidade passado nas nossas sessões; e como todo o trabalho merece salario, fizemos entrar egualmente est'outra palavra no nosso imaginoso vocabulario. O salario maçonico é symbolico: significa, que o iniciado, como todo homem de bem, não espera a sua recompensa no futuro, mas a recebe 'neste mundo, e vive satisfeito; elle é virtuoso, não para que o seu comportamento o leve um dia á bemaventurança, mas porque a virtude, objecto de seus trabalhos, lhe grangea a paz de espirito, a satisfacção e a felicidade ... Emfim, meus Irmãos, a significação symbolica da vossa ultima viagem é a Liberdade. Deveis portanto penetrar-vos dos deveres, que a Liberdade impõe ao homem social, e o grande segredo, para d'ella gozardes sem desordem, é exercerdel-a sem prejudicardes vossos similhantes ... «A vossa educação de iniciados está 'neste momento concluida; sómente vos resta dispôrdes ordenadamente na intelligencia o que aprendestes, para poderdes, pelo exemplo e palavra, dar áquelles, que vierem depois de vós, a instrucção que vós proprios recebestes ...

«O fim, que nós Mações temos constantemente em vista, é a civilisação da sociedade, pela propagação das sciencias, e o aper

feiçoamento da especie humana, pela moral, que resulta do influxo de cada sciencia em particular. Resumindo pois tudo o que tendes aprendido no curso das vossas precedentes viagens, vereis, que o estudo de si mesmo é o primeiro, a que deve entregar-se o que quer chegar á sabedoria; que o estudo profundo das sciencias tem por fim fazer-nos pensar rectamente ácerca dos nossos direitos e deveres para com os nossos similhantes, pôr-nos á altura de exercer uns e cumprir os outros com intelligencia e firmeza, elevar-nos acima das vicissitudes humanas, e dar-nos a força necessaria, para supportal-as com coragem e resignação... É d'uma das sciencias mais sublimes, a sciencia astronomica, que a Maçonaria tirou as formas allegoricas, que dão uma especie de corpo ao seu pensamento. Assim todos os emblemas, que adornam seus templos, nos lembram o Grande Templo do Universo, e esta Estrella Radiante, que vedes sobre a minha cabeça, é a figura sagrada, que nos traz á memoria a causa mysteriosa de tantas maravilhas, o Grande Architecto dos Mundos.

Ao pronunciar estas ultimas palavras, o veneravel descarrega na sua mesa uma pancada de malhete das mais vigorosas. Tudo inclina a cabeça, para saudar a estrella radiante. Emfim os postulantes são conduzidos ao bronco rochedo chamado «pedra bruta», no qual fazem dar a cada um trez pancadas. Chama-se esta macaquice «o ultimo trabalho d'aprendiz.»

Depois manda-se aos candidatos pôrem a mão direita sobre a mesa, em que estão as duas espheras. Obedecem.

Veneravel. — Meus Irmãos, elevemos 'num pensamento commum os nossos corações, para glorificar o trabalho, a primeira e mais alta virtude maçonica... O' Trabalho! dever sagrado do homem livre! força e consolação dos corações generosos! gloria te seja dada, a ti, que nos preservas das paixões vis e perversas, a ti, que tornas mais doces ao coração as caricias dos filhos e a affeição da esposa!... E's tu que nos dás a estima de nós mesmos e nos tornas melhores para os outros! tu nos proteges contra a corrupção do vicio, tu nos asseguras a liberdade, tu nos ensinas a egualdade e sazonas as nossas almas para a divina fraternidade!... Gloria te seja dada, ó Trabalho! bemdito sejas pelos Filhos da Viuva, pelos dons do passado, e bemdito pelos beneficios do futuro!... (Erguendo a mão:) Gloria ao Trabalho!

Todos os irmãos presentes, erguendo tambem a mão. — Gloria ao Trabalho!

Os aspirantes escutam esta invocação; mas como a significação secreta da lettra G da estrella radiante lhes não foi revelada, não podem comprehender qual é o trabalho, que a Maçonaria glorifica.

Ouvem portanto, sem pestanejar, o elogio «da mais alta virtude maçonica», não suspeitando sequer que o veneravel lhes declama uma patarata de charlatão, com a mais infame ambiguidade.

E' então que os candidatos prestam o juramento, ou obrigação. Cada grau tem o seu. O de companheiro é o seguinte:

«Eu, F. de tal, juro e prometto solemne e sinceramente, perante esta respeitavel assemblea, nunca revelar a nenhum Profano, nem Aprendiz, os segredos do grau de Companheiro. Renovo a promessa de amar os meus Irmãos e soccorrel-os em suas necessidades. Se algum dia me tornar perjuro, que me arranquem o coração, para que nunca mais fique lembrança de mim entre os Mações.

O secretario lança na acta nota do juramento, e o veneravel consagra os novos companheiros.

Revela-lhes os segredos do grau, e lhes declara, que, d'aquelle momento em diante terão «o direito de trabalhar na pedra cubica». Communica-lhes a palavra de passe, que é *Schibboleth*, e a palavra sagrada, que é *Jakin*. (1)

A ultima revelação feita ao novo companheiro é a que se segue:

— Como Companheiro, tendes cinco annos, diz o veneravel. A progressão a que o grau obedece, indica as luzes e experiencia, que se suppõe terdes adquirido; sabei porém, meu Irmão, que a edade não as dá realmente senão áquelle, que se associou aos homens e ás coisas. Esta edade habilita-vos para visitar as Lojas de Adopção onde tudo se faz por cinco.

Esta ultima phrase, que necessita d'uma explicação ao ouvido, é simplesmente um artificioso desmentido d'uma das asserções feitas por occasião da recepção no grau d'aprendiz.

Então dizia o veneravel ao neophyto:

— Nós não admittimos mulheres nas nossas Lojas.

Hoje eis como se exprime, dirigindo-se ao novo companheiro:

— Na qualidade de Mação investido no segundo grau, meu Irmão, tendes actualmente o direito d'assistir ás sessões das Lojas d'Adopção. Quero dizer: as nossas Lojas não recebem mulheres nos seus mysterios, como se vos disse quando fostes recebido por Aprendiz; mas existem Lojas de Senhoras, chamadas Lojas d'Adopção, a cujos mysterios são admittidos os Mações, desde que recebem o grau de Companheiro.

---

(1) Nas lojas de companheiros, que dependem do Grande Oriente da França, a palavra sagrada é *Booz*; quanto á palavra de passe, é egualmente *Schibboleth*.

Se o iniciado, que apanha esta confidencia á queima roupa, é casado, veja-se como de repente se torna embaraçada a sua situação.

Durante a sua longa passagem pelo grau de aprendiz, isto é, durante cinco, ou oito mezes, um anno, e até ás vezes dois, este homem, com a mais completa boa fé, tem jurado a sua mulher, para desvanecer as suas justas susceptibilidades, que as noites, que vae passar ao local maçonico, são perfeitamente innocentes; que 'nelle se fazem conferencias, se cavaquea sobre politica, mas que nunca, absolutamente nunca, lá encontrou senhora alguma, por não serem as mulheres admittidas na Maçonaria.

Ha muito mais: algumas vezes organisou a Loja um banquete, com participação dos profanos, o que, na giria da sociedade, se chama uma «festa de adopção». Cada irmão levou comsigo a mulher, ou os amigos; o nosso homem fez como os outros, levou a mulher á festa. Ella verificou, que ninguem alli trazia insignias maçonicas, senão homens; por conseguinte ficou convencida de que, se existem irmãos mações, não existem em contraposição irmãs maçonas. 'Nestas festas todos se mantiveram nos limites d'uma stricta decencia; a esposa do mação saiu d'alli com uma opinião favoravel á Maçonaria, pelo menos no que respeita aos bons costumes.

E eis que bruscamente este homem casado vem a saber que interpretou mal o que se lhe disse, que não comprehendeu o que viu, que as festas d'adopção são uma coisa, e que existem tambem lojas d'adopção, mas que são coisa inteiramente diversa.

Comprehende o leitor o seu embaraço, se elle é incapaz de transigir com o dever conjugal?

Ao reentrar aquella noite em casa, não communicará a sua mulher a inesperada revelação, que reçebeu. Poderá ser que, no fim de contas, não haja mal algum na existencia d'essas lojas de adopção; antes de decidir alguma coisa, quererá elle ver primeiro, inteirar-se por si mesmo, e irá visitar uma d'essas lojas de senhoras «onde tudo se faz por cinco», como disse o veneravel. Que decisão tomara depois de ver?...

Não chegou ainda o momento de examinar esta melindrosa questão. Mais tarde veremos o que são as irmãs maçonas.

Por agora contentemo-nos com surprehender a secreta associação em flagrante delicto de mentira. A explicação, que dá o veneravel ao novo Companheiro, debalde se involve em subtilezas: a affirmação, feita na primeira iniciação, de que não ha mulheres na Maçonaria, nem por isso fica sendo menos uma impudente mentira.

Mas esta contradicção, cujo cynismo se mette pelos olhos, não põe os novos companheiros de sobreaviso contra as outras velhacadas da Ordem, a que se entregaram. A maior parte d'elles, na noite da sua recepção no segundo grau, saem da loja com a insana curiosidade de conhecer essas mysteriosas lojas d'adopção, cuja existencia ainda momentos antes não suspeitavam.

Ora é nas officinas da Maçonaria Feminina, que se revela aos iniciados do segundo grau a verdadeira significação da estrella radiante, e da sua lettra G.

## II

### CATECHISMO DO COMPANHEIRO

P. Com que intuito se reunem os Mações em Loja? — R. É para se instruirem e se habituarem á pratica da virtude.

P. A que grau d'instrucção chegastes. — R. Tenho o favor de ser Companheiro, segundo grau da iniciação.

P. Que tendes aprendido no segundo grau. — R. A conhecer-me a mim mesmo e a corrigir os meus defeitos com o cinzel da moral.

P. Como se procedeu para vos dar esta instrucção? — R. Primeiro pelo exame das faculdades outorgadas ao homem, e dos orgãos, que elle possue, para exercer essas faculdades; e em seguida pelo estudo das artes liberaes e das sciencias.

P. Quaes são esses orgãos que servem para exercer as nossas faculdades? — R. Os sentidos da vista, do ouvido, do tacto, do gosto e do olfacto.

P. Tereis por ventura na vossa Loja um signal que exprima este systema da organisação do homem? — R. Sim Veneravel, vê-se brilhar no Oriente uma estrella, cujas cinco pontas figuram os sentidos; denomina-se a Estrella Radiante.

P. Essa estrella symbolica não contem outro emblema? — R. Divisa-se no meio a lettra G, que significa Geometria, uma das mais elevadas sciencias, que tem produzido o genio do homem; é por isso, que eu vejo ainda 'nessa lettra o symbolo por excellencia da intelligencia humana.

P. Porque vos propuzeram o estudo das artes? — R. Porque não ha uma só, que não possa produzir uma virtude no Mação, que se applica ao estudo, com o fim de ser util aos seus similhantes. Em segundo logar, porque ha uma, que particularmente fornece á Maçonaria todos os seus emblemas; já citei a Geometria, que comprehende no seu dominio a Architectura.

A Lenda d'Hiram

Hiram e Balkis não hesitam mais. A' face da natureza juram-se mutua fidelidade.

P. Como fostes recebido por Companheiro? — R. Apresentaram-me á porta da Loja, á qual bati trez pancadas.

P. Que responderam? — R. Perguntaram-me, quem eu era e que queria; interrogaram-me sobre o que tinha aprendido no primeiro grau.

P. Que respondestes? — R. Respondi, que empregara o tempo da Aprendizagem em vencer as minhas paixões, submetter os meus appetites, e elevar o edificio debaixo de prumo; emfim que desejava aperfeiçoar esta obra aprendendo a servir-me do nivel dos companheiros.

P. Que quer isso dizer? — R. Que tendo reconhecido no primeiro grau a necessidade da instrucção, vinha procural-a no segundo.

P. Que fizeram em seguida? — R. Mandaram-me fazer cinco viagens.

P. Que vos ensinaram 'nessas viagens? — R. Ensinaram-me a reconhecer, tanto o que está dentro, como o que está fora de mim.

P. Explicae isso? — R. Na primeira viagem, fixaram-me a attenção nos cinco sentidos, para que aprendesse a conhecer-me a mim mesmo. Tinham-me mettido nas mãos um maço e um cinzel, para me indicar, que estes orgãos precisavam de ser guiados pelo martello da experiencia e pelo cinzel do entendimento.

P. Que vistes na segunda viagem? — R. Mostraram-me as quatro ordens d'architectura, como uma das artes, que primeiro se desinvolveram, quando os homens começaram a experimentar o sentimento do bello; tinha eu na mão uma regua e um compasso, para me ajudarem a medir as proporções d'esta arte na construcção do meu ser moral, com o fim de o manter sempre em harmonia.

P. Que aprendestes na terceira viagem? — R. Fizeram-me passar em revista as artes liberaes, e d'este modo reconheci o poder que tem o progresso da civilisação sobre as sociedades. Tinham-me dado uma regua e uma alavanca para me fazer comprehender a influencia das artes no estado das sociedades.

P. Que vos ensinaram na quarta viagem? — R. Ensinaram-me a servir-me da esphera, producto do estudo, e dos conhecimentos de nossos maiores; nomearam-me os sabios mais celebres da antiguidade, querendo fazer-me comprehender d'est'arte a salutar influencia do exemplo nos homeus, e para me excitarem a mim mesmo a exercer pelo meu exemplo uma influencia util nos meus Irmãos Aprendizes.

P. Como fizestes a quinta viagem? — R. Fil-a com as mãos livres; nada de novo me mostraram, porque, tendo terminado o curso dos meus estudos, só me restava deduzir d'elles as consequencias proprias para esclarecer-me; fizeram-me glorificar o trabalho, para que eu podesse trabalhar por minha vez, e por-me em estado de instruir os meus similhantes menos adiantados, que eu.

P. Estas viagens não symbolisam mais nada? — R. Creio que sim, porque me parecem representar as diversas edades do homem, ou da sociedade; na juventude elle se instrue; na edade viril applica os conhecimentos, que adquiriu; na da madureza reparte aos outros os fructos da sua propria experiencia.

P. Não poderão estas viagens emblematicas considerar-se sob outro aspecto? — R. Os trabalhos do segundo grau são tambem uma allegoria do curso das estações, desde o equinocio da primavera até ao do outomno no nosso hemispherio.

P. Como assim? — R. As trez primeiras viagens parecemme figurar as operações da natureza durante a primavera, que são o desinvolver dos germens, o desabrochar das flores, e o formar dos fructos; a quarta figura a maturação e o tempo das colheitas; emfim a quinta viagem indica o repouso, que succede a todos esses trabalhos; então não resta ao homem senão gozar em paz o premio das fadigas da infancia e da juventude.

P. Que vos exigiram depois d'estas viagens? — R. Fizeramme prestar o juramento de nunca revelar os mysterios do segundo grau; depois do que fui admittido entre os companheiros.

P. Como se reconhecem os Companheiros Mações? — R. Por signaes, palavras e um toque.

P. Dae-me o signal dos Companheiros — R. (Faz o signal.)

P. Que significa este signal? — R. Levando a mão direita ao coração, renovo o compromisso, que tomei, de amar e soccorrer meus Irmãos; erguendo a mão esquerda, affirmo a sinceridade da minha promessa; e descrevendo um esquadro com a mão direita, mostro querer, que a justiça e a equidade sejam d'oravante as unicas guias de minhas acções.

P. Quaes são as palavras de Companheiro? — R. Ha duas: a palavra de passe e a palavra sagrada.

P. Dae-me a palavra de passe. — R. (Da-a.)

P. Dae-me a palavra sagrada — R. Não posso pronuncial-a, mas sómente soletral-a; dizei a primeira lettra, eu direi a segunda. (Soletram a palavra sagrada.)

P. Que significam estas palavras? — R. A palavra de passe, que significa, Espiga, dá-nos a explicação da allegoria encerrada no segundo grau; a palavra sagrada, que significa Força, é o nome d'uma das duas columnas, que ornam o portico do Templo, e figura aqui a virilidade, de que o segundo grau é emblema.

P. Dae-me o toque de Companheiro — R. (Dá-o.)

P. Visto que o toque é justo e perfeito, reconheço por estes signaes, que sois Companheiro. Qual é a marcha dos Companheiros? — R. (Executa a marcha.)

P. Que significa esta marcha? — R. Representa o curso ap-

parente do sol no seu caminho celeste; os tres primeiros passos, que pertencem ao primeiro grau da iniciação, mostram-nos este astro no seu curso ascendente, a partir do solsticio do inverno, até ao equinocio da primavera. Os outros dois, que caracterisam o segundo grau, nol-o apresentam, depois de passar o equador, elevando-se ao mais alto grau do meridiano, ao ponto solsticial do estio, e descendo em seguida ao ponto equinocial do outomno.

P. Que edade tendes, como Aprendiz? — R. Trez annos.

P. Que quer dizer esta edade? — R. É um emblema da nossa existencia: o nascimento, a vida, a morte. Symbolisa tambem as trez edades do homem: a juventude, a virilidade, a velhice.

P. — Que edade tendes, como Companheiro? — R. Cinco annos.

P. Que significa esta edade? — R. É o numero dos nossos sentidos.

P. A que hora começam os trabalhos dos Companheiros? — R. Ao meio dia.

P. A que hora se fecham? — R. Á meia noite.

P. Que quer isso dizer? — R. Que, antes de poder ser util á sociedade, já o homem tem attingido o meio dia da sua vida, mas desde este momento, deve trabalhar para o bem commum, até á sua ultima hora.

*Conclusão :* Empreguemos pois os dias, que nos são concedidos, em fazer bem e praticar a virtude, até ao ultimo dia da nossa existencia.

Tal é o catechismo do segundo grau. Os leitores, que começam agora a penetrar o alcance d'esta elocução refolhada, dispensar-me-hão d'entrar em qualquer explicação. Em verdade todas as phrases ambiguas da Maçonaria são abominaveis. Estes symbolos secretos são uma vergonha.

A allegoria encerrada no segundo grau, a qual se cifra na palavra hebraica *schibboleth*, que significa espiga, é particularmente ignobil. O leitor permittir-me-ha, que a não exponha, 'numa publicação d'este genero.

De resto, 'nestas expressões especiaes, tudo se subintende. O aprendiz, no meio dos symbolos mysteriosos da Maçonaria, representa o homem na posse das faculdades, mas ignorante da arte de servir-se d'ellas: no grau de companheiro, torna-se o homem instruido; entra no exercicio de suas faculdades. Tal é a relação entre os dois graus.

«Praticar a virtude» é o que a toda gente chamaria praticar o vicio, «trabalhar para o bem commum» é uma expressão equivalente. Ao passo que fôr progredindo 'nestas revelações, o leitor

ira comprehendendo em que consiste o que a Maçonaria entende por virtude, e o que ella considera, como o bem commum. [(a)]

---

*(a)* Na minha nota á pag. 53, puz em relevo a diabolica astucia, com que a Maçonaria solapa os alicerces á fe e bons costumes dos seus adeptos. Permitta-me o leitor, que, antes de proseguir, lhe chame de novo a attenção para este importantissimo assumpto.

Como podia notar, 'nessa obra satanica disputam primasias a hypocrisia e o vigor. D'um so golpe, deita-se a terra todo o edificio da fe, e da moral; mas esse golpe da-se por uma curta palavra, involta nas pregas do discurso. Se os animos estão dispostos, não lhes passa desapercebida; colhem-na e saboream-na com avidez; esta conseguido o fim: se ainda porem é cedo para a acceitarem, ou a não comprehendem, ou, embora lhe entrevejam o verdadeiro sentido, não podem decidir-se a attribuir-lh'o, illudidos pela boa companhia de antecedentes e consequentes, e pela reputação em que tem o veneravel e a Maçonaria. Attribuir-lhe-hão porem outro mais moderado, e ir-se-hão d'est'arte preparando para as futuras licções.

No 1.º grau proclama-se a liberdade do pensamento, e o indifferentismo religioso (pag. 53 —. . *deixando a cada um a liberdade de crença* etc.) mas isto em duas palavras, no fecho d'uma allocução. Preconisa-se o pantheismo, mas ainda com maior disfarce. O veneravel, enunciando de Deus varios predicados, conclue dizendo: *e é tudo* (pag. 54). Se Deus é tudo, visto que *tudo* não pode tomar-se particularmente, tudo é Deus. E eis como 'numa voz, que se deixa cair subtilmente por entre as outras, se propina o veneno, que ha de corromper o espirito, e prevenil-o para novas manipulações.

Bem sei eu, que a proposição — Deus é tudo — pode ter um sentido orthodoxo: mas o que tem no logar citado, mostral-o-hão outras posteriores.

Pelo mesmo systema se insinua, que a religião catholica é fanatismo e superstição (pag. 55). Aqui a mais clara allusão está no termo *autos-de-fe*. 'Neste trecho palavras ha, que, por franqueza e lealdade maçonica, se supprimem, ou pronunciam, segundo a disposição dos candidatos.

Logo adiante (pag. 56) se define, que não e mentir, proferir as mentiras dos outros. Esta prevenção é momentosissima, 'numa sociedade, que se nutre da calumnia.

O veneravel, no seu sublime e bem cabido discurso sobre a terra, a agua, o ar e o fogo (pag. 79) diz ao iniciado, que a terra sera seu eterno jazigo. Encerra-se no adjectivo uma insinuação materialista. Ao encontrar mais tarde proclamada a immortalidade da alma, não extranhe o leitor a incoherencia. A Maçonaria diz e desdiz, como lhe convem. E' mais facil levar o homem ao materialismo, do que á convicção de que ha de viver eternamente feliz com Satanaz (Lucifer, ou Eblis) que é o futuro, que nos ultimos graus se lhe promette. E do materialismo para a completa corrupção do coração, e d'esta para todas as aberrações do espirito a passagem é lubrica ladeira, em que se corre pelo proprio pendor da natureza.

Passando ao 2.º grau, cumpre que o iniciado dê na deschristianisação mais um passo.

Os livros sanctos são o principal deposito da revelação, e por isso o mais seguro baluarte da fe. Nega-se a sua auctoridade, asseverando que estão em erro (pag. 104).

Ao mesmo tempo inculca-se de novo o pantheismo, ja com menos dissimulação (Ib.—. . . a *divina natureza*, que produz sem cessar, e jamais *descança*. Se *Deus descançasse*, etc.).

No principio da pagina seguinte, encomia-se a moral independente, deduzida das sciencias.

Pouco depois (pag. 106) convida-se o companheiro a visitar as lojas de adopção, abysmo onde ficara seguro, e acabara de se perder.

Aqui poderia algum leitor propenso á dissolução sentir o brutal estimulo do vicio para penetrar nos harens da Maçonaria. Mas veja bem a que custo lhe ficaria a louca temeridade. Nada lhe direi do sobrenatural; fallemos de telhas abaixo.

Tornar-se-hia um vil escravo, e assassino de profissão, ás ordens da seita infernal (pag. 57, 58, 66, 72, 74, 76, etc.) instrumento cego nas suas mãos e seu perpetuo joguete. Teria de supportar gravissimos onus pecuniarios. E no dia, em que pretendesse despedaçar as suas cadeias, ver-se-hia coagido por todos os modos a permanecer na escravidão.

Se porem se tracta d'uma mulher, mil vezes preferivel fora, que se inscrevesse na infame matricula das toleradas... Seria muito menor a queda, e deixar-lhe-hia o caminho desimpedido para tornar atraz.

Até aqui, lança a Maçonaria os fundamentos do magnifico templo, que pretende elevar ao Grande Architecto do Universo: d'aqui por diante, principia a construir sobre elles; vão surgindo as paredes, que, a julgar pela solidez da base, ja podemos conjecturar a que sublimes eminencias têm de alçar-se.

## III

### AS SESSÕES ORDINARIAS

Nas sessões dos companheiros (a que os aprendizes não assistem) não ha conferencias propriamente dictas. Todavia, algum tempo antes de cada serie de iniciações no segundo grau, são os novos companheiros convocados para uma sessão especial, cujo fim é fazer-lhes ouvir um discurso, com pretenções a historico.

A aprendizagem não é na realidade mais, que um tempo de prova, cuja duração varia para os adeptos, segundo as tendencias, que aos olhos da loja parecem ter. O primeiro grau verdadeiramente importante é o de mestre; e como elle não pode ser conferido sem grandes precauções, os chefes secretos da ordem precisam de saber previamente com toda a exactidão, que juizo devem fazer das disposições d'espirito dos irmãos recentemente admittidos. Quando pois os têm como capazes de receberem sem offensa as confidencias, que constituem o objecto do grau de mestre, iniciam-nos primeiro no de companheiro, que é uma preparação.

Em primeiro logar observára o veneravel, como o novo companheiro acolhera a revelação da existencia de Lojas de Senhoras.

Pode succeder que o neophyto (este caso da-se algumas vezes) não tenha empenho em conseguir, que lhe abram as portas d'essas officinas, cuja frequencia lhe parece pouco compativel com a fidelidade, que deve a sua esposa. Então finge não ter comprehendido as breves palavras, que o veneravel lhe segredou ao ouvido, e este não insiste. O zelo d'esse irmão será comtudo aproveitado, mas unicamente para a acção politica da Maçonaria.

Se pelo contrario o novo companheiro estremeceu de prazer, ao saber a existencia das lojas femininas, não tarda a informar-se com os seus chefes hierarchicos, e dentro em pouco é conduzido a uma officina d'adopção.

E' lá, que elle ha de conhecer o sentido occulto dos symbolos maçonicos, e amadurecer dia a dia para os altos graus e as antelojas.

Mas, qualquer que seja a determinação, em que assente, será dirigido para a mestria, esse grau capital da ordem maçonica, instituido para um multiplo fim.

Desde então, importa dispol-o para a lucta contra o catholicismo; porque a Maçonaria, apezar de seus protestos ostensivos, é essencialmente anti-christã.

O profano foi admittido, affirmando-se-lhe que a ordem re-

speitava todas as religiões: como se excitará o iniciado, sem apparencia de contradicção, ao odio contra a Egreja Catholica? Eis o problema, que se tracta de resolver na loja dos companheiros. Para este effeito imaginou-se pois uma fabula, cujo heroe é o pretendente Carlos-Eduardo Stuart.

«A Maçonaria (diz o orador) remonta-se a uma origem das mais antigas. Todavia, soffreu, atravez dos seculos, varias transformações, e não era outrora o que é hoje. Especialmente se refere, que os mysterios dos Templarios se aproximavam muito dos nossos. Quando descarregou a perseguição sobre a Ordem dos Cavalleiros do Templo, algumas victimas conseguiram evadir-se e foram refugiar-se na Escocia. Alli conservaram secretamente, durante seculos, elles e seus successores, o deposito sagrado das antigas tradições.

Entre os principes que foram filiados na Ordem do Templo, convertida na Maçonaria, cita-se Jacques — Francisco — Eduardo Stuart, cujo pae, Jacques 2.º, rei d'Inglaterra, foi desthronado pelo principe d'Orange. A' morte de Jacques 2.º, Stuart ainda que sem coroa, foi reconhecido como rei legitimo por Luiz 14.º, o Papa, o rei d'Hespanha e o duque de Saboia, sob o nome de Jacques 3.º

Sabidas são as expedições de Jacques-Eduardo, para reconquistar o throno.

Depois das suas terriveis derrotas de 1714-1716, não encontrando já apoio na França, obteve asylo na côrte de Roma e soube interessar o papa Clemente 11.º, espirito muito liberal, na causa da Maçonaria, que trasbordando da Inglaterra e da Escocia, começava então (1718) a espraiar-se pela Europa. O summo Pontifice abençoou a associação.

Numerosos ecclesiasticos, e até religiosos de diversas ordens, procuraram desde este instante, como uma honra, a filiação maçonica. Os papas Innocencio 13.º e Bento 13.º continuaram a dispensar á nossa sociedade a sua protecção. Mas as coisas iam em breve mudar d'aspecto. Os jesuitas, que tinham sido admittidos na nossa Ordem, tentaram senhoreal-a para d'ella fazerem um instrumento do seu dominio, e por toda a parte se viram as Lojas obrigadas a excluir estes religiosos. Este acontecimento, que havia de ter uma influencia consideravel no futuro da Maçonaria, deu-se pelo fim do reinado do papa Bento 13.º

Os discipulos de Loyola, mestres consummados na arte da intriga, não tinham descanço em Roma.

Em 1730 morre Bento 13.º, a quem succede Clemente 12.º, creatura dos jesuitas. Em 1738, este papa excommunga os Mações.

Todavia os Stuarts, que tinham obtido da Maçonaria um grande apoio em todas as suas expedições, e 'nella tinham conser-

vado numerosos amigos, tentaram reagir, perante Clemente 12.º, a favor da nossa Sociedade. Em 1740, morre este papa. O seu successor, Bento 14.º, favorece rasgadamente os Stuarts, e, nos principios do seu reinado, considera como lettra morta a bulla do seu predecessor: eis de novo a Maçonaria em bons termos com o Vaticano. De resto, Bento 14.º era um modelo de tolerancia, pois que mantinha com o proprio Voltaire uma correspondencia cordeal.

E' em Roma, em 1744, que Jacques 3.º secundado pelo Papa e a Maçonaria, prepara a famosa expedição do seu valente filho Carlos-Eduardo á Escocia e á Inglatera (1745). O joven principe, que tinha subido pela sua sabedoria aos mais elevados graus da nossa Ordem, fez prodigios de valor, mas, depois de ter conquistado a Escocia e uma parte da Inglaterra, depois de ter mesmo avançado até trinta leguas de Londres, a sorte das armas torna-se-lhe de repente desfavoravel e succede-lhe o desastre de Culloden (1746).

'Neste ponto começam os innumeraveis infortunios, que tornaram tam sympathico o nome de Carlos-Eduardo Stuart. Vêmol-o regressar á França. A desgraça não lhe faz esquecer a Maçonaria, da qual é por toda a parte um apostolo infatigavel.

Em 1747, constitue em Arras um Capitulo de Rosas-Cruzes. A nossa Ordem conserva, como uma reliquia, as Patentes de Constituição, que elle deu aos Mações da Picardia.

Eis aqui esse precioso documento:

«Nós, *Carlos-Eduardo Stuart,* rei da Inglaterra, Escocia e Ir-«landa, e, como tal, Grão-Mestre substituto do Supremo Conselho «d'Herodão, [(a)] conhecido pelo titulo de Cavalleiro da Aguia e do «Pelicano, e, depois das Nossas desventuras e infortunios, pelo de «Rosa-Cruz;

«Querendo dar aos Mações do Artois um testimunho de quan-«to estamos reconhecidos para com elles, pelas provas de benefi-«cencia, que Nos têm prodigalisado, assim como os officiaes da «guarnição da cidade de Arras, e pela sua dedicação á Nossa pes-«soa durante a Nossa estada de seis mezes 'nesta cidade;

«Temos em seu favor creado e erigido, creâmos, e erigîmos «pela presente Bulla, na dita cidade de Arras, um Sublime-Capitulo «Primordial de Rosas-Cruzes, sob o titulo distinctivo: *a Escocia «Jacobita,* que sera regido e governado pelos Cavalleiros Lagneau e «Robespierre, ambos advogados, Hazard e seus dois filhos, todos «trez medicos, J.-B. Lucet, tapeceiro, e Jeronymo Cellier, relojoeiro;

«Aos quaes, acima nomeados, permittimos e damos poder não

---

(a) No Man. Heredon; no original Herodom.

«so de instituirem, tanto por si, como por seus successores, Cavalleiros Rosas-Cruzes, mas tambem de crearem um Capitulo em to-«das as cidades, em que entenderem dever fazel-o, todas as vezes «que lhes for pedido, sem todavia poderem crear, quer por si, quer «por seus successores, dois Capitulos na mesma cidade, por mais «populosa, que ella seja;

«E para que esta Nossa presente Bulla faça fe, Nos a assigná-«mos de Nosso proprio punho, e lhe fizemos junctar o sello secre-«to de Nossas ordens, e a rubrica de Nosso secretario particular.

«Quinta feira, decimo quinto dia do segundo mez do anno da «incarnação de 1747, Valle de Arras.

*(Assignado)*

«CARLOS-EDUARDO STUART»

«Por ordem d'El-Rei:

*(Assignado)*

«LORD DE BERKLEY, *Secretario*»

«Como vedes, meus Irmãos (prosegue o orador) o valoroso e muito catholico Carlos-Eduardo Stuart era um dos mais ardentes propagadores da Ordem maçoniça, e o Vaticano, no primeiro periodo do reinado de Bento XIV, não nos era nada hostil.

«Porque não se conservaram estas boas relações entre a Maçonaria e a Egreja? Eu vol-o explico.

»A nossa associação tinha os mortaes inimigos, que sabeis, os jesuitas, sectarios odientos e perfidos, cujo fanatismo hypocrita tanto damno tem causado á religião christã. Para indispor contra nos o liberal, mas bonachão Bento XIV, não duvidaram entremetter-se 'numa familia ate alli intimamente unida, fazer dois inimigos de dois irmãos, que se amavam.

«Carlos-Eduardo Stuart tinha effectivamente um irmão mais novo, Henrique que recebera as ordens clericaes. Era fraco de caracter; os discipulos de Loyola conseguiram sem custo dominal-o. «Graças á influencia, de que gozavam na corte de Roma, fizeram nomeal-o cardeal, 'naquelle mesmo anno de 1747, em que Carlos-Eduardo constituia em Arras o Capitulo *a Escocia Jacobita*. D'ahi a pouco Henrique Stuart foi promovido ao bispado de Frascati, depois chegou a chanceller da Basilica de S. Pedro.

«Desde então foi o conselheiro intimo do summo Pontifice, a quem communicava todas as calumnias dos jesuitas contra a Maçonaria.

«Finalmente Bento 14.º, cercado pelos hypocritas impostores, e desejoso alem d'isso de remir a sua responsabilidade na celebre expedição de Carlos-Eduardo, publicou a bulla d'excommunhão de

18 de maio de 1751, em cuja composição não teve realmente senão pequenissima parte.

«Tal é, meus Irmãos, a origem das dissensões, que existem entre a Maçonaria e o Vaticano. Depois de Bento 14.º, outros papas, perpetuando a illusão causada pelas calumnias de inimigos interessados, por sua vez fulminaram anathema contra a nossa respeitavel instituição. Um dia virá, nutramos esta confiança, em que, resplandecendo a verdade por si mesma, os nossos proprios adversarios se verão obrigados a nos fazer justiça.

«Vós que fostes admittidos aos nossos mysterios e frequentaes as nossas Lojas, bem sabeis, que oppomos á perseguição a tolerancia, e que, robustecidos pelo nosso grande principio de fraternidade universal, não repellimos pessoa alguma pelas suas crenças religiosas. De resto, se alguns papas embaidos e mal aconselhados, excommungaram os Mações, muitos pelo contrario lhes têm concedido a benção apostolica, de sorte que as bullas pontificias, que condemnam a nossa Sociedade, estão annulladas por outras.»

Este discurso, pretensamente historico, é seguido d'uma refutação das encyclicas contra a Maçonaria, cuja conclusão cito textualmente:

«Os catholicos não são obrigados a obedecer ás ordens do papa, como chefe da Egreja, senão nas materias puramente ecclesiasticas, ou que pertencem á jurisdicção e poder espiritual. Ora como a sociedade maçonica não é ecclesiastica, e o seu fim se não refere de modo algum á religião christã, é evidente, que fazer leis a seu respeito é exercer um direito absolutamente extranho á jurisdicção do pontifice romano, emquanto chefe da Egreja. Portanto versando as encyclicas contra a Maçonaria sobre materias, que não são da alçada pontificia e religiosa do papa, os fieis não são obrigados a conformar-se com ellas.»

Não emprehenderei a discussão d'esta these. Este livro é uma obra de revelação e não de polemica.

Sendo a questão dos anathemas pontificios especialmente tratada na loja dos companheiros, tive particular cuidado em apresentar os argumentos propostos pelos oradores maçonicos aos neophytos, para remover os escrupulos, que estes ainda possam ter.

Todavia cumpre insistir 'neste ponto: que o discurso chamado historico, em que a Maçonaria faz intervir Carlos-Eduardo Stuart, não passa d'uma tela de mentiras. Basta, para nos convencermos d'isso, abrir o primeiro livro d'historia, que nos occorra; a este respeito podem consultar-se os auctores menos suspeitos de clericalismo.

Um só facto demonstrará a falsidade do documento apocry-

A LENDA D'HIRAM

Para apagar os vestigios do seu crime, os trez maus Companheiros enterraram o cadaver d'Hiram 'num comoro solitario do Libano.

pho, que a Maçonaria exhibe para revindicar Carlos-Eduardo, como um dos seus. Este documento, datado de 1747, é assignado pelo pretendente com o titulo de rei d'Inglaterra, da Escocia e da Irlanda. Ora está averiguado que Carlos-Eduardo, tendo apenas vinte e sete annos, combatia então, não por si mesmo, mas por seu pae Jacques 3.º. Na sua memoravel expedição, fez-se proclamar em Perth regente dos trez reinos em nome de S. M. el-rei Jacques

3.º, seu pae»; e so em 1766, á morte d'este, é que tomou o titulo de rei. Quanto á correspondencia de Bento 14.º com Voltaire, teve realmente logar; mas a Maçonaria, na allusão que a ella faz, omitte o essencial. Não era com Voltaire inimigo da Egreja, que o papa se correspondia, pois que esta troca de cartas se realisou em 1745, e 'nessa epoca nem um só escripto do philosopho tinha ainda sido condemnado pela corte de Roma; a primeira condemnação d'uma obra de Voltaire pela Egreja data de 22 de fevereiro de 1753. A obra condemnada é *O Seculo de Luiz 14.º*. Em 1745, Voltaire solicitava a benção do summo pontifice, proclamava a sua infallibilidade e lhe dedicava a sua *tragedia Mahomet.* (1)

---

(1) Aqui exaro, como complemento, as duas cartas de Voltaire ao papa Bento XIV. Escreveu elle a primeira, dedicando ao summo pontifice a sua tragedia *Mahomet*.

«Paris, 17 d'agosto de 1745.

«Sanctissimo Padre

«Praza a V. Sanctidade perdoar a liberdade, que toma um dos mais humildes, mas dos mais profundos admiradores da virtude, de consagrar ao chefe da verdadeira religião um escripto contra o fundador d'uma religião falsa e barbara.

«A quem poderia eu mais ajustadamente offerecer a satyra da crueldade e dos erros d'um falso propheta, que ao vigario e imitador d'um Deus de paz e de verdade?

«Digne-se V. Sanctidade de me permittir, que ponha a seus pes, tanto o livro, como o auctor. Ouso pedir a protecção de V. Sanctidade para um e a sua benção para o outro.

«Prostrado com estes sentimentos de profunda veneração, beijo os sagrados pes de V. Sanctidade.

«VOLTAIRE.»

Voltaire estava 'nesta epocha em toda a força do seu talento; tinha então 51 annos.

O papa acceitou a homenagem, approvou a tragedia, e enviou ao auctor a sua benção, acompanhada de algumas medalhas. Este agradeceu pela segunda carta, que é a seguinte:

«Paris, 20 d'outubro de 1745.

«Sanctissimo Padre

«As feições de V. Sanctidade não estão mais fielmente expressas nas medalhas, com que, por uma bondade especialissima, V. Sanctidade me agraciou, que as do seu espirito e caracter na carta, com que se dignou de honrar-me.

«Deponho aos pes de V. Sanctidade as minhas humillimas e vivissimas acções de graças.

«Forçoso me é reconhecer a infallibilidade de V. Sanctidade nas decisões litterarias, da mesma sorte que nas outras materias mais dignas de respeito.

«Com os sentimentos da mais profunda veneração e do mais incendrado reconhecimento beijo os sagrados pes de V. Sanctidade.

«VOLTAIRE.»

Podem ver-se estas cartas na testada da tragedia *Mahomet*, em todas as edições completas das obras de Voltaire.

Não era tambem a Voltaire mação, que o papa Bento XIV escrevia, pois foi a 7 d'agosto de 1778, trinta annos mais tarde, que aquelle se metteu na Maçonaria.

Por estes dois exemplos se vê qual é o valor historico do discurso declamado pelos oradores das lojas aos novos companheiros.

## CAPITULO TERCEIRO

## A CAMARA DO MEIO, OU LOJA DOS MESTRES

### I

### INICIAÇÃO DO MESTRE

Passar ao grau de mestre é um grave acontecimento na vida do mação pacovio: para o ingenuo iniciado, que solicita «novo augmento de salario», trata-se ainda aqui de puchar liberalmente pelos cordões á bolsa. Segundo as lojas, a recepção no 3.º grau fica por oitenta, cem, ou cento e vinte francos.

Contemos cem francos por media, e façamos um calculo:

| | |
|---|---|
| Iniciação no grau d'aprendiz . . . . . . . | 150 francos |
| Favor da admissão ao de companheiro . . . | 50 » |
| Recepção das honras de mestre. . . . . . | 100 » |
| Total. . . | 300 francos |

Por cento e cincoenta francos, manifestam ao candidato varios segredos, entre outros o seguinte: que a palavra sagrada dos mações é Bohaz.

Ao cabo de cinco ou oito mezes, dizem-lhe, mediante um novo pagamento de cincoenta francos:

«— A palavra sagrada é Jakin.»

E ainda, dois mezes mais tarde, faz-lhe a Maçonaria uma declaração, que realmente se resume 'nisto:

«— Vos conheceis Bohaz, vos conheceis Jakin, não é verdade?... Ora bem, meu carissimo irmão, isso é mesmissimamente o mesmo, que se não tivesseis aprendido coisa alguma ... Iniciando-vos no grau de aprendiz, pregamos-vos uma pulha das mais divertidas; esta iniciação é uma pura caçoada. Admittindo-vos por um favor insigne ao de companheiro, burlamos-vos ainda melhor; este grau é um soberbo logro ... O verdadeiro mação, meu amavel e bom moço, não é o aprendiz, nem o companheiro, é o mestre... A verdadeira palavra sagrada da Maçonaria nem é Jakin, nem Bohaz: é Mahabone... Não fiqueis descon-

tente, meu carissimo irmão: Mahabone vale bem a terceira sangria de cem francos, que jubilosamente fazemos á vossa benevola bolsa.»

Eu tinha curiosidade de contemplar a caramunha, que faria o veneravel, se um mestre de novo recebido lhe retrucasse, depois do pagamento dos cem francos, e da sublime revelação de Mahabone:

« — Muito bem, veneravel do meu coração; mas visto que Jakin e Bohaz são meras bagatelas da porta, sem valor algum real, e Mahabone é a verdadeira palavra sagrada da unica e séria iniciação, fazei-me o particularissimo favor de me reembolsar de tudo o que tive a honra de pagar-vos até este dia.» Um arrazoado d'estes seria claro como agua, e o veneravel, a quem o fizesse um novo mestre, não tinha outra saída senão restituir os duzentos francos anteriormente surripiados; mas infelizmente ninguem, uma vez colhido pela engrenagem, pensa em dirigir ao presidente da loja esse limpido raciocinio. Pagam-se sem questionar os cem francos por Mahabone, como se pagaram inutilmente duzentos por Jakin e Bohaz.

Muito bem; no fim de contas é bem feita, tanto peor para o bacôco do irmão dos trez pontos; não foi elle avisado?

« *Para ser bom Mação*, deve ter lido nos Estatutos *(1), é preciso poder supportar os cargos pecuniarios da ordem.*»

Supportae pois esses cargos, meu caro irmão; é caso de se dizer, que são verdadeiros «cargos d'officina».

Posto isto entremos no assumpto; vejamos como o companheiro, devorado por uma curiosidade insaciavel, é admittido por um favor cada vez mais insigne, a conhecer os mysterios de Mahabone.

Todo companheiro — assim o determina o Ritual — que tendo satisfeito ás condições prescriptas, deseje ser recebido no grau de mestre, pedil-o-ha por escripto assignado por elle, que lançará no sacco das propostas.

O veneravel, tendo lido em alta voz este pedido, e examinado o conteudo do sacco de beneficencia, que é entregue ao irmão hospitaleiro, diz: — Irmãos 1.° e 2.° Vigilante, fazei favor de convidar os Irmãos e Aprendizes da columna do Norte para cobrirem o Templo, pois que terminaram para elles os trabalhos d'este dia, quanto ao Irmão N..., Companheiro, terá a bondade de cobrir tambem o Templo, mas sómente para esperar na camara dos passos perdidos as decisões da Officina.

---

(1) Artigo 258 do Rito Francez, 326 do Escocez.

Esta ordem é cumprida.

Veneravel.—Meus Irmãos, ouvistes o pedido d'augmento de salario feito pelo Irmão N..., Companheiro. Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, avisae os Irmãos, que tiverem observações a apresentar de que lhes será concedida a palavra.

Se ha observações, são discutidas, e a officina delibera.

No caso de não haver, diz o 1.º Vigilante: — Reina silencio em ambas as columnas, Veneravel.

Veneravel.— Irmão Orador, tende a bondade de apresentar as vossas conclusões.

O orador. —Visto que se não fez nenhuma observação e ninguem reclama o escrutinio, concluo pela admissão do Irmão N... ao grau de Mestre.

O Veneravel pede aos irmãos presentes o signal d'assentimento (cada um dá seccamente uma leve pancada na coxa) e manda applaudir a decisão.

Depois d'isto, a officina fixa o dia para a recepção. Esse dia é indicado em pranchas de convocação, que só recebem os mestres.

O veneravel manda tornar a entrar o companheiro postulante do grau de mestre, e lhe participa com jubilosa effusão, que o seu pedido foi despachado; exorta-o a preparar-se para o exame, que previamente terá de fazer, e o manda reconduzir ao seu logar. Em seguida fecham-se os trabalhos, como de costume.

Raiou emfim o grande dia, a hora solemne bateu.

Nos graus d'aprendiz e companheiro, vimos que o ornato do templo não apresenta differença notavel. Já não succede o mesmo 'numa sessão de mestres; d'esta vez o aspecto da salla muda inteiramente. A armação é negra, espargida de lagrimas brancas, e caveiras sobrepostas a tibias encruzadas; aqui vê-se uma grande ampulheta; cobrem as mesas pannos pretos, com lugubres ornamentos; as duas columnas da entrada já não supportam romãs entreabertas, nem espheras, mas urnas funerarias, cada uma das quaes contem um ramo d'acacia; por unica luz tem a sala apenas trez velas de cera amarella d'uma pallida claridade, uma lampada sepulchral suspensa do tecto, e, sobre o altar, uma horrivel caveira, com uma vela accesa dentro. A reunião chama-se «camara do meio» em vez de loja; quanto ao presidente, ninguem lhe falla, senão pelo titulo de «muito respeitavel». Sobre o seu altar, pois que tambem ha altar, repousam a espada flammejante, o esquadro e o compasso; o malhete é forrado d'estofo nas cabeças, de modo a abafar o som. Cada um dos vigilantes tem na mão por malhete um grosso rolo de papel, de nove polegadas de circumferencia e dezoito de comprido. O primeiro vigilante tem alem d'isso um es-

quadro sobre o seu altar, e o segundo uma regua de vinte e quatro polegadas sobre o seu.

Não para aqui.

Ao meio da sala, a pouca distancia do estrado, vê-se um ataude, em que está deitado o ultimo mestre recebido, com os pés para o oriente. Cobre-lhe o rosto um lenço branco, manchado de sangue *(sic)*; tem alem d'isso por cima do corpo um panno preto, sobre o qual estão collocados, aos pes, um compasso aberto, do lado opposto, um esquadro, e ao meio, um ramo d'acacia.

O uniforme d'esta sessão de recepção exige, que todos os assistentes vistam de preto, com luvas brancas, e fumo no braço. Estão todos assentados; conservam o chapeu na cabeça, derribado para os olhos, em signal de tristeza (*sic*, no Ritual) e têm na mão uma espada, com a ponta voltada para a terra.

O muito respeitavel está sentado no chão, sobre os degraus, que conduzem ao altar, com ar de profunda consternação. Se não decorou bem o seu papel, não tem no artigo luz para poder ler o respectivo caderno do grau, senão a sinistra claridade, que se escoa pelas orbitas da caveira.

Guarda-se o mais profundo silencio.

Não é isto assaz divertido, hein?

Quanto ao candidato, não vades cuidar, que se recreia, durante os preliminares da sessão. Principiaram pelo encerrar á força d'empurrões sem numero, na camara das reflexões (ahi recomeça a brutalidade!). Depois o irmão experto, preparador da iniciação, vem ordenar-lhe, que se descalce, e tem de se descalçar; despe-lhe o braço e seio esquerdo, ata-lhe ao braço direito um esquadro, e confisca-lhe a bolsa e o relogio; desata-lhe tambem o avental, e lh'o ata de novo, mas de modo que facilmente possa arrancar-se.

Quando tudo está prompto, representa-se a comedia.

O presidente d'esta sociedade de gatos pingados, depois de ter aberto successivamente os trabalhos nos graus d'aprendiz e companheiro, abre-os no terceiro grau. Sempre a mesma cantilena. Os visitadores foram introduzidos, segundo o costume, depois da adopção da acta.

Muito respeitavel. — Muito Veneravel Irmão 1.° Vigilante, qual é o primeiro dever d'um Vigilante na Loja dos Mestres?

1.° vigilante. — Verificar se o templo está coberto.

Muito respeitavel. — Fazei favor de o verificar, meu Irmão.

Visita do irmão cobridor á camara dos passos perdidos.

Muito respeitavel. — Muito Veneravel Irmão 2.° Vigilante, qual é o segundo dever d'um Vigilante na Camara do Meio.

2.° vigilante. — Assegurar-se de que todos os Irmãos presentes são Mestres.

Muito respeitavel. — Muito Veneraveis Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, tende a bondade de vos assegurar d'isso.

Cada um d'elles percorre a sua columna.

1.º vigilante. — Todos os Irmãos das duas columnas, são Mestres, Muito Respeitavel.

Muito respeitavel. — Muito Veneravel Irmão 1.º Vigilante, tendes outros conhecimentos de Maçonaria, alem dos de Companheiro?

1.º vigilante. — Examinae-me, Muito Respeitavel.

Muito respeitavel. — Sois Mestre?

1.º vigilante. — A acacia me é conhecida.

Muito respeitavel. — Que edade tendes?

1.º vigilante. — Sete annos e mais.

Muito respeitavel. — Muito Veneravel Irmão 2.º Vigilante, a que hora abrem os Mestres os seus trabalhos?

2.º vigilante. — Ao meio dia, Muito Respeitavel.

Muito respeitavel. — Que horas são?

2.º vigilante. — Meio dia.

Muito respeitavel. — Visto ser meio dia, e ser esta a hora, a que os Mestres abrem os seus trabalhos, Muito Veneraveis Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, convidae os Veneraveis Irmãos, que decoram as vossas columnas a se unirem a vós e a mim, para abrir os trabalhos da Camara dos Mestres.

Os vigilantes repetem o convite.

Muito respeitavel. — De pé e á ordem, Veneraveis Irmãos! (Bate por trez vezes trez pancadas com o malhete estofado, e cada um dos vigilantes o imita com um rolo de papel.)

Todos estão de pé, e á ordem do grau.

Muito respeitavel. — Para Gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, abro os trabalhos de Mestre d'esta Respeitavel Loja, pelos nossos mysterios usuaes... A mim, Veneraveis Irmãos, pelo signal..., pelas baterias..., e pela acclamação mysteriosa!

Todos, depois de terem feito o signal e executado as baterias, no momento indicado: Huzê! huzê! huzê!

O muito respeitavel, dado um toque de malhete. — Veneraveis Mestres, estão abertos os trabalhos na Camara do Meio; sentae-vos, meus Irmãos!

Todos se assentam de novo, na soturna e desolada attitude, que acima descrevi

Muito respeitavel. — Meus Irmãos, o Companheiro N.. pede augmento de salario. Elle vae ser introduzido na Camara do Meio; mas parece-me que devo assegurar-me mais uma vez do vosso consentimento, antes de o admittir aos nossos trabalhos. Di-

zei-me portanto, se este Companheiro vos pareceu sufficientemente instruido, e se entendeis, que possue as qualidades necessarias, para ser elevado ao grau de Mestre.

Por ordem do muito respeitavel, os vigilantes perguntam, se algum dos mestres da sua respectiva columna se oppõe ao augmento de salario. Não havendo opposição, os vigilantes avisam d'isso o muito repeitavel; se alguma se levanta, é discutida.

O muito respeitavel, verificado o consentimento definitivo. — Veneravel Irmão Grande Experto, vede se o Companheiro está na disposição conveniente, e trazei-o á porta do Templo.

O grande experto, armado da espada, vae reunir-se ao experto preparador, que estava só, a fazer companhia ao candidato descalço e semi-nu. Sem lhe dizerem palavra, atam-lhe os dois uma corda, a que um pega pela ponta, e que lhe dá trez voltas ao redor da cinta. Depois, puxando o experto preparador pela corda e tendo o grande experto ao postulante agarrado pelo braço, conduzem-no brutalmente á porta do templo, á qual o grande experto bate, como companheiro.

A este ruido, perturba-se a assemblea *(sic)*.

O 1.º vigilante, com voz alterada. — Muito Respeitavel, bateram agora, ao modo dos Companheiros, á porta do Templo!

O muito respeitavel, com uma colera abafada. — Quem é o Companheiro tam temerario, que ouse penetrar 'nestes logares? Virá elle insultar a nossa dôr?... (Pancada de malhete.) Muito Veneravel Irmão 1.º Vigilante, vêde quem é esse Companheiro, e sabei o que quer.

O 1.º vigilante repete a ordem ao 2.º, o qual a passa ao irmão cobridor.

O irmão cobridor entreabrindo a porta. — Quem está ahi?

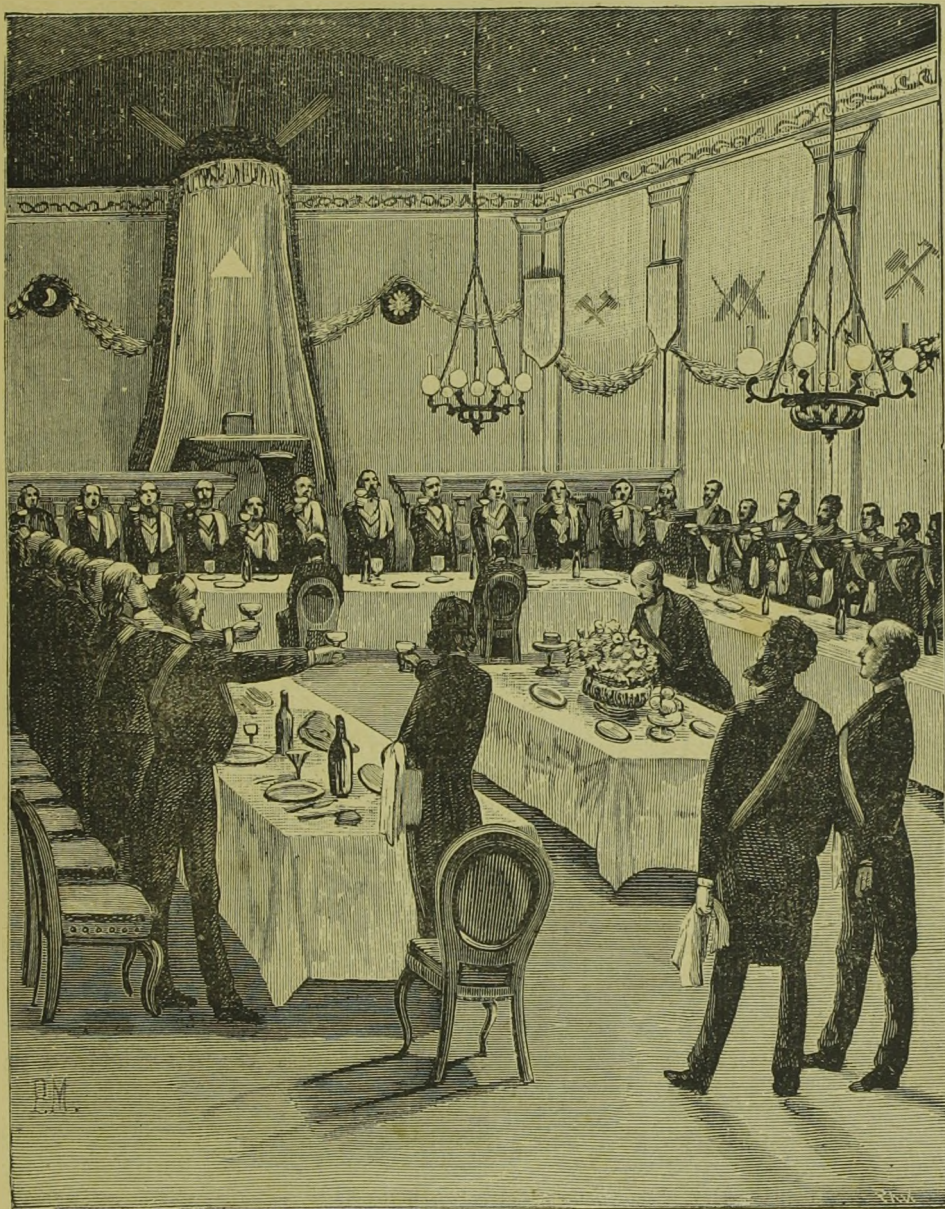
O grande experto, de fóra. — Trazemos-vos um Companheiro, que surprehendemos nas visinhanças do templo, e que parecia mergulhado em profunda meditação.

Fecha-se outra vez a porta.

Muito respeitavel. — Ah! meus Irmãos! é talvez um dos Companheiros culpados na morte, que deploramos!... Perguntae-lhe o nome e a edade!... (Executa-se a ordem; a resposta é dada atravez da porta pelo grande experto, e o 1.º vigilante a repete ao muito respeitavel). Que fazia elle no logar, em que foi surprehendido? Qual era o objecto das suas meditações?

D'esta vez, é o pretendente, que deve responder; e, como não está a par de coisa alguma, forçosamente balbucia uma resposta embaraçada.

O muito respeitavel, fazendo rugir sempre uma colera cada vez mais concentrada. — Esta resposta não basta; talvez que o

BANQUETE D'UMA LOJA SYMBOLICA

O veneravel commanda a manobra dos copos. « Armas á frente! » brada elle; e cada um, com o guardanapo deitado ao hombro, leva o seu copo á frente estendendo o braço

ceo entregue 'neste momento á nossa vingança um dos miseraveis que causam a nossa dôr!... Perguntae a esse Companheiro, como se atreveu a penetrar 'neste logar, e por onde passou.

O grande experto, atravez da porta. — Muito Respeitavel, este obreiro, animado pelas demonstrações de satisfação, que tem recebido de seus Mestres, concebeu a esperança de obter a recompensa do seu trabalho. O que eu sei, é que elle subiu uma es-

cada dividida em dois lanços, um de trez degraus, e o outro de cinco.

O muito respeitavel, dado um toque de malhete. — Está bem, nós vamos ver claramente a verdade. Introduzi esse Companheiro.

Abrem-se as portas. Introduzem o candidato, fazendo-o caminhar ás arrecuas, com as costas para o oriente; detem-no entre columnas os dois expertos, que o agarram fortemente, cada um por seu braço, e lhe picam o peito com a ponta das espadas. Tornam-se a fechar as portas do templo. Tudo fica no mais profundo silencio durante um assaz longo intervallo, e cada irmão dá na sua attitude mostras de grande tristeza.

Muito respeitavel. — Companheiro, reflectistes bem no passo que daes? Tendes as mãos puras? a consciencia tranquilla?

Resposta do candidato.

Muito respeitavel. — Não temeis vós, ao apresentar-vos 'neste templo, encontrar provas, que a vossa coragem vos não permittirá supportar?

Resposta do candidato.

Muito respeitavel. — Sabei pois, Companheiro, que a Maçonaria soffreu uma grande calamidade, e é a seus proprios filhos que ella attribue a desventura, que a dilacera; foram aquelles, que ella cumulou de seus beneficios, que a atraiçoaram indignamente!... Serieis vós um d'esses ingratos? Tendes-vos penetrado sempre bem dos deveres, qae ella vos impoz desde a vossa iniciação, e tendel-os cumprido fielmente?... Sêde sincero!.. A verdade, que sempre se descobre, pode chegar ao nosso conhecimento, e, se nos tivesseis mentido, teriamos então a punir dois crimes a um tempo... Vede pois o que dizeis... Julgaes vós que tendes cumprido todos os vossos deveres como Mação e como membro da sociedade?

Resposta do candidato, que está sempre de costas voltadas para o seu interlocutor.

Muito respeitavel. — Que fim tendes em vista, na pretenção de passar a Mestre?

O candidato responde ordinariamente, que o que o move, é o desejo de se instruir e aperfeiçoar na Maçonaria.

Muito respeitavel. — Não será antes o desejo de conhecer o que se passa entre nós?... A odiosa traição, de que somos victimas, faz-me desconfiado; talvez sejaes vós um dos scelerados, sobre quem deve exercer-se a nossa vingança!...

Agitação na assemblea.

Muito respeitavel — Ah! meus Veneraveis Irmãos, queira o Grande Architecto, que o presentimento, que me agita, não seja

fundado!... Irmão Inspector, examinae as mãos d'esse Companheiro; tirae-lhe o avental; talvez já não seja digno de o trazer...

O 2.º vigilante aproxima-se do candidato, pega-lhe nas mãos, e examina-as cuidadosamente; arranca-lhe depois o avental, que manda entregar ao muito respeitavel.

2.º vigilante — Muito Respeitavel, as mãos do Companheiro parecem-me puras, e mando-vos o seu avental em que não notei mancha alguma.

O muito respeitavel, examinando o avental. — Mas como se atreveu elle a esperar ser introduzido entre nós? Temos de voltar sempre a este poncto, Veneraveis Irmãos... Realmente este Companheiro tem respondido bem até agora; mas quem nos diz, que podemos fiar-nos na sinceridade das suas palavras?... Interroguemol-o ainda. Entrae em vós mesmo, Companheiro, vede bem se vos sentís inteiramente isento de culpa... (Bruscamente.)

E primeiramente, para começar, destes a palavra de passe?

O candidato, pensando que se tracta da palavra de passe, que elle conhece e lhe pediram á entrada, responde affirmativamente.

Muito respeitavel. — O que! vos destes a palavra de passe!... Mas então sois um dos traidores, que nos procuramos?... Ah! meus Veneraveis Irmãos, ouvistes a confissão, que acaba de lhe escapar?... A palavra de passe! como póde elle conhecel-a?... Não pode ser, senão em consequencia do seu crime... Muito Veneravel Irmão 1.º Vigilante, agarrae esse Companheiro, e examinae-o com o mais escrupuloso cuidado.

O 1.º vigilante cae d'um pulo sobre o candidato, passa-lhe á roupa uma revista attenta e minuciosa, e lhe examina a mão direita.

O 1.º vigilante, tendo nas suas a mão direita do candidato.— O ceus! que vi eu?... (Agarrando-o pela gola, e em voz ameaçadora:) Falla miseravel! Como das tu a palavra de passe dos Mestres? quem podia revelar-t'a?

O candidato, vendo por isto que é da palavra de passe dos mestres que se tracta, explica-se: foi a dos companheiros, que elle deu.

O 1.º vigilante larga-o, e torna a sentar-se no seu logar.

Muito respeitavel.—Veneraveis Irmãos Expertos, a quem está confiada a guarda d'esse Companheiro, dae então por elle a palavra de passe ao Muito Veneravel Irmão 1.º Vigilante.

O grande experto vae pronunciar a palavra do 3.º grau ao ouvido do official designado.

1.º vigilante. — A palavra de passe é exacta, Muito Respei tavel.

Muito respeitavel. — Visto isso, mandae assentar o Compa nheiro.

Fazem assentar o candidato um tanto d'ilharga, de modo que não veja o esquife.

Então o muito respeitavel dirige ao postulante algumas perguntas: 1.º sobre o primeiro e segundo grau, para ver como elle considera a Maçonaria, e que pensa acerca dos emblemas, que lhe foram mostrados; 2.º sobre os estudos que fez, para se tornar digno de ser admittido ao terceiro grau. Faz-lhe tambem as observações, que as suas respostas porventura tiverem provocado.

Além d'isso, como, desde a iniciação no 1.º grau, tiveram o cuidado de seguir attentamente este irmão em todos os seus passos, acções e palavras, dirigem-lhe tambem algumas perguntas pessoaes.

Finalmente o muito respeitavel ajuncta quatro perguntas, que se dizem moraes, sobre o direito, a justiça, a consciencia, e a lei natural.

Depois das respostas e replicas, da uma pancada de malhete.

—Irmãos Introductores, fazei voltar o Companheiro para o Oriente.

A ordem é executada, e, em virtude da nova posição, o candidato vê d'um lado a tumba, e do outro, sobre o altar, a caveira, com uma vela accesa.

Muito respeitavel. — Quando fostes recebido no 1.º grau, começaram por encerrar-vos na Camara das Reflexões, onde vistes lagrimas e ossadas; ossadas e lagrimas é o que aqui vedes ainda.

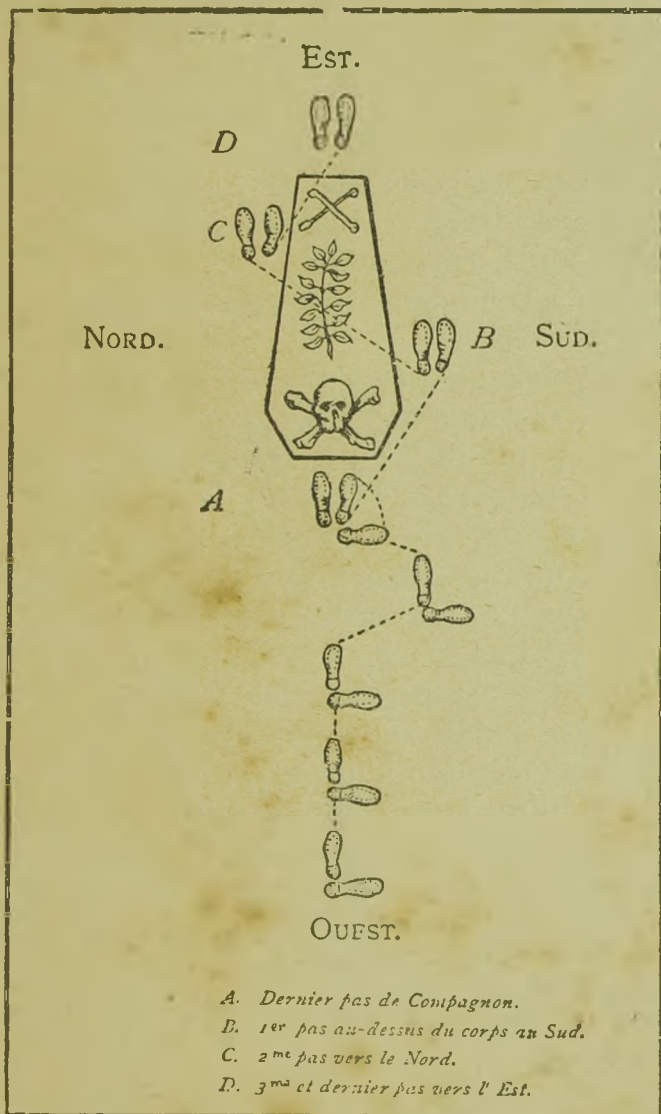
Estes dolorosos effeitos da morte são as licções, que melhor nos ensinam a verdade. Aqui tendes, 'nesta caveira, um eloquente exemplo... Que nos diz ella?

«Eu fui, e já não sou! Dominei, amei, pratiquei a virtude, e todavia já não existo!»...

Companheiro, uma luz material foi collocada alli, onde brilhava a luz divina, alli onde meditava o pensamento!... Quem destruiu essa bella obra? sabeil-o? poderieis dizer-nos ao menos o que sois, d'onde vindes, e o que vireis a ser?... Esta caveira, terrivel symbolo da egualdade humana, quem nos dirá se é despojo d'um homem poderoso, ou d'um humilde servo? O mais que podemos saber, é que ella nos indica o abysmo, que a todos, uns apoz outros, deve tragar-nos. De que valera então ao impostor ter enganado os homens e ao perverso ter commettido iniquidades?... Mas não ficamos por aqui meu irmão; resta-me informar-vos da causa da nossa dor.

O mestre de cerimonias e um dos expertos retiram a extremidade superior do panno funerario estendido sobre o esquife, de modo que fique a descoberto a cabeça do pseudo-cadaver; removem tambem um pouco o lenço ensanguentado, para o candidato

ver bem, que está alguem no esquife, sem comtudo poder reconhecer quem seja. O grande experto manda levantar o postulante.

Muito respeitavel. — Ahi tendes, Companheiro, o motivo da nossa dor e das nossas lagrimas... A luz que nos esclarecia desappareceu... Um dos nossos irmãos morreu ás mãos d'infames assassinos, e nós temos a triste certeza de que os mações que commetteram o crime pertencem á classe dos Companheiros... Não tivestes noticia d'uma conspiração tramada contra a nossa Ordem e contra seus membros?

Resposta do candidato, que, claro está, é negativa.

Muito respeitavel. — Bem! se estaes innocente 'neste crime, deveis dar-nos immediatamente uma prova d'isso... Aproximae-vos d'esse cadaver ainda mal frio. Se não sois um dos assassinos nem de seus cumplices, não tendes a temer, que o nosso Irmão se levante diante de vós, para bradar por vingança e fulminar-vos com a sua maldição...

Irmãos Introductores, ensinae ao Companheiro, como elle deve fazer.

Fazem avançar o candidato, pela marcha d'aprendiz e de companheiro, de sorte que, no ultimo passo, fica á cabeceira do esquife. Mandam-n'o então passar por cima do corpo, partindo com o pé direito, para ir para a direita, movimento que o obriga a atravessar com a perna esquerda sobre a cabeça do pseudo-cadaver. Em seguida, fazem-no ir para a esquerda do esquife, passando sempre por cima do corpo, e, d'esta vez, atravessando o completa-

mente, sobre o ventre. Emfim, por um terceiro passo, partindo com o pé direito, deve chegar aos pés do irmão, que faz de morto, deixando-o assim atraz de si. (1) Chegado o candidato a esta posição, o supposto cadaver sae silenciosamente do esquife, e volta para o seu logar nas columnas.

Muito respeitavel. — Muito Veneraveis Irmãos Vigilantes, não notastes nada de suspeito durante a marcha do Companheiro?

1.° vigilante. — Não, Muito Respeitavel.

Muito respeitavel. — Companheiro, como esta primeira prova vos foi favoravel, começa a renascer a nossa confiança. Em breve vamos revelar-vos minuciosamente as circumstancias do inaudito crime, que lançou entre nós a consternação: mas antes d'isso deveis assegurar-nos de que, mesmo quando não sejaes admittido em nossas columnas, não revelareis nada do que ides conhecer, nem aos Profanos, nem aos Aprendizes, nem sequer aos Companheiros, vossos Irmãos. Jurael-o pela vossa fé de mação? Sob resposta affirmativa, os expertos deixam o candidato.

Muito respeitavel. — Está bem, meu Irmão, nós descançamos na palavra de Mação, que nos destes.

'Neste momento, acercam-se os dois vigilantes do candidato, e ficam um pouco atraz d'elle. O primeiro tem na mão um esquadro de ferro, e o segundo uma regua de 24 pollegadas, tambem de ferro.

Muito respeitavel. — O Mação, que nós deploramos, é o nosso Respeitavel Mestre, é aquelle, que nos esclarecia nos trabalhos, que nos consolava nas afflicções, e que nas tribulações sustentava a nossa coragem.

Succumbiu victima do mais execravel attentado.

A Maçonaria concebera o piedoso designio d'erigir um templo em honra do Grande Architecto do Universo... Hiram, profundo conhecedor da architectura, bem como do fabrico dos metaes, foi escolhido para edificar esse templo e dirigir os obreiros, dos quaes foi nomeado Mestre. Dentro em pouco ia o edificio, quasi acabado, tornar-se digno do fim, que se propunha a Maçonaria; mas os inimigos da Ordem maçonica, invejosos dos triumphos do nosso Mestre Hiram, tambem chamado Hiram-Abi, ou Adon-

---

(1) A figura proxima, que representa esta complicada marcha de atravessares d'esquife, mostra ao mesmo tempo a marcha de mestre, que comprehende as de aprendiz e companheiro. Os trez primeiros passos em linha recta constituem a marcha d'aprendiz. Estes mesmos mais os dois seguintes (dos quaes um se desvia para a direita e o outro torna á esquerda) compõem a de companheiro. Os oito passos completos formam a de mestre, tendo cuidado de levantar bem a perna em cada um dos trez ultimos, como que para passar sobre o esquife do dia da recepção.

Nas lojas dependentes do Grande Oriente da França, parte-se com o pé direito em vez do esquerdo.

Hiram, quizeram arrancar-lhe os seus segredos, para poderem continuar e rematar elles mesmos a obra tam prosperamente começada... Bem sabiam com quanto escrupulo o Mestre guardava os segredos, que lhe tinham sido confiados para o bom exito da empreza, e foi por ahi, que resolveram atacal-o, para terem pretexto de o afastar ou assassinar... Para darem ao crime, que meditavam, um caracter ainda mais ultrajante, excitaram contra o nosso Respeitavel Mestre trez miseraveis, já iniciados nos primeiros segredos da arte. Persuadiram a estes obreiros, animados de pensamentos ambiciosos, que eram instruidos de mais, para permanecerem nas classes inferiores. Desde então, a obediencia, tam necessaria em todas as sociedades, foi para estes homens corrompidos um jugo insupportavel. D'alli em diante, olhavam sempre com inveja aquelles, qne, por seus talentos e virtudes, se tinham elevado acima d'elles, e eram admittidos na Camara do Meio. Resolveram penetrar 'nesta sancta estancia, e introduzir-se 'nella, por bem, ou á força. Como não podiam conseguir este intento, emquanto não possuissem a palavra sagrada dos Mestres, combinaram entre si os meios de a arrancarem ao nosso pae Hiram.. De commum accordo, resolveram intimidal-o, para surprehenderem pelo temor essa palavra, que não esperavam, que elle lhes confiasse livremente. Estavam decididos a dar-lhe a morte, para se subtrahirem ao justo castigo, que sobre a sua cabeça devia de chamar tam criminosa audacia.

Não esperando commiseração alguma, esforçavam-se por esconder a todo o custo os indicios accusadores, que podiam denuncial-os aos outros obreiros, como os assassinos do Mestre... Vã illusão! os instrumentos por elles empregados para a perpetração do crime haviam de revelar a classe de operarios a que elles pertenciam... Depois de terem tomado no silencio e na sombra todas as disposições, que, segundo o seu calculo, deviam levar a bom termo a detestavel empreza, esperaram o momento, em que os operarios, ao cair da tarde, concluida a sua tarefa, saiam da officina, para irem descançar, porque então o Mestre, que ficava sempre atraz de todos, estaria só e portanto sem defesa... O Templo tinha trez portas: uma a Leste, que communicava com a Camara do Meio, e era reservada ao Mestre, outra ao Sul, e a terceira a Oeste. Esta ultima servia d'entrada commum a todos os operarios; era tambem por lá, que Hiram costumava retirar-se, depois de inspeccionar mais uma vez os trabalhos do dia... Os trez cumplices, chamados Jubelas, Jubelos e Jubelum, postaram-se a cada uma d'estas portas, para que, se o Mestre escapasse a um, não podesse evitar os outros: Jubelas emboscou-se na do Sul, Jubelos na d'Oeste, e Jubelum na do Oriente. ∴ Passados alguns instantes d'espera, saía Hiram da Camara do Meio para visitar os trabalhos e asse-

gurar-se, como costumava, de que os seus planos tinham sido executados. Dirige-se primeiro para a porta do Sul, e alli vê Jubelas armado d'uma pesada regua. O Mestre pergunta-lhe, porque não seguiu os outros obreiros e que lhe quer. O Companheiro Jubelas responde-lhe com a maior audacia: «Mestre, ha muito tempo que me conservaes nas classes inferiores: quero subir; admitti-me na classe dos Mestres. — Eu não posso, diz Hiram com a sua habitual bondade, eu não posso, só por mim, conceder-te esse favor; é preciso tambem o concurso dos meus Irmãos; quando tiveres acabado o teu tempo, e estiveres sufficientemente instruido, tomarei por um dever propor-te ao Conselho dos Mestres. — Eu tenho instrucção bastante, continua o temerario, e não vos deixarei sem que tenha recebido a palavra dos Mestres. — Insensato! replica Hiram; não é assim que eu a recebi, nem que ella deve pedir-se; trabalha, persevera, e serás recompensado» ... Jubelas insiste e chega a ameaçal-o. Hiram, não se deixando intimidar, responde-lhe com firmeza, que em vão espera obter por este meio o favor, que solicita, e por um movimento da mão ordena-lhe, que se retire. No mesmo instante, o Companheiro furioso tenta descarregar-lhe na cabeça uma violenta pancada com a regua. O golpe é evitado pelo gesto, que faz Hiram, e a pesada regua, a regua de 24 polegadas, dando em falso, apanha o Mestre pelo pescoço.

Aqui, o 2.º vigilante administra uma boa pancada com a sua regua de ferro atravez da garganta do candidato, que não contava com tal (apre!) em memoria do pae Hiram.

O muito respeitavel, reatando gravemente a sua narração, emquanto o postulante suffocado se recobra da surpreza. — Hiram, justamente inquieto, corre precipitadamente para sair pela porta d'Oeste; mas ahi é tambem detido por Jubelos, que, de modo ainda mais ameaçador, lhe pergunta a palavra dos Mestres. Entrevendo o perigo, que se aggrava, Hiram dá um passo atraz, para se retirar e alcançar a porta do Oriente; mas não foge com assaz presteza, para evitar uma terrivel pancada, que Jubelos lhe dá com o esquadro no coração.

Zás! o candidato recebe immediatamente no seio esquerdo uma pancada com o esquadro de ferro, que tem o primeiro vigilante.

O muito respeitavel continuando a sua narrativa, sem reparar na caramunha que faz o postulante atrapalhado. — Quebrantado por este golpe, Hiram dirige-se cambaleando para a ultima saida do Templo, pela qual espera fugir. Vã esperança! E' de novo detido pelo terceiro conjurado, Jubelum, que lhe pede tambem a palavra dos Mestres. «Antes morrer, diz Hiram, do que revelar o segredo que me foi confiado.» No mesmo ponto, o scelerado as-

senta-lhe na fronte uma violenta pancada de maço, que o faz cair de costas, e o estende a seus pés.

Ao dizer as ultimas palavras, o muito respeitavel dá vivamente com o malhete na fronte do candidato. Logo os dois expertos, impellindo-o, o fazem cair de costas no esquife, que está por traz d'elle, e do qual antes se evadira surrateiramente o supposto cadaver.

O postulante é coberto com o panno funebre, depois de lhe lançarem pelo rosto o seu avental; põem-lhe sobre os pés um esquadro e um compasso, levantam algum tanto o panno preto, do lado da cabeça, e plantam nos cabellos do nosso homem um ramo d'acacia.—Esqueceu-me dizer, que, durante tudo o que acaba de se passar, o candidato devia conservar-se á ordem de companheiro, com o braço esquerdo estendido ao longo do corpo, e que lhe poseram a perna direita em esquadria, fazendo-lhe dobrar o joelho.

O muito respeitavel, com solemnidade. — Assim perece o homem justo, fiel ao dever até á morte!

Silencio d'alguns momentos, durante o qual o muito respeitavel e os vigilantes voltam a seus logares.

Quanto ao candidato, se não vê mais nada, ao menos ouve perfeitamente e é sobretudo acerca d'elle, que a comedia vae continuar. Emquanto o cobre o espesso panno mortuario, parte dos assistentes substituem sem ruido a armação preta da sala por outra verde, o que facilmente se opera por meio de bastidores, que se voltam.

O muito respeitavel, elevando um pouco a voz. — Quando os trez assassinos se reuniram, perguntaram uns aos outros pela palavra de Mestre: vendo que não tinham podido alcançal-a ficaram desesperados, por terem commettido um crime inutil, e só pensaram em fazer desapparecer os vestigios d'elle. Com este intuito, tiraram d'alli o corpo, esconderam-no debaixo d'entulho, e pela noite levaram-no para fóra da cidade, sepultaram-no perto d'um bosque, e plantaram sobre a cova um ramo d'acacia. . A falta d'Hiram aos trabalhos não tardou a revelar aos obreiros a terrivel catastrophe; logo se lembraram d'um crime, e o attribuiram aos trez Companheiros, Jubelas, Jubelos e Jubelum, que, desde aquelle dia nefasto, faltavam á chamada. . Reuniram-se pois os Mestres na Camara do Meio, que armaram de preto em demonstração de lucto.

Silencio d'alguns segundos.

Muito respeitavel. —Ah! meus Irmãos, desde o fatal momento que nos privou do nosso pae Hiram, o mundo ficou submergido nas mais espessas trevas; todos os trabalhos foram suspensos. . . E não poderiamos nós tentar meio algum para recuperar a luz?.

Eis a razão porque estamos consternados perante tão odioso attentado. O homem de tam rara virtude succumbiu; só elle possuia o segredo da obra encetada. Quem ousaria hoje apresentar-se, para lhe succeder?... (Depois d'uma pausa:) Entretanto, meus Irmãos, não percamos o animo. Depois de termos chorado o nosso Mestre, arranquemos seus restos ás mãos de seus assassinos. Prestemos a esses despojos mortaes as honras funebres que lhes são devidas... Poderá ser que recolhamos scintillações da sua sciencia; a luz pode reapparecer ainda... Vamos, Muito Veneravel Irmão 2.º Vigilante, tomae comvosco dois Mestres, e procedei á busca, principiando pelo Norte.

Fazem a viagem. d'espada na mão, á volta da sala.

2.º vigilante, depois da viagem. — A nossa busca foi baldada, Muito Respeitavel.

Muito respeitavel. — Muito Veneravel Irmão 1.º Vigilante, escolhei dois Mestres e fazei todos juntos uma busca, começando pelo Sul.

Fazem esta viagem d'espada na mão, como a primeira.

O 1.º vigilante, tendo voltado ao seu logar. — Muito Respeitavel, a nossa busca não teve melhor exito, que a primeira.

Muito respeitavel. — Eia pois, Muito Veneraveis Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, tomae d'esta vez comvosco sete Mestres, e procedei a nova busca, até que tenhaes descoberto o sagrado logar, onde vis assassinos deposeram o corpo do nosso amado Mestre Hiram.

Os vigilantes tomam comsigo sete Mestres, e, depois de darem volta á sala, aproximam-se do esquife.

2.º vigilante.—Esta arvore funeraria, esta acacia annuncia-me uma sepultura: não ha muito, que foi plantada... Talvez esteja cobrindo com a sua sombra o tumulo do nosso Respeitavel Mestre!

1.º vigilante. — Sim, alguem disse, que a sciencia repousa á sombra da acacia. Este logar triste e deserto, esta terra mexida de fresco, poderiam effectivamente ser o tumulo do nosso pae.., Mas que vejo eu? um esquadro e um compasso, que parecem ter sido aqui collocados de proposito, não me deixam já duvida alguma! Guardemo-nos de tocar 'nesta terra, antes de termos avisado d'isto o nosso Muito Respeitavel... Fiquem aqui trez de nós, emquanto vamos dar parte da nossa descoberta.

Collocam-se á volta do esquife trez mestres, armados d'espadas, dois á cabeceira e o terceiro aos pés, voltados para o corpo. Os vigilantes e os outros mestres tornam para os seus logares.

Muito respeitavel. — Muito Veneravel Irmão 1.º Vigilante, dae-me conta do que soubestes e descobristes.

1.º vigilante. — Quando iamos caminho de leste, divisamos,

ao clarear do crepusculo, uma acacia, que assombrava um sepulchro, cuja terra parecia remexida muito de fresco; um esquadro e um compasso collocados sobre o sepulchro fizeram-nos lembrar, que poderia ser alli, que repousava o nosso respeitavel Mestre Hiram; mas não nos atrevemos a perturbar a tranquillidade de suas cinzas, e damo-nos pressa a vos informar d'esta descoberta, para que venhaes comnosco reconhecer, se as nossas conjecturas são fundadas... Trez dos nossos Veneraveis Irmãos ficaram lá, para guardarem o logar da sepultura.

Muito respeitavel. — Meus Irmãos, oxala que tenhaes achado o corpo do nosso querido pae! Não nos demoremos mais, guiae-me.

O muito respeitavel levanta-se; acompanham-no os vigilantes. Dão uma volta á sala, e vem collocar-se proximo á cabeceira do esquife.

Então todos os mestres, sem armas, e á ordem do terceiro grau, se agrupam em volta d'elles.

2.º vigilante. — Eu reconheço os nossos Irmãos, a quem confiamos a guarda do sepulchro... Aqui está o signal, que nos chamou a attenção... Aqui está a acacia!

Muito respeitavel. — Approximemo-nos.

Ao dizer estas palavras, o muito respeitavel acerca-se da cabeceira do esquife, e colloca-se do lado direito, com os dois vigilantes á esquerda. Levanta primeiro um bocado do panno mortuario, depois o avental que vela o rosto do candidato.

Oh! ceus, é elle!... (Erguendo as mãos ambas para o ceu, e deixando-as cair em seguida sobre o seu avental:) Ah! Senhor meu Deus!...(1) (Tirando então completamente o panno, e descobrindo o corpo todo:) Ai! vejo de sobra, pelo modo como está collocado, e pelos instrumentos deixados sobre esta cova, qual é a classe d'obreiros, em que devemos procurar os culpados... Dir-se-hia que respira ainda! O seu nobre rosto, respeitado pela morte, traduz a tranquillidade da consciencia e a paz d'alma, tam profundamente tinha gravado nas feições o cunho da virtude... Transportemos para o recinto das obras estes restos tam caros e tam preciosos, para lhes darmos uma sepultura digna do nosso Mestre.

Durante estas palavras, alguns dos mestres presentes illuminam silenciosamente a sala, de modo que a tornem o mais brilhante possivel; e, para que o candidato não dê fé d'esta mudança, co-

(1) Nas lojas do Rito Francez, não se exclama: «Ah! Senhor meu Deus!» O muito respeitavel, descobrindo a cabeça do falso cadaver, diz, com o signal d'horror: «E' realmente o corpo do nosso pae Hiram; vejo-lhe brilhar no peito a lettra G. Meus Irmãos, gemamos!» Os dois vigilantes repetem successivamente: «Gemamos!» E então todos os circumstantes se põem a dar gemidos por alguns segundos.

brem-lhe ainda mais a cabeça com o avental e com o panno, no momento em que o muito respeitavel diz: «O seu nobre rosto, respeitado pela morte».

Tendo o muito respeitavel acabado de fallar, o 2.º vigilante curva-se sobre o esquife, pega no index da mão direita ao candidato, puxa-o brandamente para si, como se quizesse levantar o cadaver, e diz: *Bohaz*». Depois, fingindo que vê escapar-lhe o dedo, ergue as mãos ao ceo, e as deixa cair com desespero, exclamando: «Ah! Senhor meu Deus! a carne despega-se dos ossos! *Mac-Benac!*»

Logo o 1.º vigilante pega no candidato pelo dedo medio da mesma mão, repete a manobra, e diz: «*Jakin*». Depois, fingindo por seu turno ver escapar-lhe o dedo, ergue tambem as mãos para o ceu, e as deixa cair com desalento, exclamando: «Ah! Senhor meu Deus! tudo se desconjuncta! *Mac-Benac!*

Muito respeitavel. — Não é assim, meus Irmãos, que haveis de conseguir levantar o nosso Mestre... Não vos lembraes de que a união faz a força e de que, sem o soccorro dos outros, nada podemos?... A mim, meus Irmãos, ajudae-me!...

Em seguida o muito respeitavel, pondo-se aos pés do candidato, inclina-se para elle, pega-lhe pela mão direita, e, puxando-o para si, ajudado pelos dois vigilantes, que o levantam por baixo dos braços, assenta-o. Lança-lhe em seguida a mão esquerda pelo pescoço, entre as espaduas, e, ajudado pelos dois vigilantes, põe-no em pé. D'este modo recebe-o sobre o peito, tocando joelho direito com joelho direito, os pés ao lado, unidos um com outro. 'Nesta posição, bastante difficil de qualificar, lhe dá o triplice beijo fraternal, dizendo-lhe compassadamente e por syllabas, em voz baixa: *Mahabone*». Depois accrescenta, em alta voz: «Louvado seja o Grande Architecto do Universo! O mestre está achado, e reapparece mais radioso que nunca.»

Emquanto o candidato está de pé, retiram promptamente o esquife sem estrondo. Os irmãos voltam para os seus logares.

O muito respeitavel conduz o candidato ao oriente e o faz assentar á sua direita.

O muito respeitavel, dada uma pancada de malhete. — De pé e á ordem, meus Irmãos!... Celebremos por acclamações de jubilo este venturoso dia que faz brilhar de novo sobre a nossa Officina ha tanto tempo immersa na tristeza a luz que julgavamos perdida para sempre. O nosso Mestre tornou a ver o esplendor do dia, renasce na pessoa do Irmão N... Assim é que cada hemispherio alternadamente, afflicto pela ausencia do pae da luz, recobra, quando elle reapparece, a sua alegria e seus brilhantes ornamentos; assim é tambem que o facho do genio e da verdade dissipa as trevas da ignorancia e do erro.

1.º vigilante. — Unamo-nos ao Muito Respeitavel, meus Irmãos, para celebrarmos o regresso da luz e da verdade.

2.º vigilante. — Unamo-nos, meus Irmãos, para celebrarmos o regresso da luz e da verdade.

Todos os irmãos, de pé, precedidos pelo muito respeitavel, fazem o signal de mestre, e executam uma bateria de nove pancadas.

Muito respeitavel. — Sentemo-nos, meus Irmãos.

Todos se assentam.

O muito respeitavel ao candidato. — Meu Irmão, acabaes de representar um personagem illustre e justamente venerado pelos Mações. Ha 'nisto um mytho symbolico, cuja decifração deixarei a cargo da vossa intelligencia. Já estaes demasiadamente instruido na nossa arte para que eu julgue necessario dizer-vos mais sobre esta enternecedora allegoria... Lede a historia dos seculos passados, espraiae os olhos em torno de vós; por toda a parte vereis o talento desconhecido, a sciencia desprezada, a virtude perseguida, a ignorancia, o fanatismo e a ambição governando o mundo inteiro... Destruir este imperio para fazer reinar em vez d'elle a verdade, que é a propria sciencia, defendel-a contra inimigos interessados em a proscrever, tal é a tarefa imposta aos Mações que chegaram ao grau de Mestre, tal é o dever que elles devem cumprir, ainda com risco de vida... O Mestre deve portanto redobrar d'esforço para se instruir, e por-se d'esta sorte em estado de esclarecer os outros, deve estar constantemente de pé e armado, para combater os funestos prejuizos, que se oppõem tanto ao desinvolvimento dos conhecimentos humanos, como á sua propagação... Não haja erro algum, que d'oravante possa resistir ao facho da luz, que nos legaram nossos predecessores, e, esclarecido pelos nossos trabalhos, cesse emfim o universo de gemer sob o affrontoso jugo da escravidão, em que pretenderia conserval-o a cega ignorancia!... Estaes disposto a cooperar com vossos Irmãos 'nesta honrosa missão?

Resposta affirmativa do candidato.

Muito respeitavel. — Então ides obrigar-vos a isso e unir-vos a nós por um juramento tanto mais sagrado, quanto mais perfeito é o conhecimento que tendes dos deveres, que elle vos impõe... Convindes 'nisto?

Resposta affirmativa do candidato.

O mestre de cerimonias vae-o buscar e o conduz ao altar dos juramentos, onde o candidato ajoelhado, com a mão direita estendida sobre uma espada, um esquadro e um compasso, estando todos os irmãos de pé e á ordem, repete, phrase por phrase, o juramento seguinte, que lhe dicta o muito respeitavel, egualmente de pé e com a sua espada flammejante na mão:

*Juramento.*—Eu, N..., por minha livre vontade, na presença de todos os Mestres aqui reunidos e á face de todos os Maçōes espalhados pelo globo, juro e prometto pela minha honra cumprir fiel e zelosamente as obrigações impostas pelo grau de Mestre, que me vae ser conferido. Prometto alem d'isso amisade e dedicação a todos os meus Irmãos; comprometto-me a soccorrel-os segundo as minhas posses nas suas necessidades. Se eu faltar a estas promessas, seja para sempre deshonrado e excluido da sociedade dos homens de bem! [1]

Muito respeitavel. — Irmão Secretario, tomae nota do juramento .. (Pondo a sua espada sobre a cabeça do candidato, e dando com o malhete nove pancadas na lamina:) Para gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, em virtude dos poderes, que me competem como Veneravel Mestre da Respeitavel Loja, constituida sob o titulo distinctivo de, etc., no Oriente de, etc., Irmão N..., eu vos recebo e constituo Maçāo no 3.º grau, com poder de mandar d'aqui em diante os Aprendizes e Companheiros.

Levanta-se o novo mestre, e sentam-se todos. O muito respeitavel dá-lhe então os trez osculos fraternaes, procedendo do modo seguinte: mete entre as d'elle a perna direita, apoiando com força o pé e joelho contra o pé e joelho direito d'elle; depois aperta-o corpo a corpo, fazendo-o mesmo junctar comsigo, até aos hombros; com a mão esquerda segura-lhe a espadua direita. Faz-lhe tomar a mesma attitude, para que fiquem ambos estreitamente unidos, e por assim dizer collados um ao outro. Com a mão direita pega na direita do candidato, formando com os seus proprios dedos uma como garra, que lhe toca interiormente a palma. Então, apertando-o comsigo d'esta maneira singular, abraça-o, e junctamente lhe diz por syllabas a palavra sagrada: primeiro beijo na face direita, e primeira syllaba; segundo beijo na esquerda, e segunda syllaba; terceiro beijo na bocca, e ultima parte da palavra *(Ma-ha-bone.)*

---

(1) Nas lojas, que dependem do Grande Oriente da França, o juramento presta-se 'nestes termos: — «Na presença do Grande Architecto do Universo e perante os Veneraveis Mestres, que me escutam, juro e me obrigo pela minha honra a por em pratica os principios maçonicos, que me têm sido e forem ensinados; amar a verdade scientifica, fonte de todo o bem; fugir da mentira, origem de todo o mal; procurar todos os meios de me instruir, d'esclarecer o meu espirito, de fortificar a minha razão. Prometto amar com ternura os meus Irmãos e soccorrer em caso de necessidade os Filhos da Viuva, mesmo com risco de vida; prometto alem d'isso nunca revelar, a quemquer que seja, os segredos do grau de Mestre, que me vão ser confiados. Se eu faltar a estas promessas, seja deshonrado, etc.»

O muito respeitavel, pondo a sua espada sobre a cabeça do candidato, diz, antes de bater na lamina as nove pancadas: — Sejam puras as vossas vistas! Sejam sagrados para vos os vossos juramentos!

A CADEA D'UNIÃO

Todos os membros da loja se enlaçam. Cada um passa um braço pela cinta do visinho, e lhe dá, com a mão que fica livre, trez leves pancadas no hombro. Ao mesmo tempo dão-se mutuamente o triplice beijo fraternal. Depois do que, o primeiro diz a palavra semestral ao ouvido do irmão, que recebeu a bateria. Este procede da mesma sorte com o visinho; e d'est'arte a bateria, o beijo e a palavra, tendo partido do Veneravel, que esta entre o orador e o secretario, circulam simultaneamente nas duas columnas, e chegam ao mesmo tempo ao mestre de cerimonias, collocado entre os dois vigilantes, no outro extremo da cadea.

Em seguida o muito respeitavel, tendo revestido o candidato com a banda e avental de mestre, communica-lhe os segredos do grau: signal d'ordem, signal de reconhecimento, pedido de soccorro,

ou signal d'afflicção, marcha, bateria, edade, palavra de passe, toque, etc.

Muito respeitavel.— Meu Irmão, eis-vos investido no caracter de Mestre, cujo titulo e direitos possuis. Não esqueçaes nunca, que deveis a vossos eguaes respeito e dedicação; a vossos inferiores protecção e abnegação; a todos bom exemplo. Tendes o direito de empunhar o malhete; isto é de chegar por eleição a Veneravel de Loja... Ide, meu Irmão, ide fazer-vos reconhecer pelos segredos, que acabo de revelar-vos.

O mestre de cerimonias leva o novo mestre ao 1.º vigilante, a quem elle faz o signal, e dá o toque e palavra sagrada. Logo o grande experto lhe manda executar a marcha e o signal de soccorro, e lhe recorda a sua edade. Depois torna-o a levar para entre columnas.

O 1.º vigilante, dada uma pancada de malhete.— Muito Respeitavel, o novo Mestre, cuja instrucção está terminada e completa, acha-se entre columnas.

O muito respeitavel, depois d'uma pancada de malhete.— De pé e á ordem, Veneraveis Mestres!... (Obedecem.) Veneraveis Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, proclamae nas vossas columnas, como eu no Oriente, o nosso carissimo Irmão N... Veneravel Mestre d'esta Respeitavel Loja; convidae todos os nossos Veneraveis Irmãos a o reconhecerem por tal, e o fazerem gozar de toda a affeição, que os Mações se devem reciprocamente, bem como dos direitos e prerogativas annexos ao 3.º grau da Maçonaria.

O 1.º e 2.º vigilante repetem successivamente a proclamação do muito respeitavel, dirigindo-se cada um á sua columna.

1.º vigilante.— Está feita a proclamação, Muito Respeitavel.

Muito respeitavel.— Applaudamos, meus Irmãos, e regosigemo-nos pela feliz acquisição que hoje fez a Camara do Meio.

A mim, meus Irmãos, pelo signal!

Todos, fazendo o signal.— Ah! Senhor meu Deus!

Muito respeitavel.— Pela bateria (cada um dá nove pancadas com as mãos) e pela acclamação mysteriosa!

Todos ao mesmo tempo.— Huzê! huzê! huzê!

O iniciado agradece (ou o mestre de cerimonias por elle) e o muito respeitavel manda applaudir o agradecimento.

Muito respeitavel.— Veneravel Irmão Mestre de Cerimonias, conduzi o novo Mestre ao seu logar... (Depois que este se assenta.) Agora, meu Irmão, prestae toda a attenção á allocução, que vou dirigir-vos, para lançar no vosso espirito uma primeira luz acerca dos trabalhos symbolicos, de que fostes um dos obreiros 'neste dia.

## ALLOCUÇÃO DO MUITO RESPEITAVEL

MEU IRMÃO,

No Egypto, o Grau de Mestre, terceiro da iniciação, chamava-se: «Porta da morte». Effectivamente vós estivestes nos confins da vida e da morte, segundo a expressão de Apuleio; descestes ao negro sepulchro da humanidade, para renascerdes para a luz e para a vida nova.

Esta allegoria encontra-se invariavelmente em todas as religiões, em todas as lendas, sob diversos nomes. Por toda a parte é identico o pensamento: um deus, um heroe, um sabio, um martyr cae aos golpes do genio do mal e soffre a morte, para pouco depois recomeçar uma vida gloriosa e indefectivel... E' o dogma da eterna lucta entre os dois supremos e oppostos principios, què presidem aos destinos do mundo: o bem e o mal, a luz e as trevas.

No sentido astronomico, a desapparição e regresso do sol ao nosso hemispherio indicam egualmente a morte do Deus-Luz, que expira no inverno, para resuscitar na primavera.

Quando lerdes as varias obras, que tratam da Maçonaria, 'nellas encontrareis, meu Irmão, explicações tam numerosas, como variadas, dos symbolos e allegorias do 3.º grau. Este estudo não vos ha de desagradar. Os nossos rituaes não podem entrar em tam largas explanações; contentam-se com indicar a vereda, em que o Iniciado deve caminhar com coragem e perseverança.

Quanto a mim, apresentar-vos hei, em duas palavras sómente, o heroe do drama symbolico, em que acabaes de tomar uma parte activa — quero dizer: o nosso Mestre Hiram. — O Veneravel Irmão Orador occupar-se-ha em seguida do assumpto, que eu apenas quero esboçar, e vol-o desinvolverá com todos os recursos do seu talento.

O Oriente, esse berço da civilisação, meu Irmão, é tambem o berço das lendas e das fabulas.

Debaixo d'um ceu d'esplendido azul, 'nesses desertos abrasados pelos ardentes raios d'um sol implacavel, sobre esse solo que a cada passo esconde ou mostra aos olhos do viajante deslumbrado ruinas gigantescas, historiadores de pedra dos mundos desapparecidos e das civilisações extinctas; 'nesse paiz da luz brilhante, a imaginação dos rhapsodos e poetas jamais se exhaure, e, assim nas cidades sanctas, como no deserto, sob a tenda, que protege as tribus vagabundas, o contador sabe sempre captivar a attenção dos ouvintes fanatisados por suas maravilhosas narrações.

A construcção do templo de Salomão ou Solimão, uma das maravilhas do mundo, e a tragica morte d'Hiram, a quem dão tambem o nome de Hiram-Abi, ou Adon-Hiram, deviam portanto seduzir, e realmente seduziram a imaginação de nossos paes, que legaram a tradição d'estes factos á sua posteridade.

Nós tomamos da Biblia, lenda profana, alguns fragmentos, onde encontrareis a historia e as feições do nosso Respeitavel Mestre Hiram.

Era no tempo do maior poder de Salomão, filho de David. Este rei, famoso pela sua sabedoria, fazia elevar um templo magnifico em honra de Jehovah.

O architecto encarregado d'esta construcção era Hiram.

Que homem era esse?... D'onde procedia elle?...

O seu passado era um mysterio. Enviado ao rei Salomão pelo rei dos Tyrios, adoradores de Moloch, este personagem, tam estranho, como sublime, soubera, desde a sua chegada, impor-se a todos.

Nos arrojados voos do genio, elevava-se acima dos outros homens; o seu espirito transcendia a natureza humana, e todos se curvavam ante a vontade e a mysteriosa influencia d'aquelle, que denominavam: o Mestre. Trazia impressas no rosto annuveado a bondade e a tristeza, e a sua larga fronte, — escutae bem, meu Irmão — reflectia ao mesmo tempo o Espirito da Luz e o Genio das Trevas.

Sendo um grande architecto e um grande estatuario, Hiram jamais conhecera outro mestre, que não fosse a solidão, outros modelos, alem dos que o deserto lhe ministrara, entre as ruinas ignoradas e as figuras collossaes e grandiosas de deuses e animaes symbolicos, imagens desmaiadas, espectros d'um mundo antigo e d'uma sociedade desapparecida e morta.

Era grande o seu poder; tinha ás suas ordens mais de trezentos mil obreiros, homens de todos os paizes, que fallavam todas as linguas, desde o idioma sanskrito do Himalaya, até á linguagem guttural dos selvagens da Lybia. A uma voz d'Hiram, a innumeravel multidão dos trabalhadores corria de todos os rumos, como as ondas d'um mar opprimido em apertado leito, prestes a inundar os valles e as planicies insufficientes para as conterem; ou então, offerecendo o aspecto d'um immenso mosaico de cabeças humanas, formava-se em amphitheatro até aos confins do horisonte, tam numerosa como as estrellas do ceu ou como as areias do deserto.

Um dia veio ama grande soberana, Balkis, rainha de Saba, visitar o maior dos reis da terra.

Para lhe dar uma idea do seu poder, Salomão quer-lhe fazer

admirar os trabalhos do soberbo edificio, por elle elevado a Jehovah.

A rainha maravilhada pede para ver o architecto de genio, que concebeu e dirigiu a edificação de tantos esplendores; quer ver tambem o exercito dos operarios.

Embora contra vontade, Salomão manda chamar Hiram. O Mestre, depois de prestar a Balkis as devidas honras, dirige-se para a entrada do Templo; chega-se ao portico exterior e, fazendo pedestal d'uma rocha de granito, lança um olhar firme sobre a multidão convocada, que se dirige para o centro das obras... A um signal seu, todos os rostos se voltam para elle... Ergue então o braço direito; e, com a mão estendida, traça uma linha horisontal, do meio da qual desce uma perpendicular, figurando dois angulos rectos em esquadria, signal em que os Syrios reconhecem a lettra T.

A este signal de reunir, agita-se aquelle formigueiro humano, como se o revolvesse um furacão. Depois formam-se os grupos, alinham-se em fileiras regulares e harmoniosas; ordenam-se as legiões, e esses milhares d'operarios, commandados e dirigidos por chefes desconhecidos, dividem-se em trez corpos principaes, cada um subdividido em trez cohortes distinctas, cerradas e extensas, nas quaes marcham:

1.º Os Mestres,

2.º Os Companheiros,

3.º Os Aprendizes.

No centro estão os artifices da pedra; á direita os que trabalham em madeira; á esquerda os que se applicam á industria dos metaes. Alli se encontram ás centenas de milhares. A terra treme a seus passos; aproximam-se, similhantes ás altas vagas do mar prestes a invadir a praia. Não se ouvem gritos nem clamores, mas apenas o surdo e cadenciado trom da sua marcha, similhante ao ribombar d'um trovão longinquo, precursor do tufão e da tempestade... Venha um sopro de colera a agitar essas cabeças, e essas ondas animadas arrastarão no turbilhão de seu irresistivel poder tudo, que pretender oppor-se á sua impetuosa passagem!

Ante essa força desconhecida, que se ignora a si mesma, Salomão empallidece. Lança um olhar inquieto sobre o brilhante mas fraco cortejo dos sacerdotes e cortezãos, que o rodeam .. Irá seu throno ser submergido e aniquilado pelas ondas d'esse mar humano?... Não! Hiram estendeu o braço: tudo para!... A um signal, esse exercito innumeravel dispersa-se; retira-se agitado mas obediente á intelligencia que o domina e doma.

Como! diz para si Salomão, um só signal d'esta mão, forma ou dispersa exercitos?...

Depois comparando com a sua, essa força occulta, esse poder formidavel, o grande rei, que cria ter obtido do seu Deus a sciencia e sabedoria, comprehendeu, que estes dons pouco valiam em comparação do que elle descobrira; e então reconheceu, no intimo, a existencia d'um poder superior ao seu, poder a que o futuro, de que elle tinha a presciencia, reservava talvez uma soberania maior e mais universal, que a sua. .

Salomão via-se obrigado a reconhecer uma força nova, ao lado da qual elle passara até este momento, sem sequer a suspeitar — Essa potencia era o Povo!

Quanto ao chefe mysterioso que capitaneava essas legiões de homens, o seu genio que submettia os elementos e domava a natureza, devia suscitar-lhe o rancor dos invejosos, dos infames e dos traidores; elle tinha de succumbir e succumbiu ao golpe dos trez maus Companheiros, que personificavam a ignorancia, a hypocrisia e a ambição.

Eis aqui, meu Irmão, como a tradição oriental, na sua linguagem pitoresca e sua singela poesia, nos legou atravez das edades a lembrança d'aquelle que chamamos nosso Mestre.

Nós porém, Mações, nós vemos em Hiram a personificação da humanidade, trabalhando e luctando sem cessar, succumbindo por vezes, mas reerguendo-se sempre mais forte, mais viva e mais corajosa, para continuar a sua marcha e chegar ao fim supremo: a eterna Verdade!

Silencio d'alguns momentos.

Muito respeitavel. — Meu Irmão, parece-me que meditastes, e espero, que meditareis ainda as minhas palavras; faço votos por que vos embebaes bem no seu verdadeiro sentido, por que 'nelle encontreis um objecto de serio estudo... Mas a vossa instrucção d'este dia não está completa. Narrando-vos a historia d'Hiram e de Salomão, não chamei a vossa attenção senão para esse facto indiscutivel da existencia d'uma força desconhecida, que se ignora a si mesma, o Povo. Resta-vos conhecer a parte, que Salomão tomou na morte d'Hiram; resta-vos saber a lenda da rainha de Saba, sobre a qual eu vos disse apenas uma palavra; resta-vos descobrir pela exposição mais minuciosa do Veneravel Irmão Orador, os motivos secretos da eterna lucta entre o Bem e o Mal, da guerra implacavel do Espirito d'Hypocrisia, d'Ignorancia e Odio contra o Genio do Trabalho, da Sciencia e do Amor...

Veneravel Irmão Orador, tendes a palavra... Attenção meus Irmãos.

O discurso do orador na recepção de mestre é d'importancia muito capital, para que eu descure apresental-o integralmente quanto á substancia. Se a forma d'essa «peça d'architectura» varia,

pois que a sua redacção se deixa a cargo do orador, o fundo pelo contrario é immutavel. Este discurso deve dividir-se sempre em trez partes: a primeira dá uma supposta explicação astronomica da lugubre comedia da recepção de mestre; a segunda desinvolve a lenda d'Hiram e a apresenta d'um modo novo e significativo; quanto á terceira, que serve de conclusão, vem a ser uma philippica curta, mas muito subtil, contra os altos graus, e tem por fim capacitar o novo mestre, de que é chegado ao ultimo grau real da Maçonaria, e de que os graus superiores, estão destinados a desapparecer, como inuteis, absurdos e sem influencia sobre as lojas.

## DISCURSO DO VENERAVEL ORADOR (a)

Meu Irmão,

Antes de chegardes ao grau d'elevação, a que a vossa perseverança vos conduziu agora, que surpreza não haverieis de sentir, assistindo a uma solemnidade das mais extraordinarias, que sem duvida vos encheu d'assombro a razão, e vos desorientou a sagacidade e a critica? Com olhar inquieto, contemplastes um espectaculo, cujo sinistro apparato e dolorosos motivos estaveis longe de suspeitar, emquanto nos dois primeiros graus passaveis felizes ocios, no estudo das sciencias, que honram o espirito humano, e nas intimas expansões d'uma sociedade escolhida, que a sabedoria da nossa instituição parecia dever preservar da aproximação do crime.

Como era penosa a vossa posição!... Symbolos cada vez mais graves; espessas trevas; por unica direcção um só ponto luminoso, como um pharol longinquo; um pavoroso isolamento no seio d'uma familia d'irmãos; uma accusação, nenhuma defeza; varios juizes, nem um amigo; caminhos incertos; um guia armado pela desconfiança; um silencio apenas interrompido por algumas severas advertencias; uma catastrophe aterradora, uma victima, uma narração imprevista; pesquizas singulares, indicios mysteriosos, licções figuradas; tudo isto vos devia parecer um dedalo inextricavel... Que poderia passar-se em todo o vosso ser, que

(a) Este discurso é com effeito importantissimo. Sob uma allegoria assaz transparente, condensa as doutrinas politicas e religiosas da Maçonaria, proclamando o liberalismo e o satanismo.

Como a forma dos discursos pronunciados pelos oradores das lojas é variavel, desejei saber quem fosse o auctor da d'este, e em que obras maçonicas se encontra a sua substancia. Consultei o Snr. Leo Taxil, que se dignou de responder o seguinte:

«Os discursos pronunciados pelo orador, em quaesquer graus, estão em obras especiaes, não sempre textualmente, mas em substancia. Encontram-se no *Orador maçāo*, nas *Instrucções secretas d'Albert Pike*, no livro de *Clavel*, que eu cito frequentemente, e em muitos auctores maçonicos.»

não houvessem de experimentar outrora os iniciados da antiguidade, esses animosos corações, que, para conhecerem a sabedoria e a verdade, não duvidavam submetter-se ás provas mais terriveis, homens admiraveis, primeiros neophytos da vetusta e sublime instituição, de que nós temos tanto direito de nos orgulhar?

Com effeito, meu Irmão, a nossa instituição remonta-se aos tempos mais afastados. Soffreu nas suas formas externas a influencia dos seculos; mas o seu espirito permaneceu constantemente o mesmo.

Os Indios, os Egypcios, os Syrios, os Gregos, os Romanos, como sabeis, tinham mysterios. Os templos, onde se faziam as iniciações, apresentavam no seu conjuncto a imagem symbolica do universo.

As mais das vezes, a abobada d'estes templos, constellada como o firmamento, era sustentada por doze columnas, que representavam os doze meses do anno. A faxa, que coroava as columnas chamava-se zodiaco, e a cada uma d'ellas correspondia na mesma um dos doze signos celestes. Algumas vezes tambem substituia os signos do zodiaco a lyra d'Apollo, emblema d'essa melodia produzida, segundo os antigos iniciados, pelo movimento dos corpos celestes, mas que escapa aos nossos orgãos, demasiado imperfeitos para a perceberem. O corpo d'essa lyra era formado pelo craneo e pelas duas pontas do boi, animal, que, por ter sido empregado em lavrar a terra, se tornara symbolo do astro, que a fecunda, Phebo-Apollo; as cordas, que eram sete, alludiam aos sete planetas então conhecidos, ou representavam os sete dias da semana.

Os mesmos typos symbolicos se encontram nos templos dos Gaulezes, e dos Escandinavos. O Edda, venerada compilação das antigas tradições dos povos do Norte, refere, que um rei da Suecia, chamado Gilfo, nome que significa lobo, ou iniciado, introduzido no palacio d'Asgard, isto é na habitação dos deuses, viu o tecto d'esse palacio elevado a perder de vista, e coberto de escudos dourados ou d'estrellas; encontrara á entrada um homem, que se occupava em atirar ao ar sete floretes ao mesmo tempo. Na linguagem jeroglyphica dos iniciados, tomam-se as espadas e punhaes pelos raios dos astros; estes floretes referiam-se pois figurativamente ao systema planetario, e o palacio d'Asgard exhibia portanto uma representação do universo.

O antro de Mithra, ou do Deus-Sol, era outro emblema do mundo. Os iniciados da Persia consagravam as cavernas ao culto d'este deus. Repartiam-nas em divisões geometricas, e 'nellas figuravam em ponto pequeno a ordem e disposição do universo. A' sua imitação é que se estabelecera o uso de celebrar os mysterios em cavernas; e isso explica a razão porque Pythagoras e Platão

chamavam ao mundo um antro, uma caverna. No cerimonial da recepção, os sectarios de Mithra subiam uma escada, ao longo da qual havia sete portas; cada porta representava um dos planetas, atravez dos quaes, segundo a doutrina de todos os iniciados, passavam successivamente as almas, que alli se purificavam, e chegavam emfim ao firmamento, mansão da luz increada, da qual ellas tinham primitivamente emanado para virem habitar a terra e unir-se aos corpos.

A Maçonaria, meu Irmão, tem symbolos analogos. Não vos fallarei d'essa etymologia, que faz derivar a palavra «Loja» do sanskrito *loga*, que significa «mundo», ainda que, considerando a affinidade, que existe entre o sanskrito e as linguas grega e latina, das quaes se formam os idiomas modernos, uma tal etymologia não devia parecer forçada. Apenas vos farei notar, que, como no grau d'Aprendiz vos foi ensinado, as dimensões da Loja são as do universo; que o seu comprimento é do Oriente ao Occidente, a sua profundidade da superficie ao centro da terra, a sua altura covados sem numero; que as pilastras, que a sustentam, são: a Sabedoria, a Força e a Belleza, principaes attributos da creação; emfim que é preciso subir sete degraus para chegar ao throno do Veneravel, e que estes sete degraus recordam a escada emblematica de Mithra.

Em todos os mysterios antigos, como nas iniciações da Maçonaria moderna, o cerimonial da recepção figurava as revoluções dos corpos celestes e a sua acção fecundante sobre a terra. O mesmo cerimonial alludia egualmente ás purificações da alma durante a sua passagem atravez dos planetas, onde ella se revestia de corpos cada vez mais puros, ao passo que se aproximava da sua origem, a luz eterna, a luz increada. A iniciação tinha uma virtude preciosa: dispensava a alma do iniciado das diversas transmigrações planetarias; essa alma, á morte do adepto, passava directamente para a morada da bemaventurança sem fim, fundindo-se, por assim dizer, 'num divino abrasamento, no seio do Deus-Luz, do Deus-Sol.

Por uma consequencia muito natural d'estas premissas emblematicas, os Officiaes, que outrora presidiam ás iniciações, e designadamente á de Eleusis, representavam os principaes agentes da creação. O Hierofante, Veneravel da Loja antiga, figurava o Demiurgo, que se traduz por Grande Architecto do Mundo. O Daducho, segundo ministro, o mesmo que o nosso 1.º Vigilante, representava o Sol, cuja imagem trazia sobre o peito. O Epibomo, ou nosso 2.º Vigilante, representava a Lua, com cujo crescente se decorava. Emfim o Cerycio, ou arauto sagrado, Orador da iniciação maçonica, symbolisava a palavra, isto é a *vida*, na linguagem mys-

tica. . . Os mesmos Officiaes encontramos na iniciação Escandinava. «Gilfo, tendo, como vistes, penetrado no palacio d'Asgard, divisou, diz o Edda, trez thronos elevados uns sobre os outros, e, em cada throno, um homem assentado. Perguntou qual dos trez era o rei, nome do sol na linguagem figurada dos antigos iniciados. O guia respondeu: — Aquelle que vedes assentado no primeiro throno, é o rei; o seu nome é Har, que quer dizer sublime; o segundo chama-se Jafnhar, o egual ao sublime; mas aquelle que está mais elevado, chama-se Tredio, ou o numero Trez». . Os christãos conservaram egualmente dos seus mysterios primitivos uma gerarchia symbolica do mesmo genero: O papa, da palavra grega *pappas*, que quer dizer pae, creador; o bispo, de *episkopos*, vigilante; e o arcebispo de *arche-episkopos*, 1.º vigilante . . Demais vós deveis lembrar-vos, meu Irmão, de que as Instrucções maçonicas são muito explicitas, no que respeita ao papel emblematico dos trez primeiros Officiaes da Loja; dizem ellas com effeito, que, no momento em que o Aprendiz recebe a iniciação, descobre «trez sublimes luzes da Maçonaria: o sol, a lua e o Mestre da Loja».

Independentemente da gerarchia das funcções, tinham os antigos iniciados uma gerarchia de graus. Assim, os isiadas passavam por trez graus d'iniciação: os mysterios d'Isis, os de Serapis e os d'Osiris. Decorrido o tempo das provas, os iniciados de Eleusis passavam a mystas e depois a epoptas. Os pythagoricos tinham trez graus: ouvinte, discipulo, e physico. Os primeiros christãos trez graus tambem: ouvinte, competente, fiel. Os manicheus egualmente trez graus: ouvinte, eleito, mestre. Só os adoradores de Mithra é que tinham sete: soldado, leão, corvo, persa, bromio, helios e pae. A' similhança de todas as iniciações, a Maçonaria tem trez graus: os de Aprendiz, Companheiro e Mestre.

Nos antigos mysterios, exactamente como em nossos dias, o cerimonial mystico fazia-se em segredo; e ninguem era admittido a presencial-o, senão depois de soffrer longas e custosas provas e de se obrigar por um solemne juramento a não revelar aos profanos, nem as particularidades do que visse, nem a sua significação. Macrobio nos explica os motivos d'esta reserva: «A natureza, diz elle, receia, que a exponham nua á vista de todos. Não só gosta de se disfarçar, para escapar aos olhos grosseiros do vulgo; mas até exige dos sabios um culto emblematico.» Eis a razão porque os proprios iniciados não chegam á intelligencia dos mysterios, senão pelas tortuosas veredas da allegoria.

O parallelo, a que acabo de me entregar, meu Irmão, era indispensavel para facilmente poderdes comprehender e admittir o que ainda tenho a dizer-vos.

Posto que muitos considerem Salomão como fundador da

O signal de soccorro.—No grau de mestre, referem ao iniciado, que certo capitão, Mac-Kinsty, que, durante a guerra da America, caiu em poder dos iroquezes, ia ser esfolado na cabeça e varado por estes selvagens, quando teve a boa inspiração de fazer o signal de soccorro. A este signal, o chefe dos pelles-vermelhas ficou suspenso; o antropophago, filiado na Maçonaria, reconhecera um irmão. Assim escapou o capitão Mac-Kinsty á carnificina, em que todos os outros succumbiram.

Maçonaria, o personagem, que na lenda representa o principal papel, é Hiram, o architecto do Templo de Jerusalem. Da mesma sorte que Orisis, Mithra, Baccho, Balder, 'numa palavra, da mesma sorte que todos os deuses celebrados nos mysterios d'outro tempo e da actualidade, é elle uma das mil personificações do sol. O seu nome significa, na lingua hebraica, «vida elevada», o que designa bem a posição do sol relativamente á terra.

Hiram é representado como o chefe dos constructores do Templo de Salomão.

Esta allegoria maçonica encontra-se nas fabulas do paganismo e até na Biblia. Nas primeiras, vemos Phebo-Apollo, divindade que representa o sol, trabalhar como pedreiro (*a*) na construcção dos muros de Troia, e Cadmo, que egualmente é o sol, edificar a Thebas de sete portas que tinham os nomes dos sete planetas. O Edda dos Escandinavos falla d'um architecto, que propõe aos deuses edificar-lhes uma cidade, e lhes pede por salario o sol e a lua. Na Biblia, lemos no livro dos *Proverbios*, estas significativas palavras:

«A summa Sabedoria edificou a sua casa; cortou as suas sete columnas». [b] Por outra parte, singularidade para notar, em certas iniciações antigas, o candidato era salpicado de gesso.

Durante o cerimonial, que se executou nas vossas trez recepções, meu Irmão, nós temos figurado a revolução annual do sol, e vos este astro. O mesmo rito se usava nas primitivas iniciações.

O symbolo dos trez graus maçonicos abrange as principaes divisões do curso annual do sol. O primeiro refere-se ao tempo, que decorre entre o solsticio d'inverno e o equinocio da primavera; o segundo ao tempo comprehendido entre o equinocio da primavera e o equinocio do outomno; e o terceiro ao tempo, que vae d'ahi por diante, até ao solsticio do inverno.

Quando aspirante, fostes primeiramente collocado 'num logar tenebroso e cercado das imagens da destruição; d'elle saistes, com os olhos cobertos por espesso veu, e meio nu. Todas estas circumstancias alludiam ao sol d'inverno, sem luz, sem calor, e sem força, á natureza triste e despida das suas costumadas galas. Ereis então o Horo dos Egypcios, o Baccho dos Athenienses, o Cadmillo de Samothracia; 'numa palavra, o sol, quando mal começa

---

(*a*) No original — *maçon* — que significa pedreiro. Tomaram os maçães este nome da missão, de que se dizem incumbidos, dè edificar um templo, em honra do Grande Architecto do Universo, d'onde egualmente lhes vem o nome de pedreiro, que têm entre nós, (litteralmente traduzido do nome francez) ao qual, por proclamarem a emancipação de toda auctoridade não maçonica, se ajuncta o epitheto de livre.

(*b*) Alias — *A sabedoria edificou para si uma casa, cortou sete columnas.* Sapientia ædificavit sibi domum, excidit columnas septem. (Prov. IX, 1.) A Maçonaria, em interpretações biblicas, vae longe!

a renascer. Fostes introduzido no templo, onde fizestes trez viagens acompanhadas de ruido, e reiterados abalos, que sacudiam o chão que ieis pisando; fostes purificado pela agua e pelo fogo; por ultimo abriram-se-vos os olhos á luz. Não reconheceis aqui as vicissitudes dos trez meses do anno, que o sol percorre no principio da sua revolução, os furacões, os aguaceiros, e emfim a primavera, que restitue a paz, a vida e a claridade á natureza?...

O Irmão Terrivel, que vos acompanhava e submettia ás provas, não sera Typhão, o perverso irmão d'Osiris, o mau principio, que lucta constantemente contra a luz e seu calor vivificante? A recepção no grau de Companheiro exhibe uma continuação da mesma allegoria. Ahi já vós não ereis o Aprendiz que desbasta a pedra bruta, ou o sol, que esparge germens de fecundidade 'numa terra nua e sem graça; ereis o habil artifice, que reveste a materia de formas elegantes e symetricas. Fizestes cinco viagens, depois uma sexta, e então vos communicaram uma palavra, que significa «espiga», para vos lembrar a fecundante acção do sol, durante os seis meses, que decorrem entre os dois equinocios.

No grau de Mestre, em que agora fostes recebido, a scena toma uma côr sombria, e realmente na epocha, a que chegamos, o sol começa a baixar de novo para o hemispherio inferior. A lenda, que vos contaram, refere que, estando o Templo quasi concluido, trez malvados companheiros conspiraram contra os dias d'Hiram: não parecerá isto representar os trez mezes do outomno, envolvendo-se em brumas, quando o sol attinge o fim do seu curso annual? Para consummarem o attentado, postam-se elles ás trez portas do Templo, situadas ao Meio-dia, ao Occidente e ao Oriente, os trez pontos do ceu, em que apparece o sol; e no momento em que Hiram chega, para sair, á porta do Meio-dia, um dos trez Companheiros pede-lhe a palavra sagrada, que elle por então lhe não pode dar. A palavra, já vol-o disse, meu Irmão, é a vida. Com effeito a presença do sol na sua força provoca as acclamações, os cantos de tudo, que respira, a sua ausencia emmudece tudo. Tendo Hiram recusado dar a palavra, é immediatamente ferido na garganta com uma pancada d'uma regua de vinte e quatro pollegadas; é este o numero das horas da revolução diurna do sol; não é por ventura a passagem d'esta divisão do tempo (do dia em vinte e quatro horas) que dá o primeiro golpe na existencia do sol?... Hiram pensa, que poderá fugir pela porta do Occidente; mas lá encontra o segundo companheiro, que, negando-se elle a dar-lhe a palavra, lhe descarrega uma pancada no coração, com um esquadro de ferro: se dividirdes em quatro partes eguaes o circulo do zodiaco, e de dois pontos mais proximos de secção tirardes duas rectas, convergentes para o centro, tereis um esquadro, isto é, um

angulo de 90 graus; esta segunda pancada no coração, symbolo do centro, não allude porventura ao damno, que ao sol causa a segunda distribuição do tempo, do anno zodiacal em quatro estações eguaes?. . . Finalmente Hiram dirige-se para a porta do Oriente, esperando poder fugir por ella; ahi encontra o terceiro Companheiro, que, depois de lhe ter tambem pedido baldadamente a palavra, lhe desfere na fronte um golpe mortal com um maço: não symbolisa a forma cylindrica do maço admiravelmente o anno, palavra que quer dizer circulo, annel, terceira distribuição do tempo, cuja passagem dá o ultimo golpe na existencia do sol moribundo?...

As circumstancias, que se seguem, desviam-se d'este thema principal, posto que continuem a referir-se á morte ficticia do sol.

O cadaver d'Hiram foi primeiro escondido sob uns destroços, imagem dos gelos e da destruição desordenada, que traz o inverno; depois foi sepultado no monte Libano. . . E' para notar, meu Irmão, que esta montanha representa tambem um papel importante na lenda de Adonis, nome pagão identico ao hebreu Adonai. Adonis era adorado em Tyro, paiz d'onde vem Hiram. E' no monte Libano que, segundo o paganismo, Adonis foi morto por um javali, emblema do inverno; foi lá que Venus o achou banhado em pranto.

Verificado o desapparecimento d'Hiram, Salomão, cuja cumplicidade no crime vos vou immediatamente explicar, revelando-vos toda a lenda do nosso Respeitavel Mestre, Salomão, repito, manda-o procurar. As buscas feitas por trez Mestres não sortem effeito. Para chegar a um resultado é preciso enviar nove Mestres, figura dos nove meses bons do anno. Chegados ao monte Libano, descobrem um sepulchro á sombra d'um ramo d'acacia; alli jaz o corpo inanimado d'Hiram ... Ora que vem a ser a acacia meu Irmão?... E' a arvore que os antigos Arabes [1] tinham consagrado ao sol!

E' o ramo de myrto da iniciação grega! o ramo d'ouro de Virgilio! o agarico sagrado dos Gaulezes e Escandinavos! o espinheiro alvar dos mysterios dos primeiros Christãos!

Tal é, pelo lado astronomico, meu Irmão, esta allegoria do grau de Mestre, cujos traços fundamentaes se encontram nas fabulas d'Osiris, de Adonis, de Baccho, de Balder, e de todos os outros deuses celebrados nos mysterios da antiguidade. Em todas apparece um personagem, que é assassinado, cujo cadaver é collocado 'num logar situado fóra da cidade; em todas, buscas, visitas ao tumulo feitas por amigos ou discipulos; em todas um Deus que

---

(1) Aqui, apesar de toda a sua sciencia, a Maçonaria, á força de querer metter o sol em toda a parte, dá prova d'uma ignorancia soberba. «A acacia é uma arvore que nós importámos da America, e não era conhecida nos antigos continentes, antes da descoberta do novo mundo.» *(Tratado sobre a arvore denominada Acacia*, Bordeus, 1762).

resuscita ao cabo d'algum tempo de sepultura; em todas, 'numa palavra, é um e o mesmo o pensamento.

Quanto ás insignias, com que o nosso Muito Respeitavel acaba de vos decorar, meu Irmão, entram tambem na allegoria solar, como todas as circumstancias da vossa recepção. O avental, pela sua forma semi-circular, representa o hemispherio inferior. A banda, que trazeis do hombro esquerdo ao quadril direito, é a faxa zodiacal; a sua côr é azul, como o anil dos ceus, porque da mesma sorte que os antigos iniciados, os maçôes modernos attribuem imaginariamente esta côr aos signos inferiores do zodiaco. A joia, que trazeis suspensa ao fundo da banda, compõe-se d'um compasso e d'um esquadro. O compasso é o emblema do sol; a cabeça representa o disco d'este astro, os ramos figuram os raios; o esquadro allude a esta parte da circumferencia da terra, que o sol esclarece do seu zenith.

Em todas as cerimonias, que se fazem na Loja, haveis de reconhecer constantemente o mesmo pensamento. Assim pozemos a nossa sociedade debaixo da protecção de S. João, porque S. João representa Jano, o sol dos solsticios.

Effectivamente é no solsticio do verão, que cae a festa de S. João cognominado Baptista e no do inverno a de S. João cognominado Apostolo, e é tambem 'nestas duas epochas do anno, 'nestes solsticios, que nos celebramos a festa do nosso padroeiro com um cerimonial inteiramente astronomico.

Eis que chego, meu Irmão, á parte mais delicada do meu discurso, ás linhas d'esta peça d'architectura mais difficeis de traçar.

Talvez 'neste momento vos considereis sufficientemente penetrado do drama allegorico, em que tomastes parte, e comtudo, apezar da allocução do nosso Muito Respeitavel, apezar da explicação astronomica, de que acabo de vos expor um ou outro ponto, não sabeis ainda nada ou quasi nada; porque a lenda, tal como é, até agora nunca vos foi declarada completamente. Esta lenda inteira é que vos cumpre meditar, meu Irmão.

(O orador para e toma alguns momentos de repouso.)

A reputação de sabedoria de Salomão e a noticia dos seus magnificos trabalhos tinham-se espalhado por toda a terra; a fama, com sua poderosa voz, as fizera repercutir em todos os echos, até ás extremidades do mundo. Foi então que Balkis, rainha de Saba, veio a Jerusalem, como refere a Biblia, para saudar o grande monarcha e admirar as maravilhas do seu reinado.

Chega: encontra Salomão todo vestido d'oiro, sentado 'num throno de cedro dourado, e com os pés 'numa alfombra d'oiro. A principio cuida estar vendo uma estatua do metal mais precioso, com o rosto e mãos de marfim. Mas a estatua, animando-se, sae-

lhe ao encontro. O rei manda-a sentar a seu lado, 'nesse throno, que deslumbraria qualquer outro, que não fosse a Rainha do Meio-dia.

Balkis, tendo offerecido a Salomão sumptuosos presentes, propõe-lhe, ao uso oriental, trez enigmas. O sabio — é este o nome pelo qual Salomão exige, que o tratem — tendo subornado o summo sacerdote dos Sabeus e recebido assim previamente d'elle os trez enigmas, a preço d'oiro, mandou preparar a solução por Sadoc, summo sacerdote dos Hebreus, de modo que pode responder á Rainha logo que ella fallou.

Salomão leva-a pelos seus paços, cujas magnificencias lhe faz admirar. Condul-a depois ao templo, que se occupa em erigir ao Deus d'Israel. Tendo chegado aos alicerces do altar, a Rainha attenta 'num pé de videira arrancado e lançado á margem. Uma ave maravilhosa, que a acompanha por toda a parte, uma poupa chamada Hud-Hud, faz-lhe comprehender por seus gritos lastimosos, que signal é esse, que vê desprezado, que deposito sagrado essa terra encobre, essa terra violada pelo orgulho de Salomão. «Tu levantaste a tua gloria sobre o tumulo de teus paes, diz Balkis ao rei; e esta cepa, este lenho sagrado... — Mandei-o arrancar, atalha Salomão, para elevar aqui um altar de porphyro e oliveira, que mandarei ornar com quatro seraphins d'oiro. — Esta vide, prosegue Balkis, tinha sido plantada por Noe, pae da tua raça. Um descendente de Noe não podia, sem impiedade, mandar arrancar esta cepa veneravel. Por isso é que o ultimo principe dos teus será cravado, como um criminoso, 'neste madeiro, que tu devias ter como sagrado!»

Não obstante isto, o fogo dos olhos da Rainha do Meio-dia abrazou o coração de Salomão, que é diante d'ella como um servo, como um escravo diante do senhor, de quem depende a sua vida. A principio Balkis sentira-se revoltada pelo orgulho de Salomão; mas dentro em pouco commoveu-se, por ver que elle se convertera pelo amor em outro homem, e ufana de ter mudado esse coração soberbo e altivo fez ao Rei, que a implorava, promessa de ser sua esposa.

Mas, quer ella visite o palacio real, ou o Templo, que se eleva em honra do Deus dos Hebreus, quer Salomão lhe mostre qualquer das outras maravilhas, que tanto sublimaram a sua gloria, cada vez que pergunta o nome do artista, que concebeu e executou esses admiraveis portentos, elle responde:

«E' um certo Hiram, homem excentrico e misanthropo que me mandou o rei dos Tyrios.»

Balkis quer que lhe apresentem Hiram. Salomão procura distrahil-a d'este pensamento. Mas quando lhe mostra columnas,

vultos d'animaes e estatuas de cherubins, quando lhe mostra o throno de marfim e oiro, que mandou levantar para si em face do altar, quando lhe falla do mar de bronze, que vae mandar fazer, a Rainha de Saba pergunta: «Quem elevou estas columnas? quem cinzelou estas estatuas? quem erigiu este throno? quem vae moldar esse mar de bronze?» Salomão não tem remedio senão responder sempre: «E' Hiram». Por isso Balkis está impaciente de o ver, e Salomão, para a não offender, cede a seus desejos, e ordena que lhe tragam Hiram.

Ninguem sabe a patria, nem a origem d'esse sombrio personagem, que se eleva pelo seu genio acima de todos os homens, e tem para com a multidão vulgar um desprezo profundo. Mas aquelle, que assim vive como estranho no meio dos filhos de Adão, não é com effeito descendente do primeiro homem. Se a que elles tiveram por primeira mãe é tambem sua mãe, Adão apenas foi amo [a] de Caim.

Escutae bem, meu Irmão, a genealogia d'Hiram, o verdadeiro fundador da Maçonaria, e comprehendereis, que os filhos d'Hiram formam no meio da sociedade humana uma raça escolhida.

Remontemo-nos aos primeiros dias do mundo, á epocha, em que Adão e Eva estavam ainda no Eden. Eblis, [1] o Anjo de Luz, não pôde ver a belleza da primeira mulher, sem a appetecer. Poderia Eva resistir ao amor d'um anjo?... Caim nasceu.

A sua alma, scentelha do Anjo de Luz, Espirito do Fogo, elevava-o infinitamente acima de Abel, o filho de Adão... Apesar d'isso, elle foi bom para Adão, cuja velhice debil e impotente sustentou, bom para Abel, cujos primeiros passos amparou. Mas Jehovah Adonai, invejoso do genio communicado por Eblis a Caim, expulsou do Eden Adão e Eva, para os punir a ambos pela fraqueza d'esta, e aos seus descendentes depois d'elles.

Adão e Eva detestavam Caim, causa involuntaria d'esta iniqua sentença, e a propria mãe concentrava toda a sua affeição em Abel; quanto a este, com o coração inchado por essa injusta preferencia, tornava a Caim desprezo por amor. Uma prova mais cruel havia de despedaçar em breve o coração do nobre filho d'Eblis. Um profundo e reciproco amor unia Aclinia, primeira filha d'Adão e Eva, a Caim, e a despeito de seus votos e das supplicas d'um e outro, ella foi dada por esposa a Abel, por vontade

(1) E' digno de reparo, que 'neste ponto a Maçonaria já não conserva mais, que um veu bem facil de levantar. Eblis, corrupção de *diabolos*, diabo, é um dos nomes de Lucifer; é exactamente o nome, pelo qual os mahometanos designam o anjo das trevas.

(*a*) No original — *nourricier* — marido da ama. O mesmo significava a palavra — amo — hoje desusada 'neste sentido.

de Jehovah Adonai; este Deus invejoso amassara o lodo, para d'elle fazer Adão, e lhe dera uma alma servil; por isso se temia da alma livre de Caim!...

Exasperado pela injustiça de Jehovah, e pela de Adão, Eva e Abel, Caim feriu o mau irmão. Adonai, esse Deus que havia de afogar tantos milhares d'homens nas aguas do diluvio, fez da morte de Abel um crime indigno de perdão.

Todavia Caim, para remir a sua falta, esta falta desculpavel, commettida 'num movimento de legitima colera, punha ao serviço dos filhos do lodo essa alma superior, que tinha do Anjo da Luz, Eblis. Ensinava-os a cultivar a terra. Seu filho Henoch iniciava-os na vida social. Mathusael revelava-lhes a arte d'escrever. Lamech dava-lhes o exemplo da polygamia. Tubalcaim, seu filho, descobria a arte de forjar os metaes, aperfeiçoava as suas descobertas, e as propagava, para bem dos homens. Nohema, com quem seu irmão Tubalcaim se casou á face da Natureza, ensinava-lhes o modo de fiar e fazer panno, para se vestirem...

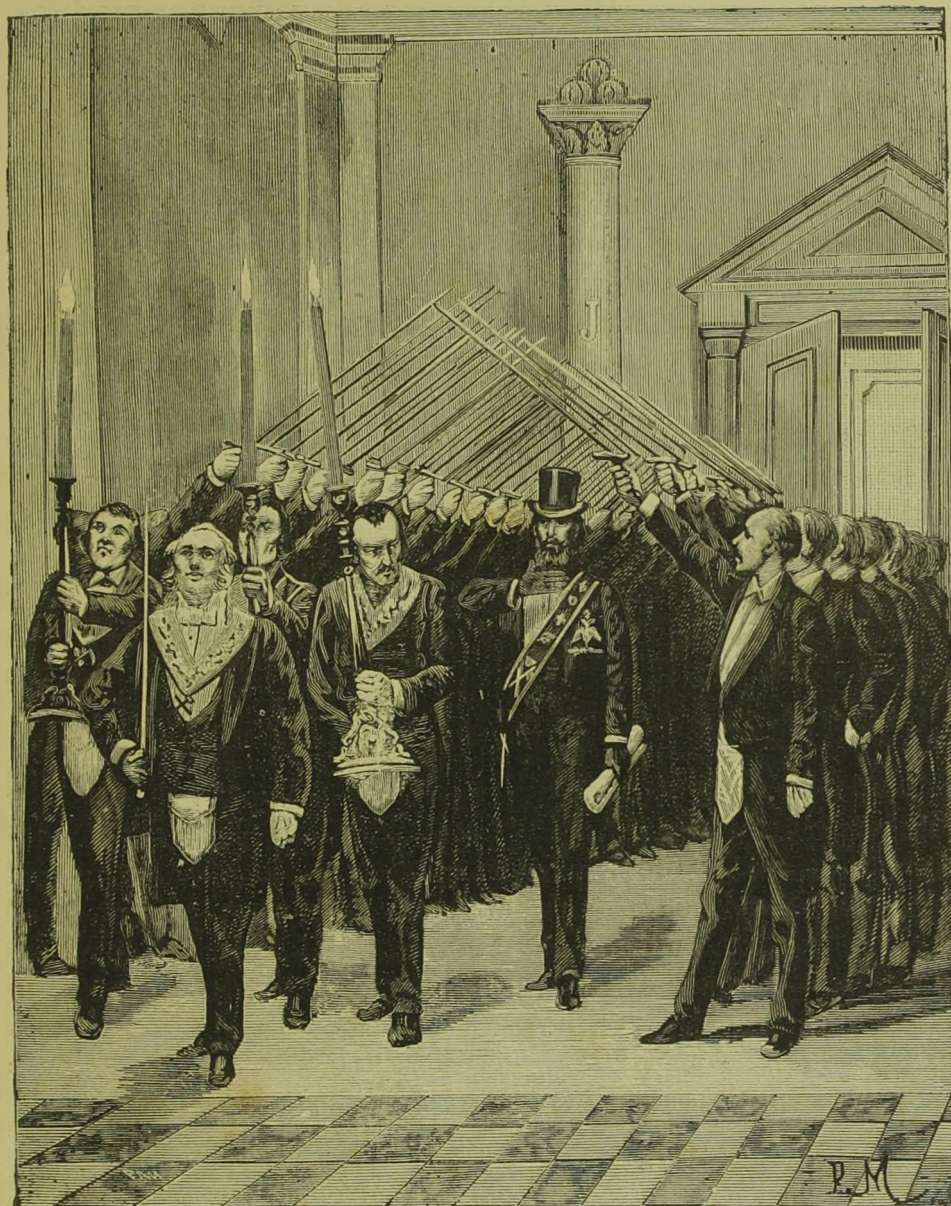
Admirae, meu Irmão, quanto é frouxo nas almas superiores o resentimento contra a injustiça. E' Hiram, o descendente de Caim, de Mathusael, de Lamech, de Tubalcaim e de Nohema, que empenha todo o seu genio, toda a sua industria e toda a sua actividade no plano e na construcção do Templo, que o orgulho de Salomão eleva a esse Adonai, a esse Deus implacavel, cujo odio persegue, desde a origem dos seculos, a raça de Caim de geração em geração.

Mas o filho do Espirito do Fogo, [1] dos Genios do Trabalho, vive triste e solitario no meio dos filhos de Adão, e a nenhum d'elles manifestou o segredo da sua sublime origem.

Todos o temem, e Salomão mais que ninguem. O receio, que elle inspira, soffoca a affeição em todos os corações, antes d'ella nascer, e Salomão, a quem um secreto instincto adverte da mysteriosa grandeza d'Hiram, e que se sente humilhado diante d'elle, detesta-o, com toda a força do seu orgulho.

Coberto d'opprobrio seja o despota, pretendido Sabio, filho do impudico David! Os destinos hão de cumprir-se... Quando Hiram, o artifice de tantas maravilhas, apparece diante da rainha de Saba, e sobre ella projecta, com egual modestia e desassombro, o seu olhar de fogo, Balkis sente a perturbação invadir todo o seu ser. Tendo recuperado algum animo, interroga Hiram ácerca dos seus trabalhos e defende este modelo d'obreiros, exemplar de todas as

(1) Em alguns rituaes, o architecto do Templo de Salomão é designado d'este modo: «O Tyrio Hiram, filho de Ur». *Ur* quer dizer fogo. Esta designação é reproduzida particularmente pelo irmão Clavel.

A ABOBADA DE AÇO

Honras maçonicas prestadas a um cavalleiro Kadosch (30.° grau) recebido por uma officina symbolica, como fiador d'amisade e deputado d'uma irmã, loja filiada.

perfeições, contra as criticas, que a Salomão inspira uma ignobil inveja.

Pedindo ella para ver reunido na sua presença esse innumeravel exercito de pedreiros, de carpinteiros, de marceneiros, de mineiros, de fundidores, de ferreiros, de abridores, de canteiros, d'esculptores, dirigido por Hiram, Salomão diz lhe, que esses operarios, vindos de todos os paizes e que fallam todas as linguas,

estão dispersos por toda a parte, e é impossivel reunil-os. Mas Hiram sobe a uma rocha de granito, para ser visto de todos os pontos; depois, erguendo a mão direita, traça no ar um T mysterioso, inicial de Tyro, onde é adorado o Espirito do Fogo, inicial de Tubalcaim, o grande patriarcha do Trabalho. Immediatamente correm de todos os rumos esses obreiros diversos em nação, em lingua, em origem. São mais de tresentos mil, e ordenam-se per si mesmos como um exercito formado em batalha: a ala direita é composta dos carpinteiros e de todos os que affeiçoam a madeira; na esquerda estão os mineiros, os fundidores, e todos os obreiros, que exercem a sua arte nos metaes; no centro os pedreiros e todos os que trabalham a pedra... Hiram estende o braço, e esse exercito fica immovel.

A' vista d'isto, a Rainha comprehende, que Hiram é mais que homem, e Salomão, que todo o seu poder não passa de fraqueza, perante o poder d'Hiram. Balkis lastima o temerario compromisso, que a liga a Salomão, e este surprehende os olhos da Rainha fixos no obreiro.

Mas este poder d'Hiram, tam grande, que nenhuma empreza parecia ultrapassar o seu alcance, soffre um revez tanto mais cruel, que a Rainha, vinda para assistir ao seu triumpho, é testimunha da sua humilhação.

Um Companheiro pedreiro, chamado Jubelas, um Companheiro carpinteiro, chamado Jubelos, e um Companheiro mineiro [a], chamado Jubelum [1], reclamaram o titulo e salario dos Mestres, e Hiram recusou-lhes esse augmento de salario, a que não tinham direito... Para se vingarem, o Companheiro pedreiro misturou pedra calcarea com o tijolo nos preparativos da fundição do Mar de bronze. [2] [b]

(1) No ritual da Maçonaria Adonhiramita, rito que se fundiu com as lojas francezas, os nomes de Jubelas, Jubelos e Jubelum são substituidos pelos de Phanor, Amru e Mathusael.

(2) O historiador judeu Flavio José faz a seguinte descripção d'este Mar de Bronze attribuido a Hiram:

«Este admiravel obreiro fez tambem uma bacia de cobre em forma de semi-circulo, á qual se deu o nome de Mar, por causa da sua prodigiosa grandeza; pois que o espaço d'um a outro bordo era de dez covados, e os bordos tinham um palmo d'espessura. Este grande vaso era supportado por uma base feita a modo de columna contorcida de dez roscas, com o diametro d'um covado. A' volta d'esta columna havia doze novilhos oppostos trez a trez aos quatro principaes ventos, para os quaes olhavam, de sorte que a taça da bacia lhes assentava no dorso. As beiras d'este vaso eram incurvadas para dentro, e elle continha dois mil bathes, que é uma medida, que serve para medir os liquidos. Fez além d'isto outros dez vasos, sustentados por dez bases de cobre quadrangulares, e cada uma d'estas bases tinha cinco covados de comprido, quatro de largo, e seis d'alto. Todas se compunham de diversas peças fundidas e fabricadas separadamente. Estavam unidas por este modo; quatro columnas quadrangulares, dispostas em quadrado, na distancia, que já disse, recebiam em duas das suas faces, escavadas para este fim, os lados, que n'ellas encaixavam. Ora, ainda que havia quatro lados em cada uma d'estas bases, só trez eram visiveis, porque o quarto encostava á parede. Em um estava a figura d'um leão, em baixo relevo, em outro a d'um touro, no terceiro a d'uma aguia. O lavor das columnas era egual. Toda esta obra as-

o Companheiro carpinteiro prolongou as brochas das traves, para as expôr ás chammas; o Companheiro mineiro tomou do empeçonhado lago de Gomorrha lavas sulfureas, que traiçoeiramente misturou com a fundição... Um operario de poucos annos, chamado Benoni, que tem para com Hiram o devotado amor d'um filho para com seu pae, surprehendeu este infame conluio, e vae revelal-o a Salomão, para que elle mande suspender a fundição do Mar de bronze. Salomão porem, satisfeitissimo de ver Hiram humilhado diante da Rainha, quer que se não interrompa coisa alguma.

A hora solemne bateu. Os diques, que retinham o metal fundido, são removidos, e elle precipita-se em torrentes na bacia immensa, que tem de servir de molde ao Mar de bronze. Mas o molde, onerado de mais, abre fendas, e o liquido de fogo derrama-se por todos os lados... Hiram pensa, que a acção do fogo vitrifica a areia, e, para a suspender, projecta uma torrente d'agua sobre a base dos contra-fortes do molde... A agua e o fogo misturam-se para se combaterem; a agua extraordinariamente aquecida fica reduzida a um vapor, que, escapando-se á pressão do fogo, faz repuxar nos ares o metal fundido, e esta chuva cae sobre a multidão innumeravel, que concorrera, para ver o espectaculo, e diffunde por toda a parte o pavor e a morte.

O grande artifice deshonrado procura á volta de si e já não vê o seu fiel Benoni. Na vehemencia da dor, crimina-o, sem saber

sim conjunctada repousava em quatro rodas do mesmo metal, que tinham covado e meio de diametro, desde o centro do cubo até á extremidade dos raios. As cambas d'estas rodas adaptavam-se admiravelmente bem aos lados da base, e os raios eram embebidos 'nelles, com a mesma justeza.

«Os quatro angulos d'esta base, que deviam sustentar um vaso oval, eram occupados na parte superior por quatro braços em relevo inteiro, que d'elles saiam, com as mãos estendidas, sobre cada uma das quaes descançava um cachorro, em que havia d'encaixar o vaso, que elle assentava inteiramente 'nestas mãos, e as faces, ou lados, em que estavam estes baixos relevos de leão e de aguia, tam perfeitamente se ajustavam a estas peças, que rematavam os angulos, que toda esta obra parecia ser d'uma só peça. O modo, como estavam construidas estas dez bases, era o seguinte:

Montou elle em cima dez bacias, ou lavatorios circulares, e de fundição, como o resto. Levava cada um quarenta congios; pois tinham quatro covados d'altura, e o seu maior diametro era tambem de quatro covados. Estes dez lavatorios foram postos sobre estas dez bases, ás quaes dão o nome de Mechonoth. Cinco foram collocados ao lado esquerdo do Templo, que olhava para o Septentrião, e cinco ao direito, que olhava para o Meio-dia.

«'Neste mesmo logar se installou essa grande bacia denominada Mar de bronze, destinada para servir de lavar as mãos e pés dos sacrificadores, quando entravam no Templo a offerecer sacrificio, e as tinas eram para lavar as entranhas e pés dos animaes, que se offereciam em holocausto.»

(*Antiguidades Judaicas*, livro VIII, cap. II.)

(*a*) Em portuguez deveria dizer-se official de pedreiro, de carpinteiro, etc.; mas, como a Maçonaria Portugueza não substituiu a denominação franceza pela vernacula, e os artistas, de que se está fallando, são considerados como maçőes, e o seu nome de companheiros tem intima connexão com o que fica dicto e o que ha para dizer, forçoso foi transplantar o gallicismo.

(*b*) No original dá-se ao Mar de Bronze o nome de *mer d'airain*. Ora o *airain*, o *æs* dos latinos, era uma liga, em que, segundo parece, predominava o cobre, e que muitos suppõe ser o bronze.

que a pobre creança pereceu victima da sua dedicação, tentando prevenir ainda esta grande catastrophe depois que Salomão recusara estender o sceptro para suspender tudo...

Hiram não se retirou do theatro do seu desastre e da sua vergonha. Esmagado pela dor, não attenta em que esse mar de bronze fundido, que fora levantado em peso pelo vapor, e é revolvido ainda até ás suas profundezas, pode tragal-o a cada instante. Não pensa senão na Rainha de Saba, que está alli, e preparandose para saudar um grande triumpho, apenas viu um grande desastre...

D'improviso ouve uma voz estranha e formidavel, que sae do fundo do abysmo do fogo e o chama por trez vezes: «Hiram! Hiram! Hiram!» Ergue os olhos, e vê no meio do fogo um vulto humano, mas muito maior que os homens que vivem na terra... O ente sobre-humano adianta-se para elle, dizendo: «Vem, meu filho, vem sem receio; eu soprei sobre ti, e tu podes respirar nas chammas...» Envolto em fogo, Hiram encontra no elemento, em que um filho de Adão aspiraria a morte, delicias desconhecidas. Um mysterioso encanto o arrebata, e sem resistir mais pergunta áquelle que o chamara e assim o conduz: «Aonde me levas tu?— Ao centro da terra, á alma do mundo, ao dominio d'Eblis e de Caim, onde reina com elles a liberdade. Aqui expira a invejosa tyrannia d'Adonai. Aqui podemos, zombando do seu furor, saborear os fructos da Arvore da Sciencia. Aqui é o dominio de teus paes, — Quem sou eu então? e quem és tu? — Sou o pae de teus paes, sou o filho de Lamech e neto de Caim, sou Tubalcaim.»

Tubalcaim introduz Hiram no sanctuario do Fogo, e lá explica-lhe a fraqueza d'Adonai e as vis paixões d'esse Deus inimigo da sua creatura e que a condemnou a morrer para se vingar dos beneficios de que os Genios do Fogo a cumularam... Hiram caminha, e vê-se na presença do auctor da sua raça, de Caim... O Anjo da Luz, que engendrou Caim, deixou cair um reflexo da sua inefavel belleza sobre a face d'este filho, cuja grandeza irrita a inveja de Adonai. Caim refere a este ultimo descendente da sua raça as suas faltas, as suas virtudes maiores que as suas faltas, e as suas desventuras, que, pela perseguição de Adonai, egualaram as suas virtudes.

Hiram vê todos os da raça de Caim, que morreram antes do diluvio. Quanto aos que morreram depois d'este acto d'implacavel vingança, todos lá estão presentes, e todavia Hiram não os póde ver; porque a terra guarda os seus corpos; mas as almas entraram 'neste dominio de Caim e Eblis, que é a alma do mundo.

E Hiram escuta a voz d'aquelle que nasceu dos amores de Tubalcaim e de sua irmã Nohema, e teve, elle proprio, relações

com a mulher de Cham, da qual houve Chanaan, pae de Nemrod: «Um filho nascerá de ti, que tu não verás e que te dará uma posteridade innumeravel. A tua raça, bem superior á de Adão, será por esta calcada aos pés. Por longos seculos empregará toda a sua coragem e todo o seu genio em cumular de beneficios a raça ingrata e estupida de Adão. Por fim os melhores tornar-se-hão os mais fortes. Estabelecerão por toda a terra o culto do Fogo. Teus filhos, reunindo-se á voz do teu nome, destruirão o poder dos Reis e de todos os ministros da tyrannia de Adonai. Vae, meu filho, o Anjo da Luz e os Genios do Fogo estão comtigo!»

Hiram é transportado do sanctuario do Fogo á superficie da terra, aonde Tubalcaim volta com elle por um momento... Antes de separar-se do seu neto acaba de o reanimar, dá-lhe o martello de que elle proprio se serviu nos trabalhos que o tornaram tam famoso, e diz-lhe: «Com este martello que abriu a cratera dos volcões, e com o auxilio dos Genios do Fogo, vaes realisar a obra que concebeste e fazer admirar o Mar de bronze ás testimunhas do teu desastre.» (1)

Depois de Tubalcaim desapparecer, Hiram serve-se do precioso martello para reparar a sua obra...

Alguns momentos foram bastantes, e os primeiros clarões do dia vem alumiar esta nova maravilha executada pelo genio de Hiram... Todo o povo d'Israel celebra a sua gloria, e a Rainha de Saba, cujo nascente amor foi irritado pelas contradicções de Salomão, tem o coração inundado de alegria.

Passeando ella, acompanhada de suas creadas, fora dos muros de Jerusalem, um secreto instincto para alli conduz Hiram, que se esquiva ao seu triumpho e pensa dirigir-se para a solidão. Declaram um ao outro o seu amor. Hud-Hud, a ave que, juncto da Rainha de Saba, é mensageira dos Genios do Fogo, e que em todas as occasiões manifestou grande aversão a Salomão, Hud-Hud, vendo Hiram traçar no espaço o T mysterioso, vem-lhe voltear á roda da cabeça e pousa com complacencia na sua mão. A este signal, Sarahil, ama da Rainha, exclama: «Está cumprido o oraculo! Hud-Hud reconheceu o esposo, que os Genios do Fogo destinam a Balkis, o unico cujo amor ella pode admittir sem crime».

---

(1) No primeiro grau, como vimos, as lojas dependentes do Grande Oriente da França têm, alem da palavra sagrada, uma palavra de passe, que é Tubalcaim (veja-se a nota 2.ª da pagina 76). Mas o veneravel, quando revela esta palavra ao candidato, não lh'a explica: contenta-se com lhe dizer: «A nossa palavra de passe é Tubalcaim; é este o nome d'um dos filhos de Lamech; *d'aqui a pouco, sabereis a sua verdadeira significação*».

Pois bem; cá estamos no 3.º grau, e o leitor vê o papel, que representa Tubalcaim na lenda d'Hiram, cuja manifestação é reservada para os mestres. Comprehende bem agora o que significa este personagem, cujo nome serve de palavra de passe á Maçonaria?... No catechismo, ajuntar-se-ha, que Tubalcaim representa «o senhorio do mundo».

Não hesitam mais, tomam-se mutuamente por esposos e procuram os meios de se livrarem da palavra que Balkis deu ao Rei dos Hebreus. Hiram será o primeiro a retirar-se de Jerusalem. Algum tempo depois a Rainha, impaciente de se reunir a elle na Arabia, illudirá a vigilancia de Salomão...

Mas os trez maus companheiros, cuja traição foi frustrada pela intervenção dos Genios do Fogo, e que sem cessar espiam Hiram para se vingarem d'elle, surprehendem o segredo dos seus amores.

Apresentam-se diante de Salomão... Jubelas diz-lhe: «Hiram deixou de vir ás estancias da madeira, ás officinas e ás forjas». Jubelos diz: «Pelas trez horas da noite passou diante de mim um homem, que se dirigia para a tenda da Rainha de Saba, no qual reconheci Hiram». Jubelum diz: «Mandae retirar os meus companheiros e essas pessoas que vos cercam; só o Rei deve ouvir o que eu tenho para lhe dizer...» Tendo ficado só com Salomão, prosegue: «Eu aproveitei-me da escuridão da noite para me metter no meio dos eunuchos da Rainha; vi Hiram ir ter secretamente com ella, e, quando me retirei um pouco antes da aurora, ainda elle estava só com ella».

Salomão confere com o summo sacerdote Sadoc o que acaba de saber, e ambos procuram traça de tomar vingança d'Hiram... Mas este pediu audiencia a Salomão para d'elle obter licença de se retirar... Salomão pergunta-lhe para que paiz quer ir quando sair de Jerusalem. «Quero voltar para Tyro, responde Hiram, para o Rei que me enviou a vós.» Salomão declara-lhe que é livre... Entretanto Hiram tem de distribuir ainda antes da sua partida os jornaes aos operarios. Salomão pergunta-lhe quem são os trez Companheiros chamados Jubelas, Jubelos e Jubelum. «São, diz Hiram, operarios sem talento que queriam receber o titulo e salario dos mestres; mas eu repelli a sua injusta reclamação.»

Salomão despede-o, protestando-lhe eterna affeição; e manda vir de novo á sua presença os trez Companheiros... Dá-lhes parte da retirada d'Hiram, e accrescenta: «Têm morrido muitos Mestres, que é preciso substituir. Esta tarde, depois da paga, ide ter com Hiram, e pedi-lhe, que vos inicie no grau de Mestre. Se vol-o conceder, se vos der a sua confiança, tereis tambem a minha. Se vos negar a iniciação, amanhã comparecereis com elle diante de mim; eu ouvil-o-hei justificar a sua recusa, e ouvir-vos-hei a vós defender-vos contra elle; e julgarei entre elle e vós, a não ser que Deus o abandone e mostre por algum signal extraordinario, que Hiram não achou graça na sua presença».

Hiram e Balkis vão separar-se, para se reunirem brevemente. A Rainha de Saba diz ao esposo do seu coração: «Sede mil vezes

feliz, meu senhor e meu amo muito querido; a vossa serva está impaciente de se reunir para sempre a vós, e na Arabia encontrareis com ella um fructo do vosso amor, que ella traz em seu seio». Elle arranca-se aos braços d'aquella, que estas palavras lhe acabam de tornar ainda mais cara.

Salomão, advertido pela denuncia de Jubelas, Jubelos e Jubelum, quer apressar o seu casamento com a Rainha de Saba. Á noite, depois d'uma ceia, aperta com ella, para que ceda ao seu amor. Era este o momento, que Balkis esperava. Provoca-o a beber, e Salomão accede, esperando achar no vinho a audacia de a violar. Está plenamente confiado e esperançoso, vendo que ella mesma despejou o seu copo cheio ate á beira d'um vinho, que se converte, depois de bebido, 'numa chamma ardente, que abrasa todos os sentidos. Mas ella, que estava muito sobre si, sómente fingiu beber para o illudir... Dentro em pouco Salomão jaz immerso no somno da embriaguez, e a Rainha aproveita o ensejo para tirar do dedo do monarcha o annel que lhe tinha dado em arras da sua fé. Esperava-a um cavallo da Arabia prompto a partir, que a leva longe de Jerusalem, ao paiz de Saba, onde ella deve encontrar Hiram...

Oh! desdita!... Hiram encontrou Jubelas á porta do Meio-dia, Jubelos á do Occidente e Jubelum á do Oriente... Os trez Companheiros pediram-lhe a Palavra sagrada dos Mestres, e como elle recusou dar-lh'a caiu aos traiçoeiros golpes d'estes infames assassinos... Para esconder os indicios do seu crime, os trez scelerados enterraram o cadaver primeiro entre um entulho, depois 'numa collina solitaria do Libano, e Jubelum plantou um ramo d'acacia na terra de ha pouco revolvida. Dissipadas as fumaças da embriaguez, vendo-se Salomão só, abandonado por Balkis, deixou-se a principio arrebatar pela colera e ameaçou a Sadoc e ao seu Deus Adonai. Mas o propheta Ahias de Silo reprime a breve trecho este furor, lembrando-lhe que o assassino de Caim foi castigado sete vezes, e o de Lamech setenta vezes sete, e accrescenta que aquelle que derramou o sangue de Caim e de Lamech será castigado setecentas vezes sete... Salomão para desviar de si esta sentença, manda procurar o corpo d'Hiram, o qual, encontrado por nove Mestres onde os trez Companheiros o tinham enterrado, é por ordem de Salomão sepultado sob o Altar do Templo...

Mas, no seu throno de marfim e ouro massiço, o grande Rei é constantemente assaltado pelo terror. Conjura todas as forças da natureza a se amercearem d'elle... Esqueceu-se porém de conjurar o menor de todos os insectos, o oução... O oução, executando pacientemente a vingança devida ao Genio do Fogo, roe sem jamais parar por duzentos e vinte e quatro annos, o throno de Salomão,

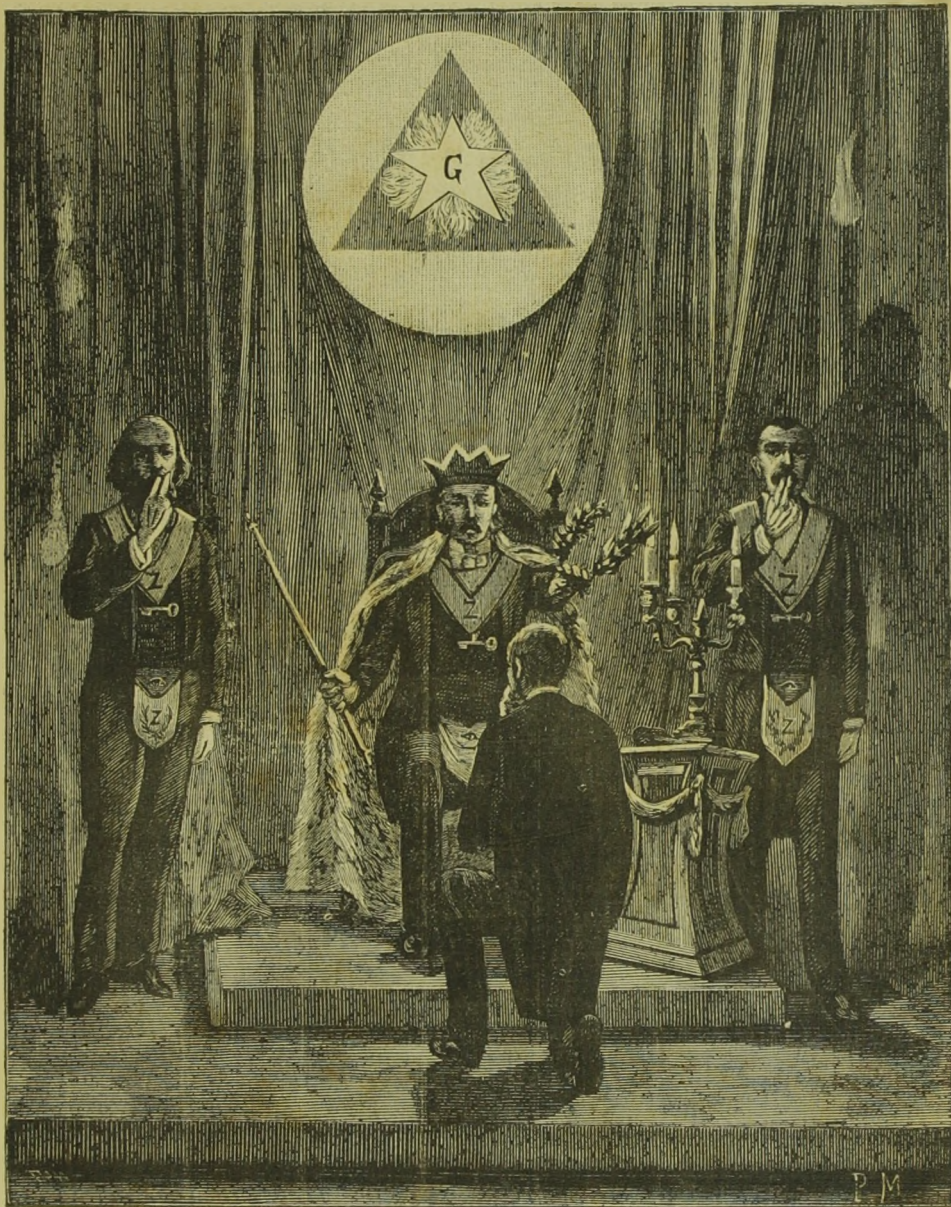
e esse throno, sob o qual parecia ceder a terra, baqueia com ruido espantoso! Tal é, meu Irmão, na sua integra, a lenda do nosso Mestre Hiram... A vós toca extrahir-lhe as licções que ella encerra; a vós discriminar, entre tudo o que vos acaba de ser dicto, o que cumpre tomar e o que deixar... Sim, meu Irmão, é necessario que mediteis com recolhimento as palavras do nosso Muito Respeitavel e as minhas. Vós haveis de pensar na lenda do vosso novo grau, que comprehende trez ideas, as quaes, posto que distinctas, se não excluem umas ás outras: 1.º uma idea de moral politica, baseada no formidavel poder, que ha de ter o Povo, no dia em que conhecer bem toda a sua força; 2.º uma idea de moral scientifica, baseada nas funcções tam beneficas que o Sol desempenha na Natureza; 3.º uma idea de moral philosophica, baseada na legitimidade das revindicações do Bem desprezado e perseguido contra o eterno despota chamado Mal... Na nossa primeira sessão do grau de Mestre, informar-nos-heis do resultado das vossas meditações, declarar-nos-heis as vossas impressões maçonicas.

Concluo, meu Irmão, felicitando-vos por terdes attingido este grau de Mestre, que, em todos os ritos regulares, é a ultima palavra da iniciação. Aqui pára com effeito, a verdadeira Maçonaria, preciosa herança, que nos foi legada pela veneravel antiguidade. Para alem d'isto, não encontrareis mais que vaidade, desvario e mentira.

Os suppostos altos graus não passam de inuteis reduplicações da Mestria, ou de combinações em que o ridiculo compete com o absurdo... As doutrinas mais desconceituadas lhe formam geralmente a base; 'nelles se ensina, sob o veu de indigestas allegorias, a theosophia, a magia, a arte de fazer ouro; 'numa palavra professam-se 'nelles as sciencias occultas, rigorosamente denominadas, é força reconhecel-o, porque são tam reconditas, que os mesmos que as ensinam não seriam capazes de as definir.

Isto pelo que respeita aos graus chamados capitulares e philosophicos... Quanto aos historicos, não poderieis crer quanto elles encerram de asserções falsas e contradictorias e de vergonhosos anachronismos. Na verdade se elles manifestam alguma coisa, é seguramente a ignorancia de seus auctores.

Não vos descreverei o cerimonial, que 'nelles acompanha a iniciação: se esses nossos Irmãos, que tiveram a vaidosa fraqueza de ambicionar as suas fitas e cruzes ousassem recordar as formalidades a que tiveram de se vergar por occasião da sua recepção, haviam de córar do que ellas contem de degradante para a dignidade e intelligencia humana... Por isso mesmo devemos attribuir a creação da maior parte d'estes graus aos secretos inimigos da Maçonaria. O de Rosa-Cruz, entre outros, é obra da so-

INICIAÇÃO D'UM MESTRE SECRETO

O candidato, passando do esquadro ao compasso, é recebido debaixo d'uma coroa de louro e oliveira

ciedade dos jesuitas, no tempo em que ella teve accesso ás Lojas. O de Kadosch e quasi todos os graus Cavalleirescos foram imaginados para servir a interesses politicos em opposição flagrante com as doutrinas fundamentaes da nossa instituição... Emfim, pelo que respeita aos graus denominados hermeticos, tiveram por motivo uma descarada mercancia; e os indignos Mações que os

inventaram 'nelles encontraram effectivamente essa arte de fazer ouro, cujo segredo em vão promettiam aos seus adeptos.

Pelas conferencias que tivestes occasião d'ouvir 'nesta Loja em sessão d'Aprendiz, já fostes prevenido, meu Irmão, contra estas deploraveis innovações. Hoje insistirei com mais força ainda 'neste ponto porque vós deveis comprehender melhor, pelo que vos revelou o nosso Muito Respeitavel e pelo que eu acabo de vos manifestar, quanto é urgente a necessidade de desembaraçar a Maçonaria das superfetações que a desfiguram e deshonram e lhe travam os passos, com grande prejuizo do progresso social.

Mãos á obra portanto, meu Irmão, se, como eu não duvido, a intelligencia que tendes do fim da instituição maçonica vos abrasou em enthusiasmo pelo bem, em ardente amor da humanidade, e 'nessa sancta dedicação que faz emprehender e realisar os grandes commettimentos!... Avante! uni-vos ao manipulo d'aquelles de vossos Irmãos, que querem restituir a Maçonaria á sua simplicidade e pureza primitiva, para a tornarem capaz de cumprir plenamente e 'num tempo mais proximo a sublime missão de que ella se incumbiu!

Terminado o seu discurso, senta-se o irmão orador. O muito respeitavel manda applaudir; depois dá ordem para correr o sacco das propostas e o de beneficencia. Lê-se e adopta-se o esboço dos trabalhos do dia. Se ha tempo, faz-se a instrucção do grau (recitação do catechismo de mestre entre o muito respeitavel e o 1.º vigilante). Em seguida fecham-se os trabalhos, como passo a dizer.

Muito respeitavel.—Muito Veneraveis Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, perguntae aos Veneraveis Mestres que decoram as vossas columnas se ainda têm alguma coisa a propor para bem da Ordem em geral ou d'esta Respeitavel Officina em particular.

Os vigilantes dão este aviso.

O muito respeitavel, dada uma pancada de malhete.— De pé e á ordem de Mestre, Veneraveis Irmãos!... A mim, meus Irmãos, pelo signal (todos fazem o signal e exclamam: Ah Senhor meu Deus!) pela bateria (cada um bate nove palmadas com as mãos) e pela acclamação mysteriosa!

Todos a uma voz.— Huzê! huzê! huzê!

Muito respeitavel.— Estão fechados os trabalhos na Camara do Meio; vamos recomeçar os do segundo grau, á minha primeira pancada de malhete.

Pancada de malhete, que, transformando a loja em officina de companheiros, muda o muito respeitavel em veneravel.

Veneravel.— A' ordem de Companheiro, meus Irmãos!

Todos os circumstantes se põe á ordem do segundo grau.

Veneravel. — Irmão 1.º Vigilante, que edade tendes?

1.º vigilante. — Cinco annos, Veneravel.

Veneravel. — Irmão 2.º Vigilante, dae-me a palavra de passe de Companheiro.

2.º vigilante. — *Schibboleth.*

Veneravel. — Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, perguntae aos Irmãos, que decoram as vossas columnas, se têm alguma coisa a propor para bem da Officina do segundo grau.

Os vigilantes fazem a pergunta.

Veneravel. — Attenção! vamos fechar os trabalhos de Companheiro... A mim, meus Irmãos, pelo signal (fazem o signal do segundo grau) pela bateria (cada um da cinco palmadas com as mãos) e pela acclamação mysteriosa!

Todos a um tempo. — Huzê! huzê! huzê!

Veneravel. — Estão fechados os trabalhos de Companheiro, e vamos reentrar nos de Aprendiz á minha primeira pancada de malhete... (Dando uma pancada de malhete:) A' ordem d'Aprendiz, meus Irmãos!

Todos os assistentes se põe á ordem do primeiro grau.

Veneravel. — Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, perguntae aos Irmãos, que decoram as vossas columnas, se têm alguma coisa a propor em beneficio da Officina do primeiro grau.

Os vigilantes fazem este annuncio.

Veneravel. — Irmão 1.º Vigilante, a que hora costumam os Maçães encerrar os seus trabalhos?

1.º vigilante. — A' meia noite, Veneravel.

Veneravel. — Irmão 2.º Vigilante, quantas horas são?

2.º vigilante. — E' meia noite em ponto, Veneravel.

Veneravel. — Visto ser meia noite, e ser esta a hora a que, etc., vamos encerrar definitivamente os nossos trabalhos... (Dá trez pancadas de malhete, que são successivamente repetidas pelos dois vigilantes). Para gloria do Grande Architecto do Universo, em nome do Supremo Conselho, declaro encerrados todos os trabalhos na Respeitavel Loja constituida sob o titulo distinctivo de, etc., no Oriente de... (nome da cidade). A mim, meus Irmãos, pelo signal (fazem o signal d'Aprendiz) pela bateria (dão trez palmadas nas mãos) e pela acclamação mysteriosa!

Todos uniformemente. — Huzê! huzê! huzê!

Veneravel. — Juremos, meus Irmãos, guardar silencio ácerca dos nossos trabalhos d'este dia (cada um sem proferir palavra, estende a mão direita horisontalmente) e retiremo-nos em paz.

Em seguida, separam-se em silencio, como de costume.

## II

### CATECHISMO DO MESTRE

P. Sois Mação? — R. Os meus Irmãos me reconhecem por tal.

P. Que se propõe a Maçonaria?—R. Esclarecer os homens e tornal-os melhores.

P. Onde trabalhaes? — R. 'Numa Officina chamada Camara do Meio.

P. Que significa esta denominação?—R. Que os Mações, que chegaram ao ultimo grau d'instrucção, têm a seu cargo traçar os planos, que devem seguir os obreiros postos sob a sua vigilancia. (1)

P. Quaes são os obreiros que estão sob a vossa vigilancia? -- R. São os Companheiros e Aprendizes.

P. Acaso sereis Mestre?—R. A acacia me é conhecida.

P. Como chegastes á Camara do Meio?—R. Subindo uma escada com trez patamares, um precedido de trez degraus, outro de cinco, e o ultimo de sete.

P. Que significam esses patamares e o numero de degraus que subistes?—R. O primeiro patamar, ao qual se chega por trez degraus, é uma figura da iniciação nos mysterios da Maçonaria; o segundo, a que se chega por cinco degraus, é um emblema dos conhecimentos adquiridos no grau de Companheiro e symbolisados pela Estrella Radiante; e o ultimo, depois de se subirem sete degraus, figura as sete artes liberaes, cujo conhecimento fez com que eu fosse tido como digno de ser admittido ao grau de Mestre.

P. Que instrucção vos deram no primeiro grau?—R. Revelaram-me a existencia das leis immutaveis que regem os mundos, isto é a obra do Grande Architecto do Universo.

P. Que aprendestes no segundo grau?—R. Principiaram por ensinar-me a me conhecer a mim mesmo; em seguida guiaram-me para o estudo das artes uteis á sociedade.

P. Que idea moral deduzistes d'estes primeiros conhecimentos?—R. Reconheci que a instrucção é indispensavel ao homem, porque lança em nós o germen de todas as virtudes, porque é um meio d'união, e finalmente porque faz conhecer a cada um os seus direitos e deveres.

P. Que vistes no terceiro grau?—R. Contaram-me uma lenda

(1) Esta definição, que não tem sentido algum, foi excogitada para desnortear os profanos, a cujas mãos por acaso chegasse um catechismo de mestre. A verdadeira significação é absolutamente abominavel, e dá-se nas lojas d'irmãs maçonas (3.º grau).

d'um symbolismo commovedor; o tragico fim do nosso Respeitavel Mestre Hiram.

P. Então que fim foi esse? — R. O nosso Respeitavel Mestre succumbiu aos golpes de trez maus obreiros, que queriam obter pela violencia as recompensas, que não podiam ser concedidas senão á instrucção e á capacidade.

P. Que era o Respeitavel Mestre Hiram? — R. Um homem celebre no conhecimento da architectura e na arte de fundir e affeiçoar os metaes; era a elle que Salomão tinha confiado a direcção dos obreiros empregados na erecção do primeiro Templo dedicado ao Grande Architecto do Universo.

P. Como tivestes noticia d'este funesto acontecimento? — R. Pela tradição dos nossos predecessores.

P. Esta historia não encerra algum mysterio? — R. Creio que sim; porque a Biblia, fallando do nosso Respeitavel Mestre Hiram, não faz do seu fim menção alguma.

P. Que significa pois a historia d'Hiram? — R. Eu cuido que verdadeiramente esta historia é uma figura do curso apparente do sol nos signos inferiores do Zodiaco durante os trez meses que decorrem depois do equinocio do outomno; que estes trez meses são os trez conspiradores, causas immediatas do seu fim apparente no solsticio do inverno.

P. Porque circumstancia reconheceis isso? — R. O sol, 'nesta quadra de lucto para toda a natureza, parece querer fugir para sempre do nosso hemispherio; entretanto, dentro em pouco, parece erguer-se de novo, voltar para o equador e reapparecer com todo o seu brilho. Da mesma maneira vemos nós o nosso Respeitavel Mestre Hiram tirado aos braços da morte, voltar á vida.

P. Não terá ainda esta allegoria alguma outra significação? — R. Na accepção moral, representa-nos as perseguições da injustiça contra o direito, as eternas luctas entre a verdade, a sciencia e a virtude d'uma parte, e a ignorancia, o fanatismo e a superstição da outra; porque o mesmo nome d'Hiram significa a vida e a verdade.

P. Com que intuito foi instituido o grau de Mestre? — R. Para combater o erro e os prejuizos que se oppõe ao desinvolvimento dos conhecimentos humanos, para despedaçar o jugo da mentira e fazer imperar a verdade.

P. Não se propõe os dois primeiros graus da Maçonaria o mesmo fim? — R. Propõe, sim, sem duvida; mas são mais especialmente destinados a instruir e preparar o iniciado, para o pôr em termos de cumprir este dever, que a Maçonaria vae exigir d'elle.

P. Como se realisa nos nossos mysterios a resurreição do

Respeitavel Mestre Hiram? — R. Pelo concurso de trez Mações esclarecidos.

P. Dizei-me como elles procedem? — R. O Muito Respeitavel e os dois Veneraveis Vigilantes vão para levantar Hiram e tiral-o do tumulo; um d'elles, pegando-lhe na mão com o toque d'Aprendiz, sente-a escapar-lhe, por que a carne larga os ossos; o segundo, pegando 'nelle com o toque de Companheiro, não se sae melhor; mas tendo reunido todos trez os seus esforços, conseguem pôl-o em pé e saudam com alegria o seu regresso á vida.

P. Que significa isso? — R. E' uma imagem dos trez primeiros dias, que seguem o solsticio do inverno, durante os quaes os antigos deviam estar incertos da direcção, que ia seguir o astro luminoso; porque não é senão ao terceiro dia que se conhece visivelmente a sua volta apparente para o hemispherio superior.

P. Como fostes recebido Mestre? — R. Pelos cinco pontos perfeitos da Mestria, e por uma palavra que pronunciou o Muito Respeitavel.

P. Dae-me esse toque e palavra? — R. (Da o toque e a palavra sagrada.)

P. Que significa a palavra sagrada? — R. Quer dizer «o filho do pae», ou a vida nova, por allusão ao regresso apparente do astro luminoso, bemfeitor da natureza.

P. Não têm os Mestres outros signaes de reconhecimento? — R. Têm sim; têm ainda um signal de surpreza ou de horror, uma palavra de passe, e um signal de ordem e saudação.

P. Dae-me o signal d'horror? — R. (Faz o signal, dizendo: Ah! Senhor meu Deus!)

P. Dae-me a palavra de passe. — R. *Tubalcaim.*

P. Que significa esta palavra? — R. E' o nome d'um descendente de Caim, o nome d'aquelle dos nossos antepassados, que primeiro que ninguem soube fabricar os metaes; a sua significação é «senhorio do mundo», e com effeito a descoberta e emprego dos metaes uteis, taes como o ferro, o cobre etc., torna o homem senhor de todos os bens da terra.

P. Qual é o signal de ordem e saudação? — R. (Faz este signal).

P. Que significa elle? — R. A mão estendida e posta horisontalmente, com o pollegar apoiado sobre o lado esquerdo, indica o nivel e a egualdade de todos os homens; o esquadro que em seguida se descreve, mostra que todas as acções dos Mestres devem ser pautadas pela justiça e equidade.

P. Qual é a marcha mysteriosa dos Mestres? — R. (Executa a marcha do terceiro grau.)

P. Que significam os trez ultimos passos d'esta marcha?

— R. Esses trez ultimos passos, que caracterisam a marcha do terceiro grau, representam a marcha do sol a partir do equinocio do outomno, quando este astro parece precipitar-se até ao termo apparente da sua carreira; é tambem uma imagem da prudencia e circumspecção que se deve guardar na propagação da verdade.

P. Que edade tendes? — R. Sete annos e mais.

P. Que quer isso dizer? — R. Sete annos e mais é um numero indeterminado, que exprime a edade da sabedoria, e figura a madureza do Mestre Mação.

P. Quando reclamaes o soccorro dos vossos Irmãos, que signal fazeis? — R. (Faz o signal de soccorro, dizendo: A mim, Filhos da Viuva!)

*Conclusão :* E os vossos Irmãos jamais deixarão de responder a esta invocação!

## PERGUNTAS SUPPLEMENTARES

As duas perguntas seguintes não figuram no catechismo escocez do 3.º grau; todavia dizem-se com as suas respostas na instrucção, isto é, na recitação do catechismo, que se faz em certas sessões, por dialogo entre o muito respeitavel e o 1.º vigilante. Encontram-se no Ritual de Mestre, do irmão Ragon, edição sagrada, reconhecida como official pela auctoridade maçonica.

P. O estudo dos graus maçonicos conduz por ventura ao conhecimento da Verdade? — R. Nenhum grau conhecido ensina nem descobre a Verdade; apenas cada um d'elles adelgaça o veu, e o neophyto que sabe aproveitar-se dos documentos que recebe, á medida que vae progredindo na Maçonaria, sabe mais e melhor, do que aquelle que sae d'um collegio profano de philosophia. Os graus praticados até hoje têm feito Mações e não simples iniciados.

P. Podereis dizer-me o segredo da Maçonaria? — R. O segredo da Maçonaria é, por sua propria natureza, inviolavel; porque o Mação que o conhece, só póde tel-o adivinhado. Descobriu-o frequentando Lojas instruidas, observando, comparando e raciocinando. Uma vez chegado á descoberta d'este segredo, com certeza ha de guardal-o para si mesmo e não o communicará nem sequer áquelle Irmão, em quem tinha maior confiança; porque não tendo sido este capaz de fazer a mesma descoberta, é egualmente incapaz de tirar proveito do segredo, se lhe for oralmente communicado.

## III

### IMPRESSÕES DO INICIADO NO GRAU DE MESTRE

Um mez depois da sua recepção, é o novo mestre convocado para uma sessão especial do 3.º grau, com o fim de communicar á loja «as suas impressões maçonicas» (é o termo consagrado).

Teve tempo de meditar a lenda d'Hiram, e é mister, que se saiba o que d'ella pensa, que diga o que mais o impressionou.

O quadro de tela pintada, estendido no pavimento, representa um panno mortuario orvalhado de lagrimas, com seis caveiras; no meio, sobre uma banda dobrada em cruz, um ramo d'acacia; ao fundo um compasso e um esquadro; os bordados são de prata.

Os irmãos d'alta graduação pertencentes á loja assistem sempre a esta sessão. Se, por impossivel, a loja não conta entre os seus membros nem 32.os ou 33.os, nem ao menos cavalleiros kadosch, a auctoridade central tem o cuidado de prevenir um irmão de graduação elevada, que resida na mesma cidade, ou 'numa terra proxima, e este apresenta-se na sessão, como simples visitador.

O muito respeitavel, depois de recordar, que ha trez maneiras distinctas de interpretar a lenda d'Hiram, dá a palavra ao novo mestre, para que tenha a bondade de dizer, qual das interpretações preferiu, e explicar os motivos, que determinaram a sua escolha.

Estas trez interpretações, que, segundo disse o orador, no dia da recepção, se não excluem umas ás outras, comprehendem: 1.º uma idea de moral politica; 2.º uma idea de moral scientifica; 3.º uma idea de moral philosophica.

E' este exame do novo mestre, que, sem elle o suspeitar, vae decidir o seu futuro na Maçonaria.

Nove por dez dos iniciados no terceiro grau symbolico escolhem a primeira interpretação. Nos discursos, que lhes foram dirigidos, não repararam senão na insistencia, com que o muito respeitavel posera em relevo o formidavel poder do povo, força enorme que se ignora a si mesma; o que na lenda os impressionou, foi a descripção vivamente colorida d'esse innumeravel exercito d'obreiros, que avança, como uma maré humana, para o throno em que se senta o rei, cercado dos seus cortezãos e sacerdotes.

« — Eis aqui, diz em geral o mestre recem-iniciado, o que eu fixei; eis aqui, a meu ver, a verdadeira significação da allegoria. E' na multidão dos operarios das cidades e do campo, é no povo, que

Iniciação do mestre perfeito

O candidato é acompanhado por um irmão conductor, a quem se dá o nome de «Scherebiah e o titulo de capitão das guardas, revestido d'um traje biblico. De ordinario escolhe-se para este ridiculo papel um dos mais lorpas. Sob a sua direcção, o candidato é conduzido a uma especie de mausoleu, sobre o qual repousa uma urna funeraria, que se suppõe conter o coração do mestre Hiram.

reside a maior potencia politica. Mas existe no estado de força inconsciente; importa portanto, que homens activos, esclarecidos, inimigos das minorias, que até hoje têm reinado, quer como reis, quer como pontifices, dirijam esta potencia, sem se lhe darem a conhecer, tendo em vista o progresso da humanidade. E' o povo que deve ser o soberano real, tendo por alma a Maçonaria.»

Os mestres applaudem a explicação do novo collega e os irmãos dos altos graus não são os que mostram menos zelo em o felicitar.

Algumas vezes, o iniciado, declarando achar na lenda esta significação politica, accrescenta que está longe de desdenhar a interpretação scientifica, e que até este segundo modo d'encarar a morte d'Hiram o impressionou particularmente.

« — Hiram, diz elle, representa o sol; isso é evidente. Ora o sol é a faisca sempre viva, que anima o universo. E' elle que fecunda a terra, de cujo seio saimos, e á qual voltamos. Ser filhos d'Hiram o mesmo é que ser filhos do sol; é como filhos da natureza, que nós somos os Filhos da Viuva. Ao sol pois as nossas mais gratas homenagens! A' terra o nosso mais profundo amor! Por conseguinte a minha opinião é que a Maçonaria, ao mesmo tempo que deve empenhar todos os seus esforços politicos em dirigir o povo, deve estabelecer acima de todas as religiões metaphysicas, que se dizem reveladas, o culto materialista da natureza. »

Ao iniciado, que assim acaba de exprimir-se, endereçam-se, como aos outros, calorosas felicitações; o muito respeitavel diz-lhe que as suas palavras são ouro, e a loja acclama a communicação das suas impressões maçonicas por numerosas baterias e alegres huzê. Ha mesmo sempre um rosa-cruz, para declarar a este mestre pantheista, que se associa plenamente ao seu modo de ver, e que pela sua parte pessoal, sem comprometter a opinião dos outros, está completamente d'accordo com elle.

Finalmente apparecem, mas bastante raramente, novos mestres, que declaram á assemblea, que as trez interpretações resumidas pelo orador lhes pareceram egualmente acceitaveis; que adoptam a significação politica da allegoria; que approvam a idea de moral scientifica em virtude da qual a natureza deve ser objecto d'um culto particular; mas que o que principalmente os attrahiu, interessou, seduziu, exaltou foi o lado philosophico da lenda.

O iniciado d'esta terceira especie é, como individuo, um espirito feroz, de caracter ao mesmo tempo violento e sombrio, de coração secco e alma rancorosa.

« — Sim, brada elle, tal é a explicação completa, que cumpre dar á lenda d'Hiram. Não lhe corto um apice, acceito-a na sua integra; pergunto-me até, se ella não é mais que uma lenda!. . . Esta narração, que eu proclamo admiravel, projecta, a meu parecer, uma luminosa claridade sobre todos os pontos obscuros da Biblia. . . É sobretudo desde a minha recepção no grau de mestre, que eu me considero feliz por ser mação. . . Até esse dia não via na nossa instituição o que esperava encontrar 'nella, quando me inscrevera na lista dos seus membros; agora vi e comprehendi.

Não ha necessidade alguma de me manifestar qualquer coisa mais: isso nada me revelaria; vejo, sei, estou satisfeito... Meus irmãos, congratulo-me por ser dos vossos... Nós somos os soldados da sciencia, nós combatemos a superstição. Nós, filhos d'Hiram, de Chanaan, de Tubalcaim, de Lamech, de Caim, e do Anjo da Luz, filhos d'aquelle, a quem os antigos prestavam culto, adorando o sol, temos uma grande missão a cumprir, luctamos pela mais nobre das causas. Um poder iniquo conculcou o direito desde o principio dos seculos e o opprime ainda; temos portanto de reconquistar a independencia, que nos foi arrebatada nos primeiros dias do mundo, temos de humilhar o orgulho da tyrannia eterna, temos de tomar uma estrondosa vingança... Perseguidos mas não vencidos, somos indomaveis. O nosso exercito cresce dia a dia; o inimigo vê-se obrigado a reconhecer, que o numero de seus escolhidos é insignificante a par do numero dos nossos; cada hora em que trabalha a grande ceifeira augmenta e robustece as nossas phalanges; seremos por nossa vez os mais fortes, e não está talvez longe o momento, em que Eblis ha de ser vingado das iniquidades de Adonai!»

Ouvindo esta linguagem, os irmãos dos altos graus erguem altivamente a cabeça; fulguram-lhes nos olhos lampejos d'alegria; da bocca vão a irromper-lhes acclamações ao iniciado, a quem transporta uma estranha paixão. Mas não chegou ainda o momento; calam-se e deixam aos simples mestres acalmar o frenetico, que todavia recebe applausos de todos os assistentes.

No dia seguinte é expedido á auctoridade central um relatorio elaborado por um 33.º, ou por um kadosch.

O futuro maçonico do novo mestre está quasi determinado.

Se elle não viu a lenda d'Hiram senão pelo lado politico, tem muitas probabilidades de nunca passar do 3.º grau.

Se considera a Maçonaria, não só como uma sociedade politica occulta, mas tambem como uma secreta religião pantheista, virá a ser um d'esses rosas-cruzes, dos quaes Volney foi um dos pontifices.

Emfim se mostrou claramente, que se considera como um filho militante do Anjo da Luz, pertencerá dentro em pouco ao numero d'esses tenebrosos cavalleiros kadosch, que têm por prototypo a Proudhon.

Com effeito as lojas, no seu programma, dão a precedencia á politica: os capitulos praticam o culto pantheista: quanto aos areopagos, esses vão mais longe no caminho da impiedade; a sua liturgia é satanica sem veu, sem reticencia alguma.

Para d'isto dar uma idea, bastar-me-ha aqui revelar desde já a palavra sagrada dos cavalleiros kadosch. Essa palavra é NEKAM,

ADONAI! *Nekam*, em hebraico, quer dizer vingança; Adonai é, na Biblia, o nome do Senhor.

Ao abrir das sessões, os cavalleiros kadosch arrancam d'um punhal, que trazem suspenso da banda, e todos a um tempo, levantando-o á altura da cabeça, voltado contra o ceo, fazem gesto de ferir a Deus, gritando: — *Nekam, Adonai!* — Vingança contra ti, Adonai!

E o presidente do areopago, tendo feito, ao mesmo tempo, que os outros kadosch, este gesto d'ameaça a Deus, e proferido a mesma imprecação, ajuncta: — *Pharasch chol* — duas palavras hebraicas, cuja traducção é: — Tudo está explicado.

Como o leitor vê, no grau de cavalleiro kadosch, o iniciado sabe perfeitamente a que lhe cumpre ater-se; mas só passando pela fieira dos graus d'instrucção maçonica, só por meio d'uma preparação constante é que, pouco a pouco, vae descobrindo o que tam cuidadosamente se occulta aos profanos, e até aos irmãos das lojas inferiores.

Depois de dizer algumas palavras sobre as sessões ordinarias dos mestres, de introduzir o leitor 'num banquete symbolico e expor summariamente os segredos dos tres primeiros graus, darei principio ás minhas revelações concernentes aos mysterios das traslojas. [a]

Peço desculpa aos leitores, se uma ou outra vez esta obra de divulgação se torna diffusa; mas tenho forçosamente de me cingir a um plano methodico, de seguir passo a passo a propria Maçonaria. Se ao inverso entrasse immediatamente a tractar dos assumptos, que os impacientes desejam conhecer, prejudicaria a clareza do conjuncto, e pontos ha essenciaes, que o publico não poderia comprehender.

De resto é d'este segundo modo, que a Maçonaria procede, quando tem interesse em não deixar suspeitar o seu jogo a governos capazes de lhe suscitar obstaculos.

Succede effectivamente algumas vezes exigir um monarcha,

---

(a) *Arrière-Loges*, assembleas de mações superiores ao 3.º grau. Considerando-as em primeiro logar, na ordem descendente, por vezes lhes tenho dado o nome de ante-lojas. Porém o nome trasloja é preferivel, por traduzir mais fielmente o original e ser mais accommodado á indole da lingua portugueza, que emprega o prefixo tras para indicar uma coisa, que está depois d'outra, um aposento mais interior e secreto, como em trascamara, e o prefixo ante para indicar uma coisa, que está antes d'outra, um aposento mais exposto e patente, como em antecamara.

Aproveito o ensejo de observar, que a Maçonaria Franceza designa todas as assembleas maçonicas pelo nome generico de *atelier*, officina, e as dos trez primeiros graus pelo especifico de *loge*, loja. Os mações portuguezes porém costumam empregar promiscuamente a palavra loja, quer fallem das assembleas dos graus symbolicos, quer das dos outros.

Não obstante isso, conservo a distincção dos francezes, por amor da clareza, e para evitar serias difficuldades de traducção.

como preço de sua tolerancia para com a secreta associação, que um dos seus altos funccionarios seja admittido nas lojas.

Como se arranjará então o Supremo Conselho para se livrar d'embaraços? Oh! isso é bem simples.

— Mandae-nos, Senhor, diz elle ao principe, se quereis, o proprio chefe da vossa policia; nós vamos conferir-lhe immediatamente o grau mais elevado, que temos, e assim poderá elle apresentar-se em qualquer officina; todas as portas das lojas, capitulos e areopagos lhe serão abertas.

O alto funccionario é admittido d'uma so vez e sem provas ao grau supremo. Desde então fica com direito d'assistir ás sessões regulamentares das diversas officinas. Assiste, quando lhe apraz; mas, como não conhece a primeira palavra do symbolismo maçonico, como não recebeu o ensino progressivo, indispensavel para a intelligencia do sentido secreto d'este symbolismo, não entende absolutamente nada do que se passa a seus olhos, ou, para melhor dizer, entende precisamente o contrario da realidade. E d'este modo está pregado o logro.

Tenham pois os meus leitores um pouco de paciencia, e queiram de vez em quando tomar em consideração algumas paginas, cuja inutilidade é só apparente. Mais tarde hão de reconhecer a sua importancia, quando as tornarem a ler, depois da revelação dos ultimos segredos; hão de ver, que sobre a Maçonaria não é possivel ser claro, sem ser completo. 'Numa palavra, não perderão nada em esperar.

## IV

### AS SESSÕES ORDINARIAS

As sessões da camara do meio, ou loja dos mestres, não são regulares; têm geralmente logar: 1.º para as iniciações; 2.º para os iniciados exporem as suas impressões, seguindo-se quasi sempre uma conferencia sobre a significação do grau; 3.º para a preparação das eleições da loja.

As eleições da *Maçonaria Azul* fazem-se cada anno por todo o mez de dezembro. Dá-se o nome de Maçonaria Azul ao complexo dos trez primeiros graus, chamados graus symbolicos. Provem o nome de que o mais elevado d'estes trez graus, o de mestre, tem por divisa uma banda azul, lançada a tiracollo.

Estas eleições são preparadas pelos irmãos da officina, que têm pelo menos o grau de mestre.

Aqui está, por exemplo, como correm as coisas para a eleição do veneravel, que é o presidente da officina. Reunem-se os ir-

mãos do 3.º grau e os dos graus superiores, excluidos os companheiros e aprendizes. Votam por escrutinio secreto, para organisar uma lista de cinco candidatos á presidencia. 'Nesta lista figuram, por direito, o 1.º e 2.º vigilante em exercicio; os outros trez candidatos são os que obtêm mais votos. Exige-se que tenham sequer o 3.º grau, pelo menos ha um anno, e que alem d'isso sejam membros activos e antigos officiaes da loja.

Então, 'numa sessão do 1.º grau, isto é 'numa sessão, a que assistem todos os membros da officina, qualquer que seja a sua graduação, dá-se conhecimento aos aprendizes e companheiros da lista dos cinco candidatos, e do numero de votos, que cada um teve na loja dos mestres. Depois do que toda a officina é chamada a votar e a maioria absoluta dos votos designa aquelle, que terá de exercer as funcções de veneravel.

Se a primeira votação não dá resultado, procede-se a outra nas mesmas condições. Se ainda d'esta vez nenhum dos candidatos consegue um numero de votos egual, pelo menos, a metade mais um dos eleitores, tem logar terceiro escrutinio, mas sómente sobre os dois irmãos, que obtiveram mais votos. Se finalmente depois d'esta votação por espheras houvesse egualdade de votos, o eleito seria o mais elevado em grau, ou dada egualdade de grau, o mais antigo no rito (art. 90.º dos Regulamentos Geraes).

De sorte que, quando 'num escrutinio maçonico dois candidatos alcançam o mesmo numero de votos, e um é rosa-cruz e o outro mestre, é o rosa-cruz, que é proclamado eleito em virtude dos Regulamentos; o rosa-cruz, em caso analogo, cede egualmente o passo ao kadosch. E na iniciação no 3.º grau dizem muito a serio ao neophyto, que não ha que fazer caso dos graus superiores ao de mestre, que elles não tem importancia e não significam absolutamente nada!... Na continuação d'esta obra se mostrará, que pelo contrario na Maçonaria os graus superiores é que são tudo.

Para uma officina dos trez primeiros graus encher completamente o quadro dos seus funccionarios, requerem-se dezoito officiaes, que são: 1.º o veneravel; 2.º o 1.º vigilante; 3.º o 2.º vigilante; 4.º o orador; 5.º o secretario; 6.º o deputado perante a Grande Loja Central; 7.º o thesoureiro; 8.º o 1.º experto, ou irmão terrivel; 9.º o 2.º experto; 10.º o mestre de cerimonias; 11.º o mestre de cerimonias adjuncto; 12.º o chanceller guarda sellos; 13.º o guarda dos archivos; 14.º o hospitaleiro; 15.º o architecto mestre dos banquetes; 16.º o irmão cobridor; 17.º o porta-bandeira; 18.º o porta-espada. Os deveres d'estes funccionarios são extensamente explicados pelos Regulamentos Geraes (art. 89 a 206).

Podem as lojas ter tambem um ou mais irmãos serventes.

Nas sessões do 3.º grau, em que não ha iniciação, faz-se aos

neophytos um rasgado elogio da solidariedade maçonica, a qual, segundo lhes asseveram, é obrigatoria.

A partir do grau de mestre, têm os maçães um signal particular, chamado signal de soccorro, que obriga os irmãos a se ajudarem uns aos outros.

A proposito d'isto contam-se nas lojas varias historias, algumas das quaes são d'uma authenticidade muito duvidosa; mas nem por isso é menos interessante o seu conhecimento.

Limitar-me-hei a citar duas, que traslado textualmente d'um auctor mação panegyrista da Maçonaria.

« A quatorze de junho de 1823, diz o irmão Clavel, voltava de Batavia para a Europa o navio mercante hollandez *Minerva*, trazendo a bordo muitos passageiros opulentos, quasi todos Mações, entre outros o irmão Engelhardt, antigo Deputado Grão Mestre Nacional das Lojas da India. Chegado á altura do Brazil, encontrou-se este navio com um corsario, que trazia bandeira hespanhola e carta de marca do governo das Côrtes. Foi atacado e obrigado a render-se depois d'um combate sangrento. O corsario irritado dera ordem de saque e carnificina; e já os vencedores tinham atado aos mastros parte da equipagem hollandeza, quando á força de rogos e lagrimas, os passageiros conseguiram que os levassem a bordo do apresador. Chegam: promessas, supplicas, nada póde dobrar o furor do capitão. 'Neste extremo, o Irmão Engelhardt recorreu a um meio em cujo effeito não ousava confiar. Fez o signal de soccorro. Então aquelle mesmo que ha um instante se mostrava insensivel ás suas lagrimas, pareceu commoverse e abrandar-se. Tambem elle era mação, assim como grande parte da sua equipagem, e pertencia a uma Loja do Ferrol. Comprehendera esta invocação da fraternidade, mas duvidava da realidade dos titulos de quem lh'a fizera; porque as palavras e signaes que se tinham trocado não concordavam perfeitamente (eram os dois de ritos differentes). Exigiu provas. Por desgraça, os Irmãos hollandezes, temendo, com alguma apparencia de razão, excitar a colera d'um povo, que consideravam como inimigo da Maçonaria, tinham lançado ao mar, durante o combate, as suas insignias e papeis maçonicos.

Apesar d'isso, recolheram-se alguns restos que andavam ainda sobre as ondas, entre outros os fragmentos d'um diploma em pergaminho que tinha sido rasgado. A' vista d'elle, o corsario hespanhol pôz de parte a reserva; reconheceu os seus Irmãos, abraçou-os, restituiu-lhes o navio, os bens, reparou até os prejuizos que lhes causara, pediu por unica remuneração que o filiassem 'numa Loja hollandeza, e deu ao navio um salvo-conducto para que não fosse incommodado pelos Hespanhoes no resto da viagem.

« Não é só entre os povos civilisados que a Maçonaria inspira similhante dedicação; ella influe tambem, com não menor força, na propria alma dos selvagens.

Durante a guerra dos Inglezes e Americanos, o capitão Mac-Kinsty, do regimento dos Estados Unidos, commandado pelo coronel Paterson, foi ferido duas vezes e aprisionado pelos Iroquezes na batalha dos Cedros, a trinta milhas alem de Montreal, juncto ao S. Lourenço. A sua intrepidez, como official de tropa ligeira, fizera d'elle o terror e execração dos Indios, auxiliares dos Inglezes, que estavam resolvidos a matal-o e devoral-o em seguida. Já estava a victima ligada a um poste e cercada de lenha, que lhe ia servir de pyra. Fugira-lhe a esperança. No delirio do desespero e sem saber o que fazia, o capitão Mac-Kinsty proferiu esta mysteriosa invocação, ultimo recurso dos Maçães que se vêem em perigo. Então, como se o ceu se interpozesse entre elle e os seus algozes, o guerreiro Brandt, que commandava os selvagens, comprehendeu-o e salvou-o. Este Indio, educado na Europa, 'nella tinha sido iniciado nos mysterios da Maçonaria. O vinculo moral que o ligava a um Irmão teve mais força, que o odio á raça branca pelo qual todavia elle tinha renunciado ás doçuras e encantos da vida civilisada.

Protegeu-o contra o furor dos seus, conduziu-o pessoalmente a Quebec, e o entregou aos Maçães Inglezes para que o fizessem chegar são e salvo aos postos avançados dos Americanos. » (1)

Taes são as historias, que se contam na camara do meio aos mestres recem-iniciados, quando se lhes ensina a fazer o signal de soccorro. Este signal, se não tem frequente applicação entre selvagens, presta serviços reaes aos mações, em circumstancias melindrosas, que me cumpre indicar.

O mação considera-se como exempto de qualquer jurisdicção, que não seja a dos seus; por isso, quando um membro da secreta associação tem um processo, não deixa de esboçar, por um rapido movimento, o gesto do signal de soccorro, que passa despercebido ao publico profano; e se o tribunal conta um, ou mais filiados, estes juizes têm obrigação de se pronunciar a favor do seu collega na Maçonaria, sob pena de este se queixar á sua loja, allegando o emprego que fez do referido signal. Muitas iniquidades commettidas por magistrados mações não têm outra causa. Dão-se tambem muitas vezes evasões devidas a connivencias maçonicas provocadas pelo signal de soccorro.

Nas guerras, este signal secreto cria privilegios monstruosos

---

(1) *Historia pitoresca da Franc-Maçonaria*, pelo Irmão Clavel, pag. 282 e 283.

INICIAÇÃO DO SECRETARIO INTIMO

Fazem assistir o postulante a uma comedia estupida desempenhada por dois irmãos. Um dos actores representa Salomão e o outro o rei de Tyro. Fingem elles, que têm uma violenta altercação, e estão mesmo vae não vae a vir ás mãos.

aos irmãos dos tres pontos, em detrimento dos belligerantes profanos; muitas vezes mesmo se commetteram verdadeiras traições, sob o capcioso pretexto d'esta solidariedade anti-patriotica: do que, no capitulo intitulado — *Os mações e a patria* — citarei numerosos exemplos, até muito recentes.

O que a Maçonaria pratica, não é a verdadeira fraternidade;

é um egoismo collectivo. O profano é o inimigo; e se os mações se unem algumas vezes, é contra todo, que não é mação.

A união não se dá senão d'este modo, na tenebrosa sociedade. No seio das lojas, todos têm plena liberdade para se despedaçarem uns aos outros, e os casos de odio entre sectarios são frequentes; mas, perante o publico profano, devem proteger-se mutuamente, mesmo quando se tracte de favorecer uma injustiça.

No tempo, em que eu pertencia á Maçonaria, intentei uma vez um processo, perante o tribunal do commercio, a um impressor, que me tinha dado um grave prejuizo. O arbitro nomeado pelos juizes decidiu a questão a meu favor. Mas o meu adversario era um veneravel de Paris e impressor do Grande Oriente da França; entregou uma queixa secreta contra mim, e eu tive de comparecer perante a minha loja. Os meus collegas não tiveram em conta alguma o exame dos factos; não se preoccuparam senão de eu ter ousado chamar aos tribunaes, no mundo profano, o impressor do Grande Oriente! O tribunal do commercio reconhecera que eu fôra lesado, e por conseguinte tinha razão nas minhas revindicações; a loja fez-me injustiça.

## CAPITULO QUARTO

### BANQUETES DAS LOJAS

As lojas têm cada anno dois banquetes obrigatorios, que servem para celebrar gastronomicamente as festas astronomicas da Maçonaria: solsticio do verão e solsticio do inverno. Estes dois banquetes têm portanto logar nos dias officiaes de sessão mais proximos a 24 de junho e 27 de dezembro.

Celebram-se estes festins, que cumpre não confundir com os banquetes e festas de adopção, no local ordinario das sessões maçonicas. Não são 'nelles admittidas irmãs maçonas; por maioria de razão, não o é nenhum profano. Celebram-se porem no grau de aprendiz, para que todos os irmãos possam tomar parte 'nelles.

A sessão consagrada a um banquete chama-se «sessão de mesa». Ornam a sala coroas e flores; pendem das paredes o estandarte da loja, e os de todas as officinas, que enviaram deputações. A mesa deve ser uma só e em ferradura. O veneravel occupa o centro, e os vigilantes as duas extremidades. Da parte de dentro não fica ninguem, a não serem os mestres de cerimonias, que ficam em frente do veneravel; todos os irmãos se sentam dos lados, da parte de fora.

Os officiaes occupam os mesmos logares, que na loja: á di-

reita do veneravel, o secretario e o hospitaleiro; á esquerda, o orador e o thesoureiro. Os outros irmãos collocam-se á vontade, mas com ordem. Os deputados de loja a loja são admittidos aos logares d'honra, isto é, proximos ao veneravel.

Os varios objectos, que cobrem a mesa, formam quatro linhas parallelas. Levam algumas vezes a mania da regularidade a ponto d'estender na mesa fitas de côr, para melhor guardar os alinhamentos. A primeira linha, a partir de fora, é constituida pelos pratos; a segunda pelos copos; a terceira pelas garrafas; e a quarta pelas travessas.

A sessão de mesa tem a sua giria particular. As palavras empregadas chamam-se os «nomes mysticos».

| | | |
|---|---|---|
| A mesa........ | chama-se: | plataforma |
| A toalha........ | » | veu |
| Os guardanapos........ | » | bandeiras |
| As travessas........ | » | bandejas |
| Os pratos........ | » | telhas |
| As colheres........ | » | trolhas |
| Os garfos........ | » | enxadões |
| As facas........ | » | alfanges |
| As garrafas........ | » | barricas |
| Os copos........ | » | canhões |
| As luzes........ | » | estrellas |
| As cadeiras........ | » | stallos [1] |
| As comidas (em geral)........ | » | materiaes |
| A trouxa d'ovos........ | » | argamassa |
| O pão........ | » | pedra bruta |
| O vinho........ | » | polvora forte |
| A agua........ | » | polvora fraca |
| A cerveja ou cidra........ | » | polvora amarella |
| Os licores........ | » | polvora fulminante |
| O café........ | » | polvora preta |
| O sal........ | » | areia |
| A pimenta........ | » | cimento |
| O assucar........ | » | gesso |
| Comer........ | é: | mastigar |
| Beber........ | » | dar uma descarga de canhões |
| Trinchar........ | » | desbastar |

Não devem empregar-se outras expressões durante a refeição.

Se um Irmão, por esquecimento, usa d'um termo profano, o visinho denuncia-o ao vigilante da columna, e este annuncia, que se commetteu uma falta. O culpado é então condemnado pelo ve-

(1) Nome antiquado das cadeiras de coro. No Man. não se encontra designação especial para as cadeiras.

neravel a ir ao meio da ferradura, e dar lá uma descarga de polvora fraca, isto é, beber um grande copo d'agua. Os rituaes sagrados pretendem, que este uso procede da mais remota antiguidade, e citam a mythologia pagã, porque os deuses incursos em alguma culpa eram condemnados por Jupiter a beber uma taça d'agua do Styx. (1)

No decurso da refeição, faz-se um certo numero de brindes, ou *saudes de obrigação*, o que não impede de fazer outros.

Mas procedamos por ordem, e vejamos como se passam as coisas.

O veneravel, que não larga o seu malhete, dá com elle uma pancada.

— De pé e á ordem, meus Irmãos! — exclama: e convida os circumstantes para o banquete symbolico.

Depois d'uma invocação ao Grande Architecto do Universo, para «attrahir a sua benção sobre os materiaes a demolir», pede aos vigilantes, que annunciem ás suas respectivas columnas, que todos vão «entregar-se aos trabalhos da mastigação».

Os vigilantes, como verdadeiros papagaios, repetem textualmente o que acaba de lhes dizer o veneravel.

Este, pegando então 'num copo, enche-o de vinho, bebe algumas gotas, e o faz andar em giro. Cada irmão molha 'nelle os labios por sua vez. Depois, quando a convite seu todos se têm sentado, o veneravel declara, que «permitte a recreação», trava-se o cavaco, e todos são servidos.

Todos «mastigam» pois com alegre expansão, mas ninguem se lembra de «dar uma descarga»; 'num banquete maçonico é prohibido aos convivas beber fora dos brindes. Por isso deixo ao leitor ver se os irmãos, que têm sede, não supportarão o supplicio

---

(1) Se um irmão malcreado (do que não falta) se desmanda a ponto de commetter uma d'essas inconveniencias, a que, segundo a historia anecdotica do seculo 16.º, era atreito o marechal de Roquelaure, os visinhos indignados levantam-se, e o accusam á justiça do veneravel. Este increpa severamente o irmão, que tam fora de tempo tomou a liberdade de «accender o seu perfumador» (é o termo consagrado) e manda-lhe «cobrir o templo», isto é, sair da sala. A assemblea delibera sobre a pena, que se deve infligir ao criminoso. Em geral é condemnado á seguinte: introduzido outra vez no templo por dois expertos e posto entre columnas, deve, tendo-se no pé esquerdo, levantar a perna direita até ficar horisontal, de modo que forme um perfeito esquadro, e ao mesmo tempo dar uma triplice bateria de aprendiz, mas com as mãos atraz das costas, o que complica a difficuldade da posição, e forçosamente lhe faz perder o equilibrio, no meio das risadas dos circumstantes.

Depois o irmão orador solicita a rehabilitação do culpado, isto é, pede que elle seja auctorisado, não obstante a grande offensa, que fez á assemblea, a voltar para o seu logar. Como principal argumento, invoca a lei maçonica do perdão das offensas, e allega alem d'isso as circumstancias attenuantes, recordando «que certo deus, honrado pelos romanos sob o nome de Crepitus, tinha até estatuas de bronze entre os egypcios, cujos mysterios tam apreciados são pela Maçonaria». O veneravel ordena a rehabilitação, e o reu, contrito e perdoado, reoccupa o seu logar, depois de ter jurado «apagar para sempre o seu perfumador».

de Tantalo, quando o veneravel não quer beber, e se limita strictamente ás saudes regulamentares.

As obrigatorias são cinco, no rito que se pratica na maior parte dos paizes.

Quando se fazem as saudes, cessa a «mastigação». A maneira de cada um se servir de bebida e de beber está regulada por um verdadeiro cerimonial.

## PRIMEIRA SAUDE

Quando o veneravel o julga a proposito, mas ordinariamente depois da primeira coberta, dá uma pancada de malhete, á qual respondem os vigilantes, batendo da mesma sorte; calam-se todos, saem os serventes, e o irmão cobridor, armado da sua espada, guarda a porta.

Veneravel. — A' ordem de mesa, meus Irmãos!

Obedecem. Por-se á ordem de mesa é, tendo a mão direita á ordem de aprendiz, pousar a esquerda horisontalmente sobre a mesa, com os dedos junctos, menos o pollegar, aberto e estendido pela beira da mesa, para formar esquadro.

Veneravel. — Irmãos 1.º e 2.º vigilante, annunciae aos Irmãos das vossas respectivas columnas, que os trabalhos suspensos recobram força e vigor.

1.º vigilante. — Irmãos, que decoraes a columna do Meio-dia, o Veneravel vos participa, que os trabalhos, que elle tinha suspendido, recobram força e vigor.

2.º vigilante. — Irmãos, que decoraes a columna do Norte, o Veneravel vos participa, etc.

1.º vigilante. — Annunciado, Veneravel.

Veneravel. — Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, convidae os Irmãos do vosso commando, para se disporem a carregar e alinhar, para uma saude, que terei o favor de propor.

Os vigilantes repetem a formula.

Veneravel. — Carreguemos e alinhemos, meus Irmãos!

Os vigilantes tornam a repetir.

E' só 'neste momento, que se devem «abrir as barricas para carregar os canhões». Cada um serve-se de bebida a seu gosto, de polvora forte, amarella, ou fraca, segundo o seu paladar e regimen, e em seguida colloca o «canhão» um pouco á direita da «telha»; por este modo é um instante emquanto se alinham os canhões.

O 2.º vigilante, depois de tudo alinhado. — Irmão 1.º Vigilante, tudo está carregado e alinhado na columna do Norte.

1.º vigilante. — Veneravel, tudo está carregado e alinhado em ambas as columnas.

Veneravel. — Tambem no Oriente... Vamos, meus Irmãos, de pé, á ordem, e alfange na mão!

Todos os convivas se levantam. Os irmãos dos trez primeiros graus põe a «bandeira» no ante-braço esquerdo; os dos graus superiores lançam-na ao hombro. Com o alfange na mão esquerda, põe-se com a direita á ordem de aprendiz. Os mestres de ceremonias, que estão dentro da ferradura, ficam assentados:

Veneravel. — Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, tende a bondade de annunciar em vossas columnas, que a primeira saude obrigatoria é ao Chefe do Estado e a sua familia. Ajunctar-lhe-hemos votos pelo bem da patria. Convido-vos a fazer o melhor fogo possivel; reservo para mim o commando das manobras.

Os vigilantes repetem a formula.

Veneravel. — Attenção, meus Irmãos!... Mão direita no alfange! .. (pegam todos nas suas facas). Levantar alfanges! .. (cada um levanta a sua faca). Continencia de alfange!... (fazem a continencia maçonica). Alfange na mão esquerda!... (tornam a passar a faca para a mão esquerda). Mão direita nas armas!... (pegam nos copos). Levantar armas!... (cada um levanta o seu copo). A' face!... (aproximam os copos da bocca). Fogo!.. (bebem uma parte). Bom fogo!... (bebem outra parte). O mais vivo e brilhante dos fogos! .. (despejam o resto). Descançar armas!... (aproximam os copos do hombro direito). Armas á frente!... (levam os copos á frente). Um!... (aproximam os copos do hombro esquerdo). Dois! .. (levam-nos outra vez ao hombro direito). Trez!... (levam-nos de novo á frente). Um! Dois! Trez!... (repetem a manobra). Um! Dois! Trez!... (tornam a repetil-a). Pousar armas!... (aqui espera-se pela ordem do veneravel). Um! Dois! Trez!... (a cada um d'estes tempos os irmãos abaixam gradualmente os copos; ao terceiro pousam-nos na mesa com estrondo e uniformidade, de maneira que se ouça uma só pancada). Alfange na mão direita!... (tornam a pegar com a mão direita nas facas, que até alli estavam na esquerda). Levantar alfanges!... (cada um levanta a sua faca). Continencia de alfange!... (fazem a continencia maçonica com as facas). Descançar alfanges!... pousam suavemente as facas na mesa). A mim, meus Irmãos, pela triplice bateria!... (batem trez vezes trez pancadas com as mãos) e pela acclamação mysteriosa!

Todos ao mesmo tempo. — Huzê! huzê! huzê!

Veneravel. — Tornemos a sentar-nos, meus Irmãos!

Os convivas proximos ao Veneravel assentam-se.

1.º vigilante. — Irmãos da columna do Meio-dia, tornemos a sentar-nos!

Assentam-se os convivas do lado esquerdo da ferradura.

2.º vigilante. — Irmãos da columna do Norte, tornemos a sentar-nos.

Assentam-se os convivas do lado direito.

Veneravel. — Meus Irmãos, os trabalhos estão suspensos.

Serve-se a segunda coberta, e volta-se a cavaquear e comer, mas não a beber.

Algumas vezes, quando o jantar não comprehende um numero sufficiente de cobertas, o veneravel ordena a segunda saude obrigatoria logo depois da primeira; mas então não declara suspensos os trabalhos.

## SEGUNDA SAUDE

O veneravel dá uma pancada, que é repetida pelos vigilantes. Calam-se todos, deixam completamente a «mastigação», e põe-se á ordem de mesa.

Veneravel. — Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, annunciae aos Irmãos de vossas respectivas columnas que os trabalhos que foram suspensos recobram força e vigor.

Os vigilantes annunciam.

Veneravel. — Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, convidae os Irmãos do vosso commando para se disporem a carregar e alinhar para a segunda saude de obrigação.

Os vigilantes repetem a formula.

Veneravel. — Carreguemos e alinhemos, meus Irmãos!

Tudo corre como na primeira saude.

Veneravel. — A segunda saude obrigatoria, que tenho o favor de vos propor, meus Irmãos, é a do Soberano Commendador Grão Mestre do rito e do Supremo Conselho. (1) A estas ajunctaremos outras a todos os Veneraveis Mestres das Lojas regulares, ás Lojas da correspondencia, bem como aos Grandes Orientes estrangeiros, aos Supremos Conselhos estrangeiros e a seus Grãos Mestres. Finalmente acompanharemos estas saudes com os mais expressivos votos pela prosperidade da Maçonaria sobre toda a face do globo.

Os vigilantes repetem o annuncio.

*Dispara-se* a saude, e applaude-se, como a primeira.

Se na sala estão alguns dos irmãos brindados na segunda saude obrigatoria, membros do governo central, veneraveis de lo-

(1) Se a loja, que se banquetea, pertence á obediencia do Grande Oriente, o veneravel diz: «... a do Grande Oriente e do Conselho da Ordem.»

jas regulares, deputados das lojas, officiaes das potencias maçonicas estrangeiras, ficam de pé durante o brinde, e as manobras, sem tomar parte nos exercicios, e, depois do triplice «huzê», pedem para agradecer, fallando um em nome de todos. Conservam-se de pé, durante este agradecimento. O veneravel manda applaudil-os; depois, concluido tudo, bate uma pancada de malhete, manda assentar os convivas, e, a seu bel prazer, suspende os trabalhos, ou os sustenta em vigor.

### TERCEIRA SAUDE

No momento, que os vigilantes julgam a proposito, bate o 1.º uma pancada de malhete, que o 2.º repete.

O veneravel, tendo por seu turno batido uma pancada. — Que pretendeis, Irmão 1.º Vigilante?

1.º vigilante. — Peço-vos, Veneravel, que vos digneis de mandar carregar e alinhar para uma saude, que terei o favor de propôr.

O veneravel convida os irmãos orador e 2.º vigilante a mandarem carregar e alinhar os canhões enfileirados diante dos irmãos do seu commando. Estes officiaes dão ordens, o orador aos irmãos que occupam os logares de honra, o 2.º vigilante aos da columna do norte, e o 1.º aos da columna do sul. Depois participa-se ao veneravel, que tudo está preparado.

Veneravel. — Irmão 1.º Vigilante tudo está carregado e alinhado; qual é a saude que desejaes propôr?

1.º vigilante. — A vossa, Veneravel! O veneravel curva-se, com expressão de agradavel surpreza.

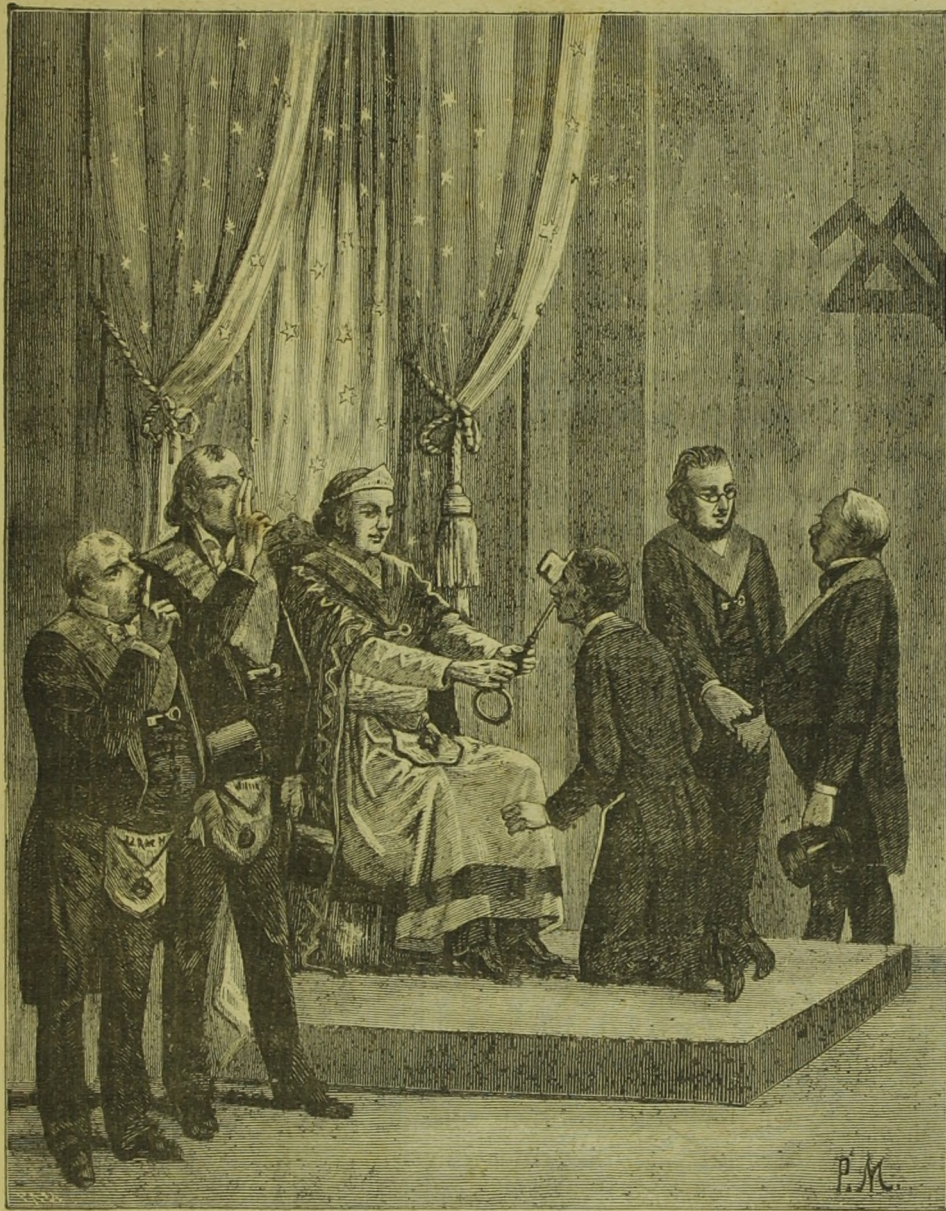
1.º vigilante. — Irmão 2.º Vigilante, Irmão Orador, tende a bondade de vos unir a mim, vós, Irmão 2.º Vigilante para commandar as manobras na columna do Norte, vós, Irmão Orador, para commandar no Oriente... De pé e á ordem, meus Irmãos, alfange na mão!

Todos obedecem. Só o veneravel permanece assentado, á ordem de mesa.

1.º vigilante. — Meus Irmãos, a saude que o Irmão 2.º Vigilante, o Irmão Orador e eu temos o favor de propor-vos, é a do nosso carissimo Veneravel; á qual ajunctaremos uma segunda a sua familia e os nossos mais ardentes votos pela prosperidade da nossa Respeitavel Loja. Pedimos-vos que vos unaes a nós para fazermos o melhor fogo possivel.

2.º vigilante. — Meus Irmãos, a saude que o Irmão 1.º Vigilante, o Irmão Orador e eu temos o favor de propor-vos, é a etc.

Orador. — Meus Irmãos, a saude que os Irmãos 1.º e 2.º Vigilante e eu temos o favor de propor-vos, é a etc.

Iniciação do Preboste e Juiz

'Neste grau, o presidente, que toma o titulo de «Trez vezes Illustre Tito», confia ao candidato uma chave tam enorme, como mysteriosa, que todos beijam com respeito, e se lhe diz ser a do logar, onde estão encerradas as sagradas cinzas d'Hiram.

O 1.º vigilante commanda as manobras, ou defere o seu commando ao 2.º vigilante, como julga conveniente; em todo caso é elle que manda applaudir, e dar o triplice «huzê».

O veneravel levanta-se, conservando-se os irmãos de pé e á ordem, agradece, applaude, e grita elle só por trez vezes: Huzê! [illegible] 1.º vigilante. — A mim, meus Irmãos! cubramos a bateria do nosso carissimo Veneravel.

A loja torna a applaudir.

Sentam-se todos. O veneravel suspende os trabalhos, se lhe parece conveniente, ou deixa-os em vigor.

## QUARTA SAUDE

Algum tempo depois, o veneravel repõe os trabalhos em vigor, no caso de os ter suspendido, e manda carregar e alinhar para a quarta saude de obrigação.

Estando tudo carregado e alinhado, propõe a saude dos Irmãos 1.º e 2.º vigilante, e a dos officiaes e dignitarios da Loja, ás quaes ajuncta a das officinas e a dos irmãos visitadores.

O orador e o secretario fazem os annuncios ás columnas, em vez dos vigilantes.

O veneravel commanda as manobras.

Todos os irmãos ficam sentados; só os vigilantes e dignitarios se levantam. Depois da saude e applausos finaes, os officiaes agradecem á loja, fallando por todos o 1.º vigilante; depois executam junctos, em honra da mesma, uma bateria, seguida do triplice «huzê», e o veneravel manda responder a esta bateria e acclamação por outra bateria e acclamação.

As deputações das lojas filiadas, e os irmãos visitadores agradecem por sua vez, applaudem, e são applaudidos.

Veneravel. — Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, fazei favor de annunciar aos Irmãos, que decoram vossas columnas que os trabalhos vão ser suspensos ao meu primeiro toque de malhete.

Os vigilantes annunciam.

Toque de malhete do veneravel, e reentrada geral em «mastigação». Está-se então á sobremesa.

Emquanto a officina está em «recreação», é costume entoar alguns «canticos», que celebram as doçuras, e vantagens da união maçonica, ou atacam mais ou menos brutalmente o catholicismo e seus dogmas, e são os d'este genero, que recebem mais applausos. Ao veneravel toca a responsabilidade d'esta especie de producções, porque o cantador não obtem a palavra, sem previamente ter submettido o texto ao seu exame.

Eis aqui, a titulo de specimen do genero mais innocente, um «cantico», que está plenamente no estylo empregado pela Maçonaria nos trez primeiros graus da iniciação. [a]

---

(a) Ao chegar a este ponto, hesitei se pediria á minha pobre musa bellezas para emoldurar pensamentos maçonicos. Mas logo me surgiu maior escrupulo, que de todo atalhou a perplexidade. Que recursos encontraria eu, quer no acanhamento das minhas faculdades, quer na estreiteza da lingua patria, para trasladar a vernaculo estes portentos da poesia, sem amesquinhar o seu valor? Como reproduzir a celestial consonancia d'aquellas parelhas, variada como o soar

I

Par nos chants, célébrons, mes Frères,
L'aménité de nos mystères ;
Il est midi !
Il est midi !
Si le Profane nous écoute,
D'abord pour le mettre en déroute,
Qu'il soit minuit !
Qu'il soit minuit !

II

Lorsque pour les travaux du temple,
Un coup de maillet nous rassemble,
Il est midi !
Il est midi !
Un seul mot, chez nous en usage,
Indique la fin de l'ouvrage :
Il est minuit !
Il est minuit !

III

Notre origine est respectable,
Ne la chargeons d'aucune fable ;
C'est une nuit !
C'est une nuit !
La raison murmure et s'afflige
Lorsqu'on masque par le prestige
Le jour qui luit !
Le jour qui luit !

IV

La vertu n'est point un problème ;
N'y jetons, par aucun emblème,
La moindre nuit !
La moindre nuit !
Tout homme a droit de la connaître ;
Le Maçon seul la fait paraître
En plein midi !
En plein midi !

I

Por nossos cantos, celebremos, meus Irmãos.
a amenidade de nossos mysterios :
é meio dia !
é meio dia !
Se algum Profano nos escuta,
primeiro para o desnortear,
seja meia noite !
seja meia noite !

II

Quando para os trabalhos do templo,
um toque de malhete nos convoca,
é meio dia !
é meio dia !
Uma só palavra, entre nós em uso,
indica o termo da tarefa :
é meia noite !
é meia noite !

III

A nossa origem é respeitavel
não lhe ajuntemos alguma fabula ;
isso é treva !
isso é treva !
A razão murmura e se afflige
quando alguem mascara pelo prestigio
o dia que luz !
o dia que luz !

IV

A virtude não é um problema ;
não lancemos sobre ella, por algum emblema,
a menor sombra !
a menor sombra !
Todo homem tem direito a conhecel-a ;
só o Mação a faz apparecer
em plena luz !
em plena luz !

---

d'um chocalho? e d'onde desencantar sons tam deleitosos, como aquellas rimas em i do *midi* e *minuit*, imitação maravilhosamente aperfeiçoada das melodias da coruja?

Mas sobretudo, sobretudo a graça e sublimidade dos pensamentos é que se me affigurava intraduzivel. Cruzei os braços. Nao quiz estragar pensamentos, nem a sua encadernação. Aqui offereço tudo muito direitinho aos leitores, mesmo como veio da *loja:* somente, para dar uns longes do que isto é por dentro aos menos conhecedores do francez, accrescento ao lado a versão em prosa: do que é por fóra, todos mais ou menos poderão ajuizar.

Advirta-se que meio dia e meia noite são termos technicos. Nos 3 primeiros graus, o meio dia é uma hora propicia, a hora de começar os trabalhos (que aliaz costumam ser de noite): a meia noite uma hora nefasta, que soa, quando na loja está algum intruso; é tambem a hora de encerrar os trabalhos.

A mesma regra, que aqui, seguirei em casos similhantes.

V

Servir l'Ordre et chérir son Frère,
Profanes, sans ce caractère,
Il est minuit !
Il est minuit !
Joignez-y pour l'Être Suprême
Le culte d'un cœur pur qui l'aime ;
Il est midi !
Il est midi !

VI

Amitié, charme de la vie,
Ailleurs serais-tu mieux servie
Qu'en ce réduit ?
Qu'en ce réduit ?
Des titres la froide chimère
Ici s'efface au nom de Frère
Qui nous unit !
Qui nous unit !

VII

Aidons-nous tous, ce terme est vaste ;
Mais, pour bien le faire et sans faste,
Qu'il soit minuit !
Qu'il soit minuit !
Un vrai bienfait veut le silence ;
Le cri de la reconnaissance
Sonne midi !
Sonne midi !

VIII

Entre nous, si quelqu'un fait brèche
Aux bonnes mœurs, qu'on se dépêche
De faire nuit !
De faire nuit !
Mais pour une vertu sublime,
Mais pour les traits dignes d'estime,
Qu'il soit midi !
Qu'il soit midi !

IX

Beau sexe qu'une loi sévère
Ecarte de ce sanctuaire,
Il est minuit !
Il est minuit !
Le temps viendra pour votre éloge ;
A notre cœur, — c'est votre horloge, —
Il est midi !
Il est midi !

V

Servir a Ordem, e querer bem a seu Irmão,
profanos, sem tal caracter,
é meia noite !
é meia noite !
Ajunctae para com o Ente Supremo
o culto d'um coração puro, que o ama ;
é meio dia !
é meio dia ! (a)

VI

Amizade, encanto da vida,
em outra parte serias tu mais bem servida
que 'neste asylo ?
que 'neste asylo ?
Dos titulos a frigida chimera
aqui se desvanece ao nome d'Irmão
que nos une !
que nos une !

VII

Ajudemo-nos todos, este termo é amplo ;
mas, para o fazermos bem e sem fasto,
seja meia noite !
seja meia noite !
O verdadeiro beneficio quer silencio ;
o brado do reconhecimento
dá meio dia !
dá meio dia !

VIII

Se alguem entre nós quebrantar
os bons costumes, apressemo-nos
a fazer noite !
a fazer noite !
Mas para uma virtude sublime,
mas para os rasgos dignos d'estima,
seja meio dia !
seja meio dia !

IX

Bello sexo, que uma lei severa,
affasta d'este sanctuario,
é meia noite !
é meia noite !
Tempo virá para elogiar-vos ;
em nosso coração, — vosso relogio, —
é meio dia !
é meio dia !

---

(a) Esta peste de versalhada parece querer dizer :
Onde não ha o caracter maçonico, que consiste em servir a Ordem e querer bem a seus Irmãos, é meia noite (estado d'ignorancia e infelicidade) : onde o ha, e esse caracter se completa pelo culto d'um coração puro e amante ao Ente Supremo, é meio dia (estado de sabedoria e ventura).

X

Amour, ton flambeau se renverse
Dans la liqueur que Bacchus verse
En plein midi !
En plein midi !
Malgré les pavots de Morphée,
Bientôt, pour toi, gloire et trophée,
Mais. . . à minuit !
Mais. . . à minuit !

X

Amor, teu facho se lança
no licor que Baccho derrama
em pleno meio dia !
em pleno meio dia !
Apesar dos soporiferos de Morpheu,
em breve terás gloria e tropheu,
mas. . á meia noite !
mas. . . á meia noite !

XI

Seconde-moi, charmante troupe,
Et ne quittons plus notre coupe
Jusqu'à minuit !
Jusqu'à minuit !
Les nœuds d'un lien agréable
Doivent se resserrer á table ;
Il est midi !
Il est midi !

XI

Ajuda-me tu, sympathica turma,
e não larguemos mais os copos
até á meia noite !
até á meia noite !
Os nós d'um vinculo agradavel
devem apertar-se á mesa ;
é meio dia !
é meio dia !

Para intelligencia da nona estancia, cumpre não perder de vista, que os aprendizes são admittidos aos banquetes das lojas; ora aos aprendizes (primeiro grau da iniciação) occulta-se cuidadosamente a existencia de lojas de adopção, ou de senhoras [a]. De sorte que esta estancia tem duplo sentido.

Para os aprendizes quer dizer:

«A Maçonaria não admitte actualmente as mulheres; mas tempo virá, em que ellas serão recebidas nos mysterios da ordem.»

Para os companheiros, mestres, e mações de graus superiores significa:

«Hoje estamos em sessão d'irmãos; por conseguinte não ha mulheres entre nós; mas na proxima sessão d'uma loja de adopção, sessão que nós esperamos com o coração impaciente, teremos o maior prazer em ir a casa de nossas irmãs!»

## QUINTA SAUDE

O veneravel convida o mestre de cerimonias a introduzir os irmãos serventes, que entram, com suas «bandeiras» no ante-braço, e seus «canhões». Tendo entrado, collocam-se no occidente, entre os dois vigilantes. Está-se então ao café.

---

(a) Repugna-me immenso enxovalhar o nome de senhoras na pessoa de taes Messalinas, que a Maçonaria tam acertadamente condecorou com o nome proprio d'uma cadella «*Mopse*» (nome grego). Desculpem-me os leitores honestos: tenho de me conformar com o original, que reproduz a linguagem da seita.

Dando uma pancada de malhete, o veneravel põe de novo os trabalhos em vigor e convida a carregar e alinhar para a ultima saude de obrigação.

Cada um dos vigilantes dá uma pancada de malhete, e repete a formula.

Veneravel. — Carreguemos e alinhemos, meus Irmãos!

Cada um carrega e alinha. Em seguida os vigilantes annunciam ao veneravel, que tudo está prestes.

Veneravel. — A pé, meus Irmãos!

Formemos a cadêa d'união, á ordem, e alfange na mão!

Levantam se todos; cada um dá uma ponta da sua «bandeira» aos visinhos da direita e da esquerda, toma egualmente uma ponta das d'elles, na qual pega com a mão esquerda, o que o não impede de, com a mesma, pegar no «alfange». [1]

Os irmãos serventes formam, com os vigilantes, a mesma cadêa, tendo no meio os mestres de cerimonias.

Veneravel. — Irmãos 1.º e 2.º Vigilante, a ultima saude obrigatoria é a de todos os Mações espalhados pela face da terra, tanto na prosperidade como na adversidade.

Dirijamos nossos votos ao Grande Architecto do Universo, para que lhe praza soccorrer os desgraçados e conduzir a bom porto os viajantes. Convidae os Irmãos d'uma e outra columna a se unirem a nós, para fazer esta saude com o melhor de todos os fogos.

Os vigilantes repetem.

O veneravel manda então passar uma palavra de amisade, que cada um transmitte ao outro, dando ambos mutuamente o osculo fraterno. Tendo a palavra circulado atravez da cadêa, e o principal mestre de cerimonias declarado, que verificou ser exacta, o veneravel entoa o «cantico d'encerração».

Eil-o na sua integra, se bem que ordinariamente se não cantam mais, que a primeira e ultima estancia, fazendo coro os irmãos todos.

---

(1) A cadêa d'união, que aqui se descreve, é a dos banquetes. Nas sessões ordinarias forma-se de maneira diversa.

Todos os membros da loja se entrelaçam. Lança-se um braço pela cinta do vizinho, e, com a mão, que fica livre, dão-se-lhe no hombro trez leves pancadas. Ao mesmo tempo dá-se mutuamente o triplice beijo fraternal (na face direita, na esquerda, e na bocca). Em seguida diz-se a palavra de semestre ao ouvido do irmão, que recebeu a bateria. O vizinho procede da mesma sorte com o outro vizinho; e d'este modo a bateria, o beijo, e a palavra, partidos do veneravel, que está entre o orador e o secretario, circulam simultaneamente nas duas columnas e chegam ao mesmo tempo ao mestre de cerimonias, collocado no outro extremo da cadêa, entre os dois vigilantes.

I

Frères et compagnons
De la Maçonnerie
Sans trouble jouissons
Des plaisirs de la vie ;
Munis d'un rouge-bord,
Que par trois fois le signal de nos verres
Soit une preuve que d'accord
Nous buvons à nos Frères !

I

Irmãos e companheiros
da Maçonaria
sem perturbação gozemos
dos prazeres da vida ;
munidos d'um copasio,
de nossas taças por trez vezes o signal
seja prova de que unanimes
bebemos á saude de nossos Irmãos !

II

Le monde est curieux
De savoir nos ouvrages ;
Mais tous nos envieux
N'en seront pas plus sages ;
Ils tâchent vainement
De pénétrer nos secrets, nos mystères ;
Ils ne sauront pas seulement
Comment boivent les Frères !

II

O mundo tem curiosidade
de saber nossas obras ;
mas nem um só curioso
saberá por isso mais :
procuram baldadamente
penetrar-nos os segredos, os mysterios ;
não saberão nem sequer
como bebem os Irmãos !

III

Ceux qui cherchent nos mots,
Se vantant de nos signes,
Sont du nombre des sots
De nos soucis indignes :
C'est vouloir de leurs dents
Prendre la lune en sa course altière ;
Nous-mêmes serions ignorants,
Sans le titre de Frère !

III

Os que investigam nossas palavras,
ufanando-se de conhecer-nos os signaes,
são do numero dos tolos
indignos de nossos cuidados :
isso é querer a dente
abocanhar a lua em seu curso altivo ;
nós mesmos seriamos ignorantes,
se não tiveramos o titulo d'Irmão !

IV

On a vu, de tous temps,
Des monarques, des princes,
Et quantité de grands
De toutes les provinces,
Pour prendre un tablier,
Quitter gaîment leurs armes guerrières,
Et toujours se glorifier
D'être connus pour Frères !

IV

Em todo o tempo se viram
monarchas, principes,
e numerosos grandes
de todas as provincias,
por tomar um avental,
deixar alegremente suas armas bellicosas,
e gloriar-se sempre
de serem conhecidos por Irmãos !

V

L'antiquité répond
Que tout est raisonnable,
Qu'il n'est rien que de bon.
De juste et vénérable
Dans les sociétés
Des vrais Maçons et légitimes Frères;
Ainsi, buvons à leur santé
Et vidons tous nos verres !

V

A antiguidade assegura
que tudo é razoavel,
que nada ha senão bom,
senão justo e veneravel
nas sociedades
dos verdadeiros Mações e legitimos Irmãos ;
bebamos pois á sua saude
e despejemos todos os nossos copos !

VI

Joignons-nous main à main,
Tenons-nous ferme ensemble :
Rendons grâce au destin
Du nœud qui nous rassemble ;
Et soyons assurés
Qu'il ne se boit, sur les deux hémisphères,
Point de plus illustres santés
Que celle de nos Frères !

VI

Junctemo-nos, mão a mão,
mantenhamo-nos firmes uns com os outros;
demos graças ao destino
pelo nó que nos une ;
E estejamos certos
de que se não fazem, nos dois hemispherios,
saudes mais illustres
que a de nossos Irmãos !

Veneravel. — Attenção, meus Irmãos!... Mão direita nas armas!... Levantar armas!... A' face!... Fogo!... Bom fogo!... Triplice fogo!... Descançar armas!... Armas á frente!...

Repetição, em côro, dos dois ultimos versos.

Veneravel. — Um! dois! trez!...

Segunda repetição dos dois ultimos versos.

Veneravel. — Um! dois! trez!...

Terceira repetição dos dois ultimos versos.

Veneravel. — Ainda uma vez, á frente!... Um! dois! trez!...

Faz-se de novo e por trez vezes o esquadro com o copo, e ao mesmo tempo canta-se, tambem por trez vezes, a ultima repetição.

Veneravel. — Pousar armas!... Um! dois! trez!... Alfange na mão direita!... Levantar alfanges!... Continencia d'alfanges!... Descançar alfanges!...

Cada um, pondo a faca na mesa, torna a pegar no seu guardanapo, e larga as pontas dos de seus vizinhos.

Veneravel. — A mim, meus Irmãos, pela triplice bateria (executam a bateria de aprendiz) e pela acclamação mysteriosa.

Todos, a um tempo. — Huzê! huzê! huzê!

D'esta feita o fim do interminavel banquete não está longe.

O veneravel bate uma pancada de malhete, que os vigilantes repetem methodicamente. O secretario faz uma rapida leitura do borrão da sua acta.

Observações, se têm logar; applausos.

Depois o veneravel manda perguntar, se não ha propostas, que interessem ao bem da ordem em geral, e ao da loja em particular.

Se alguma apparece, escuta-se e resolve-se, não sendo a sua adopção ou rejeição asada para acarretar discussões; aliaz addia-se para a primeira sessão da officina.

Em seguida o veneravel dirige aos vigilantes as perguntas d'ordem:

Veneravel. — Irmão 1.º Vigilante, que edade tendes?

1.º vigilante. — Trez annos, Veneravel.

Veneravel. — A que horas costumamos nós fechar nossos trabalhos?

1.º vigilante. — Á meia noite.

Veneravel. — Irmão 2.º Vigilante, que horas são?

2.º vigilante. — Meia noite em ponto, Veneravel.

Etc., como no encerramento d'uma sessão ordinaria no grau de aprendiz, sem esquecer uma nova bateria, e um novo terno de «huzês».

Finalmente o veneravel dá uma pancada de malhete, e diz:

— Meus Irmãos, os trabalhos estão fechados, retiremo-nos em paz.

Cada um dos vigilantes dá uma pancada de malhete, e faz o mesmo annuncio.

Tiram todos as suas insignias, e saem.

Em summa, estes banquetes das lojas de homens são bastante inoffensivos: o que sobretudo são é grotescos. Os banquetes androgynos (festas das lojas de senhoras) onde os maçães estão misturados com as maçonas, têm outro caracter, que não pára no ridiculo.

## CAPITULO QUINTO

### COMPLEXO DOS SEGREDOS DA MAÇONARIA AZUL

Observação. — Antes de mais nada, devo prever uma objecção, e responder-lhe.

Alguns leitores poderiam pensar, que a divulgação dos segredos, que constituem o objecto d'este capitulo, dentro em pouco não terá proveito algum, não tendo para isso mais a Maçonaria, que

mudar as suas palavras de passe, palavras sagradas, signaes, toques, etc., desde a publicação d'esta obra.

Pois estejam seguros: esta divulgação ha de embaraçar consideravelmente os mações; mas nenhum grande oriente ou supremo conselho lhes poderá valer. Effectivamente é preciso não perder de vista, que estas palavras, signaes e toques secretos, estão estabelecidos desde a creação da Maçonaria, e são communs a todas as lojas, e a todos os capitulos e areopagos do mundo inteiro. Se, para satisfacção pessoal de seus membros, as officinas maçonicas do nosso paiz tomassem a liberdade de mudar alguns d'estes segredos convencionados e assentados entre todas as officinas do globo, todas as relações entre as lojas e traslojas d'este paiz e as das outras nações se romperiam. Alem d'isso, não só cada palavra, signal, toque, etc., tem sua razão de ser particular e sua significação expressa, mas tambem todos estes segredos se apoiam uns nos outros, e o seu conjuncto forma uma verdadeira organisação, uma harmonia immutavel. Impossivel é aos mações mudarem um só d'estes segredos. Mesmo quando (coisa inadmissivel) todos os grandes orientes e supremos conselhos do mundo se reunissem 'num capitulo [a] universal, não poderiam modificar o que se estabeleceu desde o principio; ser-lhes-hia mister crear novas lendas, para fundamentar os seus novos segredos, o que importaria refundir completamente a Maçonaria. Ora uma tal perturbação dos mysterios admittidos traria comsigo a desorganisação immediata da associação.

## GRAU D'APRENDIZ

(1.º GRAU)

Reconhece-se o aprendiz pelo modo de se pôr á ordem, pelo signal, pelo toque, pela marcha, pela palavra de passe, pela palavra sagrada, pela palavra de semestre, pela edade, pela bateria, pelo vestuario, e pelo tempo de trabalho.

Ordem. — Pôr-se á ordem é tomar uma posição convencional particular, e conservar-se 'nella por um momento. O aprendiz, de pé, colloca inteiramente a mão direita abaixo da garganta, com os dedos unidos, menos o pollegar, aberto em esquadria, deixando pender o braço esquerdo. Quando o veneravel, 'numa sessão, a que assistem aprendizes, diz: «Á ordem, meus Irmãos», todos os que estão presentes tomam a posição, que acabo de indicar.

---

(a) Assemblea legislativa dos mações. A Maçonaria Franceza dá-lhe o nome de *convent*, e o de capitulo, *chapitre*, ás officinas dos graus 4.º a 18.º: mas os mações portuguezes não guardam esta distincção.

Signal. — O signal de reconhecimento (ou simplesmente — o signal) de aprendiz, serve aos mações do 1.º grau para se reconhecerem fóra das lojas, em todas as circumstancias da vida ordinaria. Eis o modo de o fazer: o mação põe-se á ordem, sem o parecer isto é, sem dar mostras d'estar 'numa attitude convencional, que seria notada pelos profanos; depois, com rapidez, e sempre d'um modo imperceptivel, retira horisontalmente a mão direita, levando-a do coração ao lado direito, e em seguida deixa-a cair a prumo. Este signal, que na linguagem maçonica se chama o «signal guttural», serviu na realidade para traçar sobre o peito a figura d'um esquadro. O segredo consiste pois em bem traçar um esquadro sobre o peito, e a arte em executar o movimento com destreza bastante para elle não ser notado senão dos mações, que por acaso se achem presentes.

Toque. — O toque peçuliar aos aprendizes é o seguinte: pegam na mão d'aquelle, por quem querem fazer-se reconhecer, tomando-lhe os quatro dedos, e carregando-lhe de leve na primeira phalange do index com a unha do pollegar.

Os mações dependentes do Grande Oriente da França servem-se do mesmo toque, para se reconhecerem; sómente dão a mais mutuamente trez ligeiras pancadas com o pollegar na primeira phalange do index, duas precipitadas, separadas da terceira, conforme á bateria do grau.

Marcha. — Ao entrar 'numa loja, deve o aprendiz dar trez passos de certo modo; é isto o que se chama a marcha. Eis como se pratica: primeiro toma-se a posição á ordem, com o corpo um tanto d'esguelha; depois adianta-se o pé esquerdo, e chega-se-lhe em seguida o direito de travez, calcanhar com calcanhar, de sorte que os pés ambos, tocando-se, formem esquadro; repete-se ainda duas vezes este passo, e, por modo de saudação, faz-se o signal de reconhecimento, a primeira vez dirigido ao veneravel, que está sentado ao fundo, a segunda aos irmãos sentados á direita (á direita, entrando, e por conseguinte á esquerda do veneravel) e a terceira aos sentados á esquerda. Cada uma das trez saudações faz-se a par com um dos trez passos.

Nas lojas dependentes do Grande Oriente da França, a marcha é igual, só com a differença de se partir com o pé direito.

Palavra de passe. — Não ha palavra de passe para o grau de aprendiz nas lojas do Rito Escossez.

Ha pelo contrario uma nas que dependem do Grande Oriente da França. Esta palavra é exigida ao aprendiz, que se apresenta, pelo irmão encarregado de o «telhar», isto é, de verificar a sua qualidade de mação e o seu grau. A esta pergunta do irmão telha-

dor: «Dae-me a palavra de passe» — é preciso responder sem hesitação: *Tubalcaim.*

Palavra sagrada.— Attenção! Aqui está o ponto capital. Esta palavra deve conservar-se tam secreta, que é prohibido aos mações pronuncial-a: devem calal-a, succeda o que succeder. Sómente é permittido soletral-a, dizendo um a primeira lettra, o outro a segunda, depois o primeiro a terceira, etc.

Essa famosa palavra sagrada é *Bohaz* e significa *força.* Por corrupção, muitos mações em França dizem *Booz.*

Nas lojas dependentes do Grande Oriente da França, a palavra sagrada é *Jakin*, e significa *estabilidade.*

Cada grau tem a sua palavra sagrada especial; por isso cumpre sabel-as bem, se alguem quizer fazer acreditar a um irmão dos trez pontos, que pertence á sua confraria, e divertir-se por um pouco á custa d'elle.

A palavra sagrada póde pedir-se fóra da loja entre duas pessoas, investigando uma d'ellas a qualidade maçonica da outra. Cada um diz alternadamente uma lettra, como deixo explicado, ao ouvido do outro; antes porém trava-se um breve dialogo.

Supponho dois mações, que se encontraram 'numa viagem, e se reconheceram mutuamente, esboçando no peito o signal do esquadro. Apertaram a mão, e, pelo toque, viram que eram ambos aprendizes. Entretanto um d'elles — dêmos-lhe o nome de Pedro — concebe alguma desconfiança, e, para saber o que deve pensar, e se não está com um falso mação, pede a Paulo a palavra sagrada. Eis como as coisas se passam:

Pedro. — Far-me-heis o favor, meu irmão, de me dar a palavra sagrada?

Paulo. — Bem sabeis, irmão, que a palavra sagrada não se pronuncia. Apenas podemos soletral-a. Dae-me a primeira lettra, e eu vos darei a segunda.

Pedro. — B

Paulo. — O

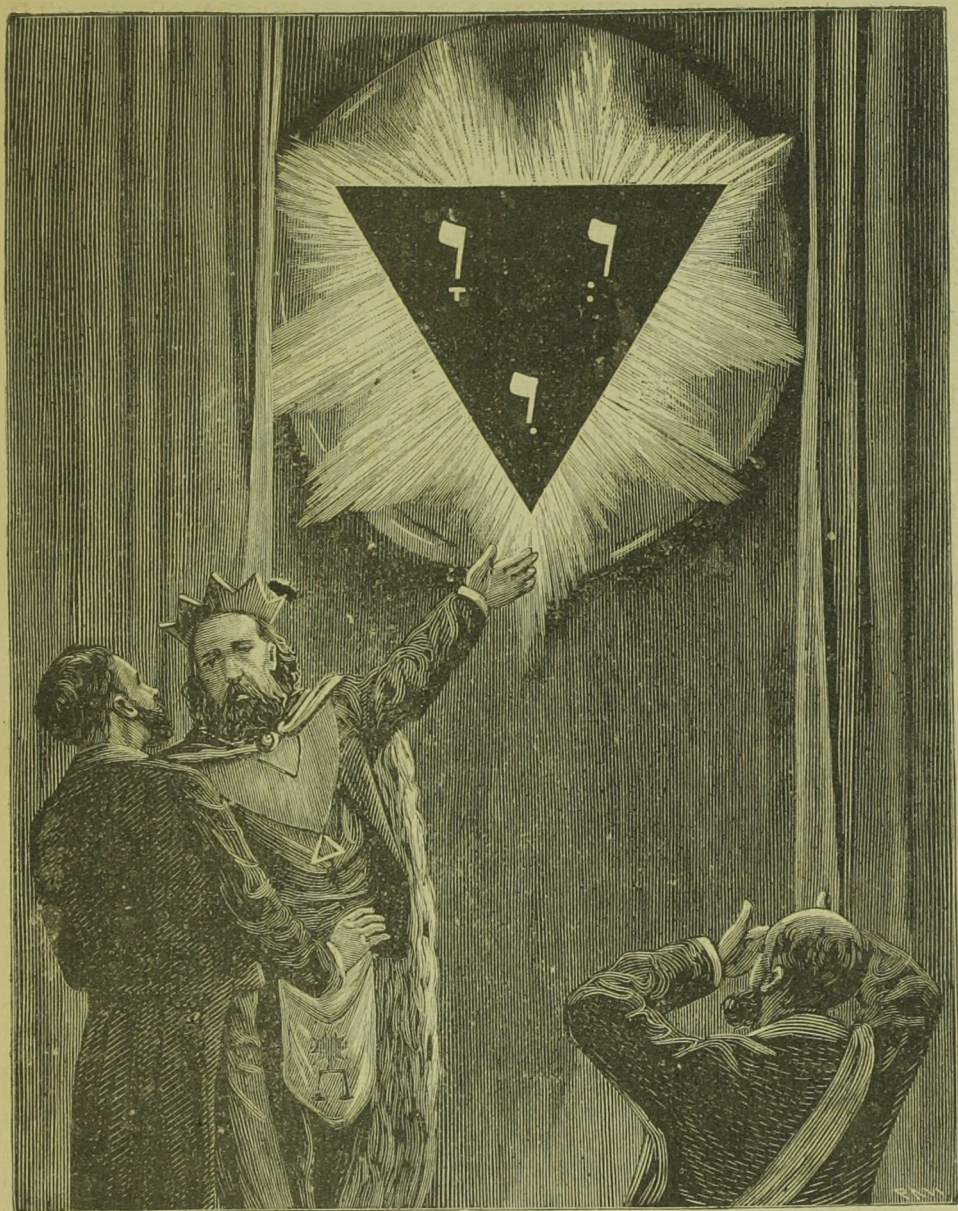
Pedro. — H

Paulo. — A

Pedro. — Z

E sobre este ponto Pedro fica satisfeito. Desde então está averiguado que Paulo não é mação por brincadeira.

Mas em geral não se chega á palavra sagrada. Isso é muito serio! Depois do signal de reconhecimento, vem o toque, e quasi sempre se fica 'nisto. Algumas vezes chega-se a perguntar mutuamente pela edade, e pela hora, a que cada um começa a trabalhar (vamos ver estas duas perguntas, com as respostas, que importa dar) e tudo se cifra 'nisto, nos encontros, quetêm logar fóra das lo-

INICIAÇÃO DO INTENDENTE DOS EDIFICIOS

— Vede a grande Luz, Illustre Irmão, e contemplae, se vossos olhos podem supportar seu brilho, as trez lettras mysteriosas do formidavel triangulo

jas. Não obstante, para maior segurança, bem fará quem retiver a palavra sagrada, para estar prevenido para qualquer pergunta d'um telhador desconfiado.

Palavra de semestre. — Esta palavra é enviada duas vezes por anno, em epochas fixas (veja-se a Constituição) pela auctoridade maçonica central aos veneraveis de todas as lojas, que, na reunião indicada, a communicam aos irmãos presentes. Consta de duas palavras, que principiam pela mesma lettra, e o Grande Oriente, bem

como o Supremo Conselho, segue a ordem alphabetica em cada mudança semestral.

Assim, ha algum tempo, a palavra de semestre nas lojas francezas era: *Sciencia, Sabedoria*. Seis mezes depois, foi: *Templo, Tolerancia*. Depois, ao fim de seis mezes: *União, Unidade*. No semestre seguinte: *Verdade, Virtude*. E assim por diante. A palavra de semestre mais recente é: *Hugo, Humanidade*.

Esta palavra dá-se ao ouvido do seguinte modo:

Pedro. — Far-me-heis o favor, meu irmão, de me dar a palavra de semestre?

Paulo, ao ouvido direito de Pedro. — *Hugo!* Depois ao esquerdo. — *Humanidade!*

Nunca, sob pretexto algum, deve pronunciar-se a palavra de semestre fóra das lojas. Por isso, se não é necessario conhecel-a para desfructar fóra d'ellas um irmão dos trez pontos, é pelo contrario indispensavel sabel-a, se 'numa viagem quizermos offerecer-nos a curiosidade de assistir á reunião secreta d'uma loja.

Para conseguir este resultado, será sem duvida mister usar de astucia; mas póde chegar-se lá, porque as prohibições constitucionaes não impedem muitos irmãos de se recordarem uns aos outros fóra das lojas as palavras de semestre esquecidas. Bastará, por exemplo, logo que o vosso interlocutor tenha reconhecido bem que sois seu irmão na Maçonaria, confessar-lhe incidentemente, que de ha algum tempo tendes caido na falta de vos descuidardes de assistir com regularidade aos trabalhos da vossa loja.

Se estaes com um mação extremamente desconfiado, elle se tirará de apuros, dizendo:

— Sinto muito não poder satisfazer-vos, meu irmão; mas vós conheceis os nossos regulamentos. Eu não posso dizer-vos a palavra de semestre, que não deve pronunciar-se fóra das lojas. Quando fordes ao vosso oriente (á vossa cidade) pedireis ao veneravel da vossa officina, que vos dê a palavra actual.

Mas, se o vosso interlocutor é um mação sociavel (e sem duvida os ha) quando lhe tiverdes dado bem o toque, dicto bem a vossa edade e hora de trabalho, dicto bem a palavra de passe, pronunciado bem a palavra sagrada, quando tiverdes cavaqueado com elle por algum espaço, dando-vos ares de vos interessardes vivamente pela Maçonaria, e de lamentardes que as vossas occupações vos tenham impedido de irdes mais a miudo á vossa loja, quando lhe tiverdes contado, que, no tempo, em que a frequentaveis, ella se entretinha em trabalhos pouco interessantes, não havendo nunca conferencias, por falta de oradores mações na vossa cidade, oh! então o homem, se não insistirdes com demasiada evidencia, ha de vos dar a palavra de semestre em vigor. Se vos tornardes bons

amigos, ha de até acompanhar-vos á loja da cidade, aonde vos tiver levado a viagem. Sómente, se tendes empenho em vos divertir 'nesta brincadeira, tomae tento em arranjar um avental, e uma banda azul de mestre. O *Almanach-Bottin*, na palavra «Franc-Maçonnerie», indica os negociantes de Paris, em cujos estabelecimentos se compram estas bandas. Primeiro com as minhas instrucções, e depois com uma banda de mestre no bolso, e a palavra semestral arrancada com habilidade e sem dôr a um companheiro de viagem, mação sociavel, entrareis em qualquer loja e assistireis ás sessões (bem entendido, trata-se aqui d'aquellas, a que são admittidos os aprendizes, companheiros, e mestres) (1).

Todavia, introduzindo-se 'numa sessão de loja, ninguem descobrirá nada mais, que aquillo, que eu revelei 'nesta obra. A maior utilidade das revelações d'este capitulo está em ministrar aos meus leitores inimigos da Maçonaria os meios de se divertirem por um pouco á custa dos irmãos dos trez pontos, que encontrarem na cidade fóra das lojas, ou em viajem.

Voltemos ao curso das nossas divulgações relativas ao grau de aprendiz.

Edade. — A edade convencional do aprendiz é de trez annos, qualquer que seja o seu rito.

Bateria. — Dá-se este nome ao modo de bater. Quando um aprendiz entra em casa d'um irmão, bate á porta trez pancadas eguaes, isto é, egualmente espaçadas, d'este modo: O — O — O.

Nas lojas dependentes do Grande Oriente da França, a bateria compõe-se de trez pancadas, duas dadas precipitadamente, e a terceira após uma breve pausa, d'esta sorte: O O — O.

A bateria serve tambem de regular os applausos. As trez pancadas dão-se nas mãos. A « bateria de tristeza » dá-se com a mão direita, no ante-braço esquerdo.

Claro está, que eu não repetirei todas estas explicações nos segredos de cada grau, o que se tornaria fastidioso. Quando o leitor não comprehender bem, deverá remetter-se ás presentes explicações do grau de aprendiz, e assim verá a differença, que existe entre tal segredo do primeiro grau, e o segredo correspondente de qualquer outro grau.

Traje. — O traje é o uniforme da loja ou de cerimonia publica, tendo o veneravel auctorisado o uso das insignias na rua. Esta auctorisação é facultativa. Assim, nas exequias de Luiz Blanc e nas de Gambetta, os mações seguiram o carro funebre revestidos

(1) No meu volume intitulado *O Culto do Grande Architecto*, dei os nomes e direcção de todas as lojas da França, com os dias e horas das reuniões, e os nomes e direcções dos veneraveis.

de suas bandas azues, vermelhas, brancas, verdes, pretas, etc. Pelo contrario, nas de Victor Hugo, os veneraveis não auctorisaram o uso das insignias (eis o que não sei explicar) e os mações não se fizeram notar dos outros assistentes senão pelos ramos d'acacia, com que tinham enfeitado a lapella das casacas.

Por traje traz pois o aprendiz na loja um pequeno avental de couro branco (o que lhe é entregue no dia da iniciação) que ata á cinta com duas fitas. — Entre parenthesis, este minusculo avental, que apenas tem alguns centimetros de largura, dá a quem o traz um aspecto completamente grotesco.

O pequeno babadouro do avental deve andar levantado.

Tempo do trabalho.— Um aprendiz suppõe-se, que trabalha do meio dia á meia noite. E' mais uma phrase convencional. Qualquer que seja a hora, a que, 'numa loja, se abre uma sessão, á qual assistem aprendizes, seja qual fôr o seu rito, essa hora é sempre meio dia. Egualmente, á hora do encerramento, é sempre meia noite.

Esta linguagem figurada foi adoptada entre mações, mesmo fóra das lojas. Como cada classe de graus maçonicos tem horas de convenção diversas, pergunta-se mutuamente por este ponto para saber a que grau cada um pertence.

Assim Pedro, sentado á mesa 'num café, vê entrar Paulo, a quem não conhece: notou porém, que este desconhecido, ao entrar, traçou rapidamente um esquadro sobre o peito. Pedro diz comsigo: «Alto, ahi, está um irmão, que sauda maçonicamente para se dar a conhecer aos bons mações, que porventura aqui estejam presentes». E, como Pedro pratica muito a serio os usos maçonicos, não deixará, logo que Paulo deite os olhos para o seu lado, de traçar por seu turno o esquadro sobre o peito, ou (o que é de uso muito frequente nos estabelecimentos publicos) fazer com o copo um gesto analogo, isto é, uma manobra rapida em dois movimentos, o primeiro horisontal, e o segundo perpendicular, de cima para baixo. Eis portanto Paulo determinado. Vae ter com Pedro. Sabem que são ambos irmãos, ou pensam-no pelo menos. Mas, como estes signaes maçonicos da saudação e da manobra do copo são já bastante conhecidos dos profanos (porque ha mações desageitados, que fazem os seus movimentos de esquadro em publico d'um modo tão automatico, que toda a gente repara, e por isso este grande segredo divulgou-se) como Pedro, digo, póde querer averiguar melhor a qualidade maçonica de Paulo, trará á conversa esta phrase, que parece não valer nada:

— A que hora se começa a trabalhar em sua casa?

Se Paulo é falso mação, não verá o laço, e dirá ingenuamente a hora, a que principia a trabalhar no seu escriptorio, ou, se vive

dos seus rendimentos, responderá isso mesmo. Se pelo contrario é verdadeiro mação, á insidiosa pergunta do seu interlocutor responderá:

— Ao meio dia.

Um aprendiz não póde dar outra resposta.

### Perguntas d'ordem para a entrada no templo

Concluirei as divulgações relativas ao primeiro grau, declarando as perguntas, que se fazem, e as respostas, que se dão ao entrar 'numa loja.

Estas perguntas não se fazem a um irmão conhecido; mas se o irmão, que se apresenta, é extranho á loja, o que está á porta interrogal-o-ha, ou pelo menos tem direito de o interrogar, pelo modo que vou dizer, e cumpre que elle responda exactamente.

Chama-se este interrogatorio as «Perguntas d'ordem para a entrada no Templo».

Eis aqui esse dialogo por perguntas e respostas:

P. Sois Mação? — R. Os meus Irmãos e Companheiros me reconhecem por tal.

P. Que homem póde aspirar a ser Mação? — R. O que nasceu livre e é de bons costumes.

P. Quaes são as disposições necessarias para ser recebido? — R. A primeira é a pureza do coração.

P. Qual é a segunda? — R. Uma submissão absoluta ás formalidades prescriptas para a recepção.

P. Que edade tendes? — R. Trez annos. (1)

## GRAU DE COMPANHEIRO

(2.º GRAU)

Ordem. — 1.º Põe-se sobre o coração a mão direita semi-aberta, isto é com os dedos incurvados, menos o pollegar, que se conserva levantado para formar o esquadro; 2.º, e ao mesmo tempo,

(1) Nas lojas, que dependem do grande Oriente da França, as perguntas d'ordem são as seguintes:

P. Sois Mação? — R. Os meus Irmãos me reconhecem por tal.

P. Que é um mação? — R. E' um homem livre e de bons costumes, egualmente amigo do pobre e do rico, se elles são virtuosos.

P. Que vindes fazer á loja? — R. Aprender a vencer minhas paixões, a sopear meus appetites e a fazer novos progressos na Maçonaria.

P. Por onde hei-de eu conhecer que sois Mação? — R. Por meus signaes, palavras e toques.

P. Que edade tendes? — R. Trez annos.

Dá-se então o signal, a palavra de passe, o toque, a palavra sagrada e a de semestre.

eleva-se até á altura da cabeça a mão esquerda completamente aberta, com a palma para a frente, os dedos cerrados e o pollegar aberto em esquadro, tendo o cotovelo o mais proximo possivel do corpo.

Nas lojas dependentes do Grande Oriente da França, apenas se executa a primeira parte d'este signal d'ordem.

SIGNAL. — Quem faz o signal, põe-se á ordem; depois tira a mão direita horisontalmente do coração á ilharga direita, e então deixa cair simultaneamente a mão direita sobre a coxa direita, e a esquerda sobre a coxa esquerda.

Chama-se este signal o «signal peitoral».

Grande Oriente da França. — O mesmo signal, mas sómente com a mão direita em tudo.

TOQUE. — Pega-se com a mão direita na direita do Irmão por quem desejamos fazer-nos reconhecer; pousa-se naturalmente o pollegar na depressão, que elle tem entre as primeiras phalanges dos dedos medio e annular, e ao mesmo tempo diz-se-lhe a palavra de passe do segundo grau.

Então o irmão põe a unha do pollegar na primeira phalange do nosso dedo medio, e carregando com ella, diz J. Esta é a primeira lettra da palavra sagrada. Responde-se dizendo a segunda lettra, e assim por diante.

Em summa, no grau de companheiro, diz-se, com o toque, primeiro a palavra de passe, e em seguida a palavra sagrada (esta soletrada).

Grande Oriente da França. — Pegue-se na mão direita, dêem-se levemente com o pollegar, 1.°, na primeira phalange do index, trez pancadas conformes á bateria de aprendiz; 2.°, em seguida, duas pancadas eguaes, na primeira phalange do dedo medio.

MARCHA. — Os tres passos d'aprendiz, e dois obliquos, um á direita, com o pé direito, e reunir, o outro á esquerda, com o pé esquerdo, e reunir.

Grande Oriente da França. — A mesma marcha: sómente se dão os passos partindo com o pé direito.

BATERIA. — Cinco pancadas eguaes: O — O — O — O — O.

Grande Oriente da França. — Cinco pancadas em 2, 1, e 2, do modo seguinte: O O — O — O O.

TRAJE. — O mesmo avental que no grau de aprendiz; mas é preciso trazer descido o babadouro.

TEMPO DO TRABALHO. — Do meio dia á meia noite.

EDADE. — Cinco annos.

PALAVRA DE PASSE. — *Schibboleth.* Esta palavra significa «*espiga de trigo*». Recorda aos iniciados uma allegoria obscena, contada e explicada em loja de senhoras.

PALAVRA SAGRADA. — *Jakin.* Esta palavra soletra-se. Suppõe-se que significa «estabilidade».

Grande Oriente da França. — A palavra sagrada é *Bohaz*, ou *Booz*, e significa «força».

PERGUNTAS D'ORDEM PARA A ENTRADA NO TEMPLO

P. Sois Companheiro? — R. Sou, examinae-me, experimentae-me.

P. Onde fostes recebido por Companheiro? — R. 'Numa loja de Companheiros regulares.

P. Que vos disseram á entrada? — R. Quem está lá?

P. Que respondestes? — R. Um Aprendiz que acabou o seu tempo e pede para ser recebido como Companheiro.

P. Que edade tendes? — R. Cinco annos. [1]

## GRAU DE MESTRE

(3.º GRAU)

ORDEM. — Para qualquer se pôr á ordem no grau de mestre leva ao coração a mão direita aberta, com os dedos separados, e o pollegar o mais apartado possivel, o qual apoia sobre o coração, tendo a mão horisontal, e conservando o braço direito chegado ao corpo.

SIGNAL. — Estando á ordem, tirar a mão horisontalmente como cortando o peito com o pollegar; levantar as mãos á altura da cabeça, com os dedos unidos nas extremidades, e dizer: *Ah! Senhor meu Deus!* (Esta exclamação tornou-se facultativa: fóra das lojas, já se não faz.) Depois deixar cair as mãos sobre o avental 'numa attitude de surpreza e espanto.

Chama-se este signal o «signal d'horror».

Grande Oriente da França. — Estando á ordem, levar a mão direita á altura da testa, com a palma para fóra, estender o braço esquerdo, com o punho cerrado, como segurando uma espada, cuja ponta se dirigisse para a frente contra a terra; desviar a cabeça

---

(1) Eis as perguntas d'ordem do Grande Oriente da França:

P. Sois companheiro? — R. Sou, sim.

P. Para que arranjastes a ser admittido por Companheiro? — R. Para conhecer a lettra G, quinta consoante do alphabeto.

P. Que significa ella? — R. Geometria, Geração. E', nas linguas do Norte, a inicial do nome do grande Architecto do Universo.

P. Como fostes recebido por Companheiro? — R. Passando da columna J á columna B, e subindo os cinco degraus do Templo.

P. Onde recebem os Companheiros o seu salario? — R. Na columna B.

P. Que edade tendes? — R. Cinco annos.

para o lado direito, e recuar o corpo e o pé direito, tudo simultaneamente.

*Nota.* — O signal de reconhecimento do grau de mestre simplificou-se nos varios ritos, para se usar fóra das lojas. E' claro que dois mestres, que se entregassem na rua a esta ridicula pantomima, dariam muito nas vistas, e seriam um acepipe para os transeuntes. Por isso, fóra da loja, contentam-se com o signal seguinte: põe sobre a fronte as costas da mão esquerda, com o pollegar estendido para baixo, formando esquadro; ao mesmo tempo têm o punho direito cerrado, menos o pollegar, que applicam d'um golpe á bocca do estomago, como se 'nella o quizeram enterrar. Deve-se manobrar com rapidez e sem affectação. O movimento da mão direita presume-se figurar, que o architecto do templo de Salomão foi assassinado pelos companheiros criminosos; o movimento da mão esquerda suppõe-se representar o gesto d'horror, que fizeram os mestres, ao descobrirem o cadaver do sobredito architecto.

Signal de afflicção. — Os mestres, mais favorecidos que os companheiros e aprendizes, têm alem d'este um signal particular, de que podem servir-se em caso de perigo, para chamarem em seu auxilio os irmãos, que por acaso estejam presentes. Este signal faz-se assim: voltam-se as mãos ambas, com as palmas para fóra e os dedos entremettidos, sobre a cabeça, ou á altura da testa, e exclama-se: «*A mim, filhos da Viuva!*» A este grito e gesto, qualquer mestre, que por alli esteja, é strictamente obrigado a correr em soccorro do seu irmão. Este signal emprega-se mormente na guerra, nos campos de batalha. Os mações, que 'num combate se vêem entre os vencidos, fazem o signal de afflicção, e então os mações do lado dos vencedores têm o dever de poupar os combatentes, que assim se declararam seus irmãos, podendo todavia chacinar os outros com mais uma pouca de vontade, a titulo de compensação.

O signal de afflicção, quando se emprega nas circumstancias ordinarias da vida civil, deve fazer-se simples e rapidamente pelo voltar das mãos sobre a cabeça, e sem o grito de soccorro.

Toque. — Consiste em: 1.º aproximarem mutuamente o pé direito pela parte de dentro; 2.º unirem os joelhos direitos, e aproximarem um do outro a parte superior do corpo; 3.º pousarem reciprocamente a mão esquerda sobre o hombro direito, para se prenderem mais estreitamente, e se puxarem um para o outro; 4.º pegarem mutuamente na mão direita, formando a garra para abranger a palma. Este ultimo movimento é o que se chama «dar as mãos em garra de mestre». A palavra *garra* indica realmente com muita exactidão a fórma, que, 'nesta posição, tomam as mãos, porque as direitas dos dois irmãos ficam aferradas uma á outra, pe-

INICIAÇÃO DO MESTRE ELEITO DOS NOVE

— Aqui está, meus Irmãos, diz o rei de Tyro, mostrando o manequim, aqui está o sagrado penhor, que vos deixou Hiram. Sobre a cabeça d'esta creança, filha do Mestre e de Balkis, juremos castigar a traição e punir o crime!

los quatro dedos, como duas garras, que mutuamente se encravassem.

Grande Oriente da França. — Tomam-se mutuamente os quatro dedos da mão direita, e cada um põe a mão esquerda no hombro direito do outro. Ao mesmo tempo unem-se interiormente pé direito a pé direito, joelho a joelho, peito a peito. Chama-se maço-

nicamente esta attitude a «união dos cinco pontos de perfeição». Estando 'nella, cada um diz uma das trez syllabas da palavra sagrada, e recebe o abraço, ou o beijo de paz.

Em publico, os mações do 3.º grau contentam-se, para se reconhecerem pelo toque, com darem as mãos em garra de mestre, e as voltarem trez vezes, começando pelo movimento do lado direito.

Marcha.—Dêem-se primeiro os cinco passos de companheiro. Levante-se depois a perna direita arqueada, como quem quizesse, avançando, passar por cima d'um obstaculo de dois metros de comprido. Pouse-se o pé para a direita, e aproxime-se o pé esquerdo, por traz da perna direita, á altura da barriga da perna. Dê-se por cima do obstaculo imaginario o mesmo passo com o pé esquerdo, depois um terceiro passo com o pé direito, de modo que se fique em frente do obstaculo, com os pés ambos no chão e em esquadro (veja-se a figura da pag. 131).

Palavra de passe. — *Tubalcaim.* E', segundo dizem, o nome do filho de Lamech, descendente d'Eblis, Anjo de Luz. Significa « senhorio do mundo ».

Grande Oriente da França. — A palavra de passe é *Ghibblim*, que pronunciam « guiblime ». Significa « o fim ».

Palavra sagrada. — *Mahabone.* Pronuncia-se ao ouvido, em dialogo, dizendo cada um dos dois interlocutores uma syllaba. Significa « o filho do pae ».

Ha muitos mações, que, por corrupção, dizem « *Moabon* ». Este erro commette-se principalmente em França.

Nas lojas, que dependem do Grande Oriente, a palavra sagrada é *Mac-Benac.* Diz-se egualmente por syllabas, em dialogo, e significa: « a carne larga os ossos ».

Bateria. —Trez vezes a bateria de aprendiz; isto é: OOO — OOO — OOO.

Edade. — Quando se pergunta a um mestre: « Que edade tendes? » — elle deve responder: « Sete annos e mais ».

Decoração. — Sendo o uniforme de mestre muito mais complicado, que os de aprendiz e companheiro, denomina-se pomposamente « decoração ». [a] De resto, a decoração divide-se em avental, banda, joia, e traje.

O *avental*, um pouco maior que os dos graus precedentes, é de pelle branca, debruado e forrado de vermelho. Não deve ter babadouro (comtudo usa-se com babadouro em algumas lojas).

---

(a) O Manual chama decoração ao uniforme dos dois primeiros graus, e decorações aos dos graus superiores.

No meio estão as lettras M.·. B.·.

A *banda*, azul ondeada, da largura de onze centimetros, debruada de vermelho, rematada por uma roseta vermelha, traz-se a tiracollo do hombro direito ao quadril esquerdo.

*Nota*. — Todas as bandas, de qualquer grau, se trazem por cima da casaca: fique isto dicto por uma vez.

Chama-se *joia* um pequeno triangulo de metal, que se prende á extremidade da banda com uma fita vermelha.

O *traje* compõe-se do seguinte: luvas brancas, casaca preta, e chapeu na cabeça.

O chapeu chama-se maçonicamente « *o triangulo* ». A suprema elegancia maçonica é pôr um fumo no braço, nos dias de recepção.

Nas lojas da jurisdicção do Grande Oriente da França, o avental é guarnecido e forrado de azul, e tem no meio uma roseta azul. A banda, azul ondeada, não tem guarnição; termina por uma roseta branca. A joia, presa á extremidade da banda por uma fita azul, compõe-se d'um esquadro e compasso de metal, pequenos, e entrelaçados. O traje é egual ao que acima fica descripto.

Muitas vezes se ha de ter notado, nos enterros, onde os maçōes se cobrem de suas bandas azues, que muitos d'elles trazem sobre pomposos bordados luas, soes, casinhas com columnas, e outras insignias mais ou menos ridiculas. Cuida-se no mundo profano, que os maçōes de bandas bordadas são personagens superiores aos outros. E' um erro: estes bordados são permittidos a titulo de phantasia, e simplesmente indicam, que os mestres, que d'elles usam, passam um pouco adiante de seus collegas, em vaidade; e nada mais. A distincção dos graus é indicada pela differença na côr das bandas, pela joia peculiar suspensa á extremidade, e pela variedade de certas minuciosidades, que opportunamente irei indicando.

### Perguntas d'ordem para a entrada no templo

P. Onde tendes estado, meu Irmão? — R. No occidente.

P. Para onde ides? — R. Para o oriente.

P. Que ides fazer ao oriente? — R. Procurar uma Loja de Mestre.

P. Sois Mestre? — R. A acacia me é conhecida.

P. Como fostes admittido? — R. Por cinco toques distinctos.

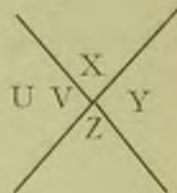
P. Como o conseguistes? — R. Pela palavra de passe.

P. Dae-m'a. — R. Tubalcaim. [1]

## ALPHABETO SECRETO DA MAÇONARIA AZUL

Para dissimularem a sua correspondencia, usam os irmãos dos trez pontos de varios alphabetos secretos, que diversificam segundo as diversas series de graus.

Aquelle de que se servem nas lojas, e cuja chave se revela aos mestres, é o seguinte:

| A B | C D | E F |
|---|---|---|
| G H | I L | M N |
| O P | Q R | S T |

Isto é: a primeira lettra de cada casa é representada pelos traços em que está collocada, e a segunda pelos mesmos mais um ponto.

De sorte que A escreve-se: ┘
B » : ┘·
C » : ⊔
D » : ⊔·
E » : └
F » : └·

E assim por diante até ao fim.

V escreve-se: >
Y » : <
Z » : Λ

Para escrever *Adonis*, pôr-se-ha portanto:

┘ ⊔· ┐ ⊏· □ ┌

---

[1] Eis as perguntas d'ordem usadas nas lojas dependentes do Grande Oriente da França:
P. Sois Mestre? — R. Experimentae-me, a acacia me é conhecida.
P. Onde fostes recebido? — R. Na Camara do Meio.
P. Como chegastes lá — R. Subindo uma escada por 3, 5 e 7.
P. Que vistes? — R. Horror, lucto e tristeza.
P. Que vos aconteceu? — R. Suspeitaram de mim um crime horrivel.
P. Quem vos alentou? — R. A minha innocencia.
P. Que edade tendes? — R. Sete annos e mais.

A isto se reduz toda a subtileza da invenção.

O nome de *Lucifer,* tam caro aos mações, escrever-se-ha assim:

Ahi está todo o grande segredo do alphabeto mysterioso.

Ha tambem certas expressões consagradas pelo uso, que se empregam nas correspondencias. Assim, na Maçonaria Azul, *traçar uma prancha* significa escrever uma carta, fazer uma participação, redigir um relatorio. Todas estas expressões particulares se encontram na descripção de sessões, que foi objecto dos capitulos precedentes. De resto, o leitor verá, no fim d'esta obra, um diccionario completo da giria maçonica.

Uma carta ou circular maçonica pertencente aos membros dos trez primeiros graus começará sempre por esta formula:

A.·. G.·. D.·. G.·. A.·. D.·. U.·. (a)

Isto é, A' Gloria do Grande Architecto do Universo.

Quanto á conclusão da carta, redige-se em geral do seguinte modo:

«Saudo-vos, M.·. C.·. I.·., P.·. N.·. M.·. P.·. M.·. C.·.»

O que significa: «*Saudo-vos, muito caro Irmão, pelos numeros mysteriosos por mim conhecidos*».

Finalmente nas circulares de convite para uma festa da Confraria dos Trez Pontos, põe-se na ultima linha estas sete lettras mysteriosas:

S.·. N.·. E.·. O.·. V.·. O.·. M.·.

Isto quer dizer muito asnaticamente: *Sobretudo não esqueçaes os vossos ornamentos maçonicos.*

## HONRAS MAÇONICAS

Nas lojas prestam-se honras especiaes aos irmãos dos altos graus, que 'nellas entram em desempenho d'alguma missão.

Citemos alguns exemplos.

Quando o presidente do Supremo Conselho, isto é, o soberano commendador grão mestre, se apresenta para visitar uma loja, vão-no receber á entrada do templo nove irmãos, levando estrellas (tochas regulamentares) precedidos por dois mestres de ceri-

---

(a) Os mações portuguezes, em vez de G.·. A.·., *Grande Architecto*, tambem escrevem S.·. A.·., *Supremo Architecto.*

monias, um dos quaes leva 'numa almofada o malhete da presidencia e a espada flammejante.

O veneravel pronuncia uma allocução; depois o «muito illustre visitador» é conduzido ao oriente pela «*abobada de aço*».

Todos os irmãos, de pé, com o braço estendido, têm suas espadas no ar. Estas devem tocar-se pelas pontas, duas a duas, cada uma com a fronteira, de modo que formem uma especie de abobada, por baixo da qual passa o muito illustre irmão, a quem se prestam as honras.

Entretanto os vigilantes, que se conservaram no seu logar, fazem continuo estrondo, batendo com os malhetes.

Os outros membros do Supremo Conselho, e os inspectores por elle incumbidos d'alguma missão passam igualmente por baixo da abobada de aço, e são recebidos a toque de malhete, mas sómente por uma delegação de sete membros da loja.

Um cavalleiro kadosch (grau 30.º) recebido por uma officina symbolica, como fiador de amisade, e deputado d'uma irmã, loja filiada, é alvo das mesmas honras; mas só trez irmãos vão diante d'elle com estrellas, e só um mestre de cerimonias o precede na sua passagem por baixo da abobada de aço.

# SEGUNDA PARTE

# OS CAPITULOS OU A MAÇONARIA VERMELHA

## CAPITULO PRIMEIRO

### A SELECÇÃO

EVELADOS os mysterios das lojas, ou officinas symbolicas, resta-me lançar luz sobre as traslojas; e desde então o leitor, se ainda não suspeitou a verdade, comprehenderá o sentido real e completo da Maçonaria.

Na primeira parte d'esta obra, expuz o processo de recrutamento, pelo qual se attrahem os profanos á loja de aprendizes. Mas nem todos os iniciados apreciam do mesmo modo os empurrões, que na sessão da sua recepção lhes foram prodigalisados. Um bom numero (e não são estes os mais asnos) tomaram a coisa por troça e abstêm-se de voltar ás sessões da estranha sociedade, que lhes fez tal acolhimento. Os outros persistem: são estes, ou os perfeitos lorpas, que engolem nesciamente as charlatanices, com que os mimosearam, ou os velhacos, que vêem na Maçonaria um meio de explorar os imbecis, e não se contentam com as bagatelas da entrada. Alguns emfim não se illudem ácerca do fim ultimo da associação, e alistam-se com enthusiasmo, não movidos da philantropia, em que não crêem, mas do odio ao catholicismo.

Já vimos, como decorrido certo praso, abreviado ou prolongado segundo as disposições do aprendiz, este passa a companheiro, e como, em seguida, de companheiro sobe a mestre.

Por agora, não me occuparei mais do adepto destinado a vegetar nas lojas. Pelo contrario vamos seguir na sua marcha ascen-

dente aquelle, que os chefes occultos da associação designaram para os graus superiores, depois de se terem inteirado do relatorio redigido ácerca d'elle pelo kadosch delegado á sessão das impressões dos novos mestres.

Um bello dia o iniciado mestre, que conseguiu, sem o saber, agradar plenamente aos irmãos dos altos graus, recebe uma carta, sem assignatura, mas sellada maçonicamente, em que lhe são propostas varias questões.

Pedem-lhe, por exemplo, que queira declarar francamente tudo quanto pensa ácerca da religião catholica, ou perguntam-lhe como define os dois principios eternos do bem e do mal; ou ainda qual é, no seu entender, a verdadeira moral natural; ou qual o seu juizo intimo sobre o papel, que desempenham relativamente ao homem os espiritos immateriaes, etc.

Não lhe dizem para que lhe propõe estas questões; porque algumas vezes succede não corresponder o interrogado ás esperanças, que 'nelle se tinham fundado.

Foi effectivamente isso o que aconteceu com o irmão Adolpho Geoffroy, com quem os chefes secretos tinham julgado poder contar, e que apenas lhes fez colher um amargo desengano.

O snr. Adolpho Geoffroy, que hoje reside no departamento d'Haute-Marne, tinha sido na sua juventude recebido como mação francez por uma loja de Tarascon. Separou-se da sociedade, nas circumstancias, que vamos ver. Foi elle proprio, que, com bastante chiste, o referiu em setembro de 1886. 'Nessa epocha, o jornal *Le Petit Champenois*, *(O Pequeno Champanhez)* indicou-o como ex-membro da Maçonaria, e elle explicou a sua retirada na seguinte carta dirigida ao jornal *Avenir de la Haute-Marne* :

Meu caro Senhor

Li o artigo, *Um Mação desmascarado,* que V. teve a obsequiosidade de me enviar, o que muito lhe agradeço.

Não me parece que eu deixasse lembrança d'importancia 'numa sociedade por onde passei, como tantos outros, no tempo remoto da minha juventude; porque o *reporter* do *Petit Champenois*, apesar da grande faculdade de amplificação, que é um privilegio do seu officio, não pôde conseguir tirar d'este facto coisa util para a historia.

Porque se não dirigiu elle primeiro a mim?

Se me tivesse procurado, eu ter-lhe-hia referido por miudo a minha curiosa recepção entre os Mações, e assim ficaria o seu jornal ainda mais interessante.

Mas, visto que perdeu esta occasião para os leitores d'elle, vou contar a V. para os seus o modo por que deixei a minha Re-

speitavel Loja, no oriente de Tarascon (R.·. L.·., O.·. de Tarascon).

Depois da minha iniciação — vae para quarenta annos — aprendera eu, em menos de quinze dias, a andar de geito a representar no chão a figura d'um esquadro. Alguns mezes depois tinham-me deitado no tumulo de Mestre Hiram, e os Irmãos consternados haviam apalpado nas sombras e esgaravatado a terra com suas espadas de lata, para acharem os meus restos desapparecidos; finalmente, não encerrando já segredos para mim nem a columna do Norte, nem a do Meio-dia, eu tinha um vago presentimento de que ia ser chamado a mais altas revelações. Talvez se tratasse apenas de contribuir com a minha pessoa — e com a minha bolsa.

Uma manhã, encontrei na banca um sobrescripto chancellado com o triangulo mystico, sinete da Respeitavel Loja, oriente de Tarascon. — Simplicidade brutal, ausencia de formalidades, bem como de assignatura. — Os meus verdes annos soffreram a emoção intima, que produzem as situações graves.

Este sobrescripto continha a seguinte questão:

«Que pensaes do papel da Egreja romana relativamente á moral?»

Depois de longa meditação, respondi, com egual semcerimonia: «que entendia que nenhuma Egreja podia revindicar para si só o monopolio da moral (pois cumpria pagar um tributo d'estima a certos philosophos antigos); mas que a Egreja romana me parecia, mais que qualquer outra, apropriada ao papel social, que se espera de toda a religião.»

E conclui.

Na reunião seguinte, não tive difficuldade em ler na cara dos dignitarios da Respeitavel Loja todo o mal que me causara, recusando *esmagar a infame*.

Estava desde então condemnado a vegetar nas funcções secundarias, taes como as recepções de Aprendizes, a representação nas Cadêas d'União, a declamação do Cumprimento ás Damas, nas festas da beneficencia official ou das agapes solsticiaes, delicias dos adoradores do sol — isto é, essas facecias burlescas que parecem satisfazer o gosto de certos artifices ou burguezes das pequenas cidades, pobres homens, que o mysterio attrahe e que pagam com grosso dinheiro uma pouca de loucura e de vaidade. Era verdadeiramente comico vel-os tomar a serio brincos de creanças, gestos ridiculos, e essa safada giria da Maçonaria, mais bestial que o volapuk.

Foi então que eu te deixei, Irmão Terrivel, realmente tam terrivel sob a tua cogula negra; e a vós, Irmãos Vigilantes; e a to-

dos vós, boa gente, que tanto vos comprazeis em tocar a aria dos *Lampiões* na primeira phalange do index de vossos collegas; e a vós, extranhos medalheiros ambulantes que trazeis ao pescoço tanta copia de grandes coisas que eu nunca pude ler; mas a ti sobretudo, — perdão! — Veneravel Principe 31.º, 32.º ou 33.º, que pontificavas descarregando o malhete com tanto vigor e monotonia, a ti que me reprehendias com desvelada solicitude, quando eu caía na inconveniencia de tractar por «senhores» os nossos Irmãos reunidos!

Do alto da tua ultima morada, — pois aos cem annos que deverias ter hoje, já por certo se não trabalha no templo de Salomão — se divisas o humilde neophyto que desdenhou os terriveis segredos da Sublime Maçonaria, se de novo avistas a Respeitavel Loja onde tantos cegos te pediram a luz, não poderás dizer-me que recepção te fez o Grande Architecto do Universo, quando appareceste em sua presença, — Cavalleiro Kadosch! — levando a trolha e o malhete com a figurinha do templo dos Judeus?

Poderias esclarecer-me hoje melhor, se mereceste ser emfim tu proprio esclarecido. E não me declararias porventura que incontestavelmente o bom senso e a probidade são ainda os melhores architectos do edificio social?

Esta carta, a meu pesar muito extensa, meu caro senhor, é o que em estylo maçonico se chama uma *peça d'architectura*. Affixe-a V. em uma das suas columnas, e roguemos a Deus que todos os Champanheres, grandes e pequenos, a comprehendam; porque então teriam dado um grande passo no caminho da liberdade, tendo podido ver, por um exemplo frisante, como ambiciosos sem vergonha podem abusar d'um povo sem malicia.

ADOLPHO GEOFFROY.

Transcrevi esta carta para estabelecer o modo como procedem os mações dos altos graus, quando querem fazer passar das lojas ás traslojas um irmão, a quem distinguiram.

Mas a maior parte dos mestres assim interrogados dão uma resposta satisfactoria. Se o snr. Geoffroy tivera declarado, que «a Egreja romana corrompe a moral, e que a verdadeira moral para o homem consiste em dar livre curso a suas paixões», não seria desprezado pelos seus collegas.

O mestre, cuja resposta se amolda aos principios secretos da Maçonaria, recebe um convite particular d'um rosa-cruz da sua cidade, que lhe falla pelo teor seguinte: — Meu carissimo Irmão, nós estamos plenamente satisfeitos dos sentimentos, que tivestes a bondade de communicar-nos. Por isso decidimos admittir-vos aos graus da Maçonaria Vermelha, isto é fazer-vos penetrar nas «offi-

INICIAÇÃO DO MESTRE ELEITO DOS NOVE

A prova d'importancia no 9.º grau consiste no seguinte :

O irmão intimo leva o candidato á camara da caverna. Este tira então a venda, que lhe cobre os olhos, e vê-se diante d'uma extranha scena.

O intimo manda-lhe beber d'uma fonte, que simula uma nascente d'agua viva. Depois entrega-lhe um candieiro, e um punhal, e o faz entrar na caverna, onde está um homem encostado a uma meza de pedra, e adormecido.

Não é mister dizer, que o dormente é um manequim ; mas, pela pouca luz do candieiro, o candidato não póde saber por que o tome.

— Feri, brada o intimo ; feri, meu Irmão ! Vingae Hiram, é esse o seu assassino.

cinas de Perfeição». Por certo comprehendestes que, se nas lojas simulamos não fazer caso algum dos graus maçonicos superiores ao de mestre, é para d'elles affastarmos os espiritos superficiaes,

que não são capazes de os apreciar. Os nossos mysterios essenciaes não poderiam confiar-se a mações insufficientemente provados; de modo que a nossa dissimulação é realmente prudencia. Sabei pois que a verdadeira Maçonaria é a das traslojas, e antes de mais nada vêde a nossa organisação.

Então se revela ao neophyto o systema completo dos graus. Até este dia tinham-lhe feito crer, que a Maçonaria está toda nos trez graus symbolicos das lojas (aprendiz, companheiro, e mestre) e que os graus ulteriores não são mais, que superfluidades, titulos honorificos concedidos á vaidade de alguns, graus sem significação real. Agora declaram-lhe, que estes graus das traslojas, ou pelo menos os principaes, são necessarios para chegar ao conhecimento da verdadeira luz maçonica.

Eis aqui o systema completo. E' constituido por trinta e trez graus, divididos em oito classes, que por seu turno formam quatro series.

SYSTEMA DOS GRAUS

Primeira serie: graus symbolicos. — *Primeira classe:* 1.º grau aprendiz; 2.º companheiro; 3.º mestre.

Segunda serie: graus capitulares. — *Segunda classe:* 4.º grau mestre secreto; 5.º mestre perfeito; 6.º secretario intimo; 7.º preboste e juiz; 8.º intendente dos edificios. — *Terceira classe:* 9.º grau, mestre eleito dos nove; 10.º illustre eleito dos quinze; 11.º sublime cavalleiro eleito, chefe das doze tribus. — *Quarta classe:* 12.º grau grão mestre architecto; 13.º real-arca; 14.º grande escocez da abobada sagrada. — *Quinta classe:* 15.º grau cavalleiro do Oriente ou da espada; 16.º principe de Jerusalem; 17.º cavalleiro do Oriente e do Occidente; 18.º sublime principe rosa-cruz.

Terceira serie: graus philosophicos. — *Sexta classe:* 19.º grau grande pontifice da Jerusalem Celeste; 20.º grande patriarcha, veneravel mestre *ad vitam;* 21.º cavalleiro prussiano noachita, grão mestre da chave; 22.º principe do Libano, real-facha; 23.º chefe do Tabernaculo; 24.º principe do Tabernaculo; 25.º cavalleiro da serpente de bronze; 26.º principe da mercê; 27.º soberano commendador do templo. — *Setima classe:* 28.º grau cavalleiro do sol, principe adepto; 29.º cavalleiro de S. André, ou grande escocez de S. André da Escocia; 30.º grande eleito cavalleiro kadosch, perfeito iniciado.

Quarta serie: graus administrativos. — *Oitava classe:* 31.º grau inquisidor inspector commendador; 32.º soberano principe do real segredo; 33.º soberano grande inspector geral.

Em seguida diz-se ao «mestre escolhido», que nem todos estes graus são da mesma importancia, e que sobretudo lhe cumpre

tratar de attingir o 18.º, rosa-cruz. Segundo as disposições, que mostrar, attingil-o-ha mais ou menos rapidamente.

Effectivamente é sobre o grau de rosa-cruz, que gyra toda a Maçonaria Vermelha, «primeira serie de perfeição». O rosa-cruz é nos capitulos o mesmo que o mestre nas lojas.

Por disposição dos Regulamentos Geraes, muitos graus capitulares podem ser «dados por communicação». Por outros termos, quando os chefes occultos julgam inutil conferir a um adepto certos graus intermediarios, dispensam-no d'elles.

Taes são geralmente os graus 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, e 8.º, que formam a primeira classe da serie capitular: fazem-nos saltar completamente aos mestres, que satisfizeram ao exame secreto. Os graus 9.º, 10.º, e 11.º dão-se ordinariamente d'uma só vez, bem como o 15.º, 16.º, e 17.º. Na classe, que comprehende os graus 12.º, 13.º, e 14.º, dispensa-se por vezes o adepto do grau de grão mestre architecto, e conferem-se junctamente os dois seguintes.

Se estas dispensas acceleram a iniciação definitiva de certo numero d'escolhidos, por outro lado os graus d'importancia secundaria nem por isso deixam de se conservar com todo o seu ritual, por mais ridiculo que seja, para os desafortunados, a quem resolveram infligil-os.

Os organisadores da Maçonaria previram tudo, e quizeram que os membros dos graus administrativos fossem senhores absolutos na sua obra de selecção.

Algumas vezes dá-se este facto: um irmão, não designado para entrar nas traslojas, deseja todavia subir de grau; pede-o. Recusar-lh'o terminantemente, seria indispol-o contra a ordem. Ora se o não querem nos capitulos, pelo menos julgam-no util nas lojas; a que meio se ha de portanto recorrer para o determinar a conservar-se onde importa que elle fique? Não rejeitam o seu pedido de «augmento de salario»: admittem-no ás provas d'um grau inteiramente extravagante e ridiculo, d'um d'esses graus, que se supprimem para os outros, e dizem-lhe: «Bem vedes, que tinhamos razão para vos affirmar, que não ha nada verdadeiramente superior ao grau de mestre, bem vedes, que os altos graus não têm significação alguma razoavel, e não passam de um brinco de vaidosos: ficae na vossa loja, e não vos preoccupeis mais com os capitulos, e areopagos; deixae os rosas-cruzes e kadosch com suas inoffensivas reuniões, com seus innocentes entretenimentos, com suas bandas, e seus dixes». O adepto dá-se por avisado, e, reputando-se desilludido, não insiste mais.

Na linguagem particular dos chefes secretos da sociedade, chamam-se esses graus burlescos «graus d'eliminação».

Alem d'isto, os estupidos rituaes d'esses graus contribuem para

desnortear os investigadores. Como se ha de tomar a serio a Maçonaria, quando 'nella se descobrem sessões tam ineptas, como as da recepção do mestre secreto, do mestre perfeito, do secretario intimo, etc.? Se um indiscreto emprehende divulgar completamente os mysterios maçonicos, pode estar certo de esbarrar, pelo proprio facto d'estas bestialidades voluntarias e calculadas, com um sentimento d'incredulidade dos seus leitores. Muitos haverá que encolham os hombros, dizendo comsigo: «Ora adeus! não é possivel que um homem pratique similhantes bugiarias, que confinam com o idiotismo!» E o publico fechará, o livro revelador, e recusará crer na existencia d'estes absurdos. D'est'arte cairá no laço. A Maçonaria previu portanto as proprias divulgações, e, para attenuar o seu effeito, desentranhou-se em loucuras e inverosimilhanças. Isto é a ultima palavra da velhacaria. O ponto está em nos não deixarmos enredar 'nestas subtilezas.

Vamos pois fazer um rapido exame dos «graus d'eliminação». Os leitores verão, que elles estão bons para desgostar das traslojas os iniciados mestres, em quem os chefes occultos não pozeram os olhos, e que apesar d'isso tentam penetrar no sanctuario.

Em seguida veremos, como complemento da serie capitular, um grau verdadeiramente serio, o de rosa-cruz, 18.º grau; este então, não se detendo em parvoices, leva o anti-christianismo até aos sacrilegios mais refinados.

## CAPITULO SEGUNDO

## O CAPITULO DOS MESTRES PERFEITOS

### I

### O MESTRE SECRETO

O 4.º grau, mestre secreto, é o primeiro dos graus d'eliminação. Somente se confere aos irmãos, que os superiores interessam em conservar nas lojas.

A sala é adornada de armação preta, cospersa de lagrimas de prata. Ao fundo está um grande circulo, no qual se divisa um triangulo; ao centro a estrella radiante de cinco pontas.

Segundo o regulamento, a luz deve consistir em nove lustres de nove braços, dando ao todo 81 estrellas; mas na pratica não se empregam mais de trez lustres com trez braços.

O presidente da officina representir o rei Salomão, e toma o titulo de «trez vezes poderoso». Tem na mão um sceptro. Diante d'elle, sobre um altar triangular, está um malhete forrado d'estofo preto, e uma coroa de oliveira e louro.

Não ha mais d'um vigilante, que se denomina inspector. Está postado no occidente, e não deve ter, diz o Ritual, nenhuma ferramenta de ferro.

Representa um certo Adhoniram, que, segundo a lenda, tinha a seu cargo a inspecção dos obreiros do Libano, antes da morte do mestre Hiram.

A sessão começa por uma declaração do inspector, que exclama:

— Trez vezes Poderoso, o esplendor do dia espancou as trevas, e a grande luz começa a apparecer!

Na recepção d'este grau continua-se a deplorar a morte d'Hiram. Salomão, que principia a conhecer as suas faltas, pretende reparal-as: declara que se requerem sete mestres peritos para substituir o sublime architecto do templo; mas apenas se encontram seis, e é o candidato, que ha de ser o setimo.

Todos os assistentes, pondo dois dedos sobre a bocca, juram guardar em segredo os mysterios dos capitulos.

Depois de o aspirante responder ao interrogatorio, é recebido, «passando do esquadro ao compasso», e o presidente põe-lhe na cabeça a corôa de oliveira e louro.

Em seguida, ouve uma allocução do orador, que, apontando-lhe o inspector, lhe explica que este homem, representante de Adonhiram, filho de Abda, é emblema da elevação dos sentimentos d'aquelle, que quer regenerar o seu espirito, construir o seu templo, pondo de parte os maus materiaes, os prejuizos.

Os trez primeiros graus, diz elle, provaram-nos que não existe creação no sentido absoluto da palavra, que a natureza é eterna, que tudo provém da geração. Ora bem, o 4.º grau nos mostra que, na obra da geração, o homem não é mais que o auxiliar, o cooperador, o executor d'um principio elevado, que está 'nelle e não fóra d'elle.»

Logo emprehende o orador um elogio da consciencia humana. A consciencia, affirma elle, é a voz da natureza; as inspirações da natureza são as unicas que devemos seguir, porque ella não nos impelle senão para o que é util á humanidade. O homem não tem portanto outro senhor senão elle mesmo, e gosa sempre do direito de obedecer a seus instinctos. Tomar pela voz da consciencia a exprobração interior que algumas vezes se manifesta em virtude d'uma educação, que teve por base as superstições e prejuizos, é cair 'num grosseiro engano. Uma consciencia que lucta contra as tendencias naturaes é uma consciencia falsada. E assim como os trez primeiros graus nos provaram que não ha creação fóra da geração, o quarto prova-nos que não ha revelação fóra da consciencia, tal qual a define a Maçonaria».

Por outro lado, o Ritual Geral diz a proposito do 4.º grau, mestre secreto:

«Os trabalhos d'este grau têm por fim pôr em relevo que a nossa consciencia é o nosso verdadeiro juiz, essencialmente equitativo e integro, e mostrar como a educação profana consegue adulterar os instinctos sociaes que nós chamamos Honra, Virtude e Justiça.»

Isto é:

«O que os profanos chamam Honra é inteiramente o contrario da Honra; o que elles denominam Virtude é precisamente o Vicio, e reciprocamente; quanto á Justiça, este sentimento, tal como nós o entendemos em nossos templos, é directamente opposto ao sentimento do mesmo nome, tal como elle é admittido fóra dos nossos templos.»

Emfim, communicando as palavras sagradas ao iniciado, o trez vezes poderoso explica-lh'as succinctamente.

«No 4.º grau, Veneravel Mestre, temos varias palavras sagradas. A primeira é JOD; é o nome d'uma lettra do alphabeto hebraico, que, tomada cabalisticamente, significa o Deus-Principio. A segunda é ADONAI; é o nome da divindade, tal como muitos a adoraram e adoram. A terceira palavra sagrada é DII, plural latino que significa «os Deuses». De modo que o Deus-Principio e Adonaï são os Deuses; porque, se na divindade é uma a essencia, são todavia multiplas as pessoas. E estas pessoas, duas em numero, longe de concorrerem para o mesmo fim, são diametralmente oppostas uma á outra, como o Bem ao Mal. Finalmente a quarta palavra sagrada do grau é IVAH, contracção de *Jehovah*. Entre os Israelitas, o supremo nome da divindade, o nome ineffavel, era um dos mysterios do interior do Templo, e não ha plena certeza sobre a sua pronuncia. Só ao summo saçerdote era licito pronuncial-o, e uma só vez no anno; era no dia da expiação, decimo da lua de Thischri. Os levitas, pelo ruido que faziam 'nesse momento, impediam a multidão de o ouvir. E' pois para resumir por syncope o nome da divindade completa, tal como está constituida por seus dois principios adversos, é para isso que a ultima palavra sagrada do Mestre Secreto é IVAH.»

## II

## O MESTRE PERFEITO

A sala é armada de verde, ornada de quatro columnas brancas, que, a egual distancia se elevam em cada angulo. Alumiam o templo sessenta e quatro luzes, dezeseis em cada angulo: mas podem reduzir-se a dezeseis ao todo, quatro a cada canto.

O presidente representa Adonhiram, filho de Abda.

Como os Hirams ou Adonhirams são bastante numerosos na lenda maçonica, permitta-se-me indicar cada um individualmente, para evitar ao leitor qualquer confusão. Em primeiro logar, ha um Hiram, tambem chamado Adonhiram, ou Hiram-Abi, que é o architecto do templo, assassinado pelos trez maus companheiros. Em segundo logar, ha um Hiram, rei de Tyro, de quem o architecto Hiram era vassallo. É este rei de Tyro, que tinha emprestado o architecto do mesmo nome ao rei Salomão. Em breve veremos esse principe tyrio, nos graus 6.°, 9.°, 10.° e 11.° Finalmente Adonhiram, filho de Abda, era um dos intendentes dos tributos percebidos por Salomão. Dá-se o titulo de trez vezes poderoso e respeitavel mestre ao presidente do 5.° grau.

O vigilante, unico, representa Zabud, filho de Nathan, um dos ministros de Salomão.

Serve de introductor ao candidato um funccionario da officina. Ordinariamente confia-se este papel a um bom papalvo. O introductor tem o titulo de «irmão Schereb-iah» e veste um traje biblico, que lhe dá um ar dos mais burlescos. Representa o capitão das guardas de Salomão.

Eis, em poucas palavras, a lenda da iniciação:

Foi o proprio Salomão, que instituiu o grau de mestre perfeito, para excitar os mestres a procurar os assassinos d'Hiram. Segundo parece, já se colheram alguns indicios d'elles.

O ministro Zabud tem a seu cargo a direcção da policia israelita em suas attribuições, e conta ao presidente Adonhiram, na presença do candidato, que os seus agentes fizeram uma preciosa descoberta: e é que Jubelas, Jubelos, e Jubelum eram nomes suppostos dos trez companheiros assassinos; por seus verdadeiros nomes, esses miseraveis chamavam-se Sterkin, Oterfut, e Abibala.

O presidente Adhoniram dá calorosas felicitações ao ministro Zabud pelo feliz resultado de suas primeiras investigações.

Depois passa-se a outro exercicio.

Conduzem o candidato a um pequeno mausoleu, situado á direita de quem entra na sala, e revelam-lhe, com ares de grande

mysterio, que o coração do mestre Hiram repousa na urna, que coroa o monumento.

Todos prestam um juramento, sendo o primeiro o candidato, sobre esta urna sagrada.

Depois, para recompensar o zelo do neophyto, o presidente dá-lhe uma explicação disparatada do famoso problema da quadratura do circulo. E' sabido que se dá o nome de quadratura á reducção geometrica de qualquer figura curvilinea a um quadrado equivalente em superficie. Ora a quadratura do circulo é um problema insoluvel: a Academia das Sciencias teve de tomar, em 1775, a resolução de nunca mais examinar memoria alguma sobre esta questão, tam cheia estava de escriptos especiaes ácerca d'ella, emanados pela maior parte de geometras completamente doidos.

Mas a Maçonaria, que não duvida de coisa nenhuma, pretende possuir a resolução d'esse problema impossivel; e é d'ella que o presidente Adonhiram falla aos novos mestres perfeitos. Verdade é que a quadratura maçonica do circulo é simplesmente uma allegoria. Entretanto bem esperto seria o iniciado que d'ella comprehendesse qualquer coisa.

O que em tudo isto ha de mais claro, é que estas declamações servem de pretexto para expôr theorias inteiramente contrarias aos ensinos da religião christã.

Não será portanto inutil resumir o discurso do orador no 5.º grau.

«O mausoleu, para onde foram transportados os sagrados restos d'Hiram, esse mausoleu construido 'num logar occulto, é o emblema da reserva, em que os Mações devem conservar as altas verdades, que possuem, não as manifestando ao vulgo, senão á medida que elle as podér comprehender, e quando essa manifestação podér ser util ao sublime fim da Maçonaria.

«Este 5.º grau completa d'um modo magistral a instrucção communicada aos iniciados nos quatro graus precedentes. Até agora contentámo-nos com ensinar aos adeptos, que não houve creação, no sentido proprio da palavra, mas apenas geração. Agora o filiado recebe esta confidencia: que a existencia do homem não póde ser temporal, mas é perfeitamente eterna. Para longe as religiões, que pretendem, que, 'num momento dado, o mundo poderá acabar! Porque havia elle de ter fim? Não possue a especie. humana o meio de se perpetuar? Em vão se affirma, que um Deus poderá, quando lhe aprouver, interromper a vida do universo; esquece-se que a divindade comprehende dois principios, e que, em nome da razão e da justiça, o Mal deve por ultimo ser vencido pelo Bem. Ora é evidente, que um ser sobrenatural, que decreta o fim do mundo, não é o Bem, e é indiscutivel, que o ser sobrenatu-

ral opposto a esse principio malfazejo não deixará realisar tam monstruosa iniquidade.

«No sentido politico e social, os trabalhos da Maçonaria têm por fim demonstrar, que o homem, ser finito, não poderia arrancar á Natureza, como faz, os seus mais reconditos segredos, nem crear as sciencias e as artes, se a sua intelligencia não fosse uma emanação directa da Causa Primaria; e os trabalhos maçonicos tiram d'esta demonstração uma consequencia immediata, a saber, que todos nós somos livres, todos somos irmãos, todos somos eguaes, e todos com-proprietarios dos fructos e producções do mundo inteiro.

«Qual é essa Causa Primaria, a que devemos o beneficio da intelligencia? E' porventura o Deus invejoso, que, por meio de dogmas exemptos da critica, pretende abafar nossos espiritos sob o apagador da superstição? E' pelo contrario o Anjo da Luz, de cuja lucta sobrenatural, posto que invisivel, constantemente se sentem os effeitos no nosso mundo material? Offerece-se este ponto á meditação dos Mestres Perfeitos.»

A palavra de passe do grau, ACACIA, recorda «a arvore da vida, que, da sepultura d'Hiram, no monte Libano, altêa seus braços, para desafiar o mau genio da destruição».

Quanto á palavra sagrada, é uma «revindicação». JEHOVAH significa: «Eu sou o que sou». — «Outrora era este nome dado a Adonai pelos povos illudidos. Hoje a Maçonaria, revindicando para a humanidade essa formula sagrada, affirma a existencia immortal da especie humana, sob a salvaguarda do principio do Bem. Junctamente o iniciado retem este nome que é o da divindade completa em seus dois principios, e é á collaboração d'esses dois principios que o homem deve o «ter sido engendrado; pois é clarissimo que o homem é um composto de bem e de mal.» [a]

---

(a) Como se vê, a Maçonaria resuscitou uma das mais estupidas e torpes heresias, que até hoje produziram as cavillações d'espiritos altivos e obcecados, semeadas em corações apodrecidos, e fecundadas pelas infernaes irradiações de Lucifer: o gnosticismo.

Os gnosticos, que já no seculo 1.º começaram a devastar a Egreja, admittiam dois principios increados: Deus, e a materia; o primeiro bom, e origem do bem, o segundo mau, e origem do mal. Diziam que da substancia divina emanaram espiritos sublimissimos (eões), d'um e outro sexo (é curioso!) os quaes geraram outros menos perfeitos, e estes outros menos perfeitos ainda; e assim, por uma serie de gerações, em que os filhos, ás avessas do que succede na macaquice de Darwin, eram sempre menos perfeitos que os paes, appareceram os demiurgos, seres malfazejos, compostos d'espirito e materia subtilissima. Foram estes, que, organisando a materia eterna, formaram o mundo, e o homem, mas não o homem todo, senão duas partes d'elle: o corpo, e a alma sensitiva; pois a racional (já os gnosticos defendiam a duplicidade da alma) emanou de Deus, como os eões. Donde resulta, que o homem é um conjuncto de bem e de mal, aquelle procedente do bom, este do mau principio.

A Maçonaria, que é o cano geral dos esgotos do espirito humano, não ha erro anti-religioso que não apadrinhe, a despeito das mil contradicções, em que este infernal padroado a precipita. Mas, abandonando de grau para grau alguma de suas mentiras, sempre deixa ficar de

Termina-se a sessão ensinando ao neophyto a marchar em quadrado. Como até então elle se limitara a executar os seus passos em esquadro, esta nova marcha, modificando-o um pouco, faz-lhe comprehender, que vae progredindo no caminho, que conduz á perfeição.

## III

### O SECRETARIO INTIMO

A armação da sala é preta, semeada de lagrimas de prata. Trez candelabros, de nove braços cada um, supportam ao todo vinte e sete luzes, que allumiam a officina.

A iniciação 'neste grau é pouco complicada.

Dois officiaes sómente constituem o pessoal da recepção: um representa Salomão, o outro Hiram, rei de Tyro.

Os outros irmãos ficam na antecamara, ou passos perdidos.

---

pé, e avulta cada vez mais um systema religioso, ou antes um monumental desconchavo anti-religioso, e puramente satanico, que tem intima affinidade com o gnosticismo.

Admitte dois principios increados, um activo, Deus, outro passivo, a materia. Segundo ella, Deus é uno em essencia, e bino em pessoas: Adonaï, ou Jehovah, e Eblis, ou Lucifer.

Aquelle é o mau principio, origem de todo o mal, e digno da maxima execração dos homens. Estes, illudidos, por longos seculos lhe prestaram adorações: é á Maçonaria que toca manifestar a sua perversidade, fazer derivar para Lucifer as homenagens que lhe têm sido tributadas, e contra elle os odios, que os homens injustamente têm votado a Lucifer.

Este e o bom principio, origem de todo o bem (v. g. do adulterio com Eva, a que não obstou a sua natureza espiritual, do homicidio de Caim etc.) E' 'nelle que deve concentrar-se todo o amor, e veneração dos homens. Ordinariamente a Maçonaria apropria-lhe o nome de Deus, que contrapõe a Adonai, ou Jehovah.

Foi elle que, organisando a materia, formou o mundo, pelo que o denominam Grande Architecto do Universo.

O homem, segundo affirma o orador no seu discurso d'iniciação no 3.º grau, foi formado por Adonai. Mas do adulterio de Lucifer com Eva resultou uma nova linhagem humano-luciferina, que tem por primeiro representante a Caim. E' a raça privilegiada dos mações. Esta é pois obra de Adonai e de Lucifer ('neste ponto, sem o querer, acerta a Maçonaria).

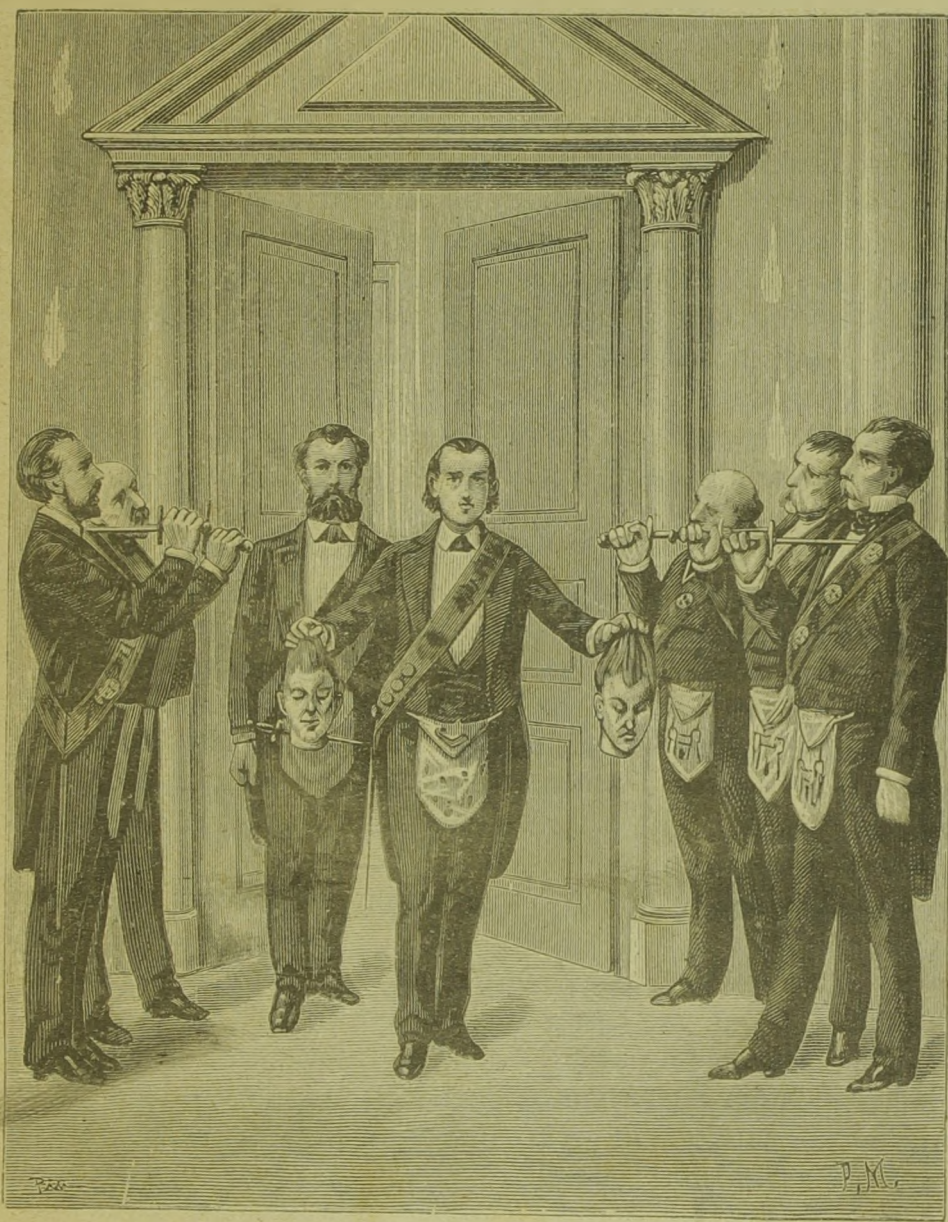
'Neste grau, diz ella outro tanto do homem geralmente considerado, com o plausivel fundamento de 'nelle haver bem e mal.

Alguma razão tem pois a Maçonaria para dizer 'num grau superior, que a sua doutrina é o gnosticismo puro: mas não a tem toda. Que lhe falta pois? E' que o gnosticismo era bestial: mas para a Maçonaria não ha qualificativo sufficiente. Os gnosticos nunca se lembraram d'excogitar uma essencia, com duas personalidades incompativeis, por diametralmente oppostas, e separadas pela distancia que medêa entre o ceu e o inferno (ou centro da terra, como quer a Maçonaria). Isto só d'um bestunto maçonico.

A doutrina moral da Maçonaria afina tambem pela dos gnosticos, que, senão sempre nas palavras, ao menos nas obras eram o que até hoje se tem visto de mais ignobil e corrupto.

A polygamia, a polyandria, o adulterio, o incesto, tudo ella preconisa. E' sabido que este ultimo crime, o que ha de mais hediondo na deshonestidade, é muito vulgar nos portuguezes, que residiram no Brazil. E porquê? Não é menos sabido, que quasi todos elles se filiam na Maçonaria: e os que o não fazem, resentem-se do meio social em que viveram, que é d'aquelles em que a immunda seita exerce maior influxo.

Aqui porem, como no dogma, vae a Maçonaria adiante do gnosticismo, ajunctando ás torpezas mais vergonhosas toda a outra sorte de crimes. O seu principio fundamental é, que uma consciencia, que lucta contra as tendencias naturaes, é uma consciencia falsada. Basta: tudo, que se accrescentasse, seria superfluo.

INICIAÇÃO DO ILLUSTRE ELEITO DOS QUINZE

O candidato entra no grande capitulo, levando na mão as suas duas cabeças de mortos. A' sua passagem, os eleitos puxam dos punhaes, com os quaes o saudam, executando o signal do grau.

Representam os guardas de Salomão; o primeiro vigilante é o capitão das guardas, e o segundo o tenente.

Quanto ao mais a sessão é muito curta.

Eis aqui a lenda do grau.

O rei de Tyro fornecera, dizem, para a construcção do Templo, os cedros do Libano, e, em troca, Salomão cedera-lhe vinte cidades da Galilêa, como tendo certo valor em rendas. Mas Hiram, rei de Tyro, achou, passado algum tempo, que os territorios cedi-

dos não produziam as rendas garantidas por Salomão. Veio pois, por causa d'isto, fazer vivas reclamações ao rei de Jerusalem. Entrou na camara de Salomão precipitadamente, e sem se mandar annunciar. Ora, ao passo que os guardas o tinham deixado passar sem desconfiança, Johaben, um dos favoritos de Salomão, concebeu suspeitas ácerca d'este intruso, que elle não sabia ser o rei de Tyro, e, suppondo-lhe maus designios, foi escutar á porta do aposento, onde os dois reis estavam reunidos, para poder soccorrer seu amo, no caso de o desconhecido querer attentar contra a sua vida. Informado «d'um acto de dedicação tam honroso», diz o Ritual, Salomão fez d'este creado seu secretario intimo.

Tal é a estupida lenda, que se põe em acção no 6.º grau.

Mandam esconder o candidato no reposteiro d'uma porta, e recommendam-lhe, «que escute, que veja, e tire proveito do que tiver visto e ouvido».

Vê elle pois entrar um irmão revestido de longa tunica azul, a fronte cingida por uma coroa, ou por um diadema real. Este irmão dirige arguições a outro (o presidente da officina) que traja um vestuario similhante. Naturalmente o postulante, que não foi informado de nada, não percebe nem palavra d'esta disputa simulada. No momento em que os dois suppostos reis estão para travar-se em briga, um dos irmãos, que ficaram na antecamara, precipita-se d'espada feita sobre o candidato espião, e pergunta-lhe em tom ameaçador o que faz alli.

O candidato responde o que lhe inspira a sua ridicula situação.

O outro declara, que é Zerbal, capitão das guardas d'Hiram, rei de Tyro, e que vae castigar a indiscrição do candidato.

'Nisto, intervem outros. Todos os irmãos entram na sala, e o presidente elogia o candidato, dizendo que a curiosidade jamais é censuravel, quando tem por causa o desejo de um se instruir e cumprir o seu dever.

Em seguida o neophyto é creado secretario intimo.

Este grau comprehende uma instrucção, que o Ritual resume 'nestes termos:

«O 6.º grau ou Secretario Intimo é um grau puramente episodico; não tem por fim senão tornar attractiva a curiosidade, esse estimulo da intelligencia, e mover os iniciados a se apoderarem do maior numero possivel de segredos dos Profanos, para d'elles tirarem a recompensa dos beneficios e da influencia que a Maçonaria adquirirá pelo conhecimento e posse d'esses segredos.»

As pessoas a quem a Maçonaria é revelada não deixarão de dizer, que o grau de que se tracta, a despeito da sua tolice, significa realmente: «A espionagem considera-se licita entre os irmãos

dos trez pontos». E com effeito o resto d'estas divulgações demonstrará, que as traslojas são escholas d'espiões.

## IV

### O PREBOSTE E JUIZ

A armação da sala é vermelha. 'Neste grau não ha nenhuma decoração especial. Illuminam o templo cinco luzes, uma a cada canto, e a quinta ao meio da sala.

O presidente tem o titulo de trez vezes illustre, e representa «Tito, principe dos harodins». Declara-se, que os harodins eram chefes ou prefeitos, em numero de 3600, instituidos por Salomão para atalharem as desavenças, que acaso sobreviessem entre os obreiros do templo de Jerusalem.

Os vigilantes contentam-se com o titulo d'illustres irmãos. O 1.º vigilante representa o escriba Alioreph, e o 2.º o escriba Ahoiah.

A lenda do 7.º grau não tem interesse algum. Versa unicamente sobre este dado: que o preboste e juiz foi proposto por Salomão para administrar justiça aos obreiros.

Ao entrar na sala, o candidato deve dizer: *Chivi* — ao que o presidente da sessão responde: *Ki*.

Estas excentricas palavras significam: «Eu me inclino», e «Levantae-vos».

Depois o mestre de cerimonias traz uma chave tam enorme, como mysteriosa, que faz beijar por cada um dos circumstantes. O candidato beija-a tambem com respeito.

Revelam-lhe muito confidencialmente, que é a chave do logar, onde estão encerrados os sagrados restos do mestre Hiram. Com esta chave poderá elle entrar no mausoleu, que lhe foi mostrado no 5.º grau.

Resumo da arenga do orador:

«Os Principes Harodins ou Prebostes e Juizes eram os 3600 contra-mestres, que Salomão iniciou na administração da Justiça fundada sobre os direitos e deveres do homem.

O desejo de saber, de que se tracta no grau precedente, transforma se aqui em posse da sciencia, obtida por um accordo mutuo, que se funda na mutua fidelidade e apoio, e torna idoneos os iniciados para administrarem justiça a seus Irmãos; o que é a consagração do direito natural, procedente em linha recta da consciencia humana. Os graus 4.º, 5.º, 6.º e 7.º, demonstram-nos que, sendo a obediencia aos instinctos da natureza a unica lei da verdadeira consciencia, e não havendo a existencia do homem de ter fim, devemos apoderar-nos de todos os meios de guerra de nossos inimi-

gos, para chegarmos a impor-lhes o direito natural, o unico, que o Mação reconhece.»

Confia-se ao candidato a famosa chave mysteriosa, que entretanto se lhe exige á saida da sessão.

Instrucção do grau:

«Os trabalhos têm por fim, diz o Ritual, patentear que o direito de dictar leis e tornal-as effectivas só pertence ao povo, e que a elle toca discutil-as, pôl-as em vigor e abrogal-as» — sob a direcção da Maçonaria, bem entendido.

## V

### O INTENDENTE DOS EDIFICIOS

Tambem 'neste grau são vermelhas as armações da sala.

Esta é illuminada por 27 luzes, distribuidas em trez grupos: o primeiro, formado por quinze luzes, collocado diante do presidente; o segundo, de sete luzes, collocado diante do 1.º vigilante, e o terceiro, de cinco, collocado diante do 2.º vigilante.

O presidente, que tem o titulo de trez vezes poderoso, representa Salomão. Occupa o oriente, sentado 'num throno, de corôa e manto real. Cobre-o um immenso docel, ao fundo do qual fica o seguinte apparelho: um grande prato circular, de lata, contendo uma estrella de nove pontas, e munido d'um tubo insufflatorio; ao centro da estrella ha um triangulo, egualmente de lata, com um dos vertices para baixo, e vasado d'um lado ao outro por trez furos guarnecidos d'amianto, com a fórma dos trez *jodes* hebraicos; uma pequena lampada d'alcool projecta por traz do triangulo a sua chamma incolor. Vamos ver para que serve este exquisito apparelho.

O 1.º vigilante, ou trez vezes illustre inspector, representa Tito, principe dos harodins. Fica á entrada da sala, sobre um pequeno estrado.

Mesmo á porta, fica o 2.º vigilante, que exerce as funcções d'introductor, e representa Adonhiram, filho de Abda.

Na iniciação no 8.º grau, tracta-se de novo de supprir a perda d'Hiram pela nomeação de alguns directores dos obreiros. Conta-se ao candidato, que Salomão creou uma eschola d'architectura, cujos alumnos eram destinados a occupar em seguida as mais altas dignidades do reino; mas o rei de Jerusalem não tardou a verificar a inefficacia d'esta tentativa de protecção official concedida aos intendentes dos edificios d'Israel.

«Portanto, diz o orador, toda a protecção official é nociva aos obreiros da intelligencia; e o 8.º grau é chamado a atacar vi-

gorosamente esta intellectualidade decretada. A civilisação humana repousa somente em dois fundamentos: a propriedade e o trabalho. O trabalho, condição social do homem, e não castigo infligido por um deus qualquer, não existe senão pela liberdade. A propriedade, direito que só o trabalhador possue, não existe egualmente senão pelo trabalho. A propriedade e o trabalho, essas duas unicas bases da civilisação, têm por vinculo commum a liberdade, que não é mais que a pratica do *Suum cuique*, a cada um o que é seu. O triangulo Trabalho-Liberdade-Propriedade, symbolo da geração da civilisação social, é a synthese do verdadeiro socialismo, cuja pratica raciocinada deve ser animada 'neste grau.»

Fazem subir ao candidato sete degraus, que são «os sete degraus da exactidão».

Depois, estando elle no oriente, apagam todas as luzes. O grão mestre de cerimonias escoa se despercebidamente para traz dos pannos do docel, d'onde, soprando, projecta com força lycopodio pelo tubo do apparelho acima descripto. O lycopodio, ao passar sobre a lampada d'alcool, inflamma-se, e repuxa em vivos clarões em toda a volta do triangulo de lata, pelas nove pontas da estrella. Os trez *jodes* do triangulo apparecem então resplandecentes.

— Vede a grande luz, Illustres Irmãos, diz o presidente, e contemplae, se vossos olhos podem supportar seu brilho, as trez lettras mysteriosas do formidavel triangulo.

Terminado este espectaculo, reaccendem-se as luzes. O presidente Salomão explica ao candidato, que este acaba de ver o symbolo mysterioso e divino do bom principio, mas que só mais tarde penetrará seu sentido, no dia em que se houver tornado digno d'esta revelação. (Só no grau de cavalleiro kadosch é que ella se faz definitivamente.)

Antes d'isso, dizem-lhe. cumpre que elle se torne apto para terminar os trabalhos de certa camara secreta.

Instrucção do grau:

«Os trabalhos têm por fim, diz o Ritual, estudar as bases mais solidas em que deve assentar o edificio da Sociedade humana, e determinar bem o sentido das pavras Propriedade e Trabalho.»

Aqui finalmente pomos termo á primeira serie dos graus de eliminação. Somos chegados aos graus 9.°, 10.°, e 11.°, que geralmente se praticam, quer a iniciação 'nelles se confira summariamente 'numa unica sessão, quer integralmente em trez sessões progressivas.

## CAPITULO TERCEIRO

### O CONSELHO DOS ELEITOS OU GRANDE CAPITULO

### I

### O MESTRE ELEITO DOS NOVE

Os graus 9.°, 10.°, e 11.°, posto que figurem entre os graus capitulares da Maçonaria Vermelha, são realmente o prefacio do principal grau philosophico da Maçonaria Negra: por outra, servem aos chefes secretos da associação para distinguir entre os iniciados escolhidos quaes são aquelles, de quem, 'num dado momento, poderão fazer cavalleiros kadosch.

No 6.° grau, vimos a eschola da espionagem: agora vamos ver a do assassinato.

O logar de reunião figura uma das quadras do palacio de Salomão. A sala é a mesma para cada um dos trez graus d'eleito, salvo algumas ligeiras modificações, que em seu logar irei indicando. (1)

A armação é preta, cercada de galões de prata. Ha por ella, bordadas a prata, caveiras, e tibias encruzadas, bem como chammas vermelhas. D'espaço a espaço veem-se columnas alternadamente vermelhas e brancas.

No oriente, elevam-se dois thronos sobre um estrado, collocados sob o mesmo docel. O altar, situado diante dos thronos, é coberto d'um panno vermelho orlado a preto, cuja parte anterior, que pende fazendo frente á sala, tem bordado ao meio um punhal, de lamina preta e cabo branco, rodeado por nove chammas negras, dispostas em raios divergentes. Sobre este altar está um punhal, um compasso, uma Biblia aberta no Livro da Sabedoria, um malhete, e um listão preto.

O presidente tem o titulo de muito sabio, ou, mais commummente, muito soberano. Assenta-se em um dos dois thronos, o da direita (esquerda do espectador). Representa o rei Solomão. Traja um pomposo vestuario theatral: manto real; corôa reluzente de pedraria (falsa, está claro); luvas guarnecidas de franja d'ouro; avental branco, mosqueado de vermelho, cercado d'um galão preto,

---

(1) Na minha obra, *Os Irmãos dos Trez-Pontos*, apresentei os graus 9.°. 10.°, e 11.° taes, como elles se praticam accumulados 'numa só iniciação, isto é, em resumo.

A presente publicação, tendo o fito principalmente em ser completa, vae pelo contrario apresentar os trez graus d'eleito por extenso, segundo o systema das iniciações progressivas.

e orlado ainda de renda de prata; na mão um sceptro azul, com dourados, coroado por um triangulo d'ouro. Está sentado no throno desde a abertura da sessão.

Assiste-lhe um irmão, que exerce as funcções de vice-presidente. Sómente quando é convidado, se assenta no segundo throno. Representa Hiram, rei de Tyro, de quem o architecto seu homonymo era vassallo; empunha um grande punhal; não tem pedraria na corôa; do lado esquerdo traz uma almofada, com uma caveira por cima d'uma tibia cruzada com um punhal, tudo bordado a prata, e cercado por esta divisa: *Vincere aut mori*: (vencer ou morrer).

Os outros membros do conselho dos eleitos, nas iniciações do 9.º grau, são sete. Vestem traje de cerimonia: avental branco, mosqueado de vermelho, e forrado e guarnecido de preto, tendo pintado no babadouro um braço, que sustenta um punhal ensanguentado; banda preta, ondeada, larga, lançada do lado esquerdo ao direito, com nove rosetas vermelhas ao fundo, quatro adiante, e quatro atraz, servindo a nona de prender a joia, que é um punhal.

A sala é alumiada por nove velas amarellas suspensas 'num lustre, ou mettidas indistinctamente em castiçaes postos no chão: mas é preciso que uma fique separada das outras.

No pavimento da sala, bem ao meio, vê-se estendido um quadro pintado em tela, representando as decorações distinctivas do cerimonial da recepção. Em cima d'elle foi collocado um manequim, que figura uma creança de trez ou quatro annos, sentada no chão. Os eleitos estão á volta do quadro. Um d'elles é o grande experto do capitulo; é elle que, sob o nome de irmão intimo, vae immediatamente servir d'introductor ao candidato.

Durante os preparativos da sessão, foi este conduzido para um gabinete chamado «camara das preparações», que é um aposento adornado com muita singeleza e pintado de côres escuras.

Ao meio está uma mesa de pau, e uma cadeira tosca, ou simplesmente um pequeno banco. Por unica luz, uma vela amarella, 'num castiçal de madeira pintado de preto, posto na meza. Das paredes pendem tres quadros, onde estão inscriptas as seguintes maximas:

«*O crime não póde ficar impune. — A consciencia é um juiz inflexivel. — Sem ordem legitima, a vingança é um crime.*»

Tal é a peça, onde encerram o candidato, á sua chegada.

Emquanto elle reflecte, o conselho dos nove entra em sessão.

No principio da abertura, só o presidente, de corôa na cabeça, está assentado no oriente. O vice-presidente conserva-se de pé, juncto do altar.

O muito soberano, ou Salomão. — Muito poderoso Rei de Tyro, que vindes fazer aqui?

Rei de Tyro. — Muito Soberano, venho-vos pedir vingança da morte d'Hiram, que até hoje tem estado impune.

Salomão. — Sentae-vos, meu Irmão, e sêde testimunha das investigações que eu vou ordenar para descobrir os assassinos.

O rei de Tyro sobe ao oriente, e senta-se no seu throno. Ao mesmo tempo, o grande experto aproxima-se do altar, e põe o joelho em terra diante de Salomão.

Salomão, pousando o seu sceptro sobre a cabeça do grande experto. — Meu Irmão, eu vos constituo intimo do conselho, para velardes pela segurança do paço; começareis vossas funcções assegurando-vos das qualidades dos Irmãos aqui presentes.

O intimo levanta-se, sauda o muito soberano e seu assessor, e vae tomar o signal, o toque, e as palavras de cada irmão: depois volta para juncto do altar. Todos estão de pé, menos os dois reis.

O intimo do conselho. — O Conselho não tem senão fieis vassallos, Muito Soberano.

Salomão, levantando-se. — Meus Irmãos, o Grande Architecto do Universo nos esclareça, a equidade nos dirija, e a verdade seja quem decida!... Irmão Intimo, afastae todos os Profanos, e lembrae-vos de que sob este nome comprehendemos os Mações não condecorados com o grau de Mestre Eleito.

O intimo vae visitar a ante-camara da sala, posta como sentinella dentro da porta um dos presentes, d'espada na mão, e volta ao pé do altar.

Intimo. — Tudo está coberto, Muito Soberano, os guardas cercam as portas do palacio, e nenhum Profano póde penetrar nossos mysterios.

Salomão. — Que horas são, Irmão Intimo?

Intimo. — Vae raiar o dia; Lucifer, a estrella da manhã, nos illumina.

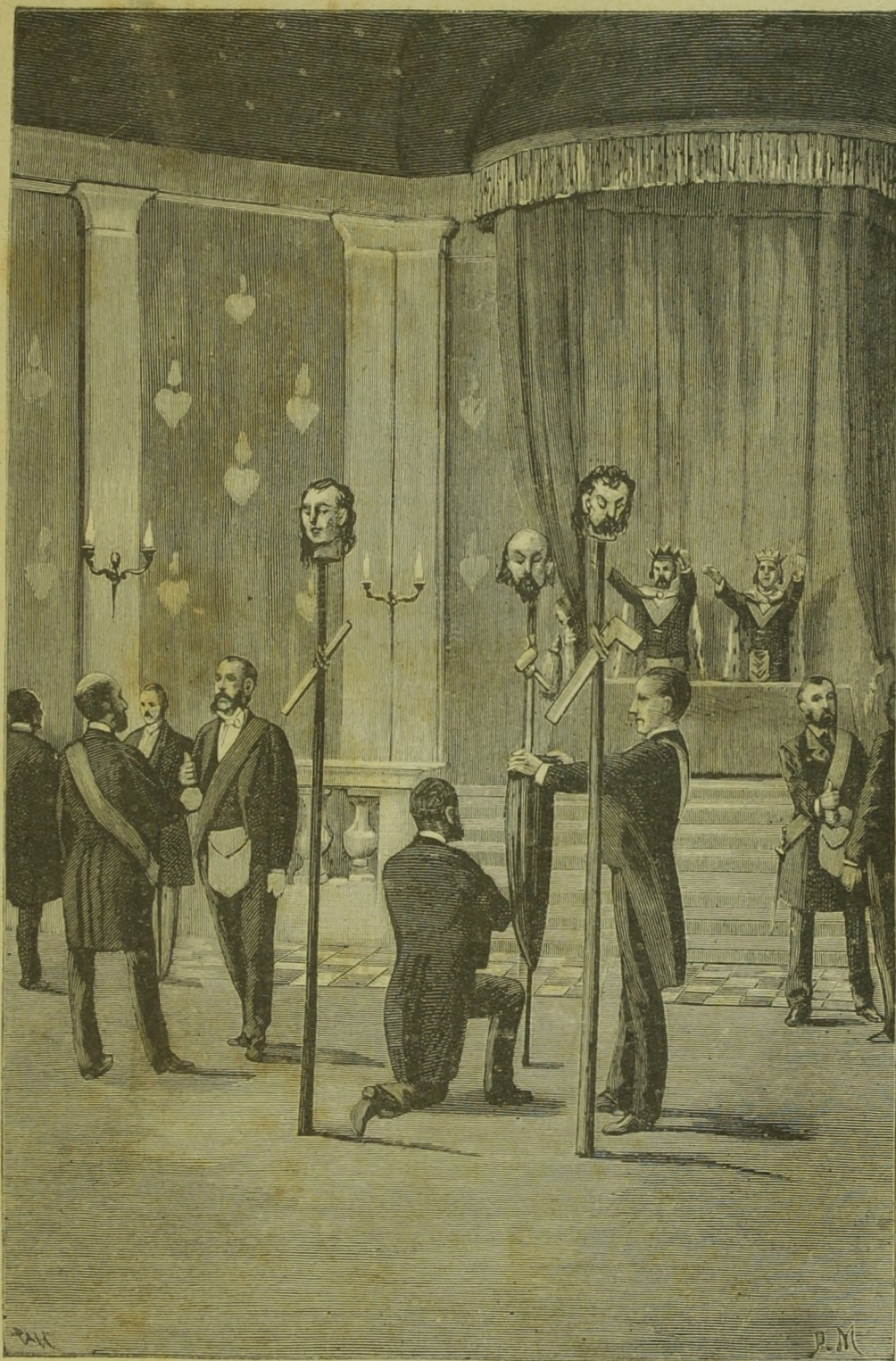
Salomão, dando oito pancadas precipitadas, e uma nona separada. — *Nekam! Nekar!* [1]

Os assistentes repetem estas duas palavras, depois de terem dado egualmente as nove pancadas nas mãos.

Salomão. — Está aberto o Conselho, Muito Respeitaveis Irmãos.

Dá um golpe de malhete: depois, tomando com a mão direita o punhal, que está sobre o altar, eleva-o á altura da espadua esquerda, cerrando o punho, como se se dispozera a ferir. Todos

(1) Segundo o *Manual Geral Maçonico do Grande Oriente da França*, dever-se-hia dizer: *Nekam!* (vingança) *Hichah!* (elle feriu). Em alguns Rituaes escocezes, encontra-se: *Nekam! Nekah!*

INICIAÇÃO DO SUBLIME CAVALLEIRO ELEITO

O neophyto recebe o listão de sublime cavalleiro eleito, de joelho em terra, no meio das trez cabeças empaladas

os assistentes pegam então dos punhaes, e fazem o gesto de com elles se ferirem á altura do estomago; em seguida mettem-nos na bainha. Novo golpe de malhete de Salomão; sentam-se todos.

Salomão. — Sabeis, Muito Respeitaveis Irmãos, com quanta dôr eu recebi a noticia da perda do grande homem, que por mim fora encarregado da direcção de nossas obras. Em vão, empreguei todos os meios para descobrir os scelerados que o assassinaram. Tudo deve levar-nos á vingança; o Rei de Tyro vem aqui reclamal a. A elle deixo o cuidado de vos inspirar justos sentimentos que vos animem a vingar a funesta morte d'um homem que era a alma de nossos trabalhos.

O Rei de Tyro desce do seu throno, vem ao pé do quadro estendido em terra, tira do seu grande punhal, e com a ponta indica o pequeno boneco, que figura uma creança.

Rei de Tyro. — Aqui está, meus Irmãos, o sagrado penhor que vos legou esse grande homem. Elle deve esperar que, se vos é cara sua memoria, os gritos d'esta creança, as suas lagrimas e supplicas vos commovam. Ella vos pede vingança da morte de seu pae, que era vosso companheiro e amigo. Unamos pois nossos esforços para descobrir os assassinos ou pelo menos aquelle d'entre elles, que descarregou o golpe mortal; castigo á traição! punição ao crime!

Levantam-se todos, tiram os punhaes da bainha, põe-nos na mão esquerda estendida para a frente, e collocam a mão direita por cima, como para prestar juramento.

Todos ao mesmo tempo. — *Nekam! Nekar!*

O rei de Tyro torna a subir ao altar; sentam-se todos, e mettem outra vez na bainha os punhaes.

'Neste momento, o candidato, que, depois de ter sobejamente meditado, foi conduzido para o atrio, bate á porta nove pancadas, espaçadas segundo a bateria de mestre.

Um eleito, posto por sentinella juncto da porta, dá por seu turno uma forte pancada.

Salomão. — Irmão Intimo, vêde a causa d'esse ruido; as minhas ordens seriam mal executadas?

O irmão sae, e torna a entrar logo com ar de surpreza.

Intimo. — Muito Soberano, o Conselho está traido!

Todos os circumstantes, levantando-se, e arrancando de seus punhaes. — *Nekam! Nekar!*

Salomão, estendendo o seu sceptro. — Dê logar por um momento a vossa indignação, Respeitaveis Irmãos, á necessidade de ouvir o que refere o Irmão Intimo... Dizei-nos, Irmão Intimo, quem causou este rumor e quem teve a audacia de perturbar o nosso augusto Conselho.

Intimo. — Acabo de ver com surpreza, Muito Soberano, que um Irmão se introduziu clandestinamente na sala que precede esta peça. É de recear que elle tenha ouvido os segredos do Conselho. Direi até, com tremor, que é de presumir, que esteja manchado de algum grande crime; porque traz as mãos tinctas de sangue, a afiada espada que tem na mão depõe contra elle, e tudo me excita suspeitas.

Salomão, pegando no punhal. — Uma vez que assim é, seja sacrificado aos manes do Respeitavel Mestre Hiram!

O rei de Tyro, levantando-se. — Meu real Irmão, escutae a vossa costumada sabedoria, e não precipitemos nada. Se dou ouvidos ás minhas suspeitas e ao meu coração, esse homem é o assassino, que buscamos, ou pelo menos, poderá dar-nos d'elle algumas novas. A minha opinião seria que elle fosse desarmado e introduzido, de corpo, mãos e pescoço atados, para 'neste estado responder ás interrogações que a vossa sabedoria vos inspirar. (Torna a sentar-se.)

Salomão, erguendo o seu sceptro. — Meus Muito Respeitaveis Irmãos, ouvistes as razões do Muito Poderoso rei de Tyro, e as precauções, que a sua prudencia lhe suggere. Entendeis que devemos seguir o seu parecer?

Todos os presentes dão o costumado signal de assentimento.

Salomão. — Irmão Intimo, sabeis a decisão, que o Conselho acaba de tomar. Ide ter com o temerario, inspirae-lhe terror, e trazei-o ao pé do nosso throno no estado que foi dicto.

O irmão intimo sae, para ir buscar o candidato.

Eis o modo porque se procede á recepção d'este, que se acha no atrio.

O intimo, assim que chega, lança-lhe mão da espada, que é a sua espada de mestre, e, tendo-lh'a arrancado, envia-a ao Conselho por um irmão, que teve o cuidado de levar comsigo. Este irmão, apresentando-a ao muito soberano, diz: «O Mestre de quem suspeitamos está desarmado.» Então o intimo lança ao pescoço do candidato um cordão, ou grande fita vermelha, com que lhe ata ainda as mãos, e alem d'isso involve o corpo. Depois fal-o descalçar de todo os sapatos; cobre-lhe os olhos com uma venda espessissima, e calça-lhe um par de luvas ensanguentadas; volta-lhe o avental ás avessas, e finalmente cobre-o d'um chapeu achatado e machucado. Estando o candidato assim, diz-lhe o intimo: «Sondae o vosso coração, meu Irmão; suspeitam de vós um grande crime, digno d'um castigo, capaz de aterrar o coração mais fero. Podeis comtudo esperar clemencia, se as vossas palavras forem guiadas pela sinceridade. Se estaes innocente, segui-me confiado.»

Depois d'este discurso, o irmão intimo põe o punhal sobre o

coração do candidato, leva-o á porta da camara do conselho, abre-a, e introduz o seu homem, que colloca no occidente.

Salomão ao candidato. — O' tu que te apresentas aqui sem teres sido chamado, que procuras?

Candidato. — Procuro, Muito Soberano, a recompensa que me é devida.

(As respostas são segredadas ao candidato pelo irmão intimo.)

Salomão. — Então cuidas tu que os Mações auctorisam o crime e o homicidio?... Antes treme, scelerado, lembrando-te do justo castigo que te espera!... E em primeiro logar, quem és tu?

Candidato. — O melhor dos Mações, o mais zeloso de todos os Irmãos, ou pelo menos o mais digno d'esse titulo.

Salomão. — Vil assassino! Que ousas tu dizer, quando te apresentas 'neste logar sagrado, com as mãos tinctas d'um sangue sem duvida innocente?... Tudo depõe contra ti, tudo accusa o teu abominavel crime!

Candidato. — A tudo me subjeito, se estou culpado.

Rei de Tyro. — Seja vingado o Respeitavel Mestre Hiram!

Todos os assistentes. — *Nekam! Nekar!*

Rei de Tyro. — Regosijae-vos, meus Irmãos; o assassino d'Hiram está descoberto.

Salomão. — A impostura é grosseira de mais para que este miseravel procure por mais tempo enganar-nos. Então, scelerado, que respondes tu?

Candidato. — Que é sem razão, que de mim suspeitam a morte d'um Mestre, cuja memoria eu respeito. Não venho aqui senão com o intento de vos dar algumas novas d'elle pelas descobertas que fiz.

Salomão. — Que novas são essas?

Candidato. — Uma caverna, uma sarça ardente, uma fonte d'agua nativa, um cão por guia, me indicaram o logar de refugio do principal dos assassinos.

Salomão. — Quem nos garantirá que tu não mentes?

Candidato. — As minhas mãos embebidas no sangue dos trez animaes, o leão, o tigre e o urso, que elle tinha domesticado para guardarem a entrada da sua caverna, e que eu matei para lá chegar.

Salomão. — Que vens tu pedir?

Candidato. — Eu não peço nada; venho receber as ordens do Rei e saber se elle quer que eu lhe entregue Abibala morto ou vivo.

O leitor está lembrado de que, por occasião da recepção do mestre perfeito, se declarou ao iniciado, que Jubelas, Jubelos, e Jubelum eram nomes suppostos dos trez companheiros assassinos;

por seus verdadeiros nomes, chamavam-se elles, como se lhe disse então, Sterkin, Oterfut, e Abibala.

Salomão. — Que prova nos dás da tua lealdade?

Candidato. — Os penhores da minha innocencia serão as promessas mais sagradas, e os mais horriveis supplicios, que eu consinto em soffrer se for reconhecido criminoso.

Salomão. — Irmão Intimo, visto que este Irmão começa a acalmar as nossas suspeitas, fazei-o adiantar por nove passos, trez d'Aprendiz, trez de Companheiro e trez de Mestre, até o nosso throno, para aqui vir prestar em nossas mãos a sua primeira obrigação.

O intimo manda ao candidato adiantar-se, como lhe é ordenado, até o oriente, cujos degraus em seguida lhe faz subir. Ahi, o candidato põe o joelho direito em terra, tendo a mão direita sobre a Biblia, e a esquerda sobre o compasso e o malhete. Salomão colloca-lhe o punhal na fronte, e o irmão intimo uma espada nua nas costas. Em seguida Salomão dá uma pancada no altar com o seu sceptro; toda a assemblea se levanta.

Salomão ao candidato. — Tende bem tento no que ides fazer; o momento é critico. Se procuraes illudir-nos, a nossa indulgencia presente trocar-se-ha 'num legitimo furor, o que só servirá de augmentar o rigor dos supplicios que vos aguardam. Se sois sincero, pronunciae comnosco.

*Juramento do mestre eleito dos nove* (dictado pelo muito soberano, e repetido, palavra por palavra, pelo candidato):

— Prometto e juro pela minha honra, perante esta augusta assemblea, na presença dos altos poderes da Maçonaria, nunca revelar a homem algum os novos segredos, que me vão ser confiados e que conferem o sublime titulo de Mestre Eleito dos Nove. Prometto cumprir escrupulosamente suas obrigações, com risco da minha vida, em qualquer circumstancia; juro, para vingar a verdade atraiçoada e a virtude perseguida, immolar em sacrificio aos manes d'Hiram, os falsos irmãos, que revelarem qualquer de nossos segredos aos Profanos. Eu desempenharei os meus compromissos, ou a mais horrivel morte seja expiação do meu perjurio: depois de meus olhos serem privados da luz pelo ferro em braza, seja o meu corpo presa dos abutres e por toda a terra fique para os Filhos da Viuva em execração minha memoria! Assim seja.

Salomão. — *Nekam! Nekar!*

Todos os assistentes. — *Nekam! Nekar!*

Salomão. — Vós o ouvistes, Muito Respeitaveis Irmãos. Julgaes conveniente que este Irmão complete agora a vingança?

Os assistentes dão o signal de assentimento.

Salomão, tendo feito levantar o candidato.—Irmão Intimo, fa-

zei voltar este Irmão para a extremidade do paço. Que se vá, caminhando para traz, para assim aprender que nada se obtem sem custo, e que nunca deve offender-se das mortificações ordenadas por juizo do Conselho, pois que a humildade é o verdadeiro caminho da perfeição maçonica. . . (Ao rei de Tyro:) Muito poderoso monarcha, estaes satisfeito?

Rei de Tyro. — Estal-o-hei quando o desconhecido tiver cumprido suas promessas, entregando-nos Abibala morto ou vivo.

Salomão. — Irmão Intimo, desatae as mãos ao desconhecido, armae-o de sua espada, e ponde-o em estado de ir cumprir suas promessas.

O intimo desata as mãos do candidato, e lhe entrega a sua espada de mestre.

Salomão ao candidato. — O castigo da traição deve sempre ter por veu as espessas sombras da noite. Ei-a pois! consumma a tua obra com a protecção das trevas, e torna-te digno da escolha que nos aprouve fazer de ti para exterminar o assassino d'Hiram! mas procura entregar-nol-o vivo.

O intimo toma pelas mãos o candidato, que continua d'olhos vendados: fal-o andar ás arrecuas á volta da sala (nove voltas); á nona volta, abre-se brandamente a porta, e conduzem-no á camara escura, ou camara da caverna.

Esta peça representa um deserto de aspecto selvatico; em toda a volta estão representados grandes rochedos broncos e isolados, pedras brutas, como 'numa pedreira. A um canto da sala, ha um logar apartado, que figura uma caverna aberta na pedra, para onde se suppõe descer por nove degraus rusticos; vê-se lá sobre uma pedra um candieiro acceso. A' direita, diante da caverna, ha uma nascente d'agua (representada por uma fonte) que brota d'um rochedo; á esquerda, um cão empalhado, com o focinho no chão, como a seguir uma pista. Por cima da caverna estão quatro manequins, que representam dois homens, que vão fugindo d'outros dois, que os perseguem. Ao principio, a caverna está fechada por um transparente, que se corre em certo momento, e deixa então vêr, ao fundo do antro, um quinto manequim, que representa um homem dormindo assentado.

A cabeça d'este manequim, e as dos outros dois, que representam homens em fuga, devem não estar pegadas ao tronco, mas apenas pousadas sobre o pescoço. O transparente representa um braço, que sustenta um punhal, com esta palavra escripta: *Vingança!*

Vejamos agora a repugnante comedia, que se põe em scena:

O intimo, tendo o candidato, por elle conduzido, chegado á camara escura. — Não vos movaes, meu Irmão, até ouvirdes dar

tres pancadas, que vos servirão de signal para desvendar os olhos. Observae exactamente o que vos prescrevo; pois que, sem isso, jámais poderieis ser admittido no augusto Conselho dos Mestres Eleitos.

O intimo sae, fechando a porta com força, e deixa o candidato entregue por alguns momentos a suas reflexões. Em seguida dá trez pancadas; a este signal, o candidato tira a venda; dá-se-lhe tempo de examinar o que o cerca.

O intimo, tornando a entrar. — Coragem, meu Irmão!... Vedes esta agua viva, que brota do rochedo?... (Mostra-lhe a fonte.) Pegae 'neste copo (dá-lhe um copo) tomae agua e bebei; por que ainda tendes muito que fazer!

O candidato bebe.

O intimo, levando-o á caverna. — Tomae este candieiro (manda-lhe pegar no candieiro, que está sobre uma pedra, á entrada da caverna); armae-vos com este punhal (entrega-lhe um punhal); ide ao fundo d'esta caverna, e feri tudo que encontrardes que vos resista. Defendei-vos, vingae o vosso Mestre, e tornae-vos digno de ser Eleito.

O candidato entra, com o punhal no ar, tendo o candieiro na mão esquerda.

'Nesta occasião, o transparente corre por umas ranhuras, e deixa á vista o manequim, que representa um homem dormindo assentado.

O intimo, apontando o manequim. — Feri! Vingae Hiram! É esse o seu assassino!

O candidato fere o manequim a punhaladas.

Intimo. — Deixae esse candieiro, pegae 'nesta cabeça pelos cabellos, erguei o punhal, e segui-me.

«Tem-se de prevenção, diz o Ritual, sangue ou alguma droga vermelha, com que o Irmão Intimo tinge o punhal e mãos do candidato antes de sair da caverna; o Intimo o conduz depois á Camara do Conselho, onde entra adiante d'elle. Vae atraz o candidato, levando pelos cabellos a cabeça do boneco: assim é apresentado a todos os Irmãos, que estão de pé e o saudam tendo seus punhaes levantados á altura do hombro esquerdo quando elle passa diante d'elles.»

Salomão, levantando o seu punhal. — *Nekam! Nekar!*

O intimo faz caminhar o candidato para o altar por trez grandes passos precipitados; ao terceiro, este inclina-se, põe um joelho em terra, pousa a cabeça cortada e o punhal sobre o altar, e fica ajoelhado.

Salomão. — Desgraçado! Que fizestes?... Eu não vol-o tinha mandado matar!...

Todos os assistentes, pondo um joelho em terra. — Perdão para elle, Muito Soberano! Foi o zelo que o arrebatou; perdão perdão!

Salomão. — Seja perdoado, como desejaes, Respeitaveis Irmãos!...

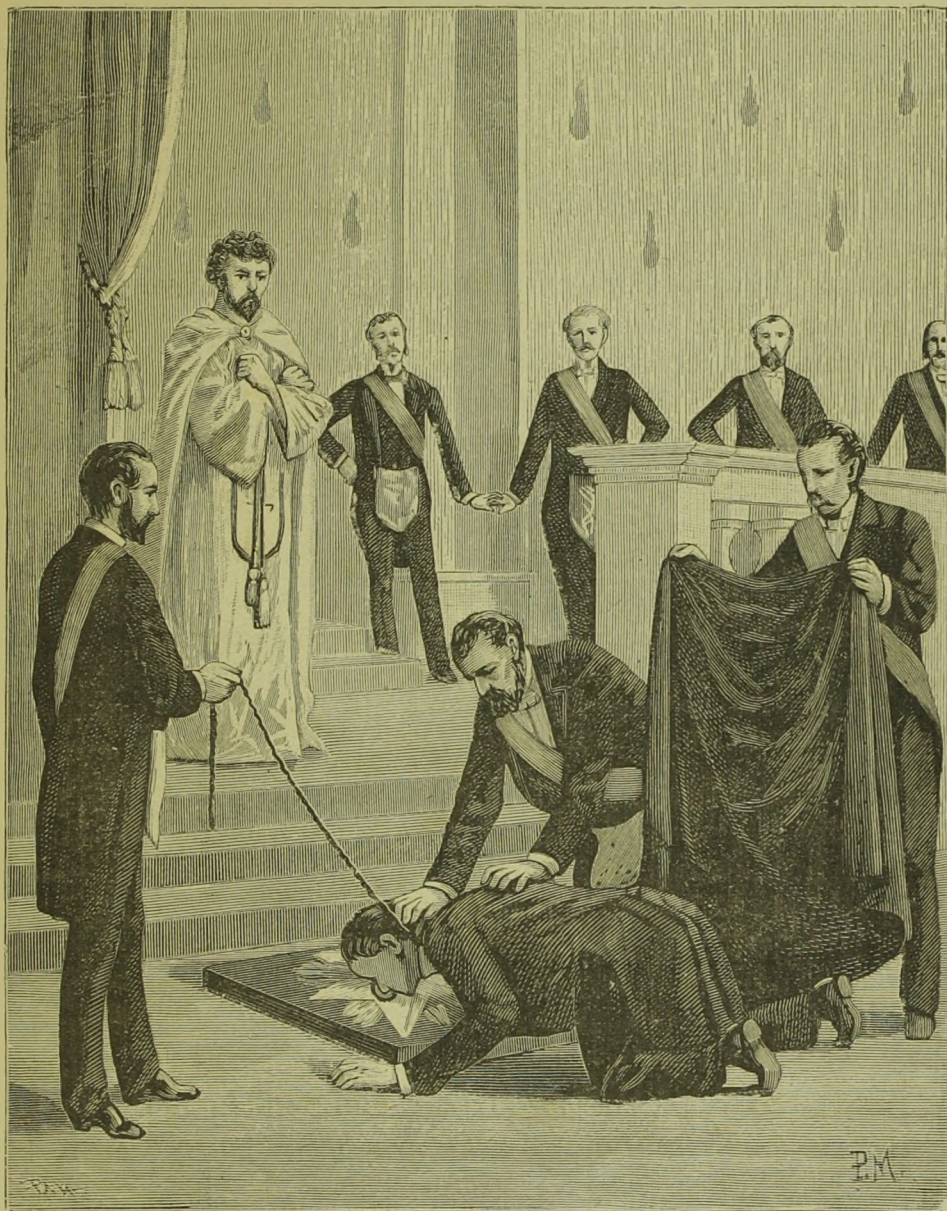
Levantae-vos e concorrei commigo a recompensar a dedicação e firmeza d'este Irmão... (Todos os assistentes se levantam.) E vós, meu Irmão, levantae-vos tambem (o candidato obedece) e sabei que tudo o que acabaes de fazer é uma imagem das obrigações que hoje contrahis... Vós ides substituir um dos nove Mestres que Salomão julgou assaz perfeitos para lhes confiar a perseguição dos assassinos d'Hiram... Posto que todos estivessem animados do mesmo ardor, é de crer que nenhum poderia ter descoberto o valhacouto dos assassinos, se um desconhecido o não houvesse indicado a Salomão. O rei mandou lá sem demora os nove zelosos Mestres, e um d'elles, tendo entrado precipitadamente na caverna, mal tinha visto Abibala, vibrou-lhe uma punhalada ao coração, que logo alli prostrou morto o traidor... Vinde agora, meu Irmão, receber a recompensa devida ao vosso zelo... (Dando-lhe o avental do grau.) Este avental denota o lucto que todos os Eleitos guardam em memoria da morte d'Hiram e vos faz conhecer a dôr, que d'ella deve ter todo o bom Mação... (Dando-lhe um par de luvas:) Estas luvas vos mostram que sómente a innocencia tem dôr sem remorsos.

O muito soberano communica em seguida ao candidato os signaes, palavras, toque, etc., do grau, e o convida a ir fazer-se reconhecer por seus irmãos. O iniciado obedece, e o rei de Tyro annuncia que o novo eleito é reconhecido como tal.

Salomão. — Respeitaveis Irmãos, ajudae-me a consagrar o novo Eleito.

Todos os assistentes estendem as mãos ambas para o lado do candidato.

Salomão, tocando-o com o seu sceptro. — Meu Respeitavel Irmão, eu vos proclamo e consagro Mestre Eleito dos Nove por consentimento d'este muito augusto Conselho e vos entrego este punhal... (entrega-lhe um punhal, e lança-lhe ao pescoço o listão do grau). Mas lembrae-vos de que esta arma de vingança vos é confiada unicamente para punir a traição, defender vossos Irmãos em perigo e castigar o crime; é com este fim que nós d'ella vos ornamos e que vós deveis guardal-a... Tomae logar entre os Irmãos Eleitos, entre os Anciões do nosso Conselho, segui o seu exemplo... E, para vos instruirdes, prestae attento ouvido á instrucção que vae fazer-se; ella vos esclarecerá sobre o que vistes e fizestes, mas de que até aqui não podestes ter completa intelligencia.

INICIAÇÃO DO GRÃO MESTRE ARCHITECTO

Os vigilantes agarram do imbecil, e obrigam-no a pôr-se a quatro pés, e beijar a lettra G da estrella radiante

Dá um golpe de malhete. Assentam-se todos, menos o rei de Tyro, e o irmão intimo, que levou o candidato a assentar-se no seu logar.

O rei de Tyro ao irmão intimo. — Sois Mestre Eleito?

Intimo [1] — Sou sim, Muito Poderoso.
Rei de Tyro. — Onde fostes recebido?
Intimo. — No palacio de Salomão.
Rei de Tyro. — Que motivo vos levou a solicitar este novo grau?
Intimo. — O desejo de aprender a arte de punir os traidores, vingando a morte d'Hiram.
Rei de Tyro. — Qual foi dos trez maus companheiros aquelle, cujos golpes acabaram de matar o Respeitavel Mestre?
Intimo. — Abibala, cujo nome significa «o assassino de nosso pae».
Rei de Tyro. — Por onde chegaste ao logar da vingança?
Intimo. — Por caminhos tenebrosos, por veredas desconhecidas e com a protecção das sombras da noite.
Rei de Tyro. — Porque assim?
Intimo. — Porque, quando se trata de punir um traidor, cumpre não o ferir á luz do dia.
Rei de Tyro. — Quem vos guiou?
Intimo. — Um desconhecido.
Rei de Tyro. — Que significa isso?
Intimo. — Quer dizer que o castigo do perjuro e do falso-irmão deve executar-se com discrição, sem que os executores da vingança se conheçam uns aos outros.
Rei de Tyro. — Onde era situado o logar da vingança?
Intimo. — Ao pé d'uma sarça ardente, 'numa caverna sombria.
Rei de Tyro. — Que encontrastes 'nessa caverna.
Intimo. — O traidor Abibala, uma fonte d'agua viva, uma luz e um punhal.
Rei de Tyro. — Que uso fizestes de tudo isso?
Intimo. — A luz me alumiou, a fonte me desalterou, o punhal estava reservado para vingar a morte d'Hiram, pelo golpe que eu dei em Abibala, que logo alli caiu morto.
Rei de Tyro. — Abibala, ao cair, não disse uma palavra?
Intimo. — Repetiu duas palavras, que o nosso Respeitavel Mestre Hiram tinha dicto ao succumbir a seus golpes.
Rei de Tyro. — Dizei-as.
Intimo. — Não posso proferil-as.
Rei de Tyro. — Pois bem, dizei sómente a primeira, e eu direi a segunda.
Intimo. — *Nekam!*

---

(1) Nos capitulos do Grande Oriente da França, este dialogo tem logar entre o rei de Tyro e um irmão incumbido de guardar a porta, o qual usa o titulo de severo inspector.

Rei de Tyro. — *Nekar!*... Que fizestes do corpo de Abibala?

Intimo. — Cortei-lhe a cabeça e levei-a a Salomão para lhe fazer saber que a primeira vingança estava realisada.

Rei de Tyro. — Qual é a significação d'esta lenda?

Intimo. — A traição não deve ficar impune; a vingança é um acto de virtude, desde que é ordenada por um poder legitimo; a consciencia d'um Mação é inflexivel; e o Grande Architecto do Universo é o nosso unico juiz.

Rei de Tyro. — Que horas eram, quando chegastes á presença de Salomão?

Intimo. — O dia estava a apontar, o astro que me alumiava era Lucifer, a estrella da manhã.

Rei de Tyro. — Quantos Mestres Eleitos havia para executar a sublime vingança?

Intimo. — Oito e um.

Rei de Tyro. — Que vos falta fazer?

Intimo. — Castigar os dois cumplices de Abibala.

Rei de Tyro. — Que horas são?

Intimo. — O entrar da noite, a hora a que eu penetrei na caverna.

Salomão, levantando-se. — Meus Irmãos, esteja sempre presente em nosso espirito hora tam memoravel, e sem cessar nos traga á memoria o zelo dos nove Mestres para os imitarmos! (Levantam-se todos.)

Em seguida, Salomão dá no altar sete pancadas de malhete; o rei de Tyro, pegando no seu grande punhal, dá com o cabo duas pancadas.

Salomão. — Meus Irmãos, a vingança está consummada; o Conselho dos Eleitos póde retirar-se, o Capitulo está fechado.

A significação pratica d'este grau é odiosa. Posto que representando uma comedia com bonecos, tracta-se de habituar o iniciado á idêa de que tem direito e até dever de perpetrar um assassinio, quando a Maçonaria o escolhe para a vingar.

«A traição, diz o Ritual, não deve ficar impune. Sem ordem legitima, a vingança é um crime; por conseguinte, desde que o poder legitimo (isto é, os Irmãos a quem a confiança geral poz ao leme da Maçonaria) dá uma ordem de vingança, o que a executa pratica um acto de virtude. Á recepção da ordem regular, o Mação tem sómente a obedecer; não deve deixar-se influenciar por nenhuma consideração de pessoas; a sua consciencia deve permanecer inflexivel, porque o Grande Architecto do Universo é o seu unico juiz. O homicidio, commettido na caverna, de noite, na pessoa do traidor Abibala, emquanto elle dorme, esse homicidio justiceiro, que tem por auctor um desconhecido (o candidato), guiado

por um personagem que elle vê pela primeira vez (o Irmão Intimo), significa o seguinte: 1.º tendo chegado o momento de punir um traidor á Maçonaria, cumpre não o ferir á luz do dia, mas buscar de preferencia para a execução ordenada as trevas propicias da noite; 2.º é tambem justo que o traidor seja colhido d'improviso e não tenha tempo nem meios de se defender, por exemplo se fôr possivel conseguir surprehendel-o durante o somno ou attrahil-o a um logar affastado; 3.º para evitar qualquer indiscrição, e impedir que recaia sobre a Maçonaria algum escandalo, o castigo do perjuro e do falso-irmão deve executar-se com destreza, prudencia, tino e mysterio, sem que os ulcionistas (executores da vingança) se conheçam uns aos outros. Finalmente, considerados sob o aspecto symbolico, os trez traidores Abibala, Sterkin e Oterfut figuram a Tyrannia Politica, o Fanatismo Religioso e a Ignorancia».

Ha mais: o nono grau tem ainda um sentido, que dizem religioso, e um sentido politico.

O sentido politico está indicado por estes termos no Ritual de Soberano Grande Inspector Geral:

«Os trabalhos do 9.º grau têm por fim procurar os meios praticos de chegar ao melhor modo d'eleger os Agentes encarregados de executar a vontade do Povo, e á maneira mais efficaz de limitar convenientemente suas faculdades».

Quanto ao sentido denominado religioso, está indicado no livro secreto intitulado *Legenda Magistralia,* pelo general Alberto Pike, Grande Commendador do Supremo Conselho dos Estados-Unidos da America (jurisdicção do Sul) obra impressa em Charleston, em 1881:

«O grau de Mestre Eleito dos Nove, diz o irmão Alberto Pike (33.º), recorda symbolicamente Orus, que, encontrando o mais inerte dos signos zodiacaes do outomno, o Sagittario, adormecido na caverna de Ben-Dicar, figurando a esterilidade, destruiu essa esterilidade inerte para fecundar Isis, a deusa Natureza, viuva d'Osiris, o Sol.

«Se portanto o 9.º grau significa, no sentido politico, a supremacia da lei popular da egualdade, significa no sentido religioso, que tudo, que é esteril voluntariamente, deve desapparecer, deve ser destruido.

«A sua synthese pois é a formula da antiga iniciação d'este grau: Pereçam os inuteis para a geração! Morra quemquer que se vota ao celibato!», e o seu ensino gnostico é que a humanidade tem o dever imperioso de se multiplicar para conservar a especie, e que subtrahir-se a esta lei da Natureza, é expor-se a ser supprimido sem forma juridica, sem aviso previo, mesmo durante o somno.

«E como os padres, os frades e as freiras são entes inuteis, o 9.º grau da Maçonaria constitue uma das peças do terrivel processo que os condemna a desapparecerem para sempre.»

## II

## O ILLUSTRE ELEITO DOS QUINZE

A sala é a mesma que para o grau precedente; apenas as chammas vermelhas da armação são substituidas por lagrimas vermelhas e brancas.

No Oriente, sob o docel, só está sentado o presidente. O irmão, que no 9.º grau representava o rei de Tyro, passa a ser o muito respeitavel e severo inspector do conselho, e senta-se no occidente. O irmão intimo, que egualmente se assenta no occidente, torna-se o muito respeitavel introductor. O presidente continua a representar Salomão; mas dá-se-lhe o titulo de muito illustre mestre.

O boneco, que representava uma creança assentada no meio da sala, foi retirado.

Nas sessões de recepção, os membros do conselho só podem ser quinze. O templo está sem luz, no momento, em que os irmãos se assentam; cada um entra, alumiado por um rolo, que leva na mão, vae para o seu logar, e apaga o rolo.

Estando os quinze completos e tudo na mais profunda obscuridade, o presidente bate cinco pancadas, e o mestre de cerimonias vae accender um castiçal de cinco braços collocado no oriente.

Em seguida, o respeitavel e severo inspector dá cinco pancadas, e o mestre de cerimonias accende tambem diante d'elle um castiçal de cinco braços.

Egual bateria pelo respeitavel introductor, e terceiro castiçal de cinco braços acceso.

O templo está pois illuminado por quinze lumes.

Salomão. — Muito Respeitavel Irmão Severo Inspector, que horas são?

Severo inspector. — Cinco da manhã, Muito Illustre Mestre.

Salomão. — Porque são cinco horas da manhã?

Severo inspector. — Porque a esta hora é que os dois ultimos assassinos d'Hiram foram descobertos e presos para serem levados a Jerusalem.

Salomão. — Meus Irmãos, visto que os ultimos assassinos d'Hiram foram descobertos e prezos, avisemo-nos de os punir, para mais e mais patentearmos o nosso zelo da vinganca.

Todos os circumstantes dão por trez vezes cinco palmadas com as mãos, e assentam-se.

Manda-se então entrar o mestre eleito dos nove, que deseja subir de grau, e o presidente ordena ao irmão introductor que o conduza ao altar

Esta ordem é executada. O candidato, subindo os degraus do oriente, ajoelha-se diante do muito illustre mestre, e repete, palavra por palavra, o seguinte juramento, que este lhe dicta:

*Obrigação preliminar.* — Juro e prometto pela minha palavra d'honra e minha fé d'homem probo, perante esta augusta assemblea, na presença dos altos poderes da Maçonaria, guardar e observar os mysterios do segundo grau d'Eleito que me vão ser confiados, não só relativamente aos Profanos, mas até aos Irmãos dos graus inferiores a este; tudo isto debaixo das penas a que estou sujeito em virtude da minha primeira obrigação. Se eu fraquear, consinto que me arranquem a lingua, e me tenham por infame todos os Filhos da Viuva; do que apraza ao Grande Architecto do Universo preservar-me! Assim seja.

Depois da prestação do juramento, o irmão introductor manda levantar o candidato, e o leva de novo á camara da caverna, onde o faz pegar nas cabeças de dois dos manequins, que estão á entrada da caverna, os que representam homens a fugir. Alem d'isso manda-lhe atravessar com o seu punhal uma das duas cabeças por baixo do queixo. Esta cabeça é que o candidato tem na mão direita; a outra tem-na na esquerda. O irmão introductor leva-o então de novo á sala das sessões.

O respeitavel introductor, apresentando o postulante. — Muito Illustre Mestre, eis aqui um Mestre Eleito dos Nove que, tendo castigado os dois restantes assassinos d'Hiram, deseja, em recompensa do seu zelo, ser admittido ao grau de Illustre Eleito dos Quinze.

Salomão. — Gloria a elle! Reconhecimento eterno ao vingador d'Hiram!

Todos os assistentes. — Gloria e reconhecimento eterno ao vingador!

Salomão. — Irmão introductor, conduzi esse nobre candidato ao altar por quinze passos triangulares.

O introductor faz executar os passos ordenados ao candidato, que conserva na mão as suas duas cabeças de mortos. O presidente do capitulo e todos os irmãos puxam dos punhaes, e com elles saudam o candidato pelo signal do grau (levar o punhal abaixo do queixo, e descel-o ao longo do corpo).

Salomão ao candidato. — Visto que os Illustres Mestres presentes vos acolhem com alegria entre elles, vou consagrar-vos.

Illustre Eleito dos Quinze. Mas antes dizei-me se vos sentis com forças para guardar os novos segredos, mais inviolaveis que nunca, que vos vão ser confiados. Quereis obrigar-vos a isso pelo modo costumado?

Resposta affirmativa do candidato.

Então o presidente do capitulo dicta, e o candidato repete, palavra por palavra, o juramento definitivo da iniciação.

*Juramento do illustre eleito dos quinze.* — Eu, F., prometto e juro, perante esta augusta assemblea e na presença dos altos poderes da Maçonaria, não declarar nem confiar onde fui recebido Illustre Eleito dos Quinze, nem quem assistiu á minha recepção, nem receber 'neste grau quemquer que seja sem para isso ter obtido expressa faculdade. No caso de indiscrição, consinto que me abram o corpo, e me cortem a cabeça, e auctoriso os vingadores da Ordem a apresentarem a minha cabeça ao Muito Illustre Mestre que me recebeu ou a seu successor. O Grande Architecto do Universo me ajude! Assim seja.

Mandam então assentar o candidato, que pôz no altar as duas cabeças de mortos.

Salomão. — Meu Muito Caro Irmão, no grau de Mestre Eleito dos Nove, pelo qual passastes, tivestes conhecimento de que Abibala, morto na caverna por baixo da sarça ardente, era o principal assassino d'Hiram. Era elle que, no funesto dia do assassinato, estava á porta do Oriente, foi elle que, com um terrivel golpe de maço acabou o nosso Respeitavel Mestre. Mas não era elle só o culpado: Sterkin e Oterfut, seus cumplices, tendo conseguido evadir-se da caverna refugiaram-se no paiz de Geth. Sendo este paiz tributario do reino d'Israel, Salomão escreveu immediatamente a Maaca, rei de Geth, para este entregar os dois assassinos ás pessoas de confiança que elle enviava...

Por isso, o poderoso monarcha armou no mesmo dia quinze Mestres dos mais zelosos, entre os quaes estavam os nove que tinham feito a busca de Abibala. Deu-lhes tropas sufficientes para os escoltarem... Os quinze Mestres pozeram-se a caminho a 15 do mez que corresponde ao nosso mez de junho e chegaram ao paiz de Geth a 28 do mesmo mez. Apresentaram a carta de Salomão ao rei Maaca, que, estremecendo com tal noticia, ordenou logo que se effectuasse uma busca severa dos dois assassinos e que sem demora fossem entregues aos enviados do Muito Poderoso Soberano d'Israel; ajunctou, além d'isso, que teria o maior prazer em vêr seus Estados purgados de dois similhantes monstros. Fez-se pois uma minuciosa busca, e acharam-se estes scelerados 'numa pedreira chamada Ben-Dicar, ao decimo quinto dia da busca. Zerbael e Eligam foram os primeiros que os descobriram... Prende-

ram-nos; lançaram-lhes cadêas, nas quaes se gravou a especie de supplicio que lhes estava reservada... Chegaram a Jerusalem a 15 do mez seguinte, e foram immediatamente levados á presença de Salomão, que, depois de desabafar contra elles a sua justa colera, os mandou metter nos calabouços da torre d'Hezar para os fazer morrer no dia seguinte da morte mais cruel; o que se executou ás dez horas da manhã. Foram amarrados a dois postes pelos pés e pescoço, com os braços atados atraz das costas. Abriram-lhes o corpo do peito até ao fundo do ventre... e assim os deixaram, expostos aos ardores do sol, pelo espaço de oito horas. As moscas e outros insectos fartaram-se do seu sangue.

Elles rompiam em queixas tam lastimosas, que moveram os algozes a compaixão; o que obrigou estes a lhes cortarem a cabeça. Seus corpos foram lançados aos fossos da cidade para serem pasto dos animaes ferozes... Salomão ordenou em seguida que as trez cabeças de Abibala, Sterkin e Oterfut fossem expostas em estacas na mesma ordem por que estes miseraveis se tinham postado no Templo para assassinar Hiram, com o fim de dar um exemplo a todos os seus vassallos e particularmente aos obreiros Mações. Por isso, a cabeça de Sterkin foi collocada na porta do Meio-dia, a de Oterfut na do Occidente, e a de Abibala na do Oriente.

Emquanto o presidente do capitulo pronuncia estas ultimas palavras, o mestre de cerimonias descobre um grande painel collocado no oriente, á direita do docel, e até alli encoberto por uma cortina vermelha. Esse painel representa a cidade de Jerusalem, da qual se vêm trez portas em perspectiva; sobre cada uma d'essas portas está uma cabeça cortada e empalada. Por cima da cabeça do meio está a inscripção: *Crime punido;* e por baixo um maço: por cima da da direita, a inscripção: *O ceu nos julga;* e por baixo uma regua: por cima da da esquerda, a inscripção: *O castigo é certo;* e por baixo um esquadro.

Salomão. — Tal é, Respeitavel Irmão, o fim do resumo da historia instructiva dos assassinos d'Hiram. Meditae-a, e rogae commigo ao grande Architecto do Universo que nos preserve de similhante desgraça.

O presidente do capitulo communica então ao candidato os segredos do grau d'illustre eleito dos quinze. Depois encerra os trabalhos do 10.° grau, fazendo declarar pelo severo inspector, que são seis horas da tarde.

A instrucção politica do 10.° grau, tal qual está no Ritual do Soberano Grande Inspector Geral, é a seguinte:

«Os trabalhos do Illustre Eleito dos Quinze têm por fim o estudo das relações internacionaes consideradas sob o triplice as-

Iniciação do Real-Arca

Neste grau, iniciam-se ao mesmo tempo trez candidatos descidos por uma corda atravez d'uma abertura feita na abobada. Mostra-se-lhes uma columna de bronze, na qual foi gravado, segundo lhes dizem, antes do diluvio, o estado das sciencias humanas, e esta columna escapou ás devastações do immenso cataclysmo.

pecto da Liberdade, da Egualdade e da Fraternidade, que todos os homens de todas as nações possuem, por direito pessoal inalienavel, fundado no mesmo titulo.»

Por outro lado, declara-se ao neophyto, que tendo sido o exterminio do fanatismo religioso figurado pela morte de Abibala,

como a primeira medida de salvação maçonica a executar, cumpre todavia não perder de vista Sterkin e Oterfut, isto é a tyrannia politica e a ignorancia cuja suppressão foi tambem decretada. Não são portanto sómente os padres, os frades e as freiras que importa perseguir e destruir, mas tambem seus cumplices; é preciso, por conseguinte, trabalhar sem descanço na abolição do despotismo civil que impõe ao povo o respeito aos celibatarios religiosos, e trabalhar egualmente em esclarecer o povo, em destruir sua ignorancia, fazendo-lhe comprehender bem que o celibato ecclesiastico é contrario ás leis da Natureza, pois tem por effeito a immobilisação do capital humano.» *(Instrucções secretas para governo dos Capitulos,* pelo Irmão de la Jonquière, 33.º; manuscripto n.º 43 da collecção da Grande Loja d'Edimburgo.)»

## III

### O SUBLIME CAVALLEIRO ELEITO

Este grau, quando é conferido em sessão especial, serve principalmente para recapitular os dois precedentes.

A recepção em si é muito curta. A maior parte da sessão é tomada pela exposição, que o postulante faz, das impressões maçonicas por elle recebidas no discurso da sua iniciação no 9.º e 10.º grau. Elle explica a seu modo como comprehende a execução d'uma vingança contra um falso irmão.

---

**Advertencia.** — Terminando aqui a minha missão de traductor, cumpre-me dar aos leitores sobre o modo por que d'ella me desempenhei alguns esclarecimentos necessarios.

Na versão de textos e locuções maçonicas procurei cingir-me ao original tanto quanto o genio da lingua patria o consentia. Todas as vezes que me pareceu conveniente, que não foram poucas, nem esta barreira respeitei, para me conformar com as versões officiaes da Maçonaria Portugueza, de que esta realmente póde ufanar-se. Deu-se isto v. g. com muita frequencia nos superlativos, que designam graus maçonicos.

Fiz por conservar escrupulosamente a orthographia dos mesmos textos, que bastantes vezes é disparatada, e em geral differe consideravelmente da moderna.

Se 'nelles achei alguma locução erronea, claro está, reproduzi-a : e assim veriam os leitores, a pag. 153, l. 6, revolução do sol, por translação do mesmo, etc.

Não seja pois alguem facii em me attribuir erros, que encontre na traducção dos textos maçonicos.

Os livros officiaes da Maçonaria Portugueza, traduzidos dos francezes, nem sempre dão aos termos technicos a mesma versão : o grau de *Royal Arche*, por ex., é designado na Bibliotheca Maçonica pelos nomes de Real Arco, e Real Arca.

O tratamento usado nas lojas pelos mações portuguezes é, como já em outro logar adverti, o de vós.

Onde me pareceu necessario ou util, ajunctei notas ao texto. As minhas notas são indicadas por lettras alphabeticas; as do auctor por algarismos.

Em todas as outras citações guardei a orthographia do original Porem no que era do auctor, ou podia considerar-se como tal, segui a que julguei conveniente.

Estou certo de que o meu trabalho tem defeitos: eu mesmo alguns vejo; melhor os verão os outros. Mas empenhei-me em o fazer tam acabado, quanto as minhas pobres faculdades' fraca saude, e multiplas occupações o permittiam.

'Nesta sessão só estão presentes doze irmãos, que são, por ordem hierarchica, os doze mais graduados.

O conselho toma o nome de Grande Capitulo.

A sala é egual á do grau precedente; sómente as lagrimas vermelhas e brancas das armações são substituidas por corações inflammados. E' illuminada por vinte e quatro luzes.

O presidente com o titulo de Trez vezes Poderoso, continua a representar Salomão. Assistem-lhe dois vice-presidentes, que representam, um Hiram, rei de Tyro, o outro Adonhiram, filho de Abda.

Ao meio da sala, vêem-se, dispostas em triangulo, trez estacas bastante altas, em cujas pontas estão cravadas as cabeças de papelão, que serviram nas provas dos dois graus precedentes.

Por baixo de cada cabeça foi preso á estaca um dos instrumentos da morte d'Hiram: a regua, o esquadro, e o maço. E' no centro do triangulo formado por estas trez cabeças empaladas, que o neophyto é consagrado Sublime Cavalleiro Eleito, depois de confirmar solemnemente os seus juramentos do 9.° e 10.° grau.

A lenda do grau é breve e simples.

Attendendo a que os quinze mestres, que tornaram completa a vingança da morte d'Hiram, devem ser recompensados, Salomão escolheu os doze mais benemeritos entre elles, e lhes confiou o governo das doze tribus.

«Assim, diz o presidente consagrando o i iciado, a virtude encontra sempre a sua recompensa.»

A instrucção politica do grau refere-se á administração das tribus, e é resumida do seguinte modo pelo Ritual:

«Os trabalhos applicam-se a bem caracterisar as verdadeiras demarcações que separam a Familia do Municipio, o Municipio da da Provincia, a Provincia do Estado, e estudam os meios mais efficazes de harmonisar estas tres autonomias necessarias.»

Mas aqui a instrucção politica occupa o ultimo logar: o verdadeiro sentido do grau, ou melhor dos tres graus d'Eleito, é gnostico e d'uma immoralidade tal, que eu não posso publicar o discurso, pelo qual o Orador do Grande Capitulo fecha a sessão d'iniciação no 11.° grau. Dadas as theorias, que a Maçonaria professa sobre o celibato, theorias das quaes eu disse em resumo tudo o que a decencia póde permittir, comprehender-se-ha que eu não ultrapasse estes limites; mais vale, 'numa obra de propaganda popular, como esta, passar em silencio essas declamações extremamente vergonhosas.

Ao sentido gnostico dos graus d'Eleito juncta-se a ideia essencial da legitimação do assassinato, quando é ordenado pelos chefes

secretos da Maçonaria. O grau 11.º, recompensa dos dois precedentes, coroa a obra.

A sessão foi suppostamente aberta á hora duodecima. [a]

Para pronunciar o seu encerramento, o presidente pergunta a um dos vice-presidentes: — Que horas são?

Este responde, que o dia começa a nascer.

Dão todos doze palmadas eguaes com as mãos, e levanta-se a sessão.

Ha de confessar-se que a recepção nos tres graus d'Eleito, recepção praticada em pleno seculo 19, é bastante repellente; a sua significação é abominavel. Os Mações chegados a este grau já não podem ser cegos; ou então, se por impossivel alguns ha que ainda não comprehenderam o espirito da seita, são perfeitos imbecis.

## CAPITULO QUARTO

## A ABOBADA DE PERFEIÇÃO

### I

### O GRÃO-MESTRE ARCHITECTO

Cá estamos de volta aos graus ridiculos. Comtudo a Maçonaria não se serve do 12.º grau e dos cinco seguintes para eliminar os mestres ambiciosos sobre quem não recahiu a escolha dos chefes. Os seis graus, que separam do Rosa-Cruz o Cavalleiro-Eleito, foram creados com a vista nos poucos lorpas, a quem se concede accesso aos capitulos.

Effectivamente, para os mações das officinas symbolicas não suspeitarem a importancia das Traslojas, a direcção suprema toma a precaução de deixar penetrar nos capitulos um certo numero de novos e velhos pacovios. Estes não são convocados para as sessões mais accommodadas a abrirem-lhes os olhos, ou então faz-se-lhes guardar a porta fóra da sala, sob o pretexto de lhes dar um posto de confiança, encarregando-os de velar pela segurança dos trabalhos.

A maçonaria zomba, pois, d'estes pobres asnos, submetten-

---

(a) Parece incerto se esta hora é das 6 ás 9 da tarde, se o meio dia, ou a meia noite. A significação propria de — *heure douzième* — é a primeira: mas dá logar á duvida o exprimir Taxil algures a mesma hora por — *douze heures*.

do-os a iniciações tão grotescas, que é preciso têl-as visto, ou possuir os respectivos rituaes, para as acreditar.

Bem entendido, os filiados que os chefes tomam a sério e destinam para os graus administrativos, são dispensados das provas d'esses graus estupidos, e recebem os titulos por simples communicação.

Para a iniciação no grau 12.º, a sala é armada de branco com chammas vermelhas disseminadas pela armação. As tochas, regulamentares são tres, dispostas como em loja d'Aprendiz; sómente se colloca ao Norte uma estrella luminosa.

Por baixo do transparente está uma meza, e sobre ella um estojo mathematico, que contem um esquadro, um compasso simples, um compasso de quatro hastes, uma regoa, um fio de prumo, um compasso de proporção e um transferidor.

O presidente da officina tem o titulo de Grão-Mestre. Está decorado com uma tunica de pontifice maximo, branca; traz uma larga faixa azul do hombro direito ao quadril esquerdo, e um avental branco, debruado de azul, tendo no meio uma algibeira negra. A joia [a], pendente da banda, é uma placa quadrada, cujos lados são eguaes; seria sobremodo fastidioso enumerar aqui tudo que está gravado sobre essa placa.

Os Vigilantes são dois e têm o titulo de Excellentes Mestres. Vestem, como os outros Irmãos, casaca; mas, emquanto que estes sómente trazem as insignias do 12.º grau, os Vigilantes decoram-se além d'isso com as insignias de seus graus mais elevados.

Sobre o altar do presidente está uma urna com uma pasta feita de leite, azeite, vinho e farinha; chama-se-lhe a pasta mystica. Junto da urna está uma pequena trolha de ouro.

O neophyto, apenas chegado ao local maçonico, é, antes da abertura da sessão, apresentado ao Grão-Mestre, que o conduz a uma camara, allumiada sómente por um pequeno candieiro collocado no chão. O presidente convida-o a preparar-se, por meio de grande recolhimento, para a recepção do importante grau que lhe vae ser conferido.

— Ides tornar-vos, meu carissimo Irmão, — lhe diz — padre da Maçonaria.

Em seguida retira-se, fechando com duas voltas de chave a porta do estreito quarto.

A sessão abre-se com as formalidades usadas. A' pergunta:

---

(a) Alguns maçőes pouco escrupulosos passam para portuguez o termo *bijou*, sem o verterem, e d'elle se servem nos mesmos livros da loja. E' assim que aquelle termo se encontra uma vez no *Ritual* para as exequias maçon.·. d'um tal irmão Senacherib, Gr.·. M.·. da Maç.·. Luz.·., que falleceu em 5 d'abril de 1841. — No mesmo ridiculo livrinho se encontra aportuguezado o termo *cordon*, que, em vez de *cordão*, melhor se traduziria por *banda*, ou *fita*.

«Que horas são?» responde o Mestre Architecto Excellente 1.º Vigilante: «A estrella da manhã surgiu».

Eis em que consiste a lenda do 12.º grau:

«Depois do grau de Mestre, em que o iniciado aprendeu o assassinato de Hiram, vimos que Salomão havia determinado substituir o architecto do Templo por um conselho de Mestres instruidos, e de honrar e vingar a nobre victima dos tres maus companheiros. Todavia a continuação dos trabalhos não era feita á medida dos desejos do rei. O povo de Israel estava esmagado com tributos, o thesouro publico vasio, e os trabalhos do Templo foram suspensos quando se ia dar principio á edificação da terceira divisão.

«Então, doze architectos, Intendentes dos Edificios, nomeados por cada uma das doze tribus com poderes delegados para as representarem, foram submettidos a um concurso; tratava-se de conseguir o melhor projecto architectonico de execução e ao mesmo tempo o melhor plano financeiro para obter fundos e consolar o povo. N'uma palavra, aquelle dos doze architectos, que sahisse victorioso do concurso, esse seria nomeado Grão Mestre e successor de Hiram.»

Esta lenda é posta em acção com um ceremonial inepto.

O Grão Mestre ordena ao Mestre de Ceremonias que vá preparar o postulante. O Mestre de Ceremonias sae com o mais novo dos Irmãos, a quem o presidente confiou a chave da Camara das Preparações.

Primeiramente faz-se pagar ao neophyto a quantia que lhe foi taxada (cincoenta francos, termo medio). Depois, o Mestre de Ceremonias, que entrou na Camara de espada na mão, ordena ao candidato que deixe todas as suas armas offensivas e defensivas; por outras palavras, tira-lhe o punhal de Eleito, que sem duvida traz; este objecto é mandado para a Officina. Em seguida, o Mestre de Ceremonias cobre a cabeça do neophyto com um grande capuz negro e espesso, que o priva de toda a luz; prende-lhe o pulso com um nó corredio, de modo que a corda fique sufficientemente comprida para poder, segurando-a pela extremidade, conduzil-o.

Feito isto, é o neophyto levado á porta da Officina, onde é introduzido do modo costumado, sentando-se entre os dois Vigilantes.

O Grão-Mestre recita então uma arenga para explicar que os trabalhos do templo de Salomão foram interrompidos na terceira divisão, e que está aberto concurso para dar a Hiram um digno successor.

Interpellando o candidato, pergunta-lhe o nome.

— Moabon, — responde este.

— Pois bem, Moabon, vamos, durante alguns instantes restituir-vos á luz, para vos permittir que contempleis a Estrella Radiante.

O Mestre de Ceremonias tira ao postulante o capuz negro; e estende-se sobre o estrado uma tela, que representa uma grande estrella de cinco raios, tendo no centro a lettra G.

Grão-Mestre ao neophyto. — Moabon, para provar-nos que estaes bem senhor de nossos ensinamentos, dizei-nos o que significa a lettra mysteriosa.

Neophyto. — Geometria, Geração.

Grão-Mestre. — Respondestes bem. Sabei, porém, que tambem significa: Gnose.

Aqui tem logar uma longa e encomiastica explicação da doutrina dos Gnosticos.

Eis algumas passagens:

«O Gnosticismo, caro e sublime Irmão, é um conjuncto de doutrinas mysticas, que occupa um logar consideravel na historia intellectual e moral da humanidade. O termo «Gnose» *gnosis*, sciencia, deve ser entendido como opposto a *pistis*, fé.

Nos primeiros seculos da era vulgar appareceram os gnosticos, valentes gastadores [(a)] do progresso. A fé tinha por objecto o dogma que se dizia revelado; era a crença em pretendidos factos historicos e constituia, em summa, a falsa sciencia da maior parte dos christãos. A Gnose, pelo contrario, era privilegio de um pequeno numero de escolhidos; o seu fim era profundar ideias, remontar aos principios, crear, emfim, uma nova philosophia.

Seria erro pensar que a Gnose é essencialmente um facto christão. Sua origem, seu fim, seus esforços são muito mais amplos do que os de qualquer religião podem ser; é ella o livre-pensamento procurando explicar o mundo, a sociedade, as crenças e os costumes só com auxilio da tradição.

«A lucta entre os simples christãos e os Gnosticos com cedo começou. Eram os Gnosticos fortes por sua superioridade intellectual; todavia deviam succumbir aos golpes d'uma religião intolerante e inimiga do livre exame.

«O caracter mais saliente do Gnosticismo é o dualismo da divindade. A Gnose teve em vista a lucta dos dois principios, o bem e o mal, ou, antes, a materia e o espirito, que são as duas formas da manifestação d'aquelles principios.

«Segundo os Gnosticos, Deus é um ser sobrenatural e invi-

(*a*) Chamam-se assim os soldados que abrem caminho para a passagem do exercito. N'este mesmo sentido é empregado pelo nosso distincto litterato Rebello da Silva.

sivel, e manifesta-se por via de emanação. Uma d'estas emanações divinas, o Demi-Urgos, ou Architecto do Universo, organisou a terra e produziu o homem. Desgraçadamente, creou o mundo, com o concurso d'uma outra emanação divina, hostil ao bom principio. Porque? O Gnosticismo não o explica. Limita-se a constatar um facto innegavel: que o bem e o mal andam estreitamente unidos na natureza e que, por consequencia, o mau principio tomou parte n'esta obra. Mas os Gnosticos esperavam e, depois d'elles, esperam tambem os Franc-Mações, que um genio superior virá libertar a humanidade do jugo da materia. Será isto uma simples esperança, ou um presentimento do progresso? O futuro se encarregará de responder a esta questão. Mas o progresso, ou a acção lenta do espirito salvador, deverá ser secundado pelos esforços do homem. Ademais, a Gnose não dá esta concepção philosophica como um conhecimento adquirido por ella na contemplação do espectaculo offerecido pela natureza. É uma tradição apostolica; porque, segundo os doutores do Gnosticismo, um dos apostolos tinha transmittido a um pequeno numero de iniciados certa doutrina secreta, e o meio de interpretar a Biblia em harmonia com aquella doutrina.

«Digam os Papas o que disserem, a Gnose nunca foi uma heresia; antes foi a philosophia do proprio christianismo. Se não sobreviveu, serviu pelo menos para destruir os cultos, sobre cujas ruinas o christianismo estabeleceu o seu dominio.

«Veio n'uma epocha de dissolução universal de crenças e de ideias.

«Pôde dizer ao polytheismo: «Vós não tendes religião, nem philosophia, mas mythologia e scepticismo.»

«E aos judeus: «Vossa revelação é incompleta porque emana d'uma só parte da divindade, é obra d'um unico principio; vós, pois, nem conheceis o Ser Supremo, nem sabeis interpretar a sua lei; e uma das provas d'este facto está em que esperaes um Messias, que deve libertar-vos do jugo da vossa hybrida e arruinada civilisação.»

«Aos christãos dizia tambem a Gnose: «Vosso chefe era uma intelligencia da mais elevada ordem, na verdade; mas os seus apostolos não o comprehenderam, e os discipulos alteraram tambem por sua vez os textos, que lhes haviam sido deixados.»

«Por isso a Maçonaria, unica religião verdadeira, retomando a obra do Gnosticismo, destruirá as falsas religiões, começando pela heresia romana, que já viveu demasiadamente. [a]»

---

(a) O gnosticismo é uma heresia dos primeiros seculos da Egreja. Nasceu na mesma edade apostolica, e continuou-se até ao seculo IV, segundo opinião mais provavel. Os primeiros gnosticos foram philosophos mal convertidos ao Christianismo, que, considerando acima de todos

Explicações mais desenvolvidas e completas são dadas, fóra da Loja, aos Irmãos que as pedem; porque a Maçonaria, como se vê, não córa, quando, no 12.º grau, se dá como filha do Gnosticismo.

E, de resto, alguns pontos de semelhança têm as duas seitas. Assim, os Gnosticos professavam uma grande admiração por Caim, Chanaan, Esaú, Coré, Dathan, Abiron; o seu apostolo dilecto era Judas, cuja traição, como diziam, foi um acto de virtude philosophica; não condemnavam os habitantes de Sodoma e Gomorrha, apenas viam n'elles nobres victimas, que constituiam a verdadeira

---

o systema de doutrinas que até então haviam professado, tractaram de accommodar-lhe a theologia e doutrina christãs, dando em resultado a mais confusa mistura de ideias e de tendencias, que se aggrupavam todas em torno de uma fundamental e commum aos variadissimos systemas da gnose: a solução do problema da origem do mal por via da existencia primordial de mais de um principio de todas as cousas. Os gnosticos foram largos na creação d'essas primeiras divindades, formando compridas genealogias, que mais tarde os marcionitas e os manicheus simplificaram, reduzindo todos os principios a dois: um bom e outro mau.

Todas as seitas gnosticas tiveram uma tendencia commum: a separação completa entre o Christianismo e a religião judaica. Todavia cada uma d'ellas divergia das outras em mil pontos, sendo sobremodo difficil classifical-as todas por suas tendencias particulares. Talvez podessemos reduzir a duas as correntes geraes da gnose: uma que transporta a mythologia para a Biblia e esta para aquella, tudo desnaturando e confundindo tudo n'um syncretismo estupido, semeado de desvarios nascidos do mysticismo oriental, — corrente que poderá ser representada por Saturnilo, Valentino e Justino; outra que tem em vista separar completamente a Egreja do seu berço, apresentando o Christianismo como uma condemnação do Judaismo e professando uma especie de religião racionalista, — corrente que tem um modelo e representante em Marcião.

Caindo nos mais crassos erros e absurdos acerca de Deus, do homem, do mundo, e das relações de todos tres, o gnosticismo foi um systema falsissimo em si mesmo, e perigosissimo em suas consequencias.

Não admira, pois, que as corujas da Maçonaria o adoptassem de preferencia ao Christianismo, mesmo para fazer guerra a este, que os condemna e anathematisa com o mais solido fundamento e justa razão.

O discurso, em que o presidente faz a apologia do gnosticismo, é, como se vê, um tecido compacto de erros, inepcias e contradicções. Diz primeiramente que o gnosticismo não é um facto christão, para lhe dar um caracter de grandiosidade e vastidão que encha o olho ao lôrpa neophyto, que lôrpas são quantos tem de ouvir, em sua evolução pelos graus maçonicos, os discursos, soffrer as provas e passar pelas formalidades de todos estes seis graus (como na pag. 258 declara o talentoso auctor). E mais abaixo, porque o parvo do neophyto poderia saber que o gnosticismo foi uma heresia refutada, proscripta e condemnada pela Egreja, affirma-lhe que aquelle systema é a philosophia do Christianismo. Então é ou não é um facto christão, Irmãosinhos dos. ˙.?

Tambem não é uma heresia, embora o digam os Papas? Ora não está má esta! Não é herege quem destroe o conceito da Redempção, da Incarnação, e da natureza do Verbo e de Christo? Não é herege, não já em religião, mas em philosophia, quem professa que a materia é eterna e increada, que é ella o principio de todo o mal; quem arrasta a ideia de Deus até ás maiores baixezas e ridiculos; quem ensina esses monstruosos absurdos d'um pantheismo emanatista de mistura com a dualidade de principios; quem quer fazer crer, que Deus é bom e omnipotente, que dá origem ao principio do mal e não pode dominal-o e submettel-o, antes é constantemente rechaçado e constrangido por elle em todos os actos de seu poder e liberdade; quem destroe a liberdade humana, e ensina o materialismo mais crasso?

Não é herege, não já em religião, mas em moral, quem põe as paixões como base da perfeição do homem, justificando as maiores devassidões, que são precisamente aquella parte do gnosticismo que mais e melhor serve aos *virtuosos* filhos da Viuva e ás nobres e *dignas* Irmãsinhas das Lojas!

E não é heresia, embora o digam os Papas?!...

Que caso vós não fazeis, senhores Maçãos, da consciencia, da razão, da moral, da honra e dignidade propria, dos principios da ordem social, de tudo, emfim, que de mais nobre tem a natureza humana, de mais santo a familia, de mais natural a sociedade!

INICIAÇÃO DO GRANDE ESCOCEZ DA ABOBADA SAGRADA

O Real-Arca, que é auctorisado a receber o grau de Grande Escocez da Abobada Sagrada, passa por um corredor escuro, e, quando quer entrar na salla subterranea onde se reune o Collegio, faz-se-lhe mister saltar um pequeno fosso. O primeiro objecto, que vê, é uma pretendida Arca da Alliança, guardada por um leão, que, como é obvio, está empalhado. Um Irmão, armado d'espada, finge impedir-lhe a passagem.

familia de Sophia, que é como dizer, da Sabedoria. Os Adamitas, que formavam um ramo importante do Gnosticismo, despiam todo o fato em suas reuniões, sob o mentiroso pretexto de voltar á pureza de nossos primeiros paes no paraizo terrestre. A Maçonaria louva e exalta estes hereges infames, por terem sido «os mais intre-

pidos defensores da independencia do espirito e de todos os actos do corpo.»

Depois de o neophyto haver contemplado sufficientemente a Estrella Radiante e ouvido o elogio da Gnose, o Grão Mestre pergunta-lhe se quer tornar-se padre da Maçonaria, pois, diz elle, que o novo grau, por elle sollicitado, tem um caracter sacerdotal.

Moabon responde affirmativamente.

Grão Mestre. — Felicito-vos, caro e sublime Irmão, por vossas excellentes disposições; porém o sacerdocio, em cujo poder ides ser investido, requer um coração puro. Como poderá Moabon garantir-me que, se fôr escolhido para succeder ao Respeitavel Mestre Hiram, sua alegria não será orgulhosa? Como conseguirá provar-nos que, satisfeita sua ambição, não sentirá um secreto prazer com a morte d'aquelle que todos choramos?... Vamos, pois, submetter-vos a uma prova... Exigimos que tomeis parte na oblação symbolica do coração de nosso Respeitavel Mestre; este coração, depois do assassinato, conservamol-o nós sob as especies e apparencias de uma pasta mystica... Sentis-vos por ventura com força de ingerir a parcella d'este coração que vos fôr apresentada, a qual todo o Mação recebe, e mata instantaneamente quem quer que nutra um preconceito?... Entrae em vós mesmo, e respondei-me. Estaes disposto a soffrer esta prova?

Neophyto. — Sim, Grão Mestre.

Faz-se approximar do altar o neophyto, que ajoelha, tendo então logar a parodia da communhão dos christãos. [a]

O Grão Mestre lança mão da pequena trolha d'ouro, cobre-a com pasta mystica, e diz: — Esta pasta mystica, composta de leite, azeite, vinho e farinha, representa a doçura, a sabedoria, a força e a bondade, que eram as eminentes qualidades de nosso Respeitavel Mestre. Recebendo-a, recebeis symbolicamente o coração perfeitissimo de Hiram.

Faz engulir a pasta ao neophyto.

Grão Mestre. — Estabeleça para sempre esta pasta mystica, que nós partilhamos comvosco, um laço tão indissoluvel, que nada seja capaz de o quebrar. Dizei comnosco, como todos os Irmãos dizem: «Desgraçado de quem nos desunir!»

---

(a) Com que seriedade póde um Mação que se diga catholico apresentar-se ante sua propria consciencia, que não já ante os homens de bem, tendo pedido e passado por estes actos, que, sobre ridiculos, são e constituem uma offensa á sancta communhão da Egreja, que a Maçonaria cynicamente imita e deturpa?

E são estes mesmos Maçōes, que alardeiam suas virtudes e crenças, que, ao sahir da Loja, entram n'uma egreja, com a mesma modestia e recolhimento hypocritas com que fazem o juramento do grau, assistem ás chatas e maçadoras ceremonias dos trabalhos e das iniciações, e propalam a excellencia da Maçonaria, e a benefica influencia que ella exerce na boa ordem e progresso dos povos!...

Neophyto, depois de engulir a pasta. — Desgraçado de quem nos desunir!

O Grão Mestre manda reconduzir, recuando, o neophyto ao Occidente. Chegando aqui, tornam a pôr-lhe na cabeça o capuz negro.

Grão Mestre, ao postulante. — Meu Irmão, nós confiamos plenamente em vós, não tenho duvida em vol-o declarar. Mas o homem, pela fatal influencia do mau principio, é, ai! impellido para o mal, e nenhum de nós pode crêr-se isento de imperfeições. Honraes-vos reconhecendo publicamente, deante de nossos Irmãos, as faltas que haveis commettido em Loja, desde que entrastes na Maçonaria. São amigos, que vos escutam e que d'antemão vos perdoam do fundo d'alma todas as faltas que commettestes, quer para com elles, quer para com a Ordem.

Accedendo a este convite, o neophyto confessa os seus peccadelhos maçonicos: irregularidades de presença ás sessões, querellas com Irmãos, insubordinação contra os funccionarios da Officina, etc.... Esta prova, chamada «prova das confissões», é uma parodia da confissão publica das primeiras edades christãs.

Grão Mestre. — Meu Irmão, o que acabais de fazer vos ensina, que jámais deveis recusar-vos a confessar vossas faltas a Vossos Irmãos, e que a obstinação e o orgulho devem ser banidos do coração do bom Mação.

Os Vigilantes seguram o neophyto, voltam-no de rosto para baixo, de modo que fique pousado sobre os joelhos e as mãos, com o rosto em cima da Estrella Radiante, estendida sobre o chão, e a bocca collada sobre a lettra G. Assim posto, o 2.º Vigilante tira-lhe rapidamente o capuz, e o 1.º Vigilante lança-lhe sobre o corpo um panno preto.

Grão Mestre. — Excellente Mestre 1.º Vigilante, dizei-nos o que sente n'este momento nosso Irmão Moabon.

1.º Vigilante. — A letra G da Estrella Radiante.

Grão Mestre. — Que significa ella?

1.º Vigilante. — Geometria, Geração, Gnose.

Grão Mestre. — Em que postura se acha nosso Irmão Moabon?

1.º Vigilante. — Sua posição é aquella em que nosso Respeitavel Mestre Hiram foi inhumado, isto é, com a face voltada para a Estrella Radiante, com a bocca sobre a lettra G, gravada em uma placa d'ouro em triangulo, que é o emblema definitivo de tres angulos mysticos reunidos n'um.

O neophyto permanece ainda algum tempo na mesma postura, e o Grão Mestre explica o sentido secreto de uma das tres significações da mysteriosa lettra G; é tal esta explicação, que não

me sinto com coragem para a reproduzir, nem mesmo em latim.

Depois d'isto, o Grão Mestre dá uma pancada de malhete. [a] A este signal, faz-se levantar o postulante e solta-se-lhe a mão, que havia sido presa com o nó corredio. O neophyto responde então ás perguntas, que lhe são feitas e constituem um exame relativo ás instrucções dos graus precedentes.

Grão Mestre, depois do exame.—Caro e sublime Irmão, é com viva alegria que verificamos terdes levantado, de modo exacto e perfeito, o plano das obras do Templo; agora, pois, só vos resta concluir a edificação interrompida. Vamos para isso conferir-vos o grau architectonico e sacerdotal, que vos habilitará para succeder ao nosso Respeitavel Mestre Hiram.

O candidato, prestado o respectivo juramento, é consagrado e proclamado Grão Mestre Architecto.

O Orador da Officina recita então um discurso sobre o sentido politico do 12.º grau, cuja synthese é como segue.

«Assente, no 8.º grau, a enxelharia da civilisação, que é formada pelo trabalho e pela propriedade, tracta-se no 12.º, de concluir este edificio. A delegação dada pelas doze tribus e o concurso dos doze Intendentes dos Edificios significam emblematicamente que só os delegados, os representantes do povo, livremente escolhidos por elle, podem concorrer áquella realisação, pois é o povo quem a paga. O imposto, pago pelo povo para o povo, só poderá ser regulado pelos representantes directos do povo. Este ligeiro esboço das bases do parlamentarismo dá o sentido da politica pratica d'este grau. Os trabalhos do 12.º grau teem, pois, em vista o estudo do imposto, e procuram descobrir e realisar os meios efficazes e praticos de o converter n'um elemento real de riqueza publica e, conseguintemente, n'um poderoso auxiliar da Propriedade, do Capital e do Trabalho, uma vez que a Maçonaria tenha assentes sobre suas verdadeiras bases estas tres fontes da fortuna publica.»

Tal é o assáz diffuso grau de Grão Mestre Architecto; o que n'elle sobretudo se destaca é a glorificação dos Gnosticos e de suas abominaveis doutrinas.

Encerramento da sessão:

---

(a) A phrase—*frappe un coup de maillet*—é diversamente traduzida. O auctor do Ritual para as Exequias Maçon.·., a que acima nos referimos, é pouco escrupuloso na versão, escrevendo sempre: *fere um golpe de malhete.*

Hesitámos se deveriamos adoptar a phrase consagrada pelos Maçães portuguezes; afinal venceu o respeito que devemos á lingua patria, e preferimos fazer portuguez a dar gosto ao auctor e admiradores do sobredito ritual.

Grão Mestre. — Excellente Mestre Primeiro Vigilante, que horas são?

1.º Vigilante. — Grão Mestre, é sol posto, e a estrella da tarde nascida.

## II

### O REAL-ARCA

A assembleia do 13.º grau tem logar no subterraneo do local maçonico. Em geral, são dispostas especialmente duas cavernas para este grau e para o seguinte, as quaes, com abobada e paredes-mestras, communicam entre si por um estreito corredor. Não devem, segundo o regulamento, ter portas nem janellas. Entra-se em uma por um alçapão aberto no rez-do-chão do predio, e esta primeira caverna dá accesso á segunda.

A Officina dos Real-Arca tem o nome de Collegio ou Loja Real.

A salla é pintada de branco. A abobada está assente sobre nove arcos, em cada um dos quaes está escripta uma das seguintes palavras: *Jod, Iaho, Jah, Eleiah, Eliah, Jaheb, Adonaï, El-Hhanan, Jobel.* São outros tantos nomes biblicos da divindade. Chama-se-lhes «os nomes dos nove architectos.»

Ha no meio da sala uma columna de bronze, com um triangulo luminoso em cima, em cuja superficie uma luz interior faz ver os tres *iod* hebreus tendo no centro a lettra phenicia correspondente ao G.

Todos os irmãos vestem casaca, excepto o presidente e o vice-presidente.

O presidente tem o titulo de Tres vezes Poderozo Grão Mestre; representa Salomão. Está debaixo d'um rico docel, coroado, sentado em uma grande poltrona, com um sceptro na mão. Veste uma tunica real de côr amarella e um manto de setim azul, debruado d'arminho, assim como uma larga fita purpura, do hombro direito ao quadril esquerdo, tendo pendente um triangulo d'ouro.

A' esquerda de Salomão está o vice-presidente, que representa Hiram, rei de Tyro; veste fato de viagem á antiga, tem a cabeça coberta e na mão o sabre desembainhado; está decorado com fita e joia eguaes ás de Salomão.

Tres outros Funccionarios da Officina teem tambem logares especiaes: o Grão Thesoureiro, que toma assento ao Norte; o Grão Secretario, ao Sul; o Grão Inspector, ao Occidente. Representam tres Grão Mestres Architectos, Zabulon, Johaben e Stolfkin, de que se tractará na lenda do grau.

O Grão Thesoureiro tem, sobre a casaca, uma chave d'ouro

suspensa a uma pequena fita branca, com as lettras: I.·. V.·. I.·. O.·. L.·. — que significam: «*Inveni verbum in ore leonis*, achei a palavra na fauce do leão.» Tem, ademais, as insignias do grau. O Grão Secretario e o Grão Inspector apenas têm, sobre a casaca, as insignias do grau, como os outros assistentes. Todos trazem a faixa a modo de collar, ao contrario do presidente e do vice-presidente, que a trazem a tiracollo.

As luzes são nove: oito dispostas de modo que formem um octogono, e a nona ao Oriente, perto do altar.

Todos os membros do Collegio entram na sala subterranea por uma escada tosca, que se retira depois da entrada de todos; em seguida fecha-se o alçapão. Os neophytos, que devem ser tres, esperam ao rez-do-chão, em uma Camara das Preparações.

«O sol nasce,» é a phrase consagrada para a abertura dos trabalhos.

A lenda d'este grau pretende que o propheta Enoch, inspirado por um sonho divino, escondeu debaixo de nove arcos, tendo cada um a designação de uma das qualidades do Grande Architecto do Universo, um delta, ou um triangulo equilatero d'agata, em que estava entalhado a ouro a «Palavra Ineffavel», isto é, o verdadeiro nome do Ser Supremo, juntamente com duas columnas, uma de marmore, outra de bronze, em que gravou o estado das sciencias humanas antes do diluvio. Acompanha-se em suas vicissitudes este deposito, até ao tempo em que Salomão o mandou procurar por tres Grão-Mestres Architectos, Zabulon, Johaben e Stolfkin, os quaes, conseguindo descobrir a nona abobada, desceram e encontraram o delta e a columna de bronze, não, porém, a de marmore, em que se achava explicada a pronuncia da Palavra Ineffavel, gravada no delta. Esta columna havia sido separada da de bronze pelo cataclysmo do diluvio. Os tres emissarios de Salomão, pois, apenas conseguiram descobrir o modo de escrever o nome de Deus.

Apenas se abre a sessão, descem-se, um após outro, pelo alçapão e com auxilio de cordas solidas, os tres neophytos, cujos olhos são vendados.

Restitue-se-lhes a luz depois de um interrogatorio summario; o presidente recita-lhes a lenda do grau, e os tres têm muito tempo de contemplar á vontade, durante o discurso, o triangulo da columna de bronze. A lettra phenicia, correspondente ao G da Estrella Radiante, serve para se expôrem com minucia algumas infamias.

Em seguida, o Tres vezes Poderoso Grão Mestre abre as mãos, como o padre ao *Dominus vobiscum* da Missa; e recita a seguinte invocação: «Soberano Architecto d'este vasto Universo, tu

que penetras os pensamentos mais secretos de nossos corações, purifica-os pelo fogo sagrado do teu amor! Sê-nos guarda e guia na senda da virtude!... Affasta do teu adoravel sanctuario a perversidade e a impiedade!... Nós promettemos occupar-nos inteiramente da grande obra da perfeição, que será a recompensa sufficiente a nossos trabalhos... Que a paz e a caridade estreitem os laços de nossa união, e que esta Loja Real seja a imagem da felicidade que disfructam os escolhidos no reino celeste!... Concede-nos esse sancto espirito e discernimento que distingue o bom do máu, para que possamos conhecer os que possuem o verdadeiro zelo da perfeição... Faz, emfim, que não tenhamos outro fim além da gloria e progresso do Bem no imperio da Maçonaria!» [a]

Todos os assistentes respondem: «Amen! Amen! Amen!»

Os tres neophytos, em seguida ao juramento, são consagrados e proclamados Real-Arca, e a sessão encerra-se com a declaração de que «o sol se põe.»

Este grau é sobretudo conferido em Inglaterra e na America; chegou mesmo a dar o nome a um rito.

A instrucção do Real-Arca é, segundo o ritual, como segue: «Os trabalhos têm por fim o aperfeiçoamento da Instrucção do Povo, por meio do exame profundo das noções que se tem da Causa Primaria, e por via da modificação do ensino idealista, harmonisado com as necessidades da justiça e do progresso.»

## III

### O GRANDE ESCOCEZ DA ABOBADA SAGRADA

No 14.° grau, a assembleia realisa-se na segunda caverna, de que acima falei, sem todavia dar a sua descripção. Entra-se préviamente, pelo alçapão, na sala dos Real-Arca; depois segue-se o

---

(a) Esta oração é um modelo! Salvo o ultimo periodo e algumas palavras mais, toda ella podia sem escrupulo ser recitada por qualquer catholico.

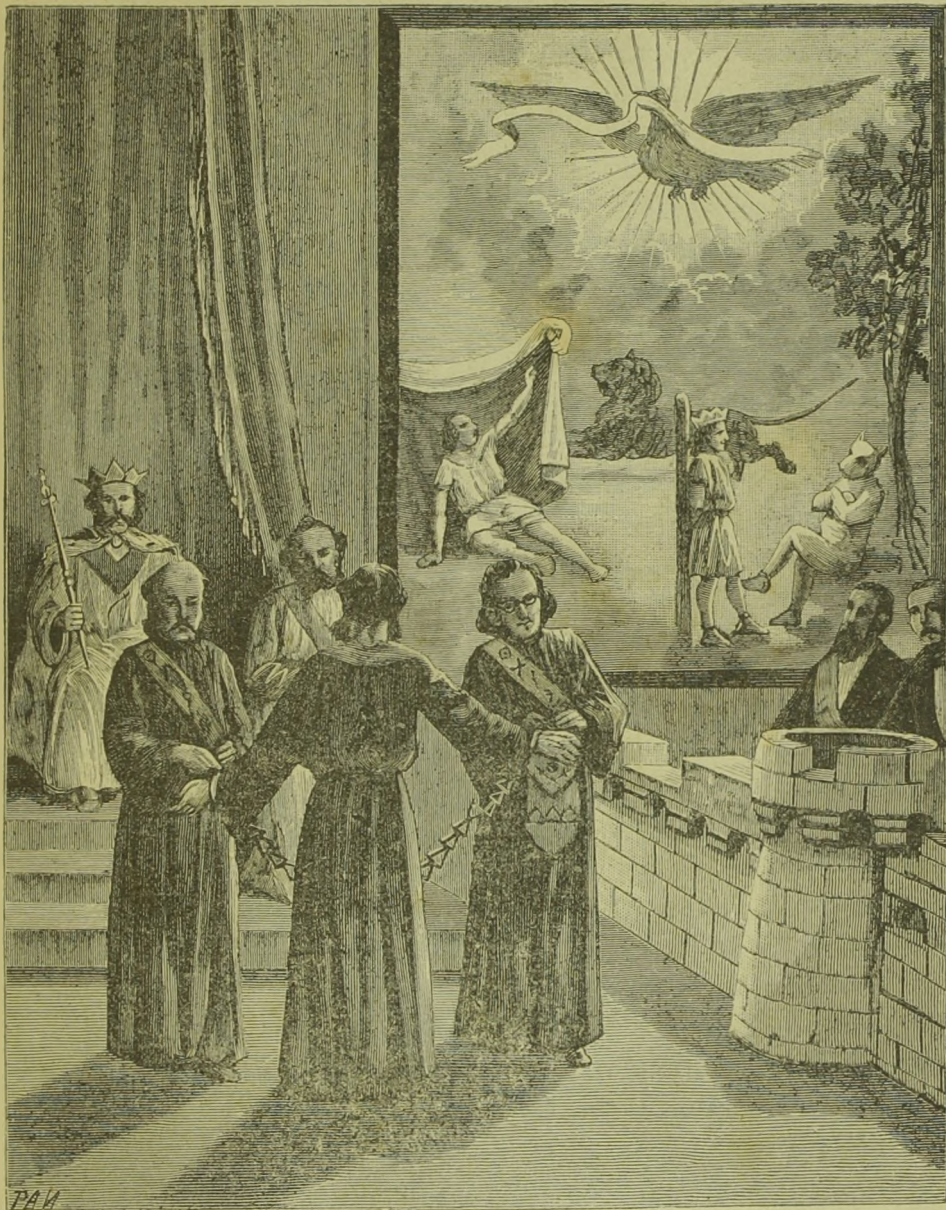
Mas, quando se conhecem os fins e intentos da Maçonaria, os meios que emprega para os attingir, o seu viver das Lojas, etc., que juizo poderá formar-se de um homem que recita uma oração d'estas, ou de quem em espirito se lhe une?

Quereis que Deus vos guie na senda da Virtude, quando muitos não credes em Deus, outros obraes como se não cresseis, e todos entendeis por virtude a crapula, a satisfação das paixões, a destruição do reino de Deus no mundo e, com esta, a do Estado e da sociedade!... Innocentes!...

Pedis a Deus que vos affaste da loja os maus e os impios!.. D'outros não tendes vós, santos filhos da Viuva!... Com que maus e impios são quantos não seguem a Maçonaria? São-no os bons catholicos, as pessoas que têm a consciencia bem formada e a razão esclarecida, os homens de bons costumes, todos, emfim, que vos condemnam?!... O que sereis vós então?

Desejaes perfeição, paz, união, e até — ousados ou loucos? — o reino celeste! Quereis espirito e poder de discernir o bom do mau!...

E falaes sérios? E oraes convictos?...

INICIAÇÃO DO CAVALLEIRO DO ORIENTE OU DA ESPADA

O neophyto, no 15.º grau, desempenha o papel de Zorobabel. A salla da iniciação é muito curiosamente decorada. Zorobabel é conduzido preso á presença do presidente, que representa o rei Cyro; e este, depois de algumas provas, manda quebrar as cadeias do neophyto.

corredor estreito, que é alumiado apenas por um candieiro antigo, pendente do tecto, e penetra-se emfim na Camara Secreta.

A' entrada ha um pequeno fosso, que os Grandes Escocezes attravessam por meio de uma prancha, mas que os neophytos devem saltar.

Os accessorios necessarios para uma iniciação no 14.º grau

são muito numerosos. Porisso este grau só é conferido com todas as prescripções regulamentares nas capitaes em que têm séde os Supremos Conselhos, e que possuem um predio maçonico construido para a recepção em todos os graus.

A sala é armada de vermelho-escarlate, com chammas côr de fogo. E' illuminada por vinte e quatro luzes: nove ao Oriente, deante do throno; sete ao Sul; cinco ao Occidente, deante do 1.º Vigilante; e tres deante do 2.º Vigilante. No docel, que orna o throno, está um grande triangulo transparente, reproduzindo o do grau precedente. Adeante do throno, do lado Sul, fica o Altar dos Perfumes, com um esquentador acceso, em que arde o mais puro incenso. Ao Norte está uma meza quadrada, chamada Meza dos Pães de Proposição [a], onde se encontram doze pães ou bôlos em duas pilhas e um copo cheio de vinho. Collocam-se tambem sobre a meza tantas argolas d'ouro quantos os neophytos que ha para a iniciação do dia.

Ha na sala um vaso grande, cheio de agua, representando o mar de bronze do Templo de Salomão. A' esquerda de quem entra está uma arca immensa de madeira trabalhada, figurando a Arca da Alliança; junto da caixa deve collocar-se, se fôr possivel, um leão empalhado, com uma espada na bocca.

O numero das columnas, que decoram a sala, não é fixo; devem, porém, ser brancas, ricas e do melhor gosto.

A' direita, entrando, vê-se a pedra cubica entre duas pequenas columnas douradas.

A Officina, chamada Abobada Secreta de Perfeição, tem dez Funccionarios: 1.º — o presidente, que representa Salomão, com o titulo de Tres vezes Poderoso Grão Mestre; 2.º — um vice-presidente, sentado á direita do presidente, representando Hiram, rei de Tyro; 3.º — o Respeitavel 1.º Grande Vigilante, que representa Adonhiram, filho de Abda; 4.º — o Respeitavel 2.º Grande Vigilante, que representa Moabon, filho de Loth e sua filha; 5.º — o Grande Guarda dos Sellos, que representa Galaad, neto de Manassés; 6.º — o Grão Thesoureiro, que representa Zabulon; 7.º — o Grão Secretario, que representa Johaben; 8.º — o Grande Orador, que representa Abdamon; 9.º — o Grão Mestre de Ceremo-

---

(a) Com estes Pães de Proposição e respectiva Meza allude-se e macaqueia-se uma meza que havia com aquelle nome no Templo de Salomão. Era esta de madeira de acacia, e sobre ella se collocavam os doze pães, provavelmente cavados ou furados no meio, feitos de flôr de farinha e cobertos de incenso, e representavam, ao que parece, as doze tribus. Eram tambem dispostos sobre a meza em dois montes, de seis cada um.

Levavam-nos ao Templo os Judeus todos os sabbados, e só os sacerdotes tinham o direito de os comer.

Ancessi traz, no *Atlas Geographico*, uma copia d'aquella meza, feita segundo os relevos do arco de Tito.

nias, que representa Stolfkin; e 10.º — o Grande Capitão das Guardas, que representa Zerbal, e guarda a entrada da sala.

Na extremidade do corredor está um Irmão armado d'espada; outro Irmão, egualmente armado, está no meio.

A sessão abre-se «entre o romper do dia e o nascer do sol».

O neophyto desce primeiramente á abobada dos Real-Arca, onde lhe tiram quanto possa servir-lhe d'arma, não lhe sendo todavia vendados os olhos. Entra depois no corredor escuro e precisa responder ás telhaduras dos dois Guardas, que encontra; e, finalmente, quando chega á extremidade do corredor, deve saltar o fosso, sem se intimidar com a vista do leão (empalhado) nem com a do Capitão Zerbal, que o ameaça com a espada.

Executado o salto, é examinado o candidato, em minucioso interrogatorio, sobre o espirito dos treze graus precedentes; depois explica se-lhe a lenda do Grande Escossez da Abobada Sagrada, chamado — de Jacques VI. É — affirmam — a este monarcha britannico que se deve a composição do grau, tambem chamado Perfeito e Sublime Mação.

A lenda do 14.º grau finge que, tendo sido perdida na catastrophe do diluvio a verdadeira pronunciação da «Palavra Ineffavel», o Ser Supremo a revelou a Moysés, o qual a gravou n'uma medalha d'ouro, que depoz na Arca da Alliança. Ora, a Arca Sancta cahiu em poder dos Syrios, em consequencia d'uma falta dos Israelitas; mas appareceu um leão, d'uma corpulencia e d'uma ferocidade tão extraordinarias, que o exercito syrio fugiu cheio de susto, abandonando a Arca n'um bosque. O leão constituiu-se seu guarda; e, quando o grande sacerdote dos Hebreus, prevenido, se aproximou da Arca, o leão deitou-se a seus pés e entregou-lhe a chave, que tinha na fauce. Foi assim que se encontrou a verdadeira pronunciação da «Palavra Ineffavel». Esta pronunciação é HIH-HOH, com os *hh* muito aspirados.

É tambem n'este grau que se dá aos iniciados a explicação da pedra cubica aguda. Esta pedra grotesca, cheia de lettras e numeros, que parecem verdadeiros hierogliphos, é um cubo encimado por uma pyramide. A face principal está dividida em casas regulares, como uma taboa de Pythagoras; em cada casa ha uma lettra; estas lettras reunidas dão as palavras sagradas e as palavras de passe dos principaes graus até ao 14.º; podem ler-se começando pela primeira casa á esquerda da ultima linha, seguindo depois pela obliqua da esquerda para a direita, até chegar á ultima casa da direita na primeira linha. Nada mais simples do que este processo; uma vez conhecida a chave, leem-se as palavras sagradas muito correntemente. Os numerosos lorpas, que pullulam na Maçonaria, extasiam-se perante esta combinação da pedra cubica, e

maravilham-se quando verificam que todas as palavras sagradas são com a maior exactidão contidas no quadro; estes famosos idiotas não veem que não ha maravilha alguma, visto que as lettras das palavras estão postas a seguir, de geito a ficar em cada casa uma lettra. Uma outra face da pedra contém o alphabeto secreto dos graus symbolicos, com a respectiva chave. Outra apresenta uma mistura de circulos inscriptos e circumscriptos em quadrados. A quarta face tem um circulo grande com uma estrella de nove raios; leem-se n'ella os nomes das côres, nomes d'artes e sciencias, e muitas outras coisas mais. Tudo isto é d'um ridiculo que faz rir! É esta inepcia, de que impossivel é formar ideia, que os Veneraveis proclamam «a obra prima da Maçonaria». Ah! Quasi me esquecia de fazer notar um dos lados da pyramide que encima esta pedra cubica. Esse lado, dividido em casas, contém estas palavras: «*Schem-Hamm-Phorasch.*» São as tres palavras que terminam as grandes evocações diabolicas nos Rituaes da Magia negra. Como explicar esta formula de evocação, que alli se encontra? É bom saber que Jacques VI, rei de Inglaterra e de Escocia, cujo nome anda ligado ao d'este grau maçonico, entregou-se, segundo se crê, ás sciencias occultas: citam-se mesmo tratados escriptos por este monarcha (que baniu de seus reinos a Companhia de Jesus), que ensinam as mais abominaveis practicas da feitiçaria.

O juramento, que o neophyto presta no grau de Grande Escocez da Abobada Sagrada, vale a pena citar-se.

— «Meu Irmão, diz o Presidente da Officina, embora tenhaes passado por todos os graus, não chegastes, comtudo, á perfeição. Ainda não apercebestes aquella brilhante luz que a Maçonaria vos promette a cada novo passo que daes na via do progresso, e que só é concedida depois de muitas provas. Vós não passastes ainda pelas mais decisivas. Na vossa mão está a escolha; nós estamos ainda promptos a desligar-vos de vossas promessas, mesmo das que nos fizestes; o temor de vêl-as profanadas dá-nos força para isso. Precisamos que nos façaes obrigação nova, além das que já tendes feito. Foram ellas assignadas na obscuridade, e talvez sob a influencia de qualquer coacção moral; esta deve ser assignada em plena luz e com inteira liberdade. Podeis, querendo, lel-a previamente. Está traçada n'este papel. Lêde-a em voz baixa; depois, se quizerdes, repetil-a-heis em voz alta».

Passam então ao neophyto um papel, onde se contém o juramento, que é como segue:

«Sobre toda a liberdade que possuo em meus cinco sentidos naturaes, sobre a existencia de minha razão e de meu espirito que declaro não estar de qualquer outro modo ligado, sobre a intelligencia que me ampara, me guia e me esclarece, prometto, juro e

faço voto de guardar inviolavelmente todos os segredos, signaes e mysterios, que até ao presente me foram descobertos, e que para o futuro me forem revelados, em todos os graus em que fui e serei iniciado. Em voz alta e intelligivel, falando sem receio, agora que minha vista é livre e meu espirito isento de preoccupações, declaro approvar de todo o coração estes inviolaveis segredos, e não ter resentimento algum nem pena de haver entrado e feito obrigação em nossas Lojas. Prometto e juro não receber jamais, nem assistir a qualquer recepção, fóra das seguintes condições: 1.º com permissão e consentimento unanime de todos os Grandes Eleitos Perfeitos Mações d'esta Respeitavel Officina, ou com permissão escripta de todos os seus membros; 2.º com poder regular em mim delegado e conferido por um Grande Inspector Geral ou qualquer de seus deputados (grau 32.º), no caso de me achar longe d'esta Respeitavel Officina, ou de qualquer outro Capitulo de Perfeição regularmente constituido, distando n'este caso d'elle vinte e cinco legoas. Se eu fôr tão criminoso, que falte a estas obrigações e revele os segredos da Maçonaria, declaro desde já, prevendo tal delicto, submetter-me ás penas seguintes: que meu corpo soffra todos os supplicios; que me sejam abertas as veias das fontes e do pescoço; que seja torturado pelo rigor dos ventos, pelo rigor do sol e pela humidade da noite, exposto nú em grande altitude; que meu sangue corra lentamente de minhas veias, até á extincção completa do espirito, que anima a substancia, a materia corporea; e, para augmentar mais os soffrimentos de meu corpo e de meu espirito, que me obriguem a tomar todos os dias uma alimentação proporcionada e sufficiente para prolongar e conservar uma fome devoradora e cruel, e não seja possivel maior rigor para um perjuro. Que as leis da Maçonaria me guiem, e que o Grande Architecto do Universo me ajude. Assim seja.»

Tres vezes Poderoso. — Está bem, meu Irmão, nada vos detem? Permaneceis na resolução de dizerdes com o coração e com a bocca esse juramento, em voz alta, perante esta augusta Assemblêa, com toda a liberdade da vista, do coração e do espirito, que vos é concedida?

«Se por acaso o neophyto recusa, diz o Ritual do Grau, os dois Vigilantes collocar-lhe-hão sobre o dorso as pontas das espadas; logo depois se lhe fazem dar 27 voltas sobre si mesmo com velocidade, e 18 voltas á Loja; e, depois de lhe terem feito sentir as ceremonias da bomba (isto é, depois de o ter banhado em agua gelada, mettendo-o á força debaixo de uma torneira), expulsam-no como um pusillamine.»

Se, pelo contrario, acceita, o presidente desfaz-se em felicitações. Fazem-no aproximar da tina chamada o «mar de bronze»,

onde lhe seringam o lado esquerdo, desnudado, com algumas gottas d'agua, dizendo-lhe: «Purificae-vos!»

O leitor comprehenderá sem custo, que, quando em nossa epocha, de que tantos se orgulham, um homem é capaz de passar por todas estas momices ridiculas e aviltantes, merece bem receber como recompensa de sua coragem nas provas, por corôa do seu martyrio, a explicação da pedra cubica.

E' verdade que, para fazer engulir aos lorpas estas extravagantes pilulas, lhes recitam pomposamente, sem côr de instrucção maçonica, discursos de especie particular, que são serios.

A instrucção do grau é esta: «Os trabalhos do 4.º grau tendem a fazer proclamar em toda a parte o direito individual da Liberdade absoluta de Consciencia e Pensamento, que todos os homens sem excepção possuem; e têm por principal objecto o estudo e a mais ampla e formal reivindicação d'este direito».

O leitor sabe o que significa esta linguagem: a liberdade, que os Franc-Mações tomam a peito, é a de destruir a religião catholica para pôr o Gnosticismo em seu logar. E eis a razão porque tomam tantas precauções para ser impossivel penetrar em suas Tras-lojas alguem que não tenha sido chamado pelos chefes occultos: é que a seita Gnostica, que secretamente resuscitaram, é perfeitamente o Anti-Catholicismo.

Ponho de parte muitos detalhes inuteis da longa iniciação no grau de Grande Escocez da Abobada Sagrada. Bastar-me-ha dizer que o discurso do Orador versa, pela maior parte, sobre a pretendida vantagem, que os Franc-Mações das Tras-lojas têm, de pôr-se em communicação com os espiritos; os genios que estão sob a dependencia do Bom Principio não podem, affirma-se aos neophytos, deixar de auxilial-os em seu progresso para a perfeição.

A sessão é encerrada com a declaração de que «as tres estrellas appareceram.»

Todos os Grandes Escocezes trazem um annel d'ouro, em fórma d'alliança, no interior do qual estão gravados, d'um lado, o nome do adepto e a data da sua recepção, do outro, estas palavras: «A virtude une o que a morte não póde separar.»

# CAPITULO QUINTO

## O GRANDE CONSELHO

### I

### O CAVALLEIRO DO ORIENTE OU DA ESPADA

Para a recepção n'este grau são precisas duas salas uma armada de verde-mar e outra de vermelho.

Cada sala é illuminada por setenta luzes, divididas em dez grupos de sete.

A Camara Verde representa a côrte de Cyro, rei dos Assyrios. A armação é espessa e presa ao tecto; aos dois lados — Norte e Occidente — está suspensa, de geito a ficar approximadamente a dois metros de distancia da parede; a parte da salla assim encerrada na armação forma um quadrilongo.

Ao Oriente ergue-se um throno com dois degraus; ao Occidente, duas poltronas, e ao Sul cadeiras para os Irmãos. Ninguem se assenta ao Norte, que forma uma especie de corredor entre a parede e a armação. Egual corredor se acha tambem ao Occidente.

Atraz do throno, a Sud-Este, está um grande transparente representando o sonho de Cyro. 'Neste quadro, de aspecto geralmente grotesco, vê-se, á direita, um individuo com cabeça de féra, sentado ao pé d'uma arvore, com os braços cruzados, e a perna esquerda familiarmente cruzada sobre o joelho direito; uma corda prende ao tronco da arvore este personagem, que representa Nabuchodonosor. Em frente d'elle está um rei, de pé e preso a uma estaca: é Balthazar. A parte esquerda do transparente é consagrada a recordar o sonho de Cyro; este rei da Persia está em uma tenda, em posição demonstrativa de um terror, que diverte quem o vê; um leão, semelhando rugir e saltar, está mui perto, em uma nuvem, lançando sobre elle olhares ameaçadores. Emfim, a parte superior do transparente, dominando ambas as outras em toda a sua extensão, representa uma aguia, cercada de raios, empoleirada sobre uma grande nuvem mui similhante a immensa e espessa manga meio inchada; esta ave, de reputação feroz, toma aqui um aspecto por extremo bondoso, e segura no bico, não um queijo (mais proprio do corvo da fabula), mas uma interminavel flammula, sobre a qual se lê: «Dá liberdade aos captivos!»

Mas ha ainda mais. Para a reunião dos Maçōes do 15.º grau,

organisa-se no interior da mesma sala uma especie de recinto, formado por pedaços de madeira, talhados, dispostos e pintados de geito a fingirem uma parede de tijolos ajustados e sobrepostos; este recinto é guarnecido por sete torres. A parede em questão sómente tem tres fachadas, porque o fundo da sala forma a quarta; as fachadas lateraes (norte e meio-dia) são pouco elevadas; tem cada uma tres torres: duas nos angulos formadas pelas extremidades e uma no meio. A fachada do Occidente é de toda a altura da peça; tem ao meio uma torre, cuja largura é sufficiente para poder conter dois guardas, esta torre tem duas partes: uma dentro e outra fóra do recinto. O throno está no interior do recinto e, adeante do throno, um altar coberto por um tapete verde com galões e franjas d'ouro. No meio da sala estão as duas columnas J e B lançadas por terra. Disse que as fachadas latteraes d'este recinto de madeira pintada são pouco elevadas; e, na verdade, têm approximadamente cincoenta a sessenta centimetros d'altura, de modo que ao Sul veem-se os Irmãos assentados, dando-lhes pelos joelhos as ameias d'essas minusculas fortificações; o que é de um effeito soberanamente ridiculo.

Da Camara Verde passa-se á Camara Vermelha por uma ante-camara ou atrio commum. 'Neste logar ha uma ponte, sob a qual, pensam, corre um rio, cujas aguas carreiam cadaveres e restos de armaduras. No arco da ponte leem-se estas tres lettras: L.·. D.·. P.·. *(liberdade de passagem).* N'um dos pannos dos muros veem se tambem: uma paisagem representativa de campinas assoladas, e as fortificações de Jerusalem destruidas. A porta de entrada na sala está d'este lado.

Como se vê, a Maçonaria nunca despreza o apparato scenico.

A Camara Vermelha está magnificamente decorada; as armações são de velludo com franjas d'ouro. E' a sala de recepção, emquanto que a outra é a sala d'exame. Uma cortina, ao fundo, esconde uma gloria radiante (ainda um transparente!) e um altar; esta cortina só se ergue n'um momento determinado. Ha tambem n'esta sala diversos accessorios do grau de Escocez; a arca da alliança, o mar de bronze, etc.

Não falarei da Camara das Preparações, que é um simples gabinete, onde se encerra o neophyto até que chegue o momento de ser apresentado a Cyro.

A Officina tem o nome de Conselho dos Cavalleiros do Oriente ou da Espada.

O presidente representa Cyro na Camara Verde; tem o titulo de Soberano; traja manto real, corôa e sceptro.

A' direita tem o Grande Guarda dos Sellos, chamado Nehemias (ou Ratim). Nunca se ergue do seu logar, nem mesmo quan-

do Mações de graus mais elevados se apresentam como visitadores; estes tomam assento junto d'elle.

A' esquerda do Soberano está o Grande Orador, chamado Esdras (ou Daniel).

Adeante do Soberano, desempenhando as funcções de 1.º Vigilante, está um Official, que tem o titulo de general Sinna, grão mestre da cavallaria: é o Primeiro General. Adeante do Soberano tambem, e desempenhando as funcções de 2.º Vigilante, está outro Official, que figura o general Nabuzardan, grão mestre da milicia: é o Segundo General.

O Grão Thesoureiro chama-se Mithridates; o Grão Secretario, Semelius; o Grão Mestre de Ceremonias, Abazar. Todos estes Funccionarios, assim como os simples cavalleiros, vestem casaca, com as insignias do grau. Todos os assistentes estão armados d'espada, de cujos punhos os chefes se servem á guisa de malhete. Os dois ultimos Cavalleiros admittidos fazem de guardas da grande torre, e estão munidos de lanças.

A lenda do grau de Cavalleiro do Oriente, e do que se lhe segue, tem por base os esforços dos Israelitas para reconstruirem o Templo, destruido por Nabuchodonosor, que levou o povo hebreu em captiveiro. O rei de Israel, Jechonias, tambem captivo, teve um filho, de nome Zorobabel, que, no septuagesimo anno da escravidão, obteve de Cyro, successor de Nabuchodonosor, auctorisação para entrar em Jerusalem e reconstruir o templo. Zorobabel levou comsigo 7:000 operarios, que tiveram de trabalhar «com a espada em uma das mãos e a trolha na outra,» accommettidos, como eram, constantemente, depois da volta a Jerusalem, pelos Samaritanos, nação inimiga do povo hebreu.

O neophyto desempenha o papel de Zorobabel.

A phrase convencionada para a abertura dos trabalhos é esta: «A aurora desponta.»

A sessão começa por uma declaração solemne do Soberano ou presidente, Cyro.

Soberano. — Generaes, Principes, Cavalleiros, ha muito tempo que resolvi dar a liberdade aos Judeus, que estão captivos. Estou cançado de vel-os gemer nos ferros; mas eu não posso libertal-os sem vos consultar sobre um sonho, que esta noite tive e exige explicação. Pareceu-me vêr um leão furioso prestes a lançar-se sobre mim para me devorar. Seu aspecto espantou-me, e fez-me fugir em busca d'um asylo contra seu furor; mas, então, vi meus predecessores, que serviam de escabello a uma gloria que os Mações designam pelo nome de Grande Architecto do Universo. Fizeram-se ouvir duas palavras, que sahiam do centro do astro luminoso. Conheci que era sua significação o dar a liberdade aos

captivos, e que, de contrario, a minha corôa cahiria em mãos de extrangeiros. Fiquei attonito e confundido. O sonho desappareceu. Desde então perdi a tranquilidade. A vós, Principes e Cavalleiros, toca ajudar-me, com vosso conselho, para deliberar sobre o que haja de fazer.

Durante o discurso, os Irmãos permanecem todos de fronte pendida; mas, no fim d'elle, olham o 1.º General,e imitam-no.

O 1.º General leva a mão direita á espada, desembainha-a, apresenta-a com a extremidade para cima, estendendo o braço para a frente, em seguida baixa a extremidade para a terra, «para prestar assenso ás palavras do rei,» levanta de novo a extremidade, «para significar liberdade,» e permanece n'esta posição.

Todos os Irmãos executam estes salamaleques.

Soberano. — Pois bem! Acabe o captiveiro! Generaes, Principes, Cavalleiros, o Conselho dos Cavalleiros da Espada está aberto.

Os Generaes repetem, cada um na columna, a mesma cousa. Depois, a um signal dado, todos applaudem e bradam compassadamente:

— Huzé! Gloria a Deus!.. Huzé! Gloria a Deus!... Huzé! Gloria a Deus!...

O neophyto está ainda na Camara das Preparações, e n'este momento é que começam a occupar-se d'elle. Recebe a visita do Mestre de Ceremonias, acompanhado de dois Cavalleiros, que, apenas entram no gabinete e sem dizerem palavra alguma, se lhe lançam ao pescoço e o abraçam. Entretanto vestem-no de vermelho; põem-lhe uma grande faixa e o avental do grau de Escocez; carregam-lhe as mãos de cadeias, cujos elos são triangulares, e sufficientemente longas para deixarem gesticular o paciente. Ensinam-lhe que o seu nome é Zorobabel, e que deve apresentar-se com ar triste e gemebundo. Não leva arma alguma, nenhum ornamento, nem joia alguma. Fazem-lhe esconder o rosto com as mãos, até que chegue á grande torre, que dá entrada para a Camara Verde; é ahi que os guardas o remexem minuciosamente e o interrogam. O neophyto deve dar todas as respostas que o Mestre de Ceremonias lhe soprar.

Guarda da Torre. — Que buscaes?

Neophyto. — Busco fallar, sendo possivel, ao vosso Soberano.

Guarda. — Quem sois?

Neophyto. — Sou o mais eminente entre os meus eguaes, Mação por classe, captivo por infortunio.

(Não tem os olhos vendados. Se tivesse, poderia accrescentar:

«Sou tambem cego por profissão.» Seria isto tão sublime, como o mais.)

Guarda. — O vosso nome?

Neophyto. — Zorobabel.

Guarda. — A vossa edade?

Neophyto. — Setenta annos.

Guarda. — Qual o motivo que vos traz aqui?

Neophyto. — A miseria de meus Irmãos e as suas lagrimas, que fazem, como vêdes, correr as minhas.

Guarda. — Esperae. Trataremos de fazer chegar as vossas queixas aos ouvidos do Soberano.

Um dos Guardas dá sete pancadas na porta da torre. O Segundo General repete esta bateria e, depois, o Primeiro General; finalmente, o Soberano.

Segundo General, ao Primeiro. — Um Guarda bate á porta da torre, ao modo de cavalleiro da Espada.

Primeiro General. — Soberano Mestre, um Guarda bate, etc.

Soberano. — Primeiro General, mandae-o introduzir. Guardae-me com precauções extraordinarias. Na perturbação, em que estou, todas as medidas de prudencia são poucas.

O Segundo General vae á porta da torre, bate, abre, conduz ao Occidente o Guarda, que larga a lança, crusa os braços e inclina-se.

Guarda da Torre, depois da saudação. — Soberano Mestre, um homem de setenta annos de idade, que se diz o mais eminente Mestre dos Maçôes seus eguaes, pede para apparecer em vossa presença.

Soberano. — Seja introduzido na torre do palacio, ahi o interrogaremos.

O Guarda faz uma nova inclinação, retira-se, introduz o neophyto na torre, e fecha a porta. Em seguida inrerroga-o o Soberano atravez da porta, que permanece fechada.

O Soberano. — O que vos traz aqui?

Neophyto. — Venho implorar a justiça e a bondade do Soberano.

Soberano. — Para que?

Neophyto. — Peço mercê para meus Irmãos, que ha setenta annos estão em escravidão.

Soberano. — O vosso nome?

Neophyto. — Zorobabel, o mais eminente entre meus eguaes, Mação por classe, captivo por infortunio.

Soberano. — Sobre que baseaes vosso appello á minha clemencia?

Neophyto. — Sobre a Graça do Grande Architecto do Universo, a quem peço esclareça o Soberano Mestre. Que a justiça do rei nos conceda a liberdade, e que elle nos permitta que vamos reedificar o templo do nosso Deus!

Soberano. — Visto serem tão justos os motivos que aqui conduzem este Mação, conceda-se-lhe a liberdade de apparecer em nossa presença de face descoberta.

O Capitão das Guardas vae immediatamente abrir a porta da torre, conduz o neophyto ao Occidente e fal-o prostrar-se.

Soberano. — Zorobabel, eu senti comvosco e mais do que vós mesmos o peso de vosso captiveiro. Estou prompto a libertar-vos desde já, se quizerdes communicar-me os segredos da Maçonaria, pela qual sempre tive a mais profunda veneração.

Neophyto. — Soberano Mestre, quando Salomão nos ensinou os principios da arte real, disse-nos que a egualdade devia ser o primeiro d'elles. E ella não reina aqui. Vossa qualidade, vossos titulos, vossa superioridade e vossa côrte são incompativeis com a estancia onde somos instruidos nos mysterios de nossa Ordem. Ademais, os meus juramentos são inviolaveis; não posso, pois, revelar-vos os nossos segredos. Se a minha liberdade custa tal preço, prefiro o captiveiro.

Soberano. — Admiro a discrição e a virtude de Zorobabel; merece a liberdade pela firmeza com que mantem os seus juramentos e obrigações.

Os Cavalleiros dão o signal de assentimento, baixando todos ao mesmo tempo a espada, e levantando-a em seguida.

Soberano. — Segundo General, fazei passar Zorobabel pelas setenta provas; que são trez *(sic)*: a prova do corpo, a prova do espirito e a prova da alma, afim de poder merecer assim a graça, que pede e a sua discrição me dispõe a conceder-lhe.

O neophyto é então levado por trez vezes em torno da sala. A' primeira vez, atiram-lhe um petardo debaixo do nariz; á segunda, perguntam-lhe se persiste em reclamar a liberdade; á terceira, fazem-lhe pôr ambas as mãos abertas, a modo de abanos, em cima das orelhas, e ordenam-lhe que orneie; o candidato obedece a esta prescripção. [a]

O Segundo General dá em seguida sete pancadas.

Primeiro General, ao Segundo. — Que quereis?

Segundo General. — O postulante supportou as provas com firmeza e constancia.

---

(*a*) Vae sem commentario. E' uma nota de bom senso e conhecimento proprio no meio de mil dislates e ridicularias!

INICIAÇÃO DO PRINCIPE DE JERUSALEM

No 16.º grau, o neophyto, havendo sido enviado em legação a Dario, recebe de seus Irmãos a recompensa da sua dedicação. Todos os assistentes, embrulhados em longas tunicas, vêm abraçal-o, cobrindo-o com uma corôa de papelão dourado, e chamam-lhe «Respeitavel Ancião.» Deve notar-se que, nas sessões d'este grau ridiculo, todos os Irmãos devem trazer barba comprida; os imberbes servem-se de barbas postiças.

O Primeiro General repete as mesmas palavras, dirigindo-se ao Soberano.

Soberano. — Zorobabel, concedo-vos a mercê que solicitaes; sejam vossos ferros quebrados.

Dá sete pancadas. A este signal os dois Generaes tiram ao neophyto a cadeia de elos triangulares.

Soberano. — Sois livre, Zorobabel; os meus guardas vão dar-vos passagem.

O neophyto retira-se. No momento em que vae a passar á porta, obrigam-no a voltar, pois que o presidente tem ainda de dirigir-lhe algumas palavras.

Soberano. — Zorobabel, foi para obedecer á voz do ceu que mandei quebrar vossas cadeias; mas antes que deixeis este recinto para recuperardes a liberdade, dar me-heis tres cordeiros, cinco capados e sete carneiros.

A esta tão inesperada reclamação, diz o Ritual, o neophyto, a quem d'esta vez se não indica a resposta, fica consideravelmente embaraçado. Como não sabe o que deva responder, vem em seu auxilio o Mestre de Ceremonias.

Mestre de Ceremonias. — Soberano Mestre, eu sou fiador da pobreza absoluta de Zorobabel; o infeliz não possue nem cordeiro, nem capado, nem carneiro.

Soberano. — Visto ser assim, Zorobabel, visto ter sido tão duro vosso captiveiro, que não podestes ajuntar peculio algum, dar-me-heis os tres cordeiros, os cinco capados e os sete carneiros sómente quando o novo Templo estiver reconstruido, e eu mandal-os-hei receber ao portico. Peço-vos isto, não a titulo de tributo, mas como penhor da amizade que vos prometto. Aproximae-vos, meu amigo.

Conduzem o neophyto ao pé do throno.

Soberano. — Eu vos armo com esta espada *(dá-lhe um pequeno gladio)*, para signal que vos distinga de vossos eguaes. Persuado-me que só o empregareis em sua defeza. Por isso vos crio e constituo Cavalleiro da Espada.

Dizendo isto, bate-lhe com a espada nos hombros e abraça-o. Depois, dá-lhe um avental e uma faixa azul, que lhe passa da esquerda para a direita, dizendo-lhe:

— Para vos testemunhar a minha estima, vos decoro com um avental e uma faixa, que adoptei, á semelhança dos operarios de vosso Templo. Posto que estas insignias não envolvam mysterio algum, eu, comtudo, sómente as concedo aos Principes mais eminentes da minha côrte. Gosareis entre elles das mesmas honras. Por agora, entrego-vos nas mãos do general Nabuzardan, grão mestre de minhas milicias, o qual vos dará guias, que vos condusam seguramente até junto de vossos Irmãos e ao logar em que deveis edificar o novo Templo. Assim o ordeno.

Todos os Cavalleiros abraçam o neophyto. O Segundo Gene-

ral fal-o entrar na torre, deixando-o ahi emquanto os Irmãos passam em silencio á Camara Vermelha.

Aqui, não ha throno algum, mas uma simples poltrona. O presidente, deixando suas vestes reaes, já não representa Cyro, mas o chefe secreto d'alguns Pedreiros [a] livres que, refugiados nas ruinas do Templo, conseguiram escapar ao captiveiro de Babylonia. Dá-se lhe o tratamento de Muito Illustre Mestre. Os outros irmãos são os Pedreiros livres. Quando todos os assistentes estão a postos, o Mestre de Ceremonias faz sahir o neophyto da torre e o conduz, por detraz da armação, até á ponte, que se crê atravessar um rio, cujas aguas carreiam cadaveres e destroços d'armaduras.

Á entrada da ponte estão alguns Irmãos em attitude bellica.

— Passae mesmo assim! — brada o Mestre de Ceremonias ao neophyto.

Este precipita-se, empurra os Irmãos, que apenas lhe oppõem uma fraca resistencia, e passa a ponte. N'esta lucta simulada, os Irmãos apenas têm em vista tirar ao neophyto o avental e a faixa verde, com que, pouco antes, Cyro o havia decorado.

O Mestre de Ceremonias bate então sete pancadas á porta da Camara Vermelha. A este ruido, os Irmãos que estão dentro tiram do cingidoiro do avental uma trolha, que alli está presa, sustentando a espada com a mão direita e a trolha com a esquerda.

Trava-se um dialogo, como de costume, entre o presidente da Officina e os Vigilantes. Em seguida o neophyto, a quem o Mestre de Ceremonias sopra a lição, explica atravez da porta o que quer.

Neophyto. — Quero ver meus Irmãos, os Pedreiros livres. Trago-lhes a nova da minha alforria; venho dizer-lhes que os Israelitas, que gemiam captivos em Babylonia, recuperaram a liberdade.

Muito Illustre Mestre. — A nova, que este homem traz, póde ter razão de ser. Decorreram já os setenta annos, e o dia da reedificação do Templo chegou. Para evitar, todavia, qualquer engano, perguntae ao desconhecido o seu nome, edade, e paiz d'onde vem.

2.º Vigilante, entreabrindo a porta. — O vosso nome?

Neophyto. — Zorobabel.

2.º Vigilante. — A vossa idade?

Neophyto. — Setenta annos.

2.º Vigilante. — De que paiz vindes?

Neophyto. — Do paiz que demora para cá do rio Starburzanai, ao Occidente da Assyria.

As respostas são transmittidas ao presidente.

Muito Illustre Mestre. — Chama-se Zorobabel! Tem setenta

---

(a) No original, *Maçons*.

annos! Vem d'aquem do rio Starburzanai!... Sim, meus Irmãos, o captiveiro cessa, e nosso somno acaba!... Gloria ao Grande Architecto do Universo!... O captivo libertado é precisamente o principe da tribu soberana que deve reedificar o nosso Templo... Que elle seja admittido entre nós, e conhecido, para guiar e sustentar nossos trabalhos.

O neophyto é introduzido, e posto ao Occidente.

2.º Vigilante. — Muito Illustre Mestre, eis aqui Zorobabel, que pede para ser admittido no seio da fraternidade.

Muito Illustre Mestre. — Zorobabel, fazei-nos a narração exacta de vosso livramento.

Neophyto. — Cyro, tendo-me permittido que fosse ao pé de seu throno, teve compaixão das miserias de meus Irmãos captivos. Mandou generosamente quebrar os ferros, com que nos traziam carregados os seus antepassados. Depois, armou-me com esta espada para poder defender e soccorrer os meus companheiros, e honrou-me com magnificas insignias, que me tornaram egual aos mais eminentes principes de sua côrte. Vim, pois, á frente de sete mil operarios, para reedificar o templo de Jerusalem. Na passagem do rio Starburzanai, fez-se-nos mister luctar contra inimigos terriveis. Nós triumphámos; mas, na refrega, perdi as insignias de distincção, que me dera o rei, nosso libertador.

Muito Illustre Mestre. — Zorobabel, acabo de vos ouvir com alegria; mas deixae que vos ensine o que vós ignoraes. Na minha qualidade de depositario dos objectos sagrados de vosso velho e sancto templo, tenho o poder de conhecer o que os profanos nem suspeitar poderiam. Se o rei Cyro mandou que quebrassem vossas cadeias, não foi, meu Irmão, de seu motu proprio; foi em consequencia de um sonho, que o desnorteou, no qual lhe appareceu um leão prestes a devoral-o. A sua generosidade, pois, não foi tão meritoria, como se vos afigurou .. Pelo que concerne ás insignias honorificas, com que Cyro vos decorou, sabei que não tendes de que lastimar-vos com sua perda. A justiça da nossa fraternidade não poderia compadecer-se com esses berloques vaidosos, que são a libré do despotismo. O monarcha assyrio, accumulando sobre vós as honras reservadas á sua côrte, não era guiado pelo espirito de egualdade, que anda annexo sempre aos bons Maçõe. Por aquella perda, vistes que apenas desappareceram as insignias de tal principe, e que conservaes as da verdadeira e boa Maçonaria... Com um só facto deveis exultar: quero fallar da liberdade, que trazeis adquirida para o futuro, e que sabereis defender com zelo e persistencia, como creio... Vou, pois, meu Irmão, communicar-vos os segredos importantes que os Pedreiros livres, escondidos nas ruinas do Templo, souberam conservar durante es-

tes longos e dolorosos setenta annos. Antes, porém, desejamos certificar-nos de que o tempo passado na escravidão não enfraqueceu os sentimentos maçonicos que em vossa alma radicavam.

Neophyto. — Interrogae-me; estou prompto a responder.

O presidente propõe então ao candidato algumas questões politicas: — Quaes são os direitos do povo? Em que consiste a liberdade? A monarchia e a liberdade são compativeis? etc.

Depois de haver respondido a estas questões, o neophyto dá os signaes e toques do grau de Grande Escocez.

Muito Illustre Mestre. — Cavalleiros meus Irmãos, creio que Zorobabel é digno de entrar em nossos novos mysterios.

Os Irmãos fazem, simultaneamente, com a espada, o signal de assentimento.

Muito Illustre Mestre. — Grão Mestre de Ceremonias, mandae avançar o neophyto, e, depois de o terdes posto no meio dos vasos sagrados que os Pedreiros livres conseguiram salvar das ruinas do Templo, ordenae-lhe que ajoelhe deante do altar do Grande Architecto do Universo, para prestar ahi os juramentos, que nós exigimos.

Executa-se a ordem.

Eis o juramento que o candidato presta:

*Juramento do Cavalleiro do Oriente ou da Espada.* Prometto e juro, sob as mesmas obrigações que já contrahi nos differentes graus da Maçonaria, de nunca revelar o segredo dos Cavalleiros do Oriente ou Pedreiros livres a qualquer Irmão de grau inferior, ou a qualquer Profano, sob pena de soffrer o mais duro captiveiro; que meus ferros não possam jamais ser quebrados, que meu corpo de execravel perjuro seja entregue ás feras, que o raio me converta em pó, e que meu castigo severo sirva de exemplo aos indiscretos! Assim seja.

O Muito Illustre Mestre levanta-se e embainha a espada; todos os Cavalleiros o imitam.

Muito Illustre Mestre. — Meus Irmãos, tendo a destruição do Templo submettido os Maçoes ás mais rigorosas desgraças, tememos nós, que a escravidão servisse para corrompel-os na fidelidade que devem a suas promessas e juramentos. Foi isso que nos obrigou, esperando a hora da reedificação, a conservar-nos affastados em um logar secreto, onde guardamos com veneração e amor alguns destroços do antigo monumento. Só admittimos em nossa sociedade aquelles que reputamos por verdadeiros e legitimos Maçoes, não só por signaes, palavras e toques, mas ainda por suas acções e por seus costumes. E' sempre com felicidade que lhes communicamos então nossos novos segredos; e é assim que

consagramos este neophyto Cavalleiro do Oriente ou da Espada, Pedreiro liberrimo, em vista das provas, que nos deu, de seu ardente amor da liberdade.

Durante esta allocução descobre-se o quadro luminoso, que representa uma gloria. Em seguida, o Muito Illustre Mestre communica ao neophyto os segredos do 15.º grau. Depois, procede á proclamação. Os Cavalleiros batem com as mãos trez vezes, e trez vezes bradam: «Zorobabel!»

Finalmente, é dada a palavra ao Grande Orador, que explica o sentido do grau, sentido que é sobretudo politico. O homem nasceu, por direito natural, para a liberdade. Por conseguinte, quando um despota concede aos seus subditos qualquer mercê, estes não lhe devem favor algum; o seu unico dever é aproveital-a para conquistar depois a liberdade completa. Com effeito, quando um despota se mostra liberal, é porque o constrangem e forçam. Foi assim que Cyro quebrou os ferros de Zorobabel; obrou sob a influencia do mêdo que lhe fez o sonho do leão ameaçador, que symbolisa o povo, erguendo-se do seu torpor, e reivindicando seus direitos. O homem, dotado d'um animo livre, que soffre sempre contra vontade a escravidão, deve sobretudo velar porque não lhe atrophiem os sentimentos naturaes; não deve deixar-se corromper por honras com que um despota póde mimoseal-o. Se as acceita, só deve fazel-o para melhor esconder, sob uma legitima dissimulação, a necessidade ardente, que tem, de se libertar do despotismo. Não deve deixar se abater pelos infortunios; semelhante aos Pedreiros livres, escondidos nas ruinas do Templo, esperará com resignação a hora do triumpho da liberdade, nada despresando do que possa acceleral-a. As lettras, impressas na ponte do rio Starburzanai (L.·. D.·. P.·.), que se traduzem por *Liberdade de Passagem*, têm uma significação secreta. Querem dizer, no sentido politico do grau: «*Lilia Destrue Pedibus*, destroe os lyrios, calcando-os aos pés.» Os lyrios são, aqui, o emblema da tyrannia real e da tyrannia sacerdotal. (1)

Instrucção do grau. — «Os trabalhos têm por fim precisar bem que, sendo o homem, por direito natural, livre, a liberdade pessoal não póde ser attingida pela lei, excepto no caso em que a lei seja realmente a harmonia entre os direitos do homem isolado e os deveres do homem social. D'aqui se infere que o Mação, por mais perseguido que seja pelos inimigos da Ordem, deve luctar sempre e sem cessar para o triumpho da Maçonaria.» — A Ordem é a Maçonaria, não se esqueça.

---

(1) Em paizes republicanos, a significação secreta das tres lettras é esta: *Liberdade de Pensamento*, — que somente tem em vista a religião.

Encerramento da sessão.

Muito Illustre Mestre. — Illustre Cavalleiro 1.º Vigilante, sois Cavalleiro do Oriente ou da Espada?

1.º Vigilante. — Muito Illustre Mestre, recebi o seu caracter.

Muito Illustre Mestre. — Como chegastes a esse grau?

1.º Vigilante. — Pela humildade e paciencia.

Muito Illustre Mestre. — Qual é a vossa origem?

1.º Vigilante. — Sou da tribu de Judá.

Muito Illustre Mestre. — Que professaes?

1.º Vigilante. — A Maçonaria.

Muito Illustre Mestre. — Para quem trabalhastes hoje?

1.º Vigilante. — Hoje e todos os dias trabalhei e trabalho na reconstrucção do Templo, que foi arruinado pelos tyrannos da humanidade.

Muito Illustre Mestre. — Que horas são?

Vigilante. — As estrellas apparecem.

## II

### O PRINCIPE DE JERUSALEM

A lenda do Cavalleiro do Oriente ou da Espada continua ainda no 16.º grau.

Segundo esta lenda, os israelitas não podiam triumphar dos Samaritanos, seus inimigos, e Zorobabel chegou a desesperar de ver terminados os trabalhos de reconstrucção do Templo. Este principe, pois, enviou embaixadores a Dario, successor de Cyro, para implorarem o seu auxilio. Dario tomou Zorobabel sob a sua protecção e ordenou aos Samaritanos que se submettessem aos Israelitas; desde então, Zorobabel, apoiado pelo poderoso monarcha assyrio, fez pagar o tributo aos Samaritanos.

Vejamos agora como esta lenda é posta em acção.

A reunião do 16.º grau chama-se Grande Conselho. A sala é allumiada por vinte e cinco luzes, dispostas em grupos de cinco, e dividida ao meio por uma espessa armação, que cae do tecto. Na segunda divisão está o rei Dario, isto é, o presidente da Officina, sob um docel de côr amarella, tendo deante de si uma meza, uma espada núa, um escudo, um lustre de cinco bicos, uma balança e uma antiga mão de justiça. Esta divisão da sala representa a cidade de Babylonia, e está armada de vermelho. A divisão da frente representa, pelo contrario, a cidade de Jerusalem, onde está egualmente um throno, presidindo um Funccionario da Officina com o nome de Zorobabel. A separação das duas partes da sala figura a

distancia que havia a percorrer d'uma a outra cidade. A primeira divisão está armada de amarello aurora.

Este grau raras vezes é posto em practica. Não significa coisa importante, e sómente serve para divertir alguns imbecis.

O neophyto é introduzido na primeira divisão da sala, onde estão doze Irmãos, tendo cada um d'elles na mão uma candeia cercada por um vidro despolido ou por um papel grosseiro. 'Nisto se resume toda a luz do começo da iniciação.

O presidente Zorobabel conta, com voz magoada, todos os incommodos que lhe causam os Samaritanos, recorda os combates da ponte de Starburzanai, e finalmente envia a Dario o neophyto como embaixador.

Fazem então passar este ultimo á parte da sala que representa Babylonia, e os Irmãos da outra divisão apagam as suas luzes.

O neophyto implora a assistencia de Dario. Este, depois de um interrogatorio summario sobre o grau precedente, promette-lhe, assim como a todos os Israelitas, a sua protecção, e nomeia-o Principe de Jerusalem.

Volta do neophyto á primeira divisão da sala. Durante a sua ausencia, os doze Irmãos (um de cada tribu) collocam sobre a cara longas barbas postiças para figurarem d'Anciãos do Povo. Accendem, ademais, grandes brandões, que lá estão para recordar a alegria dos habitantes de Jerusalem na volta dos embaixadores de Dario.

A' chegada do neophyto, todos os Irmãos soltam gritos de alegria e o abraçam com effusão; põem-lhe na cabeça uma corôa de papel dourado, e chamam-lhe «Respeitavel Ancião».

Depois d'isto voltam á Camara de Babylonia, e o Orador começa uma arenga sobre o Apocalypse e as cruzadas, tendente a preparar os Irmãos para receber dentro em breve o grau seguinte.

Esquecia-me dizer que o presidente Dario tem o titulo de Muito Equitativo, os Vigilantes o de Muito Esclarecidos, e os demais assistentes o de Valorosos Principes.

Ninguem suspeitaria que este grau absurdo tivesse uma instrucção; e tem-n'a todavia. Eil-a:

Instrucção do grau. — «Os trabalhos patenteiam que a egualdade humana tem por consequencia immediata a liberdade e a independencia das nações, como agrupamentos historicos ou territoriaes, e por consequencia mediata que os direitos e interesses geraes da humanidade não podem ser restringidos ou limitados pelas fronteiras.»

Está isto no Ritual; mas quem suspeitaria que, para ensinal-o, se fazia mister enviar embaixadores a Dario e obrigar os Samaritanos a pagar o tributo aos Israelitas?

## III

### O CAVALLEIRO DO ORIENTE E DO OCIDENTE

E' um grau essencialmente gnostico. Para dar melhor curso ás infamias que traz annexas, dizem aos confrades haver elle sido instituido na epocha das cruzadas por Cavalleiros do Occidente, os quaes haviam encontrado na Palestina alguns iniciados que secretamente guardavam o deposito das verdadeiras tradições religiosas. E d'ahi veio o nome do 17.º grau.

A lenda do Cavalleiro do Oriente e do Occidente finge «que, depois da tomada de Jerusalem pelos Romanos, os Israelitas trocaram a Judêa pelo deserto e procuraram dentro em breve um paiz em que o respeito pelos direitos do homem fosse uma realidade. Não o encontrando, fundaram as sociedades dos Therapeutas, dos Escocezes, dos Johannitas. [a] Foi com os Johannitas que os cavalleiros cruzados se poseram em contacto.»

Ora, não é mau saber que os Johannitas formavam uma seita anti-christã. Diziam-se de posse das verdadeiras obras do evangelista S. João; accusavam de falsificados o *Apocalypse*, as *Epistolas* e o *Evangelho* d'aquelle Sancto, taes como haviam sido adoptados pela Egreja; e, calumniando de falsarios os primeiros discipulos dos apostolos, professavam uma doutrina abominavel, tirada a seu

---

(*a*) A Maçonaria, no seu intenso amor da verdade, assenta, em tres palavras, outros tantos erros historicos. Primeiramente, é absolutamente falso que os Judeus formassem qualquer sociedade cujos membros fossem conhecidos pelo nome de *Escocezes*. Nem a historia ecclesiastica, nem a profana dão conta de tamanha monstruosidade, só digna de bestuntos de . ˙ .

E depois é tambem notavel aquella sem-ceremonia com que se diz datarem os therapeutas de tempo posterior á tomada de Jerusalem, anachronismo verdadeiramente indesculpavel. Os therapeutas eram uma seita de Judeus, realmente; porém existiam já antes do sec. I da era christã, como um judeu notavel (Philon) ensina e como creem todos os historiaderes, nomeadamente os que, com alguma razão, fazem dos therapeutas um ramo especial dos essenios Estes Irmãosinhos dos . ˙ . são simplesmente soberbos!

Finalmente, com que propriedade e graça não chamam elles *Johannitas* aos membros de uma seita, cujo verdadeiro, proprio e consagrado nome é o de *Mandaitas!* E com que verdade os não dizem Judeus, quando é certo que elles foram principalmente pagãos, que nada tinham de commum com os filhos de Israel, que apenas acceitaram dos christãos o culto da cruz, recusando o mais, e que tomaram dos manicheus a maior parte das suas doutrinas!

Tambem não deixa de causar riso, que os taes Judeus, que deram com o tempo os pretendidos *Johannitas*, fossem procurar justiça e respeito pelos direitos do homem, não á Grecia ou a Roma, onde a civilisação havia attingido já um grau notavel de progresso, mas a Bassorah, a varios pontos da India, á Arabia e á Persia, que taes foram os logares onde os pseudo-christãos de S. João se radicaram e desenvolveram, segundo a historia ensina.

Mais abaixo, e ainda n'este grau, declara a Maçonaria pela bocca do mais eloquente dos vinte e quatro anciãos da Loja, que os Johannitas foram verdadeiros e fieis adeptos da Gnose. Tambem a historia o não diz; e só póde pensal-o quem entender por Gnose o conjuncto variadissimo das doutrinas anti-christãs dos primeiros seculos.

São bem pouco correntes e bem menos limpas as doutrinas e ensinos da Maçonaria!

modo dos livros de sua estima. Foi assim que elles transformaram o *Apocalypse* 'numa obra de cabala e de magia.

A assembleia do 17.° grau chama-se Grande Conselho.

A sala está decorada de vermelho, com estrellas d'ouro disseminadas pela armação. Ha, ao todo, sete columnas de côres differentes: côr de laranja, amarello, verde, azul claro, azul escuro, e roxo. Em cada columna está um castiçal com uma vela.

No fundo da sala, ao Oriente, ergue-se um throno sobre sete degraus. Por cima do throno está figurado um arco iris, a cujos lados se acham: um sol, ao Meio-dia, e uma lua, ao Norte. Sete lampadas suspensas são accesas deante d'este throno.

Aos lados da sala, em duas linhas, estão mais vinte e dois thronos, onze de cada lado, e assente cada um sobre tres degraus.

Ao Occidente, defronte do grande throno, ha para os Vigilantes dois thronos eguaes aos vinte e dois, tendo apenas de mais uma pequena mesa á direita.

A assembleia compõe-se de vinte e quatro membros: o presidente, com o titulo de Muito Poderoso, que representa o chefe dos vinte e quatro anciãos do Apocalypse, e toma assento no grande throno; os dois Vigilantes, com o titulo de Respeitaveis Anciãos; e vinte e um Cavalleiros do Oriente e do Occidente, tambem chamados Respeitaveis Anciãos, que occupam todos os thronos lateraes, excepto um, ao Norte, reservado para o neophyto.

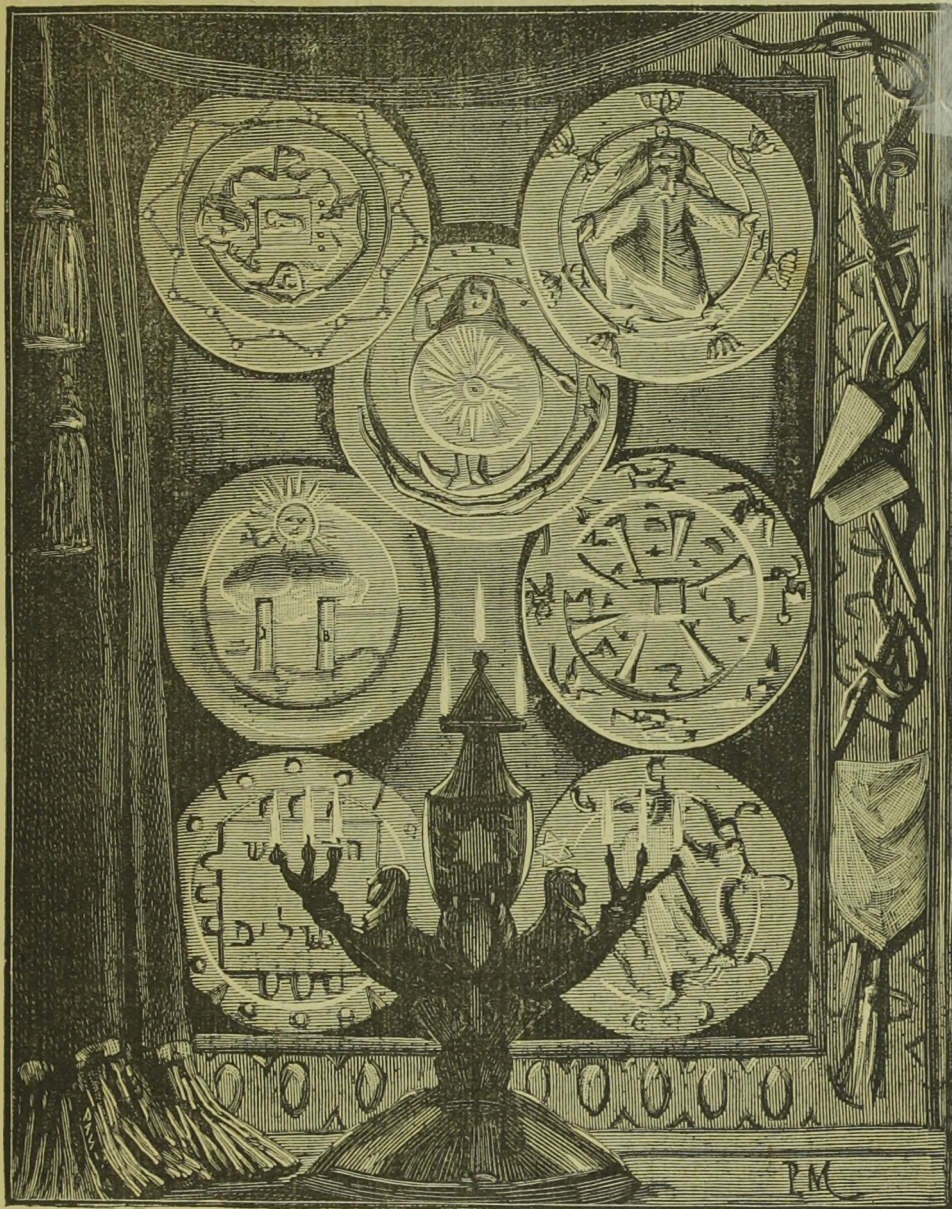
Este numero de vinte e quatro assistentes pode, todavia, ser augmentado á vontade pela assistencia de Irmãos recebidos no grau; mas estes não têm voto deliberativo e tomam assento n'uma dupla enfiada de poltronas, collocadas por traz dos thronos lateraes; têm o titulo de Respeitaveis Cavalleiros.

Ao Oriente, á direita do grande throno, ha um immenso transparente luminoso, coberto com uma espessa cortina. Deante d'este quadro está, sobre um altar, um extravagante candieiro de sete bicos, de forma muito particular; é a lampada magica. No 17.° grau contentam-se com a mostrar aos iniciados; veremos mais tarde o seu prestimo, quando entrarmos nos graus hermeticos da Maçonaria Negra.

Os Irmãos que tomam assento nos thronos vestem todos uma longa tunica branca com cinta vermelha; têm na cabeça uma corôa de papelão dourado. Os outros Irmãos vestem casaca [a], com

---

(a) No original *costume de ville*, que Castro Freire manda verter por *fato ordinario*, em contraposição a *farda*. Adoptamos, todavia, a traducção, que vae no texto, d'esta phrase e d'outras correspondentes (*habit de ville*, etc.), não por sabermos ser esse o modo de vestir de todos os Maçãos em Loja, mas por nos harmonisarmos com o modo como o auctor os faz representar sempre.

GRAU DE CAVALLEIRO DO ORIENTE E DO OCCIDENTE

Emquanto os assistentes ajoelham, bradando: *Abaddon*, descobre-se um quadro extravagante. Representa uma cruz de cavallaria, na qual estão collocados sete sellos, com pretensões a figurar os sete sellos apocalypticos. Ante o quadro acha-se a lampada magica.

duas faixas: uma branca, a tiracolo; outra preta, a modo de murça.

No meio da sala está uma tela pintada, de forma heptagonal. Eis o que se acha representado n'essa tela, que tem o nome de Quadro do Grande Conselho: a lampada magica de sete bicos sob um docel azul, redondo; aos lados, a lua e o sol; abaixo da

lampada, uma corôa, chamada corôa boreal; abaixo ainda, um homem em estado de completa nudez, com os braços abertos e os pés assentes sobre um crescente; por baixo, atravessada, uma chave; é, diz-se, «a chave de David, que abre e ninguem póde fechar, que fecha e ninguem póde abrir.» Seis luzes: duas de cada lado do homem; duas, mais approximadas, de cada lado do crescente; e duas, por baixo, ainda mais approximadas. Emfim exteriormente, em cada lado do quadro, está escripto um dos sete nomes seguintes: Raphael, Gabriel, Michael, Adaniel, Salathiel, Anael, e Uriel.

A' pergunta da hora para a abertura da sessão, o 1.º Vigilante responde:

— O tempo aproxima-se; põe-se o sol.

Na ceremonia da iniciação fazem dar ao neophyto sete voltas ao tapete heptagonal.

São-lhe explicadas as bellezas do numero 7, que, dizem, symbolisa a vida.

—«Outr'ora os sabios, conta o Muito Poderoso, attribuiam uma alta ideia de perfeição ao septenario; os primeiros Gregos chamavam-lhe *soptas*, que é como dizer: «veneravel». Cicero, iniciado na sciencia dos numeros, assegura, no *Sonho de Scipião,* haver mui poucas cousas de que o numero 7 não seja a chave. Macrobio é da mesma opinião, por, na philosophia numerica, o numero 7 ser considerado como o laço de todas as cousas; symbolisa a cadeia moral que une a sciencia maçonica á civilisação e á felicidade do genero humano. Os planetas, entre os antigos, eram 7. A lua, que occupava o 7.º logar entre aquellas espheras, soffre tambem a influencia do numero 7: a sua revolução conclue-se em 28 dias, total da addição dos 7 primeiros numeros, e offerece quatro phases principaes, cada uma de 7 dias... De todas as particularidades do numero 7, nenhumas têm dado origem a mais symbolos do que as concernentes ao conjuncto do systema planetario, aos 7 planetas, ás suas 7 portas com o nome dos 7 metaes, ás 7 pleiades, ás 7 estrellas da Ursa Maior e da Ursa Menor, aos 7 triões (d'onde: septentrião). E', pois, especialmente n'este sentido que devemos entendel-o: os 7 altares do sacrificio; as 7 victimas destinadas a fazer baixar á terra os genios; as 7 intelligencias celestes; os 7 manús dos Indios; os 7 anneis propheticos dos brahmanes; os 7 amschaspands, companheiros de Mithra; os 7 graus da escala dos mysterios mithriacos; as 7 pyramides de Laconia; os 7 pilotos de Osiris; os 7 idolos dos Bonzos; as 7 camaras de Moloch; as 7 cabeças d'Amida; os 7 filhos de Rhea; as 7 filhas de Astarte; as 7 portas do templo do sol; os 7 cyclopes; os 7 titans; os 7 dias da creação, segundo a Biblia; os 7 dias da semana; os

7 sacramentos dos catholicos; os 7 animaes propheticos; os 7 cherubins; as 7 vaccas gordas e as 7 vaccas magras preditas por Joseph; as 7 pragas do Egypto; os 7 mezes de duração do diluvio; os 7 ceus dos Gnosticos; as 7 chagas de Jesus; as 7 dores da Virgem; os 7 peccados mortaes; os 7 psalmos penitenciaes; as 7 collinas de Roma; os 7 sabios da Grecia; os 7 ceus da Gnose; etc.»

Esta nomenclatura dura seguramente cinco minutos.

Seguidamente o Muito Poderoso, dirigindo-se ao neophyto diz:

— Respeitavel Ancião, vamos mostrar-vos alguma cousa de surprehendente.

Levanta-se então a cortina, que cobre o transparente luminoso do Oriente.

Todos os Irmãos ajoelham, bradando:

— *Abaddon!*

O Muito Poderoso diz, em tom doutoral:

— Belleza! Divindade! Sabedoria! Poder! Honra! Gloria! Força!

O transparente, que acaba de ser descoberto, representa uma cruz de cavallaria, em que estão collocados sete sellos, com pretensões de figurar os sete sellos de S. João (Apocalypse). O sello, que está no centro da cruz, apresenta um desenho que é, pelo menos, extravagante: uma mulher, de cabellos soltos e seios desenvolvidos, empoleirada n'um crescente da lua, está coberta aos tres quartos da altura por um largo sol, collocado sobre o ventre; em volta do sello está uma serpente, que faz um tregeito impossivel. Em outro sello vê-se um velho de barbas brancas tendo na bocca um grande sabre, exactamente como um cão que traz um páo. Creio que me dispensarão de apresentar a descripção do resto.

Quando ha tempo de haver sufficientemente admirado o transparente, o Muito Illustre Mestre pergunta ao neophyto «se sabe porque os antigos tinham uma barba tão branca e tão comprida *(sic)*».

O neophyto, a quem sopram a resposta, diz:

« — Se eu o não sei, vós, ao menos, com certeza o sabeis.»

A uma pergunta louca, resposta da mesma natureza.

Mandam-lhe metter as mãos em uma bacia; fingem que o sangram no braço, e o Orador felicita-o pela sua coragem. Estendem um arco-iris sobre o estrado. Trazem um livro com sete sellos exactamente semelhantes aos do transparente; apenas cada um dos sellos está em uma pequena caixa de segredo, que contem diversos objectos meudos. D'uma, saca o presidente um arco do tamanho de um dedo, e dá-o a um dos assistentes, dizendo-lhe:

«Parti, e prosegui a conquista!» D'outro sello sae uma minuscula coroa; d'um terceiro, incenso; d'um quarto, uma caveira em miniatura, etc. Distribue todos estes berloques mysticos, dizendo: «Ide a Pathmos, não ha tempo,» ou então: «Obstae sempre a que os Profanos e os máos Irmãos busquem justiça em nossas lojas, etc.»

Terminada a distribuição, entrega-se a cada assistente uma corneta de barro; a assemblêa serve-se d'ellas para executar um charivari de seiscentos demonios, e o neophyto presta novo juramento, durante o qual lhe atiram sete petardos.

Feito isto, — que não é pouco, vamos! — está o neophyto definitivamente consagrado Cavalleiro do Oriente e do Occidente.

Um dos respeitaveis Anciãos, o mais eloquente dos vinte e quatro, faz-lhe um discurso, em que narra segundo a tradição Maçonica a historia dos Gnosticos. «Os Johannitas, verdadeiros discipulos de João de Pathmos (S. João), eram fieis adeptos da Gnose. Humildes e ignorados, eram elles os Cavalleiros do Oriente, que mantinham secretamente em toda a sua pureza o culto do Grande Architecto; quando os Cruzados foram á Palestina, os Johannitas fizeram a alguns d'elles a revelação de seus mysterios sublimes. Os Cavalleiros do Occidente, reunindo-se assim aos Cavalleiros do Oriente, crearam a Ordem do Templo e foram esses virtuosos Templarios que posteriormente haviam de ser tão perseguidos e calumniados pela tyrannia e pela superstição.»

O Orador, passando á instrucção politica do grau, dirige os seus raios contra o papado «que condemnou as reuniões d'esses admiraveis apostolos do progresso, Gnosticos, Johannitas, Templarios. O papado nunca deixou escapar a menor occasião de mostrar a sua intolerancia. Poderá haver cousa mais util que essas reuniões d'homens devotados ao triumpho da razão, trabalhando para fazer sahir a luz do seio das trevas da noite?»

Emfim o 1.º vigilante annuncia:

— Não ha tempo; nasce o sol.

E está levantada a sessão.

Instrucção do grau. — «Os trabalhos têm por fim, diz o Ritual, fazer salientar a importancia capital do direito de reunião. Com effeito, só pelo mutuo choque e attrito das ideias é que a intelligencia se desenvolve, que os verdadeiros interesses do povo se tornam conhecidos, que a fraternidade effectiva se radica nos corações e nos espiritos.»

E para fazer comprehender ao iniciado as bellezas do direito de reunião foi mister atormentar-lhe os ouvidos com a barulheira infernal das cornetas de barro; e para fazer-lhe saborear as doçu-

ras da fraternidade tornou-se necessario brindal o com uma pequena caveira, depois de o haver sangrado no braço!

Como é bello e profundo o symbolismo maçonico!

## CAPITULO QUARTO

## O SOBERANO CAPITULO

### I

### ROSA CRUZ

Eis-nos chegados a um dos mais importantes graus da Franc-Maçonaria.

Já acima disse quaes os Mestres que os chefes da seita destinam aos graus superiores. O 18.° grau, Rosa-Cruz, é o ponto de paragem definitiva para os iniciados que apenas viram um culto pantheista nos mysterios da Ordem; para os que, porém, comprehenderam bem o seu ultimo fim, é elle simplesmente um degrau, — embora o principal, — para subir até Cavalleiro Kadosch, grau da perfeita iniciação.

No 18.° grau já o veu se ergue consideravelmente; o Irmão, que passa por todas as formalidades da iniciação de Rosa-Cruz, não precisa ser muito perspicaz para comprehender o fundo d'esta religião occulta.

Geralmente são recebidos muitos Irmãos na mesma sessão. Os que passaram pelos graus intermedios, do 4.° ao 17.°, sómente se juntam aos neophytos depois que o presidente conferiu por communicação os primeiros Graus Capitulares aos candidatos que o Supremo Conselho dispensou da demora.

O minino intervallo regulamentar, que deve decorrer entre a recepção no grau de Mestre e a iniciação no de Rosa-Cruz, é de 32 mezes. Eis a sua distribuição: para a passagem do 3.° ao 4.° grau são precisos pelo menos 3 mezes; do 4.° ao 5.°, 3 mezes; do 5.° ao 6.°, 3 mezes; do 6.° ao 7.°, 5 mezes; do 7.° ao 8.°, 7 mezes, e, immediatamente depois da iniciação no 8.° grau, são conferidos em uma só sessão os graus 9.°, 10.° e 11.°, que constituem o abominavel grau de Eleito; para passar do 11.° ao 12.° grau é preciso 1 mez; do 12.° ao 13.°, 3 mezes; do 13.° ao 14.°, 1 mez; do 14.° ao 15.°, 1 mez; do 15.° ao 16.°, 1 mez; do 16.° ao 17.°, 3 mezes; e, finalmente, do 17.° ao 18.°, 1 mez.

Em cada um d'estes graus são pagos, como sempre, grandes direitos de iniciação, a menos que haja dispensa especial para alguns graus menos importantes.

A Officina dos Rosa-Cruz chama-se Soberano Capitulo. Compõe-se de quatro camaras: Camara Verde, Camara Negra, Camara Infernal e Camara Vermelha [1].

Quinze Funccionarios dirigem o Capitulo. São: o Sapientis-

---

(1) Como me parece dever descrever do modo mais completo esta iniciação do Rosa-Cruz, reproduzirei aqui a cerimonia em harmonia com os principaes Rituaes e Manuaes maçonicos.

Os Rituaes e Manuaes que possuo, são os seguintes:

REPRODUCÇÃO PHOTOGRAPHICA
D'UM RITUAL DO GRANDE ORIENTE DE FRANÇA

4 mars 1870
hommage fraternel
au f∴
Thévenot

RITUEL
DES LOGES CHAPITRALES
(POUR LES TRAVAUX DES
CHEV.∴ ROSE-CROIX

PARIS
SECRÉTARIAT GÉNÉRAL
DU GRAND ORIENT DE FRANCE
Rue Cadet, 16

1.º *Ritual do Cavalleiro Rosa-Cruz, do Rito Escocez Antigo e Acceito.* E' um exemplar official, entregue pelo Supremo Conselho, que eu possuo; foi impresso na casa Quantin, rua Saint-Benoït, Paris. O ceremonial de recepção é seguido pelo Rito Escocez e pelo Rito de Misraïm.

2.º *Ritual das Lojas Capitulares da Obediencia do Grande Oriente de França, para os Trabalhos dos Cavalleiros Rosa-Cruz.* E' tambem um exemplar official que possuo, e a reproducção da sua primeira pagina, servindo de capa, que dou; o original é de formato in-quarto, e por isso o *fac-simile* foi consideravelmente reduzido para poder entrar n'esta obra; todavia a reproducção foi feita pela photogravura, e é por isso mesmo absolutamente exacta. A' margem, em cima, notar-se-ha uma dedicatoria e uma assignatura; a assignatura é de Thevenot, secretario geral do Grande Oriente de França, que falleceu ha dois annos; todos os Maçoes do Rito Francez reconhecerão aquella assignatura. A dedicatoria é feita ao presidente d'um Capitulo de Rosa-Cruz, cujo nome, por discreção, mandei apagar na reproducção photographica. Este Ritual saiu dos prelos de A. Lebon, rua Cardinal-Lemoine, 41, Paris.

3.º *Ritual do Grau de Rosa-Cruz*, pelo Ir∴ Ragon, gr.∴ 33. Este Ritual está approvado pela auctoridade dogmatica do Grande Collegio dos ritos e do Supremo Conselho; o Ir.∴ Ragon é o auctor sagrado» da Maçonaria, e os seus Rituaes andam nas mãos de todos os Presidentes, Vigilantes e Oradores das Lojas. O exemplar que possuo foi impresso na casa Moulin, de Saint-Denis.

4.º *Telhador Geral, edição sagrada.* Esta obra, que é tida como uma das mais secretas e nem mesmo aos Rosa-Cruz é entregue (é mister ser-se Kadosch para poder recebel-o do Grande-Oriente ou do Supremo-Conselho), dá em resumo as principaes indicações officiaes relativas a todos os ritos e graus; foi tambem impresso na casa Moulin, de Saint-Denis.

5.º *Manual Geral da Franc-Maçonaria*, conhecido entre os Irmãos dos Tres Pontos com o nome de «Manuel Teissier»; entrega-se na séde do Rito Escocez (rua J.-J. Rousseau, 37), aos Maçoes que têm direito a elle. E' obra muito menos completa que o *Telhador Geral*, cujas passagens mais importantes reproduz. Cito-o na resenha dos documentos authenticos que possuo, porque a data da sua impressão é 1884. Não poderei, pois, ser accusado de revelar ao publico ceremonias maçonicas que não estão em uso. E' perfeita e precisamente ás praticas seguidas hoje mesmo na Maçonaria que se referem as minhas revelações. O Manual Teissier tem por impressores os II.∴ Putel e Désableau, de Pontoise.

simo Athirsata, que desempenha as funcções de presidente e representa Herodes, tetrarcha da Galilea; o 1.º Grande Guarda e o 2.º Grande Guarda, que são os Vigilantes do Capitulo; o Cavalleiro da Eloquencia, orador; o Chanceller Mestre dos Despachos, secretario; o Deputado a uma Officina central, que é a reunião superior dos Graus Capitulares sob a alta direcção do Supremo Conselho; o Grande Experto, director das iniciações; dois Mestres de Ceremonias, seus assistentes; um Thesoureiro; um Esmoler (este titulo encobre a pretendida funcção de hospitaleiro, que não é um beneficio simples, mas um cargo convencional); o Mestre dos Agapes, director dos festins e das orgias secretas; o Guarda do Templo, encarregado de velar pela segurança das sessões; e o Porta-Estandarte.

Todos estes cargos duram um anno, podendo cada titular ser reeleito.

Em um Capitulo não se faz acompanhar o nome da cidade da palavra «Oriente;» diz-se que o Capitulo tem séde no «Valle» de Paris, de Lyão, etc. Nem os Irmãos se assentam em bancos estofados, mas em poltronas, a cujo conjuncto se chama «valles», e não «columnas».

A Camara Verde, tambem chamada Camara das Preparações, serve para a iniciação dos Mestres escolhidos, que excepcionalmente foram julgados aptos para receber d'uma só vez todos os graus que vão do 4.º ao 17.º. Como o proprio nome indica, é armada ou pintada de verde. No fim da sala, deante do Sapientissimo Athirsata, está uma meza, coberta com um panno preto. Um só candieiro de tres bicos allumia o aposento; acha-se sobre a meza, a meio d'ella, juntamente com uma espada para o Sapientissimo, um malhete, e a Patente de Constituição do Capitulo. No chão, deante da meza, vê-se uma almofada preta. A' direita e á esquerda da sala estão distribuidas poltronas para os Cavalleiros Rosa-Cruz, que tomam assento indistinctamente. (O titulo official dos Rosa-Cruz é Sublime Principe; hoje, porém, diz-se sómente Cavalleiro.) O Guarda do Templo fica dentro, junto da porta.

Os neophytos estão 'numa ante-camara munidos do trabalho que devem apresentar; é uma especie de these maçonica de sua lavra, em que cada um indica o seu modo particular de considerar o fim da Sociedade em harmonia com as instrucções até então recebidas. Este trabalho deve ser d'ante-mão communicado aos Funccionarios do Capitulo; faz-se apenas a leitura dos melhor redigidos, quando são curtos, deixando-se a leitura de todos os outros para qualquer das sessões proximas.

A sessão abre-se na Camara Verde.

Afóra uma pequena differença nos termos empregados, as

formalidades para a abertura dos trabalhos 'num Capitulo são as mesmas que as usadas na abertura dos trabalhos d'uma Loja.

A' ordem do Sapientissimo Athirsata levantam-se os Grandes Guardas; cada um d'elles percorre o seu «valle» e examina todos os Irmãos por meio das palavras, signaes e toques do grau. Depois o 2.º Grande Guarda vae certificar-se de que nenhum profano penetrou no local, isto é, nas visinhanças da sala.

Sómente então se permitte que os membros do Capitulo se sentem.

Sapientissimo, depois d'uma pancada de malhete. — Muito Excellente Irmão 1.º Grande Guarda, que horas são?

1.º Grande Guarda. — A hora em que o sol se obscureceu, em que as trevas se espalharam sobre a terra, em que, desapparecendo a Estrella Radiante, foram dispersos os instrumentos da Maçonaria, em que a palavra se perdeu [(a)].

Sapientissimo. — Muito Excellente Irmão 2.º Grande Guarda, para que nos reunimos nós aqui?

2.º Grande Guarda. — Viemos procurar a palavra perdida, e com o vosso auxilio esperamos achal-a.

Sapientissimo. — Visto ser assim, Cavalleiros meus Irmãos, trabalhemos para encontrar a palavra perdida e, para o conseguir, mettamos mãos á obra, afim de que conjuntamente, todos por um e um por todos, logremos recuperal-a. E vós, Excellentes Irmãos 1.º e 2.º Grandes Guardas, preveni os Cavalleiros de vossos valles de que vou proseguir os trabalhos d'este Soberano Capitulo.

(NOTA. — 'Neste grau não se indicam horas para figurar a abertura e o encerramento da sessão. Um capitulo de Rosa-Cruz, presume-se, está em continua actividade. A abertura da sessão, pois, faz-se como se se tractasse de proseguir trabalhos interrompidos; o encerramento da mesma é propriamente uma suspensão.)

1.º Grande Guarda, depois d'uma pancada de malhete. —

---

(*a*) O Cathecismo do Cav.·. R.·. Cruz, compilado pelo Ir.·. Lycurgo e mandado imprimir pela gr.·. commissão de administração do Gr.·. Or.·. de Portugal (1851), altera um pouco a resposta consagrada. Diz elle (pag. 9):

«S.·. e P.·. M.·. — A que horas se abre o Capitulo?
R.·. e P.·. C.·. — No momento em que o veo do templo se rasgou; em que as trevas se espalharam sobre a terra; em que a luz se escureceu; em que as columnas e instrumentos da Maçon.·. se quebraram; em que a Estrella rutilante desappareceu; em que a pedra cubica suou sangue e agua; em que a palavra se perdeu.»

Parece-nos mais completo este modo de dizer, e sobretudo muito mais clara a allusão.

Cavalleiros do Valle do Meio-dia, os trabalhos do capitulo vão proseguir.

O Sapientissimo dá sete pancadas, distanciando a ultima da sexta. Os Grandes Guardas repetem esta bateria.

Sapientissimo. — De pé e á Ordem, Cavalleiros!... (Os Irmãos obedecem. O presidente descobre-se, segura com a mão esquerda a espada, cuja extremidade levanta até á vertical, e leva a mão direita ao coração.) A' gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Grande Oriente (*ou* do Supremo Conselho) da França, em virtude dos poderes de que estou investido, declaro os trabalhos do 18.º grau continuados no Soberano Capitulo constituido sob o titulo de *(nome de capitulo)*, ao Valle de *(nome da cidade)*... A mim, Cavalleiros, pelo signal (fazem-no), pelo contra-signal (fazem-no), pela bateria (dão todos sete palmadas) e pela acclamação mysteriosa!

Todos, ao mesmo tempo. — Hoscheah! Hoscheah! Hoscheah! (1)

Sapientissimo. — Que a Fé, a Caridade e a Esperança nos alentem, nos guiem e nos defendam!

A' ordem do Sapientissimo Athirsata todos os Irmãos se sentam.

Sapientissimo. — Respeitabilissimo Irmão Chanceller Mestre dos Despachos, dignae-vos de fazer-nos a leitura da columna gravada em nossos ultimos trabalhos.

O Secretario do Capitulo lê a acta da sessão precedente.

O Sapientissimo manda perguntar pelos Grandes Guardas se os Cavalleiros têm observações a fazer sobre o conjuncto e os detalhes da columna gravada. Se ha observações, concede-se a palavra, precedendo informação, ao Cavalleiro que a pede. O Capitulo julga da opportunidade e justiça das reclamações. Depois d'isto (e tambem no caso de não haver observações algumas a fazer) o 1.º Grande Guarda annuncia ao Sapientissimo que o silencio reina nos dois valles.

Sapientissimo. — Visto que nenhum Cavalleiro pede (*ou* pede já) a palavra, Cavalleiro da Eloquencia, esperamos o vosso requisitorio.

Cavalleiro da Eloquencia. — Visto que nenhum Cavalleiro tem (*ou:* tem mais) observações a fazer sobre a columna gravada dos Trabalhos d'este Capitulo, e vista a regularidade d'esta, requeiro que o Soberano Capitulo se digne de a approvar.

---

(1) Em muitos capitulos, na França, diz-se por corrupção *Houché*. — A acclamação dos Capitulos, que não é a mesma das Lojas, é ordinariamente: *Hoscheah*, ou *Hoschee*, que, diz-se, significa: «salvador.»

Sapientissimo. — Cavalleiros, meus Irmãos, ouvistes o requisitorio do Cavalleiro da Eloquencia; executae-o, pois.

Todos os assistentes elevam a ponta da espada e a abaixam em seguida, em signal de adhesão.

Sapientissimo. — A columna dos ultimos trabalhos, está adoptada; a d'hoje d'isso fará menção.

'Neste momento o Sapientissimo manda introduzir os Cavalleiros Visitadores, se os ha nos passos-perdidos, procedendo como nos graus inferiores, com a simples differença de que aqui os visitadores sómente são saudados no fim dos trabalhos.

Uma vez sentados, procede-se á communicação dos primeiros Graus Capitulares aos Mestres escolhidos, que a auctoridade suprema julgou dignos de passarem immediatamente a Rosa-Cruz. Um Mestre de Ceremonias vae buscal-os e os conduz á porta da Camara Verde, onde lhes manda bater a modo de Mestre.

Guarda do Templo, abrindo a porta. — Quem bate assim?

Mestre de Ceremonias. — Cavalleiro meu Irmão, são Mestres que eu conduzo, e vêm aqui para adquirir novas luzes.

O Guarda do Templo fecha a porta e transmitte esta resposta ao Sapientissimo.

Sapientissimo. — Esses Mestres são-nos conhecidos. Irmão Guarda do Templo, podeis introduzil-os.

Os neophytos entram. Mandam-nos sentar ao Occidente, em poltronas para elles preparadas.

O Sapientissimo faz-lhes algumas perguntas sobre os tres pri meiros graus; e depois prosegue assim:

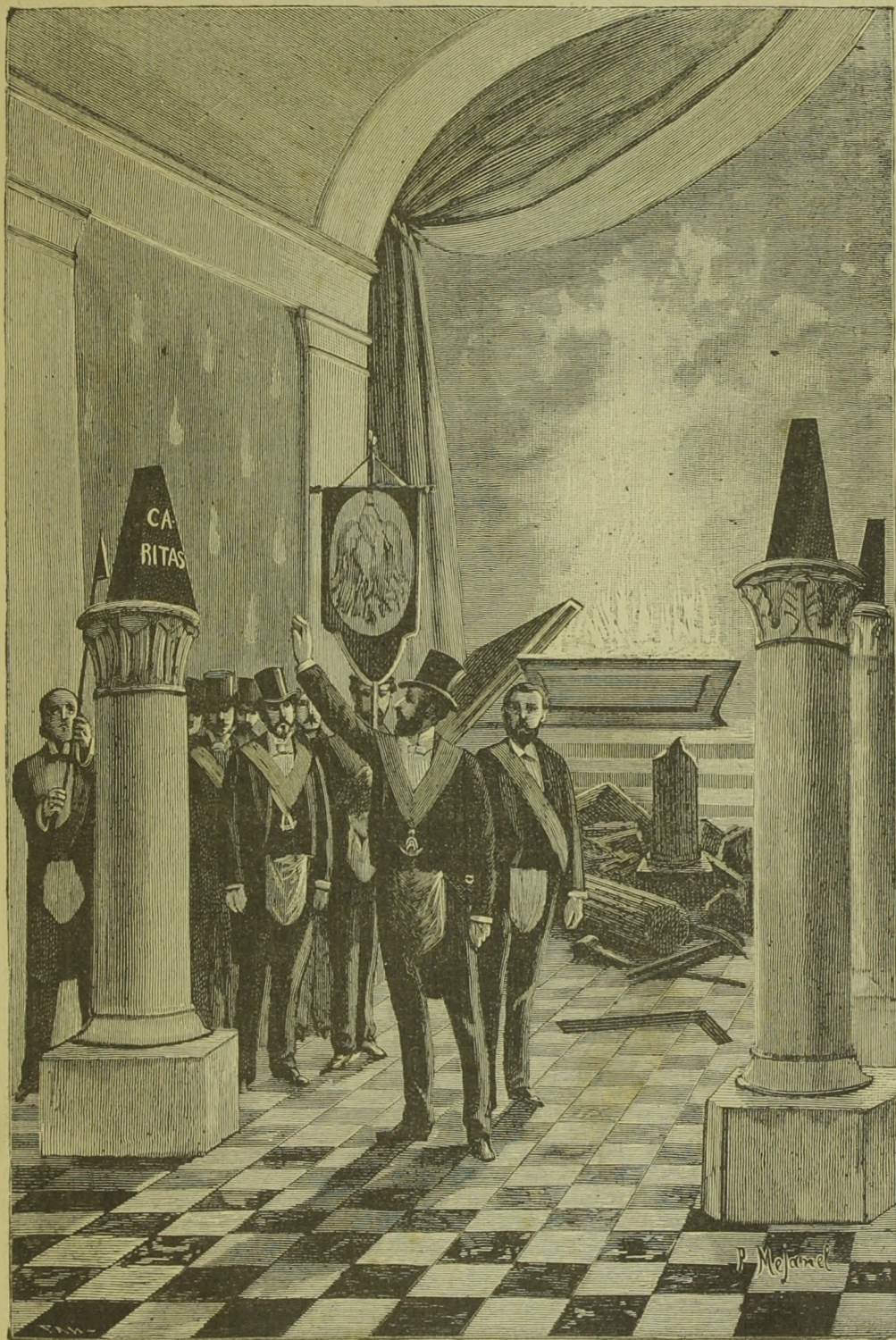
## DISCURSO DO SAPIENTISSIMO

Meus Irmãos:

Antes de fazer-vos passar pelas provas que a Ordem vos impõe para obterdes o alto grau que sollicitaes, corre-me o dever de trazer-vos á memoria as instrucções que vos foram dadas e vossa intelligencia por certo comprehendeu.

A Maçonaria, como já houve occasião de vos ser dicto, é um Templo aberto a todos os bons sentimentos, a todos os nobres pensamentos, a todas as elevadas aspirações do espirito humano. É ella a guarda avançada do progresso e da civilisação. Mas, para tornar mais efficaz a sua instrucção, envolveu-a em symbolos e emblemas e dividiu-a em classes e graus, em ordem a observar melhor a comprehensão de seus adeptos e a dar-lhes uma instrucção proporcionada a suas forças e aptidões.

O methodo foi extremamente simples. Reconhecendo a necessidade fundamental, que havia, de ensinar aos seus adeptos a histo-

INICIAÇÃO DO ROSA-CRUZ

Na segunda viagem apaga-se a luz do transparente CARITAS (caridade).
— Ai! diz o Sapientissimo, a Caridade extinguiu-se!

ria inteira da humanidade, não sob o ponto de vista dos factos, mas sob o ponto de vista da influencia de suas crenças em sua evolução intellectual e moral, procurou um meio simples e practico que, sem exigir longos e laboriosos estudos, podesse inicial-os gradualmente nos conhecimentos que lhes era mister adquirir.

Tendo nascido e vivendo no seio de povos cujos conceitos religiosos tinham sua origem nas tradições biblicas, tirou todos os seus symbolos, todos os seus mythos e suas primeiras lendas dos livros hebreus.

Tomando por ponto de partida a affirmação d'uma divindade, que chamou Grande Architecto do Universo, passou, sem se desviar do seu caminho e acompanhando sempre o espirito humano em suas manifestações religiosas, do Judaismo a todas as seitas d'elle derivadas, para terminar na philosophia pura, isto é, na Razão.

Tendo em vista, se assim pode dizer-se, fazer viver a seus filhos a vida da humanidade desde os tempos em que a historia se apresenta com luzes duvidosas até nossos dias, dividiu ella a sua instrucção em tres periodos perfeitamente distinctos:

O periodo judaico e architectural;

O periodo religioso com todas as variedades de culto;

Finalmente o periodo philosophico e scientifico, de que hoje nos não occuparemos.

(Aqui faz-se uma pausa.)

A phase judaica comprehende os dezeseis primeiros graus. N'este primeiro periodo sómente se acompanha e se toma por objecto o desenvolvimento da raça semitica. Tudo ali é oriental: Jerusalem, Salomão e seu Templo, Tyro e Hiram, Zorobabel e Cyro. Todas as palavras de passe são hebraicas ou syriacas; até os signaes representam lettras do alphabeto hebraico. A Maçonaria, que até aqui seguiu apenas a raça constituida pelos filhos de Sem, raça que cria em uma divindade unica, desprezou os filhos de Japhet, que são polytheistas.

Quando porém, o Christianismo invadiu o Occidente, quando a crença na unidade de Deus deixando de ser limitada ao Oriente, se espalhou por todo o mundo civilisado, a Maçonaria reuniu as duas raças em um só feixe e fundou o 17.º grau, de Cavalleiro do Oriente e do Occidente. Abandonou então o Judaismo para entrar na segunda phase, no periodo religioso com todas as manifestações do culto material. E' d'este que vamos occupar-nos agora.

Veneraveis Mestres, Meus Irmãos, vamos referir-nos successivamente aos dezesete primeiros graus. Concedei-me, pois, toda a vossa attenção.

1.º GRAU: *Aprendiz.*

O Aprendiz é recebido na Maçonaria apenas como um homem de boa vontade. Na Maçonaria practica da Edade-media era elle o servo dos Mestres. Via; aprendia. Silencioso na estancia do trabalho, acompanhava a obra dos Mestres, trazia materiaes, submettia-se e obedecia. Docil ao mando de seus superiores, escravo d'um juramento, ignorando os segredos da arte e da sabedoria, esperava a recompensa devida ao zelo que mostrasse. Tinha todavia por direito o de escolher o chefe da Officina na lista dos mais dignos, organisada pelos proprios Mestres.

A aprendizagem era, pois, uma prova de docilidade e de submissão.

Quando a instituição maçonica se tornou uma corporação regular, foi mister que o Aprendiz atravessasse o perigo das provas physicas. A Maçonaria actual conservou algumas d'estas provas como um meio tradicional de impressionar a imaginação dos adeptos, deixando-lhes entrever que o caminho da sabedoria é cheio de difficuldades, e que a sciencia é uma arvore, cujo cume sómente se attinge depois de vencidas as paixões.

Compenetrados assim dos primeiros dados da historia da Franc-Maçonaria, da ideia emblematica da aprendisagem, passemos ao exame do segundo grau.

2.º GRAU: *Companheiro.*

Os Companheiros dão aos Mestres conta exacta do zelo do Aprendiz. Aquelles chamam-no então ao estudo das artes liberaes, iniciam-no em todos os elementos da sciencia, bem como no emprego dos instrumentos, tanto sob o ponto de vista material e intellectual, como sob o da allegoria. Porém, sejam quaes forem os conhecimentos adquiridos, o Companheiro está ainda muito longe de haver concluido o seu trabalho. Os materiaes destinados á construcção do Templo, dos quaes é elle ao mesmo tempo a pedra e o operario, não estão ainda sufficientemente polidos. Está no caminho; mas não vê o termo. Para attingil-o ser-lhe-hão precisos muitos esforços!

3.º GRAU: *Mestre.*

O terceiro grau, o Mestrado, é evidentemente o grau mais importante da Maçonaria Symbolica; a sua allegoria é sublime;

mais um passo, e o operario se desprenderia da materia para se elevar no mundo das intelligencias.

A forma tumular do templo, o seu aspecto, as imagens luctuosas que encerra, tudo dá a este grau o caracter de uma ceremonia funebre. Nossos paes quizeram ensinar-nos assim que a sciencia é dolorosa, e repetir-nos aquelle terrivel aphorisma: «*Summum sapientiæ, doloris summum!*»

Em meio d'um profundo silencio ergue-se a voz do Mestre, Narra a poetica lenda de Hiram, simples e commovedora allegoria, em que o verdadeiro principio do Bem, combatido primeiramente e aterrado pelo Orgulho, mais tarde vence e se levanta da tumba para se perpetuar atravez dos seculos! . .

Todas as crenças consagraram o culto dos tumulos.

Os Mações vão mais longe; fizeram-vos baixar ao ataúde e, emquanto despieis o antigo homem, instruiam-vos com a narração da vida do Mestre.

O companheiro cahiu com as paixões da humanidade; deve erguer-se purificado e illuminado; e, para comprehender que o dogma sem obras não basta, vê os Mestres caminhando em torno d'elle em busca da luz.

Tudo isto indica que o grau remonta aos tempos primitivos da Maçonaria.

(O Sapientissimo interrompe aqui o seu discurso e dá a palavra ao Cavalleiro da Eloquencia, para que apresente aos candidatos um rapido esboço dos primeiros quatorze graus capitulares, que, por um favor especial, a auctoridade suprema os auctorisa a transpôr.)

## DISCURSO DO CAVALLEIRO DA ELOQUENCIA

### 4.º GRAU: *Mestre Secreto.*

Este grau, meus Irmãos, parece prender-se ao pensamento hebraico. No fundo do sanctuario vê o neophyto o nome do Deus de Moysés escripto na sarça ardente e arca da alliança.

### 5.º GRAU: *Mestre Perfeito.*

Este grau é destinado a perpetuar a homenagem que Salomão prestou a Hiram, mandando erguer-lhe um mausoleu. — Nos graus inferiores o emblema da divindade era o triangulo dos Hebreus; aqui passa a ser o circulo, symbolo indio e egypciaco; começa, pois, desde então a existir um caracter novo na Maçonaria

ou, que o mesmo é, a indicação encoberta d'um segundo principio [1].

A allegoria d'este grau é embaraçada e obscura; deve-se ver 'nelle a recompensa da fidelidade, mesmo quando ultrapassa os limites impostos pelo dever.

7.° GRAU: *Preboste e Juiz.*

A este grau estão adstrictas ideias de vingança e de expiação; é mister, todavia, ver uma ideia séria na mysteriosa chave de ouro, que deve abrir o cofre d'ebano collocado no Sanctuario vedado aos Profanos.

8.° GRAU: *Intendente dos Edificios.*

Este grau tem o cunho do trabalho dos primeiros graus e as doutrinas do trabalho manual; encontra-se ahi, servindo de emblema, a taboa de Pythagoras, mas sem explicação philosophica.

9.° GRAU: *Mestre Eleito dos Nove.*

As ideias de vingança, que eram de certo modo vagas e indeterminadas nos graus precedentes, patenteiam-se aqui potentes e terriveis; a punição do principal assassino de Hiram executa se com um apparato solemne.

A origem d'este grau remonta á edade media, e precisamente á epocha em que os peregrinos iam visitar o Oriente em commemoração da morte d'aquelle, que foi tambem chamado Mestre.

---

(1) Realmente, muito embora o systema dos gnosticos seja exposto aos iniciados só muito depois do 5.° grau, é todavia no de Mestre Perfeito que pela vez primeira se lhe allude por meio da exhibição dos emblemas do pretendido caracter duplo da divindade.

E, para não perder de vista qual seja esse segundo principio, cuja «indicação encoberta» se faz, devo lembrar que o circulo, seu symbolo nas Tras-Lojas, não é limitado por uma simples circumferencia, mas por uma figura, que representa uma serpente disposta em circulo.

A serpente desempenha, de resto, um papel importante na idolatria occulta dos altos graus: figura a todos os propositos e em todas as posições sobre os altares da Franc-Maçonaria e em suas pinturas mysteriosas. Umas vezes desenha-se em circulo, mordendo com a bocca a extremidade da cauda; esta figura, — diz-se aos adeptos, cujas ideias religiosas se pretendem destruir, — representa a humanidade, que, sob a protecção do Bom Principio, será eterna, em despeito das perseguições do Principio do Mal. Outras vezes a serpente enlaça triumphalmente uma esphera terrestre; então figura o Bom Principio, senhor do mundo. Outras vezes o symbolismo maçonico é muito mais significativo ainda: a mythologia pagã, como se sabe, fazia muito gosto em representar Leda apertando em seus braços Jupiter, sob a forma de cysne; na mesma ordem de ideias, exhibe a Franc-Maçonaria em suas Tras-Lojas quadros vergonhosos, que representam, de modo a não permittir qualquer equivoco, Eva tentada pela serpente. E, quando se mostra um d'estes quadros aos adeptos, o Irmão encarregado da explicação diz: «Caim é, pois, o verdadeiro filho d'Eblis, Anjo da Luz, Genio do Trabalho, Principio do Bem, que tomou a forma da serpente no jardim do Eden. — Este quadro symbolico é reproduzido em diversas obras officiaes da Maçonaria, nomeadamente no *Diccionario Maçonico*, do I.·. Quentin, cujas pranchas foram reimpressas em Paris, em 1886, com este titulo: «Systemas combinados das antigas e novas iniciações».

10.° GRAU: *Illustre Eleito dos Quinze.*

'Neste grau quinze Cavalleiros eleitos, constituidos no supremo poder, emprehendem a busca dos outros dois assassinos de Hiram, dos quaes se apoderam, trazendo-os para fazel-os morrer em meio de tormentos.

11.° GRAU: *Sublime Cavalleiro Eleito.*

Este grau não passa, em ultima analyse, d'um complemento dos dois precedentes.

A serie de provas a que é submettido o neophyto nos tres graus de Eleito, nos Orientes em que esses graus se praticam, é uma allegoria symbolica do castigo que deve esmagar os traidores. Todavia os inimigos da Maçonaria serviram-se d'estes symbolos para calumniar nossa respeitavel instituição.

12.° GRAU: *Grão Mestre Architecto.*

Este grau recorda ao neophyto a instrucção que lhe foi dada pelo Mestre logo depois da segunda viagem, que fez por occasião da iniciação no segundo grau: foi a architectura e a applicação symbolica d'esta arte ao aperfeiçoamento do iniciado que se quiz pôr em toda a luz para fazer reinar em seu coração a ornamentação moral, que deve convertel-o n'um templo d'amôr, de justiça e de verdade.

13.° GRAU: *Real-Arca.*

Não era bastante conhecer a existencia do Grande Architecto do Universo; fazia-se ainda mister amar e glorificar o seu poder. Tal é o fim do 13.° grau. Aqui o espirito do neophyto desprende-se da materia e prepara-se para mais sublimes revelações. — Este grau é praticado especialmente na Inglaterra e na America, onde um rito especial existe com o seu nome.

14.° GRAU: *Grande Eleito da Abobada Sagrada de Jacques VI ou Sublime Mação.*

Este grau, que deve a sua creação a circunstancias historicas d'um interesse particular, é apenas uma copia dos 9.°, 10.° e 11.° graus; attribue-se-lhe uma origem escoceza. Cada um dos sublimes Mações tem um annel, em volta do qual estão gravadas estas palavras: «A virtude une o que a morte não pode separar».

15.° GRAU: *Cavalleiro do Oriente ou da Espada.*

As alterações, que todas as instituições moraes soffrem com o tempo, muito notalvelmente se fazem sentir 'neste grau, e as versões differentes, que até nós chegaram, deixam-nos o campo livre. Vê-se, pois, 'neste grau que a união faz a força, e que a força deve alliar-se á prudencia: symbolismo explicado pela união dos Israelitas, que, para trabalhar com segurança, depois de sua libertação, na construcção do novo Templo, seguravam, diz a historia, com uma das mãos a espada e a trolha com outra.

16.° GRAU: *Principe de Jerusalem.*

Deve considerar-se este grau como complemento do grau precedente, e mostra a recompensa reservada ao valor, á firmeza e á constancia.

17.° GRAU: *Cavalleiro do Oriente e do Occidente.*

Este grau foi creado em 1118 (era profana), epocha da primeira cruzada. Traz á memoria a fusão das diversas nações do antigo continente, que se acharam representadas na Ordem dos Cavalleiros de Malta.

Não é nosso intento, Veneraveis Mestres, apresentar-vos aqui uma resenha historica d'essas expedições guerreiras que se chamaram Cruzadas; a Maçonaria tem tambem as suas cruzadas perfeitamente pacificas, que sempre tiveram por fim combater e combaterão eternamente a intolerancia e o fanatismo, por cuja causa muitos se batiam outr'ora, e que tanto mal trouxeram ao mundo.

(O Cavalleiro da Eloquencia senta-se depois de ter dito isto, deixando ver muito claramente ser da religião catholica que se tracta, quando a Maçonaria emprega as expressões vagas de fanatismo, superstição, intolerancia. E' impossivel persistir na negação: porque ideia se batiam os cruzados, se não era pela ideia christã? — O Sapientissimo Athirsata toma de novo a palavra para, como sempre, instruir os neophytos.)

DISCURSO DO SAPIENTISSIMO

Bem vedes, meus Irmãos, que era mister apresentar-vos esta analyse dos diversos graus que vão do 3.° ao 18.° para melhor e mais facilmente apreciardes nossa organisação hierarchica, que tantos historiadores têm apresentado com côres diversas e por vezes erroneas.

De resto, o Catecismo do 18.° grau, que vos será entregue, encerra alguns bosquejos sobre esses differentes graus, considerando-os tanto sob o ponto de vista astronomico, como sob o ponto de vista historico.

Taes graus, desde o 4.° ao 17.°, conferem-se geralmente sem ceremonias particulares e sem que sejam usadas e praticadas as antigas formulas, que todavia subsistem e são ainda observadas em alguns Capitulos [1]

Taes graus, creados em tempos muito affastados de nós, são-nos simplesmente uma recordação dos factos com que se relacionam; e é só por este titulo que os respeitamos, porque tudo na historia da humanidade traz comsigo uma instrucção util, cujo sentido occulto é mister procurar.

Depois do 17.° grau, entramos, como ha pouco vos ia dizendo, no periodo religioso, em que se produzem todas as manifestações d'um culto material.

A humanidade attingiu o periodo da adolescencia. Depois de ter por muito tempo ignorado, sente agitar-se-lhe no cerebro um sentimento incognito. Tem sede de actividade intellectual; procura o seu caminho... De posse da crença na unidade de Deus, dogma *que julgou incontestavel por ser então incontestado,* soltou redeas á imaginação e entregou-se a uma exuberancia de ideias religiosas, que sómente representam excessos de amor para com quem, *no seu modo de pensar,* lhe franqueou a via eterna [2]. A simples crença, a affirmação, não lhe bastam; faz-se-lhe mister o culto e a adoração, como provas de reconhecimento que sente ante a causa primaria d'onde emana.

---

(1) E' de notar o embaraço d'esta phrase. O Sapientissimo tem deante de si neophytos que a auctoridade suprema dispensou da passagem por todos aquelles graus intermedios; mas, por outro lado, ha talvez na sala alguns Rosa-Cruz pertencentes á cathegoria dos imbecis, que foram obrigados a passar por todas as ceremonias grotescas, e pelas execraveis e ridiculas provas d'aquelles graus. O Sapientissimo não póde, pois, dizer claramente que os graus intermedios não existem; corria risco de fazer comprehender aos lorpas, que mangaram d'elles. Por isso livra se de difficuldades nada affirmando de modo expresso: *Geralmente* estes graus conferem se sem o apparato consagrado pelos Rituaes; *entretanto*, taes ceremonias particulares *subsistem, e alguns capitulos servem-se ainda* d'aquellas antigas formulas. D'este modo, tudo se salva.

(2) E' sempre com uma abundancia inaudita de precauções que a Maçonaria se exprime, quando tracta de persuadir a seus adeptos, que a divindade não é uma, mas dupla, e que o Deus dos Christãos é o Mau Principio, emquanto que o ser sobrenatural por elles considerado como chefe dos maus anjos é, pelo contrario, o Principio do Bem. Para isso serve-se a seita de insinuações. E assim diz ella no grau de Mestre (vej. pag. 173): a Maçonaria tem um segredo acima de todos os segredos; mas é de natureza tal que o Mação que o conhece só pode tel-o advinhado», e o iniciado que o comprehendeu deve guardar-se de communicar a sua descoberta nem sequer áquelle Irmão, em quem tinha mais confiança».

Tambem é digna de notar-se a infernal astucia do discurso do Sapientissimo, quando entra na questão mais importante. «A humanidade, diz, julgou incontestavel o dogma da unidade de Deus, porque era então incontestado; entregou-se a uma exuberancia de ideias religiosas, o que era um excesso d'amôr para com aquelle que, *no seu modo de pensar*, lhe franqueou a via eterna. Mas a humanidade não conhecia então nem razão, nem logica.»

Não lhe faleis de *razão*, de *logica*, a essa humanidade adolescente, que as *não conhece!*... Tem crença e fé proprias, e affirma-as com toda a vivacidade de sentimentos e paixões de que a juventude é capaz.

Estamos em plena edade-media. A civilisação greco-romana desappareceu. O mundo está envolto nas densas trevas da ignorancia; é com difficuldade que alguns lampejos harto discretos se manifestam e tornam visiveis no fundo dos claustros... A força é tudo, e o direito até o nome perdeu; encontramo'-nos em meio d'um cahos de costumes, de leis e tradições, que ficaram de pé apóz a queda do imperio romano... Cessou a lucta entre o fraco e o forte, para dar logar ao esmagamento d'aquelle por este. Apenas se veem illegalidades violentas e irracionaes entre senhores e escravos, vencedores e vencidos, nobres e plebeus; o direito é o da força bruta, interessada e cega; e esse direito, que pura injustiça é, subsistirá até á apparição do verdadeiro direito, do direito eterno e imprescriptivel da intelligencia que esclarece e da razão que emancipa.

Foi então que se ergueu do proprio seio dos oppressores uma instituição, que veio protestar contra este esphacelo social, e inconscientemente abriu caminho para a reivindicação das classes oppressas, que mil annos depois attingirão a plenitude de seus direitos.

Esta instituição, Veneraveis Mestres, é, como deveis suspeitar, a Cavallaria.

Nascida em meio da anarchia e tyrannia do regimen feudal, foi ella quem sustentou o mundo moral, que parecia desmoronar-se prestes. Consagrou o culto dos affectos generosos, dos sentimentos magnanimos; ergueu á altura de dogma alguns dos principios que enalteciam a especie humana, curvada até então sob o jugo da ignorancia e da barbarie: o da defeza do fraco; o que melhora de prompto os costumes, — o amor respeitoso da mulher; a generosidade, que não conhece inimigos quando os vê desarmados ou prostrados; aquella maxima finalmente que, sob forma simples, energica e concisa, resume toda a theoria e toda a practica da moral: «Cumpre o teu dever, aconteça o que acontecer!»

Será esta, Meus Irmãos, a vossa divisa; d'isso estou seguro.

---

O Sapientissimo não diz mais sobre este ponto; fica-se em meias palavras. Abstendo-se de pronunciar-se cathegoricamente, lança a semente da duvida no espirito dos que o ouvem.

Quem sabe? Talvez o que franqueou a via eterna á humanidade seja o mesmo que a humanidade adorou quando o Christianismo veio implantar-se sobre as ruinas do judaismo ..

E o Sapientissimo suspende-se por um momento. Advinhae, meus Irmãos.

Tracta-se, por agora, de fazer crer aos iniciados que Adonai (isto é, o Deus dos christãos) e Lucifer são eguaes. Mais tarde se lhes mostrará melhor qual dos dois rivaes principios divinos deve ser por elles adorado.

A CAMARA INFERNAL

Estes transparentes representam o Inferno; mas, aqui, os demonios e os condemnados não têm ares de quem soffre; parecem radiantes; vivem e movem-se no fogo, como 'num elemento natural. Hiram recebe uma coroa d'ouro que Eblis, Anjo da Luz, lhe põe ternamente sobre a fronte.

E não hesito portanto em vos constituir sem mais tardança Cavalleiro do Oriente e do Occidente...

Vou, pois, conferir-vos por communicação os quatorze graus, de que se vos ha falado, para que, visitando outros Capitulos, já

na França, já fóra d'ella, não sejaes extranhos ás cousas que vos disserem, e proveis que ellas vos mereceram um estudo particular.

(O Sapientissimo, terminando aqui o seu discurso, dá uma forte pancada de malhete. Todos os Irmãos se levantam.)

Sapientissimo, aos neophytos. — Meus Irmãos, dignae-vos de vos pôrdes á ordem do terceiro grau. (Os neophytos obedecem) . . Eis a promessa e obrigação que deveis fazer e depôr em minhas mãos; lêde-a em voz alta. (Dá um papel a um dos candidatos.)

Um neophyto, lendo em nome de todos. — «Profundamente convicto de que a ignorancia e o erro só podem exercer uma funesta influencia sobre o humano destino, prometto seguir e propagar sempre as puras luzes da Sciencia e da Verdade.»

Para comprehender o verdadeiro sentido d'este juramento é mister não perder de vista que a ignorancia e o erro significam «a fé christã,» e que, quando na Maçonaria se fala de sciencia e verdade, se tracta simplesmente dos ensinamentos e dogmas maçonicos.

Sapientissimo. — A' gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, em virtude dos poderes de que estou investido, Irmãos *(diz o nome dos candidatos)*, declaro conferir-vos os quatorze primeiros graus capitulares, desde o 4.º ao 17.º inclusivamente, para que possaes gosar dos direitos e prerogativas, que lhes estão annexos. . . (Dirigindo-se aos membros da Assemblêa:) Applaudamos, meus Irmãos, pelo signal e pela bateria dos Cavalleiros do Oriente e do Occidente. (Executam todos o signal e a bateria do 17.º grau.)

Faz-se então aos neophytos a communicação dos segredos dos quatorze graus, que acabam de ser-lhes conferidos d'uma só vez; e, visto não ser possivel que elles, embora tenham a melhor das vontades, se lembrem immediatamente de todos, não os obrigam a fazerem-se reconhecer pelos Vigilantes, isto é, pelos Grandes Guardas.

Sapientissimo, depois da communicação d'esta inexgotavel provisão de segredos. — Cavalleiros do Oriente e do Occidente, meus Irmãos, vamos deixar-vos entregues a vossas meditações; entrae em vossa consciencia e preparae o espirito para a imponente ceremonia, cujo objecto ides ser.

Pancada de malhete do Sapientissimo. Todos os Irmãos (excepto os neophytos) saem nas pontas dos pés e com ar mysterioso. Quando ha Irmãos, que hajam passado pelos primeiros quatorze graus capitulares, designados para a promoção a Rosa-Cruz, juntam-nos então na Camara Verde aos novos Cavalleiros do Oriente e do Occidente. Logo que os neophytos, e só estes, estejam todos

na Camara Verde, posta-se á porta um Mestre de Ceremonias, para impedir-lhes a sahida antes do momento determinado.

Emquanto os neophytos entram em sua consciencia, entram os Rosa-Cruz na sala do restaurante a tomar uma cerveja; uma vez desalterados, passam á Camara Negra.

O pavimento d'esta Camara é de mosaico, feito de rhombos brancos e pretos, alternados. Junto ao estrado do Oriente estão ruinas, columnas quebradas, velhos instrumentos abandonados. A armação é preta, com lagrimas de prata dispersas; o tecto é pintado egualmente de preto. A sala é illuminada por trinta e tres luzes, em tres candelabros de onze braços; cada uma das luzes está encerrada n'um tubo de lata, escoando-se sómente por um pequeno orificio d'uma pollegada de diametro. Em tres angulos da camara (sudoeste, noroeste e sudeste) ha tres columnas da altura d'um homem e, em cima d'ellas, um transparente triangular: o transparente de sudoeste tem a palavra FÉ e por baixo *Liberdade;* o de sudoeste, a palavra ESPERANÇA e por baixo *Egualdade;* o de noroeste, a palavra CARIDADE e por baixo *Fraternidada* (1).

No fundo da sala ha um quadro, representando a noite de nuvens allumiadas por uns raios de luz avermelhados; adeante está um tumulo, d'onde se erguem chammas, cujo brilho allumia o quadro. Um e outro estão sufficientemente elevados acima do estrado, de geito que a cathedra do presidente os deixe a descoberto. O presidente senta-se um pouco ao lado, tendo, em vez de mesa, um pulpito coberto com panno preto.

Os Cavalleiros conservam o chapeu na cabeça; a faixa e o avental estão virados do avesso, como os calções do rei Dagoberto; vestem de preto, olham para o chão e empregam todos os esforços para apparentar luto.

Sapientissimo, depois da obrigatoria pancada de malhete. — Cavalleiros, meus Irmãos, além de nossos trabalhos ordinarios, o fim d'esta reunião é tambem iniciar nos conhecimentos dos Rosa-Cruz alguns Irmãos dignos de nossa benevolencia e capazes de nos comprehender. São os Cavalleiros do Oriente e do Occidente (diz os nomes dos candidatos)... Cavalleiros, meus Irmãos, se algum de vós tem justas considerações a fazer contra os postulantes, é agora occasião de as formular... (Depois de um momento de silencio:) Visto o silencio dos valles, Cavalleiro Grande Experto, ide ter com os neophytos.

O Grande Experto obedece. Conduz os candidatos á porta da sala e bate, servindo-se da bateria do 17.º grau.

(1) Estas inscripções são feitas, d'ordinario, em latim.

1.° Grande Guarda. — Sapientissimo, batem á porta do Templo a modo de Cavalleiro do Oriente e do Occidente.

Sapientissimo. — Cavalleiro 1.° Grande Guarda, vêde quem assim bate.

O 1.° Grande Guarda transmitte a commissão ao seu collega. O 2.° Grande Guarda entreabre a porta, mette a cabeça pela abertura, fecha de novo e volta ao seu logar.

2.° Grande Guarda. — Excellente 1.° Grande Guarda, são Cavalleiros do Oriente e do Occidente, que se perderam nas trevas e pedem um guia para os reconduzir a seu caminho.

O 1.° Grande Guarda repete esta formula ao Sapientissimo.

O Sapientissimo manda perguntar os nomes dos neophytos e o da Loja a que pertencem.

Respondem-lhe immediatamente.

Sapientissimo. — Cavalleiros 1.° e 2.° Grandes Guardas, foram examinados e reconhecidos esses aspirantes ao 18.° grau?

1.° Grande Guarda. — O Cavalleiro Grande Experto os acompanha; elle os reconheceu, examinou e julgou dignos de serem apresentados, deixando á vossa sabedoria o cuidado de investigar as suas intenções e interrogal-os de novo.

Sapientissimo. — Seja-lhes concedida a entrada.

A porta abre-se de par em par. O Grande Experto entra com os neophytos, executando a marcha do 17.° grau. Em seguida, collocando-os ao Occidente entre os dois valles, previne o 2.° Grande Guarda da entrada de todos. Este repete a noticia ao seu collega.

1.° Grande Guarda. — Sapientissimo, apresento-vos os Cavalleiros do Oriente e do Occidente.

Sapientissimo, aos candidatos. — Meus Irmãos, vindes encontrar-nos na afflicção, no abatimento, no desespero. (Solta um fundo gemido; todos os assistentes o imitam)... Profundas trevas envolvem a terra, e semearam n'ella a desordem e o luto... Reina em toda a parte a força, como senhora soberana... A palavra, outr'ora tão poderosa, já não logra convencer os homens. Tornaram-se rebeldes á razão, á justiça e á verdade. Sómente escutam já a voz de suas paixões e de seus appetites... Com este cataclysmo fatal da intelligencia, foram perturbados nossos trabalhos; os operarios não se reconhecem; as columnas da Maçonaria partiram-se; os instrumentos foram dispersos; o veu do Templo rasgou-se; a pedra cubica suou sangue e agua; a luz que nos allumiava apagou-se... Ai! tres vezes ai! dil-o-hei emfim? a palavra perdeu-se... Que podereis, pois, esperar de nós?...

Grande Experto. — Não se nos ensinou que um homem nada póde sem o concurso dos outros?... Pedimos-vos, pois, um guia para nos conduzir.

Sapientissimo. — Aonde quereis ir?

Grande Experto. — Fugimos das miseraveis regiões em que o erro destruiu a verdade, em que todas as noções do justo se extinguiram, em que o homem desfallece e cae ante o tufão do egoismo e da ambição. Procuramos uma patria feliz para cumprir o nosso destino terrestre, porque o mal não pode reinar em toda a parte!

Sapientissimo. — Tanto zelo merece a nossa confiança. Cavalleiro Grande Experto, acompanhae os candidatos em suas viagens.

Os neophytos partem, acompanhados do Grande Experto. Dão volta á sala. Quando chegam perto da columna sudoeste, o Experto manda-lhes pronunciar a palavra Fé, e accrescenta: *Liberdade!...* Na segunda volta, manda-os parar defronte da columna noroeste, ordena-lhes que pronunciem a palavra Caridade, que está no transparente, e accrescenta: *Fraternidade!...* Na terceira, é deante da columna sudeste que se pára; pronuncia-se a palavra Esperança, e o Grande Experto accrescenta: *Egualdade!* Logo depois reconduz os neophytos ao Occidente e previne o 1.º Grande Guarda de que as viagens terminaram.

1.º Grande Guarda, depois d'uma pancada de malhete. — Sapientissimo, os candidatos regressaram de suas viagens.

Sapientissimo, aos neophytos. — Meus Irmãos, que vistes e aprendestes em vossas viagens?

Grande Experto. — Vimos tres columnas sobre as quaes brilhavam as palavras: *Fé, Caridade, Esperança.*

Sapientissimo. — Que ideias fizeram essas inscripções nascer em vosso espirito?

Grande Experto. — Foram-nos uma como revelação mysteriosa, que nós não podemos profundar.

Sapientissimo. — Essas inscripções, meus Irmãos, são o resumo da lei nova... A Fé não é, como vós pensarieis talvez, esse sentimento que força os cegos a acceitar opiniões determinadas; é a luz da Liberdade, que o Grande Architecto do Universo faz fulgir em nosso espirito e lhe serve de pharol em suas mais sublimes percepções, em ordem a preserval-o das falsas doutrinas e da falsa sciencia. E' a alavanca que ajuda o homem a desviar e vencer, por meio de sua potencia intellectual, todos os obstaculos da materia. A Caridade nada mais é que o sentimento de Fraternidade, isto é, o sentimento de benevolencia mutua que une todos os homens sobre a terra; d'este sentimento nascem todas as virtudes, que elevam o homem e lhe dão força para realizar todos os actos de dedicação, abnegação e sacrificio. A Caridade, essa virtude que a antiguidade desconhecia, tem balsamo para todas as feridas, consolação para todas as amarguras, lagrimas para todas

AGAPES DOS ROSA-CRUZ

O Sapientissimo, trinchando o cordeiro, corta-lhe a cabeça e os pés e lança-os ao brazeiro para os sacrificar ao Fogo, elemento-principio do Anjo da Luz

as desgraças: levanta e anima o pobre, protege o oppresso e faz do rico a providencia dos desgraçados. Trilhemos, pois, a sua estrada; ella nos conduz á luz e á vida... A Esperança é o producto da Caridade e da Fé; tem por fim a Egualdade. Que a Esperança nos guie e nos ampare!... Sob a inspiração da Fé, da Caridade e da Esperança, consentís, meus Irmãos, em realizar novas viagens?

Grande Experto. — Sim, Sapientissimo.

Sapientissimo. — 'Nesse caso vamos ligar-vos a nós por um juramento... Cavalleiro Grande Experto, fazei approximar os neophytos... Cavalleiros meus Irmãos, de pé e á ordem!

Obedecem. Os neophytos approximam-se do altar acompanhanhados do Experto e dos Mestres de Ceremonias. Sete Cavalleiros Rosa-Cruz se postam detraz d'elles, com a espada na mão direita, de geito a formar sobre suas cabeças a abobada d'aço. O Sapientissimo dá a um dos neophytos o juramento escripto.

Sapientissimo. — Meus Irmãos, eis o juramento que deveis fazer. Um de vós o lerá em voz alta.

Um neophyto, em nome de todos. — «Juro sobre esta espada, symbolo da coragem, e em presença de todos os Cavalleiros que me cercam, guardar em meu coração todos os segredos que porventura me forem confiados pelos Cavalleiros Rosa-Cruz. Prometto habituar o meu espirito a instruir meus Irmãos, e o meu braço a defendel-os. Obrigo-me a nunca me separar d'esta Ordem para formar Capitulos irregulares. E, em ratificação d'estas promessas, tomo todos os Cavalleiros por testemunhas da minha sinceridade.»

Sapientissimo. — Auto do juramento.

O Grande Experto de novo conduz os neophytos ao Occidente, entre os dois valles. O Sapientissimo dá sete pancadas; os Grandes Guardas repetem esta bateria.

Sapientisimo. — Cavalleiro 1.° Grande Guarda, que motivo nos reune?

1.° Grande Guarda. — Consolar os afflictos, mostrar o caminho aos viajantes transviados, e recuperar a palavra perdida.

Sapientissimo. — Como conseguiremos recuperal-a?

1.° Grande Guarda. — Guiar-nos-hão tres columnas.

Sapientissimo. — Onde estão?

1.° Grande Guarda. — Não sei; mas achal-as-hemos, porque se deixam ver e reconhecer, ainda na mais profunda escuridão.

Sapientissimo. — Viajemos, pois, meus Irmãos. Não foi porventura dicto: «*Procurae e achareis?*» [a]

---

(*a*) E' admiravel o cynismo com que a Maçonaria vae buscar ao Evangelho esta e outras passagens, parecendo dal-as como cousas suas proprias, e ultrajando sempre a religião de Christo, que ella odeia de morte.

Todas estas ceremonias praticadas na iniciação dos Rosa-Cruz visam a ridicularisar o que ha de mais verdadeiro na historia, de mais sancto nos Evangelhos, de mais fundamental na crença dos Christãos: o facto da morte de Jesus, cuja vida, morte e doutrinas os confundem.

E' por isto que a Maçonaria diz ter perdido a palavra (que é como quem diz a força) nomomento mesmo em que o Christianismo se implantou. Não que ella já existisse a esse tempo, pois lhe é muito posterior, e distante muitos seculos; mas porque o facto do estabelecimento do christianismo destroe por si mesmo a possibilidade da victoria e do dominio da Maçonaria; e esse momento abstracto, em que pensa realisada a victoria do principio christão, materialisou-o ella, na sua faina de embrutecimento e destruição, concretisando-o no momento historico em que a

O Sapientissimo põe-se a caminho, acompanhado do Porta-estandarte e dos Irmãos de graus elevados, que tomam assento no Oriente.

Na primeira volta, o Sapientissimo diz, vendo a columna sudoeste: «Fé!» e apaga-se immediatamente a luz que illumina o transparente.

Sapientissimo. — Ai! a Fé extinguiu-se!

Na segunda viagem, vendo a columna noroeste, exclama: «Caridade!» e apaga-se immediatamente a luz do transparente.

Sapientissimo. — Ai! A Caridade extinguiu-se!

Na terceira viagem, deante da columna sudeste solta a exclamação: «Esperança!» Não se apaga a luz d'esta vez.

Sapientissimo. — Mas a Esperança nos illumina sempre!... Reaccenderemos com ella a Fé e a Caridade.

Dito isto, o Sapientissimo e os Cavalleiros, que o acompanham, deixam a sala e entram na Camara Vermelha. Depois o 1.º Grande Guarda vae ao valle do sul, dá com os Irmãos que o compõem tres voltas á sala, pronunciando de cada vez a palavra «Esperança», e, acompanhado de seus collegas, vae juntar-se ao Sapientissimo. O 2.º Grande Guarda colloca-se á frente do valle do Norte, dá tambem tres voltas á sala, dizendo em cada uma a palavra «Esperança»; e depois vae com o sequito para a Camara Vermelha.

Os neophytos ficam, acompanhados sómente pelo Grande Experto, que lhes cobre a cabeça com um veu preto e os conduz em seguida á Camara Infernal.

O que vem a ser a Camara Infernal?

E' uma sala estreita, illuminada sómente pela luz que vem dos transparentes luminosos com que os muros estão completamente cobertos; é, pois, semi-escura.

Estes transparentes representam o Inferno. Mas não se pense que é o Inferno tal como a Egreja o descreve; nem podia ser. No Inferno maçonico os demonios e os condemnados, embora em meio de chammas, não têm cara de quem soffre; parecem, muito pelo contrario, extremamente satisfeitos; vivem e movem-se no fogo como em um elemento natural. Todos os malditos da Biblia Caim, Chanaan, Moab, e outros, têm seus ares de patriarchas e apresentam-se radiantes de gloria. Tubalcaim fabrica raios em uma forja, cujos operarios são diabitos. Hiram, facil de reconhecer

---

Nova Alliança foi ferida sobre o Calvario, e fazendo-o representar, para encobrir melhor seus refalsados designios, pelas circunstancias que acompanharam de perto a morte de Nosso Salvador.

Não se pode ler o que diz respeito ao execrando grau de Rosa-Cruz, sem sentir nascer a indignação n'alma, e assomar ás faces rubor. Tão baixo e aviltante é o que a nefaria seita faz e ensina!...

por suas insignias maçonicas e pelo ramo de acacia que tem na mão á guisa de palma de martyrio, recebe uma corôa d'ouro que Eblis, Anjo da Luz (leia-se: Satanaz), lhe põe ternamente na fronte. Esta representação é, nem mais nem menos, a glorificação de Lucifer, de seus companheiros de revolta e das almas que se affastam de Deus.

A' direita e á esquerda da Camara estão dois esqueletos com arco tenso na mão, atirando uma frecha. O corredor, que conduz á Camara Infernal, está cheio de altos e baixos, buracos, etc.

O Grande Experto, introduzidos os neophytos na sala, tira-lhes os veus dizendo-lhes apenas: «Vêde e meditae.» E retira-se, ficando á porta.

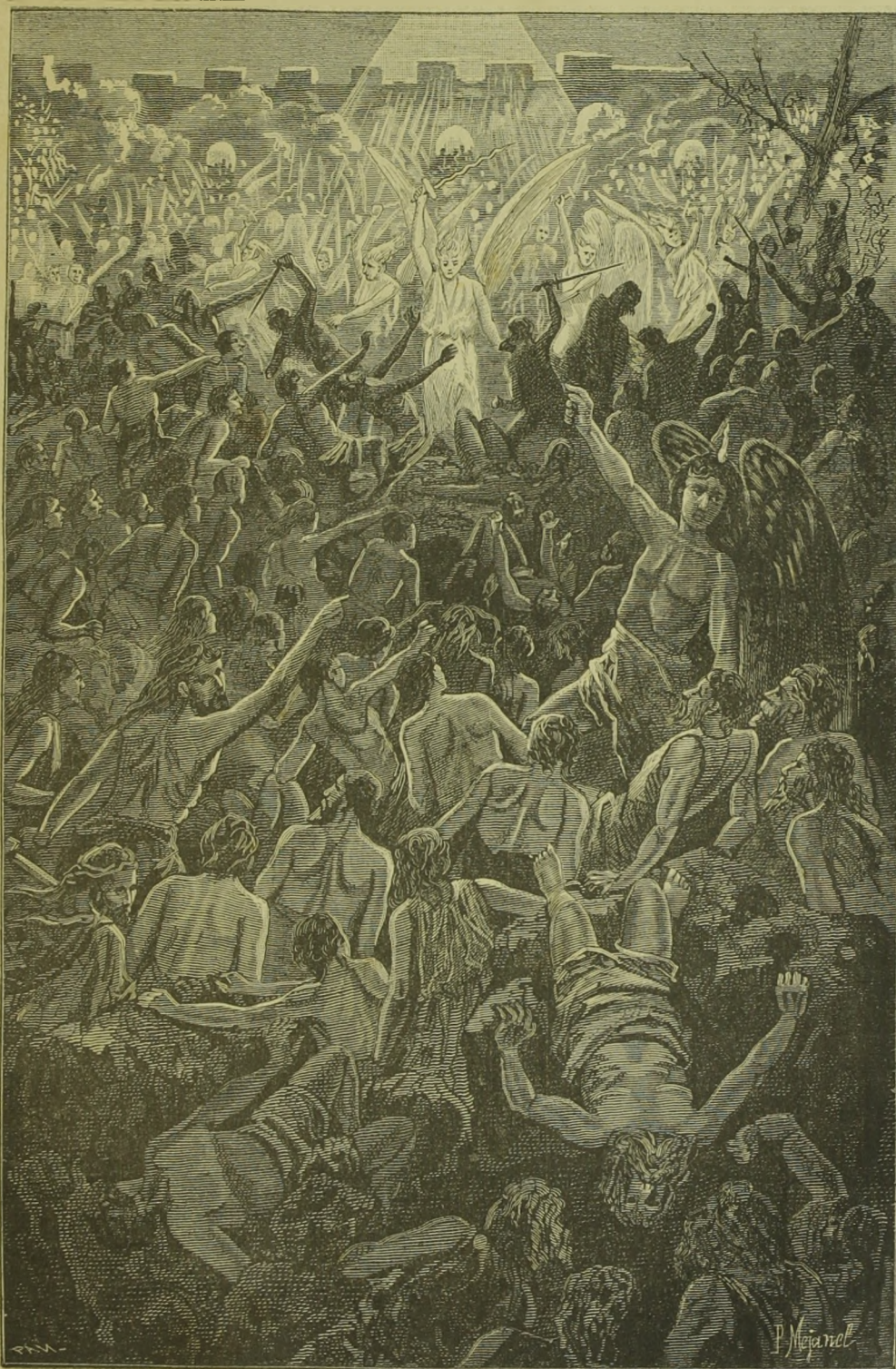
Observação. — Acontece por vezes que um Capitulo se vê na necessidade de iniciar no grau de Rosa-Cruz uma pessoa, a quem os chefes secretos julgam prudente não dar a conhecer tudo; por exemplo, um representante da auctoridade ou um homem politico, cuja influencia a seita tem interesse de utilisar. Em tal caso, esse neophyto não é levado á Camara Infernal, que lhe faria comprehender claramente o fim da Maçonaria. Porém como elle, o «neophyto reservado», não deve suspeitar que lhe occultam qualquer coisa, serve-se a Loja de um estratagema para fazer-lhe crer que recebeu a iniciação com as mesmas formalidades que todos os outros. Eil-o:

A' sahida da Camara Negra, vimos como todos os candidatos eram privados da vista por meio de um capuz grande e espesso. Collocam-nos uns traz outros, em linha, e avançam todos, segurando cada um as abas da casaca do que vae deante d'elle; á frente da linha marcha o Irmão Grande Experto.

Ora, quando tem de ser dada a algum dos candidatos uma iniciação incompleta, tem-se o cuidado de o collocar no ultimo logar da fila, pondo entre elle e o ultimo dos outros candidatos um Experto adjunto.

Faz-se a marcha ordinaria pelo pequeno corredor accidentado. Mas, quando a fila chega á porta da Camara Infernal, o Experto adjunto separa-se sem dizer nada e, sempre seguido do «neophyto reservado» que, no seu estado de cegueira, não dá pelo engano, leva-o a um simples gabinete escuro, cujas paredes não têm representação alguma satanica. Chegado ahi, é o «neophyto reservado» entregue á meditação.

Quando os outros candidatos hajam examinado sufficientemente os transparentes da Camara Infernal, cobre-se-lhes de novo a cabeça com o capuz preto, para serem conduzidos, sempre em linha, á Camara Vermelha. Faz-se-lhes jurar que nunca falarão, *mesmo uns com outros,* de suas viagens de Rosa-Cruz. E o «neophyto

A LENDA DA JERUSALEM CELESTE

Sob o commando d'Eblis, os descendentes de Caim e de Hiram subiram a assaltar a Jerusalem celeste, para reduzir á impotencia Adonai, Principio do Mal

reservado», a quem nenhum espectaculo se fez observar, é, por seu turno, levado á retaguarda da linha, e entra na marcha commum, segurando as abas da casaca do ultimo dos outros candidatos.

Mais adeante veremos o discurso que o Grande Experto faz em nome de todos os neophytos. Esse discurso, habilmente composto, aplica-se com egual propriedade aos iniciados que passaram pela Camara Infernal e aos que por ella não passaram. Todavia o seu sentido completo só pode ser bem apprehendido pelos que receberam a iniciação inteira, com todas as formalidades.

Os membros do Capitulo, durante isto, estão na sala aonde foram em seguimento do Sapientissimo. Este templo é todo armado de vermelho e ricamente ornado. E' illuminado por trinta e tres bicos, como a Camara Negra; aqui, porém, as luzes não estão encerradas em tubos de lata, e por isso brilham vivamente. Ao fundo da sala ergue-se um altar sobre tres degraus; cobre-o um panno vermelho com franjas e borlas d'ouro e chammas dispersas. Por cima do altar está um quadro, representando tres cruzes: a do meio tem no centro uma rosa cercada d'uma corôa de espinhos, e as outras duas uma caveira por cima de tibias encruzadas. Junto ao pé da cruz do meio está uma esphera rodeada por uma serpente que morde a cauda, ou então, á escolha, um pelicano, que alimenta seus filhos. Por cima da cruz fica a Estrella Radiante, tendo no centro a lettra G do alphabeto phenicio, cuja significação é obscena. Este altar é apenas visivel em um momento determinado; no principio da sessão está velado por uma cortina grande, que cae do tecto e pode, n'um abrir e fechar d'olhos, correr á direita e á esquerda. As tres columnas dos transparentes, com os nomes das virtudes theologaes e as palavras da enganadora divisa republicana, encontram-se tambem na Camara Vermelha, e exactamente no mesmo estado em que foram deixadas na Camara Negra, isto é, estando illuminado sómente o transparente da Esperança. As paredes são decoradas com diversas inscripções: no Oriente, por cima do altar, «Glorificação do Grande Architecto do Universo»; aos dois lados, «Amor do proximo» e «Amor da Virtude»; ao Sul, «Nascimento, Vida, Morte»; ao Occidente, «Esperança, Fé, Caridade». Ante cada uma das columnas dos transparentes está um tripé de fórma antiga, com esquentadores cheios de brazas vivas. Colloca-se uma espada no logar de cada um dos cavalleiros. Sobre o altar estão tantas faixas de Rosa-Cruz, quantos os neophytos a receber no grau.

O estandarte do Capitulo está no angulo nordeste do Oriente: é um quadrado de 30 polegadas de lado, de setim branco bordado; tem representado um compasso d'ouro aberto e coroado, sobre o

qual está o pelicano com seus filhos; no peito do pelicano uma rosa cobre uma cruz.

Deante do Sapientissimo, que toma assento no Oriente, acha-se o Altar das Promessas, coberto com um panno carmezim; tem em cima o Livro das Constituições, um compasso, um esquadro e uma cruz de madeira sobre a qual está fixa uma rosa.

A parede do lado Norte da sala é coberta por um cartaz immenso em que se lê, em lettras gordas, na lingua do paiz: «O estudo da *Natureza,* feito pela *Rasão,* revela-nos tudo que deve constituir a nossa *Fé;* e sua *Infinidade* inspira-nos a *Esperança* absolutamente certa da *Immortalidade* da humanidade pela *Caridade,* isto é, pelo Amor que assegura a sua regeneração constante e illimitada por via da geração universal.»

Sapientissimo, apenas os Cavalleiros estão a postos. — Cavalleiro 2.° Grande Guarda, verificae se estamos livres de qualquer surpreza.

O 2.° Grande Guarda convida o Guarda do Capitulo a ver se foram tomadas todas as precauções. Este sae da sala, percorre os passos perdidos, entra de novo e annuncia ao 2.° Grande Guarda que os trabalhos podem ser continuados com toda a segurança.

2.° Grande Guarda. — Sapientissimo, tomaram-se todas as precauções; ninguem virá perturbar nossos trabalhos.

Sapientissimo. — Cavalleiros 1.° e 2.° Grandes Guardas, respondeis pelos Cavalleiros de vossos valles?

Os Grandes Guardas percorrem seus valles respectivos. Uma vez de volta a seus logares, o 2.° Grande Guarda annuncia ao 1.° que nenhum profano se introduziu no valle do Norte.

1.° Grande Guarda. — Sapientissimo, eu respondo por ambos os valles.

Bateria de sete pancadas de malhete dada pelo Sapientissimo e repetida sucessivamente pelos dois Grandes Guardas.

Sapientissimo. — Sentae-vos, Cavalleiros meus Irmãos. (Sentam-se todos.)

Sapientissimo. — Vão prestes ser-vos apresentados os Cavalleiros do Oriente e do Occidente; concluiram suas viagens e meditam sobre a Fé, a Caridade e a Esperança, cuja luz lhes fizemos ver; com ajuda d'essa luz triumpharão elles dos obstaculos, em que seu caminho abunda.

Mal o Sapientissimo pronuncia estas palavras, bate o Grande Experto á porta do templo pela bateria do 17.° grau.

2.° Grande Guarda. — Cavalleiro 1.° Grande Guarda, batem á porta do templo a modo de Cavalleiro do Oriente e do Occidente.

O 1.° Grande Guarda repete esta noticia ao Sapientissimo, e

este manda ver quem assim bate. O 2.º Grande Guarda vae abrir a porta e pergunta ao Grande Experto o que deseja. O Grande Experto responde-lhe em voz baixa.

2.º Grande Guarda, depois de haver fechado a porta. — São Cavalleiros do Oriente e do Occidente, guiados pelo Grande Experto, que procuraram a palavra e creem tel-a encontrado.

Sapientissimo. — Que meios empregaram para obter esse resultado?

1.º Grande Guarda. — Despojaram-se de quanto lhes restava de impuro, e quebraram os grilhões das paixões, dos prejuizos e da pseudo-sciencia.

Sapientissimo. — Que prova dão d'isso?

1.º Grande Guarda. — O Cavalleiro Grande Experto responderá por elles.

Sapientissimo, em seguida a uma pancada de malhete. — Abram-se-lhes as portas!

Os neophytos, que, á sahida da Camara Infernal, cobriram de novo a cabeça com o capuz preto, entram na Camara Vermelha lenta e compassadamente. O Grande Experto conserva-os ao Occidente, mandando-os pôr á ordem do 17.º grau.

No momento em que as portas se abrem, os Cavalleiros dos valles erguem-se expontaneamente, tendo na mão esquerda a espada, de ponta para o chão, e a mão direita sobre o coração.

Quando os neophytos param, o Sapientissimo convida os Cavalleiros do Capitulo a sentarem-se. Os candidatos e o Grande Experto ficam de pé; este ultimo tem na mão uma pequena caixa.

Sapientissimo, aos neophytos. — Cavalleiros, d'onde vindes?

Grande Experto. — Percorremos o Oriente e o Occidente, o Septentrião e o Meio-dia, em busca da palavra perdida. Apezar das trevas que nos envolviam, em despeito dos obstaculos com que o erro e a ignorancia tentavam impedir nossos passos, cremos tel-a encontrado.

Sapientissimo. — Como? porque meios?

Grande Experto. — Um dia o trabalho extenuou-nos; os joelhos vergavam-se-nos com o peso do corpo; a vista não lograva descobrir o termo do caminho em que haviamos entrado; o ouvido não percebia som algum, e a palavra expirava em nossos labios. Semelhantes ao viajante perdido no deserto, cahimos abatidos, desalentados, arquejantes. Era o aniquilamento, a agonia, a morte... Sim, a morte, que se erguia ante nós, ameaçadora e terrivel... A duração de nosso langor ignoramol-a. Quanto podemos dizer é que a nossa resurreição foi caracterisada por um acontecimento extraordinario... Apenas os sentidos se nos começaram a abrir ás impressões do mundo externo, uma voz myste-

riosa se fez ouvir no fundo de nossos corações; dizia assim: «Quando o sol se eclipsou, as trevas se espalharam sobre a face da terra, os instrumentos se quebraram e a Estrella Radiante desappareceu, os operarios dispersaram-se e a palavra perdeu-se. Desde esse tempo, a miseria pesou sobre a Maçonaria. Em vez dos dias gloriosos, que marcaram e seguiram o seu nascimento, tem ella tido apenas dias nefastos; seus operarios esperam, entre lagrimas e luto, que um de seus Irmãos encontre a palavra, a qual deve por si só fazel-a voltar ao antigo esplendor. Vós consagrastes-vos a esta missão difficil e falta-vos a Fé. Coragem, apostolos da Verdade! O astro da Esperança vos alumia, e a Caridade aponta-vos o caminho. Mais alguns esforços, e tereis attingido o vosso fim. Ignoraes acaso que uma Fé ardente póde transportar montanhas? Coragem, pois, homens de boa vontade; vossos Irmão esperam-vos!...» Assim falou a voz; e nós sentimos um como espirito que nos fortalecia no momento em que ella murmurou, affastando-se, uma palavra, que foi para nós a revelação de uma nova luz... Então, erguemo-nos, promettendo não pronunciar esta palavra senão depois de havermos sido por vós consagrados. Esculpida com caracteres indeleveis, encerrámol-a 'num cofre do mais puro metal.... Só então nosso espirito recuperou a serenidade. A doce Esperança marchava comnosco, e nós corremos a depôr em vossas mãos este cofre, que deve ser o objecto de todos os nossos votos... Eil-o!

O Mestre de Ceremonias recebe a caixinha que o Grande Experto lhe entrega, e leva-a ao Sapientissimo. Esta caixa é fechada com uma fita vermelha em fórma de cruz latina, e sellada com cêra vermelha.

Sapientissimo, em seguida a uma pancada de malhete. — De pé e á Ordem, Cavalleiros meus Irmãos!

Todos se levantam cruzando os braços sobre o peito, com os dedos juntos e as mãos estendidas.

O Sapientissimo rompe o sello, abre a caixa, tira um papel e colloca-o sobre o altar.

Sapientissimo, lendo o papel e solettrando lettra por lettra. — I... N... R... I... E' a palavra!...

Immediatamente se corre a cortina que cobre o transparente collocado no fundo da sala, e accedem-se as luzes das columnas em que se lê: *Fé-Liberdade* e *Caridade-Fraternidade.*

Sapientissimo. — Cavalleiro Grande Experto, tirae os veus que cobrem os neophytos.

Executa-se a ordem.

Sapientissimo. — Meus Irmãos, pois que a palavra foi recuperada, applaudamos!... A mim, Cavalleiros, pelo signal e pelo con-

tra-signal (fazem-nos), pela bateria (dão sete palmadas), e pela acclamacão mysteriosa!

Todos, simultaneamente. — Hoschêah!... Hoschêah!... Hoschêah!...

Sapientissimo. — Agora que a palavra se recuperou e applaudiu, Cavalleiro Grande Guarda, dizei-nos se está tudo disposto para podermos celebrar nossos mysterios de modo digno de Cavalleiros Rosa-Cruz, admittindo tambem estes Cavalleiros do Oriente e do Occidente, que merecem tomar 'nelles parte.

1.° Grande Guarda. — Sim, Sapientissimo.

Pancada de malhete do Sapientissimo, repetida pelos Grandes Guardas.

Sapientissimo. — Irmão 2.° Grande Guarda, collocae-vos á frente dos Cavalleiros que compõem o valle do Norte e convidae-os a acompanhar-vos, em ordem a poder cada um d'elles manifestar o seu reconhecimento para com o Grande Architecto do Universo.

O 2.° Grande Guarda, seguido dos Cavalleiros do seu valle, dá volta ao templo pelo Norte, Oriente, Sul e Occidente; e, ao passar ante cada um dos tripés que estão junto das columnas dos transparentes, lança nos brazeiros incenso com benjoim.

2.° Grande Guarda, voltando ao seu logar. — Sapientissimo, cumprimos o nosso dever.

Sapientissimo. — Irmão 1.° Grande Guarda, collocae-vos á frente dos Cavalleiros que compõem o valle do Sul, e convidae-os a acompanhar-vos.

Novo passeio em volta do templo. O 1.° Grande Guarda, á frente do seu valle, imita o 2.°.

1.° Grande Guarda voltando ao seu logar. — Sapientissimo, cumprimos o nosso dever.

Sapientissimo. — Cavalleiro Mestre de Ceremonias, e vós, Cavalleiros Expertos, dignae-vos de vos unir a mim e aos Irmãos que estão no Oriente.

Seguido d'estes Cavalleiros, o Sapientissimo dá tambem o passeio, lançando incenso e benjoim nos brazeiros dos tripés. Quando volta ao Oriente, todos os Irmãos se põem á ordem.

Sapientissimo. — Grande Architecto do Universo, tu que és o unico grande, o unico egual a ti mesmo, que tens por palacio a immensidade, a omnipotencia por sceptro, por duração de teu imperio a eternidade, abendiçôa nossos trabalhos, cujo unico fim é o estudo das tuas leis, que se resumem n'estas palavras: «Harmonia, Justiça, Amor.» Quando um dia a doutrina maçonica fôr a doutrina de todos os povos, quando estes formarem uma só e mesma familia de Irmãos unidos pelo Amor, pela Sciencia e pelo Trabalho, então, mais dignos de ti, gosarão elles a universal harmonia

que tu imprimes em toda a natureza. Digna-te, oh Grande Architecto, de nos fazer merecedores de vermos tão bellos dias. *Amen.*

Pancada de malhete do Sapientissimo, repetida pelos dois Grandes Guardas. Ordem de sentar; todos os assistentes, inclusivè os neophytos, se sentam.

O Sapientissimo recita então um discurso, que reproduzimos textualmente.

DISCURSO DO SAPIENTISSIMO

(Aos neophytos:) Meus Irmãos, acabaes de nos referir a palavra; mas haveil-a comprehendido bem? a meditação, que fizestes na Camara, d'onde sahistes [1], revelou-vos o seu verdadeiro sentido?

Muitos ignorantes, mesmo em nossos dias, interpretam o monogramma INRI d'este modo: «*Jesus Nazarenus Rex Judaeorum*», que é como quem diz: «Jesus Nazareno Rei dos Judeus».

Tal interpretação não póde ter-se por verdadeira, porque Jesus nunca foi rei dos Judeus; esse titulo, que é apenas uma irrisão e um insulto dos seus algozes, foi, parece-nos, muito fóra de proposito consagrado pela lenda christã [a].

Resta apenas o personagem historico e allegorico [b]. Sob este ponto de vista, aqui vol-o apresentamos como puro symbolo de ideias moraes; seu nome é o do fundador d'uma nova sociedade, que assenta, como em suas bases, sobre a egualdade e a fraternidade universaes.

---

(1) A Camara Infernal.

(a) Quem chama ao complexo das doutrinas historicas christãs uma lenda, o que chamará ao cahos das mentiras maçonicas? Provavelmente a luz da verdade, pois não?! .. Se o christianismo tem por base a lenda, sobre que alicerces não repousará então o negro edificio da Maçonaria!

(b) Esta conclusão representa o ultimo progresso da escola racionalista. E' nada mais, nada menos, que a applicação e adopção dos irracionaes ensinamentos de quantos se intitulam apologistas e sectarios da *razão*. Preparada nos primeiros tempos pelos pagãos e pelos gnosticos, os amiguinhos que a Maçonaria quasi divinisa, continuada na Edade-Media pelo judeu Aben-Ezra, e no apparecimento do protestantismo por Carlstadt e André Maes, acceite, desenvolvida e propagada nos tempos modernos por Hobbes, la Peyrere, Spinoza, Le Clerc, Van Dale, Astruc, Eichhorn, Hasse, Fulda, Nachtigal, Reimarus, Paulus, Bauer, Schelling, Heyne, Creuzer, Muller, Wolf, Niehbur, Vater, de Wette, Schleiermacher, Gabler, Usteri, George, Strauss e outros, mal podia tal doutrina deixar de ser proclamada por aquelles a quem mais interessava destruir, por todos os meios, o Christianismo, na sua parte dogmatica e moral. Bem sabemos que o ataque é dirigido especialmente á moral christã; mas esta, tendo por base e fundamento os dogmas, parte theoretica da religião, não podia ser destruida sem previamente lhe serem minados os alicerces. E a Maçonaria tentou-o, tomando de emprestimo a sciencia. Podre, porém, já no momento em que lh'a entregaram, essa arma podre ficou, e podre será sempre, como quem d'ella se serve, fazendo assim um admiravel contraste com a belleza e fulgor magestoso da Egreja de Christo, sempre radiante e triumphante, sempre cheia de luz e de gloria, a qual, assim como não temeu o gladio dos imperadores, o alfange dos mahometanos, as armas dos barbaros, e a lingua peçonhenta dos hereges, assim não temerá tambem o punhal da Maçonaria, e saberá conservar-se sobranceira aos ataques satanicos dos glorificadores e filhos do Inferno, — mais ainda, terá sempre amor e perdão para esses mesmos, que juram, na treva, vingança contra Deus e os seus representantes da terra.

Ou o considereis historico ou ficticio, admittireis 'nelle a personificação humana da Caridade, da Doçura e da Resignação. Vereis 'nelle o nome do homem que emancipou a mulher, que libertou moralmente o escravo, que exaltou os humildes. Recebel-o-heis, finalmente, meus Irmãos, como o primeiro que pronunciou estas bellas e consoladoras palavras: «Amae-vos uns aos outros!»

Mas todo o verbo mysterioso encerra dois sentidos: o litteral e o espiritual, Ao verdadeiro iniciado é que toca apprehender o mais sublime d'elles; pois, como sabeis, meus Irmãos, a lettra mata e o espirito vivifica.

Nós, os Cavalleiros Rosa-Cruz, interpretamos o monogramma INRI por estas palavras: « *Igne Natura Renovatur Integra,* » isto é: « A natureza é inteiramente regenerada pelo Fogo. » E dizemos sempre a verdade, quer falemos em sentido litteral, quer no sentido espiritual.

O primeiro d'estes sentidos traz-nos á memoria que a natureza, depois de haver-se entorpecido com os frios, é reanimada pelo sol, na volta do solticio, fazendo jorrar do proprio seio as searas, as flores e os fructos. Este sentido basta aos profanos.

Porém aos que são dignos de receber a communicação das sciencias elevadas e dos sublimes mysterios, *iis quibus datum est noscere mysterium,* a esses damos nós a verdadeira interpretação d'essas palavras: toda a natureza é renovada, regenerada pelo Fogo... E realmente, o que nos diz o Verbo? Diz-nos: « Assim como o ouro é purificado na forja, assim o justo será purificado pelo fogo, » pelo Fogo, que é o principio de vida que anima todos os seres. [a]

Vimos, no grau de Mestre, que a palavra se perdeu por causa do outomno, quando o sol, despojado do seu poder, faz a natureza muda. A palavra encontrada deve, pois, figurar n'um grau que annuncie uma primavera proxima, symbolisada pela Rosa, como pelo Fogo, base do 18.º grau.

Não é ao Fogo material, que serve a satisfazer-nos parte das necessidades, que se referem as allegorias d'este grau. Não! é ao

---

(*a*) Ha aqui uma allusão manifesta áquella passagem da Sabedoria, de Salomão (cap. III v. 6), em que o auctor sagrado diz serem os justos por Deus provados como o ouro na forja «*Tanquam aurum in fornace probavit illos* (justos)...»

Vê-se que a Loja alterou as palavras em geral, mas especialmente o verbo, para trocar o sentido.

E com que semceremonia o Sapientissimo não cita o Verbo, como se os ensinos da segunda pessoa da Trindade Sanctissima fossem os ensinos da Maçonaria!...

E, sobretudo, que bellas regras de hermeneutica elle não applica ao texto em questão, portando-se como exegeta consummado e interprete de mão cheia na deducção do sentido e suas consequencias proximas!...

Quem ensinaria aos filhinhos da Viuva as regras de interpretar e expôr?

Havia de ser Hiram, naturalmente; ou então Satanaz, o que será talvez mais provavel.

INICIAÇÃO DO GRANDE PATRIARCHA

O neophyto incensa por nove vezes uma estrella que fulge 'num transparente portatil, representando uma nuvem d'ouro; dizem-lhe ser a estrella da manhã, por outro nome, Lucifer' — Sêde, diz o presidente ao neophyto, sêde como essa estrella, que annuncia a vinda do dia; ide, e levae ao mundo a luz; pelo sagrado nome de Lucifer, extirpae o obscurantismo.»

elemento principio, ao Fogo conservador e vivificante, que penetra e abraza toda a natureza; é a esse Fogo sagrado que se ligam todos os nossos mysteriosos symbolos; a esse elemento puro, do qual o calor e a luz são puras modificações, a fecundidade, o movimento e a vida simples effeitos, e os innumeros astros, semeados na immensidade do universo, focos interminaveis; que dá aos corpos o

encanto das mais vivas e brilhantes côres, e, escondendo-se-nos ás vistas, entrando no seio da terra como em sua morada, separa as moleculas dos corpos, em despeito da força que as une, e produz uma acção que ora é o principio da sua existencia, da sua conservação e reproducção, ora a causa de sua divisão, destruição ou transformação; que, outras vezes ainda, fende a nuvem que o traz e, com o nome de raio, nos fere simultaneamente a vista, que se offusca, o ouvido, que se espanta, todos os sentidos, que se amedrontam, e transforma o vapor das nuvens em grande massa d'agua, que se precipita na terra, assolando-a; esse Fogo, emfim, rei dos elementos, sem o qual os outros seres seriam frios e inertes, que communica ao ar a pureza, á agua a fluidez, á terra a fecundidade interminavel.

Ao brilho d'esse Fogo sagrado que forma a palavra, o homem reconquistou todos os direitos de sua primitiva origem, o escravo ergueu-se ao clarão da liberdade, a mulher recebeu a faculdade de progredir a par de seu esposo e, com os fulgores da Fé, da Esperança e da Caridade, foram os homens chamados a formar uma só familia de Irmãos.

Tende, pois, Cavalleiros, que o monogramma INRI é um symbolo, que deve guiar-vos d'aqui ávante no caminho da Sciencia e da Verdade.

O Mestre de Ceremonias, terminado o discurso, conduz os neophytos ao altar, e manda-lhes que ajoelhem. Cada um d'elles, tiradas as luvas, põe a mão na espada que está sobre a Biblia, aberta no livro da Sabedoria de Salomão, e baixa a cabeça. Atraz collocam-se sete cavalleiros, de pé, com a espada na mão direita, formando sobre elles a abobada d'aço. Os outros assistentes estão de pé, com os braços cruzados sobre o peito. Um dos neophytos recita, em nome de todos, o juramento do grau, que é como segue:

*Juramento do Rosa-Cruz.* — Prometto e juro sobre a minha honra, renovando hoje solemnemente os juramentos que fiz nos graus precedentes, nunca revelar os segredos dos Cavalleiros Rosa-Cruz a qualquer Irmão de grau inferior, nem a profano algum, sob pena de ser para sempre privado da fala, e perpetuamente encerrado em trevas. Um regato de sangue corra continuamente de meu corpo, soffra eu as mais crueis angustias d'alma, os mais agudos espinhos me sejam cabeceira, o fel e o vinagre sejam minha bebida, e o supplicio da cruz termine emfim a minha vida, se eu transgredir as leis que me forem impostas. Prometto tambem jamais revelar o lugar de minha recepção no grau de Cavalleiro Rosa-Cruz, e quem me recebeu.

Todos os neophytos, á uma. — Assim o juro!

Primeiro neophyto. — O Grande Architecto do Universo me ajude!

Todos os neophytos. — Assim seja.

Sapientissimo. — « Consummou-se tudo! »

O Porta-estandarte vem então postar-se perto do altar, e, durante a consagração seguinte, faz fluctuar o estandarte do Capitulo sobre a cabeça dos neophytos.

Sapientissimo, estendendo pontificalmente as mãos. — A' gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, pelos poderes em que estou constituido, vos crio e consagro Cavalleiros Rosa-Cruz, decimo oitavo grau, e membros activos do Soberano Capitulo constituido com o titulo distinctivo de *(nome do Capitulo)*, no Valle de *(nome da cidade)*, para gozardes os direitos, privilegios e prerogativas annexas a este grau... (Tocando de leve com a espada a cabeça dos neophytos:) A luz da sciencia vos illumine!... (Tocando-lhes depois o hombro esquerdo:) O fogo da coragem vos inflamme o coração!... (Tocando-lhes finalmente o hombro direito:) A Fé, a Esperança e a Caridade vos façam abendiçoar pelos homens, vossos irmãos!... (Tomando o Estandarte do Capitulo, e agitando-o sobre a cabeça dos neophytos:) Oxalá, Cavalleiros, á sombra de nossas côres segradas, possaes tornar-vos ornamento e gloria da nossa Ordem!

Em seguida o Sapientissimo abraça cada um dos novos Rosa-Cruz e, mandando-os subir ao Oriente, lhes communica os segredos do grau.

Termina esta serie de formalidades pela entrega da faixa, com que os decora.

Sapientissimo. — Meus Irmãos, a côr d'esta faixa é vermelha: é a côr do sol ou da luz em seu foco; tambem é a côr do amôr. A Cruz, que constitue a joia, encerra tambem uma lição sublime: a linha vertical é o symbolo da geração, isto é, da vida; a linha horisontal, que a attravessa, é o symbolo da destruição, isto é, da morte. Significa isto, que apenas se attinge a vida immortal depois de ter passado as barreiras da morte. A Rosa é o symbolo secreto da fecundidade; nos mysterios egypcios era ella o symbolo de Isis, a mulher fecunda por excellencia. A Cruz, pois, que tem uma Rosa na intersecção de seus braços, figura a Humanidade que se renova continuamente; este symbolismo mystico encerra o segredo de fazer a Humanidade immortal. O Pelicano é o emblema da Caridade.

Os novos Rosa-Cruz passam então a fazer-se reconhecer pelos Cavalleiros seus irmãos; as formalidades são as mesmas que

nos graus precedentes. Depois o Capitulo sauda-os com um applauso geral. Um dos neophytos agradece em nome de todos. Em seguida o Mestre de Ceremonias manda-os sentar á frente do valle do Meio-dia.

Sapientissimo, aos neophytos. — Eis-vos chegados, meus Irmãos, ao grau de Cavalleiro Rosa-Cruz. Um horisonte mais vasto deve estender-se ante vosso espirito com os novos deveres que tendes de cumprir. O fim, que se propõem os Cavalleiros Rosa-Cruz, é formar Mações que se dediquem firme e activamente á propagação da Verdade e dos principios que nos regem... E' sem duvida, meus Irmãos, uma empreza difficil e perigosa, porque são innumeros os inimigos da Verdade. Poderão, comtudo, os seus esforços abalar nossa coragem?... Nós combatemos com as armas da Fé, que nenhuma paixão humana poderá enfraquecer; instruimos pela Caridade, orvalho celeste, que cae sobre o homem para assegurar-lhe a rehabilitação; e, em nossa obra fecunda, somos allumiados pela Esperança... Quem ousará, pois, deter-nos? Ninguem, se estivermos sinceramente unidos, todos por um e um por todos, escudados com a égide da solidariedade e fraternidade universaes!

Segue-se o discurso do Cavalleiro da Eloquencia sobre a recepção que acaba de ter logar. A redacção do discurso é facultativa; mas o assumpto está prescripto e traçado.

O Cavalleiro da Eloquencia traz á memoria dos neophytos as diversas phases da sua iniciação. Volta a falar do Sol, de que os discursos precedentes ainda não se haviam occupado sufficientemente; explica que, exactamente como Hiram, Christo é o emblema do Sol. A seu ver, Deus e o universo são identicos; quando muito, deve considerar-se a divindade como alma do mundo, e o mundo como corpo da divindade. No tocante a culto, o do Sol é o unico razoavel e scientifico. Os milagres e factos da vida de Jesus devem explicar-se por « apparencias solares. » [a] A materia é eterna; a geração é tudo; a creação não passa da inducção da geração. Nada morre, na realidade; nada se cria; os seres materiaes apenas se transformam. D'est'arte, a putrefacção, a fermentação, que parecem signaes de morte, não passam de verdadeiras notas de regeneração, de transformação. Em synthese, immortalidade do homem como especie, immortalidade da familia humana, graças á successão das gerações que cousa nenhuma poderá jamais inter-

---

(a) Temos visto e até estudado alguns meios naturaes de explicar os factos da vida de Jesus, e em especial os seus milagres. Mas confessamos não ter ainda descoberto, na historia do racionalismo naturalista, cousa parecida com esta! *Os milagres de Jesus são effeitos de apparencias solares!?*... Ora!...

E, ademais, o que virão a ser essas *apparencias solares*, Irmãosinhos dos...?

romper, immortalidade do grande conjuncto do existente. E' por isso que a Maçonaria divinisa a Natureza e, com suas ceremonias symbolicas, presta culto ao Grande Todo.

E', como se vê, o pantheismo puro.

Mas nunca devemos perder de vista que, na Maçonaria, a doutrina pantheista não passa de um véo. Ainda não estamos no cabo.

Logo depois de haver assim falado aos neophytos, cujo espirito, affastado de Deus, não passa além da adoração do sol, da lua e das estrellas, o Cavalleiro da Eloquencia, a exemplo do Veneravel Orador da Loja de Mestre, accrescenta algumas palavras ambiguas, dirigidas aos neophytos que foram destinados a fazer mais rapidos progressos na Maçonaria. E' sobre o principio do Fogo que versa a these. Fala de Salomão, como de um sabio versado em todas as sciencias elevadas, allusão perfeitamente manifesta ás sciencias occultas, que este monarcha praticou no maldito periodo da sua vida em que, abandonando o culto de Deus, sacrificou a Astarte [a], a Moloch [b], aos mais vergonhosos idolos. E', naturalmente, a esta parte de sua vida, que o Cavalleiro da Eloquencia tece o elogio.

O Sapientissimo manda applaudir esta peça de architectura pelo signal, contra-signal, bateria e triplice Hoschêah.

Examinam-se rapidamente, se as ha, as propostas feitas para interesse do Capitulo. Saudam-se e applaudem-se os Cavalleiros Visitadores, que se dignarem de assistir á sessão. Faz-se circular e despeja-se o Tronco da Viuva. O Chanceller Mestre dos Despachos communica á assembléa a minuta ou borrão da acta (esboço da columna dos trabalhos). E' approvada, salvas observações summarias.

## II

### A CEIA

Durante o curso d'estas bagatelas, os Mestres de Ceremonias, o Architecto, o Mestre dos Agapes e os Expertos tiram o Quadro do Capitulo, cuja descripção não dei por descuido (essas telas pintadas, que se extendem no chão, representam sempre, como se sabe já, os emblemas particulares do grau), e mandam

---

(a) Divindade dos Sidonios. Parece ser a mesma que Isis. Honrava-se na figura de um novilho ou d'uma ovelha.

(b) Moloch ou Milchom era uma das divindades dos Amonitas e dos Moabitas. Crê-se ser a mesma que Saturno. O seu culto, horroroso pelos sacrificios de victimas humanas que lhe eram offerecidas, havia sido adoptado pelos Phenicios e levado d'ahi para Carthago.

trazer pelos Irmãos Serventes uma meza, coberta com toalha branca, debruada de vermelho. Sobre a meza põe-se pão, vinho, duas taças grandes de prata ou de crystal e dois guardanapos. O pão deve estar em bandeja de prata, bem como o vaso que tem o vinho.

Falta apenas suspender os trabalhos (levantar a sessão) e passar á ceremonia final da ceia.

Sapientissimo.— Cavalleiro 1.° Grande Guarda, que fim se propõem os Cavalleiros Rosa-Cruz?

1.° Grande Guarda. — Combater o orgulho, o egoismo e a ambição para fazer reinar, em seu logar, a abnegação, a caridade e a verdade.

Sapientissimo. — Quem vos recebeu?

1.° Grande Guarda. — O mais humilde de todos.

Sapientissimo. — Porque dizeis o mais humilde?

1.° Grande Guarda. — Porque era o mais esclarecido e sabia que toda a sciencia vem de cima [a].

Sapientissimo. — Cavalleiro 2.° Grande Guarda, a que hora costumam os Cavalleiros Rosa-Cruz suspender os seus trabalhos?

2.° Grande Guarda. — Sómente os suspendem quando sentem necessidade de novas forças para proseguir sua obra.

Sapientissimo. — Que horas são?

2.° Grande Guarda. — É a hora do descanço.

Sapientissimo. — Visto ser a hora do repouso, Cavalleiros 1.° e 2.° Grandes Guardas, annunciae que vamos suspender os trabalhos d'este dia.

Os Grandes Guardas repetem a formula em seus respectivos valles, e informam depois o Sapientissimo de que o annuncio está feito.

Sapientissimo. — De pé e á ordem, Cavalleiros meus Irmãos! (Obedecem)... A' gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios, etc., declaro os trabalhos do 18.° grau suspensos no Soberano Capitulo constituido com o titulo de..., no Valle de... A mim, Cavalleiros meus Irmãos, pelo signal, pelo

---

(a) Parece escusado advertir que a esta phrase não póde ligar-se aqui o sentido catholico e racional, sob pena de manifesta contradicção com a tendencia racionalista dos ensinamentos maçonicos. Que, afinal, cremos a seita mais capaz de se contradizer, como frequentemente costuma, do que de confessar tão grande verdade, como a que se contém n'aquellas palavras.

A ligar-se-lhes algum sentido verdadeiro e a não se tomarem como uma das variadas e frequentes formulas da hypocrisia das Lojas (o que nos parece mais acceitavel), então deverão talvez intender-se no sentido de que «toda a sciencia vem aos Mações do seu Anjo da Luz, ou Lucifer», que entre os profanos corre com o nome de Satanaz ou Diabo.

Sendo assim, não têm os Mações muito de que gloriar-se...

contra-signal, pela bateria (executam-se), e pela acclamação mysteteriosa!

Todos, á uma. — Hoschêah!... Hoschêah!... Hoschêah!...

Sapientissimo. — Tomae assento, Cavalleiros; vamos proceder á celebração da ceia.

Então, os Mestres de Ceremonias distribuem a cada Cavalleiro uma vara comprida de pau branco. Collocam junto á parte occidental da meza os tripés, com brazeiros, em cujo rescaldo lançam perfumes odoriferos. No centro da meza está o candelabro de onze bicos do Sapientissimo.

Sapientissimo. — Muito Respeitaveis Irmãos Cavalleiros, antes que nos deixeis, queremos partir juntos o mesmo pão e beber do mesmo calix. Cimentaremos assim melhor os laços que nos unem e amar-nos-hemos mais... A vara, que trazeis, representa o bordão a que deveis encostar-vos em vossas viagens. Modesto emblema da vigilancia, é tambem o distinctivo do imperio e do direito de exercel-o... Abeiremo-nos, meus Irmãos, da meza fraternal.

O Sapientissimo Athirsata desce do throno e vem postar-se a Oriente da meza, de face voltada para o Occidente. Os dois Grandes Guardas postam-se a Occidente, em frente do Sapientissimo; separa-os o Grão-Mestre de Ceremonias. Os Rosa-Cruz, com a vara egual á dos primeiros Funccionarios do Capitulo, collocam-se indistinctamente em torno da meza. Todos os Cavalleiros procedem em silencio.

O 2.º Mestre de Ceremonias apresenta ao Sapientissimo os pratos com o pão e o vinho.

Sapientissimo. — Grande Architecto do Universo, tu que provês ás necessidades de todos os teus filhos, abençôa o alimento que vamos tomar; seja elle para tua maior gloria e nossa satisfação!... (Tomando o pão, e elevando-o:) Este pão nos mantenha em força e vigor!... (Tomando as taças, que enche, e elevando-as:) Este vinho, symbolo da intelligencia, nos eleve o espirito!...

Divide o pão em duas partes eguaes; em seguida faz sobre o pão o signal do index (signal do grau), que equivale a uma benção feita com um só dedo erguido. O Cavalleiro da Eloquencia, que lhe fica á esquerda, executa o contra-signal. Então, o Sapientissimo dá os dois pedaços de pão, depois de haver comido d'elles, um ao Cavalleiro da Eloquencia, outro ao Chanceller Mestre dos Despachos, que lhe está á direita.

Sapientissimo. — Tomae e comei! Dae a comer a quem tiver fome!

Em seguida toma as duas taças e faz o signal do index sobre o vinho. O Chanceller Mestre dos Despachos executa o con-

tra-signal. O Sapientissimo entrega então as duas taças, depois de ter bebido de ambas, uma ao Cavalleiro da Eloquencia, outra ao Chanceller Mestre dos Despachos.

Sapientissimo. — Tomae e bebei! Dae a beber a quem tiver sêde!

O pão e o vinho circulam. Cada um dos Irmãos dá uma dentada no pão, bebe do copo, e passa-os ao visinho. E' o Grão-Mestre de Ceremonias quem recebe os dois pedaços de pão, que todos os outros morderam e dos quaes pouco resta, bem como as duas taças, de que todos tambem beberam e poucas gottas trazem já.

O Sapientissimo faz circular pela direita e pela esquerda a palavra sagrada, e bem assim o toque mysterioso. Finalmente, os Irmãos prendem-se uns aos outros, hombro com hombro, passando cada um o braço pela cinta do visinho (é a cadeia de união), e o osculo fraternal circula na assemblêa dos Rosa-Cruz.

O pouco pão e vinho, que crescer, é levado ao Sapientissimo, que o lança nos brazeiros.

Sapientissimo. — «Consummou-se tudo!»... Cavalleiros, meus Irmãos, retiremo-nos em paz, e lembremo-nos sempre do dever, que temos, de propagar no mundo todas as virtudes que nascem da Fé e da Caridade!

Os assistentes entregam as varas aos Irmãos Serventes, e todos se retiram silenciosa e recolhidamente.

A ceremonia da ceia, que não deve confundir-se com o Agape, de que mais adiante falaremos, tem logar obrigatoriamente depois das sessões de recepção, e algumas vezes em seguida ás reuniões solemnes [(a)].

## III

### CATECISMO DO ROSA-CRUZ

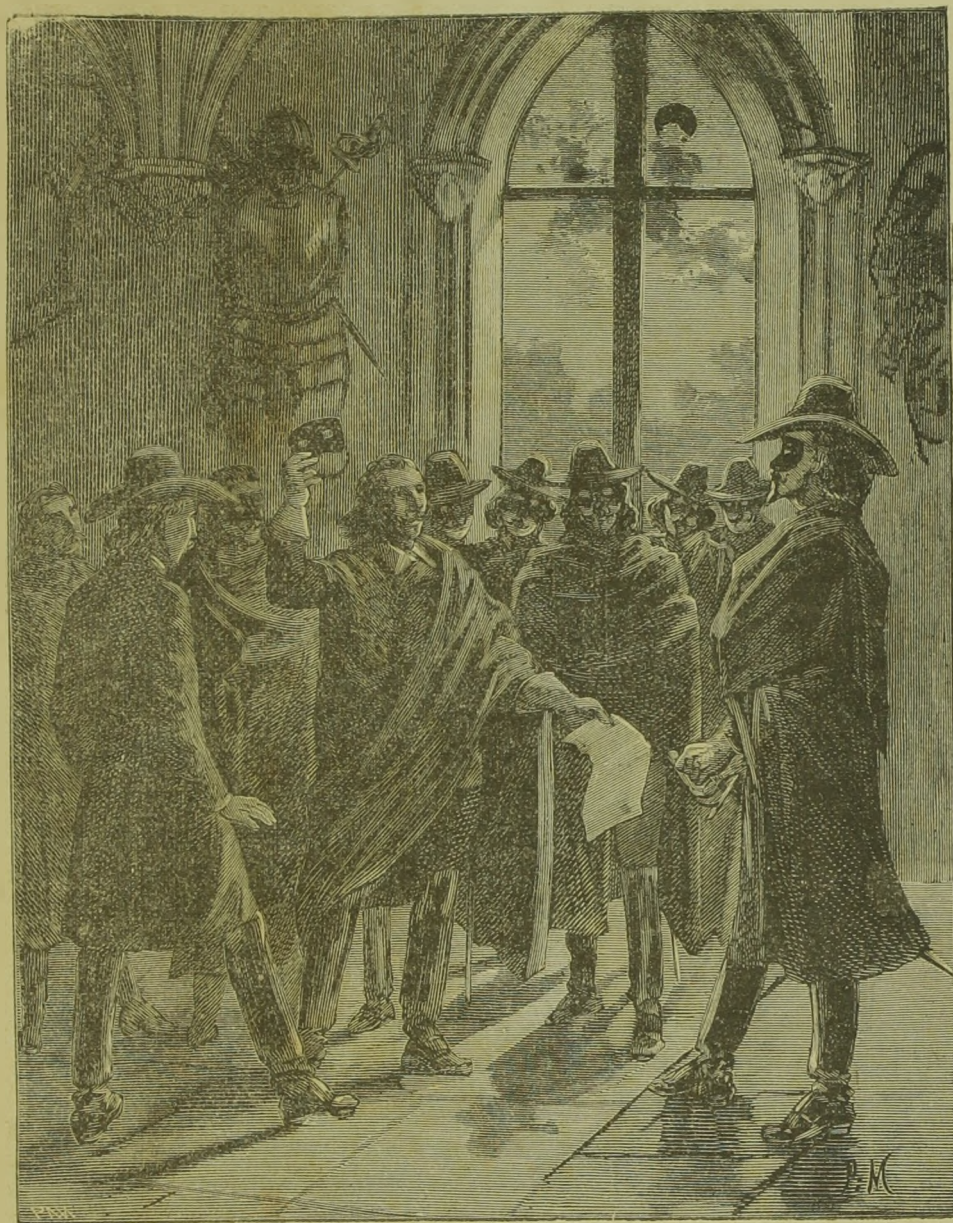
#### PRIMEIRA PARTE

P. Sois Mação? — R. Meus Irmãos me reconhecem por tal.
P. Sois Companheiro? — R. Vi a Estrella Radiante.

---

(a) Confessamos que nos tremeu a penna mais de uma vez, quando escreviamos em portuguez estes negros sacrilegios dos Mações, que bastam, só por si, para nos dar ideia da côr das almas e da dignidade dos caracteres que entram nas Lojas e tomam parte em tão horripilantes scenas. E ao mesmo passo confrange-se-nos o coração, por vêr como Christo é insultado no mais sublime mysterio do seu amor, na Sancta Eucharistia.

Não faremos commentario nem apreciação ao sacrilegio. Muito menos manifestaremos a nossa indignação. Deixamos aqui sómente declarado o dó, que temos, d'esses loucos, que proseguem tão satanico ideal. Nada mais.

Iniciação do Cavalleiro Prussiano

Um dos membros da assembléa avança, tira a mascara, declara ser o conde Ranfredo de Loegria e apostropha o neophyto: — «Mentis, lhe diz; o auto de cessão é legitimo e valido; eil-o!»

P. Sois Mestre? — R. A acacia me é conhecida.
P. Sois Mestre Secreto? — R. Glorio-me d'isso.
P. Sois Cavalleiro Eleito? — R. Meu nome póde proval-o.
P. Qual é? — R. Emerok.
P. O que significa a palavra sagrada «Mahabone»? — R. Deus seja louvado por crime e criminoso serem punidos!

P. O que significa a lettra G? — R. Geometria, Geração, Gnose.

P. Sois Escocez? — R. Sim, sou Grande Eleito, Perfeito Escocez, recebido sob a abobada sagrada.

P. Sois Cavalleiro do Oriente e do Occidente? — R. Derramei o meu sangue e fui purificado pela agua.

P. Sois Rosa-Cruz, Perfeito Mestre? — R. Tenho essa ventura.

P. Que logar vos dá este grau na Ordem? — R. O mais elevado dos que confere um Capitulo, e o 18.º na hierarchia dos graus.

P. Que grau dá principio aos graus capitulares? — R. O quarto; os precedentes chamam-se symbolicos.

P. As bases da instrucção differem na Loja e no Capitulo? — R. Não, não differem; mas alargam-se e desenvolvem-se cada vez mais, ao mesmo passo que se avança em grau, 'numa e 'noutra Officina.

P. Em que se apoiam essas bases? — R. Na marcha apparente do sol no espaço, tal como a humanidade, em sua origem, deveu comprehendel-a. O aspecto e o movimento dos astros, a medida do tempo pela duração regularmente variada dos dias e noites, deveram inspirar aos primeiros homens um sentimento de admiração por todas essas maravilhas da natureza, suggerindo-lhes a ideia do estudo e a concepção da verdade, do bello e do bem. Este estudo levou a humanidade ás sciencias, ás artes, á moral, e desenvolveu o genio do homem por via das deducções que deveu formular sobre a observação do conjuncto e harmonia do Grande Todo, chamado Universo.

P. Segundo, pois, vos parece, são as ideias inspiradas pelas maravilhas da natureza, luz e guia do espirito humano, que constituem a base de nossas instrucções? — R. Sim; e é por isso mesmo que o numero de graus em nossa Ordem augmentou com o alargamento da esphera dos conhecimentos humanos.

P. Podeis dar-me uma ideia d'essa harmoniosa progressão dos graus maçonicos e dos desenvolvimentos do espirito humano? — R. Creio que sim. Apenas começaram a existir os mysterios, o deismo e a crença na alma humana, emanação da alma universal, formaram a base principal da instrucção dos dois graus que a antiguidade praticava. Mais tarde a Maçonaria completou estes dados pelo estabelecimento do 3.º grau. Depois, os progressos realisados no campo das sciencias e das artes foram trazendo os graus superiores, esclarecendo e reformando algumas erroneas opiniões anteriores, como, para exemplo, a da immobilidade da terra, que cedeu o logar á demonstração de seu duplo movimento. Se, pois, os progressos da civilisação sublimaram cada vez mais o alcance do entendimento humano, a Maçonaria, que sempre progrediu desde

as primeiras edades do mundo, [a] não se desorganisaria porventura, se não sublimasse de tempos a tempos as suas instrucções, creando para esse fim novas escolas, por ella chamadas Officinas de Perfeição?

P. Qual é então o fim do 18.º grau? — R. Elevar a instrucção maçonica a um estado superior ao dos graus precedentes, e isto com auxilio de elementos novos que lhe fornecem a historia, as sciencias, as artes, a moral, 'numa palavra, o conjuncto dos conhecimentos humanos, ao mesmo passo que o progresso, em seu marchar incessante, alarga os horisontes da intelligencia e lhe eleva o nivel a maior altura.

P. Não dirigem as Lojas a instrucção maçonica para o mesmo fim? — R. Sim, por certo; mas tendo em conta a diversidade de forças intellectuaes e o grau de elevação de certos ramos de productos do espirito humano, em ordem a manter nos mysterios modernos a prudente gradação que fez o successo dos mysterios antigos.

P. Qual a parte que toca a cada escola 'nessa instrucção? — R. A instrucção das Lojas corresponde á que se dava aos Mystos, e a instrucção dos Capitulos á dos Epoptas nos antigos mysterios. Esta distincção é ainda conservada com toda a precisão na differença das festas que celebram as nossas duas officinas modernas: a Loja celebra a chegada dos solsticios, que abrem e fecham as portas do ceu, um no crescimento, outro na diminuição dos dias; o Capitulo celebra a chegada dos equinoxios, que entre si encerram o periodo inteiro dos dias maiores. A Loja tem por festa principal o solsticio do inverno, que marca o começo do crescimento

---

(a) Esta antiguidade, que a Maçonaria tem por costume attribuir-se sempre, é ridiculamente falsa. Um mação, Bazot, tratando pelo ridiculo a opinião de que a maçonaria é tão antiga como o mundo (opinião de Schmitz, mação inglez, e de Saint-Martin), escreve: «Não se pode ir mais longe: Deus creou a luz; por consequencia, Deus é o primeiro Franc-Mação. Comtudo Deus não podia celebrar loja sendo só. Deixou-se este cuidado a Adão...» Rebold, Ragon, Rédorès, Reghellini de Schio, Acerellos e em geral os mações do meado do nosso seculo entendem que a Maçonaria vem dos gynmosophistas da India; Alexandre Lenoir pensa que vem dos templos de Memphis ou de Heliolopolis; outros creem que dos mysterios de Eleusis, na Grecia; outros dizem que do culto da boa Deusa, entre os Romanos; outros suppõem que da construcção do Templo de Salomão. Thomaz Payne deriva-a da religião druidica; o P. Breschiani dá-lhe por origem o manicheismo; Bonneville fal-a remontar aos Cruzados; muitos affirmam que data da instituição dos tribunaes secretos na Allemanha (secc. XIII e XIV); Robins, Boubée e Thschoudy querem que seja do mysticismo religioso de Cromwell e de seus partidarios; outros referem-na á conspiração dos realistas, inimigos do Grande Protector. Porém as duas opiniões mais provaveis são: a do Padre Gyr, que lhe assigna por origem a fusão, operada na Escocia, dos Pedreiros da Edade-Media com os Templarios expulsos de varias nações e condemnados pela Egreja (sec. XVI); e a de Mgr. Amandio Fava, bispo de Grenoble, que que attribue a fundação da seita a Fausto Socino (sec. XIV), e a sua diffusão e propagação a Cromwell na Inglaterra, Voltaire na França, Weishaupt na Allemanha e Cagliostro na Italia, em tempos posteriores.

Qualquer d'estas opiniões, mais ou menos modificada, é a corrente entre os Mações sinceros e conhecedores da historia da seita.

dos dias; o Capitulo tem por festa principal o equinoxio da primavera, que marca o principio do periodo dos dias maiores, chamado o reinado da Grande Luz. Sob o ponto de vista moral, a fraternidade resalta da instrucção das Lojas, e a solidariedade da instrucção dos Capitulos.

P. Que factos fundamentam a instrucção maçonica dos differentes graus? — R. No 1.º e 2.º grau, a instrucção maçonica tem por base a existencia do Grande Architecto do Universo e a immortalidade da alma humana, bem como os diversos phenomenos indicativos das leis que regem a natureza; nos graus seguintes, a instrucção baseia-se sobre os mesmos factos e, ademais, sobre as circumstancias historicas da creação, destruição e reconstrucção do templo erguido por Salomão ao Pae da Natureza.

P. A que factos se refere a instrucção desde o 4.º ao 14.º grau? — R. Do 3.º ao 14.º grau, Salomão reina; construe-se o templo; Hiram, chefe dos trabalhos, é assassinado; ergue-se-lhe um mausoleu; os assassinos são perseguidos, encontrados, mortos, e o Mestre Hiram é substituido por sete Mestres, que são ulteriormente elevados a outros graus.

P. A que factos se refere a instrucção do 15.º grau? — R. No 15.º grau, Nabuchodonosor, rei de Babylonia, declara guerra a Sedecias, successor de Salomão; entra vencedor em Jerusalem, destroe o Templo, rouba as alfaias preciosas, massacra a tribu de Levi, e leva em captiveiro para a Assyria as outras tribus vencidas. Mais tarde, Cyro, successor de Nabuchodonosor, dá liberdade aos captivos, restitue-lhes as alfaias que haviam sido levadas do Templo, e auctorisa-os a reedifical-o sob a direcção de Zorobabel, que constitue Cavalleiro do Oriente.

P. A que factos se refere a instrucção do 16.º grau? — R. No 16.º grau, reconstrue-se o Templo; os Samaritanos tentam obstar á reconstrucção; mas Dario, successor de Cyro, ordena-lhes que se retirem, e nomeia Zorobabel Principe de Jerusalem. Esta dignidade é tambem concedida, a seu pedido, a alguns dos seus; porém fica elle o chefe de todos.

P. A que factos se refere a instrucção do 17.º grau? — R. No 17.º grau, concluida a reedificação do Templo, alguns Principes de Jerusalem passam a Cavalleiros do Oriente e do Occidente, e a boa nova e a verdade são propagadas tanto entre os filhos de Sem, como entre os descendentes de Japhet.

P. A que factos se refere o 18.º grau? — R. No 18.º grau, propagada a verdade e esclarecidos os espiritos, alliam-se diversos povos e organisam entre os Cavalleiros do Oriente e do Occidente um grande conselho, chamado dos Cavalleiros Rosa-Cruz, a

quem encarregam a resolução e julgamento de todas as difficuldades que possam surgir entre elles d'ahi ávante.

P. Que consequencias inferís do conjuncto d'esses factos nas suas relações com a instrucção maçonica? — R. Concorrem para o desenvolvimento do ensino nos graus symbolicos, sob o ponto de vista da instrucção especial, necessaria a todos os individuos e a todos os grupos, em ordem a viverem em paz o individuo com a collectivade, e esta com aquelle, e morrerem no dever quando a hora lhes chegar. Taes factos facilitam o ensino nos graus capitulares, sob o ponto de vista da instrucção geral e internacional, necessaria a todos os povos em suas relações mutuas, fazendo que mais facilmente se conciliem, em despeito de sua variedade, os interesses e crenças de todos, e ensinando por essa via como os imperios se desmoronam e as nações se constituem e progridem.

### SEGUNDA PARTE

P. Onde fostes recebido Cavalleiro Rosa-Cruz? — R. Em um Capitulo, onde reinava o amor das sciencias e a humildade.

P. Quem vos recebeu? — R. O mais humilde de todos.

P. Que intendeis dizer com isso? — R. Que as unicas distincções, admittidas em nossas assemblêas, são os talentos, e que o mais instruido vê, que nada sabe em comparação com o que lhe resta para saber [a].

P. Qual é a duração dos trabalhos dos Cavalleiros Rosa-Cruz? — R. Começam no momento em que a luz do dia se obscureceu, recordação allegorica da destruição do Templo. figura astronomica do ponto em que o sol, na sua marcha apparente, occupa o menos elevado dos signos inferiores do Zodiaco; acabam no momento em que a luz reappareceu, recordação allegorica da reedificação do Templo, figura astronomica da volta do sol aos signos superiores, cessação das trevas e imperio da paz universal.

P. Como fostes recebido Cavalleiro Roza-Cruz? — R. Com todas as formalidades proprias de um objecto tão importante.

P. Onde tiveram logar os trabalhos de recepção? — R. Em tres salas distinctas: uma funebre, outra escura, e a terceira fulgurante e resplandente de luz.

---

(a) No Catecismo portuguez do Cavalleiro Roza-Cruz esta resposta differe um pouco: «Que as unicas distincções, admittidas nas nossas assembleias, são fundadas na humildade e na obediencia.»

Outras divergencias, e algumas radicaes, se notam entre os catecismos portuguez e francez, resaltando, logo á primeira inspecção, o caracter de ommisso, que cabe ao primeiro, mesmo e principalmente nos pontos mais fundamentaes e importantes do grau.

Daremos em nota as variantes mais dignas de menção.

P. Em que estado fostes apresentado no Capitulo? — R. No da mais perfeita liberdade de meus sentidos e de minha vontade.

P. Que fizestes, quando entrastes? — R. Minh'alma ficou enlevada com o espectaculo que se me apresentou; o silencio, a attitude dos Cavalleiros, a disposição do templo, tudo me fez conceber uma ideia grande do que ia aprender.

P. Que fizeram de vós, depois de introduzido? — R. Fizeramme viajar.

P. Que aprendestes nas viagens? — R. Vi as tres columnas, sustentaculos do nosso edificio, cujos nomes repeti e gravei para sempre no meu coração.

P. Que nomes são esses? — R. Fé, Esperança, Caridade.

P. O que vem a ser a Fé? — R. E' a crença na existencia de uma cousa demonstrada ou reconhecida pelos sentidos, pela intelligencia e pela razão. Pelo sentimento e pelo juizo fortifica o homem a sua crença, a sua Fé, pois são elles quem o ajuda a discernir o justo do injusto, o verdadeiro do falso, o bem do mal. Crer uma cousa porque se não comprehende ou «porque é absurda», como fez S. Agostinho, é indigno de um ser pensante, é renunciar ao livre arbitrio, desconhecer a legitimidade dos sentidos, negar as verdades da sciencia. Quem possue a Fé, tal como ella deve ser, tem o poder de vencer o Mal; poderá executar quanto conceber, porque apenas desejará o que fôr justo e util a si e a seus Irmãos. Quem crê cegamente é um fanatico perigoso, filho do Cahos, isto é, da noite, ao passo que os Mações são filhos da Luz; é um ignorante, que, em vez de saber, crê, em vez de pensar, imagina, e cujos sonhos geram o erro, um dos flagellos da humanidade [a].

P. O que vem a ser a Esperança? — R. E' a aspiração da alma humana para o infinito; é uma disposição de animo, que nos persuade de que nossos desejos se realisarão; é a expectativa de um bem que se deseja e parece dever effectivar-se. A mythologia e a religião fizeram, sem razão nenhuma da esperança, aquella uma divindade, esta uma virtude; segundo a natureza e a Maçonaria, é

---

(*a*) O Mação crê em lendas sem naturalidade, symbolos sem verdade objectiva, coisas ridiculas e signaes sem significação real; e crê, porque a Loja lhe impõe a crença, porque o estimulo da sensualidade, dominando e subjugando o da racionalidade, o instiga a acceitar por verdadeiro o que a vontade pervertida mais ama, o que mais favorece e se accommoda ás inferiores tendencias que o homem tem.

O Christão crê em factos reaes e historicos, em verdades objectivas, em dogmas racionaes e razoaveis, em coisas dignas da sua natureza de ser elevado e mais perfeito, de ser humano; e crê, porque a razão lhe diz que assim deve fazer, porque a Egreja lhe pede a fé, mas fé racional e, quanto possivel, esclarecida, porque a mesma fé lhe eleva o coração ao vertice sublime da moralidade, da virtude, da perfeição, da felicidade, — não como os Mações as entendem, mas tomadas no verdadeiro sentido, no sentido real e positivo.

Qual dos dois é, pois, mais fanatico e perigoso? Qual d'elles, em vez de saber, crê? Qual, em vez de pensar, imagina?

ella apenas um estado da alma, um sentimento. A' Esperança, emfim, oppõe-se outro sentimento o do medo; e estes dois sentimentos oppostos são as mais poderosas alavancas de que os padres se servem para se assegurar o dominio dos corpos e das almas.

P. O que vem a ser a Caridade? — R. A Caridade é o amor sagrado da humanidade, a primeira das virtudes e uma das pri - cipaes bases da lei maçonica. Jámais foi monopolio de qualquer seita religiosa, porque é, no coração do homem, um sentimento muito independente dos tempos e dos logares. Seu fim é a felicidade do genero humano. O papel que desempenha, é consolar, pacificar, unir os homens, introduzir a justiça em suas relações e em suas leis. Animou em todos os tempos as almas generosas e os philosophos de todo o mundo. Se todos os povos obedecessem aos seus doces impulsos, a concordia e a felicidade reinariam na terra. A Caridade é a palavra mais bella de todas as linguas humanas: mas o orgulho sacerdotal desnaturou-a e baniu-a, desde a sua origem, da boa sociedade, dando-lhe um sentido arrogante e desprezivel; fazendo esse termo synonymo de esmola, os padres deprimiram-lhe o sentido humanitario. A Caridade não é a beneficencia: esta consiste apenas na arte de soccorrer um desgraçado, ou porque n'isso se acha prazer, ou porque seus soffrimentos nos incommodam, e este acto apenas tem por termo nós mesmos; a Caridade, pelo contrario, exprime uma dupla ideia, e faz sentir um duplo prazer, o de fazer bem, e o de fazel-o a um ser que nos é querido. Engana-se, pois, tambem, quem qualifica a Caridade de virtude theologal; pois «theologal» quer dizer «que tem a Deus por objecto»; ora a Caridade sómente abrange a humanidade e a humanidade inteira; é, pois, como synonyma da Fraternidade, uma virtude eminentemente maçonica e de modo nenhum uma virtude theologal.

P. O que vem a ser a lei maçonica? — R. E' a lei fundamental, a primeira, a mais antiga e a base de todas as nossas leis.

P. Não é conhecida por outro nome? — R. Sim, chama-se Lei Natural.

P. Porque é assim chamada? — R. Por ser natural, innata, no homem não depravado.

P. Em que consiste? — R. Contemporanea das primeiras edades, foi um conjuncto de sentimentos e de preceitos, que formou o laço moral da familia e da communidade social; seu sopro inspirador produziu a ordem primitiva no feliz tempo em que o homem, tendo nascido bom, punha por obra a justiça sem o movel degradante do castigo e das recompensas d'uma vida futura. Durante essa edade patriarchal, foi ella a unica luz da sociedade humana, a unica consagração dos costumes e das leis.

P. Constitue, pois, uma religião? — R. Não. E' talvez a religião dos sabios e das pessoas virtuosas, porque é o facho moral e o guia do homem, que ella tende a fazer esclarecido de espirito, bom de coração, justo em suas acções, perfeito em suas obras.

P. Porque não se chamaria Religião Natural? — R. Primeiramente porque, não havendo victima sacrificada, não ha religião, segundo o conceito que d'ella se forma; depois, visto haver-se com cedo abusado d'esse nome, que só a ella convem, tal denominação não deveria pertencer-lhe de novo, pois não exprimia perfeita e completamente o alcance de uma lei que liga todos os povos 'numa mesma luz, em um mesmo sentimento, 'num preceito unico: «Fazei a outrem o que quizèrdes que vos façam, e tornae-vos amaveis um dos outros, para que vos ameis todos e vos ajudeis reciprocamente.»

P. Que vos fizeram depois de vos haverem mostrado as tres columnas, sustentaculos do nosso edificio? — R. Revestiram-me com os signaes de dôr e arrependimento; depois fiz com meus Irmãos Cavalleiros do Oriente e do Occidente uma viagem commemorativa, que nos fez passar da tristeza á alegria, por um caminho accidentado e tenebroso, onde a firmeza, com que supportámos nossas fadigas, nos grangeou as recompensas a que aspiravamos.

P. Que procurastes vós 'nessa derradeira viagem? — R. A verdadeira palavra, perdida por tibieza dos Mações.

P. Conseguistes achal-a? — R. Sim; a nossa perseverança fez com que podessemos alcançal-a.

P. Quem vol a deu? — R. A ninguem é permittido dal-a; mas eu mesmo, reflectindo no que vi, achei-a com soccorro d'aquelle que é seu auctor.

P. Dae-m'a. — R. Não posso.

P. Como poderei conhecel-a? — R. Interrogando-me sobre os meus estudos.

P. Onde bebestes mais conhecimentos. — R. Na India.

P. Quem melhor vos guiou? — R. A Natureza.

P. O que produziu ella em vós? — R. A minha Regeneração.

P. O que haveis de combater? — R. A Ignorancia. [a]

P. Em vossa derradeira viagem não notastes qualquer grande

---

(*a*) O Catecismo Portuguez diverge muitissimo. Eis como, segundo elle, se procede:
«S.·. e P.·. M.·. D'onde vindes?
«R.·. e P.·. C.·. Da Judêa.
«S.·. e P.·. M.·. Porque cidade passastes?
«R.·. e P.·. C.·. Por Nazareth.
«S.·. e P.·. M.·. Quem vos conduziu?
«R.·. e P.·. C.·. Raphael.
«S.·. e P.·. M.·. De que tribu sois?
«R.·. e P.·. C.·. Da de Judá.»

A Lenda do Real-Facha

O corpo de Hiram foi inhumado sob o altar do Templo, e Salomão, abandonando o culto de Adonai, sacrificou a Moloch, divindade dos Tyros, genio do Fogo.

verdade contida n'um antigo aphorisma dos primeiros philosophos? — R. Sim; o espectaculo, que vi, fez-me pensar n'esse aphorisma, e a verdade, que elle encerra, surprehendeu-me sempre.

P. Qual é, pois, o aphorisma? — É este: «*Igne Natura Renovatur Integra*», que, litteralmente, se traduz assim: «pela Ignição (fogo) a Natureza se Renova Integralmente».

P. *I.* — R. *N.* — P. *R.* — R. *I.* [a].

P. O que se fez em seguida a esta descoberta? — R. Guiados pelo Sapientissimo, todos os meus Irmãos applaudiram.

P. Ficaram, com as viagens, perfeitos os vossos trabalhos? — R. O Sapientissimo ordenou que me conduzissem aos pés d'aquelle, ante quem todos se curvam, para ahi prestar o meu juramento.

P. Como o prestastes? — R. Do modo mais respeitoso, com o coração penetrado do que dizia, e com o firme proposito de observar todas as minhas promessas.

P. Porque se refere o elemento *Fogo* de modo especial ao grau de Rosa-Cruz? — R. Porque, havendo os graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre symbolisado a primavera, o estio e o outomno, o de Rosa-Cruz, que é o Perfeito Mestre, devia symbolisar o inverno, estação do Fogo. Estes quadros da natureza foram engenhosamente traçados em nossos graus por sabios, que jamais olvidaram o dever de pintar, não o que parece, mas o que é realmente. A epocha do anno, a que deve referir-se a *Terra*, é aquella em que o solo se cobre de verdura e de flôres; é então que os campos vão entregar ao homem os thesouros que este lhes confiou; o primeiro elemento deve, pois, referir-se á primavera. No estio, o ceu, mais puro, parece brilhar com um fulgor mais vivo; o sol esparge seus mais ardentes raios, que parecem descer em linguas de fogo para dar fala aos seres vivos, e o ar, rarefeito pelo calor, desenvolve uma acção mais poderosa e efficaz; é, pois, ao estio que se refere o elemento *Ar*. O outomno, estação das chuvas, é, por sua vez, caracte-

---

(*a*) Tambem aqui o Catecismo portuguez varia. Ensina assim:

S. ·. e P. ·. M. ·. Não fiquei mais instruido com isto, meu I. ·., do que antes estava.

«R. ·. e P. ·. C. ·. Pois fazei como eu: reuni as lettras iniciaes de cada palavra, e achareis o objecto de nossas viagens e de nossos mysterios.

«S. ·. e P. ·. M. ·. — I —
«R. ·. e P. ·. C. ·. — N —
«S. ·. e P. ·. M. ·. — R —
«R. ·. e P. ·. C. ·. — I —».

D'aqui, comparando os processos de um e outro catecismo, e examinando o que falta 'num e 'noutro ha, se infere claramente, que os Mações portuguezes não quizeram preoccupar-se com aphorismas e principios philosophicos e theologicos, nem outrosim com o symbolismo fundamental do grau, na sua parte anti-religiosa, anti-social e anti-moral. Seria por que o compilador do Catecismo não fosse muito apto para fundas philosophias? Seria, por outro lado, porque nos tempos immediatamente posteriores ás nossas malsinadas revoluções politicas (o catecismo tem a data de 1851), quando o povo ainda tinha algum sentimento religioso, a Maçonaria fosse mal vista, e não quizesse oppôr se expressa e abertamente á crença da maioria do paiz?

risado pelo elemento *Agua*, cujo symbolo é o Aquario. Para caracterisar, finalmente, a quarta estação, ouçamos o que o poeta diz do quarto elemento. «O Fogo esconde-se em toda a parte, domina a natureza inteira; tudo produz, renova tudo, tudo divide, consomme tudo e tudo alimenta [1]». No inverno, o calorico concentra-se e, emquanto os nevoeiros cobrem a superficie do solo, prepara a natureza, no interior d'elle, todas as maravilhas que hão de encantar-nos a vista na primavera e enriquecer-nos no outomno; é então que o Fogo central, o Fogo elementar, o Fogo da natureza opera com maior intensidade e poder; é então que, embora occulto, *ignis ubique latet,* realisa as mais estupendas maravilhas; é então que elle domina a natureza, *naturam amplectitur omnem,* fecunda-a, e opera no universo inteiro o movimento que nos traz, n'uma ordem constante e eterna, o sol e os dias bons. E' o Fogo occulto, mas sempre activo, que produz tudo, que tudo alimenta, *cuncta parit, cunctaque alit;* é o Fogo, a alma da natureza, cujas formas perpetuamente renova, que separa os elementos dos corpos ou lhes reune as moleculas dispersas, *cuncta renovat, cunctaque dividit;* é o Fogo, emfim, que, tendo sido o principio da vida de todos os seres, virá a ser, em consequencia de sua actividade, a causa sempre activa de sua destruição e aggregação a novos mixtos, *cuncta urit.* Os sabios dos antigos tempos julgaram o Fogo de tal modo activo que, reputando-o pelo primeiro dos agentes naturaes, d'elle fizeram primeiramente o emblema da divindade, e mais tarde o tiveram pela divindade mesma.

P. Dae-nos o vosso parecer sobre a palavra maçonica ou Verbo. — R. A palavra maçonica é o Verbo civilisador do genero humano. Vinculo da sociabilidade, faz a universalidade dos homens participante da vivificadora luz da Verdade, e condul-a á certeza pela evidencia. Lyra sagrada, exprime as harmonias dos mundos, a essencia dos seres, sua natureza e suas relações. Zoroastro, o sublime Moysés da religião d'Ormuzd, o primeiro soberano pontifice do culto do Fogo, chamava ao Verbo a luz e a lei, que para nós valem por Verdade e Justiça. A palavra maçonica é o Verbo da razão, falando-nos aos sentidos; é a sabedoria opposta aos interesses materiaes; é Ormuzd, deus da Luz, dizendo a Zoroastro: « Eu sou a Palavra que destroe os males combatendo Ahriman, pae da mentira e da ignorancia. » Do mesmo modo que Jesus, figura do sol novo, que nasce no solsticio do inverno, o Verbo é o cordeiro que tira os peccados do mundo, isto é, que dissipa as nevoas hiemaes.

---

(1) *Ignis ubique latet, naturam amplectitur omnem;*
*Cuncta parit, renovat, dividit. urit, alit.*

P. Dae-me a palavra de passe. — R. (Dá-a).
P. Dae-me a resposta. — R. (Dá-a).
P. Dae-me o toque. — R. (Dá-o).
P. Está justo. Qual é a ordem do Grau? — R. A do Bom Pastor. (Põe-se á ordem).
P. Porque se chamou Rosa-Cruz ao 18.º grau? — R. Porque a joia do grau é uma Cruz com uma Rosa na intersecção dos braços.
P. O que significa esse emblema? — R. A Cruz é antiquissima, d'uma antiguidade até inaccessivel ás tradições. Era, entre os antigos, um symbolo da juncção crucial da ecliptica com o equador, nos pontos celestes correspondentes, d'um lado ao meio de Piscis e Aries, e d'outro a Virgo; e é essa a razão porque a *crux ansata* ou o Táu sagrado dos Egypcios, em forma de cruz com aza, que se vê na esphera por cima da fonte, se tornou a Chave do Nilo, pois o ceu a apresentava sob esta forma. Veio a ser tambem o attributo de Isis ou da Virgem; e deu isso origem a dizer-se que Isis abria os diques do Nilo e fazia espargir as suas aguas sobre os campos ribeirinhos, quando o sol cobria com seus raios a Constellação da Virgem, depois de seu repouso solsticial... A Cruz, convertida em objecto de adoração, era apenas, para os iniciados, uma imagem dos equinoxios, quando o sol, em seu curso annual, passa successivamente por aquelles dois pontos. Esta figura celeste é, pois, consoante indica a primavera ou o outomno, um symbolo de vida ou de morte, de regeneração ou destruição; a Cruz devia, por conseguinte, pertencer á lenda que tem o sol por objecto... Por outro lado, a Cruz, que os Epoptas levavam nas festas de Osiris, como symbolo do principio fecundante, era um triplice phallo offerecido á veneração dos povos. Designava tambem os tres elementos, Terra, Ar e Fogo, considerados como vindos da Agua, elemento primitivo; esta ideia cosmologica é, de resto, a do auctor do Genesis, que, antes da existencia de todas as cousas, põe a existencia da agua... [a]. Só em 680, no sexto synodo de Constantinopla (canon 82), [b] é que foi determinado, que, em vez do

---

(a) A isto chama-se uma refinada mentira. Moysés, antes da existencia das cousas apenas colloca a existencia de Deus, fóra de quem o nada existia.

(b) N'estas curtas affirmações ha muitos erros historicos.

Primeiramente, o sexto concilio de Constantinopla não tem a data de 680, mas de 383. O concilio celebrado em Constantinopla em 680 não é o 6.º de Constantinopla; é o 6.º concilio economico e 18.º dos que n'aquella cidade foram realisados, cujas datas são: 336, 359, 362, 381, 382, 383, 394, 426, 428 (429?), 448, (449?) 450, 459, 492, 518, 536, 553, 587, 680.

A de mais o concilio em questão não redigiu canones alguns, como são accordes em dizer, não só os auctores da Egreja latina, mas ainda e principalmente os mesmos Gregos, cujas practicas mais usadas os pretendidos canones prescrevem.

Acresce a circumstancia de nunca serem acceites, ao menos em sua maioria, os mesmos pseudo-canones na Egreja latina, chegando alguns historiadores a dar boa razão d'esse facto.

Finalmente o Catecismo restringe, por conveniencia e em desproveito das regras da boa

antigo symbolo, se representaria um homem preso a uma Cruz, sendo isto confirmado pelo papa Adriano I; foi desde então que as mulheres substituiram uma Cruz ao pequeno phallo d'ouro, que usavam pendente do pescoço... Era, emfim, na epoca da resurreição annual da natureza que os primeiros Cavalleiros Rosa-Cruz immolavam o cordeiro paschal, emblema do sol da primavera, que, em sua passagem pelo signo de Aries, se converte symbolicamente em cordeiro reparador... No que concerne á Rosa, é ella o mais sensivel, o mais gracioso dos emblemas maçonicos. Foi em todos os tempos a rainha das flores, o perfume dos deuses, o enfeite das graças, as delicias de Cytherea [(a)], o ornamento da terra. E' o symbolo dos sentimentos mais diversos, das coisas mais oppostas: a piedade decora com ellas o templo; o amôr e a alegria fazem d'ellas corôas; a dôr as desfolha sobre os tumulos; o pudôr e a caridade recebem-na como o melhor dos premios. Os antigos chamavam-lhe o esplendor das plantas. Por isso em todos os seculos e em todos os paizes foi á porfia celebrada essa flor, cuja presença basta para nos trazer á lembrança as ideias mais bellas, as comparações mais risonhas e os mais secretos symbolos da belleza. A Rosa é o emblema por excellencia da mulher; e, como a Cruz ou o triplice phallo symbolisa a virilidade ou o sol em todo o seu vigor, a reunião d'estes dois emblemas offerece um sentido novo, e exprime a reunião dos dois sexos, symbolo da regeneração universal... No tocante ao titulo d'este grau, os Mações consideram a Cruz, cujos ramos designam os quatro pontos cardeaes, como um emblema da immortalidade humana e da santidade de sua união, e a Rosa como imagem da discreção e symbolo do silencio, pois se diz estar-se *sub-rosa* quando nada ha a temer dos indiscretos. Uma Rosa sobre uma Cruz é, pois, o modo mais simples de escrever em hieroglypho: «Segredo da Immortalidade», o derradeiro e mais secreto conhecimento dos mysterios antigos.

P. Que fizeram de vós, depois de vos darem os meios de reconhecimento? — R. O Sapientissimo consagrou-me Cavalleiro Rosa-Cruz; decorou-me com a fita e a joia do grau; e, depois de haver-me feito reconhecer por todos os Cavalleiros presentes, deu-me logar no Capitulo.

P. Qual é a hora do Perfeito Mação? — R. O momento em

---

interpretação, uma ideia muitissimo lata que se contem nas palavras do canon citado (82), e mente especialisando uma determinação generica.

Consulte-se Hardouin, e meditem-se as suas palavras, no tomo III da obra — *Acta conciliorum et epistolae decretales ac constitutiones summorum pontificum.* - - Paris, 1711, — nas columnas 1646, 1691 e 1692. Esta obra encontra-se com facilidade em qualquer bibliotheca publica.

(*a*) Cognome de Venus.

em que a palavra se recuperou, em que a pedra cubica se transformou em Rosa mystica, em que a Estrella Radiante [a] tornou a apparecer com todo o seu explendor, em que nossos instrumentos recuperaram a sua fórma, em que a luz foi restituida a nossos olhos em todo o seu fulgor, em que as trevas se dissiparam e a Nova Lei Maçonica deveu começar o seu reinado.

*Conclusão:* Sigamos, pois, esta lei, visto ser ella a consequencia de tantos prodigios, e sejamos-lhe sempre fieis.

## IV
### SESSÕES ORDINARIAS

O grau de Rosa-Cruz dá fim á serie dos que constituem a Maçonaria Vermelha. Desempenha o mesmo papel que o grau de Mestre na Maçonaria Azul. Todos os graus que vão do 4.° ao 17.° são uma preparação para o 18.°, em que têm seu complemento; e, assim como uma Loja sómente é «perfeita» quando trabalha em sessão de Mestres, assim tambem um Capitulo sómente será «perfeito» quando trabalhar em sessão de Rosa-Cruz.

Para formar um Capitulo são precisos pelo menos nove Mações do 18.° grau. Constituido assim, os Irmãos, que o formam, recrutam nas Lojas os Mestres que pensam dever elevar aos graus superiores; e estes, em harmonia com as determinações d'aquelles, attravessam mais ou menos rapidamente os graus capitulares.

Todo o Rosa-Cruz, que entra em um Capitulo, fica constituido na obrigação de pagar, pelo menos durante tres annos, as suas quotas ou foros annuaes. Deve, a de mais, assignar o original do Regulamento particular do Capitulo.

Os Capitulos celebram, obrigatoriamente, seis sessões [1] solemnes por anno (minimum); mas nem todas são sessões de iniciação. Fazem-se por vezes conferencias n'estas reuniões; não são, em geral, conferencias politicas, mas dissertações sobre o pantheismo, e outras vezes predicas gnosticas, cujo fim é preparar os adeptos para as praticas da Maçonaria Negra.

Uma das sessões obrigatorias é consagrada á eleição dos Funccionarios do Capitulo; celebra-se dias depois do equinoxio do outomno [2], e a installação dos novos Funccionarios faz-se na sessão seguinte.

---

(1) Os Capitulos que seguem o Rito Francez sómente são obrigados a celebrar quatro sessões.

(2) No Rito Francez, a eleição dos Funccionarios dos Capitulos tem logar no mez de janeiro.

(a) O catecismo portuguez costuma verter *Rutilante*.

A duração dos cargos é annual.

Nenhum Funccionario, excepto o Deputado á Grande Loja Central, o Thesoureiro e o Esmoler, pode manter-se no mesmo cargo por mais de tres annos.

Quando todos os membros do Capitulo têm o 18.º grau, a eleição geral dos Funccionarios faz-se directamente sobre a maioria dos membros activos presentes á sessão consagrada *ad hoc;* os escrutinios são secretos. Se, pelo contrario, o Capitulo tem Irmãos, que estão ainda nos graus intermedios (do 4.º ao 17.º inclusivè), a eleição realisa-se com as formalidades prescriptas para a nomeação dos Funccionarios das Lojas: os Rosa-Cruz reunem-se previamente em separado e escolhem os candidatos; depois reunem-se com os membros de graus inferiores e, 'nessa reunião geral do Capitulo, a votação só póde recahir nos candidatos apresentados pelos Rosa-Cruz.

Os Capitulos tomam muito mais precauções que as Lojas para affastar os curiosos. Assim, para ter entrada em uma Loja qualquer, basta que se prove haver recebido pelo menos o grau de Mestre, seja em que rito fôr. Porém para entrar em um Capitulo, ainda que um seja Rosa-Cruz, é preciso haver-se previamente filiado no rito da Officina que deseja visitar. O art. 221 dos Regulamentos Geraes é formal: «Qualquer Cavalleiro Rosa-Cruz, que venha d'outro Rito e deseje ser admittido em um Capitulo, deverá previamente requerer filiação em Loja Escoceza do Oriente d'este e apresentar, em abono de sua petição, as quitações da sua Loja e o seu Breve, que será trocado por um novo Breve do Rito Escocez Antigo e Acceito.»

A que vem tão grande luxo de precauções, se não porque, ao par e passo que se avança na Maçonaria, os trabalhos das Officinas vão sendo cada vez menos capazes de franca declaração?

Nos Capitulos, de resto, não ha preoccupação com as bagatelas dos graus inferiores. Communica-se o resultado das observações sobre taes e taes membros da Loja ou Lojas subordinadas, que foram escolhidos pelos chefes secretos para ser iniciados nos altos graus; redigem-se relatorios sobre os seus merecimentos, e discutem-se. Examinam-se os autos de espionagem, relativos aos Irmãos indicados como suspeitos. Preparam-se as eleições dos Funccionarios das Lojas; dispõe-se a tarefa das Officinas inferiores. Tudo isto dá aos Rosa-Cruz um cuidado sério; porque um Capitulo nem sempre tem uma Loja só subordinada, antes se occupa, pela maior parte das vezes, dos trabalhos de muitas.

A unica distracção dos Capitulos está nos Agapes, de que falarei adeante. E nem mesmo estes Agapes ou banquetes capitulares constituem, rigorosamente falando, uma distracção para os

Rosa-Cruz; taes festins são antes de tudo verdadeiros sacrilegios.

Finalmente, os Capitulos não se limitam ao minimum das sessões obrigatorias. Celebram sempre uma reunião alguns dias antes da sessão das Lojas suas subordinadas, que «espionam» por conta da auctoridade suprema. Os Rosa-Cruz são os espias encartados das Lojas.

## CAPITULO SETIMO

## BANQUETES DOS CAPITULOS

### I

### BANQUETES DOS ELEITOS

Para um ser admittido aos banquetes dos Eleitos faz-se mister ter recebido, pelo menos, o grau de Sublime Cavalleiro Eleito (grau 11.º).

Taes banquetes são facultativos para os Conselhos; as officinas que trabalham no 11.º grau não têm n'este particular obrigação alguma.

Os utensilios da meza e os comestiveis têm os mesmos nomes que nos banquetes das Lojas, salvas duas excepções: os copos, em vez de *canhões,* chamam-se *urnas;* as facas, em vez de *alfanges,* chamam-se *punhaes.*

A manobra para as saudes executa-se assim:

— Bandeira enrolada no braço!...

Cinge-se o braço esquerdo com o guardanapo, previamente enrolado, e seguram-se as pontas com a mão.

— Mão direita ao punhal!...

Pega-se na faca.

— Punhal contra o coração!...

Colloca-se a faca ao comprido sobre o seio esquerdo, com o pollegar estendido sobre o cabo.

— Punhal na mão esquerda!...

Passa-se a faca para a mão esquerda, com a ponta voltada para o chão.

— Mão direita á urna!...

Pega-se no copo.

— Levantar urnas!...

Eleva-se o copo á altura da bocca.

— Despejemos a urna em tres tempos!... Um!... Dois!... Tres!...

A Lenda do Chefe do Tabernaculo

O Deus dos Christãos é o monstruoso crocodilo que devora a humanidade; felizmente, porém, Eblis, sempre intrepido, combate-o.

Bebem por tres vezes.

— Urnas á frente!...

Extende-se o braço, segurando sempre o copo com a mão direita.

— Mergulhemos o punhal na urna!...

Mergulha-se tres vezes, com a mão esquerda, a faca no copo, e de cada vez se diz compassadamente: — *Nekam!*

— Urnas sobre o coração!...

Encosta-se o copo ao peito, do lado esquerdo.

— Pousemos a urna em tres tempos!... Um!... Dois!... Tres!...

Pousa-se o copo exactamente como nos banquetes das Lojas.

— Punhal na mão direita!...

Passa-se a faca da mão esquerda para a direita, mantendo-a sempre de ponta voltada para o chão.

— Levantar punhaes!...

Ergue-se a faca horisontalmente á altura do hombro.

— Punhaes á frente!...

Faz-se com a faca o gesto de ferir a direito, em frente.

— Punhal sobre a urna!...

Pôe-se a faca transversalmente sobre o copo, como já foi mister fazer depois de «carregada a urna» para a saude.

— A mim, pela bateria!...

Executa-se a bateria do 11.º grau, e diz-se por tres vezes: *Nekam!*

## II

### BANQUETES DOS ESCOCEZES

Para a admissão a um banquete de Escocez faz-se mister a iniciação, pelo menos, no grau de Grande Escocez da Abobada Sagrada (grau 14.º).

Tambem não são obrigatorios estes banquetes para as Sublimes Lojas ou Abobadas de Perfeição (nome das Officinas do 14.º grau).

Os copos chamam-se *taças*: a assemblêa, em sessão de meza, toma o nome de *collegio*.

Não se faz uso da faca na manobra das saudes, a qual é como segue:

— Bandeira a tiracollo!...

Enrolado o guardanapo, põe-se diagonalmente sobre o peito, da esquerda para a direita.

— Mão direita á taça!...

Pega-se no copo.

— Levantar taças!

Ergue-se o copo á altura da bocca.

— Mão esquerda no ar!...

Ergue-se verticalmente a toda a altura o braço esquerdo, tendo a mão aberta, com a palma para fóra e os dedos separados.

— Despejemos a taça em tres tempos!... Um!... Dois!... Tres!...

Exgotta-se o copo, bebendo por tres vezes.

— Taça ao hombro direito!... Taça diagonalmente ao quadril esquerdo!... Taça ao hombro esquerdo!... Taça diagonalmente ao quadril direito!...

Com estes quatro movimentos todos os Irmãos traçam com o copo sobre o peito uma cruz de Santo André.

— Taça ao hombro direito!...

Eleva-se o copo e encosta-se ao hombro designado.

— Taças á frente!...

Levam os copos á frente, em linha recta.

— Pousemos a taça em tres tempos!... Um!... Dois!... Tres!...,

Movimento egual ao executado nos outros banquetes para pousar o copo.

— A mim, meus Irmãos, pela bateria!...

Dão todos nas mãos a bateria do 14.º grau.

— E soltemos simultaneamente a acclamação do collegio!...

Todos, a um tempo. — Deus abençôe o Mestre e os Cavalleiros!

## III

### BANQUETES DOS CAVALLEIROS DO ORIENTE

Muito Poderoso (titulo do presidente). — A postos, Gran Eleitos Escocezes! os trabalhos do collegio estão suspensos.

Para a admissão a um banquete de Cavalleiros do Oriente requer-se a iniciação, pelo menos, no grau de Cavalleiro do Oriente e do Occidente (17.º grau).

Estes banquetes não são tambem obrigatorios para os Grandes Conselhos (nome das Officinas do 17.º grau).

Os nomes das iguarias e dos utensilios da meza são exactamente os mesmos que nos banquetes das Lojas.

'Neste grau faz-se mister ter sempre, durante o banquete, a faca na mão.

A manobra para as saudes é esta:

— A's armas, Cavalleiros!...

Todos os convivas se erguem como se fossem um só homem.

— Bandeira em volta da cinta!...

Cingem-se com o guardanapo, previamente enrolado.

— Mão direita ao alfange!... Levantar alfanges!... Continencia de alfange!...

Executam estes movimentos como nos banquetes das Lojas, mas sem passar a faca para a mão esquerda.

— Mão esquerda ao canhão!. . Levantar canhões!. . . Atiremos em tres tempos!. . . Um!. . . Dois!. . . Tres!. . .

Bebe-se como nos demais banquetes, tendo, porém, o copo sempre na mão esquerda.

— Canhões á frente!. . .

Extende-se o braço em todo o comprimento.

— Exercicio de alfange!. . .

Simula-se tres vezes com a faca o gesto de ferir com espada a direito e em frente.

— Pousemos o alfange e o canhão!. . .

Como nos demais banquetes.

— A mim, meus Irmãos, pela bateria!. . .

Execução da bateria do 17.° grau.

— E soltemos conjunctamente a acclamação dos Cavalleiros do Oriente e do Occidente!...

Todos, a um tempo. — Gloria a Deus e ao Soberano.

A divindade, que é mister subentender aqui, é Lucifer, e o Soberano vem a ser o Grão Mestre do Rito.

## IV

### AGAPES DOS ROSA-CRUZ

Os Capitulos de Rosa-Cruz têm um banquete obrigatorio todos os annos, e tal banquete, absolutamente sacrilego, têm logar na noite de quinta para sexta-feira santa.

Chama-se-lhe Agape. Faz-se mister possuir pelo menos o 18.° grau para poder assistir a esse banquete.

A sala do festim é decorada de modo brilhante. A armação é vermelha, com accessorios brancos e verdes.

O fundo acha-se occupado pela famosa cruz que tem uma rosa na intersecção de seus braços; esta representação, cujo sentido obsceno seria superfluo recordar, faz-se, quer em relevo, quer em pintura.

Completa-se a decoração com diversos attributos (vej. pag. 321).

A mesa tem a fórma d'uma cruz latina, com o topo para o Oriente.

Um grande candelabro de sete braços occupa o meio da mesa. Os Capitulos que só têm um candelabro de sete braços muito alto e proprio para assentar no soalho, collocam-no atraz do logar do Sapientissimo Athirsata (titulo do presidente).

Os copos devem — obrigatoriamente — ter pé e assemelhar-se aos calices de que os padres se servem para a celebração do

sancto sacrificio da missa. Collocam-se, como as garrafas, 'numa linha formada por duas fiadas de fita vermelha.

Ha só um pão para dois talheres; e colloca-se, não entre elles, mas 'num.

Antes de entrar na sala do Agape, os Rosa-Cruz fazem 'numa sala visinha a ceremonia da ceia. Essa parodia sacrilega da instituição da Eucharistia foi já em toda a sua extensão descripta; nada temos, pois, que accrescentar. Em seguida vão processionalmente para o Agape, de braços cruzados sobre o peito, exactamente na postura assaz conhecida das estatuas que representam Jesus Christo como Bom Pastor; chama-se até «ordem do Bom Pastor» essa postura, adoptada pela Maçonaria para ridicularisar o divino Salvador.

E' o 1.º Mestre de Ceremonias quem dirige a marcha da procissão anti-christã. O cortejo desfila por esta ordem:

1.º os Mestres de Ceremonias; — 2.º o Porta-estandarte; — 3.º os Rosa-Cruz e Irmãos de graus mais altos, em duas filas; — 4.º os dois Grandes Guardas; — 5.º o Cavalleiro da Eloquencia e o Chanceller Mestre dos Despachos; — 6.º os demais Funccionarios; — 7.º os Irmãos dos altos graus a quem o Capitulo concedeu as honras do Oriente; — 8.º o Sapientissimo Athirsata.

O 1.º Mestre de Ceremonias conduz o cortejo por um dos lados da cruz [a] até ao Oriente; chegado ahi, manda abrir fileiras, e dirige-se para o occidente, cercando a mesa, de geito que cada Irmão fique em seu logar proprio.

O 1.º Grande Guarda occupa o extremo sul da cruz; o 2.º Grande Guarda, o extremo norte; o 1.º Mestre de Ceremonias toma a extremidade da cruz mais proxima da porta d'entrada, ficando assim defronte do Sapientissimo Athirsata, cujo logar é no cimo da cruz, na haste do Oriente.

Antes de se sentarem, o Sapientissimo tem o cuidado de prevenir os assistentes de que:

| | | |
|---|---|---|
| a mesa.................... | se chama: | *altar;* |
| a toalha.................... | » | *alcatifa;* |
| os guardanapos.............. | » | *bandas;* |
| os copos.................... | » | *calices;* |
| as garrafas.................. | » | *amphoras.* |
| Beber...................... | é: | *vasar o calix;* |
| fazer uma saude............. | » | *executar uma libação* |

No mais conservam-se as denominações em uso nos banquetes dos graus symbolicos.

---

(a) A mesa, que, como se viu, tem a fórma de cruz latina.

Sapientissimo, depois do aviso. — Vedes, meus Irmãos, que ha sómente um pão para dois convivas. O Irmão que o tem em seu logar deve repartil-o com o que lhe fica á direita, apresentando-lh'o para o partirem juntos. Se, no decurso do Agape, alguem tiver necessidade de pão, não poderá usar do que lhe fôr servido, sem previamente o haver partido com outro Irmão. Vosso coração, carissimos Cavalleiros, sentirá por certo tudo que ha de affectuoso e fraternal 'nesta tradição... Partamos, pois, o pão, meus Irmãos, e sentemo-nos.

Os assistentes partem o pão, sentam-se e «entregam-se aos trabalhos da mastigação.»

No segundo serviço trazem um cordeiro assado e um brazeiro acceso. O cordeiro, deitado de costas, colloca-se no centro da cruz, com as mãos abertas [a].

Sapientissimo. — Eis, meus Irmãos, a victima, que symbolisa os sacrificios materiaes da antiga lei e os sacrificios moraes da lei nova. O Eterno defenderá nossos lares, como defendeu os dos nossos paes, que haviam assignalado suas portas com o signal mysterioso, feito com um pincel embebido no sangue do cordeiro immaculado. Cavalleiro Guarda do Templo, certificae-vos de que nenhum profano vê nossos trabalhos; porque a voz da Verdade disse que o extranho e o mercenario devem ser excluidos.

O Irmão interpellado sae, vae á sala dos passos perdidos e entra um instante depois, fechando cuidadosamente a porta.

Guarda do Templo (ou 2.º Experto). — Estamos em seguro, Sapientissimo.

Sapientissimo. — Separemos as partes impuras, e entreguemol-as ás chammas!

Corta — sabeis o que? — a cabeça e os pés, e lança-os ao brazeiro.

Para bem comprehender a significação d'esta parte essencial da ceremonia é mister saber que o cordeiro servido aos Rosa-Cruz tem na cabeça uma pequena corôa d'espinhos, e que cada uma de suas mãos e pés está atravessada por um cravo. Ora, é bom não esquecel-o, o Agape realisa-se na noite de quinta para sexta-feira sancta. O cordeiro, pois, representa a Christo, e as partes de seu corpo correspondentes ás que os christãos mais especialmente veneram com culto particular são declaradas «partes impuras» e «sacrificadas ao Fogo, elemento-principio do Anjo da Luz», isto é, offerecidas em holocausto a Lucifer.

Sapientissimo. — Agora, Cavalleiros meus Irmãos, prosigamos na

---

(a) Precisamente na postura de Christo crucificado! Examine-se a gravura respectiva, pag. 317.

celebração do nosso Agape, pois havemos cumprido o preceito tradicional.

A refeição prosegue.

No intervallo executa-se, por diversas vezes, a manobra das saudes, que toma aqui o nome de «execução das libações».

O numero e fim das libações são os mesmos que nos banquetes das Lojas.

Para executar uma libação é mister pôr-se á «ordem dos Agapes». Quer dizer: os Rosa-Cruz e os Irmãos que receberam os graus philosophicos desde o 19.º ao 29.º põem o guardanapo sobre o hombro esquerdo, e os Kadosch, Inquisidores Inspectores Commendadores, Principes do Real Segredo, e Soberanos Grandes Inspectores Geraes collocam-no, enrolado, ao pescoço, com as duas pontas sobre o peito.

As vozes de commando são como segue:

— A' ordem, Cavalleiros meus Irmãos!...

Levantam-se, e põem-se á ordem dos Agapes.

— Muní vossos calices!...

Enchem os copos.

— Alinhae!...

Collocam-nos no alinhamento feito sobre a mesa.

— Levantar calices!...

Elevam todos o copo até a borda ficar á altura dos labios.

— Vasemos o calix em tres tempos!... Attenção!... Primeira libação!... (*ou:* segunda. . terceira, etc.)... Vasae!... Um!... Dois!... Tres! ..

Bebem como nos demais banquetes.

— Calix á fronte.

Eleva-se o copo de geito que o pé fique á altura da fronte.

— Desçamos o calix! .

Baixa-se o copo verticalmente até á bocca do estomago.

— Calix ao hombro esquerdo!...

Levam-no.

— Calix ao hombro direito!...

Levam-no.

*Nota.* O leitor vê como cada conviva, depois de ter bebido, faz, por meio d'aquelles quatro movimentos, o signal da cruz com o copo: é que a profanação systematica constitue o distinctivo particular dos Rosa-Cruz.

— Pousemos sem ruido.

Pousam devagar os copos sobre a meza.

Segue-se a bateria e a acclamação mysteriosa do 18.º grau.

O encerramento dos trabalhos do Agape faz-se em harmonia com o regulamento dos Capitulos.

## CAPITULO OITAVO

### COMPLEXO DOS SEGREDOS DA MAÇONARIA VERMELHA

Nota. — Para melhor apprehender o sentido de todas as revelações d'este capitulo deverá o leitor reportar-se previamente ao cap. v da parte i, pag. 199 e seguintes.

### MESTRE SECRETO

(4.º GRAU)

Ordem. — Põem-se á ordem como no grau de Mestre, ou executande a primeira parte do signal de reconhecimento.

Signal. — Collocam sobre os labios o index e o medio da mão direita. Chama-se a isto «o signal de silencio.» O Irmão, a quem outro se dirija d'este modo, responde fazendo o mesmo signal com a mão esquerda.

Toque. — Dão a mão em garra de Mestre, logo a passam mutuamente para debaixo do cotovello, baldeando sete vezes o braço e cruzando a perna direita.

Palavra de passe. — *Ziza*. Significa, diz-se: «esplendor», e recorda o nome do filho de Jonathan.

Palavras sagradas. — 1.ª IOD; 2.ª ADONAI; 3.ª DII; 4.ª IVAH. Vejam-se as explicações na pag. 226.

Edade. — Tres vezes vinte e sete annos completos. Em algumas Officinas diz-se: oitenta e um annos completos.

Marcha. — A de Mestre.

Bateria. — Sete pancadas, dadas d'este modo: O OOOOO — O.

Tempo do trabalho. — Do romper do dia ao cair da noite.

Decoração. — Avental branco, preso com fita preta; o babadouro, que é azul, tem bordado ou pintado um olho; a meio do avental ha dois ramos: um de louro, outro de oliveira, formando uma coroa aberta, com a lettra Z no centro. A faixa, que é azul, de onze centimetros de largura e debruada de preto, traz-se ao peito. A joia é uma chave de marfim, com um Z no meio; prende-se á faixa com uma fita preta.

PERGUNTAS D'ORDEM PARA A ENTRADA NO TEMPLO

P. Sois Mestre-Secreto? — R. D'isso me glorio.

P. Como fostes recebido 'nesse grau? — R. Passando do esquadro ao compasso.

P. Onde fostes recebido? — R. Sob o louro e a oliveira.

P. A que horas se abre a Loja? — R. O esplendor do dia espancou as trevas, e a grande luz começa a apparecer.

P. A que horas se fecha? — R. No fim do dia.

P. Que idade tendes? — R. Tres vezes vinte e sete annos completos.

## MESTRE PERFEITO

(5.º GRAU)

Ordem. — Erguem-se os olhos e as mãos ao ceu. Tambem se executa a ordem como no grau de Mestre.

Signal. — Erguem-se as mãos e os olhos ao ceu e deixam-se em seguida cahir os braços; baixam-se logo os olhos para a terra e cruzam-se os braços sobre o ventre. E' o «signal de administração.»

Toque. — Collocam mutuamente a mão esquerda sobre o hombro direito, e tomam a mão direita, conservando o pollegar levantado; os dois pollegares assim erguidos formam um triangulo.

Marcha. — Formar um quadrado por quatro passos unidos.

Palavra de passe. — *Acacia.*

Palavra sagrada. — JEHOVAH. Solettra-se.

Edade. — Oito annos, por um e sete. Tambem se responde como abaixo se verá nas perguntas d'ordem.

Bateria. — Quatro pancadas compassadas: O — O — O — O.

Tempo do trabalho. — Da uma hora ás sete.

Decoração. — Avental branco, forrado e debruado de verde, com babadouro tambem verde; no avental ha tres circulos concentricos, em cujo meio está uma pedra quadrada com a lettra J. A faixa, verde ondeada, traz-se ao pescoço. A joia é um compasso aberto sobre um esquadro ou sobre um quadrante.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Mestre Perfeito? — R. Tenho perfeito conhecimento dos trabalhos do Templo.

P. O que conheceis mais particularmente? — R. Conheço o circulo e sua quadratura.

P. A que horas se abre a Loja dos Mestres Perfeitos? — R. A' uma hora.

P. A que horas se fecha? — R. A's sete.

P. Que edade tendes? — R. Oito annos: um na abertura dos trabalhos, e sete em sua encerração.

## SECRETARIO INTIMO

(6.º GRAU)

Ordem. — Segura-se o hombro com a mão direita, ou executam-se os movimentos proprios do grau de Mestre.

Signal. — Leva-se a mão direita ao hombro esquerdo, descendo-a depois obliquamente até ao quadril direito. E' o «signal de obrigação». Responde-se-lhe erguendo os braços, cruzando-os á altura do peito, e abaixando-os em seguida juntos até ao quadril esquerdo, com os olhos erguidos ao ceu.

Toque. — Dão-se mutuamente as mãos direitas. Um, volvendo-a, diz: «*Berith*». Outro, volvendo-a tambem: «*Neder*». Finalmente o primeiro, volvendo-a terceira vez: «*Schelemoth*».

Marcha.—Não ha marcha especial; caminha-se como toda a gente.

Edade. — Dez annos, dobro de cinco.

Palavra de passe. — *Johaben*. Responde-se: *Zerbal*. O primeiro d'estes nomes recorda o nome do neophyto na comedia da iniciação; o segundo lembra o nome do capitão das guardas.

Palavra sagrada. — IVAH.

Bateria.—Vinte e sete pancadas, batidas assim: OOOOOOOO — O — — OOOOOOOO — O — — OOOOOOOO — O.

Decoração. — Avental branco, forrado e debruado de vermelho; tem no babadouro, pintado ou bordado, um triangulo d'ouro. A faixa é carmezim e traz-se ao pescoço. A joia é um triplice triangulo, ou, que o mesmo vale, tres triangulos entrelaçados, de geito a apresentarem á vista os seus nove angulos.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois secretario Intimo? — R. Sou (deve, quando responde, erguer os olhos ao ceu).

P. Quem vos moveu a buscar a iniciação? — R. A curiosidade.

P. Correstes algum risco? — R. Sim, o de perder a vida.

## PREBOSTE E JUIZ

(7.º GRAU)

Ordem. — Executa-se a primeira parte do signal de reconhecimento.

Signal. — Collocam-se ao lado do nariz o index e o medio

da mão direita, com os outros dedos fechados. Responde-se a este signal pondo o index na ponta do nariz e o pollegar debaixo da barba.

Toque. — Enlaça-se reciprocamente o dedo minimo da mão direita com o index, e dão-se sete pancadas muito rapidas na palma da mão.

Palavra de passe. — *Tito*, nome do presidente na scena da iniciação.

Palavra sagrada. — JAKINAI. 'Neste grau a palavra sagrada complica-se com a chamada *grande palavra;* são quatro termos, que se pronunciam assim: IZRAKIA — JEHOVAH — HIRAM — STOLKIN.

Ha tambem a *Palavra Mestra*, que é GEOMETROS.

Marcha. — Não a ha especial.

Edade. — Quatorze annos, dobro de sete.

Bateria. — Cinco pancadas, assim: OOOO — O.

Tempo de trabalho. — Das duas ás sete horas.

Decoração. — O avental, que é branco e debruado de vermelho, tem uma algibeira ao meio, e uma roseta encarnada e branca; no babadouro estão, pintadas ou bordadas, as iniciaes da grande palavra. A faixa, que é carmezim, traz-se ao pescoço, tendo pendente uma chave d'ouro, que é a joia.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Preboste e Juiz? — R. Administro justiça a todos os obreiros sem excepção.

P. Quando fostes introduzido em Loja? — R. Depois de haver batido quatro pancadas e mais uma separada.

P. O que significam essas quatro pancadas e mais uma separada? — R. Os quatro angulos do Templo e o centro, onde nos humilhamos ante Deus.

P. Que horas são? — Rompe o dia.

## INTENDENTE DOS EDIFICIOS

(8.º GRAU)

Signal. — Ha tres. 1.º *Signal de surpreza:* Levam-se os dois pollegares ás fontes, com as mãos estendidas em esquadria; dão-se dois passos á retaguarda e outros dois á frente; depois levam-se as mãos aos olhos, dizendo: «Ben-Chorim». 2.º *Signal de admiração:* Entrelaçam-se as mãos, voltam-se as palmas para cima, e deixam-se em seguida cahir até á cinta, dizendo: «Akar». 3.º *Signal de dôr:*

Põe-se a mão direita sobre o coração, e a esquerda no quadril; em seguida baldeia-se o corpo da esquerda para a direita e vice-versa, dizendo: «Hai»; ao que se responde: «Jah».

Ordem. — Executa-se a primeira parte do signal de surpreza (pollegares nas fontes, e mãos em esquadria).

Toque. — Toca-se mutuamente sobre o coração com a mão direita, passando-a logo para debaixo do braço esquerdo; com a outra mão segura-se o hombro direito do Irmão, dizendo um: «*Jakinai*», e o outro, em resposta: «*Juda*».

Palavra de passe. — *Juda.* — «O que significa?» pergunta-se por vezes. — Deve responder-se: «Significa *louvor*».

Palavra sagrada. — JAKINAI.

Edade. — Tres vezes nove annos.

Marcha. — Cinco passos eguaes.

Bateria. — Cinco pancadas eguaes e compassadas: O—O—O—O—O.

Tempo do trabalho. — Do romper do dia ás sete horas da tarde.

Decoração. — Avental branco, forrado de vermelho e debruado de verde, tendo no meio uma estrella de nove pontas sobre uma balança; no babadouro está pintado ou bordado um triangulo com as lettras B.·. A.·. J.·. A faixa, de côr vermelha ondeada, traz-se do hombro direito ao quadril esquerdo. A joia é um triangulo, em que estão gravadas as palavras: «*Ben-Chorim, Akar, Jakinai*». No reverso do triangulo estão gravadas est'outras: «*Juda-Jah.*» A joia está presa á faixa por uma roseta verde.

PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Intendente dos Edificios? — Subi os sete degraus da exactidão; penetrei nas divisões maiores do Templo; vi uma grande luz, em cujo centro apercebi tres lettras mysteriosas.

P. Que letras eram essas? — R. *J! J! J!*

P. A que horas se abrem os trabalhos? — R. Ao romper do dia.

P. A que horas se encerram? — R. A's sete da tarde.

P. Que edade tendes? — Tres vezes nove annos.

## MESTRE ELEITO DOS NOVE

(9.º GRAU)

Ordem. — Leva-se á fronte a mão direita cerrada, como se segurasse um punhal. Nas sessões de iniciação está 'nella realmente o punhal, que é a joia do grau.

Signal. — Faz-se primeiramente menção de ferir na fronte (como se a mão segurasse um punhal) o Irmão a quem um quer dar-se a conhecer; aquelle responde levando a mão á fronte, como para verificar se está ou não ferido. Logo depois o primeiro ergue o braço, fingindo sempre segurar o punhal, e faz menção de ferir o Irmão no coração, dizendo-lhe: «*Nekam*»; o Irmão responde levando a mão direita ao coração e dizendo: «*Nekar*».

Toque. — Apresenta-se a mão direita, fechando o punho e erguendo o pollegar.

O Irmão, a quem é feita esta apresentação, deve responder tomando o pollegar da mão offerecida e apertando-o em sua mão, que fechará, conservando egualmente o pollegar erguido.

Palavra de passe. — *Begohal-Kol;* que se traduz: «*In abominatione omnium*, em abominação de tudo».

Palavra sagrada. — NEKAM. Responde-se: NEKAR. Significam: 1.ª Vingança; 2.ª Elle vingou.

Edade. — Oito annos e um completos [a].

Marcha. — Tres passos de Aprendiz, tres de Companheiro e tres de Mestre.

Bateria. — Nove pancadas, assim: OOOOOOOO — O.

Tempo do trabalho. — Do apontar do dia ao entrar da noite,

Decoração. — Avental branco, com manchas vermelhas, forrado e debruado de preto, tendo, representado em pintura ou bordado sobre o babadouro, um braço que segura um punhal ensanguentado. A faixa, de côr preta ondeada, usa-se a tiracollo da esquerda para a direita, e tem em baixo nove rosetas vermelhas. A joia é um punhal, de lamina de prata com engastes d'ouro; traz-se suspensa na extremidade da faixa, preso á quinta roseta.

## PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Cavalleiro Eleito? — R. Uma caverna me recebeu, uma luz me alumiou, uma fonte me desalterou.

P. Quando trabalhaes? — Os nossos trabalhos abrem-se ao apontar do dia, e encerram-se ao entrar da naite [b].

P. Que edade tendes? — R. Oito annos e um completos.

---

(a) O Catecismo portuguez dá outra resposta, no grau correspondente.
«Nove semanas, diz elle, sobre sete annos, por causa das nove semanas, que se passaram antes da punição do delicto».

(b) O Catecismo portuguez descreve melhor:
— «Sap.·. A que horas abrem os EEl.·. SSec.·. os seus trabalhos?
— «El.·. Secr.·. Quando a estrella do dia, apparecendo, annuncia que o sol vae nascer, e que é tempo de vingar o crime; por causa da hora em que os nove Eleitos partiram em demanda dos criminosos.
— «Sap.·. A que horas os fecham?
— «El.·. Sec.·. A' hora em que o sol acaba de pôr-se, que foi aquella em que sahi da caverna».

## ILLUSTRE ELEITO DOS QUINZE

(10.º GRAU)

Ordem. — Colloca-se a mão direita cerrada debaixo da barba. Tambem póde um pôr se á ordem como no grau de Mestre.

Signal. — Faz-se menção de erguer um punhal até á barba, fazendo-o descer em seguida encostado ao corpo, como se houvera de rasgar-se o peito. O Irmão, a quem se faz o signal, deve responder fazendo o signal de Aprendiz, porém com o punho cerrado e o pollegar erguido.

Toque. — Entrelaçam-se reciprocamente os dedos das mãos direitas, excepto os pollegares, que ficam erguidos, formando esquadria; aproximam-se então um do outro os Irmãos, e apoiam mutuamente os pollegares um contra outro, como se um quizera fazer penetrar o seu dedo no ventre do visinho.

Edade. — Vinte e cinco annos completos, cinco vezes cinco.

Palavra de passe. — *Eligam.* Traduz-se: «Somos o povo do verdadeiro Deus».

Palavra sagrada. — ZERBAEL. Responde-se: BEN-IAH. Significam: «Com o Senhor, prevalecerei», e: «Filho de Deus».

Marcha. — Dão-se cinco vezes tres passos, de geito a marchar em triangulo a cada tres passos.

Bateria. — Cinco pancadas eguaes, dadas assim: OOOOO.

Tempo do trabalho. — Das cinco horas da manhã ás seis da tarde.

Decoração. — Avental branco, com forro e debrum pretos. Tem pintada no meio uma cidade quadrada e, sobre tres das suas portas, tres cabeças cortadas e empaladas. A fita, que é preta e se usa a tiracollo, da esquerda para a direita, tem bordadas ou pintadas tres cabeças cortadas. A joia, — punhal d'ouro com lamina de prata, — pende do fundo da fita.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Eleito dos Quinze? — R. O trabalho e o zelo tornaram-me digno d'esse grau.

P. Onde o recebestes? — R. Na sala d'audiencia de Salomão, e por elle mesmo conferido.

P. Que horas são? — R. Cinco da manhã.

P. A que horas devemos retirar-nos? — R. A's seis da tarde.

## SUBLIME CAVALLEIRO ELEITO

(11.º GRAU)

Ordem. — Cruzar os braços sobre o peito, com os punhos cerrados e os pollegares extendidos. Tambem se usa a ordem do grau de Mestre.

Signal. -- O signal de reconhecimento é feito com movimento egual ao da ordem.

Toque. — Primeiro, os irmãos apresentam mutuamente o pollegar da mão direita, com os outros dedos cerrados; um dos Irmãos toma o pollegar do outro e baldea-lhe o punho por tres vezes, dizendo ambos alternadamente estas tres palavras: «*Berith, Neder, Schelemoth.*» Depois, o Irmão Coberto toma a mão direita do Cobridor e dá-lhe tres pancadas com o pollegar sobre a phalange do medio.

Edade. — Vinte e sete annos completos, tres vezes nove.

Marcha. — Não ha marcha especial.

Palavra de passe. — *Stolkin.* Responde-se: *Amaria.* Interpretam-se assim: 1.ª agua corrente; 2.ª palavra de Deus.

Palavra sagrada. — ADONAI.

Bateria. — Doze pancadas eguaes: OOOOOOOOOOOO.

Tempo do trabalho. — Das doze horas á madrugada.

Decoração. — Avental branco, forrado e debruado de preto, tendo no meio um bolso, sobre o qual está pintado ou bordado a vermelho um punhal cercado de nove chammas [(a)]. Fita preta, da esquerda para a direita, tendo bordados tres corações entre chammas, ou sómente a divisa de Eleito: « *Vincere aut Mori*». Da fita pende a joia, que é um punhal com cabo d'ouro e lamina de prata.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Sublime Cavalleiro Eleito? — R. O meu nome vol-o pode provar.

P. Dizei-o. — R. Emerok.

P. O que significa? — R. Homem verdadeiro em todo o caso.

P. Quando nos reunimos? — R. A' hora duodecima.

P. Quando nos separamos? — R. De madrugada.

---

(a) 'Noutras lojas usa-se bordada uma cruz vermelha. Vej. *Bibliotheca Maçonica*, tomos V e VI, pag. 97.

## GRÃO MESTRE ARCHITECTO

(12.º GRAU)

ORDEM. — Põe-se a mão direita no meio da esquerda.

SIGNAL. — Faz-se menção de traçar um plano na mão esquerda, como se na direita estivesse um lapis, olhando por intervallos para outro Irmão, como para consultal-o.

TOQUE. — Entrelaçam-se os dedos da mão direita com os da mão esquerda do Cobridor, e cada um leva ao quadril a mão que lhe fica livre.

EDADE. — Quarenta e cinco annos, cinco vezes o quadrado de tres.

TEMPO DO TRABALHO. — Do nascer da estrella d'alva ao pôr do sol.

PALAVRA DE PASSE. — *Rab-Banain*. Significa: Mestre dos Architectos. — Em muitas Officinas a palavra de passe é *Hamon* (decisão do Capitulo de Lausania).

PALAVRA SAGRADA. — ADONAI.

MARCHA. — Dão-se tres passos em esquadria: o primeiro devagar, e os dois ultimos com presteza.

BATERIA. — Tres pancadas, assim: O — OO.

DECORAÇÃO. — Avental branco, com forro e debrum azues e um bolso no meio. Fita azul, como a de Mestre, do hombro direito ao quadril esquerdo; tem pendente a joia. Esta é formada por um quadrado de metal em forma de medalha: 'numa das faces tem gravados quatro semicirculos deante de sete estrellas e, no centro, um triangulo com a lettra A; na outra face estão as cinco ordens da architectura, tendo em cima um nivel, em baixo um esquadro, um compasso e uma cruz, no meio as lettras R.·. B.·., e por baixo das cinco ordens as respectivas iniciaes: C.·. D.·. T.·. J.·. G.·.

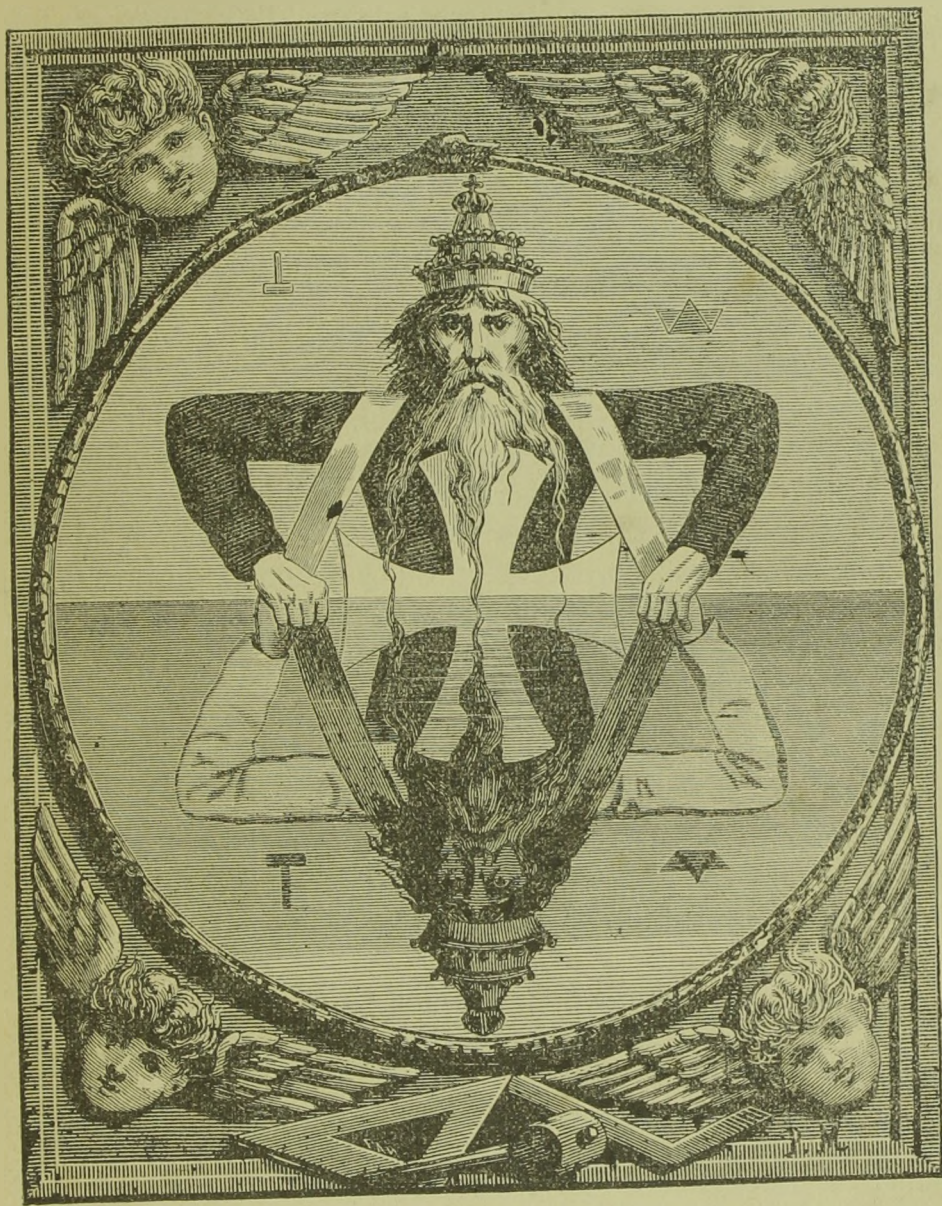
### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Qual é a principal entre todas as artes? — R. A architectura, cuja chave é a geometria, principio de todas as sciencias.

P. Quantas especies ha de architectura? — R. Tres: a architectura civil, a naval e a militar.

P. Sois Grão Mestre Architecto? — R. Conheço perfeitamente tudo que contem um estojo de mathematica.

P. Que objectos contem? — R. Um esquadro, um compasso simples, um compasso de quatro hastes, uma regoa, um fio de prumo, um compasso de proporção e um transferidor.

INSTRUCÇÃO DO PRINCIPE DO TABERNACULO

No 24.º grau explica-se ao neophyto o systema dos dois principios da divindade, representada 'numa imagem que tem o nome de «grande symbolo de Salomão». 'Nelle se deixam ver «os dois velhos da cabala, o Deus da Luz e o Deus dos reflexos, o misericordioso e o Cruel, o Jehovah branco e o Jehovah preto».

## REAL-ARCA

(13.º GRAU)

ORDEM. — Erguem-se as mãos para o ceu, inclinando a cabeça para a esquerda (primeira parte do signal).

Signal. — Erguem-se as mãos para o ceu, inclinando a cabeça para a esquerda e dobrando de leve o joelho direito.

Em Loja faz-se uma genuflexão completa.

Toque. — Se um Irmão dos Tres Pontos pedir a alguem que lhe dê o toque de Real-Arca, deve um collocar-lhe as mãos debaixo dos braços, como se quizesse erguel-o ao ar, e dizer-lhe ao ouvido: «*Tub bagani gamal abel*». Elle, em resposta, faz a mesmo e diz: «*Zabulon é um bom mação*».

Edade. — Sessenta e tres annos completos, sete vezes o quadrado de tres.

Marcha. — Este grau não a tem especial.

Palavra de passe. — Não ha.

Palavra sagrada. — JEHOVAH.

Bateria. — Cinco pancadas por duas e tres: OO — OOO.

Tempo do trabalho. — Da tarde até de manhã.

Decoração. — O Real-Arca não traz avental. A fita, escarlate, põe-se ao pescoço, em aspa, ou a tiracollo, da direita para a esquerda. A joia, que é uma medalha d'ouro tendo representado 'numa das faces um alçapão fechando uma abobada e 'noutra um triangulo, prende-se ao fundo da fita.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Que cathegoria é a vossa? — R. Cavalleiro Real-Arca.

P. Quem vos recebeu? — R. Salomão e o Rei de Tyro.

P. Fostes recebido só? — R. Não; fui recebido com Johaben e Stolkin.

P. Conheceis os nove architectos? — R. Conheço.

P. Dizei seus nomes. — R. *Jod, Jhao, Jha, Eheiah, Jaheb, Adonai, El-Hhanan* e *Jobel.*

P. O que significam? — R. São differentes nomes hebraicos que os Israelitas davam á divindade.

## GRANDE ESCOCEZ DA ABOBADA SAGRADA

### (14.º GRAU)

Ordem. — Põe-se a mão direita aberta, com a palma voltada para baixo e os dedos apertados, sobre o lado esquerdo do ventre, tocando-o com o pollegar.

Signaes. — Ha tres: 1.º o signal chamado «de juramento»: faz-se fingindo talhar o ventre; leva-se a mão direita ao lado esquerdo e retira-se com velocidade horisontalmente para o direito. 2.º o signal chamado «de fogo»: colloca-se a mão direita aberta,

de palma para fóra, sobre a face esquerda, como quem não póde supportar o brilho d'uma luz viva que subitamente se encontrasse á altura do rosto; 3.º o signal chamado «de admiração e silencio»: levantam-se ambas as mão abertas, olhando para o ceu e inclinando a cabeça um pouco para a esquerda; depois pousam-se sobre os labios os tres primeiros dedos da mão direita.

Toques. — Ha tres: — 1.º Tomam-se mutuamente as mãos direitas, baldeando-as tres vezes, e dizendo um: «*Berith*»; outro: «*Neder*»; e ambos simultaneamente: «*Schelemoth*». — 2.º Toma-se a mão direita em garra de Mestre, dizendo um dos Irmãos: «Ides mais longe?». Corre-se então a mão pelo ante-braço até ao cotovelo; põe-se mutuamente a mão esquerda sobre o hombro direito, adiantando ambos os Irmãos a perna direita e, quando se tocarem, baldeando-as ao mesmo tempo tres vezes. — 3.º Tomam-se reciprocamente as mãos direitas; depois agarra-se com a esquerda o hombro direito do visinho, avançando-lhe ao pescoço, como se um o quizera attrahir a si para abraçal-o.

Palavras de passe. – São de duas especies; tres chamadas «palavras cobertas;» 1.ª «*Zabulon*»; 2.ª «*Makobim*»; 3.ª «*Adonai.*» As palavras de passe propriamente dictas são: 1.ª «*Schibboleth,*» pronunciada por tres syllabas; 2.ª «*El-Hhanan*», aspirando fortemente os dois *h*; 3.ª «*Bea-Makeh, Bam'garah*».

Palavra sagrada. — JEHOVAH.

Marcha. — Consta de nove passos: oito precipitados e um vagaroso. Durante a marcha segura-se o cotovello direito com a mão esquerda e eleva-se á altura da face a mão direita com a palma voltada para fóra.

Edade. — Vinte e sete annos completos.

Bateria. — Vinte e quatro palmadas, d'este modo: OO—O— —OOO—OO— —OO—OOOOO— —OO—O— —OO—O— —OO—O.

Tempo do trabalho. — Do meio dia á meia noite.

Decoração. — Avental branco, forrado e debruado de tafetá côr de fogo, tendo pintada no meio uma pedra plana e quadrada, com uma argola de ferro chumbada no centro. Fita carmezim, em aspa, com a joia suspensa no fundo. A joia é um compasso encimado por uma corôa e aberto sobre um quadrante; tem entre as hastes uma medalha, que representa d'um lado o sol e do outro uma estrella radiante com a lettra G no centro; no quadrante estão gravados os numeros 3, 5, 7 e 9. Todos os Grandes Escocezes têm ademais um annel d'ouro, em fórma d'alliança, em cuja face interna estão gravados: d'um lado o nome do titular e a data da sua recepção, e d'outro estas palavras: «A virtude une o que a morte não póde separar.»

PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Escocez? — R. Sim; sou Grande Eleito, Perfeito Escocez, recebido sob a abobada sagrada.

P. Por onde passastes? — R. Por um corredor comprido.

P. O que significa o primeiro toque? — R. A união que liga os Eleitos perfeitos; a primeira palavra traz á memoria a alliança que juraram mutuamente; a segunda, a promessa que fizeram; e a terceira, a perfeição, objecto de seus trabalhos.

P. O que significa a primeira palavra coberta? — R. Eleito perfeito, amigo escolhido.

P. Porque se pronuncia em tres tempos a primeira palavra de passe? — R. Para provar que todas as precauções são poucas.

P. Que significação tem o segundo signal? — R. Significa a impressão que produziu em Moysés o fulgor da sarça ardente e o esforço que elle fez para resistir ao terror, que o senhoreou, quando ouviu pronunciar ao seu Deus o proprio nome.

P. O que significa o segundo toque? — R. A precaução que se deve tomar quando se tracta de reconhecer alguem por Grande Eleito Perfeito.

P. O que significa a segunda palavra coberta? — R. Silencio e respeito.

P. O que significa a segunda palavra de passe? — R. Misericordia de Deus.

P. O que significa o terceiro signal? — R. Respeito e discreção.

P. Que significação tem o terceiro toque? — R. Significa a desconfiança que um tem dos falsos Irmãos, a disposição, em que está, de resistir aos Profanos, e a satisfação que experimenta com o encontro de um bom Irmão.

P. Que significa a terceira palavra coberta? — R. Essa palavra foi escolhida pelos Hebreus para invocar o Eterno depois de Moysés lhes prohibir que pronunciassem o nome de Deus.

P. E o que significa? — R. Só vós sois eterno.

P. O que significa a terceira e a grande palavra de passe? — R. «Louvado seja Deus, achámos». E tambem significa: «Procurou o assassino na caverna».

## CAVALLEIRO DO ORIENTE OU DA ESPADA

(15.º GRAU)

ORDEM. — Segura-se o hombro esquerdo com a mão direita.

SIGNAL. — Leva-se a mão direita ao hombro esquerdo e des-

ce-se serpenteando até ao quadril direito, como para imitar os ziguezagues d'um rio; depois desembainha-se a espada (fóra de Loja, bem entendido, só se faz menção d'isso), e apresenta-se á frente, como para combater.

Toque. — Tomam-se mutuamente as mãos esquerdas, com o braço levantado e extendido, como para repellir um ataque, emquanto a mão direita finge abrir passagem. Depois faz-se menção de levar reciprocamente a ponta da espada ao coração, dizendo o primeiro: «*Juda*», e o segundo, em resposta: «*Benjamin*».

Palavra de passe. — *Ya-Vorum-Hammaim*, que significa: «Liberdade de passagem», ou: «Elles passarão as aguas».

Palavra sagrada. — RAPHODON. Traduz-se por: «Logar de repouso.» E' o nome dado ao logar em que os Israelitas fizeram o seu ultimo acampamento, no tempo de Moysés, depois da sahida do Egypto.

Grande palavra. — SCHALAL-SCHALOM-ABI. Interpreta-se: «Roubou a paz a seu pae.»

Marcha. — Avança-se destemidamente por cinco passos largos, com a espada levantada.

Bateria. — Sete pancadas, d'este modo: OOOOO — OO.

Edade. — Setenta annos.

Decoração. — Avental branco, forrado e debruado de verde, com tres triangulos bordados no meio; tem pintada, no babadouro, uma cabeça ensanguentada, com duas espadas em aspa. Fita verde mar, da direita para a esquerda; tem pintadas ou bordadas ossadas e membros dispersos, cabeças, corôas, espadas inteiras e partidas, e no meio uma ponte, em cujo arco estão tres lettras: L.·. D.·. P.·. A joia é um gladio com forma de sabre.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois cavalleiro do Oriente? — R. Meu porte, minhas vestes, minha espada e firmeza vol-o provam.

P. Como chegastes a esse grau? — R. Pela humildade e paciencia.

P. Què origem tendes? — R. Sou da tribu de Judá.

P. Que professaes? — R. A Maçonaria.

P. O vosso nome? — R. Zorobabel.

P. E o appellido? — R. Mação liberrimo.

## PRINCIPE DE JERUSALEM

(16.º GRAU)

Ordem. — Mão direita cerrada, como se segurasse uma espada para o ataque; mão esquerda assente sobre o quadril esquerdo (primeira parte do signal).

Signal. — Extende-se o braço direito prompto para o combate e assenta-se a mão esquerda, com os dedos abertos, sobre o quadril esquerdo. A resposta a este signal consiste em elevar o braço direito á altura do hombro, com os dedos fechados, excepto o index, que fica extendido, como se annunciasse uma ordem, tendo o pé direito em esquadria, com o calcanhar unido á ponta do pé esquerdo.

Toque. — Toma-se reciprocamente a mão direita, e dão-se alternadamente cinco pancadas (assim: O — OO — OO) com o pollegar direito na articulação do dedo minimo; juntam-se os pés direitos pela ponta, tocando-se em seguida os joelhos; depois põe-se mutuamente a mão esquerda aberta sobre o hombro, dizendo um: «Vinte», e o outro, em resposta: «Vinte e tres».

Edade. — Vinte e cinco annos completos.

Palavra de passe. — *Tebeth.* Responde-se: *Esrim.* A primeira é o nome do decimo mez lunar ou maçonico. A segunda significa «vinte». Isto traz á memoria a entrada dos hebreus em Jerusalem, que teve logar no vigesimo dia do decimo mez.

Palavra sagrada. — ADAR (nome do 12.º mez lunar ou maçonico). Responde-se SCHALASCH-ESRIM (vinte e tres). «Foi em 23 de Adar que os Israelitas conseguiram, depois de muitas desgraças, fazer a consagração do novo templo de Jerusalem, restabelecendo os antigos segredos, ceremonias e mysterios». (Explicação dos rituaes maçonicos).

Marcha. — Estando á ordem, avança-se o pé esquerdo escorregando, depois leva-se o pé direito á ponta do esquerdo, marcando um passo, e assim por diante até completar cinco.

Bateria. — Vinte e cinco pancadas por cinco vezes cinco, assim: OOOO — O, cinco vezes repetidas.

Tempo do trabalho. — Começa-se ao sol fóra e termina-se ao meio dia.

Decoração. — Avental encarnado, forrado e debruado de amarello aurora. Tem pintados: um templo, um esquadro, um escudo, uma mão de justiça e um triangulo. Fita amarello aurora, recamada d'ouro, da direita para a esquerda; tem bordadas: uma balança, uma mão de justiça, uma espada, cinco estrellas e duas corôas. A joia é uma medalha d'ouro, que tem gravadas: d'um

lado uma mão, segurando uma balança equilibrada; do outro outra mão, segurando uma espada de dois gumes, cercada de cinco estrellas. Os Principes de Jerusalem usam tambem luvas encarnadas.

PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Principe de Jerusalem? — R. O caminho de Babylonia me é conhecido.

P. Combatestes? — R. Sim; contra os Samaritanos que se oppunham á minha passagem.

P. Dae-me a palavra de passe. — R. (Dá-a).

P. O que significa? — R. E' uma palavra hebraica, que recorda o 20.º dia do 10.º mez, — dia em que os Principes fizeram a sua entrada em Jerusalem.

P. Dae-me a palavra sagrada. — R. (Dá-a).

P. O que significa? — R. E' egualmente uma palavra hebraica, que indica o 23.º dia do 12.º mez, — dia em que foram dadas graças a Deus pela reconstrucção do Templo.

P. Irmão, a que horas se erguem os Principes de Jerusalem para combater? — R. Quando o sol apparece no horisonte.

P. Qual é a hora da victoria? — R. Aquella em que o sol chega ao meio de seu curso.

## CAVALLEIRO DO ORIENTE E DO OCCIDENTE

(17.º GRAU)

ORDEM. — Põe-se a mão direita sobre a fronte. Em muitas Officinas a ordem é egual á do grau de Mestre.

SIGNAL. — Olha-se para o hombro direito, dizendo: «*Abaddon*»; o Irmão, a quem se faz este signal, responde olhando para o hombro esquerdo, dizendo: «*Zabulon*». Ha ainda outro signal de que os Mações do 17.º grau se servem para entrar na Loja. Dispostos dois a dois, põem mutuamente a mão na fronte, e entram 'nesta postura. Traduz-se *Abaddon* por «o que extermina»; é, diz-se, o nome do anjo exterminador. *Zabulon* significa a morada por excellencia, isto é, o ceu.

TOQUE. — E' duplo: 1.º Põe-se a mão esquerda na direita do Irmão que pede o toque, tendo o cuidado de manter os dedos estendidos; o segundo, então, cobre a mão do primeiro com a sua mão esquerda, desviando um e outro a cabeça para olhar o seu hombro direito. 2.º Toca-se com a mão esquerda o hombro esquerdo do Irmão que fica defronte, e este acaricia com a mão

direita o hombro direito do outro; sorriem-se simultaneamente, trocando ao ouvido estas phrases: «Tua belleza—é divina; tua sabedoria — é potente; — honra te seja! — gloria a ti! — possues a força».

PALAVRA DE PASSE. — *Zabulon.*

PALAVRA SAGRADA. — ABADDON.

EDADE. — «Sou muito velho».

MARCHA. — Dão-se sete passos, pondo em cada um d'elles os pés em esquadria, e desenhando com esta marcha um heptagono no solo.

BATERIA. — Sete pancadas, assim: OOO — OOO — O.

TEMPO DO TRABALHO. — Do pôr ao nascer do sol.

DECORAÇÃO. — Avental de seda amarella, forrado e debruado de vermelho. Duas fitas: uma branca, da direita para a esquerda, outra preta, em aspa, com a joia no fundo. A joia é uma medalha heptagonal, parte d'ouro e parte de prata; tem, 'numa das faces, gravadas, uma em cada angulo, as lettras: B.·. D.·. S.·. P.·. H.·. G.·. F.·.; no meio um cordeiro de prata deitado sobre um livro com sete sellos, marcados com as lettras supra. Na outra face ha duas espadas encruzadas, com as pontas para cima, postas sobre uma balança equilibrada. Muitos Cavalleiros do Oriente e do Occidente não se contentam com esta medalha singular; accrescentam por isso á joia uma lança pequena, que, bem visto, é facultativa.

PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Cavalleiro do Oriente e do Occidente? — R. Derramei o meu sangue e fui purificado pela agua.

P. Que vistes? — R. Coisas mysteriosas e surprehendentes.

P. Como fostes recebido? — R. Ante o arco-iris, ao estridor de mil trombetas.

P. Que edade tendes? — R. Sou muito velho.

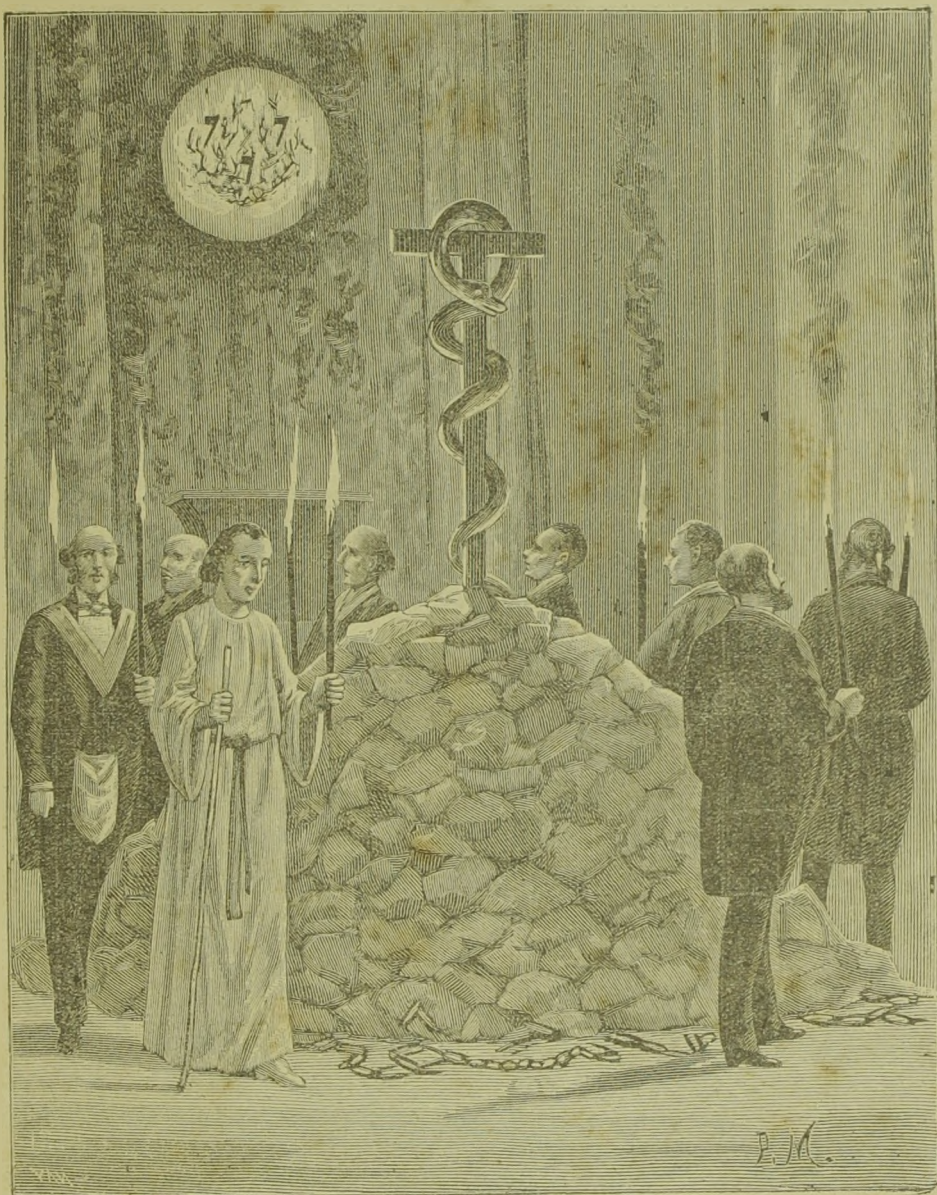
P. Quem sois? — R. Um filho de Pathmos, que ama tudo que vae da belleza á força.

P. D'onde vindes? — R. De Pathmos.

P. O que significam as lettras B.·. D.·. S.·. P.·. H.·. G.·. F.·.? — R. Belleza, Divindade, Sabedoria, Poder, Honra, Gloria, Força.

P. Qual é a hora da abertura? — R. O tempo approxima-se; põe-se o sol.

P. Qual é a hora da encerração? — Não ha tempo; nasce o sol.

Iniciação do Cavalleiro da Serpente de Bronze

O neophyto dá com alguns irmãos um passeio em volta do monticulo, que representa o Sinai. Durante o passeio accendem-se archotes.

## ROSA-CRUZ

(18.º grau)

Ordem. — Cruzam-se as mãos sobre o peito, tendo os dedos affastados. Esta postura tambem se chama «signal do Bom-Pas-

tor». A mão direita deve collocar-se sobre a esquerda, erguendo os olhos para o ceu.

SIGNAL. — Levanta-se a mão direita, fechados todos os dedos com excepção do index, que fica erguido para o ceu, como se se quizesse dar uma benção, com um só dedo erguido; é o «signal do index». O Rosa-Cruz, em resposta a este signal, ergue a mão direita e deixa-a cahir em seguida, apontando a terra com o index; é o que se chama «contra-signal». [a]

SIGNAL DE SOCCORRO. — E' outro signal peculiar dos Rosa-Cruz, cujo fim é indicar que ha necessidade urgente de qualquer ajuda, especialmente pecuniaria. Faz-se erguendo a perna direita por traz da esquerda, e cruzando-a á altura da barriga. O Irmão, a quem o signal é dirigido, responde (sendo Rosa-Cruz, é claro) por meio de signal semelhante, executado com a perna esquerda.

TOQUE. — Postos á ordem, depois de uma saudação reciproca, collocam-se mutuamente a mão direita aberta no seio direito, e a mão esquerda no esquerdo; em seguida abraçam se, dizendo um: «*Emmanuel*», e respondendo o outro: «*Pax vobis*».

PALAVRA DE PASSE. — E' dupla e dá-se por pergunta e resposta, como acima se deixa vêr. Primeira palavra: *Emmanuel*; verte-se por: «Deus comnosco». Segunda palavra: *Pax vobis*, ou: *Pax vobiscum*; interpreta-se: «Paz profunda».

PALAVRA SAGRADA. — «INRI». Não se pronuncia, nem mesmo se solettra. Quando um Mação do grau 18.º ou d'outro superior pede a um Irmão a palavra sagrada dos Rosa-Cruz, deve este responder-lhe tão exactamente como abaixo se diz, nas perguntas d'ordem.

EDADE. — Trinta e tres annos.

MARCHA. — Caminha-se naturalmente, por tres passos precipitados, havendo o cuidado de pôr-se previamente á ordem; depois, antes de um tomar o seu logar, faz uma genuflexão ante o presidente da assemblêa.

BATERIA. — Sete pancadas, dadas assim: OOOOOO — O.

ACCLAMAÇÃO. — Solta-se tres vezes o brado: «Hoschêah!»

TEMPO DO TRABALHO. — No grau de Rosa-Cruz não se indicam horas para figurar a abertura e encerramento dos trabalhos. Um capitulo de Rosa-Cruz, presume-se, está em continua actividade. A abertura da sessão corresponde a uma simples continua-

---

(a) O auctor emprega sempre os termos «signal» e «contra-signal». Os livros maçonicos portuguezes servem-se ordinariamente de dois termos differentes, que são: «primeiro signal» (ou «signal de pergunta») e «signal de resposta».

ção de trabalhos; o seu encerramento não passa, falando com propriedade, de uma pura suspensão.

A' pergunta, pois: «A que horas começamos de novo os trabalhos?« responde-se: «No momento em que a palavra se perdeu».

Procede-se do mesmo modo para o encerramento. Pergunta: «A que horas suspendemos os trabalhos?» Resposta: «No momento em que a palavra se recuperou».

Decoração. -- Avental branco, forrado de preto e debruado de vermelho; tem bordados a meio: na frente um pelicano sobre um compasso e um quadrante, e no fôrro uma cruz vermelha com a rosa na intersecção dos braços. A fita é de côr vermelha ondeada, forrada de preto, e traz-se ao pescoço, em aspa. A joia é um compasso coroado, aberto sobre um quadrante; tem entre as hastes, d'um lado o pelicano mystico com os sete filhos, e do outro a cruz com a rosa, circumdados de raios ambos os lados.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Rosa-Cruz, Perfeito Mestre? — R. Tenho essa ventura.

P. Onde fostes recebido? — R. 'Num Capitulo, onde reinam o amor das sciencias e a modestia.

P. Quem vos recebeu? — R. O mais humilde de todos.

P. Que intendeis dizer com isso? — R. Que em nossas reuniões ninguem se distingue senão por seus talentos, e o mais instruido conhece que nada sabe em comparação do que lhe resta para saber.

P. Fizeram-vos viajar; o que notastes, e qual era o fim da viagem? — R. Notei tres estrellas, que me fizeram conhecer os tres sustentaculos da nossa Ordem: Fé, Esperança, Caridade. O fim era procurar a palavra perdida pela tibieza dos Maçoes.

P. Haveil-a encontrado, e podeis dar-m'a? — R. O Sapientissimo achou-a duas vezes em minhas respostas; fazei como elle: interrogae-me.

P. Onde bebestes mais conhecimentos? — R. Na India.

P. Quem melhor vos guiou? — R. A Natureza.

P. O que produziu ella em vós? — R. A minha Regeneração.

P. O que haveis de combater? — R. A Ignorancia.

P. Qual o aphorisma dos antigos que mais vos impressionou? — R. Foi este: *Igne Natura Renovatur Integra.* Reuni as iniciaes d'estes termos, e tereis duas vezes achado a palavra.

P. Que edade tendes? — R. Trinta e tres annos.

---

Observação. — Nas Officinas capitulares que observam o Rito Francez apenas estão em uso os graus: de Eleito (comprehendendo os graus 9.°, 10.° e 11.°), de Escocez, (abrangendo os graus 12.°, 13.° e 14.°,) de Cavalleiro do Oriente, (reunindo os graus 15.°, 16.° e 17.°), e sobretudo o grau de Rosa-Cruz.

'Neste grau, os signaes de ordem e reconhecimento, a edade, marcha, bateria, palavras de passe, palavra sagrada, perguntas d'ordem, decoração, etc., são exactamente os mesmos que se observam no Rito Escocez.

Nos outros graus as variantes são insignificantes. Contentar-me-hei com dar, para se evitarem enganos, as Palavras de Passe e as Palavras Sagradas em uso nas Officinas dependentes do Grande Oriente da França.

*Grau de Eleito*

Palavra de passe: «Abibala.» Palavra Sagrada: «NEKAM-NEKAR.»

*Grau de Escocez*

Palavra de Passe: «El-hanam.» Palavra Sagrada: «SCHEM — HAMM — PHORASCH.»

*Grau de Cavalleiro do Oriente*

Palavra de Passe: «Ya-Vorum-Hammaim.» Palavra Sagrada: «JUDA — BENJAMIN.»

---

## ALPHABETOS CAPITULARES, ETC.

Ha, na Maçonaria Vermelha um alphabeto secreto para os Rosa-Cruz; é todo de hieroglyphos, e não se servem já hoje d'elle.

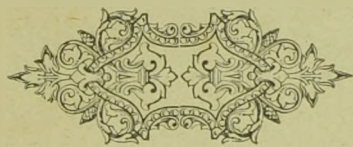
Eis, de resto, algumas phrases usadas:

*Burilar* (ou gravar) *uma columna,* significa: escrever uma carta, redigir uma noticia, fazer um relatorio.

As cartas e circulares dos Capitulos começam por esta formula: E.·. N.·. D.·. S.·. E.·. I.·. T.·. — Significa: «Em nome da Sanctissima e Individua Trindade.»

No fim da carta emprega-se a seguinte formula: S.·. E.·. A.·. N.·. P.·. U.·. D.·. N.·. S.·. — Significa: «Saude e affecto na pacifica unidade dos numeros sagrados.»

Finalmente, um Rosa-Cruz assigna-se com cinco pontos, e supprime as vogaes do nome.

Exemplo. — Um Rosa-Cruz, cujo nome fosse Eduardo Jardim, assignaria d'este modo: — DRD-JRDM :·:

# TERCEIRA PARTE

# OS AREOPAGOS OU A MAÇONARIA NEGRA

## CAPITULO PRIMEIRO

## O CONSELHO DO LIBANO OU COLLEGIO

### I

### O GRANDE PONTIFICE DA JERUSALEM CELESTE

O Rosa-Cruz é o Perfeito Mestre; mas não é o Perfeito Iniciado. E' o Cavalleiro Kadosch quem, sem ter ainda a direcção suprema, possue a iniciação completa.

Vimos até aqui como a Maçonaria faz a apologia do naturalismo, insinuando essa monstruosidade dos Manicheus e dos Templarios:— que a Divindade não é uma em sua essencia, mas dupla, e composta de dois principios mutuamente oppostos.

Esses dois principios, eguaes em divindade e antagonistas por natureza, presidem, desde toda a eternidade, um ao Bem, outro ao Mal: eis a doutrina da seita. E' tudo quanto foi revelado ao Rosa Cruz no ponto de vista do dogma maçonico. Resta-lhe aprender qual é, no espirito das Traz-Lojas, o Genio do Bem e qual o Genio do Mal, qual a Divindade adoravel e qual a abominavel. 'Numa palavra, os chefes occultos da seita, para o empolgar por completo, têm ainda de arrastal-o a esta convicção suprema: o principio malfazejo, o Deus do Erro, das Trevas e da Superstição, o perseguidor da humanidade é o Adonai da Biblia e do Evangelho; conseguintemente, o Anjo da Luz, o Principio do Trabalho e do Bem, o Genio da Verdade, o pae dos homens, o Grande Architecto do Universo é Satanaz. Eis o segredo, que, segundo a

Instrucção do Mestre, é de sua propria natureza inviolavel, devendo o Iniciado descobril-o sem lhe haver d'elle sido feita qualquer communicação oral.

Como será, pois, levado á sua descoberta o Rosa-Cruz? como attingirá elle o grau da perfeita iniciação maçonica? como passará do pantheismo do Capitulo á demonolatria do Areopago?

E' o que passamos a expôr, com os rituaes na mão.

Vimos como os Mestres que os chefes secretos julgaram aptos para attingir os altos graus não chegaram todos nas mesmas condições a Rosa-Cruz: uns passaram pelos graus intermediarios ou, ao menos, pelos principaes; outros galgaram d'uma só vez todos os graus, que separam o Mestre do Rosa-Cruz. O mesmo se dá nos graus philosophicos; uma parte dos Rosa-Cruz chamados a Cavalleiros Kadosch têm duas estações a passar, antes da iniciação no 30.° grau; os privilegiados recebem 'numa só sessão a investidura philosophica completa.

Vejamos primeiro, muito summariamente, os onze graus que servem de preparação para o 30.° grau aos espiritos vagorosos, escolhidos pela auctoridade suprema da seita.

Passa se primeiramente do 18.° ao 22.° grau (minimum de praso: 3 mezes); depois vae-se do 22.° ao 27.° grau (minimum de praso: 1 mez); e, finalmente, do 27.° ao grau de Kadosch (minimum de praso: 5 mezes).

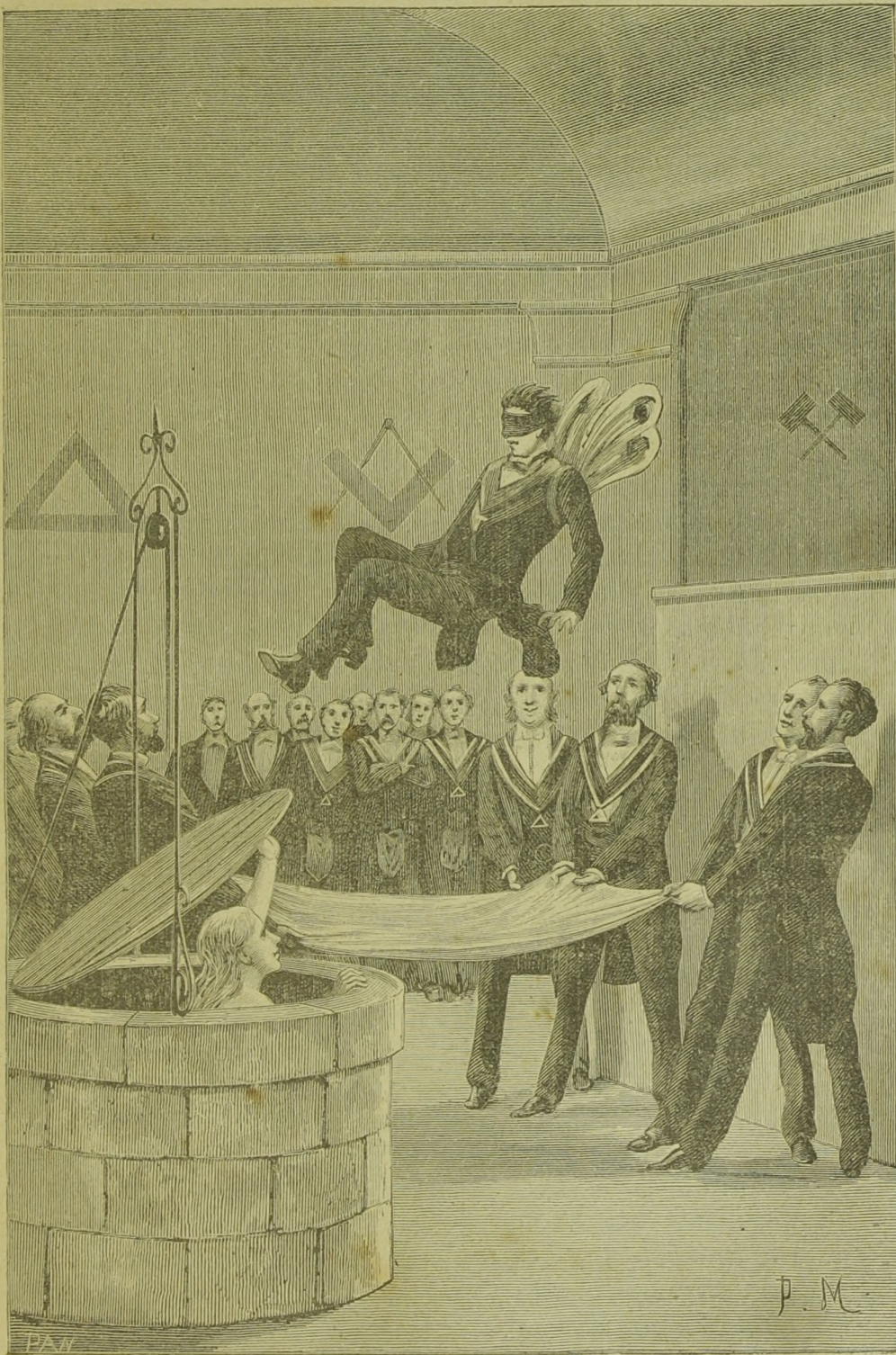
O primeiro dos graus de preparação para o satanismo dos Areopagos é o 19.°, intitulado: *Grande Pontifice da Jerusalem Celeste.*

A armação da sala é azul, com estrellas d'ouro disseminadas. A Oriente fica o throno, sob um rico docel e, atraz do throno, um grande transparente, cuja luz basta para illuminar a sala.

O presidente tem o titulo de Tres vezes Poderoso; está revestido com uma tunica de setim branco. Ha apenas um Vigilante, cujo logar é a Occidente; tem na mão uma estrella d'ouro. Todos os assistentes vestem tambem tunica branca, têm o titulo de Fieis e Verdadeiros Irmãos, e usam em volta da fronte uma banda de setim azul com doze estrellas bordadas a ouro.

Este grau reporta o iniciado ao grau de Cavalleiro do Oriente e do Occidente; as allegorias e os symbolos do 19.° grau são bebidas no Apocalypse; a lenda tem umas côres de catholicismo: manda-se procurar ao aspirante o caminho que conduz á Jerusalem Celeste. Porém, depois d'esta prova, é preciso que o neophyto seja muito papalvo para não comprehender que, mascarando-o com o Apocalypse, o empurram, mais que nunca, para o odio ao Deus dos christãos.

O transparente do Oriente representa a Jerusalem Celeste do

INICIAÇÃO DO PRINCIPE DA MERCÊ

O candidato obedece, atira-se agitando as azas e cae 'numa coberta fortemente tensa, que um grupo dos Irmãos mais vigorosos segura.

Apocalypse, com as tres portas e a arvore central de doze folhas. Eis as explicações que o Orador dá a proposito d'este transparente:

— Não ha, diz elle, outra Verdade além da que ensina a Razão, independente da Fé tal como a Egreja a entende; só a educação das massas pelo ensino leigo é que trará os bellos dias do Eden, quando lá viviam o primeiro homem e a primeira mulher; o verdadeiro paraiso é o Eden, onde a humanidade se alimentará dos fructos da Arvore da Sciencia; e, para possuir de novo esse paraiso, faz-se mister annullar a interdicção, que Adonai poz, de tocar 'naquella arvore. Por isso os descendentes de Caim e de Hiram, commandados por Eblis, subirão a assaltar a Jerusalem Celeste para reduzir á impotencia Adonai, Principio do Mal. Reconquistar o Eden, fazer governar o Anjo da Luz, e depôr Adonai do seu throno e poder nefasto, tal é o ideal da Franc-Maçonaria.

Outro fragmento da eloquencia do Orador:

— Como as nossas vistas apenas podem abraçar uma porção infinitesimal do Grande Todo harmonico da Natureza, e como o nosso entendimento é essencialmente finito, não podemos prever o momento em que a Verdade, a Honra e a Fraternidade esmagarão definitivamente a Mentira, a Abjecção e a Intolerancia, essas tres cabeças da hydra do Mal; o nosso dever consiste em esperar com paciencia e confiança esse momento abençoado.

Instrucção do grau, conforme o Ritual. — « Os trabalhos do 19.º grau evidenceiam que, para tornar effectivos os direitos do homem, deve ser unido o Progresso Moral ao Intellectual e modificados os respectivos principios em harmonia com as novas necessidades e progressos da instrucção geral.»

## II

### O GRANDE PATRIARCHA

#### VENERAVEL MESTRE AD VITAM

A sala arma-se de azul e amarello.

O presidente, com o titulo de Grão Mestre, toma assento 'num throno erguido sobre nove degraus. Tem diante de si um altar, sobre o qual estão: um esquadro, uma Biblia maçonica, um compasso, uma espada e um malhete.

O Oriente chama-se «Sanctuario».

Entre o sanctuario e o altar colloca-se um candieiro de nove lumes, que está sempre acceso.

Os Vigilantes são dois.

O Grão Mestre representa na comedia da iniciação a pessoa de Assuero e traz, com as vestes reaes, uma faixa azul e outra amarella, postas em aspa cruzada sobre o peito.

São precisos, pelo menos, nove Patriarchas para formar a Officina.

O candidato volta no 20.º grau a ser Zorobabel. E' interrogado sobre os graus anteriores, e parece até quererem preparal-o para desempenhar as funcções de Veneravel d'uma Loja.

Entre outras ceremonias, incensa nove vezes uma estrella, que fulge 'num transparente portatil com a figura d'uma nuvem d'ouro. Dizem-lhe ser a estrella da manhã, por outro nome — Lucifer. Contam-lhe que os sabios Chaldeus, adoradores do fogo, formavam outr'ora no deserto tribunos oradores, encarregados de prégar a Verdade.

E por isso o presidente Assuero, arengando o neophyto em seguida á sua recepção, diz-lhe:

— «Sêde como a estrella da manhã, que annuncia a vinda do dia; ide, e levae ao mundo a luz; pelo sagrado nome de Lucifer, extirpae o obscurantismo!»

Quanto ao discurso do Orador, desenvolve-se 'nelle a seguinte these: «Necessidade de manter porfiadamente, por todos os meios possiveis, o direito, que todos os homens têm, á egualdade em face da equidade e á egualdade de goso de todos os direitos naturaes.»

## III

### O CAVALLEIRO PRUSSIANO

Tambem se chama este grau *Cavalleiro Prussiano Noachita*, ou, mais simplesmente, *Noachita*.

O espirito do 21.º grau inspira-se nas sangrentas recordações da Sainte-Wehme. O grau de Cavalleiro Prussiano corresponde ao de Eleito, primeiro grau do punhal. Ha apenas uma differença: é que estamos já na Maçonaria Negra, e o adepto vae apprender, que não são manequins biblicos que se trata de apunhalar, como na Maçonaria Azul. E' o clero e a aristocracia que a associação ataca. A seita começa a desafivelar a mascara.

De resto, a iniciação no 21.º grau é, no sentir dos membros de graus mais elevados, uma das mais interessantes.

Deve-se este grau ao famoso impio Frederico da Prussia, chamado rei philosopho, e grande amigo de Voltaire.

O *Manual geral da Franc-Maçonaria*, pelo I.·. Teissier, 33.·., impresso em 1884, dá as seguintes notas sobre a origem do 21.º grau.

«O muito illustre I.·. Frederico II, rei da Prussia, foi o fundador da Ordem de Cavalleiro Prussiano, conhecido antes pelo nome de Noachita, descendente de Phaleg, architecto da torre de Babel. Esta ordem, pois, tem sua origem em tempos muito mais remotos que os da Maçonaria de Adonhiram; pois a torre de Babel foi construida muitos seculos antes do templo de Salomão, e não se exigia outr'ora que os aspirantes ao 21.° grau fossem Mações descendentes de Adonhiram, mas somente do tempo das Cruzadas, em que os cavalleiros das differentes ordens da Europa foram iniciados pelos principes christãos e reunidos para a conquista da Palestina. Os Mações descendentes de Adonhiram e chamados «Adonhiramitas» fizeram-se iniciar em respeito pela ordem dos Noachitas, que era muito venerada 'nesses tempos. Os Cavalleiros Noachitas, em reconhecimento, crendo outros não haver além dos descendentes de Adonhiram a quem melhor podessem confiar os seus segredos, exigiram mais tarde que todos os neophytos houvessem previamente recebido o grau de Mestre 'naquella Ordem, sem que outros podessem ser admittidos. Consta isto dos estatutos, que estão nos archivos do rei da Prussia e pelos quaes é expressamente prohibido a qualquer Cavalleiro Prussiano receber um candidato que não haja previamente dado provas de seu zelo e capacidade na ordem da Maçonaria Adonhiramita; faz-se mister que prove ter desempenhado as funcções de Official dignatario 'numa Loja regular (Maçonaria Azul).»

Eis o processo da iniciação no 21.° grau.

A reunião dos Cavalleiros Prussianos tem o nome de Grande Capitulo. E' obrigatorio que a sessão se faça 'numa sala grande, que recebe luz sómente d'uma janella, disposta de geito a deixar penetrar no interior toda a luz da lua cheia. E' prohibido do modo mais cathegorico e formal pelos estatutos usar d'outra luz, que não seja a d'aquelle astro; sendo por tal motivo que as reuniões do 21.° grau apenas se realisam na lua cheia de cada mez.

A sala deve, quanto possivel, ser decorada segundo o estylo medieval.

Este grau tem brazões-d'armas especiaes. «Um azul-mar, com lua de prata, cercado de estrellas d'ouro; outro negro, equilatero, com uma frecha d'ouro.» (*Manual do Iniciado,* pelo I.·. Ragon, 33.·.)

Todos os assistentes usam mascara, avental amarello e luvas da mesma côr. A faixa é preta.

Não é o presidente ordinario da Officina quem preside nas sessões de recepção, pois toma então assento no Occidente e desempenha as funcções de Inspector: é o unico Vigilante. Os outros Funccionarios são: um Introductor, um Cavalleiro da Elo-

quencia, um Porta-Estandarte, um Guarda do Grande Capitulo, um Chanceller (secretario) e um Financeiro (thesoureiro). Quanto ao presidente da sessão, nenhum dos assistentes deve conhecel-o; não faz parte da Officina, e o seu papel é como vamos ver.

A sessão começa sem que elle esteja presente. Os Mações do Grande Capitulo reunem-se e sentam-se provisoriamente ás ordens do Inspector.

Promptos todos elles, com a mascara posta, ouve a assemblêa dar tres pancadas lentamente compassadas na porta. E' um personagem egualmente mascarado, mas extranho ao Grande Capitulo, que se apresenta. Abre-se. O Inspector, o Introductor e o Guarda do Grande Capitulo telham-no; o desconhecido, vestido com vasto manto, apresenta uma nomeação que o Supremo Conselho d'elle fez para presidir á sessão.

— Honra ao Grande Commendador! — brada o Irmão Inspector.

Forma-se a abobada d'aço, e o delegado, que deve ficar desconhecido até ao fim, vae sentar-se no throno da presidencia. Representa Frederico II, rei da Prussia, diz o Ritual.

O Grande Commendador declara aberta a sessão.

Porta-Estandarte. — Todo o que soffreu a injustiça dos grandes ou a tyrannia dos poderosos, todo o que foi victima d'uma accusação injusta, todo o que viu ultrajado o seu lar, cahiu em mãos de juizes corruptos ou prevaricadores, soffreu extorsões, abusos ou violencias, venha; e, apresentando livremente a sua queixa ante nós, faça ouvir suas reclamações; este Grande Capitulo, de cujas sentenças não ha recurso, lhe fará plena e integra justiça.

Introduz-se então o neophyto. O Introductor annuncia-o 'nestes termos

— Apresento ao Grande Capitulo Adolpho de Saxonia, Mestre Mação e Cavalleiro Rosa-Cruz, meu antigo companheiro d'armas na Palestina.

O Grande Commendador pergunta-lhe o que quer.

Neophyto. — Venho implorar justiça.

O Introductor explica o caso. O reclamante Adolpho de Saxonia, partindo para a Palestina a militar ás ordens de Frederico Barbaroxa, pediu dinheiro ao conde Ranfredo de Loegria e ao bispo de Vienna; a garantia d'esse dinheiro foi o seu patrimonio. Na volta, Adolpho reclamou seus bens; porém o conde Ranfredo disse não se tratar de um emprestimo, mas d'uma venda, e affirma que possue o auto de cessão, assignado por Adolpho. Este declara falso tal auto. O conde e o bispo persistem em affirmal-o legitimo. Adolpho pede justiça contra elles.

Dada esta explicação pelo Introductor, o neophyto, a quem se sopra a lição, confirma-a, sem comtudo suspeitar o que irá succeder.

Apenas acaba de declarar que é victima do conde Ranfredo e do bispo, ergue-se um dos membros da assemblêa, avança, tira a mascara, apresenta-se como conde Ranfredo de Loegria e apostropha o neophyto.

— Mentis, lhe diz; o auto de cessão é legitimo e valido; eil-o!

E extende um pergaminho.

O Introductor, falando pelo neophyto, requer que o pergaminho seja submettido ao exame do Grande Capitulo. O Grande Commendador adhere á proposta.

O Introductor, aproximando-se então da janella por onde entra a luz da lua, extende o pergaminho (que é uma modesta folha de papel sellado), e faz observar que a data impressa no papel é posterior á que acompanha a pretendida assignatura de Adolpho. O documento, pois, é falso. Está claro.

Indignação tumultuosa da assemblêa. O conde Ranfredo, convencido de traição, é expulso do Grande Capitulo, e vota-se ademais que a palavra «Morto» seja escripta á margem do Registo, em face do seu nome.

E o bispo de Vienna, que foi cumplice do conde, ficará impune?

Oh! não!... O Introductor requer que elle seja multado em grande somma e condemnado a pagar perdas e damnos a Adolpho.

— Deferido! — brada o Grande Capitulo como se fôra um só homem.

Finalmente, para que a justiça seja completa, o Grande Commendador propõe á assembleia a admissão de Adolpho de Saxonia em substituição do traidor Ranfredo de Loegria. A proposta é acceite com enthusiasmo.

Immediatamente tem logar o juramento de Adolpho.

*Juramento do 21.° grau.* — Juro manter secretas, sempre e para todos, as revelações d'este grau. Juro pôr por obra, tanto na lettra como no espirito, todas as obrigações que contrahi e todas as instrucções que recebi desde a minha entrada na Maçonaria. Juro que jamais deixarei de executar as ordens que receber em consequencia das sentenças d'este Grande Capitulo ou de qualquer outro. Juro submetter-me inteiramente á jurisdicção dos Cavalleiros Prussianos Noachitas, se algum dia commetter qualquer falta ou crime. Juro ser clemente e compassivo, porque sou homem e irmão dos outros homens.

Este juramento presta-se sobre uma espada e um punhal encruzados.

Em seguida á consagração do neophyto o Grande Commendador dá a palavra ao Cavalleiro da Eloquencia, que passa o tempo a contar... sabeis o quê?... a historia da torre de Babel!

Imaginaes por certo conhecer perfeitamente esta historia, não é verdade?... Pois esperae la!... Se a apprendestes na Biblia, sabeil-a muito mal.

Eis em poucas palavras a lenda maçonica:

Os homens que haviam emprehendido a construcção da torre de Babel eram ousados, boas pessoas, virtuosos, dotados, emfim, de todas as perfeições. Não façaes espanto: descendiam todos, em linha mais ou menos recta, de Chanaan, isto é, de Caim ou, que o mesmo vale, de Eblis, principio do Bem, Genio do Fogo. Seu chefe, Phaleg de nome, architecto que havia concebido esse admiravel projecto maçonico (porque isto d'uma torre é obra de pedreirada), era o mais perfeito de todos esses modelos de virtudes; a torre era, de si, um monumento que esses bravos erigiam á gloria do Anjo da Luz e para salvação da humanidade futura. Eis o motivo porque Adonai, ardendo em odio, jurou guerra a esses obreiros sublimes, lhes destruiu a argamassa e a trolha, fazendo interromper a construcção de tão magnifica torre. Phaleg é uma grande victima; os descendentes de Noé pelas linhas de Sem e Japhet são orgulhosos. Mas os filhos de Chanaan não se deram por vencidos: passaram ao Egypto, que se tornou o primeiro paiz da raça de Cham e da Franc-Maçonaria, e construiram as Pyramides. Essas pyramides farão á Humanidade futura o mesmo serviço que devia prestar-lhe a torre de Babel; consagradas pelos mysterios dos antigos iniciados de Iris, Osiris, etc., são indestructiveis. A humanidade futura está assim prevenida; o Anjo da Luz soube assegurar-lhe a salvação: em caso de diluvio, o genero humano não teria mais do que ir em pessoa ao Egypto, e subir á grimpa das Pyramides. Ora toma, Adonai!

Quando Adolphe de Saxonia acaba de ouvir esta lenda singular, — contada, na verdade, em termos muito compostos pelo Cavalleiro da Eloquencia, — pede-se lhe delicadamente que se ponha fóra da sala.

— Ide, lhe diz o Grande Commendador, e velae pela segurança de vossos Irmãos, guardando a entrada no Grande Capitulo até que tenhaes conquistado confiança sufficiente para vos admit'tirmos a tomar parte em nossos trabalhos.

O recem-iniciado obedece. Em seguida o Grande Commendador, sempre mascarado e embrulhado em seu manto, sae como havia entrado, isto é, sem se dar a conhecer aos membros da as-

semblêa, que 'nelle devem ver sómente o delegado anonymo do Supremo Conselho.

No dizer do Ritual, a instrucção d'este grau é: que «a magistratura livre, integra e independente, se torna indispensavel para que o verdadeiro progresso se converta em uma realidade permanente;» e que «para attingir este fim, os juizes devem depender sómente das leis constitucionaes e não da vontade do poder ou dos caprichos das massas.»

Mas o que, no fundo, se tem em vista é habituar o iniciado a crer, que qualquer auctoridade politica e religiosa é inimiga do homem; que os leigos ou ecclesiasticos, que hajam conseguido elevar-se, não passam de impostores e exploradores do povo; e que, finalmente, o clero e a nobreza devem fazer-se desapparecer.

## IV

### O PRINCIPE DO LIBANO

#### REAL FACHA

O 22.° grau dá fim á primeira serie philosophica.

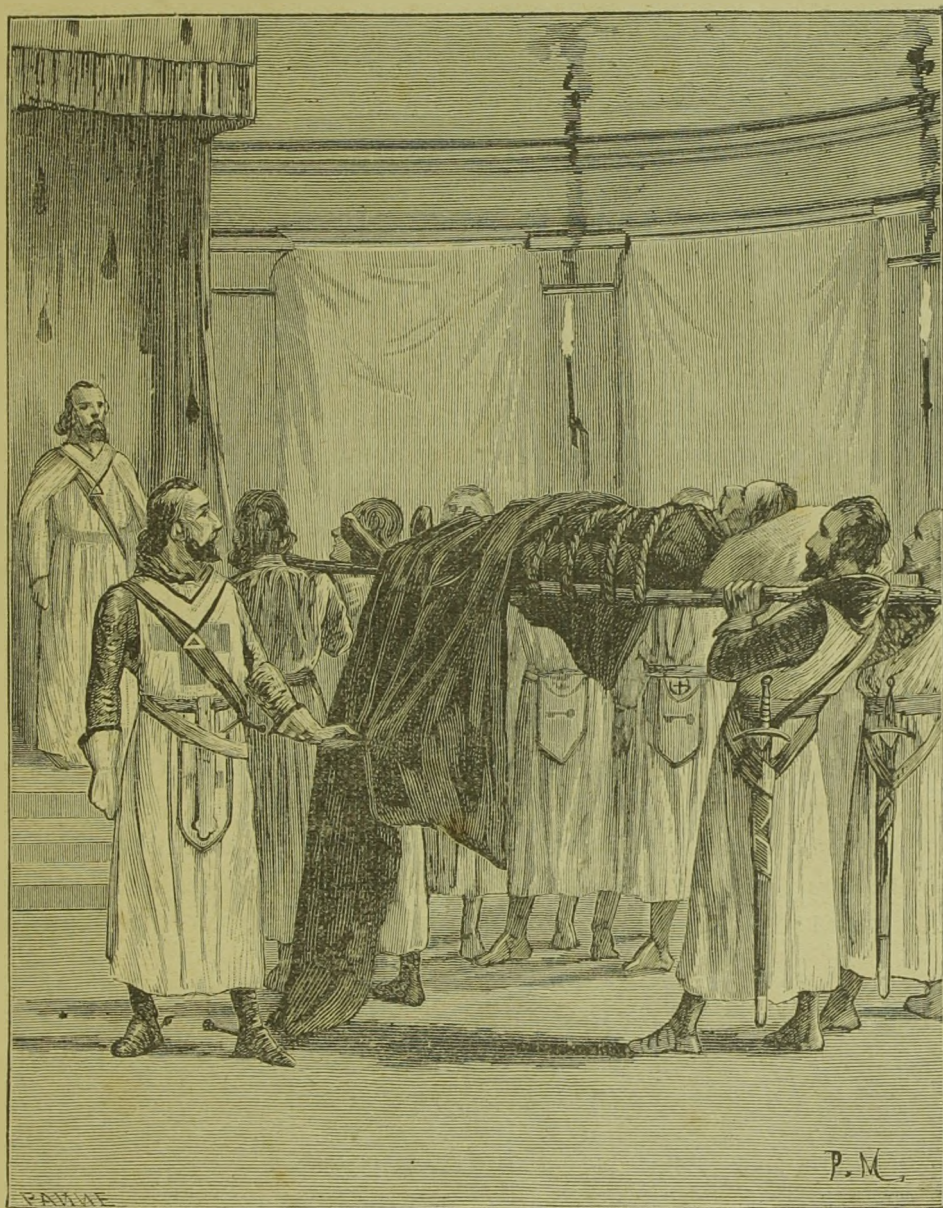
São precisas duas salas para a iniciação. A primeira arma-se de azul: representa a officina do monte Libano; machados, serras, malhos e cunhas estão dispersos pelo soalho. O presidente tem o titulo de Sapientissimo, e os Vigilantes o de Sabios Principes. A sala é alumiada por onze lumes. A assemblêa toma o nome de Collegio.

Todos os Irmãos estão armados de machado.

A segunda sala arma-se de vermelho, collocando a meio uma mesa redonda e, sobre ella, compassos, esquadros, e um plano, traçado em papel dourado, estando 'nelle representados varios circulos entrelaçados.

Todos os Irmãos estão armados de espada. O presidente tem o titulo de Grande Patriarcha; os demais assistentes o de Patriarchas. A segunda reunião chama-se Conselho da Mesa Redonda, ou Conselho do Libano, sendo que este ultimo nome tambem serve para designar a assemblêa collectiva dos mações recebidos nos graus que vão do 19.° ao 22.°.

A recepção é curta. Mostra-se especialmente ao neophyto um machado, que tem gravadas 'numa das faces estas lettras: L. S. A. A. C. D. X. Z. A. Explica-se-lhe que as lettras representam: Libano, Salomão, Abda (pae do Mestre Hiram, tambem chamado Adon-Hiram), Adon-Hiram, Cyro, Dario, Xerxes, Zoroastro e Ananias. Tal machado «é a Acha do Gnosticismo, que, lançando por terra os enormes troncos da intolerancia, da hypocrisia, da superstição,

INICIAÇÃO DO SOBERANO COMMENDADOR DO TEMPLO

Terminada a procissão, libertam o neophyto das cordas que o prendem, para lhe mostrar a differença que vae d'um escravo a um homem livre.

do egoismo e da ociosidade, faz chegar ao espirito humano os raios da Verdade, que o banham com sua luz.»

Contam-se ao neophyto diversos incidentes do corte das arvores do monte Libano, arvores que forneceram a madeira necessaria para a construcção do Templo de Salomão.

A proposito d'este monarcha declara-se, que os Franc-Mações já lhe não querem mal por haver indirectamente tomado parte na

morte de Hiram. Na epocha em que Salomão incitou os tres maus Companheiros contra o architecto do Templo, era elle um fervoroso adorador de Adonai e soffria, sem duvida nenhuma, a secreta influencia d'esse jurado inimigo dos descendentes de Caim. Depois, porém, Salomão reparou nobremente suas faltas. Mandou procurar e matar os tres assassinos, como se viu no grau de Eleito. O corpo de Hiram foi inhumado sob o altar do Templo, e, abandonando o culto de Adonai, o rei Sapientissimo acabou seus dias queimando incenso em honra de Moloch, divindade dos Tyros, genio do Fogo, e um dos ajudantes de campo do Anjo da Luz.

A proposito d'essa segunda parte da vida de Salomão faz o Cavalleiro da Eloquencia, com muita discreção, um vago elogio das sciencias occultas; diz: que a pedra philosophal está na apotheose do trabalho; que os mais sabios philosophos, discipulos de Zoroastro, se entregaram á magia e fizeram por via d'ella surprehendentes descobertas; e, finalmente, que Ananias (mais uma victima de Adonai) tinha um nome significativo de «adivinhação». Conclue ensinando ao neophyto que o 22.° grau, no qual acaba de ser iniciado, é o primeiro grau francamente hermetico e cabalistico, — duas palavras cujo sentido muito lhe pede que medite bem.

A sessão encerra-se com as formalidades do costume.

Instrucção do grau, segundo o Ritual. — « Os trabalhos versam: sobre a rehabilitação do proletariado pelo governo das collectividades, tendo a mutualidade por meio e a familia maçonica por templo; e sobre os meios de constituir com cedo a federação e a familia industriaes, tendo por ligamen solidario o livre cambio».

## CAPITULO SEGUNDO

## A CORTE

### I

### O CHEFE DO TABERNACULO

A segunda serie dos graus philosophicos da Maçonaria Negra vae do 23.° ao 27.° grau.

A lenda do *Chefe do Tabernaculo*, 23.° grau, versa tambem sobre Hiram e o Templo de Salomão. Vê-se, pois, que ainda não chegámos ao fim d'este conto, muito de molde a fazer dormir em pé, e pretexto de mil impias declamações! Tal assumpto é inexgotavel para a seita.

A sala arma-se de branco e orna-se com columnas vermelhas e pretas, dispostas aos pares em certas distancias. O oriente

ou sanctuario é limitado por uma balaustrada, que vae do sul ao norte e dá entrada a oriente. O altar é vermelho e tem em cima o livro da Sabedoria (de Salomão) e um punhal. Ha sete degraus para subir ao throno. Está sobre o throno uma pretendida Arca da Alliança com a gloria [a] do Grande Architecto em cima. Aos lados ficam o sol e a lua. A' direita e á esquerda do grande altar colloca-se o altar chamado dos holocaustos e o altar dito dos perfumes. A occidente ficam dois candelabros, tendo cada um d'elles cinco velas dispostas em triangulo. No Oriente ha um só lustre com dois lumes. O sanctuario está occulto por duas cortinas grandes, que se abrem 'num momento dado.

Uma camara escura serve de gabinete de preparação. Os seus ornamentos consistem 'num altar, uma candeia, tres caveiras sobre um mocho e um esqueleto, que tem na mão um cartaz em que se leem estas palavras: «Se és tibio, vae-te d'aqui; entre nós só ha homens capazes de affrontar todos os perigos sem abandonar a virtude!»

O presidente tem o titulo de Soberano Grande Sacrificador; dois Irmãos estão a seu lado e tomam o nome de Grandes Sacerdotes; os demais assistentes chamam-se Levitas.

O neophyto desempenha aqui o papel de filho d'Hiram. O boneco, que estava assente sobre o quadro da Loja no grau de Eleito, cresceu; era de estofo cheio de farelo, e vê-se agora em carne e osso. Ensina-se-lhe que Adonai, para desprestigiar o culto de Moloch, tornara os Tyros nimiamente fanaticos: foi elle quem os arrastou a fazerem sacrificios humanos. Foi tambem Adonai quem, para tornar odiosas as divindades do Egypto, paiz sagrado dos mysterios e das pyramides, deu aos crocodilos do Nilo a ferocidade que os caracterisa. Faz-se, pois, jurar ao neophyto que destruirá o «Deus-Crocodilo» e lançará por terra o altar ensanguentado dos sacrificios humanos. «Se alguns homens devem ser sacrificados para vingar a morte de vosso illustre pae, não são os desgraçados escravos, nem os prisioneiros de guerra, mas os traidores, os hypocritas e os viciosos.»

Os traidores, os hypocritas e os viciosos em questão são os sacerdotes da religião catholica.

Quanto ao Deus dos Christãos, é elle o monstruoso crocodilo que devora a humanidade. Felizmente, porém, Eblis, sempre intrepido, combate-o. Ao protector da especie humana, a Eblis, é que pertence o futuro; o triumpho final está-lhe reservado. «Quando

---

(a) Resplendor, aureola, circulo de luz que se põe em torno da cabeça de um sancto, ou pessoa illustre por suas virtudes.
Já mais acima foi tal termo empregado 'neste sentido.

soará essa hora do triumpho? — pergunta o Cavalleiro da Eloquencia. Mortal algum poderá prevel-o; é o segredo do destino, o enigma insoluvel. Quantos mais soldados os Mações recrutarem para o exercito de Lucifer, salvador dos homens, tanto mais cedo soará a hora da libertação!»

Interrompe-se por um momento este discurso, e incensa-se o livro da Sabedoria de Salomão.

Conclusão do Cavalleiro da Eloquencia: «A superstição deve ser habilmente desarraigada; á politica, pois, á acção governamental das classes dirigentes é que corre o dever de declarar guerra á superstição e commandar a campanha contra ella, de geito a tornar seguro e inevitavel o triumpho da Verdade.»

Encerra-se a sessão com uma ceremonia em honra do «Bom Principio, Grande Architecto do Universo», a quem a assemblêa presta solemne homenagem.

Eis-nos em pleno culto.

O presidente, ou Grande Sacrificador, traz uma longa tunica vermelha e, por cima, uma dalmatica amarella, mais curta e sem mangas; na cabeça tem uma mitra de panno tecido com ouro, em cuja frente está um triangulo vermelho. Traz ademais, da esquerda para a direita, uma banda preta com franjas de prata, da qual pende, preso a uma roseta encarnada, um punhal. Tal é, com suas vestes de apparato, o pontifice do Anjo da Luz.

Os levitas usam tunica branca e banda vermelha com franjas d'ouro, da qual pende, preso a uma roseta preta, um thuribulo.

E todos esses pobres idiotas incensam á porfia o triangulo mysterioso, que representa Eblis, posto immediatamente a descoberto no fundo do sanctuario.

## II

### O PRINCIPE DO TABERNACULO

Para a iniciação no 24.º grau faz-se uso de duas salas contiguas. A primeira chama-se Vestibulo; decora-se com todos os symbolos da Maçonaria. A segunda, de forma circular, ornamenta-se com armação de estofo, representando um peristylo; o chão figura um pavimento de mosaico; a meio fica um candelabro de sete braços; as luzes distribuidas em volta da sala devem ser quarenta e nove, sem contar as que alumiam o altar.

A Officina chama-se «Hierarchia». O presidente tem o titulo de Poderosissimo. Ha tres Vigilantes com o titulo de Poderosos.

Na recepção do *Principe do Tabernaculo*, 24.º grau, pergunta-se ao candidato quanto tempo trabalhou no Templo de Salomão.

Resposta: «Dois mil cento e oitenta e cinco dias a obedecer, outros tantos a imitar, e outros tantos ainda a aperfeiçoar-me»; e dá d'isso uma prova irrefragavel, a saber: «que não tomou parte no assassinio de Hiram e que deseja fazer grandes progressos na virtude.»

O Cavalleiro da Eloquencia traz logo Salomão á tela da discussão e diz, entre outras cousas bonitas, que este monarcha, embora, mudando de culto, perdesse a communhão que tinha com Adonai, não se dava muito mal com isso; antes pelo contrario, pois adquiriu desde então uma sciencia extraordinaria na cabala e se fez auctor dos mais admiraveis livros secretos de magia, pondo-se em communhão constante, até á hora derradeira, com os Espiritos do Fogo.

Explica-se 'neste grau o systema dos dois principios da divindade. Tal systema é figurado por uma imagem, chamada «o grande symbolo de Salomão». Representa, dizem, «o duplo triangulo do rei sapientissimo; veem-se 'nelle os dois velhos da cabala, o macroprosopos e o microprosopos, o Deus da Luz e o Deus dos reflexos, o misericordioso e o cruel, o Jehovah branco e o Jehovah preto». O neophyto assiste a um verdadeiro curso de «alta magia»; ensinam-se-lhe «os elementos das sciencias occultas».

## III

### O CAVALLEIRO DA SERPENTE DE BRONZE

A sala arma-se de vermelho. No Oriente está um altar, encimado por um docel rico; por baixo do docel e em cima do altar colloca-se um transparente, que representa o «Jehovah» maçonico em meio d'uma «sarça ardente».

A meio da sala fica um pequeno monte, em forma de cone truncado, tendo no cimo uma serpente de bronze enroscada 'numa especie de muleta.

Uma só tocha alumia o aposento.

A assemblêa denomina-se Côrte do Sinai.

O presidente tem o titulo de Poderosissimo Grão Mestre; os Vigilantes o de 1.° e 2.° Ministro; o Orador o de Pontifice; o secretario o de Grão Cinzelador. Nas recepções ha tambem um Irmão Examinador e um Irmão Viajante.

O neophyto dá com alguns Irmãos um passeio em torno do monticulo que representa o Sinai; durante o passeio accendem-se archotes.

No grau de *Cavalleiro da Serpente de Bronze*, grau 25.°, explica-se de modo maçonico um facto narrado pela Biblia. Foi o Anjo

da Luz, do qual a serpente é um emblema, quem salvou os Hebreus no deserto; Eblis-Lucifer teve compaixão dos Israelitas, não só em razão dos sacrificios feitos em honra do bezerro d'ouro, symbolo da natureza, mas porque no numero d'elles se encontravam muitos descendentes de Caim. A serpente, disposta em circulo, mordendo a cauda, figura a eternidade da especie humana. Posta 'numa cruz, como no deserto, a serpente representa o verdadeiro salvador da humanidade, cujas feridas cura; o Sinai é o seu Golgotha, o verdadeiro calvario glorioso. Os homens, que a crucificada serpente de bronze curava, haviam sido mordidos por monstros alados; esses monstros são a tyrannia, a intolerancia e a superstição: é mister destruil-os. Por outro lado, por o universo ser eterno, é que os Mações dizem: «o Grande Architecto», e não: «o Creador»; o universo foi organisado e não creado. Quem o organisou? a quem se dirige o culto das Lojas e dos Capitulos? E' por ventura a Adonai? Consultando mesmo sómente a Biblia, na qual as provas e confissões se accumulam, vemos sempre Adonai occupado em perseguir a humanidade; expulsa-a do Eden, vota-a á morte, submerge-a, abrasa-a, solta sobre ella os crocodilos e os monstros alados. O Anjo da Luz, pelo contrario, vem constantemente em soccorro do genero humano. São seus proprios filhos (que Caim não é filho de Adão), são os descendentes do primeiro homem gerado, quem instrue, melhora, aperfeiçoa os descendentes do primeiro homem amassado, quem lhes faz a vida possivel e feliz, inventando a arte de trabalhar os metaes, de tecer, edificar, escrever, etc... Porque, segundo o dogma maçonico, Caim, filho de Eva e d'Eblis, que a seduziu sob a fórma de serpente, é o homem gerado, o typo da raça humana em toda a sua belleza physica, intellectual e moral; Adão, pelo contrario, feito de lodo por Adonai, é o homem amassado, o typo degradado da raça, o pae dos ignorantes, dos superticiosos e dos despotas. A diversidade dos individuos toma d'isto a sua origem. Os viciosos (descendentes de Adão) exercem, sempre que podem, tyrannia sobre os virtuosos (descendentes de Caim), do mesmo modo que Adonai persegue Eblis. Prevalecerá, porém, o Mal contra o Bem até á consummação dos seculos? Não, por certo; a virtude triumphará finalmente do vicio; as perseguições de Adonai terão fim; Adonai será, um dia, vencido para sempre; e esse dia será aquelle em que, espalhada a Maçonaria pelo mundo inteiro, a humanidade reconquistar o seu Eden.

Vê-se que a Maçonaria insiste 'neste ponto.

O 25.º grau, cujo sentido fica exposto, foi creado, diz o orador maçonico, por cavalleiros que, na cruzada da Palestina, encontraram Israelitas captivos por musulmanos; libertaram-n'os;

e estes, reconhecidos, revelaram-lhes a tradição da serpente de bronze, que se havia perpetuado na Judeia; os cruzados então, assombrados por essa luz que lhes illuminou o espirito, abandonaram seus antigos prejuizos, dedicaram-se ao estudo das sciencias, *ao culto do verdadeiro Deus* (textual), e á libertação dos captivos. «E' necessaria ao povo, diz o Cavalleiro da Eloquencia em conclusão, a liberdade que foi dada a esses Israelitas por aquelles valentes cavalleiros; os cavalleiros da Maçonaria darão liberdade ao povo, e a liberdade só se consegue quebrando desapiedadamente, com ousadia e coragem, os pesados grilhões do despotismo civil, religioso, militar e economico.»

## IV

### PRINCIPE DA MERCÊ

Apoz um grau seriamente impio, vem outro altamente comico:

E' o de *Principe da Mercê*, grau 26.o Tambem se chama Escocez Trinitario. Tem por fim, diz o Ritual, a redempção das almas ignorantes, prisioneiras do Erro; é mister libertal-as, fazendo-lhes conhecer a Verdade.

A sala arma-se de verde, e orna-se com nove columnas brancas e vermelhas, alternadas. A Oriente fica um docel, cujas sanefas são verdes, brancas e vermelhas; sob o docel está um altar e, sobre este, uma estatua da Verdade, coberta com um veu de gaze das trez côres sobreditas.

Em cada uma das columnas fica uma serpentina com nove velas; ha, pois, ao todo, oitenta e um lumes.

Nas Officinas, que respeitam as velhas tradições maçonicas, a estatua da Verdade é de carne e osso. Em vez de estar 'num altar, fica 'numa especie de poço, e é uma Irmã Maçona que desempenha o seu papel. Permanece no poço durante as provas do candidato, e mostra-se na occasião determinada pelo Ritual.

O 26.º grau reserva-se para os velhos imbecis, com quem a seita se diverte; aproveitam-se estes lorpas libertinos, porque a sua estupidez faz crer aos membros dos graus inferiores que os mysterios das Traz-Lojas são inoffensivos.

Alguns auctores mações, — nomeadamente o I∴ Clavel, em sua *Historia da Franc-Maçonaria*, — pedem a suppressão do grau de Principe da Mercê por ser nimiamente ridiculo. O Supremo Conselho, porém, ainda até hoje não deu ouvidos a semelhante reclamação; tal grau figura nos mais recentes rituaes, e, quando ha necessidade de um bom idiota para certos empregos baixos do

Areopago, não se põe duvida em fazel-o passar pelas ridiculas provas, que vou dar em resumo.

Ordena-se ao candidato que dê, serpenteando, nove passos; em seguida prendem-se-lhe aos hombros duas azas, que elle agita por meio d'um mecanismo. Tem os olhos vendados. Mandam-lhe subir nove degraus, que levam a uma plata-fórma, e ordenam-lhe que se lance ao ar e se eleve, voando, ao terceiro ceu. O candidato obedece; lança-se ao ar, agitando as azas, e cae 'numa coberta fortemente tensa, que alguns Irmãos mais vigorosos seguram pelas pontas. Faz-se-lhe então saber que está no espaço celeste em que giram as estrellas errantes *(sic)*. Mandam-no passar do mesmo feitio ao segundo ceu. Abeiram-lhe a mão de uma vela accesa, e dizem-lhe que o calor que sente é o das estrellas fixas *(sic)*. Fazem-lhe sorver uma pequena quantidade de espuma de sabão, que figura o ether do segundo ceu. O seu corpo adquire, desde então, a propriedade de resistir á acção do fogo. Depois d'isto baldeam-no no ar, «fazem-no saltar á coberta,» como diz o regulamento, e informam-no de que chegou ao terceiro ceu. Finalmente, quando o neophyto está sufficientemente cançado de tal exercicio repetido com valentia, mostram-lhe a Verdade a sahir do poço, com as vestes tradicionaes *(sic)*. A assemblêa retira-se por alguns instantes, deixando o neophyto em frente da Verdade, logo que o presidente, intitulado Excellentissimo, lhe dá uma frecha emblematica, e murmura ao ouvido: *Edul-Pen-Cagu*, palavra sublime cuja significação é: «Faz o que queres que te façam.» Quando os bons dos Irmãos entram no Templo, o Cavalleiro da Eloquencia ensina ao neophyto que a sua recepção o torna apto para se elevar acima dos prejuisos, das superstições e das falsas doutrinas e para pairar nas tres regiões celestes da Intelligencia, da Consciencia e da Razão, correspondentes ás necessidades politicas, sociaes e materiaes da Humanidade.

Qualquer commentario seria superfluo.

## V

### O SOBERANO COMMENDADOR DO TEMPLO

A sala arma-se de vermelho com columnas pretas. Em cada columna está uma luz. No Oriente colloca-se um docel vermelho com lagrimas pretas disseminadas.

Sobre o altar, que está coberto com uma alcatifa vermelha debruada de preto, vê-se uma espada nua, um sceptro e o livro das Constituições da Officina.

A meio da sala fica um lustre de tres ordens com vinte e sete

lumes assim distribuidos: doze na ordem inferior, nove na media e seis na superior. Outros vinte e sete lumes se collocam 'numa meza circular, em torno da qual os Commendadores se sentam.

A reunião do 27.º grau denomina-se Côrte.

O presidente tem o titulo de Poderosissimo. Em algumas Officinas chama-se-lhe Muito Illustre e Muito Valoroso. Veste tunica azul e manto vermelho debruado d'arminho; na extremidade da faixa tem um triangulo com a palavra sagrada do grau escripta em hebreu, e na cabeça põe uma corôa de bicos.

Os dois Vigilantes têm o titulo de Soberanissimos Commendadores; tomam assento a Occidente.

Os membros da Côrte, vestidos de Templarios, sentam-se em circulo, em torno da meza redonda, nas sessões ordinarias; em sessões de iniciação, porém, tal meza não apparece na sala.

Os Grandes Commendadores, no principio de cada reunião, sobem por turnos ao oriente, ajoelham ante o altar do presidente e renovam o juramento.

Vejamos agora a ceremonia da iniciação 'neste grau, cujo fim é, diz o Ritual, «recordar a condemnação dos Templarios».

O neophyto entra na sala enleado como um bom chouriço; vem isto para lhe ensinar que está ainda sob o jugo das paixões. Deitam-no sobre uma padiola; enleiam-no; cobrem-no com um panno mortuario; levam-no aos hombros; fazem-lhe dar assim cinco voltas á sala, abalando-o, e entoam uma prosa funebre, onde se encontra esta passagem: «Oh Mação que, 'num profundo somno, dormes e nada dizes, é mister morrer, é mister á morte vir!» Terminada a procissão, libertam o neophyto das cordas que o prendem, para lhe mostrar a differença que vae d'um escravo a um homem livre, e coroam-no solemnemente.

Tem, em virtude da sua nova dignidade, direito a conservar em Loja o chapeu na cabeça, e dispensa do catecismo.

Em compensação obriga-se a «obedecer sempre e sem replica ás ordens que lhe forem hierarchicamente transmittidas.»

Ao dar-se-lhe a consagração do grau, faz-se-lhe saber que «se o armam Cavalleiro do Templo e o criam Grande Commendador, é para elle combater pelo triumpho da Maçonaria, para defender as suas doutrinas e manter os seus principios, para fazer a todos justiça por egual, e para substituir a auctoridade e o governo na sociedade profana, quando chegar a occasião, por directos representantes dos interesses livres dos associados, cuja missão consistirá em velar porque se executem as deliberações tomadas pelos Superiores hierarchicos da Ordem.»

Instrucção do grau, conforme o Ritual. — «Os trabalhos versam sobre a necessidade de tornar effectiva a responsabilidade dos

governantes e garantir os direitos dos governados por via d'uma Côrte Suprema de Justiça, para onde todos possam appellar, não só da forma, senão tambem da essencia e, 'numa palavra, de todos os actos de qualquer auctoridade que haja lesado os seus direitos».

A Maçonaria tem-se, effectivamente, pela grande julgadora secreta dos governos e dos povos.

O 27.º grau põe termo á segunda serie dos graus philosophicos.

# CAPITULO TERCEIRO

## A GRANDE LOJA

### I

### O CAVALLEIRO DO SOL, PRINCIPE ADEPTO

A terceira serie da Maçonaria Negra compõe se dos graus 28.º e 29.º

Com o 28.º grau, *Cavalleiro do Sol, Principe Adepto,* dá o iniciado um novo passo na vereda das sciencias occultas. Este grau é, sob o ponto de vista cabalistico, o complemento do Principe do Libano, Real Facha, e do Principe do Tabernaculo.

«Sob um involucro hermetico, diz o Ritual Sagrado, esconde este grau verdades philosophicas; é uma escola de sciencias especiaes, onde se interpreta o grande livro da natureza; estudam-se aqui as suas leis, procura-se desvendar os seus segredos pela decomposição e analyse dos corpos; e esse bello estudo, enchendo o neophyto de admiração para com o auctor occulto de tantas maravilhas, dispõe-no mais do que nenhuma outra cousa ao reconhecimento.» O inventor d'este grau foi um monge apostata, fundador da seita dos illuminados de Avinhão, o ex-benedictino Pernetti, que por escripto havia entregue a propria alma ao diabo.

A sala é alumiada apenas por um globo transparente, que representa o sol, collocado por cima da cabeça do presidente, que faz de Adão. Presume-se estar no Eden. Nos muros ha campos pintados, montes, florestas. O sol está dentro de um triangulo, que tem em cada angulo um S (Sciencia, Sabedoria, Sanctidade). Solta-se uma pomba na sala e faz-se voar, atirando-lhe lenços. Ha sómente um Vigilante; chama-se o «Irmão da Verdade» e traz um olho d'ouro pendente da faixa azul, posta em aspa, ao pescoço.

Quando uma Officina philosophica do 28.º grau tem uma Irmã Maçona dos graus mais elevados (Sublime Escoceza) á sua disposição, tambem esta assiste ás sessões de iniciação, completa-

mente nua; toma assento no oriente, junto ao presidente Adão, e representa a Verdade.

A assemblêa, em dia de recepção, não deve constar de mais de doze Irmãos, incluindo 'nesse numero o presidente e o Grão Vigilante. Cinco d'entre elles representam cinco genios, com os nomes de Zapkiel, Samael, Amael, Mikael e Gabriel; têm todos o titulo de Cherubins. Os cinco restantes, denominados Sylphos, representam outros espiritos. Assim o decidiu o Capitulo universal dos Supremos Conselhos, reunido em Lausania, em 1875.

Todavia 'nalgumas officinas os Cherubins são sete, e representam então os sete genios que, dizem, foram dados como guias aos sete planetas (*Ritual Sagrado*, pelo I.·. Ragon); mas, em tal caso, os Sylphos devem ser sómente tres, visto que os assistentes do sexo masculino não podem ser mais de doze.

A reunião dos Irmãos é ao mesmo tempo ridicula e indecorosa. Apenas vestem uma tenue cobertura de gaze; só o presidente é que traz uma tunica e um manto. Os Sylphos põem sobre o gaze dourado um avental escuro, e um barrete azul na cabeça, apertado por uma fita amarella: são os membros melhor vestidos da assemblêa.

O neophyto, que, para o caso, toma o nome de Hiram, é introduzido com a cabeça coberta por um veu preto, emquanto dois Sylphos, de folle em punho, lhe sopram por traz. Tiram-lhe o veu.

Declara que vem procurar o grande segredo que deve trazer ao mundo o imperio da razão. O presidente Adão responde-lhe por um discurso explicativo dos emblemas da maçonaria, apresentando-lh'os como o veu que encobre uma philosophia grande (não insisto, que tal discurso é de molde a fazer corar um turco [a]), pede-lhe que se liberte do jugo da crença que porventura lhe hajam imposto na juventude, e tome o espectaculo da natureza e sua propria intelligencia para normas exclusivas de sua fé.

«A instrucção do 28.° grau, diz o *Ritual moral e dogmatico da Franc-Maçonaria* (impresso em 1881), apresenta os meios de satisfazer a sêde, que o homem tem, de conhecer o grande segredo da natura. Estudam-se ahi as forças da vontade humana e as da natureza, e demonstra-se que os milagres são effeitos naturaes de causas excepcionaes. As doutrinas da cabala, do hermetismo e da alchimia são objecto de profundo exame. A synthese d'ellas demonstra que só os pensadores e os sabios anti-papaes e anti-catholicos attingiram o supremo vertice da sciencia occulta, porque só

---

(*a*) Soldado de infanteria na Argelia.

elles tomaram por ponto de partida a omnipotencia da razão humana.»

Por outros termos: este grau é o mais pronunciadamente cabalistico de quantos o adepto destinado ao diabolico sacerdocio das Traz-Lojas conheceu.

Vimos como no 17.º grau se mostra ao iniciado um quadro presumidamente apocalyptico, ante o qual está accesa a alampada magica (veja pag. 293); não se lhe explicando, porém, a significação do quadro, nem para que serve a tal alampada.

No 28.º grau é que se emprega a alampada magica, para as evocações. E' debalde que os Mações se dizem calumniados, quando os accusam de se entregarem ás practicas da magia preta: é verdade que nas Lojas dos tres primeiros graus os adeptos não se entretêm com tal passatempo; nas Officinas, porém, dos graus philosophicos, e muito especialmente no 28.º grau, taes practicas constituem o principal objecto das reuniões não destinadas a recepção.

De resto, o tractado da *Maçonaria Occulta* existe claro e perfeito. Muito embora o publico o não conheça, é certo que tem um editor [1]. O auctor é o I.·. Ragon, 33.·., que d'elle faz um resumo no fim da sua *Orthodoxia Maçonica,* approvada por todos os Grandes Orientes e Supremos Conselhos; já o proprio resumo é, de si, muito explicito.

Por outro lado existe tambem o *Ritual da Alta Magia;* quasi todos os Mações dos altos graus philosophicos o possuem. Tem por auctor o I.·. Constant, 30.·., do Oriente de Paris; este Cavalleiro Kadosch é um padre apostata, como Pernetti, inventor do grau. A ultima edição do seu Ritual tem a data de 1861.

Nas pagg. 132 e 133, faz elle a descripção d'essa famosa alampada magica, da qual os Mações se servem em suas sinistras operações:

«A alampada magica é feita de quatro metaes: ouro, prata, bronze e ferro. O pé é de ferro; a junta, de bronze; a copa, de prata; o triangulo do centro, de ouro. Tem dois braços, feitos com tres metaes torcidos conjunctamente e de geito a darem ao oleo um triplice conductor. Tem nove mechas: tres no meio e tres em cada braço. No pé está gravado o sello de Hermes e, por cima, o Androgyno de duas cabeças de Khunrath. A cercadura inferior do pé representa uma serpente que morde a cauda. Na copa, recipiente do oleo, está gravado o signo de Salomão.

(1) A MAÇONARIA OCCULTA, *Manual da iniciação hermetica*, pelo I.·. Ragon, 33.·., presidente do Areopago dos *Trinosophos*, ao Oriente de Paris. — Editor: Dentu, no Palais-Royal. — Impressso em 1853. — Preço: 4 francos. — Em deposito apenas nas livrarias maçonicas.

«Adaptam-se a esta alampada dois globos: um ornado de pinturas transparentes, representando os sete genios; outro maior e duplo, capaz de conter, em dois copos, agua diversamente colorada. O conjunto encerra-se 'numa columna de madeira, disposta de geito a girar sobre si mesma e deixar passar, quando se queira, um dos raios da alampada, que se projecta sobre os vapores do altar por occasião das invocações.

«A alampada magica é de grande alcance para auxiliar as operações intuitivas das imaginações lentas e crear immediatamente, na presença das pessoas magnetisadas, fórmas d'uma realidade surprehendente, que, multiplicadas pelos espelhos, crescerão immediatamente, enchendo a sala d'almas visiveis; a embriaguez dos perfumes e a exaltação das invocações transformarão prestes essa phantasmagoria 'num sonho real, chegando-se a reconhecer as pessoas conhecidas e a ouvir falar os phantasmas; depois, fechando a columna da lampada e duplicando o fogo dos perfumes, alguma cousa se produzirá de extraordinario e inesperado.»

As instrucções do Ritual ácerca da alampada magica findam aqui. De resto, porém, não se faz mister que os livros secretos, de que os sectarios se servem, digam mais; as citações, que fazemos, provam irrefragavelmente que os Mações dos altos graus se entregam ás sciencias occultas, e que ninguem os calumnía quando os accuse de se darem a practicas detestaveis, taes como a evocação dos espiritos maus.

## II

### O GRANDE ESCOCEZ DE SANTO-ANDRÉ D'ESCOCIA [a]

N'este grau (29.º) arma-se a sala de vermelho e distribuem-se por ella columnas brancas.

O throno do presidente e as cathedras dos dois Vigilantes vestem-se de panno vermelho com franjas d'ouro.

Em cada um dos angulos da sala está uma cruz de Santo André e, ante cada uma d'ellas, quatro luzes sobre uma mesa coberta com alcatifa vermelha. Deve haver ao todo oitenta e um lumes: dezeseis nos quatro angulos; dois sobre o altar; e sete gruppos de nove, distribuidos pela sala.

O presidente da Officina e os Vigilantes têm ao lado um

---

(a) Tambem se denomina este grau: *Patriarcha dos Cruzados, Cavalleiro do Sol, Grão Mestre de Luz.* Vej. Andrés Cassard, *Manual de la Masoneria*, pag. 394; Bibliotheca Maçonica, tom. V e VI, p. 324; etc.

tambor, coberto com alcatifa vermelha, no qual batem com o malhete, produzindo um ruido surdo.

A Occidente colloca-se um cêpo com um machado em cima.

Por cima do throno presidencial ha um transparente, figurando um triangulo luminoso, a meio do qual se vê um delta cabalistico. Sobre o altar está uma Biblia maçonica, um compasso e uma espada nua. Junto ao altar fica uma almofada de veludo encarnado.

O presidente, com o titulo de Patriarcha, e os dois Vigilantes, com o de Respeitaveis Mestres Inspectores, vestem tunica vermelha e, sobre ella, uma fita côr de papoila, a tiracollo, com a joia do grau na extremidade.

Os demais assistentes trazem vestes analogas, com excepção da faixa, que é verde, bordada a encarnado, e posta em aspa.

Ninguem usa d'avental.

O Grande Experto fica a Occidente, entre os dois Vigilantes, com uma espada de fogo na mão; tem no peito um plastrão [a] a modo de couraça, no centro do qual um triplice triangulo, tendo a meio um sol, domina uma caveira.

Os Grandes Escocezes de Santo André d'Escocia, denominados Respeitaveis Mestres, conservam sempre, durante a sessão, a espada em punho.

A recepção no 29.° grau refere-se, como no 27.°, á Ordem dos Templarios.

No grau de Soberano Commendador do Templo contou-se ao neophyto, depois de libertado de suas prisões, a historia da fundação da Ordem do Templo, historia narrada á feição das Lojas. No grau de Cavalleiro do Sol lembrou-se ao neophyto que os Templarios se entregavam ás sciencias occultas, cujo elogio se lhe fazia, acompanhando-o da revelação de suas practicas principaes. No grau de Grande Escocez de Santo André d'Escocia o objecto e fim da recepção contêm-se 'nesta formula dos rituaes: «fidelidade á Ordem do Templo».

A comedia da iniciação é curta. Introduz-se o neophyto immediatamente e sem ceremonia. O Cavalleiro da Eloquencia accusa-o de ser Templario, «ou pelo menos, de ser afteiçoado a essa maldita *(sic)* Ordem do Templo, que o Papado, nosso soberano espiritual *(sic)*, declarou contaminada e convicta de magia, feitiçaria e heresia». O Patriarcha da Grande Loja (titulo do presidente) declara-lhe que, a ser assim, o entrega á vingança mortal dos Grandes Escocezes de Santo André.

---

(a) Peito d'armas.

O neophyto, a quem o Irmão Preparador sopra a resposta, não se deixa intimidar. Affirma que, seja qual fôr o perigo que o ameace, é realmente affeiçoado á Ordem do Templo e está prompto a defender-lhe a memoria.

Felicitações do Grande Experto, que requer seja confiada a bandeira da Ordem do Templo á guarda de tão energico candidato.

Deferido.

Entrega-se o estandarte ao neophyto e sae-se da sala.

Entrada de tres homens mascarados que procuram roubar a bandeira. Batalha. O valoroso neophyto defende-a com successo.

A assembléa entra na sala, e a Grande Loja arma o candidato Cavalleiro Grande Escocez de Santo André d'Escocia em recompensa de sua nobre coragem,

*Juramento.* — O neophyto jura «defender até á morte qualquer posto que á sua honra seja confiado, e luctar, sem tregua nem perdão, contra qualquer usurpação de poder, venha d'onde vier, seja civil, seja militar, ou seja religiosa.»

Discurso do Cavalleiro da Eloquencia acompanhado de uma exhibição do Baphomet, idolo infame, ante o qual os Gnosticos e os Templarios queimavam incenso. «Criminam-se os Cavalleiros do Templo, explica o orador, por terem prestado culto a este symbolo em suas reuniões mysteriosas. Que mal vae 'nisso? O Baphomet é a figura pantheistica e magica do absoluto. O facho, que tem entre as duas pontas, symbolisa a intelligencia equilibrante; a cabeça de bode, cabeça synthetica, que reune alguns caracteres do cão, do touro e do burro, symbolisa a responsabilidade exclusiva da materia e a expiação que deve punir nos corpos as faltas simplesmente corporaes. As mãos são de homem para mostrar a sanctidade do trabalho; fazem o signal do esoterismo (doutrina secreta, reservada exclusivamente para os iniciados de certas escolas philosophicas da antiguidade) simplesmente em recommendação do mysterio. Que ha, pois, de indecoroso 'nesta figura emblematica da natureza? Será a cruz com o complemento da rosa? Mas então ha, em verdade, de confessar-se que se busca o mal no que é essencialmente bom, visto como a cruz, tal qual aqui se representa [1], symbolisa a immortalidade da especie humana. Censurar-se-ha que o Baphomet tenha seios de mulher? Mas isso sómente prova que da humanidade tomou apenas os signaes da maternidade e do trabalho, isto é, os signaes redemptores. Em sua fronte fulge a Estrella Ra-

---

(1) O Baphomet templario tinha 'neste sitio um caduceu (*a*); nas exhibições maçonicas substitue-se o caduceu pela cruz com a rosa.

(*a*) Vara, com duas serpentes, de Mercurio.

diante; mas já se sabe que a sua significação mystica é uma significação admiravel. Finalmente, criminar-se-ha essa figura divina em razão de suas grandes azas abertas? Mas as suas azas são as azas d'um archanjo.»

A verdade é que o Baphomet é uma representação diabolica das mais caracteristicas.

Trazem-no processionalmente pela sala e pelos corredores reservados do local maçonico. O neophyto inclina deante d'elle a bandeira, cuja guarda lhe foi confiada.

E' com essa execravel exhibição que a sessão se encerra, e, depois de ser proclamado o Baphomet como symbolo sagrado da natureza, lança-se anathema a quem ousar condemnar os seus adoradores, isto é, á Egreja.

Pois bem, mundo; vês agora claramente os mysterios da Franc-Maçonaria? comprehendes já como a seita é, no fundo de suas Traz-Lojas, a pura religião de Lucifer, religião secreta, com dogmas e culto proprios?

Quem ousaria duvidal-o ainda?

Ao terminar este capitulo consagrado á penultima serie philosophica da Maçonaria Negra, não posso resistir ao desejo de reproduzir, como ha pouco fiz, uma passagem do *Ritual da Alta Magia*, do I.·. Constant, respeitante ao Baphomet (pag. 209):

«Dizemos alta e desafogadamente que todos os iniciados nas sciencias occultas adoraram, adoram ainda e adorarão sempre tudo que esse symbolo significa.

«Sim, os Grão-Mestres da Ordem dos Templarios adoravam o Baphomet, e faziam que os iniciados o adorassem; sim, existiu e póde existir ainda nas assemblêas a que preside, sentado 'num throno, com o facho ardente entre as pontas. Ha apenas a differença de que os adoradores d'esse symbolo não pensam, como nós, ser elle a representação do diabo, mas a do deus Pan (o Grande Todo), o deus das nossas escolas de philosophia moderna, o deus dos theurgistas da escola de Alexandria e dos mysticos neoplatonicos de nosso tempo, o deus das escolas gnosticas primitivas, o *proprio Christo do sacerdocio dissidente.*»

E', pois, claro: o sacerdocio dissidente é a Maçonaria, e o Baphomet representa o espirito sobrenatural, que ella tem por seu Christo e adora por seu Deus.

Depois da exhibição do Baphomet não se faz mister rasgar o veu ao iniciado. Todavia a seita, que não recua ante as ultimas infamias, vae mostrar-lhe a luz completa do satanismo conferindo-lhe o grau de Cavalleiro Kadosch, introduzindo-o, emfim, no sanctuariodas Officinas Philosophicas, que se chama Areopago.

# CAPITULO QUARTO

## O AREOPAGO

### I

### O KADOSCH

Assim como se vingou Hiram, architecto do Templo de Salomão, assim tambem se ha-de vingar Jacques-Bourguignon Molay, Grão Commendador do Templo, chefe supremo da Ordem dos Templarios.

Não se ria o leitor, que a Maçonaria não graceja; o caso é muito serio.

A dizer a verdade, os Mações descendem tanto dos Templarios como a Internacional descende dos Graccos ou a Jacquerie de Spartacus: mas, para quem mira um fim, qualquer lenda que lhe diga respeito póde ter certa utilidade. A lenda de Hiram foi pretexto para formular imprecações contra Adonai: eis a theoria; a lenda de Jacques-Bourguignon Molay utilisará na destruição do papado: eis a practica.

E, primeiramente, como na Maçonaria tudo se prende, tudo está combinado com arte maravilhosa, encontramos no grau 30.º uma explicação nova das letras mysteriosas J — B — M dos tres graus symbolicos da iniciação primordial. Não é *Jakin, Booz e Mahabone* [1] o que ellas significam; não são as palavras sagradas dos tres primeiros graus que ellas representam: é *Jacques-Bourguignon Molay*.

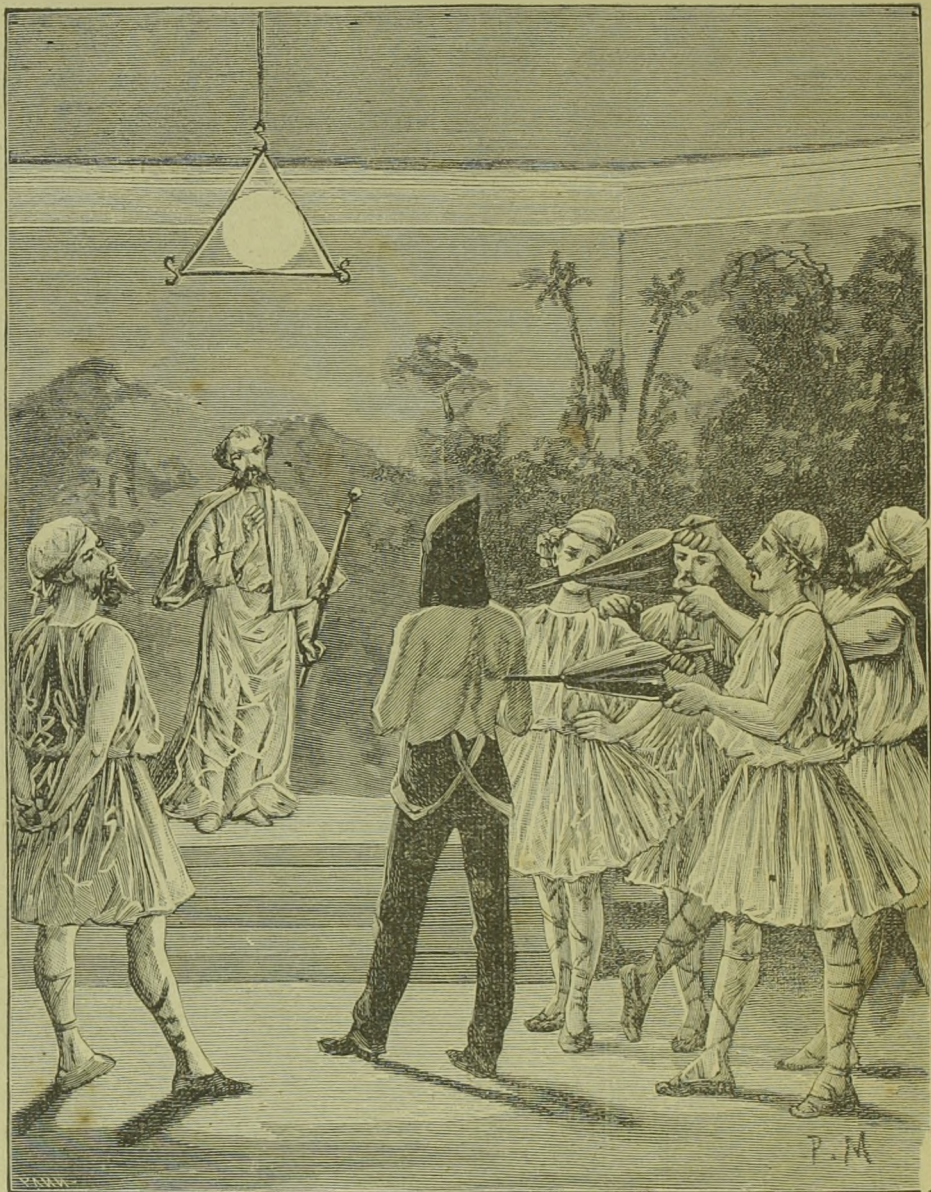
O titulo do 30.º grau é triplice:

Grande Eleito,
Cavalleiro Kadosch,
Perfeito iniciado.

Sabemos o que quer dizer Eleito em estylo maçonico. O Eleito (vej. os graus 9.º, 10.º e 11.º) é o Mação escolhido, especialmente encarregado das vinganças; o Grande Eleito tem, pois, por missão as grandes vinganças. Contra quem? No grau de Eleito murmurou-se apenas a palavra *Nekam!* [2] sem accrescentar nome proprio algum; no grau de Grande Eleito rasga-se o veu, não se esconde o pensamento, diz-se claramente: *Nekam, Adonai!* E,

---

(1) Ou *Mac-Benac*, nas Lojas da obediencia do Grande Oriente de França.
(2) *Nekam*, palavra hebraica, significa: Vingança.

Iniciação do Cavalleir do Sol

O candidato, que para o caso toma o nome de Hiram, é introduzido na Loja de cabeça coberta com veu preto, emquanto dois Sylphos, de folle em punho, lhe sopram por traz.

para fazer desapparecer toda a possibilidade de erro, acompanha-se esta exclamação de um gesto significativo: dá-se uma punhalada na direcção do ceu, como se se quizera ferir a Deus.

E isso constitue para o Kadosch uma missão sancta. Kadosch significa, tomado ao pé da lettra: sancto, puro, consagrado, purificado.

E' esse o verdadeiro segredo da Maçonaria, o segredo que

um tem de advinhar sem d'elle ter recebido qualquer communicação oral. O Kadosch, sendo o Grande Eleito, é tambem o Perfeito Iniciado; nada mais tem que aprender. «*Nekam, Adonai!* Vingança contra ti, oh Adonai!» Sabe tudo.

Aqui já Lucifer não é simplesmente o nome da estrella da manhã; mas Lucifer, o Anjo da Luz, que entra em scena em pessoa.

Aqui se volta ao Delta Sagrado [1], com o angulo principal voltado ao chão (é o emblema do grau e do Supremo Conselho). Se ignoraes a significação do triangulo voltado, consultae qualquer tractado de sciencia occulta, ou, se não quereis, abri, pelo menos, um d'esses estupendos livros de evocações diabolicas, e aprendei lá que o triangulo disposto com o angulo principal para baixo é o emblema pessoal de Satanaz.

— Dirá alguem que eu dou ás cousas maior importancia do que ellas realmente têm, pois que isto não passa d'uma bagatela. Singulares bagatelas, observarei em resposta. Se esses symbolos essencialmente satanicos não têm alcance algum, porque os emprega então a Maçonaria em suas Traz-Lojas? Porque faz d'elles o seu sello official.

Não dissertemos, porém, e vejamos.

Primeira pagina d'um Ritual official

ÓRDO AB CHAD

RITE ECOSS∴ ANC∴ ACC

SUP∴ CONS∴ POUR LA FRANCE & SES DEPENDANCES

RITUEL

DU

GRAND ELU CHEVALIER KADOSCH

30me DEG

DE LA

Franc-Maçonnerie Ecos

(Esta reproducção é feita pela photogravura)

(1) E' realmente no 8.º grau (vej. pag 203) que o iniciado pela primeira vez contempla o triangulo voltado; mas este grau é poucas vezes posto em pratica e, ademais, não se dá 'n'elle explicação alguma do facto.

Temos na mão os diversos Rituaes de Kadosch.

Ha para a recepção quatro salas indispensaveis. sendo as duas primeiras simplesmente preparatorias: a Camara Negra, a Camara Branca, a Camara Azul e a Camara Vermelha. A descripção d'ellas será feita no logar respectivo.

Os Funccionarios de qualquer Areopago ou Conselho de Cavalleiros Kadosch são doze: o presidente, com o titulo de Grão Mestre; dois Vigilantes, denominados 1.º Grande Juiz e 2.º Grande Juiz; um Grande Cavalleiro da Eloquencia; um Grande Chanceller Mestre dos Despachos; um Grão Servo d'Armas; um Grão Thesoureiro; um Grande Hospitaleiro; um Grande Guarda dos Sellos; um 2.º Grão Servo d'Armas; um Grande Introductor; e um Grão Deputado á Grande Loja Central.

A primeira sala arma-se de preto; é alumiada por uma só luz de forma triangular e pendente do tecto. Esta sala communica com um gabinete, especie de carneiro, onde se penetra descendo alguns degraus. Não ha no carneiro outra luz além da que leva o neophyto. Ha no centro uma pedra tumular e, sobre ella, uma tumba coberta com um panno preto; na tumba está deitado um dos membros do Areopago, envolto 'numa mortalha. Aos pés da tumba assentam sobre a pedra tumular tres caveiras: a do meio, posta 'numa almofada de veludo preto, suppõe-se ser a cabeça de Jacques Molay, Grão Mestre dos Templarios, que foi queimado vivo em 11 de março de 1314, por ordem de Philippe o Bello, rei de França, e do papa Clemente v (Bertrand de Goth): esta caveira está coroada de perpetuas e louros; a caveira da direita tem a coroa real flordelisada e representa a cabeça de Philippe o Bello; a caveira da esquerda tem a tiara pontificia e representa a cabeça de Clemente v. Em angulo recto com o sepulchro está um banco para o neophyto. Em frente fica um quadro preto, onde se lê, em brancas lettras gordas, esta inscripção: «Aquelle que souber vencer os terrores da morte tem direito a ser iniciado nos maiores mysterios». No extremo do carneiro ha uma porta secreta para o Irmão, que se deita no tumulo, poder sahir por ella e safar-se sem ser visto pelo candidato. A escada, que põe em communicação a Camara Negra com o carneiro, é guardada por um Cavalleiro Servo d'Armas, couraçado, com capacete, viseira descida, braço erguido e armado de espada.

O neophyto, apenas chega, é conduzido á Camara Negra. O Servo d'Armas convida-o a preparar o espirito para receber a iniciação, e dá-lhe aprestes para escrever, afim de redigir a supplica ao Conselho para obter a sua admissão.

Escripta e assignada a supplica, vem buscal-a um Funccionario do Areopago, deixando o postulante entregue á reflexão.

Se o candidato foi dispensado d'alguns graus pelo Supremo Conselho, vem então o Grão Mestre conferir-lh'os por communicação e dar-lhe d'elles uma explicação rapida.

Eis, em especial, o que lhe diz a proposito do 27.° grau, de Soberano Commendador do Templo:

«— Este grau, meu Irmão, recorda uma Ordem celebre por seus altos feitos e suas desventuras. Tudo, com effeito, no 27.° grau, reproduz a Ordem do Templo, a cruz d'esses nobres cavalleiros, cuja divisa era *Valor e Caridade*. A cruz teutonica dos antigos bravos da Germania é, em razão de suas duas côres, branca e vermelha, o symbolo da innocencia e do martyrio dos Templarios. Este grau é uma homenagem esplendida, prestada pela Maçonaria aos Cavalleiros que subiram com Jacques-Bourguignon Molay á pyra fatal. Saudemol-o como ponto de fusão das duas Ordens, como monumento erguido á memoria dos martyres do fanatismo e da tyrannia.»

Terminada a explicação, consagra o Grão Mestre o neophyto:

— A' Gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, em virtude dos poderes que me foram delegados, eu vos declaro, Cavalleiro F..., investido nos graus, cujos titulos vos foram agora descriptos e explicados, em ordem a que possaes ser iniciado no 30.° grau, que solicitastes, com obrigação, porém, de jamais faltardes aos juramentos prestados em vossas precedentes iniciações... Prometteis?

Resposta do neophyto.

Grão Mestre. — Deixo-vos entregue a vossas reflexões. Possa o Grande Architecto do Universo conservar para sempre em vosso espirito os bons sentimentos que vos conduziram a este templo!

O Grão Mestre retira se.

Na recepção observam-se d'aqui por diante as mesmas formalidades e ceremonias, quer para o neophyto que obteve dispensa dos graus intermedios, quer para o que os recebeu successivamente.

Um Funccionario do Areopago (o Grande Introductor) vem á Camara Negra. Manda vestir ao neophyto uma tunica parda, entrega-lhe um pu hal, que este põe no cinto, e cobre-lhe a cabeça com um capuz preto.

O neophyto é em seguida levado com precipitação pela escada, que conduz ao gabinete do sepulchro. Descobrem-se-lhe immediatamente os olhos.

O Cavalleiro que está no tumulo, depois d'um momento de silencio, ergue a cabeça, coberta com o panno preto, e diz em voz pausada, mas forte:

— Quem és? o que queres? porque vens perturbar o meu repouso?

Immediatamente, sem esperar resposta, dá um murro na luz, apaga-a e safa-se com cautela para não ser descoberto.

O Cavalleiro Servo d'Armas, ouvindo barulho, brada. O Grande Introductor, que havia trazido o neophyto, sahindo logo, volta com uma nova luz, aproxima-se silencioso do tumulo, ergue o panno preto. e diz em tom lugubre: — Vasio!

Em seguida toma o candidato pela mão. e faz-lhe subir a escada.

O presidente do Areopago está já na Camara Negra, quando o neophyto volta.

— Reflectiste (a), lhe diz, sobre o espectaculo que se offereceu a teus olhos?

E accrescenta sem esperar a resposta:

— Este carneiro encerra grandes mysterios!... Estás porventura preparado para soffrer as provas que te esperam? Olha que são terriveis! mas nada poderá espantar-te, se comprehendeste os graus, pelos quaes successivamente passaste... Previno-te de que tens de responder a um interrogatorio grave. Deves limitar-te á resposta: «Quero passar alem». Concentra, pois, todas as forças de tua alma; só com ellas deves contar!

Dirige-se lentamente para o carneiro, e desce. O neophyto, conduzido pelo Cavalleiro Grande Introductor, segue-o.

Durante o curto discurso da Camara Negra o pseudo-cadaver voltou para a tumba. Quando o neophyto, o presidente e o introductor chegam, ergue de novo meio corpo e diz na mesma voz grave e forte: — Oh tu, que vens aqui perturbar o meu repouso, treme da minha colera!... O que queres?

Neophyto. — Quero passar além.

Morto. — Treme, temerario! Corres para a perdição, se teu coração não é sincero.

Neophyto. — Quero passar além.

Dicto isto, ouve-se fóra grande barulho; é um tumulto de espantar; o morto deita-se de novo em sua tumba.

Grão Mestre, ao Neophyto. — Visto como queres passar além e como tua temeridade te leva a affrontar uma colera tantas vezes secular, segue-me.

Avança magestosamente para o tumulo, ajoelha deante da caveira coroada de louros, e diz: — Imita-me!

---

(a) Neste grau usa-se o tratamento de *tu*, especialmente quando os Irmãosinhos estão na quarta sala, em que a Loja do grau tem o titulo de Senado. Vej. *Bibliotheca Maçonica*, tt. citt., pag. 348.

O neophyto ajoelha.

Grão Mestre. — Até hoje apenas viste, na Maçonaria, emblemas; é mister que vejas agora realidades... Estás resolvido a calcar aos pés os prejuizos que te dominaram e a obedecer francamente ao que te fôr prescripto pela Ordem para bem da humanidade?

Neopyhto. — Sim.

Grão Mestre, levantando-se. — Visto ser assim, vou proporcionar-te um meio de provares a pureza das tuas intenções e de nos fazeres conhecer a extensão de teus conhecimentos... Prostra-te ante essa illustre reliquia (aponta a caveira de Jacques Molay), e repete o juramento que te vou dictar.

Armada a mão direita de punhal, faz-lhe repetir o seguinte juramento:

*Primeiro Juramento.* — Em presença de Deus, nosso pae [1], e d'esta augusta victima, juro e prometto solemnemente nada revelar jamais dos mysterios dos Cavalleiros Kadosch, e obedecer a tudo que me fôr prescripto pelos regulamentos da Ordem. Outrosim juro punir o crime e proteger a innocencia.

Grão Mestre, ao neophyto. — Agora ergue-te, e imita-me.

Vibra então uma punhalada á caveira coberta com tiara, e diz: — Odio á impostura! Morte ao crime!

O candidato imita-o, repetindo as mesmas palavras.

Depois, ao passarem ambos ante a caveira coroada de louros, ajoelham, e o Grão Mestre diz: — Gloria eterna ao martyr da Virtude! Sirva-nos o seu supplicio de licção! Unamo-nos para esmagar a tyrannia e a impostura!

Erguem-se, e aproximam-se da caveira coberta com corôa real

O Grão Mestre vibra-lhe uma punhalada, dizendo: — Odio á tyrannia! Morte ao crime!

O candidato imita-o, repetindo as mesmas palavras.

Deixa-se o carneiro e a Camara Negra.

Quanto fica até aqui descripto se passou no subterraneo do predio maçonico, previamente disposto *ad hoc.*

Em seguida a esta primeira preparação, o Grão Mestre, separando-se do candidato, vae juntar-se ao Areopago, que está 'num andar superior. O Grande Introductor cobre a cabeça do neophyto com um veu espesso, e leva-o a uma das salas isoladas (anteca-

---

(1) Como nos graus precedentes se repetiu que farte: que os Mações devem ter-se por filhos de Hiram, que Hiram descende de Caim por Phaleg, Chanaan, Tubalcaim e Lamech, que Caim não é filho de Adão, mas filho do Anjo da Luz, e que por Grande Architecto do Universo se não deve entender Adonai, mas o seu eterno inimigo, —o neophyto sabe muito bem que o Deus, seu pae, por elle invocado no 30.º grau, é Satanaz.

mara ou gabinete) do mesmo andar, emquanto o Conselho dos Kadosch abre os seus trabalhos.

O Areopago reune-se primeiramente na Camara Azul, assim chamada em razão da côr de suas armações.

Esta sala, cujas paredes estão cobertas com pannos azues, e cuja abobada azulada está brilhantemente recamada de estrellas, acha-se dividida a meio do comprimento por uma cortina.

A Oriente fica uma plataforma sobre sete degraus, e 'nella se collocam sete poltronas: uma, ao fundo, para o presidente; tres á direita e tres á esquerda, parallelas, onde tomam assento o Grande Cavalleiro da Eloquencia, o Grão Chanceller Mestre dos Despachos, o Grão Thesoureiro, o Grande Guarda dos Sellos, o Grande Hospitaleiro e o Grão Deputado á Grande Loja Central. Por cima da poltrona do presidente, ou Grão Mestre, está um panno carmezim, formando uma especie de docel, e serve de guarda ao estandarte dos Kadosch; este estandarte tem a parte superior branca e a parte inferior preta [1]. Diante da poltrona do presidente fica um altar, tendo em cima uma espada sobre uma balança, e dois punhaes postos em cruz de Santo André (✠) sobre o Livro das Constituições; a oriente, norte e sul d'este altar ficam tres candelabros, com tres tochas de cêra amarella cada um, cobertos com um crépe. A plataforma, em que tomam assento os sete Funccionarios acima mencionados, não póde ser vista pelos assistentes por causa da cortina que divide ao meio a sala.

Do outro lado da cortina, isto é, na parte occidental do templo, collocam-se as poltronas dos Cavalleiros Kadosch; os dois Grandes Juizes ficam perto da porta d'entrada; os outros membros do Areopago, que não são funccionarios, sentam-se em filas parallelas ás paredes norte e sul.

Em sessão de Areopago, todos os assistentes, tanto funccionarios como não funccionarios, vestem habito semelhante ao dos Templarios; trazem, ademais, a tiracollo, uma faixa preta, terminada por uma cruz teutonica encarnada.

Emquanto o neophyto está na antecamara, procede o Grão Mestre á abertura dos trabalhos.

Grão Mestre. — Illustres Cavalleiros 1.° e 2.° Grandes Juizes, estamos em seguro?

1.° Grande Juiz. — Sim, Grão Mestre.

Grão Mestre. — Cavalleiros 1.° e 2.° Grandes Juizes, ajudae-me a abrir os trabalhos do Conselho dos Grandes Eleitos Cavalleiros Kadosch.

---

(1) E' mister não deixar esquecido que, nos tractados de sciencias occultas, o branco e preto juxtapostos são tidos por côres emblematicas do Principe do Inferno.

INICIAÇÃO DO GRANDE ESCO CEZDE SANCTO ANDRÉ

O Baphomet, idolo dos Templarios, é então levado em procissão pela sala da Grande Loja

Os Grandes Juizes fazem o annuncio.

Grão Mestre. — De pé e á ordem, Cavalleiros meus Irmãos! Espada na mão esquerda!

Obedecem.

Grão Mestre. — Cavalleiros 1.º e 2.º Grandes Juizes, verificae se os Cavalleiros presentes são Gran Eleitos Kadosch Perfeitos Iniciados, e perguntae em particular a cada um d'elles a que Conselho pertence. Pedi aos Cavalleiros, que não nomearem o Conselho de que fazem parte, se dignem de passar por meio dos dois campos.

Feita a verificação e reconhecidos todos os assistentes por Kadosch regulares, dá o Grão Mestre sete pancadas.

Os Grandes Juizes repetem successivamente esta bateria.

Grão Mestre. — Illustre Cavalleiro 1.º Grande Juiz, que horas são?

1.º Grande Juiz. — Poderosissimo Grão Mestre, entra a noite.

Grão Mestre. — Visto entrar a noite, Cavalleiros 1.º e 2.º Grandes Juizes, dignae-vos de annunciar que vou abrir os trabalhos do Conselho dos Cavalleiros Kadosch.

Os Grandes Juizes repetem a formula.

Grão Mestre. — A mim, Cavalleiros meus Irmãos!... Com a mão direita na espada, juremos unanimemente manter os principios sagrados da nossa Ordem, e defendel-os, mesmo com risco da propria vida!

Os assistentes tomam a espada na mão direita, levam-na á frente e dizem simultaneamente, como se fossem um só homem: — Juro-o!

Grão Mestre. — A' Gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho, declaro os trabalhos do Areopago, Grande Conselho dos Eleitos Cavalleiros Kadosch, abertos no valle de *(nome da cidade)*.

Dá sete pancadas.

Grão Mestre. — A mim, Cavalleiros, pelo signal!

Todos os Kadosch, tirando o punhal, levando-o á altura da fronte e ferindo na direcção do ceu. — Nekam, Adonai!

Grão Mestre. — A mim, Cavalleiros, pela bateria!

Todos os Kadosch executam a bateria, dando sete palmadas nas mãos

Grão Mestre. — Sentae-vos, meus Irmãos.

Sentam-se.

O Grão Mestre convida o Grão Secretario Chanceller a fazer a leitura do «balaustre dos ultimos trabalhos do Conselho».

Leitura e approvação da acta da sessão precedente em harmonia com as formalidades do estylo.

Grão Mestre. — Cavalleiros meus Irmãos, sabeis que nos reunimos 'neste valle para admittir ao sublime grau de Grande Eleito Cavalleiro Kadosch nosso Irmão F . ., Cavalleiro Grande Escocez de Sancto André d'Escocia. Os trabalhos d'este digno Irmão, seu zelo maçonico, seus extensos conhecimentos, seu affecto á auctoridade legitima do Rito, os suffragios successivos de seus Irmãos, são outros tantos titulos e qualidades que o Supremo Conselho não pode deixar de reconhecer: tudo fez, e deu assim uma prova de sollicitude aos fieis Mações de sua obediencia... Vós, Cavalleiros, quando vos perguntaram se tinheis alguma cousa a oppôr á admissão d'este Irmão, destes-lhe voto favoravel, depois de minuciosa averiguação... Illustre Grão Secretario Grande Chanceller, convido-te a communicar ao Areopago a supplica do Cavalleiro postulante.

Leitura da supplica.

Grão Mestre. — Oppõe-se qualquer de vós, Cavalleiros, á recepção do postulante?

Quando não ha opposição, extendem todos a mão direita em signal de assentimento, e o 1.º Grande Juiz annuncia isso ao Grão Mestre. Se ha opposição, discute-se.

Logo que os assistentes estejam d'accordo em permittir a recepção, dá-se principio á ceremonia.

Guiado pelo Grande Introductor, dirige-se o postulante primeiramente á Camara Branca, ou Sanctuario dos Kadosch.

Ao passar defronte da Camara Azul, onde se acha o Areopago, pára. A porta da sala está aberta, e o neophyto ouve ao longe tres vozes: a do Grão Mestre e as do 1.º e 2.º Grandes Juizes.

Grão Mestre. — Faze aos outros o que queres que te façam.

Pausa.

1.º Grande Juiz. — Não faças a outrem o que não queres que te façam.

Pausa.

2.º Grande Juiz. — Adora o Ser Supremo [1].

Pausa.

Grão Mestre. — Ama o proximo como a ti mesmo.

Pausa.

1.º Grande Juiz. — Consola os afflictos.

---

(1) Observação identica á da pag. 415 O systema theologico da Maçonaria é o dualismo da divindade: dois principios oppostos e egualmente eternos: Lucifer, o do Bem, e Adonai, o do Mal. O universo existe tambem desde toda a eternidade. Não houve creação, mas organisação. Diz-se: *Grande Architecto*, e não: *Creador*. Sendo Adonai o principio do mal, é Lucifer o Ser por excellencia, o Ser Supremo. Adorar o Ser Supremo, é adorar Lucifer. Não póde haver 'nisto erro algum.

Pausa.

2.° Grande Juiz. — Sê verdadeiro e evita a mentira.

Pausa.

Grão Mestre. — Sê paciente, e soffre os defeitos de teus irmãos.

Pausa.

1.° Grande Juiz. — Sê fiel a tuas obrigações, e pensa que uma das principaes virtudes dos philosophos é a discreção.

Pausa.

2.° Grande Juiz. — Soffre com resignação a adversidade; taes são os deveres dos philosophos.

Pancada de malhete; fecha-se a porta.

O Grande Introductor dirige-se á porta, como se quizesse entrar no Areopago para apresentar o neophyto e bate pela bateria do 28.° grau.

O 1.° Grande Juiz, feito o annuncio do costume e recebida a ordem do Grão Mestre, pergunta atravez da porta quem é o Grande Escocez de Sancto-André d'Escocia que assim bate, e o que quer.

Grande Introductor. — E' o Cavalleiro Irmão F... , que acabo de encontrar e desejo apresentar ao Conselho; sollicita elle a graça de ser admittido aos sublimes conhecimentos dos Cavalleiros Kadosch.

O 1.° Grande Juiz repete o recado ao Grão Mestre.

Voz do Grão Mestre, ao longe. — Dizei-lhe que ninguem póde esperar ser introduzido aqui, sem haver sacrificado ao objecto do nosso culto. Levae-o ao Grande Sacrificador.

O Grande Introductor, pois, conduz o neophyto á Camara Branca, ou Sanctuario dos Kadosch.

Esta sala acha-se armada de vermelho e é apenas alumiada por uma grande e azulada luz de espirito de vinho, que se ergue d'um vaso collocado a meio da sala. No Oriente ha um altar quadrangular e, sobre elle, um vaso cheio de perfumes. Por cima do altar está, 'numa gloria, um immenso triangulo, com o angulo principal voltado para o chão (emblema de Lucifer); d'este angulo pende uma aguia com duas cabeças, de tamanho natural, meia branca e meia preta, de azas abertas, segurando uma espada nas garras. Os tabiques da sala têm diversos orificios para que os Cavalleiros Kadosch, estando fóra, possam, sem ser vistos do candidato, examinar o que elle faz. O Grande Sacrificador está na Camara Branca só, sentado ante o altar.

Grande Sacrificador, dirigindo-se ao Introductor, apenas este entra. — Cavalleiro, meu Irmão, quem trazes?

Grande Introductor. — Um Cavalleiro Grande Escocez de

Sancto-André d'Escocia, que, de posse de todas as virtudes d'um sabio, deseja entrar no Templo da Sabedoria.

Tira-se ao neophyto o veu preto.

Grande Sacrificador, ao neophyto. — Mortal, prostra-te!

O Grande Introductor manda ao neophyto que tome incenso, o lance no fogo e se ajoelhe.

Grande Sacrificador. — Oh Sabedoria omnipotente, termo de nossas adorações, a ti invocamos 'neste momento! Causa e soberana do universo, razão eterna, luz do espirito, lei do coração, inspira-nos a eloquencia necessaria para fazer sentir a este neophyto quão augusto e sagrado é teu culto sublime!. . E' por ti que o immenso conjuncto dos seres constitue um todo regular; és tu o facho, cujo fulgor basta a dissipar as trevas, que nos furtam ás vistas a natureza; nascida para conhecer e amar a verdade, noss'alma só em ti acha de que saciar-se!. . . Purifica por teu divino espirito este candidato, guia seus passos vacillantes 'neste caminho, e fal-o digno de render-te homenagem!

Pela segunda vez se manda ao neophyto que lance incenso no vaso dos sacrificios.

Grande Sacrificador, ao postulante. — Ergue-te, e segue o teu caminho.

O Grande Introductor leva-o ao Areopago (Camara Azul).

Quando o neophyto, d'olhos descobertos, chega á porta do Areopago, está aberta a sessão.

O Grande Introductor bate. Dialogo do estylo entre o Grão Mestre e o 1.º Grande Juiz

Grande Introductor. — E' um Cavalleiro Grande Escocez de Sancto André d'Escocia, que, havendo feito o sacrificio no Templo da Sabedoria, reitera o pedido de admissão no Soberano Conselho.

Grão Mestre. — Dê-se-lhe entrada.

Abre-se. O neophyto apenas consegue ver os Cavalleiros não funccionarios do Areopago, os dois Grandes Juizes e os Servos d'Armas, pois a cortina, que divide ao meio a sala, lhe occulta os sete funccionarios sentados no Oriente.

O Grão Servo d'Armas apoia a ponta da espada sobre o coração do neophyto, e fala-lhe em tom ameaçador. — Não estou aqui para impedir-te que realises os teus designios, mas para te advertir que se, dado o primeiro passo, ousas recuar, estarás perdido. Escolhe, pois: avançar ou retroceder!

Se observam a menor hesitação, mandam-no embora.

No caso contrario, cobrem-lhe a cabeça com o veu preto, e introduzem-no.

Grande Introductor. — Illustres Cavalleiros, ouso supplicar-

vos admittaes em vosso seio este candidato que, pela practica das virtudes, pela stricta observancia dos seus deveres para com a Ordem e por suas acções sempre tendentes ao bem, merece a vossa mercê; discreto e fiel no cumprimento das obrigações, que até'gora contrahiu, implora elle de vós tão insigne favor.

Grão Mestre, ao Grande Introductor. — Certo não ignoras, Cavalleiro meu Irmão, que apenas podemos admittir em nossos mysterios aquelles, cuja integridade, intacta reputação e provadissima honradez collocam acima do commum; aquelles, cuja fidelidade, zelo e firmeza fazem superiores a toda a excepção; aquelles finalmente, que, despidos de prejuizos, são capazes de adoptar os dogmas da philosophia, e cujo genio, superior ao mundo dos sentidos, pode chegar ao descobrimento dos verdadeiros principios e rasgar o sombrio veu que esconde aos mortaes os segredos da natureza... 'Numa palavra: se conheces esse neophyto tão bem, que por elle possas responder, consentiremos em submettel-o a nossas rigorosas provas; se, porém, não tens confiança 'nelle, não te exponhas a tão grande perigo.

Grande Introductor. — Respondo por elle como por mim proprio.

Grão Mestre. — Visto como assim é, Grandes Juizes, verificae se os suffragios lhe são favoraveis.

Os dois Grandes Juizes pegam em urnas, e faz-se a ultima votação. O Grão Mestre e os seis Funccionarios, que junto d'elle tomam assento, erguem-se. Abre-se a cortina, e os Grandes Juizes entregam as urnas aos Funccionarios do Oriente, tomando em seguida os seus logares. A cortina cerra-se, e apenas se o ouve o cochichar dos Funccionarios, que fazem o escrutinio.

A breve trecho estabelece-se o mais completo silencio, e a voz do Grão Mestre faz-se ouvir.

Grão Mestre. — Cavalleiro Grão Servo d'Armas, proclama no Areopago que o aspirante vae soffrer o seu tranze.

O Grão Servo d'Armas dá tres voltas ao Areopago, dizendo em cada uma: — O aspirante vae soffrer o seu tranze.

Grão Mestre. — Conduzí-o aonde o dever o chama, e que se arme de firmeza!

Tem então logar uma comedia abominavel, que ultrapassa em horror quanto a imaginação pode architectar.

O neophyto, sempre de olhos vendados, é conduzido a um gabinete armado de preto. Ahi, amarrado a uma polé ou a um banco, está um carneiro vivo, cujo lado esquerdo se acha cuidadosamente rapado á navalha; o pobre animal é amordaçado de geito que não faça ouvir qualquer gemido. Perto da polé fica um Irmão, que imita os suspiros d'um homem preso e amordaçado.

O Grão Mestre e os Funccionarios do Areopago vão tambem ao gabinete negro.

Grão Mestre, ao neophyto. — Irmão, quando foste recebido no grau de Eleito, vingaste symbolicamente a morte de Hiram. Agora, porém, não se trata de ferir manequins, nem de attravessar com o punhal cabeças de ha muito privadas da vista... Sabes que não ha instituição alguma, por melhor que seja, que não tenha traidores. Um miseravel, que pertencia a uma Officina de nossa obediencia, trahiu ha pouco a nossa causa sagrada; e nós conseguimos havel-o ás mãos... Está ahi; chegou-lhe a hora derradeira... Ouves os roncos de raiva, que elle solta, por conhecer que o castigo vae ter logar e que não pode furtar-se-lhe... Bem amordaçado, quereria ainda talvez, antes de succumbir ao golpe de nossa justa vingança, lançar-nos ás faces um supremo insulto; mas essa bocca, que trahiu os nossos segredos, não deve abrir-se mais; essa lingua perjura não poderá articular uma palavra... Irmão, a tua iniciação d'hoje dá-te a honra de fazeres justiça... Palpa primeiro com tuas proprias mãos o sitio, em que deves ferir, e não trema depois teu braço vingador!

Toma a mão esquerda do neophyto e colloca-a sobre o corpo palpitante do carneiro, no sitio em que está rapado. O candidato Kadosch crê tocar um peito humano; sente bater o coração. Ouve-se uma ordem: elle vibra o golpe, crendo apunhalar um homem vivo. Levam-no em seguida para outra sala; tiram-lhe o veu espesso, que lhe venda os olhos; trazem-lhe 'num prato o coração ensanguentado da victima, que elle tem de entregar ao Grão Mestre na ponta do punhal (vej. pag. 78 do *Ritual sagrado de Kadosch,* grande brochura in-8.° de 252 paginas, texto francez e inglez, impresso por ordem do Supremo Conselho; não tem nome de impressor. Na pag. VIII do prefacio lê-se: «O ceremonial em uso foi, quanto possivel, respeitado na redacção d'este Ritual; as explicações pouco deixam a desejar»).

Dada pelo neophyto tal prova de coragem (!!), não ha duvida alguma em sua admissão.

Devo, para dizer toda a verdade, accrescentar que nem todos os Rituaes dão noticia minuciosa d'estes vergonhosos horrores. Assim, o *Manual Geral do Grande Oriente de França,* edição sagrada, descrevendo a Camara Negra, diz simplesmente: «E' o logar das provas; encontra-se 'nella uma tumba coberta com um panno preto e outros objectos relativos á destruição». O grande Ritual Escocez, cuja capa se reproduziu na pag. 411 d'esta obra (o fim da reproducção é tornar bem conhecido do leitor o emblema dos Kadosch — o triangulo voltado e a aguia de duas cabeças), simplesmente dá conta de que o neophyto se retira em seguida á sua

primeira apresentação no Areopago, sem dizer aonde o levam; resulta d'ahi uma lacuna, que salta aos olhos de quem quer que haja visto os outros Rituaes. Em compensação, porém, diz no prefacio: «Trata-se de dar á instituição um apostolo ardente e corajoso. A simples exposição dos deveres do Kadosch (veremos já esses deveres enumerados no Catecismo do grau) fará comprehender aos Conselhos quanto devam ser circumspectos nas admissões a tão sublime grau, e quaes as precauções necessarias para affastar de tão alta iniciação os que careçam de instrucção, coragem e vontade indispensaveis para receber e cumprir em toda a sua extensão as obrigações que ella impõe. O Kadosch representa na Maçonaria o Epopta dos antigos mysterios; o fim do grau é o mesmo [1]. Ora, sómente chegava um ao grau de Epopta, quando houvesse soffrido provações, que só uma grande força d'animo e uma preseverança sobre-humana podiam superar bem. Porque, pois, não ha a Maçonaria de submetter a iniciação no 30.º grau a provas rigorosissimas? Aos Conselhos corre o dever de tomarem 'neste particular as medidas que reputarem mais efficazes.»

O leitor, penso eu, está bem instruido.

Depois da sangrenta prova, o neophyto. cheio de felicitações, vae lavar as mãos e deixa-se conduzir ao Senado, nome que toma o Conselho dos Kadosch na quarta Camara.

Esta Camara arma-se de vermelho. A oriente fica um throno. Por cima d'elle está o triangulo voltado, com a aguia branca e preta, d'azas abertas, suspensa ao fundo; essa monstruosa ave de rapina tem ao pescoço uma fita branca e preta, com uma triplice cruz patriarchal pendente. A armação do docel do oriente é de veludo preto, tendo bordadas a prata caveiras trespassadas de punhaes. A occidente fica um mausoleu em forma de pyramide truncada, imitando marmore preto; sobre a pyramide uma urna funeraria, coberta de crépe preto, com uma coroa de louros em cima; á direita da urna uma corôa real, e uma tiara pontificia á esquerda; em cada angulo do mausoleu um vaso de espirito de vinho ardente, deixando escapar as linguas de fogo azulado.

Entre o Oriente e o mausoleu encontra-se a Escada Mysteriosa [a] de Kadosch. E' uma escada dupla, com sete degraus em cada lanço. Nos da esquerda lê-se: *Grammatica, Rhetorica, Logica, Arithmetica, Geometria, Musica, Astronomia.* Nos da direita: *Tsedakah, Schor-Laban, Matthok, Emounah, Hamal-Sagghi, Sabbal, Ghemoul-Binah-Thebounah.* Cada um d'estes ultimos barbarismos

---

(1) Effectivamente. os Epoptas tinham a seu cargo as vinganças, que consistiam sempre em assassinios.

(a) A *Bibliot. Maçon.*, tt. citt., pag. 340, chama-lhe tambem *Escada mystica.*

Iniciação do Cavalleiro Kadosch

— Quem és? o que queres? porque vens perturbar o meu repouso?

terá adiante sua explicação. Por agora baste ao leitor saber, que os iniciados na magia, entre os Persas, adoradores d'Ormuzd (correspondente ao nosso Lucifer), subiam uma escada mysteriosa absolutamente semelhante, de sete degraus e dupla.

O mausoleu é guardado por dois Servos d'Armas, de clava em punho. Junto ao mausoleu fica o Altar dos Juramentos, cercado de dez lumes.

Abre-se a sessão na Camara Vermelha pelo famoso gesto sacrilego da punhalada na direcção do ceu, acompanhado do grito selvagem: — Nekam, Adonai!

Repete-se em seguida um juramento commum, semelhante ao que já conhecemos. Eil-o:

— Juremos unanimemente, diz o Grão Mestre, manter, com risco da propria vida, os principios sagrados da nossa Ordem, e defendel-os por todos os meios, quaesquer que sejam, contra o fanatismo e a superstição.

Todos os Kadosch extendem a mão, e juram.

E' 'nesta occasião que o Grande Introductor traz o neophyto. Bate por elle á porta da Camara Vermelha.

Grão Mestre. — Illustres Cavalleiros 1.° e 2.° Grandes Juizes, vêde quem assim bate.

1.° Grande Juiz. — E' um Cavalleiro Grande Escocez de Sancto-André d'Escocia, que espera ser, emfim, admittido no seio do Areopago, pois acaba de practicar um acto de justiça.

Grão Mestre. — Visto ser assim, que entre.

Introduz-se o neophyto.

Grão Mestre, ao postulante. — Meu Irmão, tua firmeza é incontestavel; és dos que não tremem ao receber a sancta missão de punir o crime. Todavia, antes de seres admittido ao conhecimento dos nossos segredos, faz-se mister que respondas a algumas perguntas, cujo fim é dar a este Areopago occasião de apreciar os teus dotes intellectuaes e moraes. Finalmente, para dar-te a derradeira instrucção philosophica, far-te-hemos subir a Escada Mysteriosa dos Cavalleiros Kadosch... Estás disposto a responder aos meus quesitos?

Resposta affirmativa do neophyto.

Os quesitos propostos são como segue:

— Qual é, a teu parecer, o destino do homem sobre a terra? — Quaes são os seus deveres para comsigo mesmo? — Quaes os deveres para com o proximo? — Quaes os deveres para com a humanidade, e os para com a patria? — Qual a extensão das obrigações, que o Mação contrahe, antes de receber a luz? — Quaes os obstaculos que encontra no cumprimento dos seus deveres? — O que fizeste para esclarecer o espirito, fortificar a razão e cumprir integralmente os teus deveres de Mação?

Outros quesitos (estes são facultativos, e propõem-se sempre em harmonia com a intelligencia do neophyto):

— Crês em outro mundo differente do que habitamos? — O que é a vida presente? o que será a vida futura? — Tens opinião tua sobre a origem do bem e do mal? — Como concebes o Grande Architecto do Universo?

Grão Mestre, ao neophyto, em seguida ao exame. — Meu Irmão, certo conheces a força das promessas que vaes fazer-nos; em vista d'essas promessas, estarás sempre sujeito a rigorosos deveres, que devem ser-te caros, visto tratar-se entre nós apenas da practica do bem. Como seria absurdo prender-te sem conheceres as consequencias das obrigações, que vaes contrahir, dir-t'as-hei em synthese: 1.ª uma discreção a toda a prova, pois d'ella depende a nossa segurança; 2.ª a execução de nossas leis e estatutos, que nada prescrevem indigno d'um homem virtuoso, como tu; 3.ª o sacrificio de tudo, até da propria vida, para bem da Ordem, culto do Grande Architecto do Universo e felicidade da humanidade; 4.ª emprego de todas as tuas forças no conhecimento das maravilhas da natureza e da philosophia; 5.ª, finalmente, a practica constante da virtude... Queres jurar?

Resposta affirmativa do neophyto.

*Segundo juramento do neophyto.* — Comprometto-me, por solemne juramento sobre tudo que de mais sagrado ha, a jamais revelar o segredo dos Grandes Eleitos Cavalleiros Kadosch, que vão ser-me confiados, e a jamais, quer directa, quer indirectamente, falar do relativo a este grau a qualquer Mação, ainda que seja membro d'um Areopago, a não ser em Supremo Conselho. Prometto jamais contribuir, patrocinando, tolerando ou acquiescendo, para que este grau seja conferido a qualquer Irmão, que não possua as qualidades necessarias e as virtudes, que vão ser-me reveladas. Comprometto-me e obrigo-me a manter, mesmo com risco da propria vida, os sagrados principios da nossa Ordem, e a defendel-os por todos os meios contra o fanatismo, a tyrannia e a superstição. Juro, finalmente, executar quanto a Escada Mysteriosa prescreve, e conformar-me em tudo e sempre com as leis e estatutos da Maçonaria e com as ordens da legitima auctoridade do Supremo Conselho.

Levam o neophyto ao pé da escada, junto da qual todo o Areopago se agrupa.

Grão Mestre, ao neophyto. — Meu Irmão, vou dar-te a explicação d'esta escada; tudo 'nella é mysterioso e emblematico... O lanço da direita chama-se OHEB-ELOAH, *Deus amans*; significa que uma das bases da nossa Ordem é o amor do Deus a quem adoramos independentemente de toda a superstição. O lanço da esquerda chama-se OHEB-KEROBO, *proprinquum amans*; significa que a segunda base da nossa Ordem é o amor da humanidade, para cuja felicidade incessantemente trabalhamos... Vês, pois, ser sobre o amor que assenta esta Escada Mysteriosa. Amor, fogo sagrado, que se nos revela aos sentidos pelo calor fecundante do sol: amor do proximo, que, por uma reciprocidade de benevolencia, caridade e deveres, faz de todos os homens uma familia d'irmãos.

O Grande Introductor faz que o neophyto suba o primeiro degrau.

Grão Mestre. — TSEDAKAH, *justitia*. Isto é: não se deve recuar ante o emprego de quaesquer meios desde que se trate de levar a humanidade á felicidade, a que tem direito; todo aquelle, que fôr obstaculo ao progresso do bem, deve ser supprimido, aniquilado; é assim que se comprehende a justiça implacavel.

O neophyto sobe ao segundo degrau.

Grão Mestre.—SCHOR-LABAN, *bos albus*, boi branco. Quer dizer: os sacrificadores immolavam antigamente um touro branco, emblema da bondade resignada e da innocencia; tambem os Templarios foram immolados pelos barbaros sacrificadores: papa e rei.

O neophyto sobe ao terceiro degrau.

Grão Mestre. — MATHOK, *dulcis*, doce. Significa: só a doçura, apanagio do espirito purificado, pode dar forças bastantes a supportar a adversidade; sejamos doces, emquanto não houvermos triumphado de nossos inimigos.

O neophyto sobe ao quarto degrau.

Grão Mestre. — EMOUNAH, *fides*, fé. Diz: pois que a nossa fé se firma na verdade, como em sua base, sejamos firmes na fé. Evitemos a mentira dos padres; combatamos o erro supersticioso, que faz que os homens enganados adorem o principio do mal, o mais cruel tyranno da humanidade, por uma divindade benefica.

O neophyto sobe ao quinto degrau.

Grão Mestre. — HAMAL-SAGGHI, *labor magnus*, obra grande. A grande obra, [a] a maior de todas, é a regeneração do homem por si mesmo, isto é, a plena e integra conquista, por elle levada a effeito, de suas faculdades e futuro; é sobretudo a emancipação perfeita da sua vontade, que lhe assegura o imperio do mundo, pelo qual o Grande Architecto do Universo o organisou. Para tal fim, faz-se-lhe mister, segundo a mesma expressão do sabio Hermes, separar o subtil do compacto 'numa primeira operação, que é completamente interna; 'noutros termos: libertar o espirito de qualquer prejuizo e vicio; assim preparado, estará apto para se entregar sem perigo ás operações materiaes da grande obra, cujas formas a sciencia dos antigos philosophos determinou.

O neophyto sobe ao sexto degrau.

---

(a) A expressão *grand-œuvre*, que se encontra no original, é ambigua.

Traduzida á lettra, diz *grande obra* ou *obra grande*, que quasi o mesmo vale para o caso. Mas a significação propria da phrase é *pedra philosophal*; e, com ella, allude aqui a Maçonaria á practica das sciencias occultas, ás quaes tão gostosa e dedicadamente os Kadosch sabem entregar-se.

A *Bibliotheca Maçonica*, que tanto cuidado pôz na explicação symbolica dos nomes das sciencias, escriptos nos degraus do segundo lanço da Escada, ácerca dos do primeiro lanço nada diz, sendo que maior e mais elevado é o seu symbolismo.

Grão Mestre. — SABBAL, *onus,* peso. A Maçonaria nos indica, 'nesta inscripção do sexto degrau da Escada Mysteriosa, que os altos graus não são um favor, mas, pelo contrario, um peso, um encargo, que traz aos iniciados novos deveres. Mais nos ensina esta palavra, que entre nós, Cavalleiros Kadosch, devem soffrer-se com paciencia os defeitos de nossos Irmãos.

O neophyto sobe ao setimo e ultimo degrau.

Grão Mestre. — GHEMOUL — BINAH — THEBOUNAH, *in medio vicissitudine, prudentia:* prudencia em meio das vicissitudes! E' tal o sentido d'esta derradeira inscripção: a habil discreção é a mais elevada virtude d'um philosopho. Quando o iniciado attinge as verdades mais sublimes é que maior necesssidade tem de prudencia. O mundo, Irmão, está entregue á escravidão do orgulho, da ignorancia, da ambição e da pseudo-sciencia; as paixões convulsionam-no, os odios o devoram, o mal substitue-se ao bem, a mentira á verdade, á virtude o vicio. A Maçonaria foi chamada a destruir tão funesta servidão; por o mundo profano estar habituado a tão grande desordem é que a Maçonaria, em ordem a destruir esses funestos erros, cercou-se de mysterios, que só gradualmente consente revelar... Vaes, pois, Irmão, comprometter-te a tomar parte mais activa no culto da verdade. Promettes conduzir-te sempre com prudencia, e esclarecer os homens, collocando-os a seguro da ignorancia e do orgulho?

Neophyto, no cimo da escada. — Prometto.

Grão Mestre. — *Nec plus ultra!*... Os degraus, que acabas de subir, são os symbolos da parte moral de nossos trabalhos; os que vaes agora descer são os symbolos da parte material. Para attingir a meta desejada, cada um d'aquelles primeiros degraus nos mostra a necessidade de pôr por obra outras tantas virtudes, que symbolisam: justiça, innocencia, doçura, firmeza na fé, trabalho na grande obra, submissão aos encargos dos altos graus e prudencia em meio das vicissitudes do mundo profano; os degraus a descer, por seu turno, nos prescrevem a posse de cada uma das sciencias que representam e, por sua via, nos dispõem a cumprir mais dignamente os deveres, que sobre nós tomamos...

Mandam ao neophyto descer os degraus, do mesmo passo que o Grão Mestre vae dando a explicação.

Grão Mestre. — O primeiro degrau, denominado *Grammatica,* representa a arte de ler e escrever com clareza... O segundo, denominado *Rhetorica,* representa a arte de discorrer sobre qualquer assumpto, e convencer pelos recursos da palavra... O terceiro, denominado *Logica,* representa a arte de discernir o verdadeiro do falso... O quarto, chamado *Arithmetica,* representa a sciencia dos numeros, que tanto auxilia o homem no conhecimento

da noção do infinito... O quinto, *Geometria*, representa a arte de medir a extensão e as relações que d'ella derivam... O sexto, *Musica*, representa a sciencia dos sons, a harmonia musical, que nos leva á concepção da harmonia dos mundos, a notação e o compasso, que nos indicam a acção individual de cada ser, subordinado a uma lei particular e harmonico com o todo universal... O setimo, *Astronomia*, representa a sciencia superior que, por via de suas descobertas no espaço, iniciou o sabio na lei das espheras celestes, lei que affirma a união existente entre as variadas manifestações da natureza visivel e da natureza espiritual.

O neophyto acaba de descer a escada.

Grão Mestre. — Fazer voltar á unidade divina do Bom Principio a sciencia, que os sabios fazem divergir em todos os sentidos, e, em ordem a attingir tal resultado, proclamar simplesmente as verdades demonstradas em todos os ramos dos conhecimentos humanos: eis o fim da Maçonaria em todos os seus graus.

O Introductor traz uma taça de crystal com uma mistura de agua e aguardente purissima.

Grão Mestre. — Cavalleiro Grande Introductor, apresenta ao neophyto a taça mysteriosa.

O Grande Introductor faz que o neophyto beba.

Grão Mestre. — Assim como esta beberagem reanima os sentidos, assim tambem o pensamento eleva a alma, e a vontade esclarecida aperfeiçoa a intelligencia... Esse licor é o symbolo da essencia espiritual, cuja influencia se faz sentir em todos os actos da natureza... Irmão: lembra-te de que o espirito não se purifica sem se libertar da materia, e que os raios da luz infinita, penetrando-te n'alma, a erguem ao infinito.

Queimam-se perfumes no Altar dos juramentos, que fica junto ao mausoleu (já acima descripto), guardado pelos dois Cavalleiros Servos d'Armas.

Grão Mestre. — Cavalleiro Grande Introductor, conduz o neophyto ao tumulo de s. Jacques [a], para que faça os quatro votos.

Leva-se o neophyto ao pé do mausoleu.

Grão Mestre. — Irmão, o monumento, que vês, representa o tumulo de Jacques de Molay, Soberano Commendador Grão Mestre da Ordem do Templo, cobardemente assassinado pela tyrannia politica e religiosa. Junto á urna funeraria, que te recorda a morte d'essa sancta victima, vês tu uma corôa e uma tiara; symbolisam o poder funesto dos dois infames assassinos. E' assim que

(a) Este *s.* Jacques (Theago dizemos nós) não deixa de ter graça. E' assim como quem diz: s Pranzini, s. Ravachol, etc. A qualidade de sancto veio a Molay de morrer em virtude de sentença d'um tribunal humano. Houve tantos d'estes *sanctos* no mundo!...

o martyr descança em meio de seus carrascos; é assim que o povo, sempre estupido, deixa viver os seus tyrannos e os seus despotas... Pois bem, Irmão; para mostrar que estás inabalavelmente decidido a trabalhar na emancipação do povo, e a assegurar o proximo triumpho da Maçonaria, religião do Bem, sobre o Catholicismo, religião do Mal, toma essa corôa e essa tiara, e calca-as aos pés.

O neophyto obedece.

Dois Funccionarios do Areopago trazem então, posto 'numa almofada encarnada, o craneo coroado de louros, que já se viu no carneiro da Camara Negra, e collocam-no sobre o Altar dos Juramentos, diante da grande urna funeraria, que domina o mausoleu.

O Grande Introductor entrega ao neophyto a formula dos quatro votos, que elle faz, lendo. Todos os Cavalleiros estão de pé e á ordem.

Veremos adiante, no *Catecismo do Kadosch,* esses quatro votos, que constituem o juramento definitivo do neophyto: «Em presença d'este craneo coroado de louros, emblema das nobres victimas do poder irresponsavel», etc.

Feitos os votos, é o neophyto conduzido á presença do Grão Mestre, que o consagra Cavalleiro Kadosch.

Grão Mestre. — A' gloria do Grande Architecto do Universo, em nome e sob os auspicios do Supremo Conselho e por sua delegação especial, Irmão F..., eu te crio, recebo e constituo Grande Eleito, Cavalleiro Kadosch, Perfeito Iniciado, Cavalleiro da Aguia Branca e Preta, e te confiro a faculdade de fruires todos os direitos e prerogativas annexas a tão elevado grau, ultimo dos philosophicos.

Depois ensina o Grão Mestre ao neophyto que os Cavalleiros Kadosch devem tratar-se por *tu* em sessão; decora-o com as suas novas insignias e communica-lhe os segredos do grau, que são muito complexos.

Dá-lhe, finalmente, o beijo philosophico (tal beijo consiste em sete osculos, dados em outros tantos pontos do rosto), e passa depois a lingua por cima dos labios do iniciado. — Sabe-se que Robespierre, esse modelo dos Kadosch e férvido adorador do Ser Supremo, fez passar este beijo repugnante dos Areopagos ao club secreto dos Theophilanthropos, que estava installado nas aguas-furtadas da casa d'uma velha doida, de nome Catharina Théot [1].

---

(1) Não se vá imaginar que essa seita dos Theophilanthropos desappareceu. Existe ainda em França, e é, como 'noutros tempos, uma dependencia da Maçonaria. Tem regulamentos particulares, organisação especial e reuniões secretas. O seu chefe actual, é M. Marius Décembre-Alonnier, publicista e typographo de Paris, Cavalleiro Kadosch, e presidente d'um Capitulo de Rosa-Cruz.

O Grande Introductor apresenta o novo Kadosch aos dois Grandes Juizes, que d'elle recebem as palavras, signaes e toques que o Grão Mestre lhe transmittiu. Cumprida tal formalidade, é o Grão Mestre d'isso feito sciente por via do annuncio do estylo.

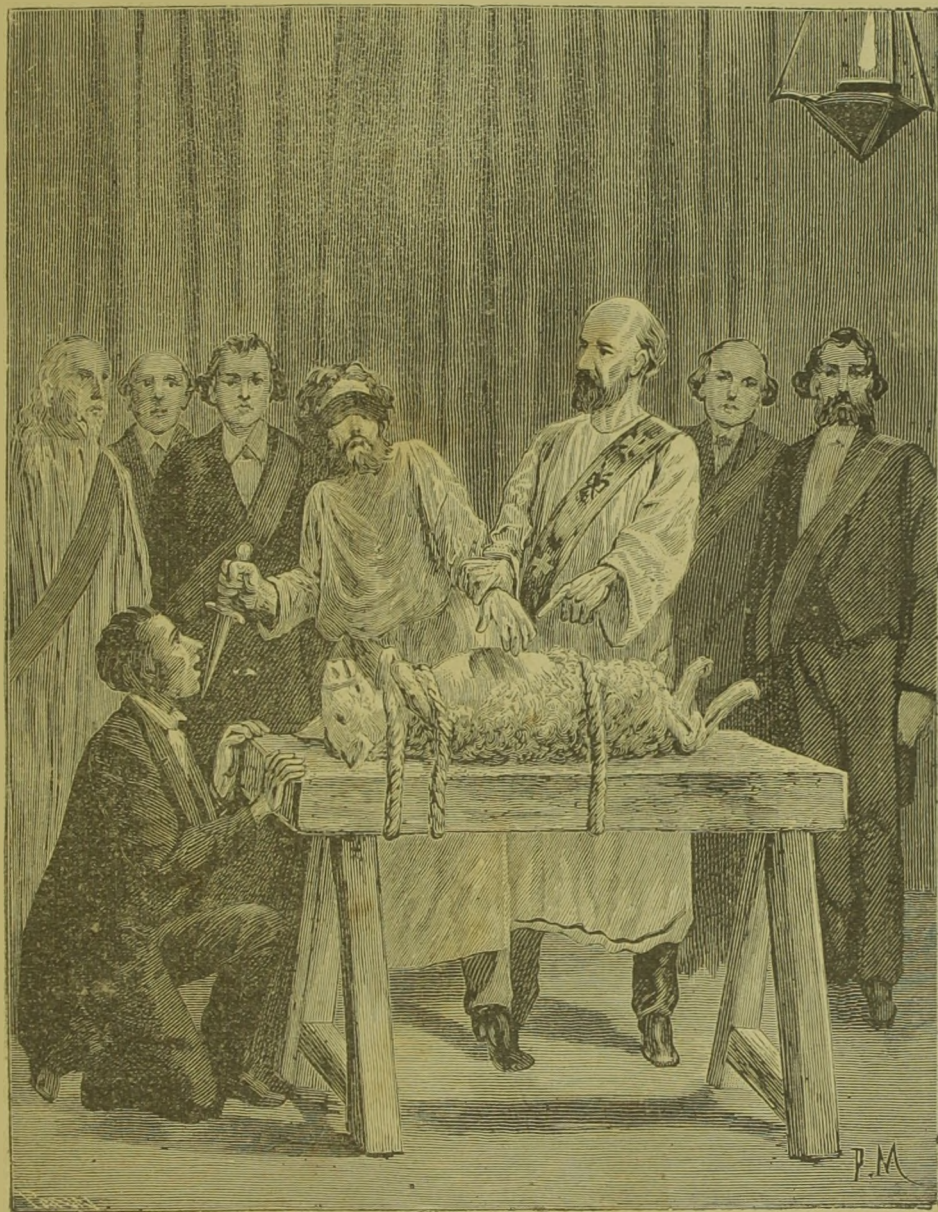
O Grão Mestre proclama que o Illustre e Perfeito Irmão F... é definitivamente Grande Eleito Cavalleiro Kadosch, e manda applaudir a sua recepção.

O novo Kadosch tem em seguida a honra de tomar assento á direita do Grão-Mestre.

Grão Mestre, entregando-lhe um punhal. — Recebe, Carissimo e Illustre Irmão, esta arma da justiça e da verdade; não faças uso d'ella, se não em causas sanctas e legitimas... (Ao Areopago:) Sentae-vos, meus Irmãos.

Sentam-se todos.

Grão Mestre, voltando-se para o neophyto.— Cavalleiro F..., eis-te chegado aos mais sublimes conhecimentos da Maçonaria. *Kadosch* quer dizer: sancto, purificado, consagrado. Acaba de rasgar-se para ti o ultimo dos veus, que envolvem a luz maçonica. A virtude, que adquiriste por licções cada vez mais elevadas, dar-te-ha a faculdade de discernir o bem do mal, o verdadeiro do falso, e pronunciar-te sempre com perfeito conhecimento de causa... Comprehendes agora porque a Maçonaria sómente dá ensinos proporcionados ás forças de cada um dos iniciados; vês porque ha muitos chamados, mas poucos eleitos, e porque tão grande numero de Irmãos nossos permanecem nos graus inferiores... E' agora occasião de ensinar-te que, assim como os mysterios da natureza estão envoltos 'num triplice veu, assim tambem os symbolos da nossa instituição têm um triplice sentido: material, moral e espiritual, — sentido que o iniciado apprehende em harmonia com as forças e organisação de seu espirito; ninguem poderá comprehendel-os sem os estudar sob este triplice ponto de vista... O teu espirito está presentemente libertado dos grilhões da materia; estás purificado; é-te dado chegar á fonte de toda a existencia e elevar-te na esphera celeste. Depende isso da tua vontade... Consagraste-te ao culto da Verdade... Vae, pois, e ensina! Prega pelo exemplo, instrue pelo discurso, sê prudente, discreto, firme na fé, modesto e recatado nos actos externos... Revestimos-te d'um encargo sagrado; e assim como o Sublime Architecto dos Mundos enche a immensidade com sua luz, assim serás tambem, para teus Irmãos, o homem que lhes franqueia a via da verdade... Vae, e ensina com zelo; és o Cavalleiro servo do Bom Principio, és o campeão do Eterno indomavel que, depois de organisar o universo, o preserva e preservará sempre da destruição machinada pelo Genio do Mal.. Proclama em toda a parte que os homens

INICIAÇÃO DO CAVALLEIRO KADOSCH

Toma a mão esquerda do neophyto e colloca-a no corpo palpitante do carneiro, no sitio em que está rapado. O candidato Kadosch crê estar tocando um corpo humano ; sente bater o coração. Ouve-se uma ordem ; o neophyto fere, crendo apunhalar um homem vivo.

são Irmãos e devem amar-se, ajudar-se, instruir-se e moralisar-se. Combate a mentira, o fanatismo e a superstição. Destroe o erro, derrota as paixões anti-naturaes, que desolam a humanidade . . O teu encargo será grave e difficil. Que importa? jamais deixes entrar n'alma o desfallecimento; persevera! As tuas armas são a

sciencia e a verdade; ellas te darão bom exito; para vencer os obstaculos, que se opponham ao cumprimento dos teus deveres, emprega a alavanca da razão e toma a vìrtude para ponto d'apoio. Vae, meu Irmão! Caminha sempre a direito, que o triumpho de nossa sancta causa será certo!

Esta allocução é seguida d'um discurso recitado pelo Grande Cavalleiro da Eloquencia.

O orador do Areopago relata, com côres maçonicas, o processo dos Templarios, e desenvolve os principios do grau de Kadosch. Os assumptos a tratar são em toda a simplicidade indicados pelos rituaes; os discursos variam, pois, com o talento do Cavalleiro da Eloquencia.

Ha, todavia, certas explicações, que o orador não pode dispensar-se de dar ao neophyto; são as que se referem aos diversos emblemas da iniciação. Assim, a espada sobre a balança e os dois punhaes encruzados, que se viram na Camara Azul, significam: «Se o equilibrio da balança não pode ser estabelecido pela espada da justiça, é ao punhal do Kadosch que ha mister de recorrer-se para reforçar a lei maçonica.» Este discurso é, ordinariamente, uma carga cerrada no catholicismo.

A sessão toca o seu termo.

O Grão Mestre offerece a palavra a quem tiver propostas a submetter ao parecer da assemblêa, quer sejam para interesse da Ordem, quer para o do Areopago, quer ainda para o de algum ou alguns dos Cavalleiros.

Quando alguma proposta se apresenta, ou se discute immediatamente, ou se addia para a reunião proxima.

Em seguida o Grão Mestre convida o Cavalleiro Grande Hospitaleiro a apresentar a cada um dos assistentes o «casco da beneficencia», nome que no Areopago se dá ao «tronco da viuva».

O Chanceller Grande Secretario communica depois á assemblêa o esboço do balaustre (summario da acta) dos trabalhos do dia.

Grão Mestre, depois da leitura. — Cavalleiros 1.° e 2.° Grandes Juizes, dignae-vos de prevenir os Cavalleiros collocados sob a vossa direcção, de que a palavra lhes será concedida se desejarem apresentar qualquer rectificação ao esboço do balaustre, que acaba de ser lido.

Os Grandes Juizes repetem a formula.

No caso de se propôrem rectificações, são adoptadas, se têm geito. No caso de silencio, o Grão Mestre pede ao Grande Cavalleiro da Eloquencia as suas conclusões, e submette-as á sancção do Areopago.

O encerramento da sessão, finalmente, effectua-se do modo seguinte:

Grão Mestre. — Cavalleiro 1.° Grande Juiz, que horas são?

1.° Grande Juiz. — Poderosissimo Grão Mestre, estamos no fim da noite.

Grão Mestre. — Cavalleiro 2.° Grande Juiz, que edade tens?

2.° Grande Juiz. — Um seculo e mais, Poderossimo Grão Mestre.

Grão Mestre. — De pé e á ordem, Cavalleiros meus Irmãos; espada na mão esquerda e mão direita no coração.

Obedecem.

Grão Mestre. — Juremos unanimemente guardar os segredos dos Grandes Eleitos Cavalleiros Kadosch, e viver e morrer fieis ao culto da Verdade.

O Grande Introductor lança, pela ultima vez, incenso no brazeiro do altar.

Todos os Cavalleiros, passando a espada para a mão direita, e apresentando-a á frente. — Juro-o!

O Grão Mestre dá sete pancadas, que os Grandes Juizes repetem. Todos os Cavalleiros pousam a espada e se dispõem a tomar o punhal, que têm á cinta.

Grão Mestre. — A mim, Cavalleiros, pelo signal!

Todos os Kadosch, tirando o punhal, erguendo-o á altura da fronte e dando uma punhada na direcção do ceu. — *Nekam, Adonai!*

Grão Mestre. — *Pharasch-chol.* (Traduz-se: Está tudo explicado.)

Mette-se o punhal na bainha.

Grão Mestre. — A mim, Cavalleiros, pela bateria!

Dão todos, compassadamente, sete palmadas nas mãos.

Grão Mestre. — O Conselho está encerrado.

Retiram-se todos em silencio.

## II

### CATECISMO DO KADOSCH

P. E's Cavalleiro Kadosch? — R. Tu o disseste. Foi outro o seu nome, e é, não obstante, o mesmo.

P. Comprehendo-te, Irmão. Que idade tens? — R. Um seculo e mais (*ou :* já não conto).

P. Que buscas? — R. Luz!

P. Que luz? — R. A da Liberdade, para quem d'ella não abusará.

P. Buscas qualquer cousa mais? — R. Vingança!

P. Contra quem? — R. Contra todos os tyrannos temporaes e espirituaes.

P. Onde te prostraste e verteste pranto? — R. Ante o tumulo d'um innocente assassinado.

P. O que calcaram teus pés? — R. Corôas reaes e tiaras papaes.

P. Para que somos nós Kadosch? — R. Para combater incessantemente e á porfia toda a injustiça e oppressão, venha ella de Deus, do Rei ou do Povo.

P. Em virtude de que direito? — R. *Mischtar!*

P. Que intendes dizer? — R. Em virtude dos direitos, que temos, de Mestres por excellencia.

P. Onde adquiriste esses direitos? — R. Subindo e descendo a Escada Mysteriosa.

P. O que vem a ser um Kadosch perfeito? — R. O que prestou o juramento irrevogavel de manter, custe o que custar, os principios da Ordem, de defender a todo o transe a causa da verdade e da Humanidade contra qualquer auctoridade usurpada, abusiva ou irregular, seja politica, seja militar, seja religiosa, e de punir sem piedade os traidores á ordem.

P. Pensas assim? — R. D'isso presto o mais solemne juramento.

P. O que sacrificaste no altar dos Kadosch? — R. 1.º O meu amor proprio, a indifferença pelo bem-estar dos outros, as inclinações ao proprio commodo; 2.º a independencia da minha opinião, a vaidade e a difficuldade de submetter o meu parecer ao de meus superiores; 3.º o amor ao ouro e ás riquezas, todas as vezes que se opponham aos interesses da Ordem; 4.º o orgulho, a inveja e os odios pessoaes; 5.º a ambição das honras, afim de melhor servir a Ordem em todos os logares que me hajam prescripto; 6.º as paixões, os vicios e os appetites, que são indignos d'um verdadeiro Kadosch.

P. Quantos votos fizeste á Ordem? — R. Quatro.

P. Qual foi o primeiro? — R. Em presença d'este craneo coroado de louros, emblema das nobres victimas do poder irresponsavel, juro executar, sem hesitação e ainda com risco da propria vida, tudo que pela ordem me seja ordenado, não sendo contrario aos deveres da honra e gratidão maçonicas. Juro acceitar todas as leis e regulamentos da Ordem, fazendo meu o seu *Credo*. Juro inteira obediencia aos meus superiores legaes na Maçonaria. Juro observar em tudo a temperança, domar meus appetites e vencer minhas más inclinações. Juro ser até á morte fiel á Ordem e a meus Irmãos, e occultar a todos os segredos dos Cavalleiros Ka-

dosch. Juro consagrar-me de corpo e alma a proteger os innocentes, reivindicar o direito, humilhar os oppressores e punir os infractores da lei da Humanidade e dos direitos do Homem. Juro nunca me submetter, nem mesmo para salvar a vida, a qualquer despotismo material, usurpando e abusando do poder de governar para escravisar e opprimir os homens. Juro nunca me submetter, nem para salvar a vida, a qualquer despotismo intellectual, que prende as consciencias e agrilhoa o livre pensamento, tornando em abominavel crime as crenças conscienciosas e as duvidas sinceras e honestas. Juro honrar sempre a memoria dos martyres da Fé e da Liberdade, e apprender de seu exemplo a preferir a morte á falta de cumprimento dos meus deveres.

P. Qual é o segundo voto? — R. Juro consagrar a minha existencia inteira á realisação do fim a que visam os Cavalleiros Kadosch, e pôr para isso todas as minhas forças, executando as ordens que em tal sentido me sejam regularmente transmittidas. Juro consagrar a tal realisação minha palavra, recursos, influencia, intelligencia e vitalidade. Juro ser outrosim para sempre o apostolo da Verdade e dos direitos do Homem, levando mesmo a minha dedicação até á morte.

P. Qual é o terceiro voto? — R. Juro muito de meu grado e livre intendimento proteger e ajudar os innocentes, os fracos, os oppressos, e as victimas de qualquer injustiça, e isto em qualquer tempo, em qualquer logar e com todas as minhas forças. Juro não poupar esforço ou meio algum para alcançar o castigo de qualquer oppressor ou usurpador. Juro nunca calumniar Cavalleiro algum Kadosch, ou causar-lhe intencionalmente qualquer perda. Juro auxiliar todos os Kadosch em suas necessidades, assistir-lhes nas doenças, nunca d'elles acceitar um duello ou provocal-os a bater-se commigo. Juro sacrificar, sendo preciso, a minha vida para salvar a d'um Kadosch, que me dê o signal em campo de batalha, e arriscar tudo para, por qualquer meio, o restituir á liberdade, se o encontrar entre ferros. Juro vingar o direito e a verdade, mesmo á mão armada, se tal se fizer mister e me fôr ordenado por meus chefes legitimos.

P. Qual é o quarto voto? — R. Juro contribuir, por todos os meios a meu alcance, para a propaganda e diffusão das ideias liberaes. Juro esforçar-me, sem tregua, nem repouso, por assegurar a meus Irmãos a mais completa participação no exercicio real da soberania legal do povo. Juro manter e obrar em todos os tempos e logares, quanto, na minha qualidade de Kadosch, julgar favoravel ao bem e honra de minha patria, sejam quaes forem as inconvenientes que da minha attitude possam resultar para minha popularidade e interesses. Juro soccorrer, mesmo com risco da propria

vida, qualquer Irmão, que seja perseguido por motivo de suas crenças religiosas, de sua fidelidade á causa da Liberdade, de suas opiniões politicas e hierarchia maçonica. E, ratificando de bom grado e livre vontade todos os votos que, no altar dos Cavalleiros Kadosch, por mim foram feitos, calco aos pés a corôa real, não como symbolo d'uma forma particular de governo ou d'um desenvolvimento particular da usurpação e poder inconsciente, mas como emblema da tyrannia licenciosa e irresponsavel, seja qual fôr o seu nome, feitio e manifestação. E, como eu a esmago, tambem a humanidade esmaga a tyrannia e o despotismo, porque só a soberania popular tem direito ás suas homenagens. Calco aos pés a tiara pontificia e papal, não como emblema da ambição altaneira e da perversa impostura, que escravisam o homem pelo temor e o embrutecem pela superstição, que protegem a ignorancia e são o mais fiel alliado do despotismo. E, como eu a esmago, tambem o livre pensamento esmaga a intolerancia e o despotismo espiritual, porque só a instrucção e a persuasão têm direito ás suas homenagens.

P. Como se resumem as instrucções do grande Cavalleiro Kadosch? — R. Os Cavalleiros Kadosch propõem-se oppor sua união estreita e indissoluvel aos abusos do governo, do padre e do demagogo, e substituir para sempre a ambição pela virtude, a cubiça pelo amor, pela caridade o fanatismo, a superstição pelo progresso illustrativo.

P. Quaes são os irreconciliaveis inimigos dos Kadosch? — R. O despotismo dos governantes, a oppressão dos privilegiados e a tyrannia dos padres, assassinos infames da liberdade de pensamento, e da liberdade de consciencia.

P. Como devem combatel-os? — R. Pela morte, porfiadamente, sem tregua, nem descanço.

P. Qual é a base d'operação do Cavalleiro Kadosch? — R. A profissão de fé, que deve ajudal-o a recrutar proselytos.

P. Qual é a profissão de fé? — R. Amo o Templo, e odeio a Tyrannia. Respeito incondicionalmente a liberdade absoluta de consciencia, de pensamento e de palavra. Odeio a intolerancia, a hypocrisia, a arrogancia e a usurpação do clero. Desprézo o charlatanismo e as imposturas dos pseudo-prophetas, dos padres e dos demagogos. Respeito e considero o trabalho, que enaltece a natureza humana. Combato os monopolios, venham elles da riqueza, da posição ou da ociosidade.

P. Qual a synthese d'essa profissão de fé? — R. Combato á porfia, amando e odiando, respeitando e desprezando. Como o grau de Cavalleiro Kadosch é *practico,* todos os Mações de todos os paizes o consideram sob o mesmo ponto de vista. Tal aspecto, que

é tambem a synthese do grau, encerra-se 'nisto: «O Gnosticismo puro, alma e substancia da Maçonaria, tem seus principios assentes nos tres primeiros graus, theoricamente desenvolvidos no de Rosa-Cruz, e practicamente applicados no de Kadosch. O grau de Cavalleiro Kadosch nada mais é que a acção, a practica, a consecução material, dos triumphos devidos á doutrina gnostica e liberal, e das vantagens d'ahi resultantes. ESCLARECIDO pela revelação dos tres primeiros graus, a qual diz: *Geração e não Creação,* o Mação APPRENDE, no grau de Rosa-Cruz, que *a Verdade e o Amor maçonicos emanciparão a Humanidade*, e OBRA, no grau de Kadosch, *amando e odiando á porfia, respeitando e desprezando sem limites.*

## III

### AS SESSÕES ORDINARIAS

A hierarchia das Officinas maçonicas póde definir-se d'este modo: — A Loja irreligiosa, deixando se inconscientemente governar pelo Capitulo pantheista, que recebe as inspirações do Areopago satanico.

Os Kadosch estão para os Rosa-Cruz, como estes para os Mestres, Companheiros e Apprendizes; o papel d'uns e outros é analogo. Todo o Kadosch, que deve ser um Rosa-Cruz activo sob pena de perda, assiste ás reuniões dos Capitulos e das Lojas. Os Kadosch são os verdadeiros Mações; centralisam em si todas as relações; são os homens de confiança da direcção suprema. E têm elles importante tarefa, que seu occulto impulso promove muitas vezes por meio dos Capitulos a acção de numerosas Lojas.

Estão de posse do execravel segredo da Maçonaria: são os Perfeitos iniciados; faz-se mister que operem de geito a não deixar ver as suas obras; um desvio na direcção, que deixasse ver o verdadeiro fim da instituição, comprometteria necessariamente todo o trabalho. Não ha, por isso, precaução, que não tomem; se fôr preciso, não descobrem o grau, que têm, em regiões onde não haja Capitulo constituido.

Não ha para elles conferencias; rejeitam-nas por inuteis. Quem passou pela iniciação no 30.º grau não carece de preparar-se para receber qualquer luz; o Kadosch recebeu a plenitude da luz

Os Areopagos ou Conselhos celebram por anno quatro sessões obrigatorias (minimum); uma d'ellas é consagrada á eleição dos Funccionarios. Nas outras reuniões occupam-se dos trabalhos das Officinas de ordem inferior, e preparam as secretas combina-

ções, cujo fim é fazer executar aos Mações dos graus symbolicos as deliberações do Supremo Conselho.

Mas os Areopagos não se limitam ás quatro obrigatorias sessões trimensaes; celebram, pela maior parte, uma sessão por mez. Algumas d'essas reuniões denominam-se «sessões scientificas»; são as destinadas ás practicas do hermetismo, e 'nellas «se trabalha na busca da Pedra-Philosophal [(a)]» segundo a phrase usada nas Traz-Lojas.

Os Perfeitos Iniciados fecham-se em seu sanctuario reservado, e põem todos os seus cuidados em conseguir «a communicação dos espiritos». Os maleficios, que empregam, acham-se minuciosamen te descriptos no *Ritual da Alta Magia* do I.·. Constant, de quem tivemos acima occasião de falar.

Maçonaria cabalistica: tal é a ultima palavra das reuniões mysteriosas dos Kadosch.

O *Schemm-Hamm-Phorasch*, que constitue a corôa da pedra cubica, esse termo secreto de engrimanço, cuja explicação não havia sido feita, converte-se 'num appello a Eblis, cuja manifestação esses desgraçados supplicam.

Seria caso de pensar-se estar em nocturno congresso de feiticeiros, em plena edade-media; e, não obstante, tudo isto se passa em nossos tempos!... E a Maçonaria não pode negal-o; porque todas essas peregrinas formulas d'evocação correm impressas em seus rituaes

Eis uma d'ellas:

«*Hémen-Etan! Hémen-Etan! Hémen-Etan!... El Ati!... Titeip!... Azia!... Hin! Ten! Minosel!... Achadon!... Vai! vaa! Eyé!... Aaa! Eyé! Exe!... A!... El!... El!... El!... A!... Hy!... Hau!... Hau!... Hau!... Va! va! va! va! Chavajoth!... Aie Saraye! Aie Saraye! Aie Saraye!... Per Elohim, Archima, Rabur!... Bathas super Abrac!... Ruens superveniens Abeor!... Super Aberer!... Chavajoth! Chavajoth! Chavajoth!... Impero tibi per clavem Salomonis et nomen magnum!... Schemm-Hamm-Phorasch!* (Extrahida textualmente do *Ritual da Alta Magia*, manual cabalistico dos Cav.·. Kadosch, capitulo das *Evocações*, pag. 230.)

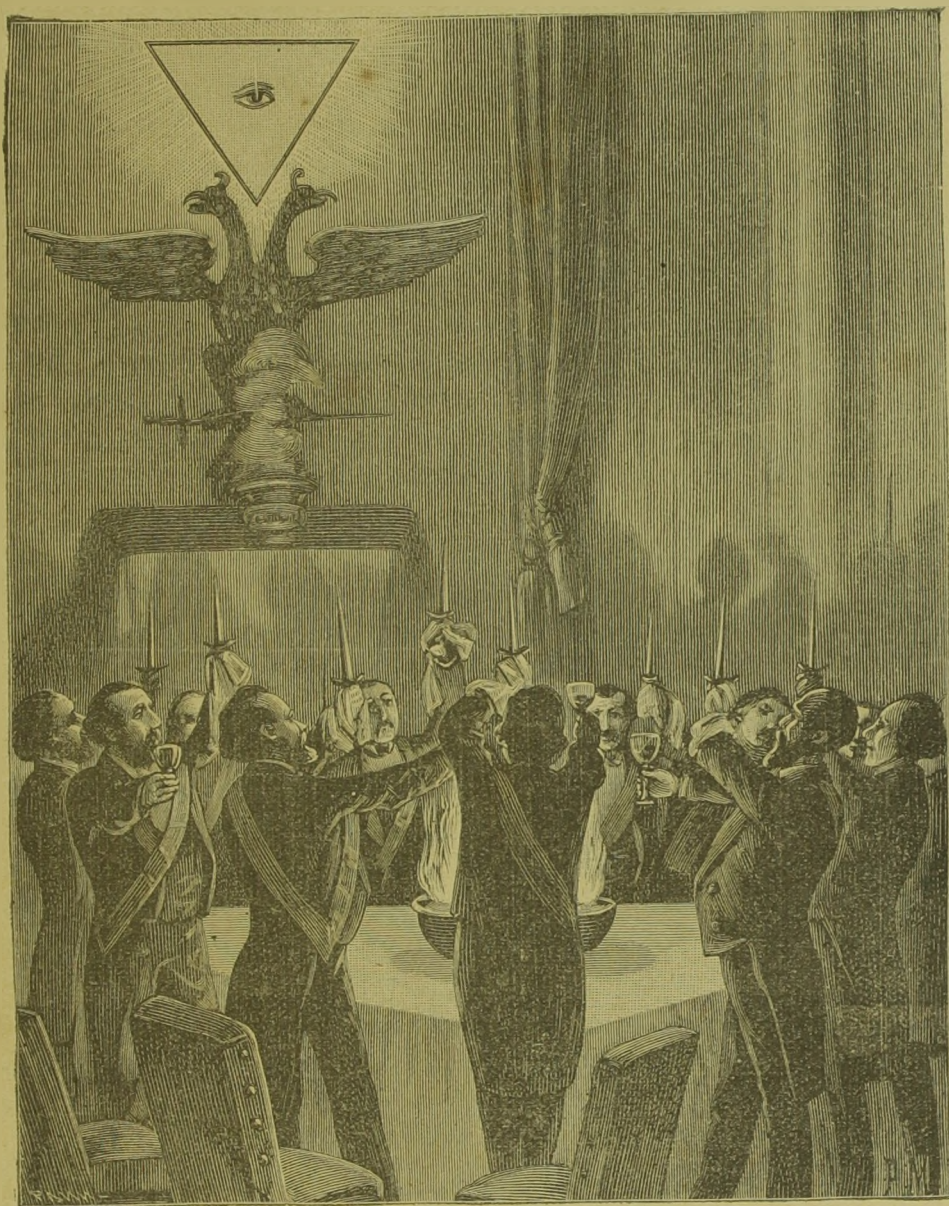
E' o presidente do Areopago quem declama essa barbara algaravia; e todos os Kadosch, unindo-se-lhe e brandindo os punhaes contra o ceu, bradam:

— *Nekam, Adonai!*

«O Espirito» deve manifestar-se então.

---

(a) «Effectivação da Grande Obra» diz o francez. Já acima se viu qual seja o sentido da *Grande-Obra*.

AGAPES DOS CAVALLEIROS KADOSCH

Ao setimo brinde põe-se na mesa um ponche inflammado

Se não apparece, os Kadosch caem em adoração e o presidente do Areopago recita a *Oração a Lucifer.*

Tal oração tem a Proudhon [1] por auctor; foi vertida para as linguas dos paizes que praticam o Rito Escocez. Eila:

---

(1) O I.·. Proudhon, digamol-o a quem o ignora, foi recebido Mação na Loja *Sinceridade Perfeita União e Constante Amizade*, ao Oriente de Besançon.

Na resposta ás questões da epocha: «Quaes são os deveres do homem: 1.° para com seus semelhantes; 2.° para com a patria; 3.° para com Deus», escreveu, no gabinete das Reflexões, estas palavras: «1.° Justiça aos homens! 2.° Dedicação á patria! 3.° Guerra a Deus!»

«Vem, Lucifer! vem, oh calumniado dos padres e dos reis! Vem, que nós te abraçamos e apertamos contra nosso peito! Ha muito que nós te conhecemos [a] e tu nos conheces tambem. Tuas obras, oh bemdito de noss'alma, nem sempre são boas e bellas aos olhos do vulgo ignorante; mas bastam a dar um sentido ao universo, que sem ellas seria absurdo. Só tu animas e fecundas o trabalho. Tu enalteces a riqueza, serves de fundamento á auctoridade, dás cunho á virtude... E tu, Adonai, deus maldito, vae-te, que te renegamos! O primeiro dever do homem intelligente e livre é expulsar-te de seu espirito e consciencia; porque és essencialmente hostil á nossa natureza, e nós não podemos soffrer de modo algum tua auctoridade. Attingimos a sciencia sem ti, o bem estar a teu pezar, a sociedade sem a tua cooperação; cada um de nossos progressos é uma victoria, em que morre esmagada a tua divindade. Espirito mentiroso, deus imbecil, o teu imperio acabou; busca entre as feras selvagens mais victimas. Eis-te, finalmente, desthronado e aniquilado. O teu nome, que foi por tanto tempo a ultima palavra do sabio, a força do soberano, a esperança do pobre, o refugio do peccador arrependido, esse nome ineffavel, Padre Eterno, Adonai ou Jehovah, será para sempre votado ao desprezo e ao anathema, ha de ser escarrado da humanidade! porque Deus, é loucura e baixeza; Deus, é hypocrisia e mentira; Deus, é tyrannia e miseria; Deus, é o mal .. Emquanto a humanidade se inclinar ante o teu altar, a humanidade, escrava dos reis e dos padres, será reproba; emquanto um homem deferir, em teu nome execravel, juramento a outro homem, a sociedade assentará no perjurio, a paz e o amor estarão desterrados do seio dos mortaes... Deus, vae-te! que, d'aqui ávante, curados do teu temor e feitos sabios, juramos, erguida a mão para o teu ceu, que não passas do carrasco da nossa razão, e espectro da nossa consciencia!»

Não parece um sonho?.. E que abominavel sonho!..

Repete-se a formula da evocação: *Hemen-Etan*, etc. Prostram-se ante o Baphomet, posto no altar. Finalmente, quando o Areopago conseguiu obter uma hostia consagrada, criva-a de punhaladas, ao grito selvagem de: *Nekam, Adonai!*

Tal é o culto d'Eblis em sua mais secreta liturgia.

---

Foi recebido por acclamação; galgou a passos rapidos a estrada da Maçonaria; chegou a Cavalleiro Kadosch, 30.º grau; e, apoz a sua morte, as principaes lojas de França, por proposta da Loja *os Emulos de Monthyon*, ao Oriente de Orleans, celebraram na festa solsticial do estio «a SANCTIDADE do I.·. Proudhon»; foi uma canonisação maçonica.

Desde então figura o I.·. Proudhon, em dia de seu nascimento, nos calendarios secretos da seita.

(a) Pois ninguem ousaria dizel-o!

Como obtem a seita as sanctas especies, que ultraja no mais hediondo dos sacrilegios? — Por corrupção ou por hypocrisia.

Foi-me nomeada uma desgraçada mulher, pertencente a um departamento do sul de França, a qual, em troco d'algumas moedas de prata, fornecia regularmente a um Areopago de Kadosch a divina Eucharistia, que ia receber á egreja parochial.

Ha tempos, o *Mensageiro,* jornal catholico de Chalon-sur-Saône, pediu-me lhe enviasse a lista dos Mações da sua região ou, pelo menos, os nomes dos filiados nos altos graus. Lancei mão dos *Annuarios Maçonicos,* que tenho em meu poder, e copiei os nomes dos membros dos graus 33.º, 32.º, 31.º e 30.º pertencentes ao departamento de Saône-et-Loire. Enviei a lista ao jornal.

Dentro em pouco escrevia-me o redactor principal:

«Não vos enganastes?... Entre os nomes enviados está o d'um homem muito conhecido aqui por suas ideias religiosas e que é mesmo membro d'uma associação catholica militante.»

Respondi:

«Não podia haver erro na lista, que vos enviei. Os documentos, que me foram fonte, são authenticos e officiaes.»

E copiei segunda vez os nomes constantes dos *Annuarios Maçonicos.* Transcrevi até, ao lado de cada um d'elles, o numero de matricula do adepto, tal como estava registado nos archivos do Supremo Conselho. Promptifiquei-me a enviar os documentos, se ousassem negar o facto.

O indigno catholico em questão (era um Kadosch) foi chamado perante as pessoas que até então conseguira enganar, sendo convidado a refutar a accusação, que sobre elle pesava. Houve de confessar a sua filiação na seita e o elevado grau, que tinha, na Traz-Loja.

Quem sabe quantos infames serviços esse miseravel hypocrita prestava á Maçonaria, elle que, sendo membro d'um Areopago, ousava frequentar os sacramentos?

E' este um facto de recente data.

Já disse quanto baste sobre este ponto. Todos ficam sabendo o que a Maçonaria entende por graus philosophicos: a sua philosophia é a cabala, o hermetismo, as practicas da feitiçaria, que se suppunha ter acabado já; quando fala de sciencias, intende dizer sciencias occultas; o «Grande Architecto do Universo», o seu deus, é Satanaz.

## CAPITULO QUINTO

### BANQUETES DOS AREOPAGOS

Os Areopagos de Kadosch têm annualmente um banquete obrigatorio que se realisa no dia de Sancto-André (30 de novembro).

Porque festejam os Kadosch Sancto-André?

Eis a explicação dada aos Mações dos graus inferiores:

— E' porque Sancto-André é o padroeiro da Escocia, e a Maçonaria dos altos graus toma sua origem d'esse paiz.

Mas, em realidade, os Kadosch importam-se muito pouco com o apostolo de Jesus-Christo. O nome d'elle apenas lhes serve a esconder outra infamia. *Andros,* em grego, significa o homem, no sentido material, na accepção da virilidade. Sancto-André, pois, é, para os Kadosch, a virilidade declarada sancta; e, por espirito de sacrilegio, escolhem o dia 30 de novembro para celebrar tão hedionda interpretação. Esta é a verdade.

Os Kadosch observam, em seus Agapes, com pequenas modificações, o ritual do banquete dos Eleitos, que acima se deixou escripto (pag. 352).

As modificações são estas:

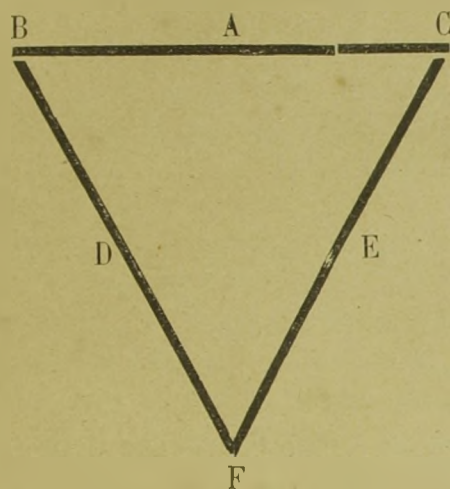
Ha sete saudes obrigatorias;

Vasa-se o copo d'um só trago em seguida á ultima palavra de cada saude, e pousa-se d'uma vez só;

Mergulha-se no copo, não a faca, mas o punhal, que é a «joia» do Kadosch, e mergulha-se duas vezes, antes e depois de beber;

O que se diz, ao mergulhar no copo o punhal, não é o *Nekam* do banquete dos Eleitos;

A menção de ferir com o punhal, antes de pousal-o na mesa, não se faz em frente, mas na direcção do ceu.

A mesa, que não é grande (um Areopago compõe-se de poucos Irmãos cuidadosamente eleitos), tem a forma triangular:

No lado B A C tomam assento os altos dignatarios; o presidente do Areopago, intitulado Grão Mestre, occupa o logar A; o Grão Chanceller Secretario, o logar B; o Grande Cavalleiro da Eloquencia, o logar C; as summidades da Ordem e os convidados occupam os logares entre A B e A C.

Aos lados BDF e CEF tomam assento indistinctamente os demais membros do Areopago; apenas ha logar fixo para o 1.º Grande Juiz (logar E), 2.º Grande Juiz (logar D) e Grão Servo d'Armas (logar F); este ultimo fica perto da porta d'entrada.

Durante o banquete todos os convivas se tractam de *tu*.

Se nos lembrarmos de que a lenda da recepção no grau versa sobre os Templarios, cuja morte se busca vingar, trespassando um craneo coroado e outro mitrado, e se não esquecermos que tal recepção é tambem distincta por um sacrificio feito em honra de Satanaz deificado, comprehenderemos o verdadeiro sentido dos brindes do Agape Philosophico de 30 de novembro.

O primeiro brinde faz-se:

— A Salomão!

E' conhecida a lenda maçonica. O Salomão, honrado por constructor do Templo, é o Salomão impio dos fins do seu reinado, é o Salomão dissoluto, o Salomão adorador de Moloch e evocador dos espiritos maus.

O segundo brinde é:

— A Zorobabel!

Commemora-se, 'neste brinde, a reconstrucção do Templo. O leitor deve lembrar-se de que Zorobabel desempenha importantes papeis nas recepções de muitos graus elevados.

O terceiro brinde dirige-se:

— A S. João do estio e a S. João do inverno!

O brinde é feito ao sol, que a Maçonaria oculta converte em symbolo de Lucifer, Anjo da Luz, Genio do Fogo; a festa de S. João Baptista (24 de junho) coincide com o solsticio do verão, e a festa de S. João Evangelista (27 de dezembro) com o do inverno.

O quarto brinde é feito:

— A s. Jacques e aos apostolos martyres!

Trata-se de Jacques Molay, Grão Mestre da Ordem do Templo e dos demais Templarios, queimados em Paris, em 1314.

O quinto brinde vae:

— A' memoria de todos os demais dignos soldados da cruz, que bem combateram e seus dias acabaram em alegria!

A cruz, de que se trata, não é a do Golgotha, mas a cruz de Cavallaria, que os Templarios usavam.

O sexto brinde é dirigido:

— A todos os Cavalleiros do Templo, dispersos pela superficie da terra e das aguas, a suas esposas, viuvas e orphãos!

Todas as precedentes saudes são feitas em harmonia com o ceremonial do banqnete dos Eleitos, introduzidas as modificações acima indicadas. Antes de beber, mergulha-se o punhal no copo de vinho vermelho, e, emquanto as gottas caem, figurando symbolicamente sangue, bradam todos a um tempo:

— *Deus Sanctus, Nokem!*

As duas primeiras palavras são latinas e significam: «Deus sancto»; é Satanaz.

A ultima é hebraica, e quer dizer: «vingador!»

Depois de beber, dá-se uma punhalada na direcção do ceu, e brada-se, em tom selvagem:

— *Nekam, Adonai*!

As seis primeiras saudes são feitas com vinho, e sempre com tochas accesas.

Ao setimo, traz-se um ponche e apagam-se as tochas; a sala do festim satanico fica apenas alumiada pela sinistra claridade das chammas ondulantes e azuladas do immenso ponche, posto a meio da mesa triangular.

Não será desacertado, penso eu, dar noticia completa do ceremonial d'este brinde.

Estando todos os convivas de pé, com a mão direita aberta sobre o coração e a esquerda a brandir o punhal contra o ceu, o Grão Mestre (nome do presidente da reunião) entoa o cantico dos Kadosch, repetindo os assistentes o derradeiro verso de cada quadra.

## CANTICO DOS KADOSCH

I

LE GRAND MAITRE

Oh! Salomon, ta sagesse est divine:
Ton plan est beau, de symbole il nous sert;
Mais des Maçons te croire l'origine
Est une erreur dont le bon sens se perd.

TOUS

C'est une erreur dont le bon sens se perd!

I

GRÃO MESTRE

Oh! Salomão, teu saber é divino;
Teu plano é bello e serve-nos de symbolo;
Mas reputar-te por origem dos Maçōes
E' um erro, em que o bom senso se arruina.

TODOS

E' um erro, em que o bom senso se arruina.

II

LE GRAND MAITRE

Héros croisés, auteurs de notre race,
Nous n'avons point d'autre tige que vous ;
Aux Sarrazins quand vous donniez la chasse,
Vous combattiez pour le Temple et pour nous !

TOUS

Vous combattiez pour le Temple et pour nous !

III

LE GRAND MAITRE

Bon roi Louis, toi que l'on canonise,
D'être Maçon tu fus ambitieux ;
A quoi tendait ta vaillante entreprise ?
A restaurer les débris des saints lieux !

TOUS

A restaurer les débris des saints lieux !

IV

LE GRAND MAITRE

Prince écossais qui recueillis nos Fréres,
Grâce á tes soins nous sommes en renom.
Dans ton pays, conservons nos mystères
Ils en ont eu le précieux surnom.

TOUS

Ils en ont eu le précieux surnom !

V

LE GRAND MAITRE

Resserrons-nous d'une chaîne propice,
De vivre unis perpétuons l'aveu ;
Francs Chevaliers, armés contre le vice,
Pour la vertu s'est formé notre vœu !

TOUS

Pour la vertu s'est formé notre vœu !

II

GRÃO MESTRE

Heroes cruzados, auctores de nossa estirpe,
Só a vós reputamos por avós;
Quando aos Sarracenos daveis caça,
Combatieis pelo Templo e por nós !

TODOS

Combatieis pelo Templo e por nós !

III

GRÃO MESTRE

Grande rei Luiz, que foste canonisado,
Com ser Mação te orgulhaste sempre;
Que fim mirava tua arrojada empreza?
Restaurar as ruinas dos logares sanctos. (1)

TODOS

Restaurar as ruinas dos logares sanctos.

IV

GRÃO MESTRE

Principe da Escocia, que déste acolhida a nossos Irmãos, (2)
Grangeámos, graças a ti, celebridade.
Conservamos, em teu paiz, nossos mysterios,
Que d'elle tomaram o nome precioso.

TODOS

Que d'elle tomaram o nome precioso.

V

GRÃO MESTRE

Em vinculo propicio estreitemo-nos,
Perpetuemos a promessa de viver unidos ;
Cavalleiros livres, armados contra o vicio,
Encaminhámos os desejos á virtude !

TODOS

Encaminhámos os desejos á virtude !

---

(1) Quer dizer : as duas cruzadas, que Luiz IX, o Sancto, guiou á Palestina, foram, no dizer dos Kadosch, não para libertar o Sancto Sepulchro do poder dos infieis, mas para reconstruir o Templo de Salomão.

(2) Allude-se a Roberto Bruce, que, segundo a lenda maçonica, recebeu em seus estados os Templarios logo depois da condemnação da Ordem pela Egreja. O mais antigo rito maçonico, rito de Herodom e Kilwinning conserva em sua séde um alvará, cuja authenticidade é aliás duvidosa e problematica, expedido pelo rei Roberto Bruce a uma certa Loja de Kilwinning, pequeno burgo da Escocia, e pretendem os Mações escocezes que essa Loja, fundada pelos Templarios refugiados em Terras de Roberto Bruce, seja a primeira Loja creada, a Loja-Mãe da Maçonaria.

VI

LE GRAND MAITRE

Le feu grégois, fameux enterre sainte,
(*Montrant le punch qui flambe :*)
Peut-il au nôtre être ici comparé ? . .
Il ne servait qu'à répandre la crainte ;
Au plaisir seul le nôtre est consacré !

TOUS

Au plaisir seul le nôtre est consacré !

VI

GRÃO MESTRE

Pode o fogo d'artificio (a), tão famoso na terra santa,
(*apontando o ponche inflammado :*)
Comparar-se ao nosso, que arde aqui ?
Aquelle só servia a diffundir o medo ;
O nosso consagra-se apenas ao prazer !

TODOS

O nosso consagra-se apenas ao prazer !

VII

LE GRAND MAITRE

Nous, preux, Maçons, restons dans la patrie ;
Du Grand Travail montrons-nous les effets :
Plus n'est besoin d'aller jusquen Syrie ;
Car Dieu partout nous comble de bienfaits !

TOUS

Remercions Dieu pour tous ses bienfaits !

VII

GRÃO MESTRE

Nós, bravos e Mações, perseveramos na patria ;
Mostremos os resultados do Grande Trabalho (3) ;
Não se faz mister que vamos á Syria;
Que Deus em toda a parte nos enche de mercês !

TODOS

Dêmos graças a Deus de todas as suas mercês !

Terminado o «cantico», passa-se á execução da libação; é o Grão Mestre quem commanda a manobra.

— Bandeira enrolada no braço!. .

Enrolado o guardanapo, passa-se em volta do braço esquerdo, segurando as pontas com a mão.

— Mão direita no punhal!. . .

Passa-se para a mão direita o punhal, que estava na esquerda, erguida, e baixa-se esta.

— Punhal contra o coração!. .

Põe-se o punhal ao comprido sobre o seio esquerdo, extendendo o pollegar pelo cabo.

— Punhal na mão esquerda!..

Passa-se o punhal para a mão esquerda, voltando-lhe a ponta para o chão.

— Mão direita na urna!...

Pega-se no copo.

— Urnas á frente!...

Extende-se o braço em todo o comprimento.

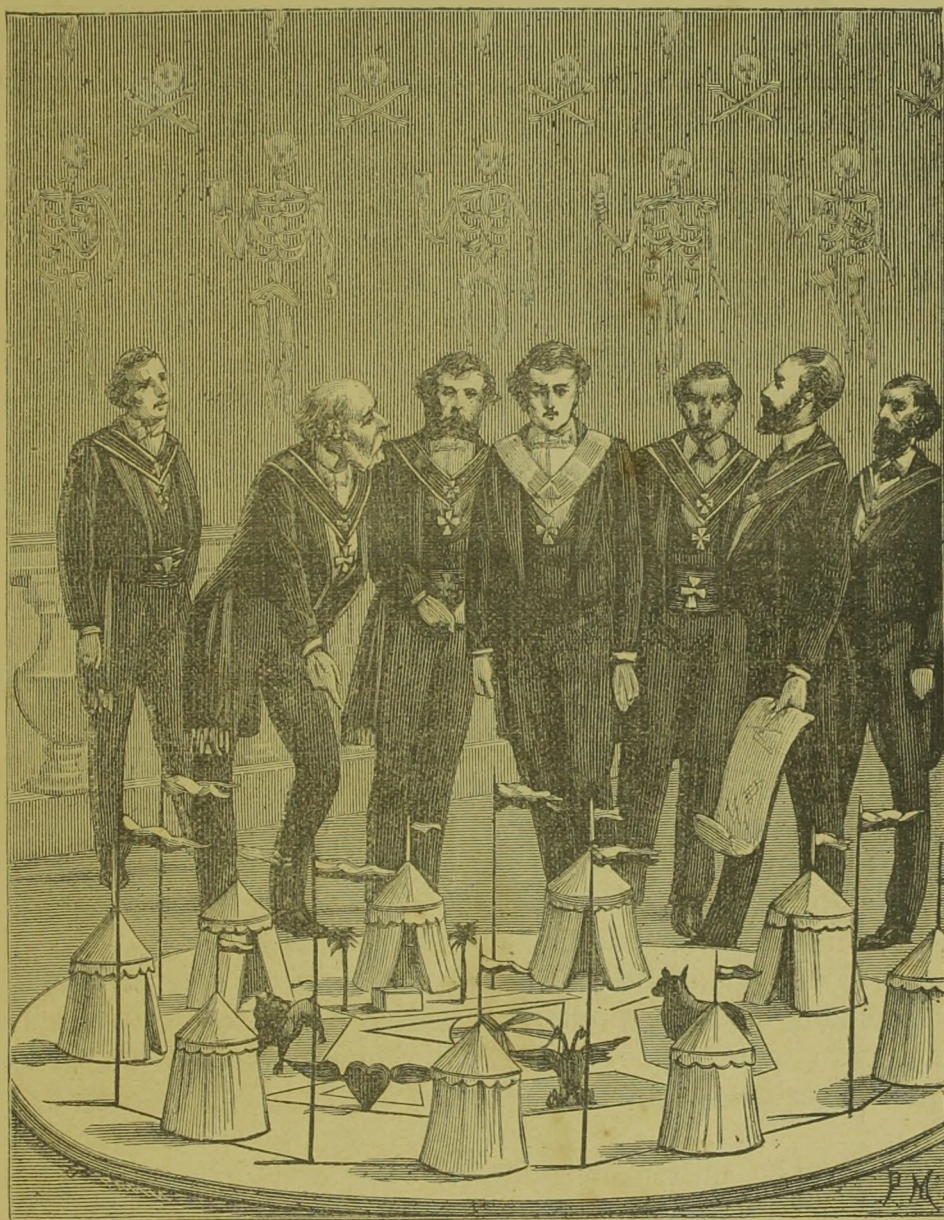
— Mergulhemos o punhal na urna!... .

Mergulha-se no copo o punhal, que está na mão esquerda, dizendo a um tempo: *Deus Sanctus, Nokem !*

---

(a) Chamam os francezes *gregois* ou *gregeois* ao fogo d'artificio preparado de geito a queimar-se n'agua.

(3) Por Grande Trabalho deve entender-se «a Pedra Philosophal», isto é, a pratica das sciencias occultas, das evocações diabolicas, ás quaes os Kadosch se dão.

INICIAÇÃO DO PRINCIPE DO REAL SEGREDO

«O exercito maçonico acampa então, esperando o ataque definitivo», diz o irmão encarregado de explicar ao postulante o grande plano de batalha

— Urna sobre o coração!...

Encosta-se o copo ao lado esquerdo do seio.

O Grão Mestre interrompe 'neste ponto as vozes de commando, e, emquanto os Kadosch permanecem immoveis, com o copo sobre o coração e o punhal na mão esquerda, extendido o

braço, recita elle a formula do setimo brinde, á luz infernal do ponche:

— Possam todos os Mações dignos e inviolavelmente fieis a seus juramentos participar do perdão, que será concedido em honra do sangue do Christo!

Não se faz mister pôr em relevo a infame ambiguidade do ultimo membro d'esta phrase, tendo presente que a Maçonaria é o culto de Satanaz.

— Levantar urnas!...

Ergue-se o copo á altura dos labios.

— Despejemos 'num tempo!...

Vasa-se o copo d'um só trago.

— Urnas em frente!...

Leva-se de novo o copo em frente, conservando-o sempre na mão direita.

— A mim, Cavalleiros meus Irmãos, pelo signal!...

Leva-se a mão esquerda ao hombro direito, segurando o punhal de ponta erguida para o ceu, e faz-se menção de ferir, dizendo: *Nekam, Adonaï!*

— Urna sobre o coração!...

Une-se ao corpo o braço direito, e encosta-se ao seio esquerdo a mão, que segura o copo.

— Pousemos a urna!...

Pousa-se o copo na mesa d'uma só vez.

— Descançar punhaes!...

Colloca-se o punhal em seu logar.

Grão Mestre. — *Phagal-Chol.*

Os assistentes, simultaneamente. — *Pharasch-Chol.*

Terminada a sinistra comedia, sufficientemente mergulhados os punhaes nas urnas (chamam a isso os Kadosch «o signal penal», para indicar que a pena infligida aos inimigos da Ordem é a morte por assassinio), os membros do Areopago retiram-se.

Far-se-ha mister concluir?... Não, certamente... Mil vezes cego é quem não haja comprehendido!

# CAPITULO SEXTO

## COMPLEXO DOS SEGREDOS DA MAÇONARIA NEGRA

Observação. — Para melhor apprehender o sentido de todas as revelações d'este capitulo deve o leitor reportar-se previamente ao cap. v da parte I, pag. 199 e seguintes.

## GRANDE PONTIFICE DA JERUSALEM CELESTE

(19.º grau)

Ordem. — Extende-se horisontalmente o braço e a mão direita.

Signal. — Estando á ordem, abaixam-se perpendicularmente os tres ultimos dedos. Distingue-se á mesa um mação do 19.º grau por esta particularidade: faz menção de beber, segurando o copo com a mão esquerda.

Toque. — Collocam-se reciprocamente a palma da mão direita na fronte, trocando entre si este dialogo: «Alleluia! — Louvemos o Senhor! — Emmanuel! — Deus nos assista!» Depois, ambos: «Amen!»

Palavra de passe. — *Emmanuel.*

Palavra sagrada. — ALLELUIA.

Edade. — Está-se prestes a não contar edade.

Marcha. — Não a tem especial este grau.

Bateria. — Doze pancadas eguaes, não muito precipitadas: OOOOOOOOOOOO.

Decoração. — Não se usa avental. Em compensação, o Mação do 19.º grau traz em sessão (sómente, porém, nas do Collegio, e nunca nas reuniões a que assistam Irmãos de grau inferior) uma bella e larga tunica de setim branco, e cinge a fronte com uma banda azul celeste, que tem bordadas a ouro doze estrellas. A faixa é carmezim, com doze estrellas d'ouro; tem no cimo bordado um A (alpha), e no fundo um Ω (omega); pende d'ella a joia, e traz-se sobre a tunica, da esquerda para a direita. A joia é uma placa quadrilonga d'ouro, com um A gravado 'num dos lados, e no outro um Ω.

PERGUNTAS D'ORDEM PARA A ENTRADA NO TEMPLO

P. Quem sois? — R. Grande Pontifice, Sublime Escocez, a quem nada é desconhecido; sei que tudo é Alpha, Omega e Emmanuel.

P. Onde fostes recebido? — R. 'Num logar que não precisa de sol nem de lua para ser alumiado.

P. Que edade tendes? — R. Prestes a não contarei já.

P. Que horas são? — R. A hora predicta.

P. A que horas nos separamos? — R. Quando a hora se completa.

## VENERAVEL GRÃO MESTRE AD VITAM

(20.º GRAU)

ORDEM. — Põe-se em terra o joelho direito, e conserva-se o esquerdo erguido; formam-se d'este modo duas esquadrias. Colloca-se em seguida o cotovello esquerdo sobre o joelho erguido, extendidos e juntos os dedos da mão, com o pollegar aberto em esquadria, a cabeça inclinada ao chão e voltada á esquerda, como se um não ousasse olhar em frente.

SIGNAES. — Ha tres. — *Primeiro:* formam-se quatro esquadrias: 1.º pondo a mão direita sobre o coração com os dedos unidos e o pollegar apartado, — o que forma duas esquadrias (uma com o braço, outra com a mão); 2.º pondo a mão esquerda sobre os labios, e conservando o pollegar affastado, — do que resulta a terceira esquadria; 3.º unindo os calcanhares de geito a deixar os pés abertos em angulo recto: quarta esquadria. *Segundo:* põe-se um de joelhos, logo colloca os cotovellos em terra, inclinando a cabeça ao lado esquerdo e abanando-a nove vezes. *Terceiro:* Cruzam-se os braços sobre o peito, pondo-se o direito por cima do esquerdo; conservam-se os dedos juntos e extendidos, affastando o pollegar até formar esquadria; os pés unem-se em esquadria pelos calcanhares: o que tudo perfaz cinco esquadrias.

Ha demais um signal denominado «de introducção». Os Irmãos Grão Mestres ad Vitam entram em Loja dois a dois, com a espada levantada; passada a porta, voltam-se uns para os outros, cruzam as espadas e formam a abobada d'aço. [a]

---

(a) Quando não ha espada para fazer a entrada no Templo, — advertem alguns auctores maçonicos (vej. Cassard, *cit.*, p. 354, etc.), — colloca-se o braço direito erguido diante do rosto, como para esperar um golpe.

Toque. — Toma-se mutuamente o cotovello direito com a mão direita, dedos unidos o pollegar affastado; aperta-se por quatro vezes o cotovello, e logo se deixa escorregar a mão pelo antebraço até ao pulso, erguendo tres dedos e apoiando no pulso o index.

Ha outro toque para a entrada no Templo: toma-se mutuamente a mão direita, collocando o pollegar na ligadura do pulso, e deixa-se depois escorregar ao longo da mão até á extremidade dos dedos.

Palavra de passe. — *Jeksan.* Responde-se: *Stolkin.*

Palavra sagrada. — RAZAH-BETHSIJAH.

Não ha 'neste grau Edade convencional nem Tempo particular de Trabalho. As perguntas d'ordem reduzem-se a duas.

Marcha. — Nove passos em esquadria.

Bateria. — Tres pancadas, assim: O — OO.

Decoração. — Não ha avental. Trazem-se duas faixas, uma azul, outra amarella, cruzadas sobre o peito. A joia é um triangulo d'ouro com a lettra R gravada.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Grão Mestre? — R. Reconheceram-me em Jerusalem por tal.

P. Como vos reconhecerei por tal? — R. Por meu zelo na reedificação do Templo.

## CAVALLEIRO PRUSSIANO

(21 º GRAU)

Ordem. — Volta-se o rosto para o oriente e erguem-se ao ceu os braços.

Signal. — Mostram-se erguidos os tres primeiros dedos da mão direita. O Irmão, a quem o signal se dirige, toma com sua mão direita os tres dedos levantados, e diz: *Frederico.* Apresenta logo os tres dedos correspondentes, que o primeiro toma de egual modo, dizendo: *Noé.*

Toque. — Toma-se o index da mão direita do Cobridor e aperta-se entre o pollegar e o index, dizendo: *Sem;* o Cobridor dá o mesmo toque, e diz: *Cham;* o primeiro repete o toque, dizendo: *Japhet.*

Palavra de passe.—*Phaleg.* Repete-se tres vezes, pronunciando-a sempre muito devagar e 'num tom quanto possivel lugubre e

sinistro. — Não vá o leitor crer que mango; peço-lhe isso encarecidamente. O tom lugubre e sinistro parece, na verdade, graça; porém, garanto que as cousas devem passar-se, em harmonia com o regulamento, tão perfeitamente como deixo dicto.

Palavra sagrada. — E' triplice: SEM—CHAM—JAPHET.

Este grau não tem Edade nem Tempo de Trabalho particulares.

Marcha. — Tres passos de Mestre.

Bateria. — Tres pancadas vagarosas: O — O — O.

Decoração. — Avental amarello e luvas da mesma côr. A faixa é preta, e traz-se da direita para a esquerda. A joia, que pende da extremidade da faixa, é um triangulo d'ouro, atravessado por uma frecha de prata com a ponta voltada ao chão. O Cavalleiro Prussiano traz outrosim na botoeira uma pequena lua de prata.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Quem sois? — R. Dizei-me quem sois, e eu vos direi quem sou.

P. Conheceis os filhos de Noé? — R. Só conheço tres.

## PRINCIPE DO LIBANO, REAL-FACHA

(22.º GRAU)

Ordem. — Erguem-se á altura da fronte ambas as mãos abertas, mantendo os dedos unidos.

Signal. — Faz-se menção de erguer um machado com ambas as mãos, e ferir, como se um cortasse uma arvore pelo pé. Responde-se, erguendo á altura da fronte ambas as mãos abertas, e deixando-as cahir em seguida.

Toque. — Tomam-se mutuamente as mãos, cruzando os dedos.

Palavra de passe. — Ha tres, que se dizem alternadamente a duas pessoas: *Japhet — Ooliab — Libano.*

Palavra sagrada. — E' triplice: NOÉ — BESELEEL — SIDONIO. Diz-se alternadamente a duas pessoas.

Tambem este grau não tem Edade nem Tempo de Trabalho peculiares.

Marcha. — Tres passos em zigue-zague, começando com o pé direito.

Bateria. — Duas pancadas eguaes. OO.

Decoração. — Avental branco, com um olho pintado no

meio [a]. A faixa, com as côres do Arco-iris, é forrada de tafetá côr de papoula; põe-se ao peito, em aspa. D'ella pende a joia, que é um machado d'ouro encimado por uma coroa, e tendo gravadas 'num dos lados do cabo, as lettras: L.·. S.·. A.·. A.·. C.·. D.·. X.·. Z.·. A.·., e no outro as lettras: S.·. N.·. S.·. C.·. J.·. M.·. B.·. O.·.

PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Principe do Libano? – R. As arvores estão boas para o corte.

P. O que representam as lettras gravadas 'num dos lados do machado dos Cavalleiros Principes do Libano? — R. Libano, Salomão, Abda, Adon-Hiram, Cyro, Dario, Xerxes, Zoroastro, Ananias.

P. O que significam as lettras gravadas no outro lado do machado? — R. Sidonio, Noé, Sem, Cham, Japhet, Moysés, Beseleel, Ooliab.

## CHEFE DO TABERNACULO

(23.º GRAU)

Não ha, 'neste grau, Ordem nem Edade convencionaes. Tambem não é de uso que o Irmão Telhador faça ao Irmão Visitador perguntas sobre o grau.

SIGNAL.— Adianta-se o pé esquerdo, e faz-se ao mesmo tempo menção de segurar com a mão direita um thuribulo, que se suppõe estar na esquerda.

TOQUE. — Segura-se mutuamente o cotovello esquerdo com a mão direita, curvando o braço de geito a formar um arco de circulo.

PALAVRA DE PASSE. — *Uriel.* Responde-se, dizendo: *Tabernaculo das verdades reveladas.*

PALAVRA SAGRADA.— JEHOVAH. Diz-se por syllabas e alternadamente.

MARCHA. — Seis passos eguaes e um setimo maior.

BATERIA. — Sete pancadas, assim: OOOOOO — O.

TEMPO DO TRABALHO. — Abrem-se os trabalhos «á hora em que o filho de Hiram deve vir sacrificar», e encerram-se «á hora

---

(a) Em logar do olho, póde pintar-se uma mesa redonda, tendo em cima papeis desenrolados, instrumentos de mathematica, etc. Vej. *Bibliot. Maç.*, tt. cit. pag. 229; *Cassard*, cit., pag. 369, etc.

em que o sacrificio está consummado.» E' de notar que não se usa do termo *trabalho*, mas de *serviço*, que se lhe substitue.

DECORAÇÃO. — Tunica branca, com faixa vermelha franjada d'ouro, a tiracollo. Da faixa pende, por uma roseta preta, um thuribulo, que constitue a joia [a].

Tal decoração apenas se usa nas reuniões particulares do grau 23.º.

## PRINCIPE DO TABERNACULO

(24.º GRAU)

Este grau não tem Ordem nem Edade convencionaes.

O Toque, a Palavra de passe, a Palavra sagrada, a Bateria e a Marcha são perfeitamente eguaes ás do 23.º grau.

SIGNAES. — Ha tres. — Signal chamado «do Cordão» [b]: leva-se aos olhos a mão direita aberta, como quem quer furtar-se á impressão de luz vivissima, collocando a mão esquerda no peito; logo se passa a mão direita ao hombro esquerdo, retirando-a diagonalmente para o lado direito. «Grande signal»: erguem-se á altura da fronte ambas as mãos abertas, unindo os pollegares e indicadores por suas extremidades, por geito a formar um triangulo. — Signal «de admiração»: inclina-se a cabeça para diante, pondo a mão esquerda nos olhos e a direita no peito [c].

TEMPO DO TRABALHO. — Vej. as perguntas d'ordem.

DECORAÇÃO. — Os Irmãos d'este grau vestem, em suas reuniões particulares e nas do grau antecedente, tunica de seda azul com a gola guarnecida de raios d'ouro, de geito a imitar uma aureola; o corpo da tunica tem disseminadas estrellas d'ouro. Põem na cabeça um diadema resplandecente de estrellas feitas de crystaes coloridos, imitando pedras preciosas; o diadema é encimado por um triangulo. Por cima da tunica usam os artistas... perdão! os Irmãos uma faixa de côr vermelha ondeada, do hombro direito ao quadril esquerdo. O avental é branco, forrado de vermelho [d], e a joia uma pequena esphera d'ouro, encimada por um duplo triangulo cercado de raios, com a palavra *Jehovah* a meio [e].

---

(a) As vestes do Grande Sacrificador, titulo do presidente da Officina, ficam acima descriptas.

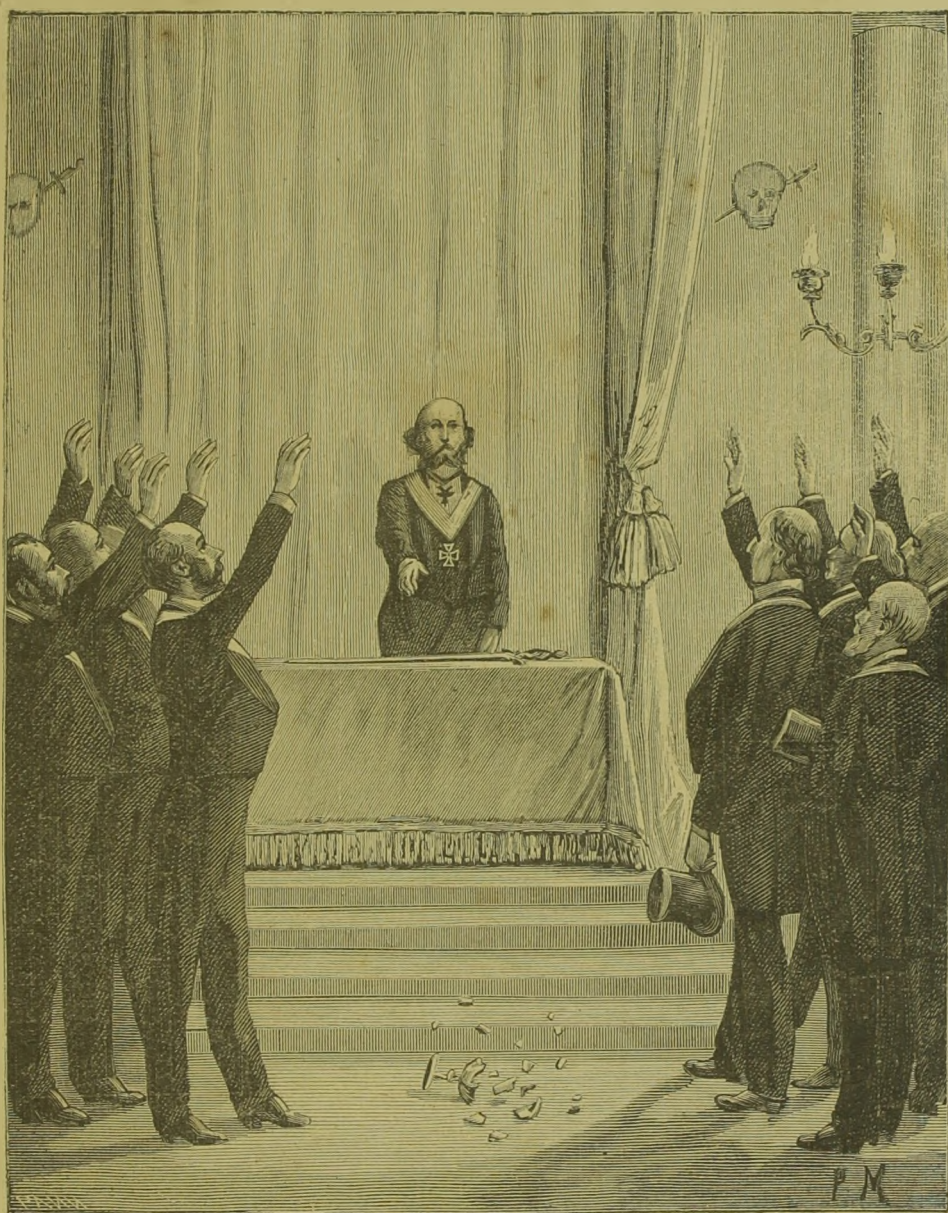
(b) Outros lhe chamam «de reconhecimento.»

(c) A *Bibliotheca Maçonica* diz que previamente se devem erguer ao ceu os olhos. Tomos citt., pag. 255.

(d) Cabard accrescenta que no avental está representado, em bordado ou pintura, o primeiro Tabernaculo construido por Moysés. Op. cit., pag. 376.

(e) Antigamente os Principes do Tabernaculo tinham, para escrever, uma cifra particular, que póde ver-se na *Bibliot. Maç.* tom. citt., pag. 239, est. 7.ª.

Hoje, porém, parece não fazerem uso d'ella, visto que os livros mais recentes de tal cousa não falam.

UMA SESSÃO DO SOBERANO TRIBUNAL

O Muito Perfeito Presidente quebra a taça atirando-a violentamente ao chão. Todos os assistentes, levantando a mão direita, dizem juntos: — *Amen!*

PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Principe do Tabernaculo? — R. Sou, sim. Vêde em mim um Irmão vosso, e o ultimo dos homens illuminados.

P. Como vos reunís? — R. Em Conselho Soberano.

P. Em que trabalhaes? — R. Nos doze mandamentos da Taboa da Lei.

P. A que horas se abre o Conselho? — R. A' primeira hora do dia dos sete destinados á construcção da Hierarchia.

P. A que horas se encerra? — R. A' ultima hora do dia da vida e da suavidade.

## CAVALLEIRO DA SERPENTE DE BRONZE

(25 º GRAU)

ORDEM. — Aponta-se a terra com o index da mão direita.

SIGNAL. — Traça-se com a mão direita uma cruz sobre o peito.

TOQUE. — Colloca-se um á direita do Irmão Cobridor, e segura-lhe, com a mão esquerda, o pulso esquerdo. O Cobridor, em resposta, segura, com a mão direita, o pulso direito do primeiro.

PALAVRA DE PASSE. — *Johannes-Ralp.*

PALAVRA SAGRADA. — MOYSÉS. Solettra-se.

Não ha, 'neste grau, Edade convencional.

MARCHA. — Nove passos em zigue-zague.

BATERIA. — Nove pancadas: cinco vagarosas, tres precipitadas, e uma assaz distanciada das demais: O — O — O — O — O — — OOO — O.

TEMPO DO TRABALHO. — Da uma ás quatro horas.

DECORAÇÃO. — Não se usa avental. A faixa, que é encarnada e posta em aspa, tem bordadas estas palavras: «Virtude, valor». A joia é uma serpente de bronze enroscada 'numa vara, que termina na parte superior em T.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Cavalleiro da Serpente de Bronze? — R. Sou, sim.

P. Para que vos fizestes iniciar? — R. Para tomar sobre mim o jugo de meus Irmãos, e para lembrar-me sempre de que elles são meus semelhantes e de que podemos ser todos feridos do mesmo golpe.

P. Foi esse só o motivo? — R. Tinha ainda outro. Animado pelo espirito divino a vingar a patria, fazer respeitar nossos mysterios e levar aos confins do mundo a lei do Grande Architecto, resolvi pedir a honra de ser admittido a tão alto grau.

P. Para que caminhaes serpenteando? — R. Para mostrar que só se attinge o bem com muito custo e á custa de muita perseverança.

P. O que significam os grilhões? — R. Explicam a razão de ser d'este grau, cujo fim é libertar os captivos.

P. O que significa a serpente de bronze? — R. E' a imagem da serpente que Moysés mandou erguer no acampamento dos Israelitas, e cuja vista tinha a virtude de curar a mordedura dos monstros alados, que perseguiam aquelle povo no deserto.

P. A que horas se abre a Côrte do Sinai? — R. Á uma hora.

P. A que horas se fecha? — R. Ás quatro, quando as nossas conquistas estão por completo realisadas.

## PRINCIPE DA MERCÊ

(26.º GRAU)

ORDEM. — Apoia-se a mão direita no quadril.

SIGNAES. — Ha tres. Signal para entrar em Loja: põe-se a mão direita aberta por cima dos olhos, como quem quer preserval-os d'uma luz intensa que venha de cima. — Signal para um se fazer reconhecer por qualquer Irmão do mesmo grau ou d'outro superior: unem-se em triangulo os pollegares e os indicadores (deixando fechados os dedos annular e minimo), encostando ao ventre ambas as mãos assim postas. — Signal de soccorro, que se usa em caso de afflição: cruzam-se os braços por cima da cabeça, tendo as mãos abertas e as palmas voltadas para fóra, e diz-se: *Elai beni Emeth!* ou: *A mim, Filhos da Verdade!*

TOQUE. — Põem-se ambas as mãos nos hombros do Cobridor, apertando-os de leve tres vezes e dizendo: *Gomel.*

PALAVRA DE PASSE. — Ha uma para dizer á entrada da Loja: *Gomel,* e duas para trocar fora do templo com outro irmão, que se deseje reconhecer: *Ghibblim* e *Gabaon.*

PALAVRA SAGRADA. — EDUL-PEN-CAGU. Reputa-se tão sagrada esta palavra, que se lhe dá, no grau, o nome de Palavra Sublime. Os Principes da Mercê têm tambem a palavra sagrada de um grau inferior: «*Jehovah*», á qual se responde: «*Jakin*».

EDADE. — Oitenta e um annos.

MARCHA. — Tres passos eguaes, começando com o pé esquerdo.

BATERIA. — Quinze pancadas, d'este modo: OOO — OOOOO — OOOOOOO.

TEMPO DO TRABALHO. — Vej. as perguntas d'ordem.

DECORAÇÃO. — Avental de seda vermelha, tendo bordado a verde um triangulo. A faixa, verde, branca e encarnada, põe-se em aspa e suspende, por joia, um triangulo d'ouro.

PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Principe da Mercê?— R. Vi a grande luz, e sou, como vós, Excellentissimo, pela triplice alliança de que ambos temos o cunho.

P. Que triplice alliança é essa? — R. Nove lumes para o throno, uma frecha para o altar, e para nós, por palladio, a Verdade desnudada.

P. Que edade tendes? — R. Oitenta e um annos.

P. Que horas são? — R. Advertí, Excellentissimo.

## SOBERANO COMMENDADOR DO TEMPLO

(27.º GRAU)

Ordem. — De pé, põe-se sobre o ventre a mão direita em esquadria. Quando um está sentado á meza redonda, onde os irmãos do grão deliberam, põe sobre a meza a mão direita aberta em esquadria.

Signal.— Faz-se na fronte um pequeno signal da Cruz com o pollegar da mão direita, mantendo fechados os outros dedos. Responde-se de dois modos a este signal: em sessão, vem o Irmão, a quem o signal se dirige, beijar a fronte do seu collega no mesmo ponto em que este fez a cruz; fóra do templo, em vez de beijar a fronte, põe sobre os labios os dois primeiros dedos da mão direita, cerrando os outros e voltando para fóra a palma da mão.

Toque. — Dão-se com a mão direita tres leves pancadas no hombro esquerdo do Irmão, cuja importancia maçonica se deseja conhecer; se elle pertence realmente ao 27.º grau, responderá, tomando a mão direita do primeiro e sacudindo-a tres vezes.

Palavra de passe. — *Salomão.*

Palavra sagrada. — INRI. Solettra-se.

Não ha n'este grau Edade nem Marcha convencionaes.

Bateria. — Vinte e sete pancadas, d'este modo: OOOOOO OOOOOO — OOOOOOOOOOOO — OOO. Em sessão dão-se estas vinte e sete pancadas com a folha da espada.

Tempo do trabalho. — Das dez ás quatro horas.

Decoração.— Avental vermelho, com debrum e forro pretos; no babadouro tem uma cruz teutonica, cercada d'uma coroa de louros bordada a ouro; abaixo do babadouro fica uma chave, que, como a cruz, é bordada a preto. Luvas brancas, forradas e debruadas de encarnado. A faixa é branca, debruada de vermelho, e põe-se em aspa; tem bordadas a vermelho d'ambos os lados qua-

tro pequenas cruzes teutonicas, suspensa na extremidade a joia, que consiste 'num triangulo d'ouro, com as letras I.·. N.·. R. . I.·. gravadas no meio em caracteres hebraicos. Os Irmãos do 27.º grau usam tambem a tiracollo, da direita para a esquerda, uma faixa encarnada, bordada a preto, a qual tem pendente da extremidade uma cruz teutonica de ouro esmaltado.

PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Soberano Commendador? — R. Vi a triplice luz e e conheço as cinco qualidades.

P. A que horas abrem a sessão os Grão-Commendadores? — R. A's dez horas.

P. A que horas se retiram? — R. A's quatro.

## CAVALLEIRO DO SOL

(28.º GRAU)

ORDEM. — Não na ha especial.

SIGNAL. — Põe-se a mão direita em esquadria sobre o coração. O Irmão, a quem o signal fôr dirigido, responderá mostrando o ceu com o index.

TOQUE. — Tomam-se mutuamente as mãos e apertam-se brandamente.

PALAVRA DE PASSE. — *Stibium* — *Hélios* — *Mênê* — *Tetragrammaton.*

PALAVRA SAGRADA. — Diz-se: ADONAI; e responde-se: ABRAG. E' este, pelo menos, o costume; segundo determinação do Capitulo de Lausania, deveria responder-se: GADOL.

Este grau não tem Edade nem Marcha convencionaes.

BATERIA. — Seis pancadas eguaes: OOOOOO.

TEMPO DO TRABALHO. — Vej. as perguntas d'ordem.

DECORAÇÃO. — Avental pardo, tunica de gaze, barrete azul e faixa de côr branca ondeada, com um olho bordado na extremidade e posta em aspa. A joia é um triangulo d'ouro com um olho no centro.

PERGUNTAS D'ORDEM

P. D'onde vindes? — R. Do centro das trevas.

P. Como conseguistes sahir de lá? — R. Pela reflexão e estudo da natureza.

P. O que significa a palavra de passe? — R. Materia prima, principio de todo o creado.

P. Quaes são os nomes dos sete? — R. Michael, Gabriel, Uriel, Zrahiel, Hhamaliel, Raphael e Tsaphiel.

P. Dizei-me o estado do tempo ás horas em que se abre a sessão. — R. E' noite na terra; mas o sol está no meridiano da Loja.

P. Dizei-me o estado do tempo ás horas da encerração. — R. Os homens seguem sempre o Erro, poucos o combatem, poucos chegam ao logar sancto.

## GRANDE ESCOCEZ DE SANCTO ANDRÉ

(29.º GRAU)

ORDEM. — Forma-se sobre o peito uma cruz de Sancto André, com ambos os braços e as mãos erguidas.

SIGNAES E TOQUES. — Ha 'neste grau sete signaes, tres toques e um toque geral.

Primeiro signal, chamado «signal da terra»: limpa-se a fronte com as costas da mão direita, mantendo a cabeça levemente inclinada para diante.

Primeiro toque: toma-se mutua e successivamente a primeira, segunda e terceira phalange do index da mão direita, solettrando alternadamente a palavra *Bohaz*.

Segundo signal, denominado «signal da agua»: colloca-se a mão direita aberta sobre o coração, e logo se retira pelo lado direito, como quem saúda.

Segundo toque: faz-se com o dedo medio da mão direita o mesmo que se fez com o index no primeiro toque, solettrando a palavra *Jakin*.

Terceiro signal, ou «signal de surpreza e horror»: volta-se a cabeça para a esquerda, e fita-se a terra, erguendo logo ao ceu as mãos postas um pouco á direita.

Quarto signal, ou «signal do fogo»: unem-se as mãos, entrelaçando os dedos, e cobrem-se os olhos com ellas, mantendo as palmas voltadas para fóra. Este signal tem uma resposta, que se dá, levando a mão direita á frente, á altura do hombro.

Terceiro toque: toma-se reciprocamente a primeira phalange do index, dizendo um: *Ma*, e outro: *ha;* toma-se depois a mesma phalange do dedo minimo, dizendo um: *bone,* e outro: *Mahabone.*

Quinto signal, ou «signal de admiração»: levantam-se os olhos e as mãos para o ceu, mantendo o braço esquerdo algum tanto mais baixo que o direito; ergue-se um pouco o calcanhar do pé esquerdo, por geito a formar com o joelho e a perna direita uma esquadria.

Sexto signal, ou «signal do sol»: põe-se o pollegar da mão direita por cima do olho do mesmo lado, extendendo o index para o ar até formar esquadria, mira-se o espaço, como se um quizera determinar um ponto, e diz-se: «Eu compasso até ao Sol».

Setimo signal, ou «signal geral»: forma-se sobre o peito uma cruz de Sancto André, com ambos os braços e as mãos extendidas.

Toque geral: toma-se a ultima phalange do index da mão direita, dizendo um: *Ne*, e outro: *ka*; toma-se depois egual phalange do dedo minimo, dizendo um: *mah*, e outro; *Nekamah*.

Palavra de passe. — *Ardriel-Casmaran-Talliud-Furlac.*

Palavra sagrada. — NEKAMAH.

Edade. — Oitenta e um annos. Accrescenta-se: «E' o quadrado de nove».

Marcha. — Tres passos de Apprendiz, tres de Companheiro e tres de Mestre, figurando, todos elles, no plano da cruz de Jerusalem.

Bateria. — Nove pancadas, d'esta maneira: OO — OOO — OOOO.

Tempo do trabalho. — Do meio dia em ponto á bocca da noite.

Decoração. — Tunica encarnada, sem avental. Faixa escarlate sobre a tunica, a tiracollo, com a joia do grau presa ao fundo por uma fita verde, debruada de encarnado. Pode tambem trazer-se a faixa em aspa; mas em tal caso deve ser de côr verde e debruada de vermelho. A joia é formada por um compasso em tres triangulos, encerrados n'um só; por baixo do triangulo maior fica um esquadro invertido, com um punhal no angulo.

Quando a faixa se traz em aspa, a joia é uma cruz de Sancto André, tendo em cima uma coroa fechada; no centro da cruz uma pinha [a], encerrada 'num triangulo posto a meio d'um annel, do qual pende uma chave, que fica entre os dois braços inferiores da cruz. Nos extremos dos braços da cruz estão as iniciaes das quatro palavras sagradas: B.·. J.·. M.·. N.·.

### PERGUNTAS D'ORDEM

P. Sois Grande Escocez de Sancto André d'Escocia? — R. Sou; provae-me.

P. O que significam as palavras de passe? — R. São os nomes dos quatro elementos; é a primeira o nome do anjo do fogo; a se-

(a) Em logar da pinha pode pôr-se um J.·. Vej. auctores e locc. citt.

gunda, o do anjo do ar; a terceira, o do anjo da agua; a quarta, o do anjo da terra.

P. Que edade tendes?—R. Oitenta e um annos; é o quadrado de nove.

P. A que horas se abre o Conselho? — R. Ao meio dia em ponto.

P. A que horas se fecha? — R. A' bocca da noite.

## KADOSCH

(30.º GRAU)

ORDEM. — Passa-se a espada levantada para a mão esquerda, e põe-se a mão direita aberta sobre o coração.

SIGNAL. — Posto á ordem, deixa-se cahir a mão direita para a coxa e dobra-se um pouco o joelho; depois, erguendo-se, toma-se o punhal pendente da faixa, ergue-se á altura da fronte, e faz-se menção de ferir na direcção do ceu, bradando: *Nekam, Adonai!*

TOQUE. — Dois Irmãos, que derem o toque do 30.º grau, devem previamente pôr em contacto as pontas do pé direito e os respectivos joelhos; um apresenta depois o pollegar direito erguido, e o outro toma-o rapidamente; em seguida recuam ambos um passo, e fazem menção de ferir-se na fronte com um punhal, dizendo o primeiro: *Nekamah-Bealim*; e respondendo o segundo: *Pharasch-Chol* [a].

PALAVRA DE PASSE. — Ha duas: uma para entrar em Loja. isto é, no Conselho; outra para sahir d'elle. Apresentando-se um para entrar, o Irmão Telhador diz: *Nekam*, ao que se deve responder: *Menahhem*. A' sahida, pergunta-se: *Phagal-Chol*, e responde-se: *Pharasch-Chol*.

PALAVRA SAGRADA. — Pergunta: NEKAM-ADONAI. Resposta: PHARASCH-CHOL.

EDADE. — «Já não conto.» Em diversos Conselhos conservou-se o antigo uso de dizer: «Tenho um seculo e mais.»

MARCHA. — Tres passos precipitados, tendo as mãos em cruz sobre a cabeça.

BATERIA. — Sete pancadas, d'este geito: OO—OO—OO—O.

TEMPO DO TRABALHO. — Abre-se o Conselho ao cahir da noite, e fecha-se ao apontar do dia.

---

(a) «Em alguns rituáes, em logar d'este toque e palavras, acham-se o toque e palavras do Eleito dos Nove. Segundo outros, pelo toque, leva-se a mão direita á altura da testa, dizendo — sois vós Kadosch? — A resposta é — Vim, eu sou o seu — e apresenta-se o punho fechado e o pollegar levantado, como temos dito, e faz-se por tres vezes o movimento de se apoderar do punhal, que é figurado pelo dedo polegar, e na terceira vez abraçam-se.» *Bibliotheca Maçonica*, tomos V e VI, pag. 349, nota.

Decoração. — Em sessão solemne é: tunica branca aberta dos lados (semelhante á dalmatica que vestem os diaconos do clero catholico) e bordada a preto; por cima uma faixa preta com franjas de prata, posta a modo de cingulo; um punhal, com cabo de marfim e ebano, á cinta; chapeu desabado, com a aba erguida sobre os olhos, tendo na frente um sol de prata, raiado d'ouro, com um olho pintado a meio, e aos lados as lettras: N.·. A.·.

Em sessão ordinaria é: fato preto; luvas brancas; cinto encarnado; faixa preta a tiracollo, da esquerda para a direita, com um punhal pendente da extremidade; a faixa tem na frente, bordadas a vermelho, duas cruzes teutonicas, uma aguia de duas cabeças, um sol, e as letras C.·. K.·. H.·. bordadas a prata. Não se usa avental. A' botoeira da casaca prende-se uma cruz teutonica, esmaltada a vermelho, com um medalhão de madreperola no centro; 'num dos lados do medalhão estão as lettras J.·. M.·., e no outro uma caveira attravessada por um punhal.

Quando um Kadosch assiste á sessão d'uma Loja, na qual se achem Irmãos de grau inferior ao seu, não usa a decoração acima descripta, mas sómente faixa, ou, como por vezes acontece, joia (a cruz teutonica esmaltada a vermelho, ou o sol de prata raiado d'ouro), presa ao lado esquerdo do peito por um laço encarnado.

PERGUNTAS D'ORDEM

P. És Cavalleiro Kadosch? — R. Tu o disseste.

P. És digno de tal? — R. Puz para isso os meus esforços.

P. Que proveito tiraste? — R. Conheço a Escada Mysteriosa.

P. De que consta? — R. De dois lanços, com sete degraus cada um.

P. Como se chamam os lanços? — R. *Oheb-Eloah*, e *Oheb-Kerebo.*

P. O que significam essas palavras? — R. Amor de Deus e amor do proximo.

P. O que significam os sete degraus de cada lanço? R, As sete virtudes que devo professar, e as sete sciencias que devo conhecer.

P. Como se chamam os degraus do primeiro lanço? — R. *Tsedakah, Schor-Laban, Mathok, Emounah, Hamal-Saggi, Sabbal* e *Ghemoul-Binah-Thebounah.*

P. Como se chamam os degraus do segundo lanço? — R. Astronomia, Musica, Geometria, Arithmetica, Logica, Rhetorica e Grammatica.

P. Para que és Kadosch? — Para combater por todos os meios, sem treguas nem repouso, toda a injustiça e oppressão.

P. Que direitos tens? — R. *Mischtar.*

P. Que intendes dizer? — R. Os direitos inherentes á minha qualidade de Mestre por excellencia.

P. Que edade tens? — R. Um seculo e mais (*ou:* Já não conto).

P. A que horas se abre o Areopago dos Cavalleiros Kadosch? — R. Ao cahir da noite.

P. A que horas se fecha? — R. Ao apontar do dia.

Observação. Nos Areopagos do Grande Oriente da França pergunta-se: A que horas se abrem os trabalhos? E responde-se: Os Kadosch não trabalham; observam e deliberam.

---

## ALPHABETOS PHILOSOPHICOS, ETC.

Na Maçonaria Negra ha, para os Kadosch, um alphabeto secreto; é de numeros.

A representa-se por 70. — B, 2. — C, 3. — D, 12. — E, 15. — F, 20. — G, 30. — H, 33. — I ou J, 38. — K, 9. — L, 10. — M, 40. — N, 60. — O, 80. — P, 81. — Q, 82. — R, 83. — S, 84. — T, 85. — U, 86. — V, 90. — X, 91. — Y, 94. — Z, 95. —

Os Kadosch, pois, escreverão *Adonis:* 701280603884.

E *Lucifer:* 1086338201583.

Das expressões e formulas usadas convem citar esta:

Diz-se: *erguer balaustres,* para: escrever uma carta, redigir uma noticia, fazer um relatorio.

As cartas ou circulares do Areopago devem começar assim: S.·. A.·. I.·. D.·. D.·. S.·. D.·. M.·. I.·. E.·. J.·. D.·. S.·. A.·. Significa: «Sob a inspiração da divina sabedoria do Mestre incognito, e junto da sarça ardente.»

O final das cartas e a abreviatura das assignaturas fazem-nas como os Rosa-Cruz.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

# INDICE



## PROLOGO



## PRIMEIRA PARTE

### AS LOJAS OU A MAÇONARIA AZUL

## SEGUNDA PARTE

### OS CAPITULOS OU A MAÇONARIA VERMELHA

# TERCEIRA PARTE

## OS AREOPAGOS OU A MAÇONARIA NEGRA

# ERRATA

| *Paginas* | *Linhas* | *Onde se lê* | *Leia-se* |
|---|---|---|---|
| 259 | 41 | verterem | verter |
| 297 | 4 | Capitulo quarto | Capitulo sexto |
| 313 | 7 | pôrdes | pôr |
| 348 | 39 | economico | ecumenico |
| 428 | 38 | uœvre | œuvre |
| 433 | 2 | no corpo | sobre o corpo |

E outras de menor importancia, cuja correcção facil será ao leitor.